



CECILIA

TRILOGIA PROTETORES - LIVRO 03

CECILIA

A N N E M A R C K

AUTORA DA SÉRIE RENDA-SE



CEDACTIAN CEDASIAN

A N N E M A R C K

**1ª Edição
2018**

Copyright © 2018 Anne Marck

Design Fonte de Capa: ML Capas

Capa: Mônica Kaster

Revisão: Analice Borges Cirne

Diagramação digital: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

SEBASTIAN

Livro 03 - Trilogia Protetores

1ª Edição — 2018

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[DEDICATÓRIA](#)

[SINOPSE](#)

[APRESENTAÇÃO](#)

[PRÓLOGO 01](#)

[PRÓLOGO 02](#)

[PRÓLOGO 03](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[CAPÍTULO 55](#)

CAPÍTULO 56

EPÍLOGO 01

EPÍLOGO 02

EPÍLOGO 03

NOTA IMPORTANTE DA AUTORA

AGRADECIMENTOS

PEDIDO DA AUTORA

Dedicatória

*Àquele que inspira minhas histórias, contribuí com suas
opiniões, mas nunca as lê.*

Às amigas de sempre e para sempre.

Às leitoras que torceram e ansiaram por esta história.

Sinopse

Sebastian não é um protetor, apesar do que dizem.

Por trás da fachada insolente e do atraente sorriso preguiçoso, não há nada além de perigo gritando alto e claro. Ele teve o que quis, vingança para os assassinos de sua noiva, e agora precisa lidar com as consequências dela em sua vida.

No meio de mais uma missão, Sebastian encontra Penélope, a destemida e impertinente mulher que parece não reconhecer o tamanho da confusão em que está metida quando se envolve em uma situação que a coloca em risco.

Ele não quer fazer parte do problema dela. Ela não quer a ajuda do russo arrogante de maneira alguma. Porém, o instinto protetor – negado por este homem – é provavelmente sua maior fraqueza. Penélope *precisa* de sua ajuda. E algo nessa espanhola... inferno, algo nessa espanhola mexe muito com ele.

Bem-vindos à sensível e intensa história de um protetor, dono de uma força interna feral, que não tem escrúpulos em suas ações, simplesmente faz o que precisa ser feito, e de uma espanhola repleta de camadas que, bem exploradas, guardam uma personalidade apaixonante.

Leitores, a pedido de vocês, este é o desfecho merecido de Sebastian, o terceiro Protetor.

Apresentação

No terceiro livro da *Trilogia Protetores*, conheceremos Sebastian (personagem que nos foi apresentado em “Priscila”, último livro da série Renda-se), um russo intenso, ex-*sniper* das Forças Armadas de seu país, que agora trabalha infiltrado caçando alguns dos piores membros da escória do mundo como forma de pagar uma dívida. É o custo dos favores que teve de pedir ao longo de sua jornada para vingar a morte de sua noiva, e não há arrependimentos nisso.

Sebastian jurou seu amor a alguém, e, em seu mundo, a palavra é tudo o que um homem tem. Então, quando Lara foi assassinada, uma parte dele também morreu.

Ou assim ele acredita.

Sua vida começa a mudar quando, no meio de mais uma missão trabalhando para a Interpol, ele conhece Penélope, uma espanhola de sangue quente e boca afiada, bisbilhotando e causando problemas. A sucessão de encontros entre eles, desde o primeiro, é recheada de embates e desafio e uma tensão muito peculiar. Ele a considera uma mulher exasperante, e ela o tem como o sujeito mais absurdamente arrogante que já cruzou seu caminho.

A verdade é que ambos têm seus próprios fantasmas do passado pesando sobre os ombros, e, quando a convivência entre os dois é imposta, Penélope e Sebastian são confrontados com sentimentos que não estavam buscando ou desejando, entre esses uma irresistível atração física.

Prólogo 01

SEBASTIAN

*Missão das Forças Armadas Russa - FAR,
em algum lugar do mundo, anos antes.*

Baixo a cabeça e faço silenciosamente um pedido de perdão pelas vidas que tirei há poucos minutos. Não sei se alguém lá em cima ainda me escuta, foram tantas vezes. Esse é meu trabalho, há uma nação inteira, *ou algumas delas*, cuja segurança depende do que faço. Nunca é fácil. Puxar o gatilho e abater um inimigo nunca é fácil. No entanto, sou consciente, e o cara do outro lado da linha de batalha também, de que foi uma escolha que fizemos. Lutar. Quando abro os olhos pela manhã, sei que corro o risco de não ver um novo dia começando na próxima vez. Supremacia, grana, ideologia, justiça ou seja lá os motivos que iniciaram tudo isso, servir ao meu país e afastar o perigo dele é a minha missão.

Me perdoe pelas vidas que tirei e me proteja de todo o mal, amém, finalizo a prece e passo a desmontar meu McMillan TAC-338^a meticulosamente.

Hoje o dia começou antes mesmo de o sol nascer. Estou exausto, são mais de quarenta dias longe de casa, longe de Lara. Minha mente está pedindo por uma trégua. Sinto saudade dela. Preciso rever minha menina, ouvir sua voz enquanto encaro seu rosto bonito, sem ter esses milhares de quilômetros entre nós. Devo a ela um casamento. Estamos juntos há muito tempo, num noivado longo demais, meu trabalho nas Forças Armadas tem adiado que oficializemos nossa união da maneira como ela merece.

Enquanto guardo as peças do fuzil no estojo, um sorriso torto retorce

meus lábios, involuntário, ao me lembrar do dia em que fiz o pedido.

— Ah, você não vai fazer isso assim! — Lara exclamou quando me ajoelhei no chão diante dela na manhã em que completamos quatro anos juntos. Levou as mãos à boca, entre surpresa e emocionada. — Bast, seu maldito! Olha como eu estou, e... e aí está você, me pedindo algo tão importante!

Bast. Somente ela, no mundo, me chama assim, desde crianças.

Fiz o que me pediu e olhei, sem pressa, para ela dos pés à cabeça, em nossa cama, escorada contra a cabeceira, cabelos negros bagunçados, olhos inchados de quem acabou de acordar, nariz levemente inchado também, um traço discreto, quase imperceptível, de saliva seca no cantinho de sua boca (e eu poderia apostar que havia o mesmo rastro sobre meu peito, do lado esquerdo, onde ela apoiava a cabeça e dormia a noite inteira). Desci para a velha camiseta que usava: gola desgastada, tecido fino de tantas lavagens, mas que a deixava mais atraente do que se estivesse na mais cara camisola. As coxas vistosas, de uma habilidosa praticante de hóquei no gelo, nuas, e então os pés, revestidos em meias (cada pé de um tipo diferente). Essa é Lara, tão malditamente linda em todas as suas versões.

— Estou olhando — afirmei. — E o que vejo é a visão que quero ter todas as manhãs pelo resto da vida. — Inclinei a cabeça de lado e dei meu melhor olhar penetrante. — E então? Aceita se casar comigo, Lara Nikolaevich?

— Ah, mas que droga! — Ela levantou os braços para o ar e se jogou sobre mim, enlaçando-me. — É claro que sim! Sim, sim, sim!

Naquele dia comemoramos com tudo o que tínhamos, fizemos amor durante horas, e ao anoitecer tive de me despedir, pois partiria para mais uma missão.

— Volte para mim — ela exigiu ao me dar um último beijo, como sempre faz.

— Sempre voltarei. Não há outro lugar que eu queira estar que não seja com você, princesa — e eu voltei, aquela e algumas outras vezes depois, somente por ela.

Que sorte a minha por ter na vida algo tão poderoso quanto o que

sentimos, por ter encontrado a mulher da minha vida, ter podido crescer junto dela, vê-la se transformar da menina moleca numa mulher de tirar o fôlego. Aqueles olhos, de um azul-esverdeado tão excêntricos, são como um tipo de portal capaz de me transportar a um secreto lado bonito da vida. É por ela que luto aqui, para que sua paz e o mundo como Lara o enxerga sejam preservados.

O som do celular no bolso da calça me devolve para o momento. Na parcial privacidade dentro da tenda improvisada para nossa equipe restrita de *snipers*^[1], confiro o nome de meu cunhado e amigo de infância na tela do aparelho.

Gael Nikolaevich não costuma ligar quando sabe que estou em serviço.

— E aí, cara? — cumprimento em russo, nosso idioma natal, embora ambos estejamos em lugares distantes da boa e velha Rússia no momento.

Sua respiração agitada seguida de um estranho silêncio detona um alerta em minha cabeça.

— Gael...? — pressiono.

— Mataram a minha família — perco parte da força das pernas ao som sombrio de sua voz. — Mataram a minha família, Sebastian!

Lara.

Minha noiva está na casa dele visitando os filhos gêmeos do cara.

— O que... o que foi que disse? — não reconheço minha própria voz.

E então, caído de joelhos no chão, recebo a notícia que quebra meu corpo e alma sem nenhuma misericórdia, como se todos os tiros que já disparei se voltassem num único golpe contra meu peito.

Minha mulher está morta. Lara Nikolaevich foi brutalmente assassinada.

Deixo o telefone cair e urro alto, fodido ante a uma dor dilacerante que jamais pensei ser possível. Cerro os punhos ao lado do corpo enquanto vou sendo rasgado de dentro para fora, e choro. Pela primeira vez na vida, desabo sem um único fio em que me segurar.

Tiraram a luz que havia em mim.

Toda a cor do mundo simplesmente desaparece. Não há nada. Não há

futuro, apenas o vazio e a sensação de uma neblina negra, violenta, ganhando-me célula a célula. Amargando minha boca, meu sangue. Fazendo uma necessidade brotar do lugar mais escuro e profundo de meu interior, um que até então, mesmo com todas as vidas que já ceifei, eu desconhecia a existência.

Os dias seguintes passam como borrões.

Diante do túmulo de Lara, faço-lhe uma promessa:

“Мести^[2]”.

Vingança.

Prólogo 02

SEBASTIAN

*Rússia,
alguns anos depois.*

Caminho silenciosamente pelo belo jardim na insólita manhã de sol, tão rara que é quase como um prenúncio de nosso encontro. O lugar está completamente vazio. Assim que coloquei meus pés de volta em solo russo, essa foi minha primeira parada. Não poderia ser diferente. Vim contar a Lara o que fiz. Gostaria de ter trazido comigo um buquê de suas flores favoritas, mas isso me desviaria do caminho.

— Oi, princesa... — Sento-me no chão, afasto uma pequena folha seca trazido pelo vento de cima de sua lápide e observo sua imagem gravada no mármore.

O sorriso fácil, os cabelos negros esvoaçantes pelo movimento de enviar um beijo ao fotógrafo e os excêntricos olhos vivos. Fui eu a tirar essa foto, num momento em que percorríamos livres o litoral em meio ao vento frio e o tímido sol dos dias de primavera. Lara estava feliz. Ser feliz fazia parte de sua personalidade, na verdade. Determinada, independente, corajosa, amorosa.

Algumas dessas características foram justamente as que levaram minha noiva à morte. Sua coragem de investigar por conta própria o desaparecimento de uma amiga importante para ela, a determinação de ir até o fim... e de esconder de todos nós o perigo em que estava se metendo.

— Isso ainda está comigo... — revelo em tom baixo. — Não consigo te perdoar por não ter confiado em mim. Desculpe. Eu tentei, amor, *nahui*^[3],

você sabe que tentei, mas não consigo. Você *deveria* estar aqui...

Eu me odeio um pouco por verbalizar esse tipo de sentimento. Depois de todo o rastro de sangue que deixei para trás para vingá-la, do caminho que percorremos numa caçada aos responsáveis por sua morte, gostaria de me sentir melhor com tudo isso. No entanto, não sinto nada além desse maldito vazio.

— Quero que esteja bem, que me espere... Estamos em casa agora. Seu irmão conseguiu seguir em frente, a mulher dele está grávida. Sei que ele nunca te esquecerá, tampouco esquecerá os gêmeos, mas é uma boa coisa que a vida deu ao bastardo uma segunda chance, não é? — Aliso sua imagem, sentindo o familiar aperto no peito, sufocante e esmagador. — Pelo que ele me disse, seus pais já estão gostando dela. Aquela mulher tem um gênio do cão e logo terá a todos de joelhos por ela.

Priscila é a redenção de Gael. E Deus sabe o quanto ele merece.

— Por falar *Nele*, desfiz meu elo com Deus. Você era o meu motivo de agradecer; sem isso, não sobrou nada. Ele não foi tão misericordioso como dizem ser, te tirou de mim.

Maldição, essa é a primeira vez que falo em voz alta, que digo que ao tirar Lara de mim, *Ele* me tirou tudo, e eu nunca o perdoarei.

— Porque você era tudo o que eu tinha, princesa. Não haverá outra. Nunca haverá.

Ouçó passos atrás de mim. Não preciso olhar para saber quem é. O homem esteve à espreita.

— O que quer? — policio a indiferença em meu tom.

— Eles estão aqui — Elliot avisa, do mesmo modo, sem exibir condescendência ou qualquer merda assim.

Olho por cima do ombro, ao longe, para a linha que separa o extenso gramado do cemitério da parte pavimentada, e enxergo a caminhonete preta.

— Imbecis. Mal nos esperaram chegar — rosno, levantando-me.

Tranquilo, Elliot guarda as mãos nos bolsos da calça. Posso enxergar a conclusão de seu pensamento antes mesmo que ele o exponha.

— Aqueles papéis não serão tudo o que eles vão querer de nós, você sabe, não é?

Ele se refere aos documentos que peguei no apartamento de Jonathan – um dos assassinos de Lara –. Os papéis são listas com a contabilidade e informações de membros importantes da rede de criminosos espalhados pelo mundo, aos quais minha noiva inadvertidamente investigava sozinha. São traficantes, compradores, negociantes, um maldito prato cheio para os agentes da Interpol.

Devo a agência um favor. Eles me ajudaram com algo, há alguns meses, algo *vital* para encontrar Jonathan e o irmão, e vão cobrar um preço por isto.

Dou a meu amigo um sorriso irônico.

— Nós já esperávamos por isso, não?

— Eu gostaria de ter esse seu humor do caralho — o infeliz resmunga.

Eu também gostaria de encontrar alguma diversão nisso tudo. O preço da vingança será cobrado; só me resta saber em que estou me metendo desta vez.

Prólogo 03

SEBASTIAN

*Rússia,
dias atuais.*

Entro na grande casa recém-reformada e encontro parte da família do cara reunida. Cumprimento primeiro Jascha e Mavra Nikolaevich, pais de Gael e Lara, tão logo os enxergo na sala. Ambos sempre me trataram como filho – para alívio da velha *babushka*^[4] Zhená, minha avó, responsável por me criar – e faziam gosto na relação entre sua filha e mim.

O casal parece melhor nos últimos anos. Vi a mudança neles desde que Gael e Priscila vieram morar aqui e em seguida tiveram os dois pestinhas. Os gêmeos são pequenas tempestades de energia e obviamente devolveram vida à casa

Ian, o mais parecido em comportamento com Gael, é o primeiro a me enxergar.

— Tio Sebastian! — Vem correndo e se joga em meus braços quando me abaixo à sua altura.

— Feliz aniversário, garoto! — Bagunço seu cabelo negro e o suspendo no ar. — Inferno, estou ficando velho ou você cresceu desde a última vez em que te vi, moleque?

A criança em meu colo emite uma risadinha orgulhosa para logo em seguida franzir o cenho, procurando algo ao meu redor.

— Você trouxe algum presente?

Reprimo a vontade de rir.

— *Nahuí*, você é um bastardinho interesseiro, não é?

Alguém limpa a garganta às minhas costas. Por cima do ombro, vejo Priscila, a mãe dele, olhando-me com ar de reprovação.

— Padrinho, será que você pode ter cuidado com a boca na frente deles? — sibila entre os dentes, fingindo uma expressão agradável de quem fala sobre o dia ensolarado.

Deliberadamente, dou-lhe um sorriso insolente.

— Essas crianças vão acabar aprendendo uma hora ou outra, mulher. Já parou para pensar nisso? — Deixo o pestinha no chão e me aproximo para beijar seu rosto.

— Que seja em outra hora, então. Eles já têm informação demais para processar e uma enorme disposição. — Suspira. — Realmente *enorme* — enfatiza com uma careta de falso desgosto e inclina mais a cabeça para cochichar: — Por acaso você não pensa em adotar um par de gêmeos, pensa?

Sou incapaz de conter uma gargalhada.

Ela também ri.

A mulher é uma leoa orgulhosa em relação aos pestinhas.

Alek já está ao meu pé, aguardando sua vez. Trago-o ao colo também.

— Eu me pergunto o que essa família está dando a vocês. — Simulo cócegas na barriga do moleque. — Fermento, possivelmente. Feliz aniversário, Alek.

— Obrigado, tio!

Deposito-o ao lado do irmão e lhes entrego a chave de minha caminhonete.

— O presente de vocês está no banco do carro. Vão lá buscar.

Não preciso oferecer duas vezes. No segundo seguinte, os dois pestinhas se mandam para fora; a mãe deles, no entanto, cruza os braços em frente ao peito, não parecendo muito contente.

— Espero, honestamente, que não seja nenhum desses jogos inapropriados para a idade deles, Sebastian, ou eu...

Interrompo-a.

— ...vai me acertar um daqueles golpes que você treina na academia

toda semana? — Encaro-a, sorrindo preguiçosamente. — Estão meio manjados, sabe?

— É melhor não provocar minha mulher... — Gael, o bastardo, chega sorrateiramente por trás de nós dois.

Apesar do bom humor e do sorriso na boca do sujeito, somente um tolo não entenderia o recado em seus olhos: *Se afaste de minha mulher, porra!*, ele praticamente grita.

Tenho vontade de revirar os olhos.

Junto ao marido, Priscila o abraça pela cintura e escora a cabeça no seu peito.

— O que você comprou pra eles, Sebastian? — pergunta tranquilamente.

— Logo você verá. — Corro a língua pelos dentes da frente, provocador, fazendo algum suspense.

Os gritinhos extasiados vindos lá de fora avisam que os dois pestinhas gostaram dos miniquadriciclos os esperando no gramado.

Curiosa, a loira vai até a janela espiar. A surpresa a faz separar os lábios num tipo de “oh”.

— Ah, não! Você não... — Lança-me um olhar venenoso. — Eles ainda não têm idade para isso, seu cabeça-dura convencido!

Dou de ombros.

— Mas um dia vão ter, não?

A hora de cantar os parabéns é muito típica nessa família. Ouso dizer que é quase uma tradição. Em um lado da sala cheia estão os pais, tios e primos de Gael e algumas crianças barulhentas da escola dos garotos; do outro lado, através da enorme televisão, estão as amigas malucas da loira diretamente de seu país, reunidas na casa de alguma delas, conectadas por videoconferência. Os idiomas da música sendo cantada se misturam numa desordem completa. É um tanto incomum, mas se repetiu por todos os poucos anos de vida dos pestinhas até agora. Aliás, diga-se de passagem, anualmente eles também comemoram o aniversário no Brasil, nas viagens que Priscila faz.

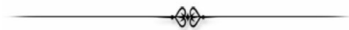
Corro o olhar por todas elas e paro especificamente na loira atraente:

Gabrielle. Em seu colo há um bebê crescido e, ao lado, aquela menininha de uma perna só com um tipo de olhar encantador que lhe torna impossível de resistir. Parece maior desde a última vez que a vi. Busco na memória o nome dela, segundo a mulher disse certa vez ao me pedir um favor— Ana Carolina. A mãe biológica da criança não passava de uma cadela irresponsável, Gabrielle me pediu que a ajudasse a afastar a mulher para sempre.

Pode ser engano, mas em um momento tenho a impressão de que Gabrielle olha diretamente para mim. Ela sabe — e eu sei — que me deve um favor, e somente esse fato torna tudo muito... interessante.

Perto delas está a tal Katarina, a mulher que, sempre que possível, parece me olhar como quem deseja arrancar minhas bolas, embora eu honestamente não saiba o motivo.

Por diversão, dou-lhe meu melhor sorriso provocador enquanto assisto ao espetáculo montado apenas para os gêmeos. Talvez essas crianças ainda não saibam, mas o sentimento por elas está presente aqui e também na tela, onde as mulheres estão com seus ridículos chapéus de aniversário.



Uno-me a Gael no escritório da casa após a agitação na sala não demandar mais nossa presença. Servindo-nos de uma boa dose de vodca, natural de nossa terra, sento-me de frente para ele, atrás de sua mesa ridiculamente imponente. O cara abriu mais negócios aqui do que sou capaz de contar.

Apesar do clima de festa, sinto seu olhar inquiridor sobre mim.

— Eu me lembro desse dia. — Aponto com o queixo para uma das fotos no porta-retratos sobre a mesa, referindo-me ao dia em que Priscila foi para a maternidade, pronta para ter os moleques. — Você estava tão verde que, porra, pensei que teria de te acudir.

Gael também observa a imagem de sua mulher barriguda usando a roupa azul do hospital e parecendo prestes a explodir. Achei, honestamente, que o puto acabaria sacando uma arma e atirando em alguém por lá, tamanho seu estado de ansiedade ante a pouca resposta que as enfermeiras ofereciam

enquanto a mulher estava passando por exames. Estive pronto para intervir (em favor da equipe médica, é claro) caso recusassem a presença dele durante o parto. Talvez por medo dele, todas as portas logo lhe foram abertas, e, horas depois, lá estava o cara, com o maior sorriso atordoado de todos os tempos.

— É. — Balanço a cabeça, fingindo afastar a imagem de minha mente.
— Aquilo foi sinistro...

— Uma hora minha paciência com esse seu sorrisinho imbecil vai acabar, você sabe disso, não é? — ele adverte, não perdendo em nada o tom sombrio que usa distante da esposa.

Inalo profundamente, à vontade na poltrona.

— Eu gostaria de ver esse dia.

— Idiota.

Sorve a bebida, contemplativo; não deixo de notar, no entanto, aquele olhar examinador sobre mim, rastreando algo.

— Quando vai ser honesto e me contar o que está havendo, Sebastian?
Nahuí.

— Não tenho ideia do que está falando, mas obviamente não tem a ver com minha amizade com sua mulher, tem? — é uma provocação com o único intuito de dissuadi-lo.

O bastardo me lança uma expressão meticulosamente serena.

— Boa tentativa. E, se está tentando me distrair, é porque realmente há algo acontecendo.

— Nada está acontecendo — corto-o, porque não o quero metido nessa história.

Ele sorri tranquilamente. O cara *sorri!*

— É mesmo? — Arqueia a sobrancelha, intimidador (o que, certamente, funcionaria com qualquer outro). — Então por que você, Elliot, Ed e o imbecil do Bola estão sendo rastreados nos países mais fodidos do mundo e ninguém me diz nada a respeito dessas malditas viagens?

Encaro-o, perdendo um pouco do bom humor. Somente um pouco.

— Não é da sua conta.

— Ah, não? — Faz um tipo de beicinho idiota. — Pois eu acho que sim, desde que fazemos parte do mesmo negócio.

Volto a beber a vodca, desta vez virando todo o conteúdo, então limpo a boca.

— Os negócios foram encerrados quando finalizamos os irmãos traficantes e todos os envolvidos. Você sabe que fiquei naquele país por algum tempo e limpei toda a bagunça residual. Acabou aí.

Sem pressa, como quem tem uma carta na manga, o infeliz abre a gaveta e retira dela um envelope. Dentro, logo descubro algumas imagens. Fotos minhas e de Elliot entrando no prédio familiar.

— O que eles têm contra vocês que está te fazendo trabalhar com esses imbecis? — dessa vez não há qualquer traço de humor em Gael.

Mal acredito no que vejo.

— *Nahuí!* Você está me seguindo?

— Se você não é capaz de dizer a verdade, preciso recorrer aos meus próprios meios.

Cansado de guardar essa merda pelos últimos e muitos meses, decido mandar a verdade.

— A Interpol tem um dossiê com tudo o que fizemos.

Pelo aperto em seus olhos, meu cunhado começa a compreender o tamanho do problema.

— Coloca a todos nós numa situação difícil — explico desnecessariamente. Há material suficiente para nos enviar a uma prisão por muito tempo, inclusive Gael, justamente no momento em que ele finalmente conseguiu se reconstruir, ter sua família, como merece. Não permitirei isso. *Jamais.*

— E estão usando isso para te fazer trabalhar para eles... — não é uma pergunta, enquanto a escuridão domina os traços impassíveis do rosto do sujeito.

— *Yeh.* — Sinalizo para as imagens em sua mesa, em que eu e meu colega estamos entrando no prédio reservado da Interpol. — Os bastardos pegaram aquela lista que dei a eles...

— A que você encontrou no apartamento daquele lixo, no Brasil.

— Sim. E têm me feito caçar nomes, encontrar provas e toda essa merda. Elliot e os caras estão me ajudando nisso.

Gael respira profundamente sob o suéter cinza de lã antes de bufar.

— Você é um imbecil por me manter no escuro quanto a isso. O que diabos tem na cabeça?

Dou de ombros, nem um pouco abalado com o insulto. Sei de sua preocupação real. Somos amigos há tempo demais para ser diferente.

— Estou fazendo o que pedem para poupar a todos nós...

Ele me interrompe:

— ...*poupar a mim*, você quer dizer. — Um sorriso sarcástico rasga sua boca.

Levanto-me para reabastecer o copo. Preciso dessa porcaria para essa conversa.

— Não importa a quem. Isso terá um fim em breve. Estou embarcando para a última missão amanhã.

Sirvo uma segunda dose para ele também, que assiste com aquele olhar cheio de desconfiança e severidade.

— Quem te garante que será a última? Que não vão manter essa chantagem enquanto quiserem?

Sem culpa, assumo meu melhor ar convencido.

— Eu tenho um plano.

Capítulo 01

SEBASTIAN

*Amsterdã, Holanda,
alguns dias depois.*

— É ali. — Elliot aponta para a boate no meio da quadra.

Dirijo mais devagar pela rua no intuito de sondar nosso alvo. Esse é um tipo de checagem à luz do dia para conhecer o terreno em que estamos pisando e logo mais entrar em ação. Os caras embarcaram antes; cheguei ao país hoje.

Estamos na Holanda, na bela Amsterdã, o recanto mundial da prostituição legalizada, ou o velho bordel da Europa, como dizem. Se antes já era conhecida assim, depois dos anos 2000, a coisa se tornou pior. Cafetões e toda essa escória se tornaram empresários do sexo, segundo o governo. Não são mais malditos bandidos covardes, mas homens de negócios – embora as pobres prostitutas, depois da legalização, tenham se tornado ainda mais vítimas das brutalidades e coerção em vez de protegidas.

Os vidros escurecidos do carro impedem que sejamos vistos pelo lado de fora. Uma pequena vantagem.

— Vou estacionar — aviso.

— Não pare em frente. Há caras vigiando do andar de cima — Elliot informa.

— Bem, uma hora terão de me ver, não?

— Essa sua confiança vai acabar ferrando a todos nós. — O sujeito bufa olhando para fora.

Pelo retrovisor, pego Ed e Bola concordando com a opinião de Elliot.

Bastardos.

— Você sempre chorou como uma menininha, Elliot — provoco, avistando a única vaga disponível na rua.

O homem com ar aterrorizante dá de ombros, pouco afetado.

— E você, como o netinho da vovó.

Sorrio, sarcástico.

— Diz isso porque não foi criado pela velha Zhená. Aquela mulher é terrível. — E minha avó sabe que tenho razão. Fui tudo, menos protegido, *nahuí*. Acho que na verdade fui eu a assumir o papel de protetor. Era isso ou ver um desastre iminente acontecer a qualquer momento.

Aciono a seta à esquerda avisando a quem vem na direção contrária que pretendo entrar no local disponível. Espero o primeiro veículo passar reto antes de girar o volante. Entretanto, o que tenho de assistir é a um tipo de carro-ovo, desses que só cabem duas pessoas, oportunamente roubar minha vaga, vindo pela contramão.

— *Yeb vas*^[5]! Que porra é essa?!

Mal acreditando nos meus olhos, acompanho quando uma mulher volumosa e alta desce dele, puxando para baixo a minissaia que mal a cobre. Cabelos negros lisos, tão brilhantes que parecem artificiais, despencam até o meio das costas. A bunda... maldição, a bunda parece ter vida própria, a contar por seu tamanho. Nos pés, saltos altíssimos. De perfil, pego um vislumbre da boca num berrante tom de vermelho para uma tarde.

— Ela roubou sua vaga na cara dura — Bola tira sarro no banco de trás.

Não desprendo meus olhos indignados dela para mandar o imbecil se ferrar. Na verdade, acho que nenhum de nós consegue. A garota é... uma exibição feminina doida para chamar atenção em suas roupas pequenas e coloridas.

Incomodado por ser feito de tolo, abaixo o vidro e enfio a mão na buzina.

Ela salta no lugar, momentaneamente assustada com o barulho. Inacreditavelmente, a infeliz nem mesmo nos viu aqui ou se deu conta de que me trapaceou.

— Saia. A vaga é minha — exijo no tom de voz que ela possa escutar

de onde está.

Levando a mão em concha para proteger os olhos do sol enquanto nos visualiza, a indecente faz uma expressão de ligeira confusão para então assumir um ar inocente quando simula checar o chão e a placa ao seu redor.

— Engraçado, não vi seu nome aqui — atrevidamente manda essa, num sotaque levemente acentuado que se mistura ao inglês local.

Uma espertinha, então, não é?

— Saia da maldita vaga — rosno sem qualquer humor, principalmente ao escutar os risinhos dos caras, curtindo o show.

Ela sorri quase angelicalmente, como quem dirá algo muito doce.

— *Coma. Merda* — pronuncia num tom que qualquer um poderia chamar de agradável, para logo em seguida retirar a mão do rosto e me mostrar um gesto obsceno com o dedo do meio, sem a menor cautela.

Não tenho tempo de rebater, apenas assistir à infeliz se equilibrar nos enormes saltos, sem nenhuma familiaridade aparente com eles, enquanto desce a rua rebolando seu corpo robusto e evitando cair. Suas curvas não são nada delicadas e, ainda assim, contêm uma fluidez muito... Besteira, ela é uma espertalhona, isso sim.

Não demora para os imbecis explodirem em risadas dentro do veículo.

Nahuí! Era o que me faltava, ser trapaceado por uma... uma garota de programa, é o que ela é? A contar pela rua, cheia de boates do ramo, e seus trajes, provavelmente sim. Não olhei tempo o suficiente para saber. Porém, isso não fica assim. Posso ser dez vezes mais sacana do que uma mulher de corpo volumoso e comportamento mordaz.

— Desça do carro — falo para Ed, olhando-o pelo espelho.

— O quê? Por quê?

— Quero que leve aquele ovo medonho ali para a vaga mais longe que encontrar.

Os idiotas gargalham mais alto.

— Você é um fodido, Sebastian — Elliot diz, rindo da minha cara.

Abro um sorriso do tipo: *sim, eu sei*.

— Veja se há uma caneta e qualquer pedaço de papel aí. — Aponto

com o queixo para o porta-luvas.

Revirando os olhos, Elliot fuça o compartimento.

— Essas missões estão fazendo mal a sua cabeça, só pode. — De má vontade, mas ótimo humor, ele me entrega um folder de turismo qualquer com o verso em branco e uma caneta.

Rabisco o bilhete e, assim que Ed desocupa a vaga ligando fácil demais o carro-ovo nada seguro, deixo o recado no chão preso a uma pequena pedra para impedir que o vento o leve.

— Você não pretendia checar o local? — Bola questiona quando volto a guiar, seguindo o carro da menina, agora com Ed ao volante, numa velocidade baixa ao passar em frente à boate onde em breve faremos nossa jogada.

— Já vi tudo o que precisava aqui.

Capítulo 02

PENÉLOPE

— Ossos do ofício, são ossos do ofício... — resmungo discretamente depois da quinta vez em que viro o tornozelo subindo o caminho de volta.

Quem inventou o salto alto obviamente não era uma mulher. É provável que tenha sido um desses reis de estatura minúscula e ego grande, para se fazer maior. Admiro quem os usa o dia todo. Se você mede 1,70m, como eu, e tem em média 80kg, essas coisas apenas te ferram. Meus dedos dos pés já devem ter morrido por falta de circulação, de tão apertados. Ainda bem que tenho um par de tênis no meu...

— Oh...

Dónde está mi^[6]...?

Observo os veículos enfileirados, sem nem sinal do meu carro. Não, não, não. Eu não estou maluca, deixei-o exatamente onde aquele sujeito magricelo ali acabou de estacionar e...

Atravesso a rua a passos apressados, esquecendo qualquer pouca habilidade com os sapatos.

— Ei, você!

— Eu? — O sujeito de suspensórios olha de um lado para o outro.

Chego ao lado dele.

— Cadê meu carro, que estava aqui?

Sua avaliação vai dos meus pés, passando pela ridícula minissaia, o decote exibindo generosa parte dos meus seios nada discretos, até finalmente encontrar meu rosto.

Pelo sorrisinho cínico, ele acha que sabe o que faço, como todos os que me olharam desde que botei os pés nesta rua.

— Por que está perguntando? Acabei de chegar e não vi carro nenhum

aqui.... — levanta uma sobrancelha fina, convencido — Ou essa é a sua forma de abordar um cliente?

Pendejo ^[7]!

— Sei exatamente onde parei, bem ao lado desse hidrante, e... — Oh, *Madre de Dios*, será que não podia estacionar aqui?

Feito uma barata tonta, observo melhor o entorno, as placas, e, pelo contrário, está tudo sinalizado como estacionamento regular.

— Ouça, docinho, se quer chamar atenção, faça como elas, fique numa vitrine. — Aponta languidamente para o estabelecimento do outro lado da rua, onde mulheres, algumas de lingerie, outras de seios nus, expõem seu trabalho nas cabines de vidro. — Se bem que, com o seu tipo, isso não será difícil.

Eu poderia puxar o spray de pimenta da bolsa e esguichar nos olhos dele, depois alegar que estava sendo assediada. Todavia, tenho um problema maior em mãos agora: o roubo do carro que comprei apenas para me locomover nesta cidade. Boa parte da minha verba foi para ele.

Estufo o peito e endireito minha coluna.

— Se, ao dizer “meu tipo”, está me chamando de gorda, acredite: homens pagam o dobro por mim. Claro que sujeitos com *dotes pequenos* — cochicho mais perto, como quem compartilha seu segredo — ganham desconto, não se preocupe.

Não espero pela reação do sujeitinho. Ele realmente parece não saber de nada, de qualquer jeito. Verifico em volta atrás de uma pista, qualquer pista e encontro dois velhinhos do lado de dentro do bar em frente à vaga, observando tudo pela vidraça. Por suas expressões expectadoras, eles esperavam por isso, por mim, como se tivessem passado a última hora aguardando o meu retorno.

Puxo a minissaia para baixo e empurro a porta do local.

— Com licença, senhores — falo gentilmente da entrada. — Vocês viram meu carro que estava ali?

O mais carrancudo deles é o primeiro a se manifestar.

— Uma turista — diz ao outro no que me parece ser um tom desgostoso, do tipo “viu o que eu te disse?”.

Reprimo um revirar de olhos.

Sim, uma turista que pelo jeito foi roubada bem debaixo do nariz desses velhinhos.

— Os senhores *sabem* alguma coisa? — repito.

— Se ela estivesse de bicicleta, como todos aqui, não teria esse tipo de problema — o velho mal-humorado continua falando ao companheiro, num solene ar de reprovação, ignorando-me.

Ah, qual é?

— Mas cometi o erro de comprar um carro, não é mesmo? Afinal, viram alguma coisa ou não?

Ante meu tom mais impaciente, finalmente recebo suas atenções.

— Ouça, mocinha, não estamos aqui para cuidar do seu ferro velho poluidor.

Ferro velho poluidor?!

Levo as mãos à cintura.

— Pois fique sabendo que aquele é um modelo 1962, senhor, mais novo do que *muita gente*. E provavelmente consome menos álcool também — desço o olhar ao copo em frente a ele.

— Seu carro é a gasolina, não álcool — rebate prontamente, o carrancudo pretensioso.

Ah, santo Deus, não hoje, por favor, não hoje. Minha semana já está realmente difícil.

Suspiro profundamente. Brigar com dois velhotes não me ajudará em nada.

— Por favor, se viram alguma coisa, me digam. Aquele é meu instrumento de trabalho.

Um olha para o outro, avaliando o pedido e a mudança de tom, um tanto cúmplices demais. O de semblante desconfiado, careca, é quem fala:

— O ladrão deixou um bilhete.

Como é?

— Um bilhete? — Volto a olhar lá para fora, onde o magricelo ainda se

mantém ao lado de seu veículo comprido verde esmeralda, observando-nos.
— Onde?

O velho aponta com o queixo.

— Aquele homem ali estacionou em cima do papel e...

Não fico para ouvir o restante, empurro a porta e saio. Dou alguns poucos passos até o veículo do homem.

— Há um bilhete pra mim embaixo do seu carro... — aviso e espero, talvez, que ele o pegue, como um cavalheiro faria diante de uma mulher de saia curta, para poupá-la.

O infeliz nem se move. Não há cavalheirismo para pessoas do meu tamanho.

— Muito gentil — resmungo, então, puxando a minissaia mais para baixo, ajoelho-me no chão até ficar arqueada e poder observar embaixo do veículo.

Um papel preso por uma pedra.

Estico o braço, tento, tento e... quase. Toco a pontinha dele entre os dedos indicador e do meio, numa pinça, e venho puxando, até que...

— *Peguei!*

Quando volto a cabeça, espio por cima do ombro. Os dois velhinhos, o magricelo e mais duas pessoas estão em uma rodinha a minha volta. Dou-me conta rapidamente de que aquela parte monstruosa de mim está lhes acenando praticamente sob a calcinha tamanho G.

— Estão gostando da vista? — questiono, seca, ao puxar a ridícula saia de volta ao lugar.

Arrumo o cabelo pesado para trás e finalmente leio o tal bilhete:

“*SEBASTIAN*”

— *Ué?!*

A palavra está escrita em letras grandes, ocupando metade da folha. Não entendo o porquê do nome, num primeiro momento, então desço os olhos para o rodapé, contendo o seguinte recado:

Se era por falta de ver meu nome, agora viu.

Na próxima vez, aprenda a não roubar a vaga de alguém.

P.S.: uma dica: siga na direção sul; quem sabe você encontra o ovo medonho que chama de carro?

O debochado desenho de uma flecha indica a direção para onde o ladrão levou meu automóvel. Eu deveria ter desconfiado! Aquele... aquele *pendejo* de óculos aviador, sotaque carregado e pinta arrogante me roubou! E ainda ofendeu meu veículo. *Ovo medonho?! Ovo medonho é o formato do corpo da mãe dele! Ovo medonho é o tamanho do cérebro dele! Ovo medonho é...*

— O que diz aí? — o velho carrancudo indaga autoritário e curioso enquanto me levanto.

Dou-lhe um sorriso simpático e um bater de cílios muito agradável.

— Ah, claro. O bilhete diz o seguinte: “*cuide da sua vida e... — corro os olhos pelo papel — Ah, sim, e seja mais gentil com os turistas*”, estranho, não?! — encolho os ombros.

Limpo os joelhos, recolho meu orgulho e saio a caminhar na direção onde o ladrão diz estar meu carro. Por precaução, retiro o spray de pimenta da bolsa e o deixo à mão. Depois de andar duas quadras com meus pés reclamando, decido seguir o restante do caminho descalça.

A cerca de cinco quadras ao sul, eu o vejo, em destaque pelo tom de azul-bebê em meio a outros veículos. Confiro o entorno, e nem sinal do ladrão arrogante. Menos mal. Espero me deparar com a porta arrombada, mas, incrivelmente, não há qualquer arranhão na lataria. Um trabalho de mestre.

— O *cabrón*^[8] deve estar rindo de mim.

No caminho de volta para casa, enquanto paro num semáforo e espero uma multidão de bicicletas atravessar o cruzamento, tento me lembrar dos detalhes do rosto de bandido, para caso um dia eu o encontre novamente. Para o bem desse tal de Sebastian, espero que não cruze o meu caminho outra vez.

Sem querer, meus olhos viajam para o lado direito da rua... uma confeitaria. Droga, um docinho cairia bem agora, com toda essa situação acontecendo.

Capítulo 03

SEBASTIAN

Dei o primeiro passo. Deixei meu nome na lista de lutadores para o torneio de vale-tudo que acontecerá amanhã no lugar. Rutger Verhoeven, o holandês criminoso dono da boate é mais um na lista dos miseráveis importadores de mulheres traficadas. De acordo com as pesquisas da Interpol, o velho lixo curte assistir esse lance de luta clandestina. Participar dela será um pretexto para me infiltrar. Sendo sincero, não me agrada subir ao ringue e espero não ter de chegar a tanto. O trabalho aqui é simples: confirmar as informações de que o sujeito tem em sua posse uma carga de mulheres; obter provas e avisar aos agentes, que têm encontrado dificuldade em pôr as mãos nele.

Ao me inscrever, disse que estou precisando de grana fácil. Isso bastou para afastar olhares curiosos de mim. Cheguei sozinho, fui revistado, checaram a documentação falsa, e no fim me foi permitido lutar. A pouca preocupação deles só me fez ciente de que a casa tem as costas quentes com a polícia local.

Sento-me ao bar sem perder a posição de Elliot, infiltrado como segurança, e de Ed e Bola, separados, como clientes.

Sinalizo meu pedido à atendente, uma loira de cabelos lisos na altura dos ombros, boné e um top revelador que exhibe belos e fartos seios.

— Vodca — peço e percorro com um olhar desinteressado o andar de cima.

Enquanto vigio, sinto o escrutínio da garçonete em mim por um tempo que me parece longo demais.

Volto minha atenção a ela a tempo de pegar um ligeiro apertar de sobancelhas do tipo que me faz observá-la mais atentamente. É como se

estivesse tentando me reconhecer e possivelmente não lhe agrade saber de onde.

— Gosta do que vê? — provoco, tentando fitar cada detalhe de seu rosto atrás do mesmo conhecimento.

Os lábios espessos se apertam numa linha.

Ela não responde. Pega a garrafa de vodka da prateleira ao alcance de suas mãos, abaixa-se para fora de vista, provavelmente para pegar um copo e, depois de cinco segundos, retorna para a minha linha de visão. Os seios sobem e descem numa respiração profunda, apesar da súbita placidez na expressão.

Sou bom observador. Essa garota tem algo contra mim, embora eu não imagine o motivo. Talvez eu a lembre de algum ex-namorado sacana. Automaticamente meu exame vai para seu decote outra vez. Belos seios. Não seria ruim desfazer a antecipada má-impressão que ela criou a meu respeito. Embora, ao me conhecer melhor, é certo que sua animosidade piorará.

O copo é colocado à minha frente abruptamente demais.

— Vinte euros — noto, na voz seca, que seu sotaque não é daqui.

— Meu bem, por esse preço espero ter direito à garrafa inteira.

— Não sou “seu bem”. *São vinte euros*

Semicerro os olhos, perfurando seu rosto. Estou começando a acreditar que também a conheço.

De má vontade, retiro uma nota do bolso e a coloco sobre o balcão. Pego o copo e o levo à boca no mesmo momento em que ela apanha a nota e se vira para ir ao lado oposto do bar, atender outro cliente.

Duas coisas acontecem simultaneamente: reconheço a bunda se movendo sob jeans apertados; e sinto o maldito gosto de sabão na boca. É a trapaceira ladrona de vaga, e ela misturou detergente de louça à minha vodka!

Cuspo a porcaria.

Atraída pelo som, ela me olha por cima do ombro, vitoriosa, como quem me deu o troco. Um sorriso de triunfo alarga os lábios, tornando-a de repente uma bela jovem, de exuberantes curvas, mas comportamento detestável, principalmente quando leio algo como “toma essa!” em sua boca larga, ácida.

Lanço-lhe uma expressão dura; a infeliz retribui à altura.

Eu deveria ter reconhecido aquele nariz empinado, a boca suja. Observo-a melhor, querendo entender por que deixei isso passar. Seu corpo é de chamar a atenção, inconfundível, mas algo parece diferente nela... ah, *nahuí*! É o cabelo! Há algumas horas ela não era loira, tampouco tinha o cabelo tão curto.

Se essa mulher precisa de disfarces para se tornar diferente é porque certamente está aprontando alguma. Posso sentir o cheiro de encrenca a milhas de distância. Que seja. Se estiver mesmo, é problema dela. Já tenho mais do que o suficiente para lidar no momento.

Deixo no ar a promessa de vingança e me afasto para explorar o território. Agora a tenho em meu radar e não pretendo ser pego desprevenido outra vez.

PENÉLOPE

Deixo o engradado vazio de bebidas no chão e confiro a tela do celular ao retirá-lo do bolso detrás da calça. Não há qualquer sinal da operadora aqui embaixo. Eu deveria saber, depois de atravessar tantos corredores e portas até o subsolo, que era óbvio que o pobre estaria morto para o mundo. Tateio o interruptor ao lado da pesada porta de metal e, ao encontrá-lo, consigo acionar algumas poucas lâmpadas tremeluzentes, que permitem um vislumbre do entorno. Aqui é definitivamente o depósito. Dou uma última olhadela na direção de onde vim, antes de empurrar com o pé a caixa de garrafas para o lado e caminhar para dentro, afastando-me cada vez para mais longe da música pulsante na boate lá em cima.

No lado direito, num canto, há um empilhado de caixas do caro champanhe cuja garrafa é vendida a dois mil euros lá em cima. Por um ligeiro momento, fico sinceramente tentada a ir até elas, abrir uma e prová-lo para saber se vale o preço cobrado. Seria a única oportunidade de descobrir, tendo em vista as comissões ruins que eles pagam por aqui.

Foco.

Dou alguns passos cuidadosos em meio à baixa iluminação, explorando o espaço. No lado oposto, capas cobrem dois carros. Pela silhueta, eu diria se tratar de Ferrari, Lamborghini ou algum desses modelos esportivos. Bem, vendendo champanhe a esse preço, não me admira que tenham carros assim por aqui. Cogito dar uma espiadinha por baixo da lona. Contudo, afasto isso da mente quando penso ouvir um ruído abafado vindo de uma porta nos fundos. Uma que eu nem reparei existir.

Aguço os ouvidos.

Nenhum som.

Seguindo o instinto, ou curiosidade, vou me aproximando, cautelosa, em alerta. Não há qualquer outro barulho, mas não estou louca, sei o que ouvi. Chego bem perto, encosto a mão espalmada e a orelha contra a porta fria de metal, aparentemente tão grossa quanto aquela pela qual entrei. Meu coração dispara ruidoso, cheio de adrenalina. Há algo acontecendo aqui, eu posso sentir. Corro a mão até o trinco, envolvo cuidadosamente meus dedos nele e...

Sou abruptamente puxada para trás com um aperto firme em meu braço. Uma mão vem imediatamente tapar minha boca, abafando meu grito de surpresa e horror.

— Tsc tsc. Você é mais estúpida do que eu pensava... — essa voz, esse sujeito!

Deparo-me com o ladrão de carros, enorme, assim tão de perto, cheio de músculos e força, prendendo-me num aperto duro, tão duro quanto sua expressão. Raiva dispara de seus olhos escuros como se pudesse me fulminar com eles.

Medo amolece minhas pernas.

Tento gemer um pedido, mas é impossível, ele está me sufocando. Esse *cabron* vai me matar aqui, usando suas mãos, sem nenhuma testemunha, e tudo por um inofensivo detergente que coloquei em sua bebida uma hora atrás.

Droga. Eu sabia que não deveria fazer aquilo. Não cabia esse tipo de distração, não aqui, mas eu precisava lhe dar o troco. O *pendejo* roubou meu carro, fez-me caminhar quarteirões à procura, feito uma boba, e....

“*Sua impertinência ainda a colocará em problemas, Penélope*”, a frase da irmã Úrsula vem bem neste momento, feito um fantasma soprando em meus ouvidos... e, pelo jeito, a mulher tinha razão. Ela *sempre* tinha.

Junto à memória sobre a freira – nos segundos que parecem eternos pelo puro pânico –, minha vida de repente passa como um filme diante de mim, ciente de que posso estar em meus últimos minutos de vida. Volto à lembrança da pequena Loupe, sentada em frente ao espelho da cômoda, enquanto a mãe trançava seus cabelos. Uma das memórias mais fortes que tenho. Paz Velasco, a mulher mais linda que já conheci. Linda e amorosa, talvez a única pessoa no mundo inteiro que já tenha me amado de verdade. Foram poucos os anos juntas, mas nunca me senti mais feliz em todos os meus 26 de vida.

A recordação traz um ardor muito familiar à garganta. No entanto, nem tenho tempo de processá-lo, tão logo ouço algo do homem, naquele sotaque que não consigo reconhecer de onde é (provavelmente do inferno, a contar por sua expressão e voz perigosamente baixa):

— *Nahuí*. Você me obrigou a isso.

Eu o obriguei a quê? A me matar?

Não.

É... não se trata de me matar.

No tempo de um piscar de olhos, o sujeito furioso me empurra contra a parede escura lateral e... *e me beija!*

Sua boca de lábios firmes topa contra a minha agressivamente. Cerro meus lábios, atordoada, pega completamente desprevenida. O homem grunhe algo incompreensível e, como resposta, suspende-me do chão.

Ele me *suspende* do chão!

Madrecita de Dios! ^[9] O sujeito me segurou pelas coxas e me levantou em seus braços, contra a parede, como se eu não tivesse o peso e tamanho que tenho! De tanta surpresa, um “oh” tenta sair por entre meus dentes. Ele se aproveita do momento para empurrar sua língua contra a minha, não um pedido de “me deixe entrar”, mas uma... uma violação! Por reflexo, tento esmurrar seus braços, afastar o que parece ser uma muralha de aço. Meu corpo é ainda mais pressionado contra a superfície fria às minhas costas.

Ofego. De puro... de puro *nervosismo*.

Lábios investem mais firmes, determinados.

Nunca ninguém me beijou assim.

É ruim. É bom. Nem sei bem...

Num ponto, simplesmente deixo de analisar racionalmente. Passo a sentir. Droga! Minhas pernas o envolvem mecanicamente, obedecendo a um comando próprio, indistinto.

O sujeito é tão forte, e habilidoso, e se encaixa tão bem entre as minhas pernas. Quando percebo, estou correspondendo ao beijo. Seja lá o que estou fazendo, enrosco os dedos em sua nuca, apanho um punhado de cabelo e o puxo, punindo-o também, machucando-o.

E tudo isso por causa de algumas gotinhas de detergente de louça?!

Em meio à névoa maluca, capto o momento em que os músculos das costas, pescoço e ombros dele notavelmente tensionam. Dois ou três segundos depois, compreendo o porquê.

— Que porra vocês pensam que estão fazendo?! — uma voz áspera entoada acima dos sons que emitimos.

As mãos do beijador ladrão de carros em minhas coxas pressionam, num tipo de aviso, embora o beijo não seja interrompido imediatamente. Antes de afastar sua boca da minha, ele ainda puxa meus lábios entre seus dentes, numa provocaçãozinha despreocupada.

No entanto, não é a ousadia que surpreende ao finalmente me libertar para enfrentarmos nosso espectador – um sujeito igualmente grande, de terno e gravata pretos, semblante tenebroso, correspondente à cicatriz que corta metade de seu rosto, da linha da sobrancelha ao maxilar–, mas sim a expressão no rosto do tal Sebastian.

Preciso piscar e olhar duas vezes para ter certeza de que toda aquela fúria de minutos antes simplesmente foi consumida por uma máscara de indiferença zombeteira, como quem se declara culpado sem peso na consciência... ou como quem esperava pela intromissão.

Um sorriso oblíquo corrobora com sua encenação

Espere. Esse homem sabia que seríamos interrompidos? Que alguém estava vindo?

— Cara, você está atrapalhando nosso momento aqui, percebe? — Sebastian indaga, e até mesmo o timbre é outro, agora parece ligeiramente embriagado, insolente, não sei bem.

Todavia, outro aperto em minhas pernas, ainda emboladas em sua cintura, avisa o que está fazendo e me desafia a desmenti-lo.

Sinceramente, passo à condição de não saber o que pensar. Estaria ele me protegendo de ser pega bisbilhotando?

Corro um olhar rápido pelo segurança ameaçador, um que eu ainda não tinha visto na boate antes, a tempo de notar o relevo da arma em sua cintura, e volto para o estrangeiro agarrado a mim. Ele não retribui o olhar, apesar de me pressionar um pouco mais com sua virilha.

Eu deveria confiar nele? Num sujeito arrogante que me pregou uma peça com meu carro?

Não.

Estou por minha conta.

Seguindo essa lógica, dou um tapinha em seu ombro, exigindo que me solte.

— Ok, garanhão. Agora me deixe trabalhar — meu tom é manhoso.

— Já? — Enfim me olha, e quase arfo ante a intensidade me penetrando através do par de íris negras. O hálito quentinho é contrastante com o gelo encontrado ali, gritando silenciosamente o quanto me despreza, chamando-me de estúpida outra vez, enquanto simplesmente sorri com displicência fingida.

Dane-se.

Se ele não gosta de mim, é recíproco.

Finco as unhas com força em sua nuca, ferindo-o, enquanto lhe dou meu sorriso mais afetivo.

— Sim, tenho mesmo de ir, meu bem. Vim apenas reabastecer a cerveja, antes do seu roubo de tesão — faço questão de lhe retribuir a mesma forma como me chamou lá em cima, no bar, quando o servi. — Meu expediente acaba daqui a quatro horas, se te interessa. — Pisco de um olho, para ressaltar.

O segurança, se é que é essa a sua função aqui, assiste à interação com um olhar ameaçador.

Não me importo, ou pelo menos finjo bem. Pulo das garras de um e passo pelo outro rebolando, seguindo na direção de onde vim. Assim que os deixo para trás, finalmente respiro fundo.

Essa foi por pouco. E, afinal, quem é esse cara? O que ele sabe? Por que me seguiu até aqui e tecnicamente me ajudou?

E, mais importante, o que havia atrás daquela porta?

O tempo está passando, e preciso agir rapidamente.

Capítulo 04

SEBASTIAN

Coloco os óculos escuros e sigo até Ed, recostado ao pilar do outro lado da rua, na manhã ensolarada. O humor do cara não parece bom. Talvez esteja um pouco melhor do que o meu, na verdade, depois de eu esperar pacientemente até que o maldito coelho saísse da toca a tempo de acalmar o desejo de estrangulá-la com as próprias mãos.

— Ela está lá dentro — Ed afirma, apontado com o queixo para a padaria no meio da quadra.

— Eu sei.

Mesmo que ele não tivesse dito, eu saberia. O ovo medonho está, como sempre, mal estacionado em frente ao comércio.

— Cara, por que estamos seguindo a garçonete?

Assumo a usual impassibilidade, mascarando meu cansaço. Não era para haver complicações, mas, ao que parece, aquela mulher é uma e das grandes.

— Eu te disse.

— Que ela estava bisbilhotando, sim, você disse. Mas e daí? Por que ela é nosso problema?

Detesto quando o bastardo faz isso.

— Porque quero saber qual é a motivação da infeliz. Se desconfiarem de uma maldita bisbilhoteira fuçando os negócios deles, vão dar um sumiço àquelas mulheres, e nosso trabalho ficará uma merda de difícil...

— Se é que elas estão mesmo lá, não é?

— Estão. — Confiro a rua quase vazia ao redor, por hábito. — Não haveria aquele esquema todo se não estivessem.

— Então podemos avisar e deixar deflagrarem. Eu quero sair dessa

merda de país de uma vez — ele grunhe, escondendo-se por baixo da aba do boné preto.

Dou um sorriso de reconhecimento.

— Qual é o problema? Não gosta de ar puro, calor e gente alegre?

O imbecil esboça a vontade de me socar. Ed é o tipo de cara que engana ao primeiro olhar descuidado. A aparência desleixada não revela a letalidade de suas ações.

— São alegres demais. — Afasta-se da mureta. — Se meu papel aqui era vigiar, fique à vontade. Estou indo dormir.

Troco um cumprimento discreto.

— Valeu, cara. Eu vou resolver essa merda de uma vez e tirá-la do caminho.

Atravesso a rua e vou até o lugar onde a incógnita mulher está fazendo seu desjejum às 9h da manhã, depois de ficar na maldita boate até às 4h. Quero botar meus olhos nela, confirmar as informações que Elliot levantou a partir do registro do carro e aluguel da casa-barco caindo aos pedaços onde ela se hospedou na cidade. Nada em Penélope Molina faz qualquer sentido, e agora sei que há algo de muito errado a seu respeito.

Pela vidraça eu a vejo – umas das poucas clientes no lugar–, porém, tenho de olhar bem para ter certeza de que se trata da mesma pessoa com quem cruzei na noite anterior. A mulher parece diferente. Mais suave. Outro disfarce?

Isso só está ficando mais interessante, reflito sem qualquer humor.

Entro e, conforme vou me aproximando, ela ainda não nota, perdida num prato do que parece ser pão doce, ou sei lá o quê, e uma xícara grande de café.

Apesar dos motivos que me trouxeram, sinto uma estranha vontade de parar e observar por alguns segundos a cena. Gosto de mulher que aprecia comer, que come com vontade. E, a partir da expressão deliciada em seu rosto, é esse o caso. Penélope exhibe prazer ao levar a comida à boca.

Maldição! Por um inapropriado momento, lembro-me do gosto adocicado que senti ao beijá-la.

Afasto o pensamento e me concentro em agir. Sem um convite, sento-

me diante dela. A surpresa a faz dar um salto no lugar.

— Você?! — exclama de boca cheia e olhos arregalados. Então engole depressa o conteúdo ali dentro. — Por acaso... por acaso está me *perseguido*?!

Odiosa.

Atraído, meu olhar propositalmente entediado cai num rastro de açúcar e algum tipo de creme sujando a lateral de sua boca.

Não sei se para quebrar sua banca detestável para cima de mim e constrangê-la, ou simplesmente por querer fazer, inclino-me para frente, estendo a mão e deslizo o dedo vagorosamente pelo cantinho de seu lábio, removendo o maldito doce.

Ela acompanha tudo com olhos de coruja: inocentes por ser pega despreparada; arregalados; prestando atenção em cada movimento meu; petrificada.

Maldição. Minha boca saliva pelo desejo de provar o sabor de algo que trouxe, segundos antes, aquele tipo de expressão regozijada ao seu rosto. Não resistindo, levo meu dedo indicador à boca e provo o creme açucarado antes de responder.

— Bom dia, Penélope — minha voz agradável e/ou a consciência de que sei seu nome a faz assumir uma posição de alerta.

Sim, eu te peguei, menina.

PENÉLOPE

Ele sabe meu nome.

Mal me recupero da surpresa de sua presença aqui e da ousadia ao limpar o canto da minha boca com o próprio dedo e sugá-lo em seguida (devo admitir que isso foi um tanto... desconcertante), e aqui está ele, confortavelmente sentado, sem convite, encarando-me com olhos castanhos de uma águia velha e esperta que descobriu algo sobre mim.

Bem, como se as coisas já não estivessem indo de mal a pior. Saí

daquela boate exausta, pés doendo, cabeça à ponto de explodir, ainda na estaca zero. E agora isso. Sinto vontade de fechar os olhos e massagear as têmporas, ou melhor: me deitar numa cama macia – de preferência a minha – e passar os próximos dias hibernando feito um urso bem fofo.

Sem muita opção, dou uma última olhadela no belo café da manhã interrompido sobre a mesa. Droga, há duas coisas realmente ruins na vida: pessoas arrogantes e desperdício de comida, e eis que estou diante de ambas, uma provocada pela outra.

Não me admira. Nada está saindo como o esperado.

Fingindo que sua presença não me incomoda tanto quanto o faz, pego calmamente o guardanapo e limpo os lábios, ou pelo menos a parte intocada pela sua atitude abusada. Deixo, então, o tecido de volta ao lado do prato e me concentro nele fixamente.

— Toque-me de novo e ficará sem seu dedo — digo pausadamente, muito doce e gentil, ao me ajeitar na cadeira como uma boa garota.

“Isso mesmo, tenha modos e seja educada, Penélope” diria a velha freira.

Ele ri. O arrogante ri, achando graça da ameaça!

Quem é esse... esse *cabrón*, afinal?

Inclino a cabeça de lado, estudando-o com atenção enquanto tateio discretamente o interior de minha bolsa, no colo, atrás do spray de pimenta.

— Fico feliz que esteja se divertindo... — faço uma pausa, fingindo procurar em minha mente o nome do infeliz. Pff... como se aquele bilhete ridículo ainda não estivesse comigo. — Como é mesmo que você se chama?

Ele arqueia a sobrancelha, convencido, do tipo “você sabe muito bem”.

Articulo um sorriso também, que está mais para um rosnado de cachorro.

— Muito bem, será que pode me dizer por que está me seguindo e como sabe o meu nome?

Parecendo não ter a intenção de ir embora tão cedo, ele descansa o tronco para trás, relaxado, desafiador e gesticula um aceno para a atendente da confeitaria.

É sério?

— Eu não te convidei para... — “ficar aqui”, era o que eu pretendia dizer. No entanto, calo-me quando a mulher vem colher o pedido.

— Um café, por favor... — seus olhos, de repente sedutores, encontram o nome da garota no crachá — ...Dina.

O imbecil pede tão agradavelmente que a moça enrubesce, batendo os cílios feito uma adolescente. Espero, honestamente, que eu não tenha feito isso também há alguns minutos.

Assim que ela se afasta, o sujeito se direciona a mim, sério, sem qualquer traço do homem galanteador.

— Não. Você não me convidou, mas sou um homem generoso e decidi te dar uma chance de se explicar antes de deixar que se ferre — o timbre de voz é baixo, sóbrio, de gelar a alma.

Ele sabe.

A constatação vem com o poder de eriçar meus pelos em completo estado de alerta. Feito uma máquina de contar cédulas, passo a processar uma análise meticulosa, revisando mentalmente tudo o que aconteceu desde que vi esse sujeito pela primeira vez, o pouco diálogo que tivemos, as ações, acontecimentos, tudo o que me lembro atrás de uma pista de quem ele pode ser. Sustento seu crivo em mim enquanto tento lembrar se já o encontrei antes do episódio com meu carro. Ele já esteve na boate? Não. Eu o teria visto. Tenho visto tudo; um cara assim, com sua figura, não passaria batido.

Num blefe estratégico, opto pela inocência até ter certeza de onde estou pisando.

— Me ferrar? Por quê?

Ao som ingênuo de minha voz, ele semicerra os olhos como quem diz “esqueça, isso não cola comigo” e pressiona:

— Me diga você, Penélope. — meu nome dança feito numa melodia em sua língua — Que merda foi aquela ontem?

Faço um beicinho, pensativa.

— Acho que chamam de amasso...

Observo a sombra da pouca paciência comprimir seus lábios, e, é claro,

um detalhe não passa despercebido: ele é bonito, olhando assim, de perto, à luz do dia. Muito bonito.

— Eu chamaria de salvar sua bunda grande e bisbilhoteira de problemas. — Movimenta-se para frente, depositando os cotovelos sobre a mesa e unindo as mãos. — Fale, Penélope, o que exatamente você está fazendo?

Não gosto do rumo disso. Não gosto mesmo.

Decido afastar um pouco da ignorância (sempre uma aliada) para o lado e agir com reciprocidade. Inclino-me também para frente e o fito, olho no olho.

— Se quer respostas, as dê a mim em primeiro lugar. Como sabe meu nome, Sebastian?

— Eu te pesquisei. Coisa que qualquer um pode fazer ao consultar a placa daquele seu carro medonho — revela baixo, sem exhibir culpa. — Agora me responda, o que pensa que está fazendo lá?

— Não ofenda meu carro — ameaço. — Lá onde?

Quase posso escutar um ranger de dentes. Contenho a vontade de rir. Homens são todos tão presunçosos e fáceis de desestabilizar.

— Estou te dando uma oportunidade, se ainda não percebeu, Penélope, mas, se pretende continuar tentando me fazer de bobo, garanto que não apreciará o resultado.

Cabrón arrogante!

— Você se fez de bobo muito antes disso, meu bem, forçando sua língua dentro de minha boca... — Cerca de dois palmos de distância nos separam. Não posso evitar uma emoção estranha que vem formigando em minha barriga. — E, se quer saber, não foi um beijo tão bom.

Convencido, ele sorri.

— Aposto que tinha gosto de sabão de louça, não é?

Ponto para ele.

— Na verdade, o gosto nem foi a pior parte. — Dou de ombros.

A expressão zombeteira que se manifesta em seu rosto não engana; há uma tensão muito crítica enquanto nos estudando mutuamente.

— Já que estamos sendo honestos, devo confessar que aquilo também não foi tão bom quanto esperei — ele provoca, balançando os ombros.

— Me beijar? — uso um tom inocente. — Você não gostou?

Um brilho malévolo dança em seus olhos, respondendo por si.

Meu ego deveria estar ferido, mas acho que já passei dessa fase há muitos anos.

— Pensei que estivesse gostando, Sebastian. — Insinuo um olhar em direção à sua virilha, lembrando-o da grande protuberância que senti atrás do jeans enquanto ele ainda me prendia contra aquela parede. — Pelo menos foi o que pareceu.

Minha intenção era apenas distraí-lo com esse assunto. Eu só não contava com o repentino calorão se apropriando de toda a confeitaria, e de mim, a partir da forma intensa como passa a me olhar. Um sorriso completo, algo que sinto não ser comum a ele, ajuda a aumentar a temperatura. Aperto as pernas por baixo da mesa, mortificada comigo mesma.

De repente, noto uma mudança muito sutil em seu rosto. O olhar se torna mais curioso do que qualquer outra coisa, feito quem vê um enigma a ser desvendado e examina a melhor maneira de fazer isso.

— Responda honestamente, por que está fuçando merdas alheias, moça? — não é a questão expressada tão diretamente que me afeta, mas o tom, algo parecendo uma preocupação decente, genuína. Além do “moza” no sotaque forte, delicioso de ouvir.

Esse sujeito é diferente. No entanto, não consigo saber exatamente quais são suas reais intenções e não posso pôr tudo em risco agora.

— Estou trabalhando para sobreviver. — Uso o que acredito ser uma expressão convincente. — E apreciaria se você parasse de me perturbar, sabe?! Mudando meu carro de lugar; agarrando-me no horário de trabalho; seguindo-me.

Ele me encara. Encara de verdade.

Eu o fito de volta.

Ficamos assim por um tempo que não consigo mensurar, até que Sebastian meneia a cabeça.

— Sei de onde você veio; sei que não é o que diz ser. Mas muito bem,

se prefere se meter em problemas sozinha, vou te deixar à vontade, Penélope Molina.

Vacilo. Vacilo muito forte, porém, respiro fundo antes de cometer um erro que pode me custar a vida. Isso pode ser apenas um teste. Sebastian, se for mesmo este o seu nome, pode fazer parte de toda a situação e estar apenas me testando para saber o que descobri.

Confiro uma última vez meu café, agora frio, e as rosquinhas cremosas, cogitando pedir que as embalem para viagem, mas fato é que esse encontro se tornou indigesto.

Apanho minha bolsa, pronta para levantar.

— Se por me meter em problemas, está dizendo trabalhar dez horas seguidas em pé servindo bebidas aos tipos mais bizarros de pessoas, tem razão. Agora, por favor, pare de me seguir.

Ao passar por ele, meu pulso é apanhado. Olho para baixo, diretamente nas profundezas castanhas e repletas de uma feracidade mal escondida.

— Seja inteligente, Penélope, pegue sua bunda grande e suma enquanto ainda pode.

Sacudo meu braço, afastando-o.

— Chamá-la de grande não me ofende. É o que é. Mas esteja certo de que, se tentar colocar as mãos nela mais uma vez, eu corto seus dedos. Adeus, Sebastian.

Não espero pela tréplica. Apresso os passos, abro o carro girando a chave, jogo a bolsa dentro dele e entro. Como sempre, meus seios apertam a buzina de leve quando me encaixo atrás do volante apertado. O som engraçado atrai alguns olhares curiosos. Bato a porta de uma vez e saio.

Somente então posso tremer e transpirar à vontade. Se Sebastian (considerando que é seu nome) fizesse parte disso, não me ofereceria escolha, como fez. Porém, e se for uma armadilha?

Ele consultou o registro do veículo. E, se me pesquisou a fundo, sabe sobre a órfã que foi adotada pelos Molina, o que significa que a parte importante da minha vida, aquela que me trouxe aqui, está protegida. Estou um passo à frente, vantagem que devo explorar, mas agora ciente de que preciso agir mais rápido.

Hoje. Não pode passar de hoje.

Tamborilo os dedos contra o volante enquanto espero os ciclistas atravessarem o cruzamento.

Austríaco. Esse homem deve ser austríaco. Já conversei com um austríaco antes e... não importa. Ainda que tenha sido um bom amasso, não foi real.

“Bunda grande”, como se atreve, *cabrón*.

Atraente e assustador, mas um *cabrón* convencido.

Capítulo 05

PENÉLOPE

*Espanha,
duas semanas antes.*

Às vezes me pego refletindo sobre os vícios que me trouxeram até aqui, fizeram-me ser quem sou, entrar nessa profissão, se foi obra do destino ou do acaso. Na verdade, prefiro pensar que é uma mistura dos dois. Quando eu estava começando a me estruturar depois de uma vida realmente ruim, meu caminho cruzou com o da pessoa certa, e aprendi um ofício. Ganhei um presente.

Claro, como em tudo no mundo, há o lado bom e o não bom. Sou obrigada a tomar decisões que mudam a vida das pessoas, alteram seu destino. E é quando entro num momentâneo conflito interno. Irmã Úrsula dizia repetidamente que as decisões certas nos levam para Deus, e as erradas são pavimentações para mais longe Dele. Entretanto, não é tão fácil saber a diferença quando, com apenas uma palavra, posso arruinar um lar, mas, por outro lado, uma omissão pode fazer o mesmo dano.

Suspiro profunda e discretamente antes de romper o silêncio constrangedor. Ao limpar minha garganta, o som sai algo como “*ãhãm*”, daqueles desagradáveis que antecipam más-notícias.

— Você gostaria de beber algo, café, uma água, talvez? — ofereço, ciente de que não há qualquer café, apenas água e nada mais. Água de bebedouro semi-gelada, pois o filtro está pifando outra vez. Se ela aceitar café, terei de mentir. Odeio mentir.

A mulher, na casa dos 35 anos, levanta a cabeça para me encarar.

— E-ele *está* me traindo? — é a primeira frase que diz desde que entrou; hesitante, porém, direto ao ponto.

Seus olhos empoçados de lágrimas estão bem abertos, lembrando-me um animal prestes a ser atropelado, como naqueles filmes de terror. Contudo, é sua coragem, apesar do medo evidente, que me faz criar um tipo de afeição por ela.

Eu queria ter notícias melhores. Honestamente, queria. Há alguns anos nisso, percebo que a pior parte é sempre quando minha missão é cumprida e tenho de levar ao meu contratante a notícia que provavelmente o desagradará.

Empurro os óculos sem grau em frente aos olhos – uso-o apenas aqui no escritório, para dar um aspecto de seriedade, acho que me faz parecer uma profissional confiável, sei lá – e aliso a saia lápis, apertada nas coxas, visual muito diferente do que tive de usar essa manhã, quando me disfarcei de entregadora de cartas. Então uno as mãos sobre a mesa e a encaro de volta.

— Como combinamos, segui seu marido por duas semanas, Alejandra.

Ela assente, querendo pular logo essa parte. Somos duas.

Abro a gaveta e retiro o envelope que peguei no laboratório de revelação de imagens no caminho para cá.

— Aqui está o que encontrei. — Empurro-o para ela.

Alejandra, uma jovem ruiva muito bonita, é, na minha opinião, um caso ilustrado de desperdício de energia com a pessoa errada. Seu marido, um homem baixinho, de pouco cabelo e muita prática em ser um traidor sujo, não merece o tremor em seus lábios ou o pranto que, sei, logo virá.

Ela não quer abrir, não quer descobrir que, sim, o cara é infiel até a última respiração. Segui os passos dele diariamente, desde a saída de casa pela manhã até o retorno tarde da noite. Acompanhei as escapulidas no meio do dia, em seu trabalho no Banco Popular Espanhol, e as horas posteriores ao final do expediente.

O sujeitinho tem uma rotina que envolve a casa da vendedora que trabalha na loja de sapatos em frente ao banco. O aluguel do imóvel onde ela mora foi avalizado por ele, inclusive. No entanto, isso eu não vou dizer, está tudo no dossiê que fiz. Alejandra lerá por si.

— Eu lamento — sinto que devo dizer algo.

— Então é verdade? — indaga num timbre rouco.

Comprimo os lábios e lhe dou um aceno que confirma.

— *Hijo de la puta!* ^[10] — ela grita numa explosão de raiva, o que é uma surpresa para alguém de aparência tão delicada. — Eu vou matar aquele *boludo de mierda* ^[11]! 15 anos da minha vida! 15 anos sendo fiel, lavando, passando, cozinhando, e é assim que ele retribui?! Me traindo?! Aquele... Aquele...

E simplesmente não para mais de praguejar, cada palavrão mais pesado do que o outro. Fico tentada a concordar com tudo que sai de sua boca. Entretanto, devo ser profissional e guardar meu lado passional para quando eu mesma estiver nessa situação. Ser traída é uma droga, eu imagino. Você confia na pessoa, dá a ela uma parte de si para no final descobrir que aquilo não teve valor algum. É por isso que eu não tenho ninguém. Não, corrigindo: eu não tenho ninguém porque os caras que aparecem são sempre uns *pendejos* e estou melhor sozinha.

A situação piora quando ela abre o envelope e identifica a concubina como alguém que frequenta sua casa. Não sei se me orgulho por ser aquela a lhe levar a verdade, ou me sinto culpada por possivelmente ser a mensageira a destruir um casamento de longo tempo. Irmã Úrsula teria uma boa resposta para mim.

No final de tudo, recebo meu pagamento e guardo a culpa para outro dia. As contas estão todas atrasadas, e meu trabalho não remunera exatamente bem, sem contar as coisas que tenho de fazer e os lugares onde me meto para obter provas e fazer jus ao meu serviço. Já me disfarcei de homem, freira (aquilo me mortificou, porém, foi extremamente necessário), corretora de imóveis, entregadora de cartas, fiscal do governo... Enfim, acho que herdei o talento da interpretação de minha mãe, Paz Velasco, a grande atriz de teatro espanhola, mas não pude usá-lo de forma adequada.

Lembrar-me dela me causa certo aperto no peito. Eu gostaria de ter podido conviver mais com minha mãe. Ninguém deveria morrer tão cedo, principalmente pessoas boas. Deus sabe a falta que senti e as coisas que tive de suportar sem ela. Talvez se meu pai, um brasileiro, também ator, soubesse de minha existência, as coisas poderiam ter sido um pouco mais fáceis.

Guardo o cheque na gaveta e acompanho Alejandra até a porta emperrada. Ao abri-la, um rangido nada discreto ecoa pela escada... rezo, rezo muito forte para que meu senhorio não esteja em seu apartamento, no primeiro andar do prédio velho caindo aos pedaços, neste momento. Venho evitando-o pela última semana. Ainda não tenho o suficiente para pagar o aluguel do mês passado e nem do anterior.

— Fique bem, Alejandra. Estarei aqui, caso precise — despeço-me baixo, muito profissional.

— Não. O que eu preciso agora, você não poderá fazer por mim, mas obrigada por... por você sabe.

— Certo.

Mordo o lábio para não abrir minha boca grande.

— Alejandra...

— Sim? — diz por cima do ombro, a mão já no corrimão, pronta para descer os três lances de escada.

— Você merece mais.

— Eu sei — afirma, orgulhosa, porém, no fundo de seus olhos, enxergo a mágoa e o sentimento ferido.

Acho que nunca gostei tanto de alguém a ponto de lhe permitir me ferir. Talvez eu nunca chegue a gostar. Não quero me apegar a uma pessoa e depois perdê-la. A dor disso é muito grande. Seja uma mãe, um parente, ou um homem. E homens não valem a pena.

— Dona Penélope! — meu nome sai como “Tona Penélopí” gritado lá de baixo, naquele sotaque chinês intransigente do dono do imóvel. Penso que é a mais pura verdade dizer que a China dominará o mundo; pelo menos esse prédio, ela dominou.

Ligeira, entro e bato a porta. Escoro-me nela, torcendo para que ele não suba até aqui a fim de me cobrar. Esse homem sabe ser uma dor de dente.

Arrumo minha saia de volta ao lugar e, como estou sozinha, desabotoo o último botão, permitindo-me respirar um pouco mais confortavelmente. Acho que exagerei no almoço. Em minha defesa, aquele macarrão ao molho quatro queijos estava o verdadeiro Céu... e a sobremesa, o paraíso acima do Céu. *Não blasfeme, Penélope!*

Sento-me de volta, ligo o computador e me concentro em minha próxima missão. Não demora, ouço um toque-toque na porta. Ele subiu mesmo os três andares somente para me cobrar?!

Por uma questão de hábito (ou cautela, visto que existem pessoas nesta cidade doidas para arrancar meu fígado, em sua maioria infiéis), verifico o olho-mágico. Não é o senhor Zhang Yimou, por sorte, mas uma mulher.

Hum. Que bom. Poupano-me o tempo de dizer a ele que, neste momento, ainda não disponho de dinheiro. Talvez eu nunca venha a dispor, no ritmo em que as coisas andam.

Destranco a porta e a abro.

— Olá — uso minha abordagem impessoal.

— Você é Penélope Velasco? — pergunta receosa, olhando da placa na porta para meu rosto.

Velasco é o sobrenome de minha mãe. Não o meu, na verdade. Contudo, uso-o profissionalmente como um tipo de homenagem a ela. Em registro, meu sobrenome é Molina, dado pela família Molina depois da adoção. Encolho-me num arrepio desagradável somente pela mera lembrança de todos eles.

— Sim, em que posso ajudá-la? — questiono e a observo por inteiro. A mulher tem um quê de elegância e certa melancolia. A bolsa e os sapatos são notavelmente caros, cabelos bem-cuidados, mas a pele não contém qualquer maquiagem, deixando à vista olheiras profundas de alguém cansado.

Uma esposa traída? Alguém vítima de espionagem industrial? Alguma ação judicial que envolva obtenção de provas? Hum... diria que é o primeiro caso, se eu tivesse de arriscar.

— Preciso dos seus serviços para encontrar uma pessoa...

Capítulo 06

SEBASTIAN

*Amsterdã, Holanda,
dias atuais.*

— Ele virá — Elliot avisa baixo, fingindo não falar comigo, enquanto chama o barman.

Beberico tranquilamente uma cerveja ruim, escorado ao seu lado no balcão do bar, observando a multidão de frequentadores.

Para todos os efeitos aqui, nós não nos conhecemos; qualquer deslize pode colocar tudo a perder.

Estávamos esperando a informação de que Verhoeven, o lixo dono desta boate, estará presente esta noite para o torneio de luta clandestino. Seu paradeiro quase nunca é conhecido, então não podemos perder a oportunidade. Basta uma confirmação visual de nossa parte, e a Interpol deflagrará a operação, prendendo o cara em flagrante. E finalmente tudo terá fim. Não haverá mais missões, trabalho infiltrado, nem nada dessa merda para nenhum de nós. A dívida que tenho com a agência será aniquilada definitivamente.

O fato é que estou de saco cheio disso tudo. Minha vida está suspensa em meio a essa bagunça. Preciso começar a colocar as coisas em ordem, encontrar um novo rumo... do contrário, mergulharei cada vez mais fundo na escuridão que vem me engolindo dia após dia. Nunca vou esquecer a Lara, e, porra, é a única certeza de que tenho. Por ela, eu continuaria a caçar e acabar com esses miseráveis. No entanto, cada missão dessas me faz reviver sua morte dezenas de vezes. Já não dá mais. Viver assim não dá mais.

Resistindo à vontade de esfregar o peito e aplacar a dor que se instaura

na região causada pela memória dela, sorvo uma respiração profunda e vagueio um olhar de tédio ensaiado pelo ambiente... E é quando um vulto correndo na lateral da boate indo em direção à saída me chama a atenção.

Aquele quadril... Inferno, não tem como não a reconhecer!

Assim que botei meus pés aqui esta noite, eu a procurei, sem sucesso, e acreditei mesmo que a infeliz tivesse aceitado meu conselho de se manter afastada, mas não. Pelo jeito, Penélope é mais obstinada do que parecia. Eu me pergunto o que uma menina sem família, vivendo uma vida comum na Espanha, tem na cabeça para vir sozinha bisbilhotar no antro da escória. A julgar pela pressa, ela parece ter encontrado o que quer que estivesse procurando. E eu preciso saber o que é. Meu instinto não oferece um bom presságio.

Vou me desviando e empurrando as pessoas pelo caminho até conseguir atravessar a pista e chegar à porta lateral, por onde ela correu. Quando finalmente saio, o vento fresco da noite me atinge em cheio – o que chega a ser bem-vindo ante o momento sufocante que acabei de ter lá dentro.

Olho em volta e a encontro no lado esquerdo, a cerca de dez metros de distância, próximo aos dutos de ar. Penélope parece ansiosa, assustada, enquanto segura o telefone na orelha e gesticula a mão livre no ar. Contudo, é o que diz, quando estou perto o bastante para compreender, que me golpeia.

— Penélope, Penélope Molina! Droga, ouça! Há muitas — a mulher atropela as palavras numa velocidade extraordinária e movimenta a mão como se a pessoa do outro lado da linha pudesse ver. — Muitas delas, dessas garotas... E-elas estão... estão amarradas!

Ah, *yeb vas!*

Avanço ao seu encontro.

— O que diabos você pensa que está fazendo?! — questiono ao arrancar o telefone de sua mão e jogar a porcaria no chão.

Ela grita baixo, surpresa com minha interrupção, para logo em seguida abrir os olhos de tal tamanho que chego a acreditar estarem perto de sair das órbitas. Os lábios também se separam num tipo de “oh” aterrorizado.

— Você... você faz parte disso?! — o som de sua voz é algo entre pânico, surpresa e horror.

Tenso até os ossos, piso com força sobre o aparelho, garantindo que está anulado.

— *Madrecita!*

Abaixo-me e termino o trabalho de destruí-lo com as mãos, então volto a encará-la.

— Fale. O que diabos você fez, Penélope? — indago frio, baixo, bem próximo, realmente não acreditando nessa estupidez e ao mesmo tempo me apegando a uma esperança de que eu esteja enganado.

— Se afaste! Eu já chamei a polícia! — apressa-se a revelar em tom de ameaça, como se a informação fosse uma arma contra mim ou de alguma forma a protegesse.

Inferno!

Eu sabia. Sabia que essa... essa mulher incrivelmente tola faria algo de estúpido. Soube quando a vi pela primeira vez. Estava escrito na sua cara.

Dou um passo para mais perto, encobrendo-a. Cada músculo do meu corpo se encontra tenso, rígido.

— Mulher, você tem ideia do problema em que se meteu? Faz alguma maldita ideia? — Encaro o fundo de seus olhos assombrados, encaro de verdade, tentando compreender o que diabos se passa na cabeça oca da infeliz, enquanto aperto meus punhos firmemente ao lado do corpo, evitando sacudi-la.

No que suponho ser um reflexo automático, a menina enfia a mão por baixo da blusa para logo a trazer diante dos meus olhos, empunhando um spray de pimenta desses que as mulheres usam como defesa. Rápido o suficiente para impedi-la, apanho seu pulso no ar.

— Não é de mim que você tem de ter medo, não percebe? — rosno enquanto guardo o que sobrou de seu celular no bolso, ainda mantendo seu pulso comigo. Com a outra mão livre, retiro a ridícula *arma* dela.

— É sério, me solte agora! Eles estão vindo... — Tenta se debater, soltar-se do meu domínio e me enfiar uma joelhada.

Bloqueio-a, trazendo seu corpo para junto do meu e a imobilizando.

— Pare — grunho. — Para o seu bem, apenas pare e me escute com atenção. Sou o único que pode te ajudar agora.

Ao que digo, o rosto corado, transpirando, ela se inclina de lado, estudando-me como se me visse pela primeira vez.

— Me ajudar? Como assim me ajudar?

— Te ajudar a sair dessa com vida depois da idiotice que acabou de fazer.

Penélope faz uma espécie de careta de ultraje e incredulidade que, em outra circunstância, poderia me fazer rir, se eu não estivesse tão cego de irritação.

— E-eu vou repetir a pergunta, Sebastian: você faz parte disso? — Gesticula para a boate atrás de nós, acusatória.

Solto o braço que eu mantinha em volta de sua cintura.

— Não — ranjo a palavra entre os dentes, num esforço grande para manter a paciência e permanecer racional, quando na verdade quero estrangulá-la.

Sua expressão suaviza quase imperceptivelmente, ainda com a dúvida e agitação brilhando no olhar quando um novo pensamento atravessa sua mente, marcando suas feições com algum tipo de teoria.

— Você é policial, é isso?

Não emito uma resposta, é mais um rangido esquisito de um homem fazendo um grande esforço para não cometer um assassinato.

A mulher meneia a cabeça e encara o céu.

— Ok, não é. De qualquer forma, eles estão vindo, só precisamos manter a calma e esperar por ajud...

Se eu tivesse de definir este momento em uma palavra, chamaria de inacreditável.

— Manter a calma e esperar a porcaria da polícia, esse é o seu plano?

— Pego-me cruzando os braços diante do peito, interrompendo qualquer besteira que tenha a dizer.

— Sim, manter a calma, droga! Há mulheres presas como animais lá embaixo, e a polícia chegará a qualquer momento!

Quero rir de escárnio. E apertar seu pescoço bonito.

Apanho meu telefone e disco para Elliot sem tirar minha atenção dela

por um único segundo.

Ciente de que há algo errado, o cara atende ao segundo toque.

— Saia daí. Avise os caras, e saiam todos daí imediatamente.

— Você é russo... — a mulher sibila, espantada ao me ouvir falando em meu idioma natal.

Ignoro-a e me concentro em Elliot.

— O que aconteceu? — ele questiona também em russo.

— A polícia local foi avisada — basta isso para que compreenda.

Desligo e apanho o pulso dela outra vez. Nem mesmo sei por que me sinto impelido a ajudá-la, somente tenho uma necessidade irritante de levar a encrenqueira para o mais distante possível de quando tudo aqui estourar, já que não temos mais o elemento surpresa a nosso favor.

— Preciso te tirar daqui.

— Não vou a lug...

— Sim, você vai — corto-a, sentindo-me no limite, pois, honestamente, não sei como agir com essa mulher.

— Não me diga o que fazer e solte a porcaria do meu braço, *cabrón!*

Mesmo sob suas tentativas de me golpear, não paro de andar a passos largos, trazendo-a comigo. Não ouço o que diz. Não mais. Meu cérebro passa a processar o cenário como num campo de batalha. Evadir a vítima e levá-la a um abrigo seguro antes de abater o inimigo. Na rua lateral, rastreio o entorno em busca da ameaça. Se as coisas são como imagino que são, a essa altura, os policiais já estão avisando Rutger Verhoeven e seus homens sobre a denúncia dela. Nos relatórios que recebi da Interpol, um dos pontos levantados era a facilitação que Verhoeven recebia da polícia local, trabalhando livremente nos negócios sujos bem debaixo do nariz deles. São aliados.

Paro abruptamente tão logo avisto meu próximo problema.

Maldição, era o que me faltava!

— Me dê as chaves — rosno.

— O quê?

Aponto para seu carro idiota.

— As malditas chaves dessa coisa.

A infeliz cruza os braços, desafiadora.

— Tsc, tsc, eu não vou a lugar algum até me dizer quem você é e por que está me ajudando... se é que está mesmo me ajudando — essa última parte vem acompanhada de um arquear de sobrancelha impertinente.

Apoio as mãos no teto do veículo vergonhosamente baixo, encurralando-a entre mim e a lataria. A posição, sei, deixa-a desconfortável, quebra um pouco de sua banca... e é exatamente o que quero.

Apesar de tudo, não deixo de absorver o cheiro que vem de sua pele, algo bom, baunilha, talvez.

— Ok, entenda assim: eu sou sua salvação, e não me agradeça ainda, moça — declaro bem próximo aos seus lábios volumosos, o que a faz prender a respiração de um jeito contraditório, inocente, eu diria, e arregalar os olhos. Então me afasto o suficiente para encará-la com seriedade. — Agora pegue a chave dessa coisa nesse seu bolso apertado, ou o farei eu.

Engolindo em seco, ela ainda não cede.

— Não posso sair e deixá-las lá sem ter certeza de que...

— Elas ficarão bem.

A infeliz comprime os lábios, resistente.

— Por que acha que pode me ajudar mais do que a polícia?

Fito-a intensamente, querendo que enxergue a gravidade da situação.

— Eles não são confiáveis, e isso é tudo o que devo te dizer. Por favor, facilite as coisas e me ajude a te tirar da merda que explodirá aqui.

Talvez por algo que encontre em mim ou no que digo, ou por uma súbita carga milagrosa de bom-senso, ela acata. Retira as chaves do bolso e me estende, contrariada, ainda de queixo erguido.

Posso ver, na forma fuge do meu olhar, o quanto é difícil pra infeliz acatar uma ordem. De certa forma, a respeito por isto.

Capítulo 07

PENÉLOPE

Eu não esperava encontrar aquilo. De todas as possibilidades e teorias que cogitei nas últimas duas semanas desde que desembarquei em Amsterdã, definitivamente não esperava me deparar com um cômodo imundo no subsolo de uma boate, cheio de mulheres amordaçadas e presas como animais. Não, *Madrecita de Dios*, não mesmo. Que tipo de pessoa faz isso? Que tipo de pessoa depravada e sádica prende mulheres daquele jeito?

Como me sinto burra, ingênua, nem sei bem. Tudo o que vi e presenciei em minha carreira não chega aos pés desta noite. Maridos e esposas infiéis; funcionários vendendo informações industriais; pessoas enganando e dissimulando para se beneficiar de indenizações ou seguros... nada do que investiguei parece sequer relevante perto disso.

Quando aquela mulher me procurou para encontrar sua filha, juro, pensei mesmo que se tratava de um caso de traquinagem juvenil. Nunca fui contratada para procurar alguém desaparecido, e na hora me pareceu uma boa oportunidade de ampliar minha gama de serviços, além de que o valor que ela pagaria me tiraria das dívidas por alguns bons meses... No entanto, agora, dinheiro algum tem qualquer importância.

Ando de um lado para o outro no quarto de hotel onde Sebastian me deixou. Ou melhor, me trancou.

Quem, afinal, é esse homem? E o que ele sabe sobre mulheres presas feito bichos em porões?

Faz ao menos cinco horas que ele me trouxe para cá e saiu. Assim eu acho, já que não tenho como verificar o horário. Ele esmagou meu celular. Pela cortina, vejo que o dia amanheceu, e é a única pista que tenho. O que Sebastian esperava que eu fizesse? Era óbvio que, sozinha, eu não conseguiria tirar aquelas mulheres de lá; mal pude me esconder e sair sem ser pega. Não havia tempo a perder. Chamar a polícia foi a coisa mais racional

em que consegui pensar naquele momento.

Sento-me na beirada da cama, estalando as juntas dos dedos. Meu nível de açúcar deve estar baixo, estou sentindo a familiar fraqueza, moleza nos músculos, uma vertigem fraca. Preciso de algo doce. Quanto tempo mais ele vai demorar para voltar? E por que estou acreditando que Sebastian é uma pessoa confiável e não alguém envolvido no que fizeram às garotas?

Massageio os olhos.

Dulce, a menina que procuro, não estava entre elas, e agora tenho uma sensação bem ruim sobre o que lhe pode ter acontecido. Um post numa rede social foi a pista de seu último paradeiro: ela foi àquela boate. Depois disso, não se comunicou mais ou fez qualquer outra postagem, e isso foi há três semanas. Preciso avisar à mãe dela, dizer que não posso resolver desta vez. As autoridades devem ser envolvidas.

Droga, minha cabeça está a mil por hora, imaginando se a polícia chegou a ir à boate depois que liguei. Será que elas foram resgatadas?

Ao som da fechadura, salto em pé, em estado de alerta.

Sebastian voltou.

Ele abre a porta, insondável, e a fecha atrás de si. Aproveito esta pequena fração de minuto para reparar um pouco mais nesse homem. Aqui, na intimidade de um quarto, Sebastian aparenta ser maior em tamanho, mais alto, sei lá, e meio despojado também, do tipo garoto mau, em sua camiseta preta e jeans escuros. O cabelo castanho baixo nas laterais e mais alto em cima parece um pouco desganhado, nada grave, apenas o suficiente para deixá-lo com aspecto cansado, ainda atraente, mas cansado. Quando nossos olhos se encontram, os dele me avaliam de cima a baixo, como quem observa um pedaço de cocô em suas botas robustas, para então fechar a expressão e se tornar sério, muito, muito sério.

A peruca de cabelos loiros e lisos, pousada ao meu lado na cama, não passa despercebido por sua avaliação.

— Oi... — sou eu, covardemente, a quebrar o silêncio enquanto ele caminha para dentro do cômodo.

Sem saber ao certo o porquê, sinto-me uma criança encrencada, e detesto esse sentimento. Irmã Úrsula era mestra em fazer eu me sentir assim.

Ao mesmo tempo em que gesticula para que eu me sente na cama, ele puxa uma cadeira, vira-a e se senta com o peito apoiado no encosto e os braços cruzados. Nessa distância, tenho uma visão melhor de seu rosto. Os olhos trazem acusação, os lábios comprimidos numa linha estreita revelam o quanto está tenso.

E não para de me fitar profundamente, fixamente, até tomar uma inspiração profunda e então me interrogar:

— Muito bem, Penélope, quem é você? — seu timbre de voz é baixo, grave, potente.

Percebo que estou ereta feito um réu no tribunal. Elevo o queixo, querendo transmitir impassibilidade, embora todo o meu corpo esteja tenso.

— Responda-me primeiro. Quem é você, Sebastian, e o que tem a ver com aquilo? — minha voz, ao contrário da dele, é insegura.

O homem meneia a cabeça como quem delibera.

— Serei honesto com você, moça, e espero que tome isso como um aviso de que espero a mesma cortesia.

Assinto de leve, concordando. Posso fazer isto, sinto que posso.

— Estou ajudando a Interpol a pegar uma quadrilha de traficantes de mulheres. O dono daquela boate é o líder deles aqui na Holanda.

A sensação é de que uma bola de fogo se forma na base de minha glote. Mal posso engolir a saliva.

— Então você é policial? — meu “é” é uma acusação de que ele mentiu na primeira vez em que perguntei.

— Não. Não sou, e o porquê estou trabalhando pra eles não importa. Agora é a sua vez — é uma exigência.

Certo.

— Sou investigadora.

Ele aqueia a sobrancelha, mais atento.

— De polícia?

Cruzo minhas mãos. E, se ainda fosse possível, estufou mais o peito, estranhamente desconfortável.

— Não.

— Então...?

— Particular. Sou investigadora particular.

O espanto o deixa por dois ou três segundos sem emitir qualquer reação.

Engulo em seco.

Meu olhar cai diretamente sobre sua boca, acompanhando os primeiros movimentos dos músculos ali, bem a tempo de assistir ao meio sorriso surgindo sutilmente, daquele tipo que não sabe se ri ou bufa.

— Desculpe. — Inclina a cabeça meio de lado, apertando os olhos. — Acho que eu não entendi direito. Você é uma *detetive particular*? É isso o que está me dizendo?

— Investigadora — corrijo, enfatizando, porque não gosto do termo *detetive* — Trabalho como...

Sou interrompida.

— Detetive. Uma *detetive* estragou a missão de meses da Interpol? — indaga lentamente, como se não acreditasse em seus ouvidos. Então sacode a cabeça. — Isto só pode ser uma piada... uma maldita piada.

Com poucas palavras, estou sendo ridicularizada. Diminuída. É horrível quando alguém nos considera uma brincadeira. Já me senti assim vezes demais, fui rebaixada vezes demais, tratada como nada, e, acredite, é o pior sentimento para a autoestima de alguém.

Calor consome meu rosto, e é esse calor que me faz apanhar a peruca ao meu lado e levantar abruptamente.

— Se acha uma piada, então não há nada que eu deva fazer aqui.

Sua reação também vem imediatamente.

— Sente-se! — ordena de uma maneira fria, autoritária.

Meu corpo inteiro se torna absolutamente eriçado ante ao tom. Quem... quem ele pensa que é?

— Coma. Merda!

— Penélope, eu estou pedindo que se sente agora mesmo — o idiota se dá ao trabalho de rosnar como se tivesse alguma autoridade.

Detenho meu passo à frente apenas para encarar o fundo de seus olhos.

— E eu estou dizendo que não gosto de ser tratada desse jeito. — Aponto um dedo em seu rosto — Não fiquei aqui esperando esse tempo todo pra ouvir um cara que nem conheço debochar de mim, ok?

O sujeito me fita, mudo, penetrante. Mandíbula tensa. Noto a maneira como suas narinas se dilatam com a passagem de ar.

Ofego, inspirando em lufadas também, esperando somente que ele abra a boca e me diga qualquer coisa ofensiva para rebatê-lo.

Ele fecha os olhos.

O *cabron* simplesmente fecha e... e...

De repente, me pego esperando que os abra.

Esperando ansiosa até.

E quando o faz, parece mais frio, mais controlado.

— Desculpe — o pedido, surpreendente, parece exigir grande esforço — Você tem razão. Minha intenção não é brigar com você ou te ofender, Penélope, pelo contrário, eu quero te entender. — Sinaliza para a cama. — Por favor, sente-se e me diga quem ou o quê, exatamente, você estava procurando lá. Eu quero te ajudar.

A palavra *ajudar* carrega um quê de grande significado. Porém é a honestidade que sinto em sua afirmação, embora relutante, o que me impede de lhe dar as costas e sair imediatamente.

Droga, se eu for sincera, há algo ainda mais forte a me deter. Eu preciso saber o que aconteceu com aquelas mulheres. Não posso sair daqui sem isto.

Orgulhosa, elevo o rosto e estufa o peito alguns centímetros.

— Certo. Se você não quer brigar, eu tampouco. Mas saiba que não vou ficar aqui aceitando desaforos de um desconhecido.

Uma miríade de emoções toma seus traços. Frustração, indignação, e principalmente, enxergo também curiosidade. Sebastian, por um longo instante, apenas me olha como quem desconfia de algo... como quem vê algo pela primeira vez.

— Te dou a minha palavra — é só que diz, por fim.

Assinto devagar, estudando-o mutuamente.

Limpo as mãos nas laterais da calça, antes de, incerta, voltar a me

sentar.

— Fui contratada para encontrar uma menina desaparecida. Ela esteve naquela boate e depois ninguém mais teve qualquer informação sobre seu paradeiro.

O olhar concentrado em mim sequer pisca.

— E você é uma especialista em encontrar pessoas desaparecidas? — penso notar um traço de sarcasmo. Acho que Sebastian nem mesmo pode evitar.

Eu deveria ir embora.

— Olhe, eu já te contei quem sou. Na verdade, só fiquei aqui te esperando porque quero saber o que aconteceu com aquelas mulheres e por que você agiu daquele jeito quando chamei a polícia.

— Elas estão bem. Por pouco. Você poderia ter estragado tudo, se quer mesmo saber. — Sebastian soa direto, do tipo “quer a verdade? Tome”.

Se o objetivo dele é me fazer sentir culpada, está no caminho certo.

— Por quê? O que há de errado em chamar a polícia, afinal?

Ele semicerra os olhos, avaliando-me como quem verifica se sou confiável, ou se tenho cérebro para compreender, pelo jeito.

— Os policiais para quem ligou são corruptos. Eles avisaram o cara que estamos investigando.

A revelação tem o mesmo efeito de uma bofetada em meu rosto.

— E-eu sinto muito, realmente. Não sabia.

Em vez de aproveitar o momento e emitir algum comentário ácido, seu rosto suaviza um pouco.

— Você não tinha como saber.

Surpresa, intimamente agradeço-lhe por dizer isso. Essa história toda é muito para ser digerida. Preciso pensar com calma no que fazer, que passos dar, se é melhor contatar a mãe da menina e revelar o que está havendo. Já não tenho mais tanta esperança de ter êxito em encontrá-la.

Corro as mãos suadas pelas minhas coxas.

— Agora que vocês resgataram as mulheres e prenderam o líder da quadrilha, tenho que pensar em como descobrir o que aconteceu com a

Dulce, a menina que procuro. Ela não estava lá entre as garotas. Talvez eu deva voltar à boate e investigar mais e...

— Eu não disse que prendemos o cara.

Subo meus olhos para ele diante de seu tom.

— Não?

— Não. Sua intervenção ao ligar para a polícia deu a ele um alerta. Verhoeven escapou.

Observo Sebastian com mais cautela. Algo na forma como me encara e espera por uma reação não me faz ter uma boa intuição. De jeito nenhum. Engulo em seco.

— Bem, não importa. Preciso fazer o meu trabalho. Fui contratada para isso. — Levanto-me, fingindo uma tranquilidade que não sinto. — Obrigada por confiar em mim e me contar essas coisas. — Passo por ele na cadeira, tentando não parecer tão ansiosa para sair daqui de uma vez. — Não vou te cobrar o valor do meu celular, embora ainda não tenha entendido por que o quebrou, quando poderia ter apenas desligado, mas tudo bem...

Ele também se levanta, ágil, semelhante a um felino predador.

— Infelizmente, você não irá a lugar nenhum, moça.

Três passos até a porta. Apenas três, ou talvez quatro.

— Desculpe, eu até gostaria de ficar aqui batendo papo, mas infelizmente não posso. — E espero *en Dios* ^[12] que eu seja rápida o bastante.

Só há tempo de envolver a maçaneta entre os dedos e puxá-la quando a mão dele vem por trás, espalma-se na porta e a fecha.

— Me deixe sair, Sebastian — peço, subitamente trêmula. O coração aumenta o ritmo para algo alarmante.

— Não posso, Penélope — diz baixinho, e tenho a sensação de que está bem próximo ao meu pescoço, mas não sou corajosa para olhar por cima do ombro. Apenas sinto. Sinto o calor e a vibração vindos dele em ondas, cercando-me por todos os lados.

— Não pode por quê? — minha voz volta a ser aquela coisa áspera, inaudível até para os meus ouvidos.

— Porque você agora é meu problema. E eu cuido dos meus problemas

— cada palavra é recitada com forte sotaque russo, num timbre poderoso, sedutor, eu diria.

Capítulo 08

PENÉLOPE

Madrecita. Encosto a testa contra a porta e fecho os olhos, inspirando em lufadas, tentando compreender o que há de errado comigo por tremer tanto assim. Devo estar parecendo uma *chica tola*. Por um momento nem mesmo consigo encontrar palavras ofensivas o bastante para insultá-lo e fazer com que se afaste de uma vez da porta e me deixe sair.

— *Dios...*

Ao ouvir meu gemido abafado, pode ser imaginação, mas tenho a impressão de que Sebastian ri de mim, tão perto que quase posso sentir seu corpo vibrando com a risada junto ao meu. E isso me irrita e mortifica com a mesma magnitude.

Empertigo-me.

— *Su*^[13] *cabrón de mierda*, se afaste de mim! — ordeno mais alto e firme.

— Não me ofenda, Penélope — sussurra e então aproxima ainda mais os lábios da beiradinha de minha orelha, como se já não estivesse perto o bastante. — Eu entendo espanhol, *mi cariño*^[14] — zomba.

O idiota zomba de mim!

Aperto o trinco da porta entre os dedos ao mesmo tempo em que tento enfiar uma cotovelada no peito duro feito pedra.

— Se fala espanhol, então compreenderá quando digo, Sebastian: *aléjate de mí o yo cortaré tus testículos fuera!*^[15]

— Você não cortará nada meu fora. Agora vire-se e enfrente o que causou a si mesma — seu tom de voz, apesar de tranquilo, contém um aviso muito claro.

Levanto a cabeça e me giro para ficar de frente para ele. No processo,

acabo roçando em seu abdômen. O sujeito é grande, largo, forte, intimidante. Devagar, aspirando coragem, subo meus olhos de seu tronco para o maxilar bem talhado feito uma escultura, preenchido com uma barba baixa, porém, sem falhas. Os lábios dele – macios, infelizmente sei que são – estão unidos numa linha. Encaro seus olhos levemente apertados, fixamente prendendo os meus.

— Não posso te deixar sair, Penélope — informa num timbre franco que até parece um pedido de desculpas ou algo como “eu detesto isso, mas infelizmente terei de fazê-lo”.

— Por que não? — indago baixo, sem desviar meu olhar.

Ele inspira fundo. O peito sobe e desce, mostrando os sinais da exaustão que vi em seu semblante quando entrou neste quarto.

— Porque, a essa altura, se eles ainda não sabem quem você é e o que fez, saberão em breve. É uma questão de tempo até te encontrarem.

Eles. Os bandidos que prenderam aquelas mulheres. Entretanto, essas pessoas não têm como saber quem sou ou o que estou fazendo, fiquei invisível pelos últimos dias, disfarcei-me, aposto que nem mesmo me olharam de verdade para sequer gravar meu rosto.

— Você disse seu nome ao telefone — Sebastian ressalta, provavelmente deduzindo meus pensamentos.

Sim, eu não lembro, mas com certeza disse. Balanço a cabeça, aceitando meu erro.

— O que você sugere que eu faça? Digo, você acha mesmo que vou me esconder enquanto alguém que procuro ainda está desaparecida lá fora?

Ele inclina a cabeça de lado.

— Se prefere pensar que estou te dando uma escolha, sim, é exatamente o que acho.

Argh!

— Homem, ao menos está se ouvindo? — Gesticulo com a mão. — Eu nem te conheço. E o que está dizendo é que quer me manter aqui contra a minha vontade. Isso é crime e... pelo menos no meu país isso é crime. Sequestro é sequestro em qualquer lugar do mundo, afinal. — Percebendo que nada parece afetá-lo, vou mais fundo. — Vamos lá. Por

favor, me explique. Por que importa a você o que farão ou deixarão de fazer comigo?

E aqui, pelo jeito, cheguei ao ponto. O sujeito mexe no alto dos cabelos e balança a cabeça como se eu fosse um calo desagradável em seu pé, um inconveniente.

— Você acha mesmo que eu ficarei aqui trancada de bom grado, Sebastian? — Aponto para a suíte atrás dele, insistindo.

— Não ficará.

Paro meu discurso pronto, na ponta da língua.

— Não? — Sinto haver uma armadilha daquelas bem grandes, prontinha para me engolir.

— Não — responde simplesmente.

Semicerro os olhos.

— Ótimo. Então estou indo — apanho o trinco às minhas costas.

— Você não ficará aqui, Penélope. Irá comigo para longe, até localizarmos Verhoeven.

Ora essa! Tenho de rir. Um riso fraco, amarelo, ligeiramente histérico.

— Bem, você quase me pegou... — sacudo a cabeça afirmativamente, passando os dedos pela testa, sobre as gotinhas de suor frio — Na verdade, tô até meio impressionada com seu senso de humor, sabe?

Ele também sorri preguiçosamente, muito charmoso.

— Não estou brincando, moça.

Espreito-o com cuidado.

— Não?

— Tsc tsc.

É, ele não parece mesmo estar brincando, ao contrário, aparenta uma calma muito sinistra, como se não tivesse qualquer problema em estar aqui em sua bela figura me informando sua intenção descabida de me levar a Deus sabe onde.

— Olhe, Sebastian, sei que está querendo me ajudar, mas realmente não preciso da...

Ele me corta:

— Sou sua única chance, Penélope.

A expressão em seu rosto é bastante significativa, contém a seriedade de quem espera mesmo que eu reflita. Contudo, basta olhar mais atentamente, e sei que Sebastian não está satisfeito. E é aí que não faz sentido. Eu não entendo qual sua motivação em querer me ajudar, quando está claro que mal me suporta. Assim como eu também não vou com a cara dele, verdade seja dita.

— Por quê? — sussurro as duas palavrinhas que dizem tudo, que o desmascara.

— Volte a se sentar. Há algo que quero que veja.

Respiro fundo, correndo os olhos pelo quarto simples de um hotel discreto às margens do Rio Amstel.

— Tudo bem... — declino, ciente de que, sem isso, não sairei daqui.

Ele não se move da porta até que eu esteja sentada na borda da cama, ereta. No meu íntimo, desconfio de que Sebastian é um daqueles homens dominadores, no sentido não ortodoxo da palavra. A ideia gera um desconforto em meu corpo. E acho que ele percebe, pois sorri, oblíquo, achando graça de algo que encontra em mim. Provavelmente minhas estúpidas bochechas coradas pelo pensamento.

Situação exasperante.

Retirando-o do bolso, ele me estende um celular grande de uma marca que não conheço.

— Que bom que o seu permanece intacto — alfineto.

— Passe as fotos — ordena.

E o faço, para assistir a imagem após imagem, cenas terríveis de mulheres amarradas em posições degradantes diante da câmera, corpos mutilados por lâminas, marcas de fivelas de cinto, queimaduras, jovens dispostas feito objetos, ajoelhadas, caídas, sobrepujadas. Dezenas delas. Meu estômago se contorce violentamente.

— Verhoeven as usa para seus jogos, quando não as leiloa a sádicos piores — a voz de Sebastian parece distante em meus ouvidos.

— *Madre de Dios...*

— Algumas delas foram pegas ao acaso, outras são das famílias de inimigos, que ele faz questão de capturar e torturar para então as devolver (quando devolve) quebradas, menos do que nada.

— Por quê? — sibilo, atordoada, de forma retórica.

No entanto, Sebastian responde assim mesmo:

— Por maldade, prazer, poder, diversão. Quem pode explicar a mente de pedaços de lixo como ele?

Subo os olhos para fitá-lo. Seu rosto contém traços tensos, mascarados numa falsa passividade.

— Dulce? — questiono.

Um pequeno repuxar em sua boca avisa que o que dirá também não o agrada.

— É provável que estivesse na hora e lugar errados.

Balanço a cabeça, assentindo. Não estou concordando, estou assimilando.

— Ela pode estar presa com ele...

Ou morta, é o que sua seriedade responde.

Devolvo-lhe o celular, enojada. O que eu faço agora? Volto para a Espanha e digo a verdade à mãe dela? Aviso às autoridades de lá que uma cidadã espanhola pode ter sido sequestrada ou até mesmo estar morta na Holanda?

— Não sei o que fazer...

— Há outra coisa que quero que veja.

Um mau pressentimento me alerta sobre o repentino modo cuidadoso que ele usa para alguém que vem jogando verdades de maneira rude sobre mim. Noto o enrijecer de seus ombros, bem como a pressão que se concentra na forma como aperta o maxilar. Seja o que for, não parece bom.

Trata-se de uma foto tirada de algum jornal. Não entendo, a princípio, o que ele quer que eu encontre.

Pego o celular de volta e verifico a matéria. O título diz: “Usuária de drogas encontrada morta no subúrbio da cidade”. Estou prestes a lhe

indagar... até que identifico a roupa e os cabelos tingidos de vermelho vibrante em meio ao rosto desfigurado.

Minhas pernas enfraquecem na mesma hora. Tudo escurece. A ventilação se torna escassa dentro do quarto.

— Não pode ser!

É Annie, a garota que me arranhou trabalho na boate.

— Foi tirada há poucos minutos.

— Não...

Quando cheguei a Amsterdã, eu a segui de manhã cedo, na saída da boate, e fiz parecer que nosso encontro na estação de metrô foi ao acaso. Aproximei-me dela fingindo ser imigrante desesperada por emprego e com experiência em me vender também. Ela me ajudou, sem saber, a me infiltrar e agora está... morta.

Tremendo de maneira visível aos olhos, aumento a imagem e leio a matéria. Não fazem nenhuma ligação entre ela e a boate, apenas a caracterizam como garota de programa no subúrbio. Dizem que a morte ocorreu às 3h da manhã... mas eu a vi durante a noite. Ela estava fazendo *pole dance* em um dos palcos, acenou para mim por volta das 23h, minutos antes de tudo acontecer.

— Vi você conversando com ela, Penélope.

Sua voz está outra vez distante aos meus ouvidos, mas sinto acusação, ou uma necessidade de confirmação.

— Ela me ajudou a conseguir o emprego...

— *Yeb vas!* — ele grunhe. — Então *sabem* quem você é.

Deus, eu sou responsável pela morte dela!

Cubro o rosto com as mãos para que ele não testemunhe que, pela primeira vez em muitos anos, vejo-me diante de uma vontade insuportável de chorar. Tudo queima, tudo dói numa velocidade assustadora, principalmente meu coração. Ela só quis me ajudar. Eu não posso acreditar que isso aconteceu! Culpa – um sentimento que até então eu nunca senti tão intensamente – come meu interior feito soda cáustica.

— E-eu provoquei isso... — remorso pesa em cada letra, fazendo doer a

língua, lábios, músculos, tudo.

Nunca vou me perdoar. Uma vida por outra vida, foi isso o que fiz, sem ter qualquer direito. A morte de Annie está sobre mim agora, pesando em meus ombros. Alguém gentil, astuta, lutando para ganhar a vida e sobreviver, nem um pouco diferente de mim mesma. Ela só queria viver, e dei-lhe justamente o oposto. O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz?!

Incansavelmente escutei no convento que o peso de nossos pecados é cem vezes o peso de nosso corpo, e agora eu o sinto. Sinto a sensação de esmagamento, de sufocar e mergulhar tão fundo que vai além do chão.

Surpreendendo-me, braços quentes e fortes me envolvem por toda a parte. Sou levantada e trazida para o peito rígido sem poder me debater, ao mesmo tempo em que o timbre de voz controlado chega aos meus ouvidos:

— São os efeitos colaterais, Penélope. Você não tinha como saber.

— Eu a matei...

Sebastian afasta meu cabelo para trás de um modo gentil que não espero dele e ergue meu rosto tocando-me o queixo para encará-lo.

— Ouça o que tenho a dizer. — Olhos vivos, intensos, prendem os meus.

Não tenho coragem de encará-lo. A culpa não permite. Nunca demonstrei fraqueza diante de outra pessoa, mas com ele simplesmente não me importo. Covarde, observo a cadência do músculo pulsando em sua têmpora.

— Quero te fazer uma proposta. — O hálito quente passeia por minha pele.

E, no meio de toda a culpa e uma pressão horrível na garganta, sinto que estou bem perto de terminar de afundar de vez em algo imenso e incontrolável.

— Que proposta?

— Venha comigo e te ajudarei a encontrar a menina que está procurando.

Nossos rostos estão a menos de trinta centímetros de distância. Minhas mãos seguem pousadas em seu peito, sobre a camiseta preta cheirando a amaciante e um perfume gostoso, masculino. As dele também em mim. Sebastian tem a cabeça inclinada para baixo, e eu, para cima, no meio termo

entre nossas alturas. E sinto que este é o momento mais íntimo que já dividi com alguém.

— Por que está fazendo isso por mim? Por que quer me proteger, Sebastian? — preciso saber. Há algo nas profundezas de seus olhos tão oculto e perturbador que me impele a querer compreender.

Depois de alguns segundos num silêncio sombrio, penso até que não me responderá, mas ele o faz, numa voz sem emoção, vazia:

— Falhei no passado. Não posso aceitar isso acontecendo outra vez.

Sem qualquer explicação, sua fala me afeta. Afeta de verdade. Há tanta mágoa e dor escondida nele que me identifico, sinto que compartilhamos algo e, ao mesmo tempo, vejo Sebastian como uma figura distante, inatingível.

Capítulo 09

SEBASTIAN

Há decisões que tomamos que são realmente uma merda para compreender quando temos a oportunidade de raciocinar direito. No caminho todo de volta ao quarto de hotel (depois de uma noite em que a palavra ruim nem de perto definiria), fui me questionando sobre o que fazer com a mulher que inacreditavelmente ferrou com uma operação de meses da Interpol. Eu disse a mim mesmo, não uma vez, mas repetidamente: “essa *dyévatchka*^[16] não é seu maldito problema, cara. Livre-se dela”. E, pelo jeito, tenho dificuldade de seguir meu próprio conselho, ao que parece.

Uma bisbilhoteira encenqueira que se autodenomina investigadora particular. Nem posso acreditar.

Sentado na poltrona de couro do jato particular de Gael, descanso o braço no apoio e pressiono os nós dos dedos contra a boca, evitando emitir uma risada estúpida. Se eu me permitisse rir, seria de mim mesmo por me meter numa situação assim.

— Contou a ela para onde estamos indo? — Elliot pergunta, apontando com o queixo para a mulher desmaiada na poltrona em frente, boca ligeiramente aberta roncando baixo de um modo que, eu apostaria um braço, ela negará até a morte ter feito.

Massageio a têmpora, realmente cansado. Faz pelo menos 72 horas que não durmo.

— Não. Achei melhor ela descobrir quando estiver lá. Tenho um pressentimento de que não gosta muito da nossa terra — meu tom de voz demonstra que não dou a mínima para o que ela dirá, mas, no fundo, já estou me preparando para suas ameaças de arrancar minhas bolas.

Mulher detestável.

De esguelha, pego o idiota observando com apreciação a menina

adormecida. Conheço o puto muito bem, Penélope é o tipo de mulher que o atraindo. Gostaria de alertá-lo sobre o gênio assassino da doce detetive. No entanto, sinto que me divertirei mais ao lhe assistir descobrir por conta própria.

— Você não deveria ter permitido que ela misturasse os comprimidos com a vodka.

— Penélope disse que tinha medo de avião. — Dou de ombros e então o encaro sem qualquer humor, diminuindo meu tom para que nenhum dos caras nos escute quando confirmo minhas suspeitas sobre seu interesse: — Fique longe dela.

Vejo na expressão dele o interesse repentino em mim e trato logo de dissuadir:

— A garota agora é nosso problema, só não quero que ela crie fantasias a respeito da ajuda que lhe estamos dando. E pare de rir, imbecil.

— Eu me pergunto o que a velha Zhena achará da nova hóspede.

Respiro fundo. Elliot tem razão. Não pensei muito bem ao decidir trazê-la para casa comigo. Acho que a ver – mesmo que por pouco tempo – tão vulnerável acabou atrapalhando meu julgamento. Não sou o cara bonzinho que consola a garota em lágrimas, mas havia algo nela, na maneira de repente frágil, em como baixou a guarda na minha frente e se mostrou abalada com a morte da dançarina, que mexeu comigo. Sei o que é se sentir culpado por algo, o que é ser incapaz de proteger alguém.

Penélope é durona. Isso é um fato que não se pode contestar. Contudo, essa é justamente a sua maior fraqueza, ela subestima o mundo. Talvez os anos em um orfanato a tenham forçado a agir dessa maneira, a se autoconsiderar invencível. Li sua ficha – ou a parte dela que o sobrenome Molina revelou –, ela passou dos cinco aos 14 anos vivendo com freiras, e posso imaginar que tipo de criação recebeu. Todavia, o mundo é ainda pior; não saber disso a deixa em desvantagem.

Realmente, não revelei para onde estamos indo. Algo me diz que, se ela soubesse, não viria comigo. O destino não faz diferença, no final das contas. Eu prometi que a ajudaria a encontrar a tal garota desaparecida. Vir comigo é o preço que cobrei, ela aceitou, e isso basta. A verdade é que, se Penélope Molina estiver fora de cena, teremos mais chances de obter sucesso. A infeliz

é um desastre prestes a irromper, e desconfio que parte disso se dê em função da composição espanhola de seu sangue; a torna passional demais. Um exemplo é o maldito carro ovo que tive de prometer levar para o local aonde iremos. Ed não gostou nada da ideia de ter de planejar o transporte. Eu, no lugar dele, lançaria aquela coisa medonha no oceano e culparia a empresa responsável.

Confiro o relógio. Já faz quase duas horas que estamos no jato. Vim me sentar na esperança de tirar um cochilo, mas é impossível. Não consigo tirar os olhos da encenqueira. No começo, preocupado com sua ingestão de dois comprimidos para enjoo – que Bola mantêm em todas as viagens – e a bebida alcóolica mais forte do planeta – boa e pura vodca russa; depois, porque há algo de engraçado em vê-la dormir. Assim, de guarda baixa, posso enxergar detalhes que não registrei antes. O rosto suavizado a faz parecer mais jovem. Há sardas nas maçãs do rosto e na ponta do nariz arrebitado. Os cabelos castanhos compridos, mesmo agora parecendo um ninho de passarinhos, são muito melhores do que todas aquelas perucas ridículas. A mulher é atraente de um jeito muito peculiar.

Nahuí. A ausência de sono está me fazendo mal, é a única explicação.

Levanto-me da poltrona, alongando o pescoço de um lado para o outro.

— Vou ver se o puto do Gael não dormiu. Não confio no cara — zombo para Elliot antes de me ver livre da imagem da dorminhoca que ronca como um trator velho.

O jato tem um bom tamanho. Seu interior revestido de couro bege foi uma escolha de Gael quando o comprou há alguns anos, ao deflagramos nossa missão. Pensei que, com a conclusão da caçada aos assassinos de sua família, ele se desfaria da aeronave, mas, para minha sorte, manteve-a.

— Você está ficando velho demais para guiar esta coisa. — Escoro-me à porta da cabine.

Gael me lança um olhar agudo por cima do ombro e, porra, toda vez que confronto seus olhos, inevitavelmente penso em Lara. O azul-esverdeado excêntrico, diferente de qualquer outro que eu já tenha visto, lembra-me de tudo o que não tenho mais... e essa merda dói.

Finjo um sorriso sem culpa, enquanto, por dentro, meu peito é outra vez esmagado sem piedade. Cheguei a evitar o cara desde que voltamos para a

Rússia justamente para não mergulhar nas lembranças da irmã dele. A pior parte disso tudo é que a diferença entre os olhos dela, que continham vida e a promessa de um futuro, e os dele, que, apesar de recomeçar ao lado de Priscila, demonstram um lado escuro e sombrio do cara, é causada justamente pelo modo brutal como Lara foi tirada de nós.

— E você, velho demais para bancar o herói, Sebastian — o bastardo está debochando de meu pedido de que liberasse a aeronave com urgência.

O fato é que eu precisava tirar a detetive boca-suja da Holanda o mais depressa possível. Não confio que ela permaneceria segura lá.

Sento-me na poltrona ao lado da dele.

— Não lembro de pedir que você viesse pessoalmente. Se não me engano, eu disse que um dos pilotos do hangar traria a aeronave, como tenho feito nos últimos meses. — Encaixo os fones nos ouvidos e os ligo no painel, por distração.

O imbecil sorri daquele jeito sarcástico.

— E perder a razão de você querer sair de lá tão depressa? — Arqueia a sobrancelha negra.

Finjo que não peguei no ar a insinuação. Porém, Gael faz questão de não deixar o assunto morrer. Talvez seja sua vingança por todas as vezes em que já peguei em seu pé.

— Por que ela é tão especial?

— Ela não é — respondo indiferente.

— Pois parece que sim. Você até a dopou para ter certeza de que viria junto.

Yeb vas!

Mexo nos botões do painel. Sei que isso o incomoda. Porém, não hoje, pelo jeito.

— Eu não a dopei. Você ouviu o que ela disse. A mulher não gosta de aviões.

— Eu ouvi bem o que ela disse... — resmungo alto, debochado.

Priscila tem deixado esse cara com um humor bastante duvidoso para o meu gosto. É claro que ele está se referindo ao showzinho de Penélope antes

de cair no sono. A mulher ficou nas pontas dos pés, apertou minhas bochechas e disse, sob o efeito da mistura de remédios e álcool: “você tem cara de mau, Sebastian, mas eu sei que é um amorzinho”. E ficou repetindo isso, entre outras coisas, até adormecer. Amorzinho? Pff. De onde foi que a infeliz tirou isso?

— O que deu errado? — dessa vez sua voz vem mais baixa, mais sombria, revelando o verdadeiro Gael.

— Nosso alvo fugiu. Ele acha que essa mulher tem algo a ver com a operação e a está caçando.

— E quanto a você?

Semicerro os olhos.

— Eu o quê?

— Quanto você foi comprometido na missão?

Balanço a cabeça, como se dissesse “tanto faz”.

— Não sabem sobre nós. Agimos infiltrados. Talvez por isso tenham focado nela.

— Tenha cuidado.

— Sempre tenho.

Depois de algum tempo na cabine, tenho de voltar ao assento e me preparar para o pouso, que acontecerá em pouco tempo. Da porta, eu os ouço. Primeiro uma gargalhada de Elliot, diferente do que me acostumei a ouvir, e depois a voz dela. Acordada, ela fala num tom baixo demais para ser ouvida de onde estou, mas é algo que os faz inteiramente atentos, inclusive Bola e Ed. Conforme vou me aproximando, escuto o fim da conversa.

— ...ele bateu com aquele pé de cabra até o notebook virar pó. E eu permaneci lá, no canto da sala, segurando o *teaser* para caso ele tentasse se aproximar de mim, mas, é claro, fiquei rezando para que aquela coisa estivesse carregada, pois, vocês sabem, eu nunca havia usado, não é?! Quem me vendeu a arma de choque foi o senhor Zhang Yimou, meu senhorio, que a trouxe direto da China.

Os bastardos riem alto, encantados por ela.

— Quando ele saiu, eu enviei as imagens da traição para a esposa pelo

meu telefone e disse que ela me devia um computador novo. O *pendejo* achou que, quebrando o notebook, destruiria as fotos! Vê se pode!

Bando de babões. Eu poderia dizer que estão pensando “minha nossa, como essa mulher é valente!”. No entanto, conheço-os bem para dizer que estão olhando para todas as curvas do corpo da encrenqueira e imaginando como seria despi-la.

— Pelo jeito, a detetive particular está contando um pouco sobre seu trabalho perigoso — provoco-a, caminhando para meu lugar; minha voz, contudo, sai com um incomum desagrado. E nem mesmo sei por que (entre tantos motivos que essa mulher me deu) é justamente a sua exibição para os imbecis que me deixa assim.

Ela percebe, astuta como é. Franze o cenho por dois ou três segundos e sorri daquela forma doce de quem me mandará comer merda. Tão previsível.

— Estou contando a eles que essa não é a primeira ameaça de morte que recebo — revela orgulhosa.

Uma boa atriz, é isso o que é. Vi o medo em seus olhos quando revelei no que havia se metido.

— Acho que já ouviram o bastante. — Encaro cada sujeito com um aviso no olhar. — Deem o fora, vamos pousar daqui a pouco.

Ao me ouvir, Penélope perde ligeiramente a cor. Então aviões são seu ponto fraco, hein?

— E você, acredito que já esteja descansada o bastante, não? — sento-me na poltrona à sua frente enquanto ironizo.

Apostaria outro braço que essa expressão de insolência em seu rosto se dissipará no instante em que tiver um vislumbre de seu cabelo armado e a marca de baba fina saindo do cantinho da boca larga. Adorável. A infeliz parece adorável assim, repousada.

— Elliot me disse para onde estamos indo. — Ela me fita acusatoriamente.

Lanço um olhar ao imbecil que o faz saber o quanto quero socar sua cara. Eu é que gostaria de ter contado a ela.

Elliot abre as mãos espalmadas para cima.

— Ela me perguntou — a parte do “não pude fazer nada” fica

subtendida.

— Você deveria ter me contado, sabe? — a mulher diz.

Relaxo na cadeira, ao menos exteriormente, preparando-me para a guerra.

— Esse tom compreensivo não combina com você, Penélope — comento.

As suas sobrancelhas sobem de surpresa e rapidamente descem, como se ela tivesse sido desmascarada.

— Tem razão. Quero, na verdade, socar essa sua cara convencida de *mierda*, mas tem sido assim desde que te conheci, então... — encolhe os ombros — já não é novidade, é?!

Elliot, o puto, ri (de mim, é claro). Penélope se infla, outra vez orgulhosa de si mesma. A descarada está se exibindo para ele.

— Saia. Quero conversar com ela — cuspo para o cara na poltrona ao meu lado.

Balançando a cabeça, adorando a audácia da mulher, Elliot se levanta.

— Vou me aliviar, Loupe, já volto — até a maneira de ele falar parece gentil demais.

— Tudo bem, estarei bem aqui — a infeliz brinca de volta.

Espero ele sair e me inclino para frente. Descansando os antebraços nos joelhos, fico muito perto dela. Minha intenção não é parecer intimidante, mas acho que é preciso colocar algumas coisas às claras entre nós, impor algum respeito.

— *Loupe*? — indago, curioso.

— Sim, esse é o meu apelido para os amigos. — Levanta um dedo roliço em minha direção. — Somente para os amigos.

Sorrio como um lobo para que ela perceba em que está metida.

— Elliot não é seu amigo, Penélope. Nenhum de nós aqui é.

— Elli é, Sebastian. Você, não.

Ela deu um apelido ao cara, é sério?

Eu poderia calar essa sua boca provocadora de um jeito que a deixará

desconcertada. No entanto, o efeito colateral poderia ser Penélope criando fantasias espanholas passionais a meu respeito, e isso é tudo o que não quero.

— Ótimo. Não quero ser seu amigo. Agora, sobre nosso destino. Estou surpreso que não tenha dado um chilique por saber que está indo para a Rússia comigo.

— *Com todos vocês, você quer dizer.*

— Comigo, pois fui eu que te trouxe e é comigo que ficará.

Uma de suas sobrancelhas castanhas sobe, querendo compreender o que quero dizer. Pretendo levá-la à casa da velha Zhená, minha avó. Estou rezando para que essa mistura de duas mulheres malucas funcione. Tenho um apartamento na cidade, no entanto, eu jamais permitirei que Penélope ou qualquer outra mulher entre lá. Aquele lugar é onde Lara e eu moramos juntos. Nossas memórias estão por todos os lados da casa, a ideia de outra pessoa invadindo isso me mata.

Penso visualizar um rubor cobrindo seu rosto. Penélope mal sabe disfarçar os pensamentos que tem. Foi assim naquele quarto de hotel, quando me olhou de baixo para cima e se tornou rubra.

— Não se preocupe — sinto necessidade de esclarecer. — Você se hospedará na casa de minha avó.

— E você?

— Também.

— Hum — e soa como “que droga ter de ficar com você”. Então é a sua vez de se inclinar para frente. — Para seu conhecimento, Sebastian, não sou dada a “chiliques”, ok?

— Tampouco eu sou “amorzinho”, Penélope — provoco.

A expressão vazia explica que ela não se lembra do que disse há algumas horas, no centro da aeronave, grogue.

— Não. Não é mesmo — afirma, convicta.

Meus olhos, distraídos, acabam mirando seus lábios. São largos, carnudos. Tudo nela é exageradamente ampliado. É assim com os seios, as pernas, o quadril... e a maldita bunda. *Nahuí!*

— E, para que fique claro — levanta o queixo daquele modo atrevido

—, não reclamei de me levar para a Rússia porque sei que me ajudará a encontrar a Dulce. Fizemos um acordo. O erro foi meu de não verificar as regras desse tratado antes, mas tudo bem, me lembrarei disso na próxima.

Aceno, aceitando o desafio implícito.

De repente, ela se desarma.

— Quantos dias você acha que precisarei ficar com você, Sebastian? Dois, três?

Lambo os dentes vagarosamente, num deleite por quebrar sua ilusão.

— Temo que nossa convivência terá de durar um pouquinho mais, *Loupe*. — Volto a me encostar na poltrona despreocupadamente. — Já que estou te levando para a casa onde nasci e fui criado, acho que posso me considerar um amigo, não?

O olhar ultrajado que me dá é impagável e acaba afastando um pouco do temor que eu tinha sobre a decisão de trazê-la comigo. Sinto que Penélope é um bom desafio e, do modo certo, acho que será divertido domar seu gênio insolente.

— Seus pecados sempre serão cobrados, Penélope... — tenho a impressão de ouvir seu resmungo descontente mais para si.

Capítulo 10

PENÉLOPE

Rússia.

Quando eu tinha por volta dos oito ou nove anos, meu passatempo preferido – ou o único – era ficar na janela observando os veículos que entravam no pátio através daqueles portões enormes e velhos de puro ferro. Eu tentava imaginar que tipo de pessoa estava chegando, o que ela estaria fazendo ali, se poderia, quem sabe, ser uma família com a intenção de adotar alguma de nós. Enfim, eram momentos de grande expectativa e uma boa distração. Com o tempo, eu meio que criei um perfil de motorista para cada tipo de veículo: havia os funcionários da prefeitura, que vinham uma ou duas vezes por mês, em carros pequenos e quadrados (como eles próprios); casais com interesse em ver as crianças, em sua maioria, chegavam em veículos utilitários, com espaço nos bancos de trás (era quase uma regra); fornecedores vinham em furgões; o padre, em um carro comprido (tão comprido quanto o tamanho do seu nariz).

Todavia, devo admitir que nunca vi um automóvel mais a cara do dono do que o de Sebastian: uma picape preta de vidros escuros, cabine dupla, rodas altas, grande, imponente e intimidadora, que os torna um a extensão do outro. Quase posso entender sua aversão ao meu carro.

— É aqui — ele diz tranquilamente ao desligar o motor. A voz é grave, baixa, distante.

Depois que desembarcamos no hangar, cada um dos homens assumiu seu próprio automóvel e tomou uma direção. Vim com um Sebastian silencioso ao meu lado durante os trinta minutos até aqui. Tenho quase certeza de que a ausência de uma conversa entre nós se deva ao

arrependimento. Tanto meu quanto dele, que fique claro. Eu nunca deveria ter seguido essas pessoas para outro país, não foi prudente. Bem, e quantas decisões prudentes eu tenho tomado, afinal?!

E ele também está percebendo que essa resolução foi ruim. Notei pelo modo como segurou o volante, como evitou me olhar, seus ombros pareceram tensos. Sei que eu deveria dizer alguma coisa, mas, sei lá... acho que não estou sabendo como agir.

— Sabe, Sebastian, você não precisava ter me trazido... — começo dizendo a melhor coisa em que consegui pensar, com cuidado. Não quero começar uma guerra de quem dá a resposta mais atravessada ao outro.

Então finalmente recebo seu primeiro olhar, que vem atento e profundo. Droga, isso, de um jeito incompreensivo, mexe comigo, faz-me tomar um fôlego e interromper a respiração, à espera do que virá.

Uno os dedos das mãos sobre o colo para não estalar as juntas, enquanto noto suas narinas se expandirem sutilmente com a passagem de ar, como se precisasse de todo o oxigênio possível antes de abrir a boca.

— Já conversamos, Penélope. Ficar aqui é sua melhor chance de não ser encontrada enquanto localizamos Verhoeven. — Seus olhos castanho-escuros estão tão ligados aos meus que preciso desviar, sentindo-me estranhamente exposta.

— Sim, eu sei. Só... não gosto da ideia de ser um caso de caridade de alguém — sou sincera ao dizer.

— Não é — afirma... e se cala por alguns segundos, até voltar a falar num tom mais baixo, quase que um lembrete: — Além de que, sua estada será por pouco tempo, você não tem de se preocupar.

Percebo que é importante para Sebastian reforçar que não ficarei muito tempo. O que é melhor, na verdade. Desde que completei 18 anos, tenho vivido por minha conta e me orgulho de ser assim. A liberdade é algo que teve um preço muito alto, não me foi dada de graça. E algo me diz que, o quanto menos eu ficar ao lado desse homem, melhor será para mim.

O silêncio volta a se fazer, e é quando me dou conta de que estamos em frente à casa de sua avó. Olho pela janela e... por alguns instantes, simplesmente me calo para contemplá-la. Estamos diante de uma casa que a

palavra singular definiria muito bem. Meus olhos percorrem os detalhes com completo fascínio, a começar pelo formato triangular da frente, imitando um pequeno castelo. A estrutura de dois andares tem detalhes trabalhados por toda a parte. Os beirais de madeira no teto são esculpidos formando ramos muito cuidadosos e simétricos, no que parece ser um trabalho delicado, manual, pintado em tom de azul-claro e creme. As três janelas da frente, no segundo andar, têm arabescos desenhados nos vitrais, semelhante a uma bela obra de arte para quem vê da rua. O andar de cima é feito de madeira, já o térreo, de tijolinhos vivos. Um gramado longo e bem verdinho vai da rua até a porta de entrada, um caminho comprido revelando o tamanho do quintal.

— Minha nossa...

— Ela me faz cortar a grama do jardim sempre que estou na cidade — a voz de Sebastian vem outra vez distante, simplesmente entra pelos meus ouvidos, mas não falo nada, focada na casa como estou.

É claro que noto a reverência na forma como ele se refere a avó. Ele gosta dela, mais do que quer que saibam. Minha curiosidade em conhecê-la, de repente vira medo. Passo a me preocupar com o que a senhora pensará sobre mim, se a agradarei... Caramba, mal me reconheço. Há muitos anos tenho simplesmente pouco ligado para a opinião alheia, e agora me pego querendo ser aceita.

— E se ela...?

— Se ela o quê? — interesse preenche sua pergunta.

Elevo o queixo e volto a encará-lo.

— Se ela não gostar de me receber como hóspede? — é claro que não lhe darei minha insegurança de bandeja.

Sebastian sorri, acho que é a primeira vez em que é apenas um sorriso, leve, simples, sem toda aquela malícia ou provocação, o que, não deixo de notar, o torna um *cabrón* lindo de doer.

— Acredite, a velha está ansiosa por sua chegada... — é tudo o que diz, misterioso, parecendo esconder de mim algo de suma importância.

Bufo, gesticulando um “ah, qual é?”.

— Por favor, não me diga que sua avó é uma senhora odiosa e que me trazer aqui é seu meio de se vingar de mim — brinco, implorando para que

ele ria também e descarte a possibilidade.

O idiota comprime os lábios, reprimindo a risada.

— Desça, venha ver com seus próprios olhos.

Abrimos as portas ao mesmo tempo. O veículo alto me obriga a dar um pulinho até o chão, não que eu seja uma flor delicada e pequena, muito pelo contrário. Sebastian contorna o carro, mas não vem até mim. Vai ao fundo da picape. Ando até ele a tempo de vê-lo retirando uma mochila e a lançado sobre o ombro, para então pegar... oh, não... pegar a minha mala de rodinhas, velha e colorida, grande o suficiente para guardar um cadáver caso um dia seja necessário.

— Mas como é que...? — Aponto para ela.

— Ed a pegou na casa-barco que você alugou — pelo tom usada em “casa-barco”, noto a desaprovação.

— Pegou? Entrou lá e pegou *todas* as minhas coisas? — Minha cabeça está de lado, fitando entre ele e a mala.

Sebastian me observa com mais interesse.

— Sim, todas as suas coisas.

Penso no que significa “todas as minhas coisas”, incluindo roupas velhas de dormir e lingerie de tamanho extragrande. *Por el fuego del infierno*^[17]... nem sei o que é pior, ficar sem elas ou ter um homem as xeretando!

— Primeiro, meu carro, depois invadiram minha casa... — Balanço a cabeça, evitado que ele veja a mortificação me comendo viva. — Nem sei o que pensar sobre sua gangue, Sebastian...

— Pois veja se não é o *vnuk*^[18] mais ingrato desse mundo no meu quintal! — uma voz feminina enérgica me surpreende por trás.

Viro-me quase num salto apressado para me deparar com uma mulher baixinha, vigorosa, cabelos grisalhos grossos trançados para trás. As mãos colocadas na cintura e o batuque do pé direito, dentro de uma sapatilha colorida, contra o chão indicam impaciência. No entanto, quando encaro seu rosto, é o sorriso que me faz sorrir também. Algo caloroso, receptivo.

Tateando o bolso do avental preso ao corpo, ela retira os óculos de grau

com uma armação redonda que cobre boa parte do rosto.

— Preciso ver bem a cara do meu neto displicente e da linda moça que ele trouxe para me visitar.

Através das lentes grossas, os olhos dela se tornam duas bolas imensas. Valha-me *Dios!* Estou certa de que verá até mesmo os poros abertos de minha pele. E não é força de expressão, a mulher realmente lança um escrutínio por mim. As linhas ao redor de seus lábios formam algo parecido com um código de barras quando faz um beicinho corroborando a análise.

— *Ia, ia...* — Volta a sorrir gradativamente, o prazer dando vida às suas bochechas salientes. — Até que enfim...

— Pare com isso, *babushka* — Sebastian repreende. Contudo, usa um tom que o faz parecer um homem diferente na presença dela, mais jovem, livre daquele ar sombrio de sempre.

Observo-o com curiosidade, muita curiosidade. E ele percebe. Semicerra ligeiramente os olhos, desafiando-me a dizer o que quer que eu tenha pensado em voz alta.

— Essa aqui é a Penélope, de quem falei por telefone.

Limpo a mão na calça, dou dois passos em direção à mulher e estendo a mão num cumprimento.

— É um prazer conhecê-la, senhora...? — tento buscar na mente se ele me revelou o nome dela.

A mulher gesticula um “deixa disso” antes de pegar minha mão.

— Você pode me chamar de *babushka* — com surpreendente força para alguém de sua idade, sou puxada para um abraço. — Aqui sou sua *babushka*, Penélope — repete satisfeita.

E eu a abraço de volta com a mesma vontade, gostando do calor e da sensação de seus braços ao meu redor. Não me lembro de ter recebido um abraço assim em toda a minha vida. Ao nos soltarmos, vejo o regozijo brilhando em cada parte de seu rosto.

— Sua namorada é linda, Seb!

— Não somos...

— Ela não é...

Negamos ao mesmo tempo e nos calamos ao perceber isso, evitando o olhar um do outro.

Os olhos iluminados dela nos escaneiam, enquanto as mãos se unem como numa prece, encostadas ao peito.

— Ah, vocês jovens... — Balança a cabeça do tipo que acha saber algo que “nós jovens” ainda não sabemos. — Venha, vamos entrar, preparei um bom lanche para vocês. — Dirige-se ao neto: — Onde estão os meninos? Achei que viriam com você.

Por meninos, tenho a impressão de que ela se refere àquela gangue de homens mal-encarados e pinta de perigosos.

— Foram para casa. Retornamos mais cedo do que o previsto.

Refletindo sobre isso, ela aprova.

— É provável que venham me visitar amanhã, então. Eles sempre vêm. Vamos lá, crianças, vamos entrar.

Nem que quisesse, eu poderia recusar. Ela engata o braço ao redor de minha cintura e sai me levando consigo para a entrada. No caminho, comenta sobre as roseiras que beiram e contornam a casa e fala algo sobre um lago nos fundos. Sebastian vem logo atrás trazendo minha mala.

O interior da casa contém uma singularidade à parte. É tudo muito enfeitado, móveis limpos e adornados com bibelôs. Algumas bonequinhas pequenas pintadas à mão estão dispostas num aparador de entrada, eu poderia dizer que a mulher as coleciona. Quadros com paisagens, muitos deles, dão cor às paredes creme.

— Eu que pintei todos os quadros que vê, Penélope. — Ela acena para as pinturas enquanto me guia pelos cômodos.

— São lindos...

— Você preparou o quarto da frente? — Sebastian pergunta atrás de nós.

— Sim, sim — a mulher não para de me levar mais e mais para dentro enquanto responde. — Pode colocar as malas de vocês lá.

“De vocês lá...”

Também compreendendo o que a avó diz, Sebastian passa a falar com

ela em russo, e, mesmo sem entender uma palavra do idioma, eu poderia afirmar que está censurando a senhora. Ela retribui à altura, dizendo coisas carregadas, de forma rápida e acentuada, sem soltar minha cintura.

Então a *babushka* (e nem sei o que isso significa) me lança uma expressão adorável, ignorando o neto.

— Ele, na verdade, é um bom menino. Muito amoroso, sabe?

Quero rir. Por muito pouco não o faço. Essa mulher está vendendo o neto para mim, ou é impressão minha?

— Sei, sim, muito amoroso... — repito, ciente de que Sebastian está ouvindo. O resmungo que emite diz tudo.

Amoroso... o Polo Norte inteiro descongelará e se tornará uma praia quente antes de Sebastian ser algo perto de amoroso.

Ao entrarmos na cozinha, quase invejo a mulher. É um lugar grande e completo o que ela tem aqui. Gosto de cozinhar, não que eu o faça bem, mas gosto muito. Gosto ainda mais de comer. Comida é o amor da minha vida, sim, sim, homens não chegam aos pés de um bom prato de estrogonofe de carne com queijo derretido em crostas por cima. A ideia faz meu estômago roncar, um som alto, e me dou conta de que não comi nada desde a última tarde. Não que Sebastian não tenha me oferecido a possibilidade de tomar café da manhã, mas, pela primeira vez na vida, vi-me sem nenhuma vontade de comer... Lembrando-me de Annie, volto a perder a fome, apesar do cheiro aqui estar dos Céus.

— Estou assando *vatrushkas* — ela revela, mostrando o forno branco esmaltado atrás de nós. — São pasteizinhos recheados com requeijão e geleia.

A mesa ainda conta com farinha de trigo espalhada, ovos e alguns ingredientes.

— Parecem deliciosos — comento, olhando os doces através do vidro da porta do forno.

— Ah, e são! É receita de minha *mat*. Mamãe me ensinou a fazer muitos pratos, e guardo todos nesse livro. — Cuidadosamente espana o pó branco de cima das páginas dele e limpa as mãos. — Um belo livro de receitas...

No segundo seguinte, ela passa a me olhar de maneira estranha, e não somente isso, inclina-se mais para perto, como quem compartilhará um segredo:

— Tenho também um livro de simpatias deixado por mamãe.

— Hum... — Abro a boca e a fecho, sem saber que comentário dar a esse fato.

— Nele há algumas simpatias muito boas.

— Entendo...

— Boas para *laçar os homens*, Penélope — revela significativamente, ainda mais baixo, tanto que tenho dúvidas se escutei certo.

Sim.

Quase me engasgo com a saliva. O resultado é uma sucessão de tosses enquanto uma risada que não posso evitar se mistura à bagunça.

Que mulher terrível!

— Esse tipo de conhecimento sempre pode ser útil, não é? — Ela também ri, orgulhosa de si.

E então me dou conta de que nunca fui tão bem recebida antes. Jamais alguém me fez ter esse sentimento de acolhimento que ela, em poucos minutos, transmitiu.

Torno-me mais séria.

— Eu gostaria muito de te agradecer, *babushka*, por me permitir ficar na sua casa.

— Você é bem-vinda. E, pelo menos assim, meu neto vem me visitar. — Sei que está sendo honesta, assim como é o seu afeto por Sebastian.

Presenciar esse sentimento me causa ao mesmo tempo admiração e (envergonha-me admitir) certa inveja, por ele ter alguém no mundo que se preocupa. Um lar para onde voltar. Alguém que o ama de verdade. Detesto essa sensação melancólica que pensamentos assim me trazem. De repente sinto aquela necessidade de me refugiar, de ficar sozinha e afastar tudo isso de minha mente.

— A senhora se importa de eu ir tomar um banho e descansar um pouco?

— Ah, não, não. É claro que não. Vá lá, tire uma soneca e, quando acordar, as *vatrushkas* estarão prontas. — Apanha minhas mãos nas suas, pequenas, enrugadas e levemente ásperas, sinais de quem trabalha duro. — Estou feliz que esteja em minha casa, querida.

Meneio a cabeça.

— E eu, grata por me permitir ficar, *babushka*. Obrigada.

Quando me viro em direção à porta da cozinha, deparo-me com Sebastian escorado, observando nós duas, tão silencioso que nem mesmo me dei conta de que retornou de sua ida ao quarto para levar as malas. Sua expressão é ilegível.

— Mostre a ela onde é o quarto, Seb.

Agradeço uma última vez antes de ir até ele. Ao passar por Sebastian na porta, ele não se move. Meu ombro roça levemente seu peito, e tenho também um vislumbre do seu perfume com toque cítrico, muito bom de sentir.

— Eu havia me esquecido de que você podia ser tão gentil, Loupe — zomba perigosamente perto, usando o apelido que revelei aos seus amigos, antes de me seguir para o corredor.

— Tampouco eu de que você era um bom menino, Seb... — cochicho e, por alguma razão, adoro esse clininha entre nós.

Ele gargalha, um som gostoso que reverbera pela casa colorida, dando notas de lar ao lugar. É esse sentimento que me aperta o peito.

— Por aqui — galanteia com um aceno de mão, apontando para a escada de madeira cheirando a pinheiro fresco, provavelmente por causa de algum produto de limpeza. As mãos da avó revelam que ela dá duro, não duvido que seja ela mesma a cuidar da casa sozinha.

Subo os degraus, repentinamente ciente de que Sebastian está logo atrás de mim. Meus saltos fazem um toque-toque ritmado no piso, e, sem poder justificar minhas ações, pego-me movimentando os quadris na mesma cadência, da direita para a esquerda, gingando... rebolando.

— Você não precisa andar assim, não estamos na boate — sei que é sua tentativa de caçoar, mas é o timbre... aquele timbre abafado e grave de sua voz que o entrega.

Sebastian está reparando na minha bunda.

Um orgulho fora de hora me impele a sorrir. Sou estúpida se pretendo mesmo fazer esse jogo justamente com esse cara, entre todos os homens no mundo.

No primeiro andar, ele aponta para uma porta no lado leste, na direção da frente da casa, e a abre para mim. Aceito, porém, não entro, fico de pé ao seu lado. Motivada por um tipo de coragem, não evito enfrentar seu rosto, tampouco ele o faz, desafiando-me – ou testando, não sei bem – olho no olho.

— Obrigada — balbucio, referindo-me ao fato de ele ter aberto a porta.

— Estou gostando de ver esse seu lado educado — provoca, arrogante, sem desviar os olhos profundos e intensos dos meus.

— Posso ser uma lady quando quero — rebato no mesmo tom, nossos rostos bem perto um do outro.

Ele me encara penetrante, revelando mais do que provavelmente quer. Eu o encaro de volta. Meu coração, o estúpido, bate mais acelerado.

— Você não gosta de mim — lembro-lhe por uma questão de alerta.

Ele pisca duro, sua mandíbula subitamente se contrai, e todo o encanto de repente se perde no ar, indo embora tão rápido quanto veio.

— Não se iluda a meu respeito, Penélope.

Isso me fere mais do que ele pode pensar.

— O aviso também serve para você, Sebastian.

Capítulo 11

PENÉLOPE

“O aviso também serve para você”. O que mais eu deveria dizer? Sou orgulhosa, posso não ter motivo nenhum para ser desse jeito, mas sou. Irmã Úrsula dizia que puxei essa “ vaidade ” de minha mãe e fazia questão de atribuir essa característica às centenas de outras razões para ninguém nunca me querer. Fato é que dou duro na vida, não sou mulher de me iludir com nada, menos ainda com um homem que traz na testa um aviso alto e claro de “ não se aproxime ”, portanto, não preciso que ele venha me falar isso.

— Você ficará neste quarto... — Ele se escora contra o batente, esperando que eu entre.

Respiro fundo, sem deixar que Sebastian note que estou fazendo isso para me acalmar, antes de entrar e correr o olhar pelo cômodo espaçoso. Os detalhes esculpidos na madeira rústica, escura, presente na penteadeira, cama e armário demonstram sintonia com o restante da casa de um modo muito caprichoso. Há, sem dúvida, a essência da avó de Sebastian em tudo. Detenho-me um pouco mais de tempo observando a cama robusta, cercada por um impressionante dossel. É a primeira vez que vejo uma cama assim, de perto, que não nos filmes. E, em cima dela, está minha mala.

Um aroma bom, algo numa mistura de limão e limpeza, trazido pelo balançar das cortinas floridas na janela aberta, de um modo reconfortante, de repente me faz perceber o quanto me sinto exausta. Exausta de verdade, de passar as últimas duas semanas entranhada no submundo de boates e prostituição, andando em círculos feito uma *cucaracha*^[19] atrás de informações sobre a Dulce, sem nenhum avanço significativo; carregar a morte de uma inocente pesando sobre minhas costas; estar aqui tendo de me esconder com pessoas desconhecidas, distante da vida e dos problemas que me esperam na Espanha. Tudo simplesmente me atinge muito forte.

Fazia tempo que eu não me sentia assim. Quando eram apenas as

dívidas e o risco de não ter mais um teto sobre a cabeça – minhas preocupações de até alguns dias antes –, eu sabia o que fazer, sempre soube. Hoje, não faço a menor ideia de como ajudar aquela mulher a encontrar a filha, de como lidar com o fato de eu estar longe de tudo, morando com esse homem que, inevitavelmente, me incomoda... me incomoda pra valer.

— Acho que preciso dormir um pouco...

— Eu sei — a voz grave, baixa, volta a ter aquela nota sóbria, calma, de quem tem o controle de si e de tudo. — Mas, antes, há algo que eu gostaria de conversar com você.

Não sei se tenho energia para levantar meus escudos, não agora.

— Será que podemos fazer isso depois? — Cruzo os braços sobre o peito, de costas para ele.

Mais do que ouvir seus passos atrás de mim, sinto sua presença entrando no quarto.

— Será rápido. Eu prometo.

Movo a cabeça, concordando.

— Quero combinar algo com você, Penélope.

Meu nome pronunciado em seu forte sotaque russo forma um som muito agradável... até demais. O problema é que, quando alguém diz que quer combinar algo com a gente, nunca é boa coisa.

— Pode falar.

— Uma trégua.

Ao escutá-lo, viro-me de frente para ele, querendo enxergar o que exatamente Sebastian está tentando fazer.

— Trégua?

Esferas do mais consistente tom de castanho miram-me, transmitindo a seriedade do que quer que pretenda.

— Sim.

Abraço-me mais forte.

— E o que significa?

Um sorriso, algo que dá à severidade constante certa leveza (fenômeno

que vi somente em Sebastian até hoje), quase me faz sorrir também.

— Significa sem discussões, sem respostas afiadas...

— De nenhum de nós — acrescento enquanto o ouço.

— Sem me mandar comer merda ou me desrespeitar enquanto estiver nesta casa...

— Do jeito que fala, faz parecer que você é um monge, e eu, a megera, Sebastian — interrompo-o.

— Não sou, você tem razão — afirma sem qualquer culpa ou afetação. — Por isso esse acordo também vale para mim.

Bem, isso parece bom. Será menos ruim conviver com ele se pudermos ser civilizados um com o outro.

— Há algo que não deixei claro, Penélope. E preciso que saiba para que compreenda porque é importante sua permanência aqui.

Passo a analisá-lo atentamente. Seja o que for, não gostei muito da forma que soou.

— Serei honesto.

Sim, você sempre é, penso, porém, não falo.

— Pegaram o filho de Verhoeven na operação. A esta altura, estão extraditando o cara para onde Verhoeven não tenha acesso ou influência. — Seu peito se move sob a camiseta preta ajustada ao tronco, sinal de que as notícias não são boas. — Eles acham que você é a responsável...

Estreito os olhos.

— Responsável pelo quê?

— Por denunciá-los, por se infiltrar na boate e toda essa merda.

— Nada mal para uma detetive, hein? — indago retoricamente, não encontrando humor nisso.

Sebastian tampouco.

— Meu trabalho é feito de maneira limpa. Não deixamos fios soltos ou rastros, mas agora temos um. Você, Penélope.

— Sou um fio solto?

— Sim, você é. E Verhoeven acha que, pegando você, obterá uma

moeda de troca para ter o filho de volta.

De repente, a brisa fresca se torna um vento gelado contra a pele. Aliso meus braços, buscando algum calor.

— Enquanto estiver aqui, ficará protegida. No entanto, não posso te dizer quando tudo acabará, porque nem mesmo eu sei. — Percebendo o arrepio ericando meus pelos, Sebastian me segura pelos ombros de forma surpreendentemente cuidadosa para alguém com mãos tão grandes. — Voltamos à estaca zero. E, agora que Verhoeven sabe que estamos na cola dele, será mais difícil encontrá-lo. Você consegue entender aonde quero chegar?

— Consigo... claro que consigo, é só que... — Fito a barba em seu queixo sem realmente prestar atenção. Estou organizando meus pensamentos, processando as informações. — Bem, não posso permanecer por tempo indeterminado. — Volto a encará-lo, tão franca quanto ele, agradecida por me manter aqui, mas também racionalizando a situação toda. — Eu tenho uma vida, Sebastian, na Espanha, onde é o meu lugar. Não posso ficar por muito tempo.

Por sua expressão, sei que ele compreende o que quero dizer. Sei também que essa situação tampouco o deixa feliz.

Elevo o queixo. Quero que ele veja em mim o quanto estou sendo completamente aberta nisso.

— Sei que me ajudará com a Dulce. Estou confiando que me ajudará, porém, não posso deixar a mãe dela alheia ao que está acontecendo. Ela precisa saber. Aquela mulher me pagou para procurar a filha.

— Estamos cuidando disso também. Elliot está investigando os últimos rastros dela, sinais de telefone, roteador e essa coisa toda. Em breve levaremos notícias à mãe da garota sem que você precise fazer isso pessoalmente.

Parece que esse homem é capaz de resolver tudo. Eu gostaria de que as coisas fossem simples assim. Gostaria mesmo.

— Esse não é meu único motivo pra voltar para casa, Sebastian. Três, quatro dias, ou até uma semana, eu posso aguentar a barra longe, mas, mais do que isso... — Sacudo a cabeça. — Você não faz ideia...

Como se eu tivesse falado algo que ele não esperava ouvir, Sebastian inclina a cabeça meio de lado, fitando-me com curiosidade, ainda muito sério.

— Do que eu não faço ideia?

Pff... nem sei por onde começar. Aqui está a ambiguidade de minha personalidade. Sou orgulhosa demais em alguns assuntos, e, ao mesmo tempo, a situação está tão ruim que já nem me importo com o que vão pensar.

— O “ovo medonho”? — imito seu desdém. — Comprei-o na Holanda por 1500 pratas, com o dinheiro que recebi de adiantamento para encontrar a Dulce. O meu carro anterior, o banco pegou de volta três meses atrás. — Suspiro profundamente. — *Dios me perdone*^[20], mas, quando aquela mulher apareceu na minha porta, pensei que esse caso foi a melhor coisa que me aconteceu em anos.

Enquanto lhe vou revelando meus problemas financeiros, ele apenas me escuta, insondável.

— Dez mil. Dez mil euros é o que ela me pagaria pelo trabalho. Recebi cinco de adiantamento, e, com esse dinheiro, ainda não paguei nem a metade do que devo em aluguel da minha casa, do escritório, água, telefone, energia. Se eu demorar a voltar, não terei mais nada. Serei despejada e processada. — Que situação de merda é essa minha... O pior é que não me lembro de quando não tenha sido assim.

Entretanto, não me arrependo das escolhas que fiz. Foi o preço para ser livre.

Agora é o russo diante de mim que envolve os braços em frente ao próprio peito, parecendo subitamente crescer de tamanho. Ombros e peito largos se expandem, e me lembra o quanto esse homem é bonito de doer os olhos. Óbvio que Sebastian não quer que eu me iluda a seu respeito... Seu negócio deve ser essas loiras supermagras, feitas de pernas longas e cabelos esvoaçantes. Iguais se atraem, não é?

Percebo que sou observada de um jeito desconcertante e estou quase temendo o que quer que venha pela frente.

— Tenho uma solução muito simples para os nossos problemas.

Sua tranquilidade não me assusta. Entretanto, o brilho triunfante que reconheço no fundo de seus olhos, sim.

— Nossos?

— Sim. O meu e o seu.

Não vou perguntar, não vou perguntar, não vou perguntar...

— *Maldición*^[21]... Que solução é essa?

E então vem o sorriso, aquele sorriso descarado, o de quem ganhou um campeonato e está levantando a taça para que os adversários se invejem.

— Seu tempo nesta casa será remunerado. Você passará a trabalhar para mim.

Arregalo os olhos. Então aperto-os, feito uma míope. E fico no meio termo.

— Nem quero saber o que está passando na sua cabeça, mas a resposta é não — sou direta.

O *pendejo* dá um passo mais perto, apropriando-se do meu espaço pessoal.

— Você vai gostar — seu timbre de voz se torna aveludado, manhosamente sedutor.

Um jogador sujo.

— Não, não vou.

A cabeça vem se abaixando, aproximando-se do meu ouvido, os dedos macios tocam-me os ombros outra vez, numa carícia tão leve e suave, semelhante a asas de borboleta. Quero exigir que se afaste, mas me pego muda, atenta ao que ele dirá.

— Não? — O hálito quente roça o lóbulo de minha orelha esquerda.

— Não... — sussurro, completamente ciente dele, de sua proximidade, do cheiro, do calor, tamanho, energia.

Uma desgraça.

— Mesmo que tenha a ver com ajudar a *babushka*?

Hã?

Afasto a cabeça para trás, alongando o pescoço.

— Ajudar a *babushka*?

Um arquear de sobrancelha convencido vem junto da confirmação, do

tipo “aham”.

Fito-o com interesse.

— Ajudá-la em quê?

Sebastian franze o lábio.

— Não pensei nisso ainda, mas sempre há muito trabalho a fazer quando o assunto é *babushka*. Não quero mais deixá-la sozinha nesta casa. Quando você partir, contratarei outra pessoa para ficar aqui em seu lugar.

Bem, não é ruim... mas não.

— A ajudarei com prazer, Sebastian, mas não porque me pagará alguma coisa. Sou eu que devo a ela pela hospitalidade. Estou na casa da *babushka* e vou pagar por minha estada com trabalho.

Ele bufa, desconsiderando meu discurso.

Algo me ocorre.

— O que significa *babushka*?

— Avó — explica. — Ela quer que você a chame de avó.

Sim, terrível.

— Não descarte minha ideia. Pensarei em algo. Agora vou deixar que descanse, foi uma viagem cansativa.

Minha resposta será “não” para qualquer coisa que propuser, isso eu já sei. Contudo, agora compreendi Sebastian com mais precisão. Quando lhe convém, ou seja, sempre que quer que façam sua vontade, ele joga com a sedução. Provavelmente já deve ter engabelado muitas mocinhas inocentes por aí. É uma pena que não sou uma.

— Obrigada — aceito sua oferta de me deixar sozinha. Preciso mesmo.

Ele inala o ar com mais força.

Eu também, profundamente.

— Quero que se sinta em casa aqui, Penélope. Meu carro está a sua disposição para ir aonde quiser.

A oferta me pega desprevenida. O homem é generoso, e essa é uma das características que mais admiro nas pessoas.

— Certo... Obrigada...

— Às ordens. — Recebo um meneio de cabeça.

Ele não sai, no entanto. Permanece me encarando, buscando algo em mim ou em si mesmo.

— Eu não quis dizer aquilo de maneira que te chateasse.

Perco um pouco a cor. O coração, idiota, dá um salto diferente.

— Aquilo o quê? — finjo desentendimento.

— Sobre se iludir. Você é uma mulher atraente, Penélope. Até demais. Mas não sou o cara certo pra você.

Clichê.

— Devidamente anotado — brinco e aposto que meu sorriso é algo amarelo e sem graça.

Outro meneio, talvez também anotando suas próprias palavras.

Deixo de sorver profundas respirações e passo a administrar curtas, equilibradamente, do jeito que posso para não me fazer de tola à sua frente.

— Há um banheiro no final do corredor e toalhas no armário. — Aponta com o queixo para trás de mim, para o guarda-roupa.

— Legal...

Ele põe as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, preparando-se para sair; antes de deixar o quarto, todavia, eu o detenho.

— Sebastian?

Olha-me de lado.

— Diga, Penélope.

Tomo coragem.

— Se vamos conviver, você pode, por favor, não fazer mais isso? — Gesticulo para onde ele esteve segundos antes.

Perfeitamente compreensível que o *cabrón* não me entenda, a contar pelo questionamento em seu olhar. Acho que ele nem se dá conta do que faz.

— Isso de tentar me seduzir, se aproximar demais, falar baixinho, tudo para conseguir o que quer. Percebi que faz muito isso comigo e, honestamente, não quero que as coisas fiquem estranhas entre nós, até porque eu aceito.

Outra vez Sebastian parece confuso, embora dessa vez a confusão venha junto a uma tentativa inútil de reprimir um sorrisinho torto.

— Aceita? O quê?

Ha.

— Seu pedido de trégua.

Observando-me como se eu fosse uma coisa rara num museu, ele assente, só que não é um assentir do tipo “é claro que concordo” ... é mais um dar de ombros como “bem, se está me pedindo...”.

Quando Sebastian finalmente sai, vou até a porta, fecho-a e escoro a testa contra a madeira, perguntando-me o que há de errado comigo perto desse cara.

Coma merda! Não vou me apaixonar.

Capítulo 12

PENÉLOPE

Depois de um banho e roupas confortáveis, ainda demorei a pegar no sono, enquanto me virava de um lado para o outro na cama macia, refletindo exaustivamente, até que o cansaço por fim falou mais alto. Não percebi exatamente quando adormeci nem por quanto tempo dormi. No entanto, acordei com o quarto completamente escuro, o que me dá uma boa noção de que foram horas. Surpreende-me o fato de meu subconsciente ter relaxado a ponto de me permitir desligar, e sei que tem a ver com o fato de estar sob o mesmo teto de Sebastian. De alguma maneira estranha, ele me transmite uma rara sensação de proteção. Nunca fui de dormir profundamente, meus sonos sempre foram sensíveis a qualquer barulho, principalmente depois dos 14 anos, quando passei a viver com aquela família dos horrores.

Fui adotada com uma idade incomum para os padrões gerais. Isoladamente, esse fato já deveria ter acendido um alerta no orfanato, mas acho que irmã Úrsula estava tão ansiosa por se ver livre de mim que fez vista grossa. Desconfio que até a assistente social responsável pela adoção não tenha tido qualquer cuidado em checar a família antes de me enviar para lá... Foram os quatro anos de maior insônia de minha vida, nunca me recuperei e nem sei se algum dia deixarei de lembrar tudo o que vivi, a começar pela recepção de boas-vindas.

Um arrepio frio vem junto à lembrança, obrigando-me a deixar o pastelzinho de lado e alisar meus braços.

Estou sentada diante da mesa da cozinha, iluminada apenas por uma fresta de luz da noite, que vem de fora. Vim me guiando pelo tato, roçando os dedos pelas paredes da casa silenciosa até encontrar o que queria. Meu estômago não me permitiu desistir, fazia quase 24h que não comia nada. Estou certa de que a *babushka* sabia que eu me esgueiraria até aqui, pois facilitou o trabalho deixando tudo sobre a mesa, à mão. Gostei tanto dela,

senti uma afeição quase que imediata. Contudo, sei que não devo me apegar muito, minha estada aqui tem um prazo de validade.

Mordo outra vez o pastelzinho e por muito pouco não gemo na escuridão. Que delícia de recheio, e essa massa, então? O doce derrete na boca, numa mistura de geleia de amora e requeijão fantástica. Imagino que seja apenas uma amostra do que a velha *mujer*^[22] é capaz de fazer com aquele livro mágico... Não, não estou falando do livro de simpatias. Se bem que esse me deixou bem curiosa. Como assim, uma simpatia para laçar homem? E, mais importante: por que ela tem tanta convicção de que funciona? *Babushka* é uma mulher ardilosa, gosto disso.

Sugo as pontinhas dos dedos e me sirvo de mais um doce. É uma pena eu estar no escuro, do contrário, poderia encontrar um bom café também.

No meio do caminho entre mastigar e engolir, paro com a massa na boca e prendo a respiração ao escutar passos vindos na direção da cozinha. Uma silhueta alta avisa que não se trata da avó, e, droga, é nesse momento que me mortifico até a alma, ciente do que estou vestindo: uma camiseta velha de gola gasta, sem qualquer sutiã por baixo. Não que eu não precise da lingerie sustentando-me os seios, mas passei tantas horas com aquela coisa me apertando as costas que, depois do banho, simplesmente optei por não recolocar.

O ritmo dos passos segue constante, dando a impressão de que não parará para acender a luz.

Dios, eu prometo, pro-me-to que serei uma pessoa melhor se ele não descobrir que estou aqui.

Afasto o tronco silenciosamente para longe da fresta de luz e vou soltando o ar dos pulmões devagarinho à medida em que os passos se aproximam mais e mais, até estar bem perto. O calor. É o bendito calor do corpo do *cabrón* que impressiona, ainda que sem qualquer contato ou proximidade maior.

O vulto no escuro passa por trás de mim e para.

Prendo a respiração outra vez.

Devo estar a menos de um metro de distância de Sebastian, e ele ainda não me viu aqui.

Não me veja, por favor, não me veja. Não me veja.

A porta da geladeira é puxada. A luz lá de dentro bate no peito dele, sei, porque estou olhando por cima do ombro... O miserável está sem camisa, de costas para mim, apenas com uma calça de moletom escura. Músculos destacados contornam os bíceps, ombros e omoplatas... Sebastian é, sim, um belo exemplar de força, seria inútil negar. Bem, afinal, ele já me levantou contra uma parede enquanto me beijava, uma coisa dessas a gente dificilmente esquece.

Calor toma conta do meu rosto.

Ele retira algo de dentro da geladeira e fecha a porta.

Empertigo-me, ereta, voltando a olhar para frente. Fecho os olhos e torço para que ele volte o caminho para fora, levando o que quer que tenha pego na geladeira consigo.

Silêncio se forma.

Prendo outra vez a respiração; se eu não emitir nenhum ruído, ele não me notará aqui.

Ouçoo o farfalhar leve da calça de moletom indicando que está se movendo. Quase espiro profundamente, aliviada; em vez disso, vou fazendo por etapas.

— Não é educado ficar escondida no escuro, moça... — de repente ele me surpreende, murmurando roucamente, parecendo tão próximo do meu ouvido que salto na banqueta, assustada.

— *Madrecita de Dios...* — Seguro o peito disparado.

A risada baixa, gostosa, vibra dele em ondas por minha pele.

— Por que está no escuro, Loupe? — indaga sem se distanciar, ainda baixinho, como se compartilhássemos um segredo aqui.

Giro a cabeça para lhe responder e praticamente sorvo o ar que sai de suas narinas, sem enxergá-lo em meio ao breu.

— N-não encontrei o interruptor para acender — revelo numa gagueira ridícula, e não estou mentindo. Tateei a parede, e nada de encontrá-lo.

— É bom?

— O quê? — respondo ao seu timbre macio feita uma cordeirinha

estupidamente inocente.

— O que está comendo. Seu hálito cheira a algo doce. — Sei que é uma provocação. Percebo a nota de zombaria sussurrada.

Subitamente, sinto uma necessidade indomável de provocá-lo também, encorajada pela escuridão.

— Prove e tire sua própria conclusão...

Ele inspira. Eu não me movo. Nossas bocas estão tão perto que bastaria que eu me inclinasse e o beijaria. A ideia gera outra terrível onda de mais calor em lugares indizíveis.

Meu peito, de modo repentino, passa a bater mais acelerado nos segundos em suspenso até ele voltar a questionar:

— Como sugere que eu prove? — droga, essa voz... essa bendita voz baixa, rouca, deliciosa de escutar.

Esse cara está jogando comigo.

— U-use sua imaginação — desafio sem muita segurança, e um caos parece se instaurar dentro de mim, mais intensificado do que nunca.

Sei que ele jamais vai dar um passo consciente em minha direção, mas não posso evitar a emoção súbita que vem correndo junto ao sangue. Há algo de emocionante em estar no escuro com esse homem quente como um caldeirão, altamente masculino, grande, forte, de voz sedosa e...

Dios me perdone!

Para minha completa surpresa, seus braços me cercam por trás, pousando as mãos sobre a mesa. Estou presa sem que Sebastian me toque, mas altamente consciente de seu corpo ao meu redor. Noto, então, seu cheiro, feito um nevoeiro denso e poderoso. Há algo no odor masculino misturado ao banho fresco que vem entrando por minhas narinas e impregnando uma necessidade latente de algo que nem sei explicar.

Estamos no limite de uma linha que não pode ser ultrapassada.

Engulo a saliva ao mesmo tempo em que ele se aproxima um pouco mais de minha orelha:

— A maneira como quero não é boa para nenhum de nós, Penélope.

Meus ouvidos, num instante, abafam-se como quando subimos a serra.

A veia de meu pescoço se agita de tal modo que sinto isso acontecendo.

Inspiro fracamente, mal reconhecendo minha voz ao incentivar:

— Isso me parece uma boa desculpa, Sebastian...

O ar foge poderoso de seu peito.

— *Yeb vas...* — pragueja, mas dane-se tudo. A essa altura, já estou me inclinando mais para trás na banqueta, roçando minhas costas em seu peito nu e derrubando a cabeça de lado, dando-lhe acesso ao meu pescoço. A camiseta velha desliza sobre o ombro com o movimento.

Ele é quente, quente, quente.

Acho que grunhe, ou xinga em russo, não sei bem.

Então, protegidos pela penumbra, Sebastian aproxima os lábios a milímetros de meu pescoço; sei, pois sua respiração me varre suavemente, causando arrepios na pele... E, sobre a veia pulsando cadenciadamente, ele simplesmente me morde, morde de verdade, para em seguida percorrer com a língua o pedaço latejante de pele. É a coisa mais excitante de que me lembro já ter acontecido entre um homem e mim. Um gemido baixo escapa de minha garganta ao sentir a umidade fervente de sua saliva.

Oh, por tudo o que há de mais sagrado!

Aperto as laterais da banqueta entre os dedos.

As mãos que se apoiavam na mesa vêm, então, repousar em minhas coxas, unindo o calor de suas palmas à temperatura febril de meu corpo.

Suspiro de modo entrecortado. Meu peito sobe e desce profundamente, maluco de expectativa.

Tenho necessidade de verbalizar o que sinto, mas temo separar os lábios e dizer qualquer coisa que vá afastá-lo ou trazê-lo para a realidade. Não quero que Sebastian pare, que esse clima evapore como poeira ao vento. Simplesmente não quero, e as razões para isso não podem ser explicadas.

Acho que ele também está dividido, pois sinto a rigidez tensa de seus músculos peitorais.

Não pare agora, não agora!

Giro o rosto por cima do ombro, esbarrando-lhe no maxilar áspero pela

barba curta, e lhe ofereço minha boca. “Beije-me, beije-me, faça isso!”, meu interior grita.

E ele vem.

Não como na primeira vez, quando agiu de supetão, mas aqui o faz descobrindo-me, explorando do meu queixo ao cantinho dos lábios com a língua de um jeito que me deixa tonta. Abro a boca para poder respirar, e Sebastian usa disso e finalmente entra, provando-me primeiro relutantemente – tenho a sensação – para depois com mais vontade, à medida em que seus dedos se cravam sobre minhas coxas, como se me pedindo para nunca sair.

No beijo, sinto a rudeza e o acalento, sei lá, é como se ele tentasse me alertar de algo sobre si.

Não importa, não agora. Não quero saber. Quero viver esse beijo, e, se for a única coisa que teremos, que assim seja.

Deixo de ser passiva, levando meu braço direito para sua cabeça e agarrando um punhado do cabelo grosso, tomando-o para mim. Aqui, nesse momento, na cozinha escura de sua avó, ele é meu.

Seu corpo me envolve, apertando os antebraços ao meu redor, sem deixar de segurar minhas coxas nuas.

Meu coração jamais bateu tão forte. Nunca quis tanto que um momento fosse congelado apenas para que essa sensação perdure por uma vida. Sinto-me uma chaleira, o calor crescendo mais e mais forte conforme algo em mim entra em ebulição. E é essa quentura, concentrada no ventre, que me impele a afastar levemente as pernas, pedindo sem palavras que esse homem me dê algo.

Sebastian grunhe.

Porém, não me nega.

Um traço é desenhado à brasa no caminho que sua mão toma para o centro, no lugar mais íntimo de meu corpo. Arfo contra sua boca antes mesmo de ser tocada; em resposta, ele emite outro ruído feroz, algo selvagem. Atraente e selvagem.

— Por favor... — pego-me choramingando em sua boca.

Sua respiração sai numa lufada densa, e eu a absorvo.

— Abra pra mim — na exigência, há uma perturbação que nunca ouvi

dele ou de qualquer outro homem. Fico sem fôlego e obedeço instintivamente.

Dedos suaves roçam sobre a calcinha, numa tortura deliberada, testando o terreno. Sinto que meu peito vai explodir a qualquer momento, tamanha adrenalina. Não lembro de já ter ficado nesse estado.

Volto a inclinar a cabeça para o lado, arfando, esperando, fervendo por dentro. Apoio a cabeça contra seu ombro.

— *Nahuí*, espanhola! — o som frustrado sai abafado ao roçar outra vez a boca em minha carótida, e, da maneira como soa, é a coisa mais quente que já escutei, feito combustível em brasa.

Estremeço, lânguida.

Sua parede de músculos me sustenta.

Então, sem nenhuma pressa, o tecido da calcinha é afastado para o lado, e ficamos pele contra pele. Pelo amor da mãe! O toque me faz gemer alto.

Sebastian também grunhe feito um bicho, lindo, bravo, perdido.

Cerro os olhos.

Semelhante a um passe de mágica, é como se todas as vezes em que já fui tocada simplesmente fossem apagadas. Não há nada antes deste momento, nenhum outro.

Se me perguntarem o que estou fazendo, sinceramente não sei. Guiada pelo instinto, apenas vou rebolando no assento, a favor do toque de seus dedos, instigando que explore e me leve para aquele lugar fora da atmosfera. Nem posso dizer se estou sendo silenciosa, se estou fazendo algo que me faça sentir vergonha. Nada importa.

Minha camiseta velha é levantada sem interrupção da carícia no ponto certo onde preciso dele, e sua mão grande, áspera, vem por baixo, subindo por minha barriga até apanhar um dos seios, grande, pesado, em sua palma. São as palavras sujas que saem de sua boca, em russo, sem que eu precise de tradução para compreender, instintivas, as responsáveis por quebrar a última gota de razão que eu ainda mantinha.

Eu me entrego.

De olhos cerrados, arquejando, minhas costas reclinadas contra seu peito, sou assolada pela sensação de centenas de agulhas devastando-me a

partir dos dedos dos pés, panturrilhas, coluna, até nada mais fazer sentido.

Quero gritar. Devo estar retorcida como uma minhoca e, droga, nem ligo.

Demora para eu me dar conta da testa de Sebastian apoiada contra o alto de minha cabeça, o bumbo agitado de seu coração, tão violento quanto o meu, um de seus braços saindo debaixo de minha camiseta de dormir e me enlaçando, sustentando, eu acho... enquanto os dedos afundados no centro de minhas pernas vão cedendo, deixando-me.

Inspirando em fragmentos, devagar, volto a ajeitar meu tronco para frente. O toque molhado acompanha, saindo de dentro e deslizando pela parte interna de minha coxa, assim como o aperto envolvendo minha cintura vai laceando.

E tudo passa a tomar forma, dimensão, consciência. Estamos no escuro da cozinha da avó de Sebastian.

Tento engolir a saliva seca e dizer algo. No entanto, pareço incapaz de elaborar qualquer pensamento coerente.

Deslizo a mão por minha testa coberta de suor.

Apenas abra a boca, Penélope, vamos, diga o que vier à mente!

Inspiro e expiro profundamente.

— Obrigada...

Ah, porcaria! Por que, de todas as coisas, tenho de sussurrar um agradecimento?

Sebastian não diz nada, apenas se afasta, não abruptamente ou para longe, é coisa de um passo. Porém, o distanciamento não é apenas físico, sinto isso.

O calor em mim vai enfraquecendo, sumindo, sumindo, sumindo até ficar apenas o silêncio ensurdecador por todos os lados, feito um vento gelado, e meu nome é pronunciado por sua voz grave, baixinha, distante:

— Penélope...

Eu sei o que quer dizer sem que ele precise verbalizar. É um pedido de desculpas. Um maldito pedido de desculpas.

— Está tudo bem. Somos adultos — gostaria de ter a maturidade e

acalento que minha voz finge bem possuir.

O vulto de sua mão bagunçando o próprio cabelo, um praguejar contra si mesmo, e tenho vontade de me abraçar e encolher.

— Acho que vou voltar para o quar... — sussurro.

— Não — me interrompe. — Fique. Coma. Você não se alimentou durante todo o dia. — Mais silêncio. — Acho que também preciso de um pouco de sono... Vim aqui só para...

— Eu sei — quero tranquilizá-lo apenas para que pare de agir como se eu fosse um cristal que ele não queria ferir.

Ele se afasta.

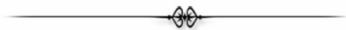
Sei que pretende acender a luz.

— Não! — impeço.

Seu vulto para.

— Eu prefiro o escuro. — Prefiro não ter de enfrentar seus olhos, não agora! — De qualquer forma, já, já subo também.

Ouçó o som de sua respiração profunda; ele ainda está parado. Então some na escuridão, e não para cima, mas para a porta dos fundos, em meio à noite fria da Rússia, sem camisa.



O resto da noite é apenas um borrão. Não sei como encontrei o quarto, ou minha cama, mas me deito nela, abraço o corpo e me perco em teorias sobre Sebastian, um homem cuja postura arrogante e atraente demonstra pouco ou nenhum problema em seduzir as mulheres em geral, mas que, em relação a mim, parece agir como um protetor de minha inexistente inocência.

Maldito seja você, *cabrón!*

SEBASTIAN

Depois de uma maldita noite ruim e horas insones, tomo um banho frio, visto os jeans e camiseta, calço as botas e desço para enfrentar as consequências de minhas ações.

Penélope e a velha Zhena já estão na cozinha. Pude ouvir a conversa tagarela entre as duas durante a última meia hora. Eu sabia que se dariam bem; as mulheres são muito parecidas, e não é um elogio.

Yeb vas, o dia será longo.

Desço as escadas; o ranger dos degraus me acompanha. Sinto falta dessa casa às vezes. Saudade de tudo o que passei aqui, das lembranças boas da infância com Gael, Elliot e... *esqueça!* Massageio o peito, quase como um hábito recorrente, e termino meu caminho até elas.

A primeira que vejo é *babushka*, arqueada e retirando algo do forno. Acho que a mulher não via a hora de ter uma hóspede para quem pudesse cozinhar todas essas tortas e receitas de família, ou assim ela diz que são. A velha se sente só, eu sei disso. Gostaria de ser um neto melhor, não ficar tanto tempo longe, mas, por um longo tempo, isso tem se tornado difícil. Quando Lara era viva, uma fazia companhia à outra enquanto eu estava a serviço. A morte dela foi um baque para minha avó... Um sorriso amargo rasga o canto de meus lábios ante o pensamento: “e para quem não foi?”.

Então eu a vejo, sentada diante da mesa, separando talheres.

A maldita tentação espanhola chamada Penélope.

Ela ainda não me viu, distraída, falando sem parar algo sobre um bolo de alguma coisa que requer nozes. Não presto atenção ao que diz, apenas a observo à distância, mortificado pela merda que fiz. Eu não deveria tê-la tocado, foi um erro que, honestamente, não sei como reparar, embora tenha refletido durante horas. Eu deveria conversar com a mulher, fazê-la ciente de que não haverá nada entre nós, cortar qualquer ilusão que ela possa vir a ter pela raiz.

Não me impeço de ter mulheres sobre minha cama. Demorou até eu aceitar que isso era uma necessidade do meu corpo e ceder, mas decidi que seria franco sobre o que elas podiam esperar de mim. Jogo aberto. Tem sido assim. No entanto, nunca tive de conviver com nenhuma delas, o que não é o caso com Penélope. Quero evitar magoá-la. Apesar da língua afiada, ela é uma boa garota... que tem malditas pernas macias, seios pesados e uma

deliciosa e quente bocet.... inferno!

Proíbo meu corpo de reagir a ela.

Limpo a garganta e pego o rubor que se espalha da parte visível do seu colo para o pescoço e rosto.

Ouso percorrer seu corpo e ver com o que está vestida. Minha imaginação sobre que peça era aquela que estava usando na escuridão quase me matou.

— Bom dia — lanço para ninguém em especial.

Minha avó se vira, segurando, através da luva de pano, uma torta com cheiro de morango.

— Ah, aí está você! — a velha retribui com uma alegria muito sinistra. As maçãs de seu rosto contêm um brilho ainda mais suspeito. — Eu estava aqui falando para a Loupe que logo, logo você desceria. — Vira-se e deixa a travessa sobre a mesa. — Vocês devem estar famintos! — rejubila.

Não é o que diz, mas como diz que faz Penélope avermelhar ainda mais e baixar a cabeça sem emitir uma única palavra. Ela está com vergonha achando que a velha...? Verifico outra vez minha avó, perguntando-me se ela teria escutado o que rolou de madrugada em sua cozinha. Inferno, mal sei se fizemos barulho.

— Não muito, na verdade. — Dou de ombros.

Agir naturalmente é sempre o melhor remédio com a velha e esperta Zhena.

— Penélope deve estar com mais... — sem poder resistir, provoco-a, apanhando um pedaço de uma massa qualquer e o enfiando na boca.

A diaba tosse.

Nahuí, por que é tão bom constrangê-la?

— Por sua causa. Não sei se lembra, mas pedi que me acordasse para o jantar, Sebastian. Eu estou mesmo faminta, e sua avó cozinha como ninguém — faz questão de retribuir, doce como mel, falsa como uma raposa em pele de cordeiro.

Uma oponente à altura. Gosto disso. Outra em seu lugar se comportaria toda estranha depois de ontem à noite.

— Na verdade — rebato de boca cheia —, você não me pediu que a chamasse, se bem lembro. Disse apenas que queria dormir.

Estou olhando fixamente para seu rosto, ansioso pelo que o malvado cérebro espanhol está processando, mas não deixo de pegar pelo canto de olho a expressão extasiada de minha avó nada inocente.

— Ah, vocês crianças... — A velha suspira e volta a se mover pela cozinha, colocando pratos, abrindo e fechando gavetas.

Penélope desiste da tréplica e lhe oferece ajuda, dando-me as costas. Inevitavelmente me detenho em observar sua bunda redonda sob shorts e uma camiseta longa. Essa infeliz tem algo em si que não posso explicar. Ontem, quando desci para beber água, eu soube de sua presença no instante em que botei os pés na cozinha. Intrigou-me a razão de estar no escuro. Cogitei fingir que não a vi e retornar de onde vim, mas bastou estar tão perto dela, aspirando o maldito cheiro de seu cabelo, algo como baunilha, misturado ao doce que comia e... merda, aquilo me impediu de raciocinar.

— Muito bem — minha avó diz, satisfeita pelo banquete que pôs na mesa. — Vou deixar vocês se alimentarem e vou me trocar. Volto logo.

— Eu espero a senhora voltar. — Penélope se levanta também, talvez implorando para não ficar sozinha comigo.

Zhena gesticula uma negativa tranquilizadora.

— Não, não. Sente-se e coma, Loupe. — Então cochicha, matreira: — Andei beliscando antes de descerem.

Arqueio a sobancelha, investigando o que a velha pode estar tramando.

— Não me olhe assim, rapazinho. Você sabe bem que sempre como enquanto cozinho. — E ri, alegre, divertida, sem nos dar oportunidade de rebater enquanto sai da cozinha e nos deixa sozinhos.

Fez a cama, deite-se nela, cara, digo a mim mesmo. E relaxo, puxando uma cadeira diante da megera.

— Você não me disse, Loupe.

— Disse o quê? — questiona indiferente, ignorando minha presença enquanto leva a mão para pegar o bule de café.

— Bom dia. — Reprimo um sorriso e apanho o bule antes dela.

As narinas empinadas se alargam, espirando profundamente.

— Um gentleman...

— Disso, ninguém jamais poderá me acusar. Não sou um cavalheiro, espanhola. Pensei que já tivesse notado.

Irremediavelmente, é um aviso.

— Notei, sim. — Levanta o queixo. — Mas, como nunca me enganei a seu respeito, isso é notícia velha.

E o belo orgasmo que te dei nessa madrugada, é o que?, fico tentado a provocar; por muito pouco não o faço.

Talvez, só talvez, ela tenha captado meu pensamento, a contar pelo silêncio estranho que de repente fica pela cozinha.

Até que...

— Sobre ontem à...

— Sobre ontem à noite...

Maldição, dizemos juntos.

Calo-me. Ela também.

Aceno.

— Por favor, diga — ofereço.

— Não, diz você.

Encaro uma xícara vazia, pensando no melhor jeito de encerrar o assunto sem precisar de uma resenha longa sobre todos os motivos que me fazem errados para ela. O primeiro deles é que uma parte de mim não está disponível, nem nunca ficará.

— Olhe... — ela recomeça, ansiosa demais para esperar. — Não pense que estou criando qualquer... — faz uma pausa estratégica — ilusão — joga a palavra de volta contra mim e continua: — Sou adulta, não estou procurando amarras, não me interesse por você e, na verdade...

Sua hesitação me faz olhá-la com mais atenção.

— Na verdade...? — incentivo.

O peito da infeliz se estufa.

— Nem sei como te dizer isso, mas você... — Franze o lábio para o

lado como se estivesse deliberando sobre a melhor forma de dizer.

Ah, vá para os diabos!

— Apenas fale.

— Desculpe, Sebastian, mas você não faz meu tipo.

Eu não deveria, mas jogo a cabeça para cima e explodo numa gargalhada alta, realmente boa.

A desdenhosa vai mesmo me desqualificar?

— Ah, não? — Semicerrou os olhos.

Sacode a cabeça com dissimulada piedade.

— Não.

Assinto, tranquilo.

— E posso, por acaso, saber qual é o perfil do sortudo que faz seu tipo?

Vendo que não me servi do café, ela pega o bule de mim. Traíçoeira.

— Fisicamente?

Faço um sinal de “tanto faz, responda o que quiser”.

E ela abraça a oportunidade com notável triunfo.

— Bem, gosto de caras grandes, mas não grandes do tipo músculos enxutos. — Aponta para meu peito como se eu não tivesse qualquer importância. — Grandes do tipo armários, sabe, mais como Elliot.

Se sua intenção era me deixar sem palavras, conseguiu. Que diabos ela viu em Elliot? Aliás, o que diabos ele disse a ela que o fez se tornar seu perfil de homem ideal?

— Legal... é uma pena que o cara prefira as magricelas de biquíni. Vocês fariam um casal... — seleciono a palavra, desinteressado — *interessante*. — Uma mentira pior não existiria.

A infeliz aproveita a bola na marca do pênalti e a chuta, sem se abalar.

— Pelo que você me disse, ficarei tempo suficiente aqui para fazê-lo mudar de ideia.

Vai sonhando!

Estamos em meio a um duelo demarcado quando minha doce avó retorna. O som de rodas contra o piso me faz olhá-la por cima do ombro,

curioso.

Mas o quê...?

— Você vai a algum lugar? — indago sério.

A mulher manipuladora se dá o trabalho de deixar a mala de rodinhas do lado e amarrar o chapéu de palha no queixo enquanto justifica com fingida brandura:

— Eu não te disse?

Ah, não. Não se atreva!

Viro-me na cadeira, dando-lhe toda a atenção.

— Não, vó, a senhora não me disse.

Ela dá um tapinha contra a própria testa.

— Que cabeça essa minha, tsc, tsc. — E então olha lamentosa para minha acompanhante na mesa. — Ah, Loupe querida, eu sinto tanto ter de sair agora, mas prometo a você que será apenas por alguns dias.

— Sair para onde?

— Sua tia-avó, Merian, não está muito bem por esses dias. Prometi que cuidaria dela, querido.

Respiro profundamente, fitando-a sem desviar.

— Ela não é minha tia-avó, Zhená. É sua prima. E você a detesta — desmascaro-a sem culpa. — Se bem me lembro, você disse que ela matou o marido por ser o ser humano mais chato e difícil que já pisou nessa terra — repito pausadamente suas palavras sobre a prima.

A manipuladora leva as mãos ao peito, ofendida.

— Devemos ser caridosos, Seb. Pensei que eu tivesse lhe ensinado isso.

Rio sem nenhum humor.

— A senhora me ensinou muitas coisas, acredite. Mas nenhuma delas era sobre ser caridoso com sua prima chata.

Percebendo que não tenho qualquer problema em desmascará-la, a espertinha recorre a outra igualmente ardilosa.

— Loupe, eu lamento muito, querida, mas nessas horas temos de apoiar a família, você me entende, não?

A espanhola, pega desprevenida, olha entre minha avó e mim, sem saber o que dizer.

— Sebastian tem o telefone da casa dela. Não hesite em me ligar. — Caminha até Penélope para lhe beijar o rosto. — E, por favor, não se assuste, meu neto não é tão ruim quanto parece. — Penélope se levanta para receber o cumprimento de minha avó. — Ele tende a ficar emotivo quando saio para passear... o que é bem raro, quase nunca saio de casa, embora meu médico tenha dito que é importante respirar novos ares.

Mesmo percebendo a intenção da velha, Penélope retribui o beijo, que vira um abraço.

— Eu ficarei bem, *babushka*. Espero ainda estar aqui quando a senhora voltar, não gostaria de partir sem me despedir, pois não poderei permanecer por muito tempo. E nem sei se um dia voltarei.

Ha, é uma manipuladora jogando contra o emocional da outra.

— Não vou demorar, querida. Eu voltarei.

A mais experiente vence.

Não me resta nada além de me preparar mentalmente para o desafio de conviver com Penélope Molina por quantos dias minha avó armadora perceber que sua estratégia de nos unir é inútil.

Que o universo me ajude!

Capítulo 13

SEBASTIAN

Quando eu era moleque, costumava me sentar com meu avô nos fundos de casa e ouvir dele que não havia terra mais abençoada do que aquela em que nascemos. Ele apontava para o horizonte e dizia que tudo o que nos cercava até onde os olhos podiam ver fazia parte do solo que deveríamos amar e proteger. Aqui, o sentimento de patriotismo se sobressai a todos os outros, é cultural, é o que aprendemos em casa, na escola, nas canções. Garotos são criados para serem homens e servir o país. Meu avô, que também serviu o exército, teve grande influência na minha escolha pela carreira nas Forças Armadas Russas. O velho Vyacheslav era um exemplo.

Eu tinha 15 anos quando ele morreu, depois de lutar contra um câncer de pulmão que, entre ser descoberto e o levar embora, não foram mais do que três meses. Aconteceu rápido e pegou a todos nós de surpresa. Dona Zhena foi quem mais sofreu; ainda sofre, mesmo que já tenha se passado mais de duas décadas. Embora ela não fale com tristeza, as lembranças de Vyacheslav estão por toda parte nesta casa, e hoje, inusitadamente, é Penélope quem revive sua memória, mesmo sem saber.

Mal posso acreditar nos meus ouvidos... e olhos.

Uma das canções mais tradicionais daqui, tocada ao som vibrante da sanfona de fole, sai alta do velho rádio sobre o armário, inundando toda a cozinha. “Когда мы были на войне”, ou “Quando estávamos na guerra” era uma das preferidas de meu avô.

No entanto, esse nem é realmente o grande ponto. Tampouco os móveis e utensílios fora de lugar, espanados, ariados, brilhando e cheirando a limpeza... mas Penélope, com uma vassoura na mão, dançando festivamente, submersa no ritmo como quem baila uma quadrilha. O corpo se move em pulinhos, os cabelos presos no rabo de cavalo voam de um lado para o outro, na cadência do quadril.

Relaxada... diferente.

E o que é isso que a infeliz está vestindo?

— Porra... — o tom apreciativo na voz baixa de Elliot me faz lembrar de sua maldita presença ao meu lado.

Merda!

Enfio uma cotovelada na costela do imbecil e limpo a garganta, esperando que ela me escute sob o som alto. Deixei a mulher sozinha logo após o café da manhã para me juntar aos caras e encontrar um dos informantes de Elliot. Disse a ela que não sabia se demoraria, mas que provavelmente retornaria somente à noite. Eu precisava sair, tomar uma distância dela e limpar os pensamentos. A contar pelo short curto e o top cobrindo apenas metade de seu corpo, ela acreditou que eu ficaria fora por todo esse tempo.

A mulher não tem um único fio de cabelo tímido em seu corpo, ao que parece.

Limpo a garganta outra vez. Nada.

É quando ela gira, dançando, e nos encontra parados à porta...

A expressão em seu belo rosto é impagável. Im-pa-gá-vel.

Bochechas vermelhas, testa suada, parte do decote exhibe seios fartos também suados... e um sorriso amplo, que se transforma em olhos enormes, arregalados.

— Droga... — sibila assustada, levando a mão livre junto ao peito, segurando a vassoura com a outra.

Quero rir. Quero exigir que se cubra, e rir.

Inferno. Deixá-la constrangida tem se tornando mais prazeroso do que me lembro de ter sido nos últimos anos.

Uma coisa sobre Penélope: sua capacidade impressionante de adaptar-se às situações numa velocidade extraordinária, como se jamais se permitisse ser pega desprevenida. O semblante de surpresa rapidamente dá lugar ao blasé, o de que não vê nada demais em ser pega em flagrante, seminua, dançando descontroladamente no meio da cozinha de estranhos.

Então se apoia ao cabo de vassoura, fingindo não procurar

desesperadamente com os olhos sua camiseta branca apoiada sobre a perna de uma das cadeiras, descansadas de ponta-cabeça em cima da mesa.

— Olá, Penélope.

Ela pode não me ouvir, mas estou certo de que pode ler em meus lábios.

Sorrindo de forma que não é exatamente sincera – parece mais como alguém mantendo a dignidade –, ela não retribui o cumprimento, em vez disso se dirige ao cara extasiado junto a mim. Elliot olha para ela com uma maldita expressão de admiração.

— Ei, Elli! Que bom te ver! — praticamente grita sobre a música, acenando semelhante a quem revê um velho amigo.

Como é?

Ele levanta a mão num aceno.

— E aí, Loupe?

Cruzo os braços sobre o peito, impressionado.

Penélope ignora isso também quando corta alguns passos até onde o rádio está e abaixa o volume. No caminho, pega a camiseta.

— Essa música não é divertida? — comenta de costas numa tentativa de distração enquanto veste agilmente a peça de roupa, escondendo a parte da frente de seu corpo, no entanto, dando-nos um vislumbre em primeira mão de toda a sua bunda redonda em glória nos shorts apertados.

Elliot, o estúpido, não hesita em contemplar.

Satisfeita por estar coberta, Penélope volta a ficar de frente.

— Não é?

— Não é o quê? — indago tranquilamente, percebendo que sua pergunta não foi feita para mim. Ela está me evitando de propósito, tudo para que eu não faça qualquer comentário sobre essa cena.

— Divertida. Acho essa música tão divertida!

A senhorita fraude mal sabe o que está dizendo.

— Ah, você acha? — E estou realmente curioso a respeito de seu modo de sair das situações embaraçosas que cria.

— Sim, sim...

É Elliot, compadecido pela esperta e muito atraente encenqueira, quem resolve explicar.

— Na verdade, Loupe, a letra é sobre um soldado rejeitado pela mulher amada. Ele fala do desejo de estar na linha de frente da guerra apenas para tomar umas balas... Você sabe...

— Se matar por amor? — indaga, admirada.

Lambo os dentes da frente, sorrindo feito um lobo entretido.

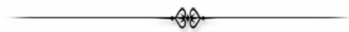
— E você aí, pulando ante a morte do pobre homem — debocho.

Orgulhosa, ela dá de ombros.

— Acho que devemos dançar por ela, então, que se livrou de um banana.

Elliot ri, alto, deliciado pelo cérebro maligno.

Percorro com os olhos suas pernas grossas nos shorts curtos, mesmo que a camisa agora caia sobre o meio das coxas, indicando-lhe que é uma boa hora para que ela vá se cobrir enquanto o puto estiver rondando. Em resposta, recebo aquele olhar que me manda comer merda.



Elliot ficou no escritório comigo por cerca de uma hora. Analisamos as informações que levantamos até agora sobre o paradeiro de Verhoeven, que aparentemente sumiu dos nossos radares. Preocupa-me saber que o cara está silencioso demais, principalmente quando Penélope pode ser seu alvo. Pensei em embarcar de volta para a Holanda, mas não sei se é uma boa ideia deixá-la sozinha aqui, não confio na mulher para ficar longe de problemas. Tampouco pretendo arriscar.

Por falar nela, procuro-a pelos cômodos do andar inferior sem sucesso. Embora o dia ainda esteja claro lá fora, já que o anoitecer acontece um pouco mais tarde nessa época do ano, é provável que ela já tenha ido para o quarto. Pudera, depois da faxina feita na casa inteira, não me admira que caia dormindo, exausta.

A velha Zhená ficaria satisfeita. Entretanto, nem mesmo ela quer que Penélope se sinta impelida a trabalhar nesta casa, se ela pensa que tem de pagar pela estada. Aqui, ela é uma hóspede. Gostaria de fazê-la entender isso de uma vez por todas.

Na cozinha, abro a geladeira para pegar uma garrafa de água, quando um movimento lá fora me chama a atenção.

Afasto a cortina cheia de babados para o lado e então eu a vejo, nos fundos da casa... e a maldita imagem cria um aperto desconfortável em meu peito. Acho que Penélope nunca foi mais ela mesma do que ali, neste momento, sozinha, não somente desarmada... mas exibindo um outro lado de si. Frágil.

De cabeça baixa, distraidamente ela joga pedras no lago e as observa quicarem, para então repetir. Porém, é o olhar em seu rosto, distante e solitário, que me comove. Maldição, eu nem sei exatamente o que estou vendo ou por que me incomoda tanto. O fato é que incomoda. Mexe comigo. Traz uma inexplicável necessidade de protegê-la não do que virá, mas do que já aconteceu.

Devo estar maluco. Contudo, não sou capaz de me deter de ir até lá.

Fazendo-me silencioso, aproximo-me calmamente por trás. Os vestígios de sol batem contra seus cabelos castanhos, dando aos fios uma tonalidade acobreada bonita. As pernas se flexionam ligeiramente para ajustar o movimento de arremessar, exibindo uma fluidez e delicadeza destoante da figura sensual.

Tomo tempo para observar seu perfil, nariz levemente arrebitado, marcado por pequenas manchinhas marrons, que cobrem também parte das maçãs do rosto. Seu pescoço branco é salpicado por pintas marrons desordenadas, descendo pela gola da camisa abaixo. Penélope tem um tipo de beleza própria, que se revela a cada pequena descoberta.

Não demora, sou pego observando-a.

Ela me olha de lado, franzindo o cenho como se já soubesse que eu estava chegando. Contudo, não diz qualquer coisa desagradável no habitual *modus operandi* de quando é surpreendida.

— Será que posso perguntar o que está te chateando além das razões

óbvias? — Enfio as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, de repente me sentindo mal ao interromper seu momento.

Seus ombros sacodem suavemente. Os olhos assistem à última pedra quicar três vezes antes de imergir, parecendo pensar no que dizer.

Espero, sem tirar meu olhar dela.

— Essa é a primeira vez que fico sem fazer nada, estou... sei lá... — inspira fundo — me sentindo uma inútil.

Imaginei que sim. Infelizmente, sinto que conheço o modo como Penélope pensa.

— Se bem reparei, você deu um trato e tanto lá dentro — observo, tranquilo.

Ela enrugou o lábio.

— Besteira. Sua avó quase não me deixou nenhum trabalho. Tive de sujar para limpar...

Abro um sorriso involuntário. A mulher não faz tipo, ela é o que é. Em certo ponto, gosto que seja assim comigo, sem se sentir na obrigação de fingir.

— Ela é terrível, não é? — Volta a arremessar outra pedra, com mais jeito, aprendendo com o erro de ângulo anterior.

— Sim, ela é. — Abaixo-me e apanho algumas pedras também. — Na verdade — encaro o lago, decidindo onde lançar —, vocês duas se parecem muito.

Pelo canto do olho, pego o vislumbre de um puxar de lábios, quase um risinho, que não me contradiz.

— Posso te fazer uma pergunta? — Gira, esperando meu arremesso.

— Faça. — Não tiro minha falsa atenção do lago.

— Você tem medo de que alguém como eu, especificamente, caia de amores por você, ou mulheres em geral?

Curioso pelo que ouvi, desisto momentaneamente de jogar a pedra e me viro para ela.

— O que quer dizer com “alguém como você”?

Revira os olhos como se tivesse dito algo evidente.

— Você sabe.

Aperto os meus, observando-a com bastante atenção.

— Na verdade, acho que prefiro que me explique.

Um bufo baixo, contendo certo humor ligeiramente depreciativo, gera um vibrar em seus lábios. Miséria, se essa mulher estiver pensando o que acho que está, ela é mais maluca do que imaginei.

— Sou gorda, Sebastian — afirma com obviedade. — E não me envergonho disso, se quer saber. Na verdade, meu peso não me incomoda, mas sei que incomoda a maioria das pessoas.

É a minha vez de bufar. Alto.

— Você é linda, e qualquer um que diga o contrário ou é uma mulher com inveja ou um cara que não gosta de mulheres. De qualquer jeito, a opinião de nenhum desses dois grupos conta.

— Ah, não conta?

— Não.

— E a sua conta?

Inferno...

— É complicado.

— Por quê? — Gira-se de volta ao lago, brincando com a pedra para cima e para baixo na palma da mão, sentindo o peso e medindo mentalmente que força usar para lançar. — Aliás, não me respondeu, por que tem tanto medo que eu me apaixone por você, Sebastian?

Faço meu arremesso antes dela. A pedra quica quatro vezes antes de afundar.

— Só não quero que crie expectativas, Penélope. Não estou... você sabe... aberto para essas coisas.

— Legal — capto naturalidade, aceitação em seu tom.

Legal?

Volto a encará-la.

— Você acha? — Arqueio a sobrancelha, entre divertido e especulativo.

— Bem, na verdade, não pensei muito no que dizer — confessa, serena demais. — Não é como se fizesse qualquer diferença pra mim. É aquilo que eu disse, sou normalmente atraída mais por homens do tipo de Elliot, entende?

Não me agrada o que diz e, antes que eu perceba, estou alertando-a:

— Fique longe dele, Penélope.

Ouçõ um sonzinho de “tsc, tsc”.

— Fique longe dele, fique longe de mim. Só falta dizer: volte para o convento, Penélope.

Não é o que diz, mas como diz que me deixa realmente interessado e incomodado outra vez, sentindo que a chave daquilo que pego em seus olhos quando ela pensa que ninguém está olhando tem a ver com a experiência da infância.

— Como foi viver lá?

O semblante se torna mais contraído, embora mantenha a fachada de despreocupação.

— Quer mesmo saber? Era a sala de recepção do inferno. Só não foi pior do que... — interrompe-se conforme aperta a pedra entre os dedos de um jeito que sei que a está machucando.

Nahuí!

— Pior do que o quê? — finjo não notar a reação.

— Nada importante... — No entanto, a pedra continua esmagada contra a palma. — Queria aproveitar que está aqui para te dizer algo em que estive pensando...

A menina se engana se pensa que não percebi o modo repentino como tentou mudar de assunto. Para a sorte dela, sou um cara que sabe o momento de recuar... para, no futuro, atacar.

Assinto com a cabeça, incentivando que diga o que andou pensando.

— Sobre o que fizemos ontem... — começa.

Evitamos nos olhar enquanto ela continua:

— Entendi o que houve. Estamos sob estresse e somos adultos com necessidades, mas não vai mais acontecer. Você não tem que se preocupar a

meu respeito.

Por um momento, não sei o que devo dizer. Minha perspectiva é completamente diferente da dela. Eu não estava sob estresse. Estou habituado a situações adversas com a escória do mundo. O que tive... e inferno, se eu for honesto, admito que tenho constantemente desde que essa boca suja surgiu, é uma maldita necessidade de ir bem fundo nela e domar esse comportamento detestável que demonstra comigo. Acho que é um desafio, uma afronta que me instiga a não relevar.

Sentindo meu jeans mais apertado, largo as pedras no chão e limpo as mãos uma na outra.

— Certo. Prometo que tampouco farei aquilo novamente. Quero que essa convivência seja boa para ambos — afirmo.

— Ótimo. — Ela joga a última pedra de qualquer jeito, ainda que tente fingir ter se concentrado.

Ótimo.

Ficamos em silêncio. Dois solitários perdidos em seus mundos.

Preciso entrar, sair de perto dela e dessa sensação de querer rebater, provocá-la, fazê-la admitir que essa sua tranquilidade é uma fraude.

— Essa noite tenho um compromisso, provavelmente vou ficar fora até tarde... — volto a falar impondo descontração a meu timbre. — Caso queira dar uma festa, se certifique de colocar músicas menos fúnebres.

Pego o movimento de sua língua umedecendo os lábios, preparando alguma réplica afiada.

— E você, de não chegar mais cedo e estragar tudo...

Instintivamente, como se puxado pelo maldito imã que me obriga a sempre estar mais perto, aproximo-me dela.

— Use roupas menos extravagantes do que aquelas, e prometo que não atrapalharei a dança.

Capítulo 14

SEBASTIAN

De todos os lugares onde já estive, não há um que me traga mais a sensação de estar em casa do que a velha taberna de Samsonov. Meu avô foi quem me trouxe aqui pela primeira vez, quando eu ainda não passava de um moleque, assim como o pai de Gael fez com ele, e o de Elliot, e os de muitos outros da cidade. O ritual de passagem em que garotos viram homens inclui obrigatoriamente a primeira dose da mais forte das vodcas já produzidas no mundo, a centenária Samsonov, que leva o sobrenome da família e é fabricada no quintal deles há gerações.

Preservamos alguns velhos hábitos por aqui. Depois que o cara passa a frequentar a taberna, o lugar se torna seu ponto de encontro. Negócios são feitos sob esse teto, em sua maioria ilegais; a vanguarda da máfia faz suas reuniões nas mesas do bar. E, com a gente, não é diferente. Gael, Elliot, Ed, Bola e eu nos encontramos nesse lugar sempre que podemos.

Hoje, no entanto, não me sinto no espírito de conversas, estou mais favorável a aquecer o estômago com o bom álcool e esquecer por algumas horas quem eu sou.

Na verdade, faz tempo que não me sinto eu, que não encontro propriamente meu lugar em lugar algum.

Rodopio a caneca vazia sobre a mesa, brincando com ela, enquanto Ed conta alguma história que julga engraçada sobre nossa última passagem pelo México, meses antes. Temos rodado o mundo, nos infiltrado nos piores buracos... E eu nem mesmo me lembro de como é não viver assim. Eu tinha planos para a vida, planos que incluíam encerrar minha carreira nas FAR, casar, formar uma família... Hoje sei que nada disso foi feito para homens como eu.

— Você não nos falou sobre sua nova hóspede — Gael, do outro lado da mesa, joga essa. Tentei ignorar seu maldito escrutínio sobre mim pela

última meia hora.

— Não há o que falar. — Sinalizo para que Samsonov traga mais uma cerveja.

— A velha Zhena se mandou e deixou o cara na mão... — é Elliot, o linguarudo do inferno, que abre a boca grande.

Meu olhar treinado fita o bar tranquilamente, mas sinto o de todos eles em mim, curiosos.

— A prima dela não está bem... — Dou de ombros, sem alarde.

É o mesmo que contar a piada mais hilária que os imbecis já ouviram. Risadas explodem sem hesitação. A fama da inimizade entre minha avó e sua prima é notória.

— A velhice está tornando sua avó uma pessoa generosa, pelo jeito. Se me lembro bem... — Gael para de falar, tentando recordar a história que já sei que contará. — Ela nos mandou roubar uma peça de roupa do varal daquela mulher, não foi, Elliot? Pra que mesmo era aquilo?

— Fazer uma mandinga pra prima parar de visitá-la — o idiota entra na onda, virando o restante de sua cerveja.

Não é preciso ser inteligente para compreender a intenção de minha avó me deixando sozinho com Penélope. Eles sabem.

— *Nahuí!* Parem de me olhar como maricas. Nada acontecerá. Estou mantendo a mulher lá para que não nos atrapalhe. Assim que pegarmos Verhoeven, ela volta para a Espanha.

— Espanholas têm sangue quente. Já saí com uma — Bola, o sujeito que mal pode ver o próprio saco, opina, cheio de si.

— E, se querem mesmo saber, aquela espanhola ali... uau... — Elliot se esparrama na cadeira, num tom pretensioso, como se soubesse algo que os outros não sabem.

Dou a ele um olhar de aviso para que mantenha a maldita boca fechada.

— O que tem ela? — Gael percebe e não perdoa. Acho que está adorando me ver nessa... ou apenas revidando tudo o que já lhe fiz.

— Essa tarde, a garota estava na cozinha da velha Zhena, só de short e sutiã, dançando “Quando estávamos na guerra” alegremente... — refestela

deliciado, provavelmente relembrando a imagem em sua mente pervertida. — Apesar da escolha da música, devo dizer que nunca vi mulher mais...

Não permito que conclua.

— Ela só estava limpando a casa. Agora, será que podemos parar de agir como velhas mexeriqueiras e falar sobre o que importa? Você conseguiu as fitas da vigilância?

— Pelo jeito, há alguém interessado no sangue espanhol... — Gael, puto como é, solta essa, enquanto deliberadamente finge prestar atenção à abotoadura dourada na manga do seu terno.

Estou prestes a mandar que ele enfie sua insinuação no próprio rabo, quando, para minha surpresa, é Elliot que responde:

— Não vou mentir... Tô pensando em convidar a menina para um passeio na cidade.

Como é?

Aperto os olhos e observo o sujeito com mais atenção, esperando que revele estar brincando, mas não acontece. O puto parece considerar a ideia.

— Você não é nada burro, hein?! — Ed maliciosamente enfia uma cotovelada na costela dele. — Aposto que não se importará de ouvir aquela música terrível dez vezes seguidas, enquanto uma mulher como aquela monta em seu pau. Quem afinal se importaria, não é?

Escutar essa merda e imaginar a cena de Penélope trepando com Elliot, inferno, me incomoda. Nem mesmo sei o porquê, mas incomoda *pra caralho*. Lembro-me da expressão solitária em seu rosto na beira daquele lago, no quanto a menina parecia vulnerável, desarmada, quando pensava não ter ninguém olhando... e, de súbito, simplesmente quero me lançar sobre a mesa e tirar o sorrisinho estúpido de Ed por se atrever a dizer um negócio desses.

Para a sorte do cara, Samsonov salva o momento trazendo a bandeja com uma nova rodada de cervejas e algumas doses de vodka.

Não me detenho, no entanto, de mandar um recado silencioso a Elliot: que tire essa merda de ideia da cabeça e fique longe dela. Tudo o que Penélope não precisa é sair da Rússia com o coração quebrado.

Perdendo a vontade de permanecer com os caras, apanho uma dose de vodka, viro-a numa golada só, levanto-me, puxo uma nota de cinquenta

rublos do bolso e a deixo sobre a mesa.

— Vocês estão piores do que malditas lavadeiras — zombo, forçando um senso de humor que não sinto.

— Mas já? — Gael, o fodido, não esconde o ar satisfeito.

— Marquei um lance para mais tarde. — Enfio um sorriso safado em meu rosto. — Alguns de nós podem se dar ao luxo de ter uma variedade à espera.

Compreendendo a indireta, ele pega um copo e beberica a vodca, sem pressa.

— Quando se encontra o que há de melhor, Sebastian, a variedade passa a não ter qualquer apelo — Gael afirma, sustentando o semblante confiante e olhar afiado.

Ciente de que estou indo longe demais, retribuo:

— É bom saber. Quem sabe eu também possa experimentar o que está dizendo.

É claro que é uma provocação, sua mulher é como uma irmã para mim, mas vê-lo de volta em seu modo sombrio, letal, sem a máscara civilizada, vale toda a merda que me fez comer esta noite. Priscila é seu ponto fraco.

Rindo alto, mando-me de uma vez antes que a noite acabe com a gente se embolando no chão sujo da taberna.

É irônico como vim para cá justamente para não permanecer sozinho com Penélope naquela casa, e agora, de repente, a presença dela me parece melhor do que estar com os caras.

Capítulo 15

SEBASTIAN

A casa está silenciosa conforme vou entrando pelos cômodos. Confiro o relógio e percebo que ainda é relativamente cedo. Passa pouco mais das 11h30 da noite. Pensei que talvez fosse encontrar Penélope perambulando por aí, pela cozinha, quem sabe, porém, não há sinal dela em qualquer parte do primeiro andar. Eu disse que chegaria tarde; na verdade, tinha planos de voltar no meio da madrugada. É provável que ela já tenha se recolhido.

Eu deveria fazer o mesmo. Tenho tido noites ruins de sono. No entanto, em vez de subir para o quarto, faço o caminho até o porão, onde dona Zhena manteve intocada a academia improvisada que fui montando ao longo dos anos em que morei nesta casa. Sinto que hoje, particularmente, há um tipo de energia que preciso exorcizar de meu corpo. Não aquele aperto esmagando o peito, que já se tornou parte de mim, mas um vazio incômodo que nem mesmo posso explicar. Estou cansado, mentalmente cansado. Já são anos de uma existência sem qualquer sentido, sem objetivo, eu diria, principalmente depois de obter vingança por levarem de mim a possibilidade de um futuro. E, ok, eu sabia que não seria uma vida propriamente dita, compreendi e aceitei. E até aqui estava certo... mas, então, o que é essa coisa tentando me engolir? Por que o vazio se tornou um incômodo justamente agora, depois de tanto tempo?

Não me reconhecendo, tiro a camiseta e as botas, ajusto as cordas do saco de pancadas pendurado no teto e passo a desferir pancada atrás de pancada, concentrando em meus punhos a necessidade de arrancar essa... essa angústia de dentro de mim. Meu cérebro passa a brincar comigo, jogando imagens, bagunçando-as em minha mente, o riso fácil de Lara, seus olhos límpidos e excêntricos... e, então, o rosto da bendita mulher em algum lugar nesta casa, sob o mesmo teto que eu, sua boca suja, respondona, os olhos castanhos acobreados vulneráveis, a solidão que vi nela – tão igual à

minha –, as sardas salpicadas no nariz, sua dança ridícula... Diabos, quem dança alegremente uma música como aquela? O movimento de seu corpo, fluído, como se a dança fosse sua maneira de exorcizar algo em si também.

Sei que a fachada de durona que mostra ao mundo é uma fraude. E, ao mesmo tempo, eu seria um mentiroso se não reconhecesse a força e o poder que ela tem, principalmente de me perturbar. Sua presença me incomoda, irrita, e agora, para ferrar tudo, estou aqui pensando em todas essas merdas... O que, afinal, está havendo comigo?

As pancadas contra o saco ecoam em ondas secas pelo porão.

Suor escorre por meu peito e costas.

Não quero pensar nela.

E, como um castigo, lembro-me do que Ed falou sobre ela e Elliot juntos.

Yeb vas!

Não é da minha conta se eles resolverem sair. Penélope mesmo disse que o cara faz seu tipo. Honestamente, conhecendo-o, sei que ele não brincaria com alguém como ela. O imbecil até corre o risco de cair de amores pela encenqueira e nunca mais deixá-la partir.

Perco o controle, chutes se misturam aos socos, meus punhos vão ao limite da dor, e só paro quando já não consigo mais me manter em pé. Arfando, apoio as mãos nos joelhos e me curvo, buscando ar.

Eu deveria ter bebido, me afundado numa boa noite de álcool, e não estaria aqui pensando em besteiras.

Por fim, pego a camiseta amassada, jogo-a por cima de um ombro de qualquer jeito e subo em direção ao meu quarto. Preciso de um banho e, quem sabe, com sorte, serei agraciado ao desmaiar na cama durante pelo menos dez horas.

Quando coloco o pé no último degrau da escada, o piso range alto. Sem saber o porquê, paro e apenas encaro o corredor que leva aos nossos quartos. O dela está com a porta aberta. A luz acesa que sai de dentro dele é a única a iluminar a passagem.

Será que está dormindo?

Não quero saber. Não quero saber nada sobre Penélope Molina.

Respiro fundo.

E dou o próximo passo, e outro, e outro, até que estou em frente à sua porta... Do lado de dentro, eis que a mulher está em pé próxima ao batente. Olhos assustados dão lugar ao alívio.

— Caramba, é você! — Leva a mão ao peito.

Travo a mandíbula quando automaticamente meu olhar percorre seu corpo, atraído pela camiseta velha lhe contornando os seios livres, as coxas nuas. Então era isso o que ela usava na outra noite, quando a toquei. Os músculos de meu corpo se contraem com a lembrança. Eu me odeio neste momento por não ser indiferente a ela, pela reação imediata de meu corpo ao seu. Por estar duro... faminto justamente por essa mulher.

Volto a encarar seu rosto. Seu olhar já não está mais no meu, mas em meu peito nu, suado, nas veias saltando por meus braços e pescoço, tanto por eu ter excedido no saco de pancadas quanto por estar contraído em sua presença, tenso.

O ar entra com força, dilatando minhas narinas.

Quando ela umedece os lábios daquele jeito que faz antes de dizer algo vindo diretamente de sua mente imprevisível, eu a interrompo. Estou no meu limite.

— Apenas volte para a cama, Penélope — e, pelo modo como minha voz sai, rude, baixa, rígida, sei que meu aviso é claro.

Para ambos.

É isso ou cometeremos um erro esta noite.

— Por quê? — ela sussurra, de repente tornando tudo menor. As paredes parecem me cercar e esmagar.

— Por que o quê? — minha voz falha, densa, não ajuda em nada.

— Você fica sempre me jogando esses seus avisos, quando, na verdade, me olha — sinaliza a mão em minha direção — desse jeito?

Sinto o sangue correr mais veloz nas veias, concentrar-se numa parte dolorosa de meu corpo. Fecho os punhos em busca de controle... mas não me detenho de perguntar, ciente do tamanho do erro:

— De que jeito, Penélope? — quero que diga; não deveria, mas quero

ouvir dela que estou malditamente duro por estar diante dessa infeliz, vendo cada curva de seu corpo por baixo da camiseta velha e fina. Os mamilos... porra, são dois cumes intumescidos, que ela, então, tenta esconder cruzando os braços em frente ao peito. Eu os tive em minha mão, seios pesados, grandes, do tamanho certo para levar o mais fodido dos caras à lona.

— Você sabe...

O ar que sai rasgando meus pulmões numa expiração profunda deveria servir-lhe de alerta.

— Diga. Quero ouvir de você.

Seu lábio inferior estremece, porém, ela se recusa a falar.

Dou um passo à frente. Ao contrário de tudo o que é aconselhável, em vez de seguir meu caminho, eu me aproximo.

— Como se quisesse te empurrar contra essa parede e me afundar em você? É isso? — *Inferno!*

O pescoço branco leitoso com pintas marrons faz um movimento, indicando que tenta engolir a saliva. Ela quer isso. É errado, ambos sabemos, mas essa mulher quer exatamente o que descrevi.

Yeb vas! Saia, dê meia volta e saia, vá para o quarto, banheiro, qualquer coisa, cara, mas saia de perto dela, porra!

Sem força de vontade o suficiente para evitar, deixo meu olhar cair outra vez por seu corpo, piorando minha situação. Coxas grossas, pálidas, nuas. As mesmas que já estiveram presas ao meu redor há não muito tempo. Os pés estão descalços, dedos redondinhos, delicados... A infeliz! Sem precisar tocá-la, sei que tudo nela é macio, receptivo. Devo estar maluco, mas é como se eu pudesse até mesmo sentir o cheiro de sua excitação.

— É assim que estou te olhando? — pressiono em tom baixo, tão baixo que mal me ouço.

Olhos escuros dançam por baixo dos cílios castanhos, correndo meu peito, talvez procurando dentro de si as palavras certas que vão me devolver a razão. Contudo, a partir do que sai de sua boca, sei que não posso contar com ela para ter bom senso:

— Sim, é assim. — Sobe o olhar de volta ao meu. — Então, se eu estiver enganada, apenas siga seu caminho, Sebastian. Mas, se for o que você

realmente quer... — há um desafio, um ultimato, fingindo para mim uma segurança que sei que não sente, como eu mesmo fiz com ela quando exigei que voltasse para a cama.

Nahuí!

— Se for o que realmente quero, o que acontece? — rosno, incapaz de me deter, porque, honestamente, acho que só preciso que ela esteja tão disposta a errar quanto eu.

Meu corpo traidor não consegue fazer qualquer outra coisa que não a desejar de maneira insana neste instante. Chega a doer.

— Somos adultos, Sebastian, temos necessidades...

Ah, maldição! Lá vem ela com essa coisa de necessidade e de ser adulto!

— ...e será apenas uma vez — complementa, determinada.

Por um instante, deixo de pensar, até mesmo de respirar, acreditando que não escutei direito.

Tudo o que faço é observá-la com total atenção, tomado por humor e descrença em iguais proporções – mistura que somente essa mulher é capaz de despertar –, pois, acho que, de fato, entendi errado.

— Como é?

Os seios sobem e descem quando ela toma uma inspiração profunda. O queixo atrevido se eleva, como se a mulher fosse a dona do mundo, e eu, seu súdito ávido.

— Exatamente o que ouviu. Se quiser... — vacila, perdendo a repentina coragem de verbalizar ao acenar outra vez com um gesto de mão. — Você sabe. Se quiser isso, saiba que não há qualquer chance de repetição.

Surpreendente. Penélope Molina consegue ser surpreendente.

E para o inferno com tudo isso! Quando percebo, estou dando outro passo, tão perto dela que sinto o cheiro de baunilha de seu xampu. Devo estar num caso sério de bolas azuis, pois aspiro o aroma, deliciado. Minhas mãos coçam por tocá-la e se certificar de que essa infeliz é real, e não um maldito sonho erótico adolescente, mas, com esforço, mantenho-as ao lado do meu corpo. Aproximo apenas a boca da pontinha de sua orelha.

— Nesse caso, acho que devo fazer valer a pena, não é, moça? — sussurro, colado a ela, tenso até a alma.

É claro que noto o estremecer de seu corpo, a maneira como arfa sem som ou encolhe a cabeça para junto do ombro. Tão durona e tão vulnerável.

— S-sim — gagueja, cheia de coragem, porém, o som não passa de um ruído abalado. — Faça valer a pena.

Meu peito infla.

Quero tudo, e, ao mesmo tempo, nem consigo me mexer, paralisado, agitado por um caos infernal dentro de mim. Eu poderia dizer que esse bumbo alto vem de fora, quando, na verdade, é o som de meu próprio batimento cardíaco. Não me reconheço. Não sou eu, aqui. Essa mulher não tem essa capacidade sobre mim, não pode ter.

Faça valer a pena.

O que, no mundo, tornou-a tão exigente? O que ela sabe sobre fazer valer a pena? A menor ideia de Penélope trepando com outro cara, de repente me incomoda. Sou tomado por uma inexplicável necessidade de marcá-la, de apagar o rastro que qualquer outro imbecil possa ter deixado em sua mente, em seu corpo. Quero que ela não se lembre do que aconteceu antes de mim, de quem a tocou, que eu seja sua única memória. Irracional, eu sei. Eu não deveria ambicionar algo desse tipo.

Todavia, sou um puto egoísta e vaidoso, não posso ir contra minha natureza.

Respiro fundo e esvazio o peito devagar, fazendo com que o ar que sai de minhas narinas provoque-lhe a pele. Automaticamente, Penélope derruba o pescoço de lado, estremecendo e me dando acesso, tal qual fez na noite anterior. Encosto o nariz naquele cantinho quente e delicioso atrás de sua orelha e sorvo.

Se será apenas uma vez, farei dela memorável.

— Gosto do seu cheiro, Penélope — provoco, murmurando. — Não dormi essa noite pensando nele, sabia?

Arrasto os lábios de leve até sua carótida pulsante. Quase posso sentir o sabor de seu sangue quente, ritmado.

— Lembrando do gosto que senti ao beijá-la aqui... — Mordo de leve a

região.

Meu pau quer me matar pela tortura.

Subo as mãos por seus braços arrepiados, sem pressa, roçando as laterais dos seios no caminho.

— Fiquei imaginando como seria te provar em outros lugares.

Agitada, a mulher troca o peso do corpo de um pé para o outro.

Vou percorrendo seu pescoço com os lábios, sorvendo a pele, marcando um trajeto, enquanto desço as mãos outra vez.

— P-ensar tanto em mim pode não te fazer bem, Sebastian — ela retruca. No entanto, sei que é apenas sua maneira de não se permitir ser vista cedendo, sucumbindo a mim.

O desafio me regozija.

— Sim — concordo baixinho em seu ouvido. — Não faz bem, me deixa duro de um jeito bem doloroso, se quer mesmo saber, moça.

Sinto o toque, a princípio tímido, de seus dedos contra meu peito nu suado, semelhante ao pouso de uma borboleta. Escondo o sorriso, ciente de sua intenção, e vou mais fundo:

— Tive de sair para não me afundar em você naquela mesa. Na quentura que senti contra os meus dedos... Estou duro outra vez só de lembrar.

Ela suspira. A mão ganha mais confiança, espalma-se, testando, sentindo meu peito, barriga, como se tivesse explorando, descobrindo.

— É uma pena que fugiu — replica baixinho.

Essa mulher...!

— Eu teria te machucado se ficasse. — Pouso as mãos firmemente em sua cintura, trazendo-a para mais perto para que sinta como me deixa. A necessidade fluindo em meu corpo beiraria o ridículo, se não me impressionasse.

O delinear suave das pontas de seus dedos encontra o cóis de minha calça. E então, ousada, apanha-me por cima do jeans, de mão cheia. *Yeb vas!* Arfamos os dois. Não consigo me lembrar da última vez em que tive uma mulher em minha cama. Sei que não faz tanto tempo assim, mas sinto a

indigência de um exilado no deserto. Tudo dói. É isso o que Penélope faz comigo.

Quando me dou conta, estou segurando seu rosto entre as mãos e trazendo sua boca para mim. *Minha*, algo grita em meu interior. Os lábios grossos, macios, têm sabor de pasta de dente. Faminto, deslizo a língua por eles, policiando-me duramente para não fincar uma mordida, de tão tentadores. Demanda muito esforço. Penélope facilita, inclinando mais o rosto para cima, equilibrada nas pontas dos pés. Provo sua boca sem reservas. A diaba sabe como beijar. Nossa sintonia nisso é perfeita, notei no primeiro dia em que a tomei naquela boate.

E, outra vez, o fantasma de como ela aprendeu a ser assim me ronda.

Bruto, sem o cuidado que deveria, pressiono-a contra a parede. Meu corpo, muito mais pesado do que o dela, empurra-a forte, feroz. Esta noite Penélope é minha para marcá-la, para fazer com que nunca tenha havido outro.

Sem interromper o beijo – simplesmente porque não consigo parar –, pego sua coxa e a ergo, encaixando-a em mim. Com a mão livre, caço o caminho por baixo da camiseta.

Nua! A mulher não está usando uma maldita calcinha!

Acho que grunho, ou seja lá como posso descrever o som animalesco que irrompe de minha garganta.

— Gosto de deixá-la respirar à noite... — afasta-se, sem fôlego, somente para justificar ou me atormentar com a informação.

Tentação dos infernos!

— Você não deveria me contar... — rosno, consciente de que agora vou ter isso me atormentando enquanto estivermos sob o mesmo teto.

A umidade que encontro nela não me surpreende. Ontem tive um vislumbre do quanto seu corpo é rápido em reagir. E aqui, ciente de que estamos sozinhos e tenho a noite inteira, ainda não consigo acalmar meu corpo o suficiente. Tudo em mim a quer. É por um milagre que ainda consigo autocontrole o suficiente para racionalizar sobre prepará-la para me receber. Quero-a bem estimulada, laceada. Machucar essa coisa apertada e febril não faz parte de meu plano de dominação da encenqueira. Mesmo que o plano

dure apenas uma noite.

Uma noite.

“Será apenas uma vez”, as palavras que disse vêm zombar de mim, exigindo-me força de vontade para permanecer lúcido e não apressar tudo. Libero um pouca da energia mordendo seu pescoço, para logo em seguida me punir mentalmente por isso; vi a marca nela essa manhã. Onde merda estou com a cabeça?

— Você quer me deixa maluco... — acuso contra sua boca, feito um idiota.

Querendo que ela se sinta perdida como também estou, afundo dois dedos em seu interior, mantendo o polegar circulando sobre o cume redondinho feito um botão.

A infeliz nem tenta esconder o quanto está gostando. Afasta a boca da minha, apoia a cabeça contra a superfície atrás dela e geme baixinho, um som que sozinho já me empurraria ao abismo. Aproveito-me de seus seios grandes subindo e descendo e abocanho um deles por cima do tecido fino. Quis fazer isso desde que os peguei em minha mão na cozinha.

Gostaria de ter dezenas de mãos para tocar nessa mulher em todas as partes ao mesmo tempo. Sinto-me como um moleque em dia de Natal em frente à árvore, mal acreditando na sorte que teve diante de tantos presentes, sem saber qual abrir, qual pegar primeiro, qual sacudir e descobrir o que há por baixo do papel colorido.

Sei que ela está muito perto da liberação, pela maneira como seu colo, pescoço e rosto avermelham; os gemidos, aumentam; os olhos, cerram. Contudo, confundindo-me até a alma, a menina afasta o quadril para trás, saindo de meus dedos.

— Mas o quê...?

— N-não, não assim... — Balança a cabeça, parecendo tentar enxergar sob a neblina.

— Por que não? — Mantenho sua coxa suspensa.

— Você me dará isso e depois vai fugir de novo, Sebastian. Não quero assim...

Pisco uma vez, duas, até compreender.

E então me pego rindo, não com humor, mas com desgosto por ser um miserável.

— Não consigo fugir de você nem que eu queira, menina. — Arqueio a sobancelha com obviedade. — Olhe meu estado, olhe como estou por você. Pareço um maldito adolescente.

O apertar de olhos que recebo é impagável. Penélope é um grande e delicioso osso duro de roer.

— Sinta... — incentivo-a.

Abraçando o desafio, a mulher volta a tatear meu cós, mas dessa vez não para por aí. Latejo à medida em que ela desprende o botão e desliza o zíper. Ansiosa, encontrando dificuldade, ela empurra a cueca boxer para baixo e tenta retirar meu pau inteiro. Os olhos castanhos curiosos e afoitos acompanham tudo, parecendo na expectativa de ver como sou.

Abafo um sorriso convencido. Se há uma parte minha de que me orgulho é esta em suas mãos.

— Bem... — Faz um som de limpar a garganta, acho que refletindo sobre o que dizer, até que... — Devo admitir que é quase tão grande quanto seu ego — brinca, zombeteira, dissimulando o semblante ganancioso que capto em seu rosto.

— Vou encarar como um elogio, *Loupe*.

Esquecendo-se da resposta marota de que não sou seu amigo para chamá-la pelo apelido, Penélope coloca meu pênis todo para fora da calça. As mãos macias deslizam por ele, indo e voltando, descobrindo e provocando. Não há um único músculo no meu corpo, neste instante, que esteja livre da tensão. Estou inteiramente rígido, com medo de me desmanchar sob a carícia. Este aqui, em suas mãos, definitivamente não é o mesmo cara que já teve mais mulheres em sua cama do que é capaz de lembrar.

Vê-la umedecer os lábios é quase minha ruína. Sei o que está pensando e não posso permitir, não agora. Estou realmente, realmente por um fio aqui. Sua boca em meu pau seria o mesmo que apertar um botão de explosão.

— Chega... — corto, rude, antes de lhe dar motivo para me sacanear pelo resto da vida por não ter aguentado a pressão.

Sem aviso, levanto-a do chão pela bunda macia, disposto a tê-la numa

cama, deitada, aberta para mim. Hoje é tudo sobre explorar seu corpo e me livrar da tortura que foi imaginá-la durante a maldita noite inteira.

Penélope emite um gritinho de surpresa enquanto a carrego. Em resposta, abocanho outra vez seu pescoço, agora mais perto do meu rosto.

Um parque de diversões completamente meu, é o que sinto ter aqui. Ela me enlaça, segurando e puxando meu cabelo pela nuca, punindo-me.

Gosto disso; da intensidade que essa mulher tem.

Deito-a na cama como faria com o bem mais precioso... e meu.

— Abra — ordeno, olhando-a de cima.

— Não use esse tom de ordem comigo, Sebastian... — é seu orgulho falando.

Lambo meus dentes, deliciado. Vê-la submeter-se terá um sabor melhor.

— Eu adoraria discutir sobre meu tom com você, espanhola. — Inclino-me sobre ela sem pressa, pairando por cima, sem tocá-la. — Adoraria mesmo. — Abaixo a cabeça e encontro o ponto exato do pico de seu seio empinado, então o prendo entre os dentes, de maneira que não a machuque, mas cause pressão suficiente para refestelar.

— *Madrecita...*

— Uhum... — resmungo, sem soltar.

A essa altura, considero minha resistência algo digno de um prêmio quando seu corpo se retorce embaixo do meu, aberto, disposto, receptivo.

Do jeito que a quero.

Vou deslizando a boca por seus seios, barriga, ainda por cima da camiseta, que mal vejo a hora de arrancar dela.

E eis que eu a tenho aberta para mim, livre, rendida.

Rosada, úmida, inchada.

Maldita seja essa espanhola!

Não espero que peça, esbanjo-me feito um faminto num banquete. Seus gemidos vão ficando mais e mais altos – agradeço que minha pobre e armadora avó tenha se mandando –, até que meu nome explode de sua boca num rugido fodidamente gostoso de ouvir, como a melhor música. Nem

assim consigo me afastar. “Será apenas uma vez”, “apenas uma vez”, sua frase parece criar ecos.

Subo em seu corpo, ansiando por me afundar nela e não pensar no porquê me incomoda tanto o que disse, porém, paro imediatamente ao perceber algo.

Nahuí, nem fodendo!

Deixei minha carteira no porão. Dentro dela carrego uma maldita cartela de preservativos...

Sob os cílios pesados, Penélope me olha profundamente, sóbria, provavelmente interpretando minha hesitação de maneira equivocada. Pode ser coisa da minha cabeça, mas a decepção que vejo ali me parece real demais.

— Deixei os preservativos no porão — esclareço, simplesmente porque não quero ser o causador desse olhar em seu rosto.

Não transo sem preservativo, e essa é a única regra que sigo.

De supetão, ela se levanta da cama e sai tropeçando no tapete até sua bolsa, passando por mim apressada.

— O quê...?

— Eu tenho alguns em algum lugar aqui... — explica sem me dar um segundo de atenção, determinada a encontrá-los.

Eu poderia rir de sua determinação, do empenho em me manter aqui... mas qualquer humor se esvai num passe de mágica ante o pensamento sobre suas razões de carregar preservativos na bolsa.

Esfrego o rosto.

Nada disso está acontecendo como eu gostaria. Eu não deveria me incomodar com as relações dessa mulher, com quem ela dorme ou deixa de dormir. Não deveria me incomodar que seja apenas por essa noite entre nós... Maldição, eu não deveria!

— Achei! — comemora mais para si mesma, sacudindo a coisa no ar.

Espero que venha até mim, pronta para se jogar de volta na cama e continuar a diversão como se eu fosse seu brinquedinho com pilha recém-colocada, e a apanho pelo braço, impedindo-a.

Nós nos olhamos de frente, sem reservas.

É quando ela se dá conta, talvez pela primeira vez, da escuridão em mim, de que não sou alguém com quem brincar. Os lábios inchados se separam, os olhos se arregalam ligeiramente. Um cordeiro ciente de que caiu nas garras do lobo.

Inteligente. Penélope é uma mulher muito inteligente.

— Tire — comando.

Engole em seco. Enxergo a dúvida nela, a vontade de me contestar, retrucar, usar seu cérebro afiado contra mim. Também presencio a desistência, o momento em que se rende e percebe que foi ela, em primeiro lugar, a me querer aqui, do jeito que sou.

Entregando-me sua submissão, ainda que relutante, ela leva as mãos à barra da camiseta timidamente e a sobe devagar, numa luta interna contra mim e contra si mesma.

Conforme seu corpo vai se revelando, vou me sentindo reduzido, inferior, culpado por macular algo belo. Todas as mulheres em pele e ossos com quem já transei viram uma memória distante... E, nesta noite, eu me deleito em Penélope, afundo-me nela sem pressa, curtindo cada segundo, cada investida, cada curva.

Entrego a essa encenqueira meu empenho em cada gota do suor expelida por meus poros.

Sou integralmente dela, pois aqui ela é minha.

Quando Penélope adormece, exausta, recolho silenciosamente minhas coisas. Saio do quarto depois de apagar a luz e encosto com cuidado a porta atrás de mim.

No chuveiro, com a água morna correndo por meu corpo, percebo duas coisas perturbadoras: a primeira, Penélope também se empenhou naquela cama, dando-me o seu melhor no que ela determinou ser nossa única noite juntos; a segunda, e que me deixa mais atordoado: desde a morte de Lara, sempre vi seu rosto em todas as mulheres com quem dormi. Involuntariamente ela estava lá, eu atingia minha libertação pensando apenas nela, fantasiando com ela... hoje, no entanto, foi tudo sobre Penélope. Ninguém além de Penélope.

Fiz uma promessa de nunca trair a memória de minha noiva, da pessoa que foi minha melhor amiga, parceira, a mulher que escolhi para construir uma família. Hoje eu a quebrei. Fecho os olhos e, mecanicamente, massageio aquele lugar em meu peito, esperando os efeitos colaterais de minhas ações, esperando o amanhã, quando terei de enfrentar as consequências de uma noite apenas.

Capítulo 16

PENÉLOPE

Acompanho seus passos silenciosos até a porta, o momento em que a abre e sai, soturno, acreditando mesmo que estou dormindo, então passo as mãos por baixo do travesseiro, viro-me de barriga para cima na cama, estico uma perna e encolho a outra e encaro o teto escuro. Honestamente, não sei o que pensar. Eu poderia focar apenas no relaxamento; na sensação viva de seu corpo ainda sobre o meu; em cada parte dele; a ardência latente dentro de mim; em como me senti única em suas mãos; em como o mundo e tudo nele de repente deixou de existir enquanto Sebastian me adorava, pois foi o que ele fez, adorou-me como se eu fosse um templo, de maneira que ninguém jamais fez... mas, nem dez minutos depois, estou aqui, começando a me sentir como um pedaço de merda. Vazia. Arrependida.

Ele não queria. Apesar de demonstrar desejo e possessividade surpreendentes, Sebastian não queria ter cedido. E eu? Não deveria ter alimentado a chama escura crepitando em seus olhos naquela porta, quando ele surgiu sem camisa. Não havia presença de espírito nele naquele momento. O cara parecia vulnerável... E eu o quis como nunca quis nada antes.

Tentei agir como uma garota moderna buscando somente o próprio prazer. Atirei-me atrás daquele preservativo que eu guardava na bolsa durante sei lá quantos anos como se isso fosse comum para mim. Eu queria, na verdade, transmitir a mesma mensagem que recebi vinda dele: aquilo era apenas sexo, sem qualquer envolvimento emocional. No entanto, no momento em que tive de me despir à sua frente, foi o mesmo que exigir que eu me livrasse de minha armadura. Sebastian me viu como sou, e sua reação a mim me impressionou como o inferno. Em seus olhos, pude enxergar o deleite de alguém que deslumbra algo lindo... o maldito *cabrón* me fez ser bela. E eu amei cada segundo disso.

Abraço o outro travesseiro contra o peito ao mesmo tempo em que

aperto as coxas uma contra a outra. O cheiro dele está aqui, trazendo lembranças de cada detalhe.

“Abra...”, ele sussurrou no meu ouvido, numa voz grave, exigente.

E eu o fiz. Abri as pernas e envolvi sua cintura, igualmente dominando, dizendo silenciosamente que ele também era meu. Nunca vou esquecer como foi o sentir entrando, alargando, exigindo espaço. Calor, calor, calor. Dor. E um prazer insuportável que me fez fincar os dentes contra o lábio para não choramingar semelhante a uma mocinha impressionada.

Droga.

Aproveitando-me da escuridão e de estar sozinha, desço os dedos timidamente até a fenda, que repentinamente está outra vez úmida, ainda muito sensível, ainda com a memória das batidas arremetendo e saindo, criando um atrito tão perfeito.

Não.

Não vou me tocar pensando nele.

Subo a mão outra vez e agarro o travesseiro. E o trago para junto do meu rosto, onde o pressiono e emito, abafado para que ele não me ouça, um grito de frustração sem som.

Droga, não posso me apaixonar por esse *hombre*^[23]. Simplesmente não posso.

Feito um tipo de exercício mental para tirar Sebastian e toda essa alegria juvenil estúpida da cabeça, lembro-me das vezes em que amanheci acordada na casa dos Molina, empurrando a porta do quarto para mantê-la fechada e rezando para que Salvador Molina não tentasse vir, tampouco seu pai. Um ótimo broxante. Basta isso para me enjoar e finalmente voltar ao meu estado normal.

O sono demora, não vem fácil, mas, quando chega, agradeço pela dádiva.



A avó *babushka* não brinca em serviço quando o assunto é ter uma

despensa cheia. Há tanta coisa que não sei o que pegar. Desci para preparar o café da manhã por volta das 8h30, e, por sorte, aparentemente a razão de minha vergonha não está em casa. É óbvio, para mim, que ele acordou mais cedo e deu no pé. Eu deveria fazer isso também, juntar minhas coisas e partir sorrateiramente daqui para um lugar em que nunca nos veríamos novamente...

Apanho farinha de trigo, canela e açúcar, decidida a fazer alguns bolinhos. Se tiver doce de leite, será ótimo. Levo tudo para a mesa da cozinha. Abro e fecho armários atrás de vasilha, batedor. Pego ovos na geladeira e vou me virando. Comida me acalma, faz-me bem. Houve uma época em que era até mesmo a minha defesa, meu escudo... “Já passou”, mentalizo quando a lembrança tenta me azedar o estômago.

Enquanto aqueço o óleo numa panela, ajeito a peneira grande na boca da vasilha. Sobre ela derrubo uma xícara farta de farinha e a peneiro para que a massa não embole. O pó fica tão fininho que vem direito às narinas, provocando um espirro. Seguro a ponta do nariz para que outro não venha. Espirro atrai espirro.

Quebro os ovos, mexo. Coloco o açúcar e a canela e vou misturando. O fermento é o último a ser incluído. Esse cheirinho é demais. Dá vontade de comer a massa crua mesmo... E por muito pouco não me refestelo nela. Sebastian e a lembrança do que fizemos me faz querer comer... *cabrón!*

Frito pequenas bolas de massa, que encorpam e douram rapidamente. Depois salpico uma mistura de açúcar e canela sobre elas. No final das contas, tenho mais bolinhos do que uma pessoa sozinha pode comer. Ciente de que Sebastian não aparecerá para o desjejum, ainda assim ponho a mesa com duas xícaras e tudo em dobro. Por fim, pouso o bule de café preto sobre ela.

— Ótimo. — Contemplo minha obra.

Antes de me sentar, no entanto, limpo o vestígio de farinha na ponta da mesa. Acabo de chacoalhar o pano de prato sobre a lixeira, quando uma batida à porta me surpreende. Paro de me mover e ouço com mais atenção. Sim, há alguém lá fora. Limpo as mãos nas laterais da camiseta enquanto me decido sobre abrir a porta.

Não é uma batida insistente. Contudo, ainda é uma batida.

O que Sebastian me orientou sobre visitas? Na verdade, ele não me orientou.

Verifico minha roupa. Camiseta velha, shorts, chinelo. Bem, afinal de contas, estou em casa. Prendo o cabelo num nó no alto da cabeça e vou até a entrada. Afasto a cortina da janelinha localizada no centro da porta – muito fofinha, por sinal – e espreito quem é. Do outro lado, está uma mulher loira, cabelo grosso preso num rabo de cavalo. Um casaco vermelho grosso combina com a tonalidade de seus lábios, que não me parecem ter qualquer maquiagem. Sua pele clara também tem um leve rubor nas bochechas. Ela é bonita.

Um pensamento ligeiro me faz prender a respiração. Para ela estar a essa hora na casa de Sebastian, é porque tem intimidade com ele. Cogito não abrir. No entanto, lerda, fico no meio termo entre fechar a cortininha e fingir que não há ninguém em casa e espionar mais um pouco. É quando a bendita me vê... me vê e sorri. Um daqueles sorrisos tão legais que sorrio também do outro lado... *Estúpida!*

Não podendo mais ignorar, respiro fundo e destranco a porta.

— Oi... — pego-me dizendo timidamente, algo como “sim, sou a intrusa aqui, mas finja que não me viu e que não dormi com aquele... aquele sujeito”.

— Penélope? — ela indaga. Como, por Deus, a mulher sabe meu nome?!

— Sim... e você é...?

Recebo outro sorriso, que, droga, quebra qualquer gelo.

— Sou Priscila, comadre do Sebastian... — Estende a mão. — Mas pode me chamar de Pini.

Comadre... quem em sã consciência daria àquele homem a responsabilidade de apadrinhar um filho?!

— Meu marido e ele são amigos desde crianças. — Ela revira os olhos, engraçada, compreendendo minha surpresa. — Você sabe, não tive escolha...

Acho que gosto dela.

Ficamos por dois ou três segundos nos olhando, talvez uma avaliando a outra, até que ela limpa a garganta de um jeito um tanto

desconfortável, humorada e desconfortável, eu diria.

— Hum... seu nariz... ele está um pouquinho sujo.

Inclino a cabeça de lado, confusa. Então volto a cabeça para dentro e me verifico num trio de quadros pequenos ao lado do batente da porta, espelhados.

Ah, que maravilha! Segurei meu nariz com os dedos cheios de farinha.

Arrumo-me de volta à porta enquanto subo a barra da camiseta e o limpo, ao dizer:

— Eu fiz bolinhos... você quer entrar?

— Ah, sim, quero, sim. — E não se faz de rogada, entra mesmo, gesticulando para que eu lidere o caminho. Gostei disso, também.

Levo-a até a cozinha. Pelo corredor, ela suspira, sorvendo o cheiro de fritura.

— Bolinhos de chuva...? — questiona em tom de adivinhação.

— Na verdade, chamamos na Espanha de *buñuelos*^[24]... Parece com massa de churros.

— Acho que, no final, é a mesma coisa. — Gesticula com a mão. — Amo, principalmente com canela.

Já temos uma coisa em comum.

Convido-a para que se sente e, pode ser por algo que sinto sobre ela, vejo-me servindo a visita com café, querendo que fique à vontade.

— Meus filhos não gostam de nada doce. Tudo tem de ser salgado, são iguaizinhos ao pai.

— Quantos filhos você tem?

Ela suspira, simulando cansaço.

— Dois. Gêmeos. Os mais geniosos que você pode imaginar... — Enfia um bolinho na boca, refletindo: — Mas também são os mais amorosos. — Inclina o corpo em minha direção, como quem contará um segredo: — Nisso também puxaram a Gael.

Gael, o sujeito de aura perigosa pilotando o jatinho que nos trouxe à Rússia. Então ele e Sebastian são amigos de infância... o que só prova que não sei absolutamente nada sobre o homem que passou a noite comigo – ou

parte dela.

Acho que, notando o rubor inevitável em meu rosto, Priscila me analisa um pouco mais. Ela sabe, sabe que dormi com Sebastian. Fugindo, passo a comer em silêncio, engolindo o café de vez em quando. Ela também o faz, sem desviar a atenção de mim.

— Seu cabelo é lindo... — Aponto com o queixo, implorando para entrarmos num desses assuntos de mulherzinhas. — Gosto da cor. É natural?

— É, sim. Houve uma época em que eu o achava sem sal, mas, com o tempo, passei a gostar também. — Dá de ombros. — E o seu é natural?

— Puff — desdenho do meu. — Essa cor de cobre com marrom sem graça? Ah, acredite, é natural, sim. Ninguém em pleno juízo tingiria cabelos com esse tom. Já até tentei mudar, fiquei loira, ruiva, morena, mas, no fim, desisti. O ferrugem ganhou. — E disparo a falar, louca para fugirmos de conversar sobre meu deslize da última noite. — Costumo lavá-lo todos os dias na água bem quente, você sabe... — Reflito. — Bem, talvez por isso viva seco. Pode ser, mas o que faço se é assim que gosto do banho, não é?

Priscila relaxa na cadeira, e nossa conversa passa a ser assim, despretensiosa. Embora tenho para mim que sua visita aqui tenha um objetivo. Sou boa em avaliar pessoas, e essa mulher, com toda a certeza, não veio à toa.

SEBASTIAN

Subo do porão esgotado. A energia que acumulei numa noite insone foi descarregada no saco de areia, e, ainda assim, não me sinto completamente livre dela. Deve estar havendo algo de errado comigo, de muito errado. Tive de me conter para não voltar àquele maldito quarto apenas para me certificar de que a encenqueira estava bem. Esperar que ela dormisse para sair foi uma atitude canalha. Não que tenha sido a primeira vez que agi assim com uma mulher, já fiz isso tantas vezes, mas com Penélope me pareceu, por alguma razão, errado. Eu deveria ter ficado.

Eu nem deveria ter começado. E o que me incomoda é que aquilo

tampouco me satisfiz e a limpou de mim, como esperado. Ao contrário. A infeliz despertou uma maldita necessidade que mal reconheço. O que fazer com essa merda? Pensei, e pensei, e pensei, e nada parece uma solução razoável. Levá-la para outro lugar seria um bom plano. Seria mais que apenas um bom plano, seria a coisa certa para ambos. O fato de essa ideia me perturbar é realmente ruim.

Fez a cama, deite-se nela, a voz de meu avô, semelhante à consciência, vem martelando a cada passo que dou subindo os degraus... e então essa voz sucumbe quando um par de outras toma conta de minha mente.

Espere... essa aí é a...?

Entro na cozinha apenas para testemunhar um encontro de gladiadoras, as piores que já existiram... unidas, entrosadas como duas bruxas tramando um plano.

— Sebastian! — Priscila, falsamente inocente, tenta fingir surpresa por me encontrar na maldita casa de minha avó!

— Bom dia... — resmungo, mudando meus olhos dela para a encenqueira boca suja.

Olho-a, pois quero saber se está bem. Saber o que se passa por sua cabeça depois de tudo. Confirmar que a infeliz está criando malditas ilusões sobre mim... mas, acima de tudo, quero entender como estamos agora.

Penélope parece bem à vontade, usando uma de suas camisetas velhas – o que demonstra nenhuma intenção de me impressionar com seu visual. Seus olhos castanho-avermelhados, mudam de meu peito nu e suado para o armário ao lado de onde estou. Para o azar dela, vi a gana cintilando ali. A infeliz mal pôde esconder.

— Dia... — resmunga. Então volta sua atenção à Priscila. — Pini veio tomar café da manhã com a gente.

Pini? É sério?

— Ah, Loupe, é mais do que isso. Até esqueci de dizer. — Priscila se detém, amável demais. — Os bolinhos me distraíram de meu objetivo. Vim te convidar para jantar essa noite.

Loupe... o apelido apenas para amigos.

Essa união seria interessante, se o puto não estivesse por trás dela. Gael

deve estar se divertindo muito.

— Lamento, mas acho que não podemos essa noite, comadre — nego, tranquilo, escorado ao armário.

— Por que a Loupe não pode? — Priscila interroga.

— Tenho um compromisso essa noite.

— E...? — a loira persistente insiste.

Penélope assiste, interessada na resposta.

— Não estarei aqui — meu tom é aquele do tipo “não é óbvio”?

Não que eu tenha qualquer compromisso de verdade, apenas quero evitar a proximidade que estão tentando criar com Penélope, ciente de que meu ex-cunhado está por trás disso.

Priscila, astuta, relaxa no lugar.

— Ah, não se preocupe, eu venho buscá-la. Sua avó me ligou e contou que a Loupe estaria aqui sozinha. Além de quê, tô precisando bater um papo com uma mulher que não esteja do outro lado do planeta de vez em quando. Sabe como é — emite uma piscadinha —, estou cercada de todos aqueles homens, preciso de uma folga.

A velha Zhená. Eu deveria ter desconfiado.

Francamente, não sei o que é pior. Minha avó ou Priscila como companhia.

— Gael vai ficar feliz em saber que você quer uma folga dele — distorço suas palavras, sem culpa, enquanto atravesso a cozinha.

Preciso de uma ducha. Uma bem rápida. Quanto menos tempo elas tiverem para tramar juntas, melhor.

Ao retornar, ainda do corredor ouço risadinhas cúmplices demais. Fico tentado a apenas parar antes de ser visto e espreitar. E, de repente, sinto-me um maldito maricas por querer agir assim. Então entro despreocupadamente.

— Tenho medo de perguntar a razão das risadas.

Hesito sobre de qual lado sentar e opto por me posicionar ao lado da loira, ficando de frente para a encenqueira. Acho que gosto de assistir a Penélope se alimentando, deve ser algum fetiche pervertido.

Ambas esperam que eu me acomode antes de continuar o assunto. Procuro com os olhos por uma xícara vazia sobre a mesa. Não há nenhuma.

Interrogo Penélope com o olhar. A maldita mulher não se dispôs a colocar um lugar para mim depois da fodida noite que tivemos?

— Há xícaras no armário. — Aponta adoravelmente com o queixo para próximo à pia.

Lambo os dentes da frente, acatando o tom de desafio que capto nela. Sem pressa, levanto-me. Entretanto, em vez de dar a volta pelo meu lado da mesa, faço-o pelo dela, roçando a lateral de minha barriga em seu ombro no caminho. Percebo o momento em que se encolhe com o toque. A maldita cheira muito bem esta manhã, não deixo de notar.

— E então, qual era o assunto? — Abro a porta e apanho uma xícara.

Priscila me estuda rapidamente antes de jogar um bolinho na boca.

— Ouvi dizer que a Loupe já tem admiradores por aqui. Quero dar a ela alguns conselhos femininos, se é que me entende. — Lança uma piscadela para a espectadora à sua frente, que enrubesce, praticamente denunciando o que fizemos.

Apesar de tudo, agrada-me vê-la assim, de guarda baixa, bochechas coradas, tímida... não que a espanhola tenha um grama tímido em seu belo corpo. *Seu corpo*. Tenho de me empertigar no assento, com a memória viva das curvas que descobri nela.

— Ah, tem? — Não posso evitar. Há algo de encantador em constrangê-la.

— Sim — Priscila afirma. — Meu marido disse que Elliot está pensando em convidá-la pra sair. E, que Gael não nos ouça, acho Elliot até um tanto... — escolhe o que dizer — charmoso. É. Essa palavra o define bem.

Interrompo o ato de beber o café para observar a mulher que estive na minha cama. Ela teria coragem de sair com o cara depois de se deitar comigo?

Uma onda de algo quente começa a apertar minhas entranhas. Isso seria ridículo. O cara é meu amigo, e ela sabe disso.

— Acho que seu marido não ficará muito feliz com sua opinião —

rebato serenamente.

— Se ele não souber, não há problema, concorda?

Sorrio malignamente.

— Talvez eu conte.

Penélope tem seu olhar em mim. Mudo o meu para ela também e a encaro com um aviso de que tire a ideia da cabeça e não entre na onda.

— Também acho o Elli charmoso, na verdade — comenta despreziosamente.

Aperto os olhos. Esse é seu jogo, então? Tentar me causar ciúmes?

— “Elli”? — Priscila gargalha alto. — Acho que isso tem tudo pra dar certo. Vou convidá-lo para o jantar.

Sinto que a mãe dos meus afilhados tem um propósito com essa insistência. Pergunto-me se é para me provocar ou se realmente o putinho do Elliot pediu isso a ela. Tiro meu olhar de uma mulher e observo a outra. E se for? E se o idiota realmente pediu uma ajudinha a ela para chegar à calcinha da espanhola espalhafatosa? Conhecendo-o, não duvido.

Bebo um longo gole do café.

— Talvez eu chegue a tempo de levá-la — resmungo, entediado. — Preciso mesmo ver meus afilhados.

E evitar que o babaca do Elliot se aproveite da mulher que mal sabe esconder o fogo queimando em suas veias. Penélope é um perigo até mesmo para ela mesma.

Ignoro a voz chata dentro de minha cabeça que tenta desmascarar minhas intenções. Não há nada acontecendo.

Capítulo 17

PENÉLOPE

Termino de colocar a louça do café da manhã dentro da cuba quando Sebastian retorna para a cozinha. Ele foi levar Priscila até a porta. Preferi ficar e me despedir dela aqui mesmo, pois achei que eles tinham algo para conversar. Na verdade, notei pela maneira como se olharam. Eu estava certa. Ele se demorou um pouco com ela lá fora.

Ouçó seu caminhar pelo piso e me concentro em pingar detergente na esponja e começar a ensaboar as xícaras. Dei graças a Deus por ter alguém aqui com a gente e não precisar estar sozinha com ele depois de ontem à noite. Todavia, sabia que esse momento uma hora chegaria. É assim que acontece. “O plantio é uma escolha; a colheita, uma consequência”, diria irmã Úrsula. Por falar nela, eu me pergunto se aquela mulher algum dia foi feliz na vida, com todas aquelas ameaças que fazia às crianças, a tensão, os lembretes de punição divina para cada mau passo.

— Ela já foi... — Sebastian diz, escorando o ombro contra um armário perto de onde estou.

Deus, como é constrangedor ficar perto dele depois de ter tido o cara entre minhas pernas daquele jeito.

— Priscila é legal... — comento sem muita ênfase, mantendo minha atenção no perfeito enxague de uma xícara.

Um longo silêncio se faz. Até que...

— Você...

— Você...

Falamos juntos.

Ele limpa a garganta.

— Pode dizer.

— Não, diz você — ofereço, muito focada em meu trabalho.

Este é o momento em que eu poderia lavar a louça do orfanato inteiro, dezenas de copos e pratos, e seria a primeira vez que o faria de bom grado, só para não ter de olhá-lo de frente.

Ouçó sua expiração profunda.

— Você está bem?

Droga. Eu deveria odiar a pergunta, feita nessa voz grave, gostosa, mas veja se não é legal da parte dele perguntar como estou? Não sei, honestamente, se quero sumir num buraco ou me virar e dizer: “*Cabrón*, que bonito isso de sua parte, depois de treparmos feito dois malucos”.

— Tô, sim, e você? — respondo da maneira que responderia sobre o clima, porém, sei que estou avermelhando até a raiz dos cabelos.

E essa cozinha de repente parece tão menor.

Não ajuda em nada saber de seu olhar em mim, buscando meu rosto atrás da verdade. Sebastian é realmente um cara diferente... E isso é uma merda de ruim, porque é um diferente bom.

Não está certo. Não posso continuar hospedada nesta casa com ele. Simplesmente não dá.

— Você teve alguma notícia da Dulce? — Ajeito as xícaras no corredor.

Ele não responde, talvez de propósito, forçando-me a finalmente subir os olhos da louça limpa para enfrentá-lo.

— Teve? — repito.

— Se tudo sair bem, teremos notícias dela ainda essa noite.

Isso é bom.

Concordo, meneando o queixo.

Antes de dizer a próxima coisa, no entanto, hesito.

E nem sei o porquê, pois uma hora teria de acontecer, então que seja agora, enquanto não fiz a besteira de cair de amores totalmente por esse cara.

— Eu vou voltar pra casa — aviso de uma vez.

Parecendo curioso, Sebastian inclina a cabeça meio de lado.

— Quando?

— Amanhã, no máximo depois.

Acho que ele ri. Ou é um som de escárnio o que ouço saindo de seu peito, não sei bem.

Suspiro fundo. Pego o pano que usei para secar a pia, dobro-o, deixo-o ajeitadinho por cima do escorredor com a louça lavadas e me afasto da pia, pronta para ir de volta para o quarto, enquanto explico:

— Tenho minhas obrigações, trabalhos que deixei em suspenso para ir à Holanda, além de meu senhorio, que é bem capaz de botar minhas coisas na rua e alugar meu apartamento para outra pessoa antes mesmo de o aluguel vencer... — Covardemente contorno a mesa pelo outro lado só para sair da cozinha sem ter de passar por ele. — Preciso mesmo voltar pra casa.

Sebastian me segue sem pressa, calmo demais. Na verdade, parece mais como um felino emboscando sua próxima refeição.

— Lamento ser o portador de más notícias, mas você ainda não está segura para voltar.

De costas para ele, fecho brevemente os olhos e continuo andando. Queria tanto que seus motivos fossem outros. E me chateio comigo mesma por pensar assim.

— Quem lamenta sou eu, Sebastian, mas tenho uma vida...

Toco a madeira esculpida do início do corrimão, pronta para subir. No entanto, suas palavras me detêm:

— Se o Verhoeven te encontrar, não haverá qualquer vida para se preocupar, Penélope, confie em mim — é seu tom que me faz olhá-lo por cima do ombro.

Sebastian está muito, muito sério. Olhos fixos nos meus.

Suspiro.

E forço um sorriso zombeteiro – que demanda todo o esforço.

— Talvez esse tal de Verhoeven esteja fazendo um favor à previdência da Espanha, no fim das contas. — Cochicho a próxima parte, como um segredo: — Dizem que minha geração não se aposentará por falta de dinheiro...

A piada não surte qualquer efeito nele.

Sacudo a cabeça, apaziguadora. E, por Deus, como é difícil ficar aqui fingindo que sou indiferente a essa sensação estranha na boca do estômago.

— Não se preocupe comigo, Sebastian. É sério. Eu sei me virar bem. Só te peço que me ajude a encontrar a Dulce o quanto antes.

A verdade é que não quero continuar aqui, nesta casa, e acabar gostando desse cara. Pessoas como ele nunca ficam com pessoas como eu, no final das histórias. Aliás, desconfio de que Sebastian nunca será de ninguém. Está escrito em seus olhos.

Mantendo a pose de “tá tudo ótimo comigo”, começo a subir os degraus.

— Mais duas semanas. No mínimo — ele diz às minhas costas.

É claro, outro de seus avisos.

Não comento, continuo subindo.

Do topo, lembro-me de algo importante. Paro e olho para baixo.

— Sobre a Priscila, você acha que... que devo ir ao jantar?

Noto seu peito se mover, esvaindo uma respiração, como quem não esperava a mudança de assunto.

— Se ela veio aqui te convidar, acredite, ela realmente quer que você vá.

Legal. Eu tinha medo de não ser um convite sincero, sei lá.

Tamborilo o dedo contra a bola esculpida na madeira do final do corrimão, igualzinha à do início.

— E que tipo de roupa você acha que devo usar? Quero dizer, não que eu tenha muitas opções aqui comigo, mas só quero... você sabe... estar de acordo.

Gosto de como ele me olha agora, com um pouco de humor, apesar da contrariedade visível.

— Não há formalidades com ela, então vá como você se sentir bem.

Movo a cabeça de leve.

— Certo... — E sorrio também, sincera.

Evitando a sensação de estar perdendo algo que jamais me pertenceu, sigo meu caminho de volta ao quarto. Nunca tive nada realmente meu na vida, ou alguém. Seria ridículo querer me lamentar por isso agora.



Estou terminando de passar um pouco de cor nas maçãs do rosto quando ouço uma batida suave à porta do quarto. Da última vez em que verifiquei o horário, passava das 19h. Fecho a maquiagem e verifico minha roupa antes de sair do lugar.

Vesti o único vestido que trouxe na mala. Preto, de alças, um tecido que se ajusta ao corpo, mas não se agarra exibindo tudo e cabe em qualquer ocasião, desde uma mais formal a um jantar entre amigos. Fiquei na dúvida sobre usar ou não meia-calça. Sei que está frio lá fora, mas as casas aqui possuem aquecimento, então optei por não a pôr. Nos pés, sandálias de tiras finas e salto médio, sem exagero (bem, é o único par que tenho, do contrário, ou seria tênis, ou aqueles sapatos enormes que fazem minha coluna doer). Meus cabelos estão soltos, caídos nas costas; lavei-os hoje de manhã.

Enfim, essa é minha versão mais bonita ante as opções limitadas que eu trouxe na bagagem. Apesar do que podem pensar, sou vaidosa. Gosto de estar bem, de me sentir confortável com minhas roupas e ainda estar feminina.

Feito uma adolescente idiota, respiro fundo duas vezes antes de abrir a porta.

E me deparo com uma daquelas injustiças do universo. Passei a última hora provando e tirando roupas, prendendo e soltando o cabelo, nada parecia bom o bastante... E aqui está o sujeito, num jeans gasto, botas robustas pretas, camisa jeans escura e jaqueta de couro – provavelmente escolheu as primeiras peças que pegou – e simplesmente se parece com um desses badboys gatos dos filmes. Sem esforço.

Percebo seu olhar também me percorrer por inteiro.

Abaixo a cabeça e evito que perceba a expectativa em meu rosto.

— Você está muito bonita — não é a frase, mas a voz, macia, baixa, séria, que lança uma nova palpitação estúpida ao meu peito.

Elevo o queixo, impedindo-me de fazer mais papel de tola.

— Você também não está ruim, embora eu acho que, para os homens, seja mais fácil escolher o que vestir e... O que é isso...? — aponto para uma sacola em sua mão.

Eu reconheceria essa marca em qualquer lugar do mundo.

Sebastian a estende para mim.

Abro-a e encontro uma caixa do último modelo de iPhone. Nunca tive um celular desse. No lugar, optei por pagar meus aluguéis, comer, enfim.

— É pra mim? — confirmo, só para o caso de eu estar enganada.

Guardando as mãos nos bolsos da calça, ele se encosta ao batente.

— Você disse que eu tinha de pagar por aquele que quebrei, lembra?

— Bem, claro, mas não com um... Ah, pelo amor de Deus, não com um *iPhone* novinho. Aquele era de segunda mão, a câmera nem funcionava direito.

— Considere como um upgrade pela demora.

Viro o verso da caixa e vejo que está em espanhol.

— Você...

— Sim, encomendei de lá. Já está registrado. Seu novo número está na caixa.

Eu deveria devolvê-lo e dizer: “ah, sinto muito, não posso aceitar”. É pena que eu não seja tão altruísta assim.

— Obrigada. Espero que se mantenha longe dele, dessa vez... — brinco.

E, de repente, estamos nos olhando por tempo demais outra vez, à porta onde, há menos de um dia, nos pegamos para valer.

Limpo a garganta.

— Já estamos indo?

— Sim — afirma baixo, rouco.

Sorvo uma respiração discreta, porém, profunda. Seu perfume é muito bom.

— Certo. Vou deixar isso... na cama.

Viro-me e ando até a cama, arrumada depois da bagunça que fiz enquanto escolhia o que usar. Deixo a caixa em cima do travesseiro. Aliso meu vestido, pego o único cardigã que tenho e o visto por cima.

Do lado de fora da casa, Sebastian me surpreende abrindo a porta do passageiro para que eu entre. Penso em fazer alguma gracinha, porém, o clima entre nós está outra vez tenso e inquietante.



O trajeto até a casa de Priscila dura cerca de 20 minutos, é rápido, apesar de parecer demorar uma vida quando se está presa dentro de um carro com um cara atraente, cheiroso e pensamentos malignos vão e vem o tempo todo em uma mente criativa feito a minha. Toda vez que eu me pegava imaginando como seria montar em seu colo, o calor se intensificava por toda a parte. Quase tirei o casaco. Em vez disso, tossi incontáveis vezes.

Acho que ele percebeu. Vi como apertou o volante entre os dedos... E acho que vi, assim, de relance, o volume empurrando o zíper de sua calça. Isso é uma droga. Eu preciso me afastar dele e dessa bagunça de uma vez.

Sebastian estaciona atrás de uma caminhonete grande, escura.

Seja quem estiver aí o faz enrugar o lábio para o lado, desgostoso.

Estranho a mão que ele posiciona no centro de minhas costas quando me conduz pelos degraus até a porta de uma casa grande, bonita, iluminada pelas luzes do jardim. Ele aperta a campainha, e aguardamos. Dou uma verificada em seu rosto inexpressivo, como se não desse a mínima, mas ao mesmo tempo, sério.

Quando a porta abre, reencontro Gael, o homem que guiou o avião até aqui. Disfarçadamente corro uma olhadela por ele. O suéter cinza de mangas arregaçadas até os cotovelos contorna braços grossos, peito firme. Priscila tem um marido muito... impressionante, apesar da aura perigosa.

— E aí, cara? — Sebastian praticamente rosna.

— Penélope — Gael cumprimenta agradavelmente, ignorando meu acompanhante. — Estou feliz que tenha vindo.

— Oi... — digo sem jeito, policiando-me para não o encarar como uma tola admirada.

Que delícia a maneira como ele pronuncia meu nome. E cheira muito bem, também. Não reparei em nada disso na primeira vez em que o vi.

Gael se afasta para o lado, oferecendo passagem. Vou primeiro. Sebastian troca algumas palavras secas com ele e vem logo atrás. Paramos no hall, enquanto o dono da casa vai avisar a mulher de nossa chegada.

— Cuidado pra que ela não te pegue babando pelo cara, Loupe. Priscila é ciumenta... — o sussurro é quase colado ao meu ouvido.

Percebo que ele usa meu apelido sempre que quer me provocar.

— Coma mer...

— Loupe! — E lá vem ela, Priscila, ainda mais bonita de cabelos soltos, calça preta que destaca um quadril largo, bunda grande daquelas que os homens adoram e um sorriso largo, tão receptivo que forma covinhas nas bochechas. Ha. Uma mulher dessas não precisa sentir ciúmes de ninguém.

De braços abertos, ela me envolve num abraço como se não me visse há dias. E, de alguma forma, eu me sinto bem com isso.

Não demora, estou caminhando pela sala de estar, olhando as diversas fotos de seus filhos gêmeos que hoje estão na casa dos “avós corujas”. Há também muitas imagens de um trio de mulheres com ela, em diferentes fases, idades. Ela as apresenta como Júlia, Alice e Katarina e praticamente faz uma resenha sobre cada uma. Não vou mentir, sou tomada por um saudosismo ao escutá-la, um tipo de inveja do que elas têm. Do amor real que sinto nessa amizade.

Então entramos numa outra sala, com mais estofados, um bar no canto, iluminação mais intimista. Sebastian e Gael têm bebidas em suas mãos, e, em frente a eles, Elliot, bem-vestido, roupas escuras e justas no corpo forte, cabelo raspado curtinho, ao legítimo estilo homem mau.

— Loupe! — exclama sedutor, sorrindo como um velho amigo.

Sorrio de volta, percebendo que Sebastian está observando minha reação.

— Oi, Elli! — Vou ao encontro dele movendo meu quadril de um lado para o outro. E me demoro um pouco mais no abraço.

— Mulher, não sei como gosto mais de te ver, dançando “Когда мы были на войне” ou nesse vestido — diz longe do ouvido de todos, provocador.

Dou um tapinha de leve em seu ombro.

— Ah, isso porque você não me viu disfarçada de dançarina de flamenco. — Rio, flertando também, de modo que os outros dois homens não nos ouçam. — Já tive de fazer isso para investigar um marido infiel.

Elliot joga a cabeça para trás e gargalha alto.

Gosto dele.

E de como Sebastian nos assiste estreitando os olhos. Sinto que o jantar será bom. Eu precisava mesmo disso...

Capítulo 18

SEBASTIAN

Se me fosse dada uma escolha entre partir agora para resgatar um refém ferido em campo inimigo, a céu aberto, ou ficar e apreciar o belo lombo assado que acaba de ser colocado sobre a mesa de jantar, a resposta seria simples. *Nahuí!* Eu nem teria de pensar. Eu escolheria o resgate em solo hostil facilmente. Entre invadir o antro da escória do tráfico de Tijuana, no México, e receber o vinho que o puto despeja dentro de minha taça? *Tijuana*.

Qualquer lugar que não me faça entediar até a morte (como neste momento) seria uma ótima escolha.

Giro o líquido viscoso na taça e o derramo pela garganta. Engulo-o com desgosto quando ouço mais um dos risinhos baixos da maldita espanhola diante de mim, do outro lado da mesa.

Quem é esse cara ao seu lado, afinal? Elliot, o imbecil, está se comportando como um cachorrinho domesticado nas mãos dela, sorrindo de tudo, cochichando feito uma mulherzinha.

Estico o braço para apanhar a garrafa de vinho recém-aberta no centro da mesa e me reabasteço de outra taça – a quinta ou sexta, eu acho –, desejando que a próxima me ajude a tolerar por mais tempo. Não perco, é claro, o olhar debochado do dono da casa, aparentemente adorando o show. O que eu não daria para arrancar essa satisfação de sua cara agora mesmo.

Não que precise de muito, na verdade.

Recosto-me na cadeira, sabendo exatamente o que dizer.

— Eu estava pensando outro dia, Priscila, a respeito daquele seu amigo do Centro Comunitário... Como é mesmo o nome dele? — Giro a haste da taça, falsamente distraído, concentrado em assistir ao líquido se mover num redemoinho ali dentro.

— É Dominic. O que tem ele? — a loira, sem saber, vem para a

armadilha como um cordeiro, oferecendo munição contra o marido.

— Sei lá, só achei o cara bem gente boa. São poucos os que se propõem a fazer o que ele faz, não?

Ela suspira. A mulher dona dos punhos mais duros de que me lembro suspira!

— Ah, Dominic é um cara incrível. Tudo o que ele faz por aquelas pessoas é muito legal... legal de verdade. O cara realmente se importa e põe energia nisso...

Estou certo de que o puto também é capaz de enxergar o brilho de admiração que se instaura imediatamente no rosto de sua esposa enquanto discorre elogios sobre a bravura e hombridade daquele homem. E, porra, por muito, muito pouco, não gargalho alto, deleitado pela ameaça nos olhos sombrios de Gael destinada a mim. De tão óbvio, chega a ser ridículo.

Dominic é o ponto fraco na armadura do fodido. Há alguns anos, Gael me fez levantar a ficha completa do cara, tudo porque Ed registrou um abraço inocente entre Dominic e Priscila. Sei que aquilo não significava nada de mais. O problema é que, na época, Gael não estava num bom momento para usar a razão. Se usasse, veria que Priscila sempre esteve completamente na dele desde aquele dia na boate, quando se encontraram pela primeira vez.

O fato é que até hoje ele ainda não é racional no que tange a sua mulher. E, para seu azar, Priscila ainda mantém amizade com o galã altruísta. Em toda viagem que faz ao seu país, o Centro Comunitário de Dominic é passagem obrigatória, goste o marido ou não.

Não que Gael esteja errado em tudo. Que fodido em sã consciência gostaria de que sua mulher fosse amiga de um cara como aquele? Além da aparência razoável, o infeliz ainda se preocupa com o próximo! Competir com isso é quase uma piada. *Nahuí*.

Tranquilo, sorvo um gole do bom vinho antes de terminar de colocar pregos no caixão:

— Certamente Dom é um cara e tanto, Priscila... um cara e tanto.

Sem que Priscila perceba, retribuo ao marido idiota dela um olhar bastante significativo: “está se divertindo agora?”. Satisfeito com a ira silenciosa do anfitrião, regozijo-me por não ser o único a perder o apetite esta

noite.

E, falando no diabo...

— Por mim, tá combinado! — a empolgação da encenqueira ante algo que Elliot diz baixo em seu ouvido leva embora meu curto momento de diversão, e nem mesmo sei o porquê. Nada relativo a ela deveria me importar.

Mudo o olhar para eles, curioso sobre o que raios ela está tramando dessa vez. Conhecendo-a, não preciso ser muito inteligente para deduzir que boa coisa provavelmente não é.

— Então iremos. — Elliot, o imbecil, levanta a taça à altura da dela, simulando um brinde, estendendo suas gavinhas como se a mulher fosse sua próxima refeição.

Por muito pouco não emito um som de engasgo.

— Para onde você tá pensando em levar a Loupe, Elliot? — é Priscila quem questiona... de repente interessada demais. Forçada demais. Chamando minha atenção mais do que a própria cena à nossa frente.

Semicerro os olhos e observo a mulher que considero uma irmã.

Não. Nem fodendo.

Priscila não está tentando tramar para cima de mim jogando Penélope nos braços do idiota, está?

Inspeciono-a com cuidado.

Ah, sim, está. E, *yeb vas*, eu nem quero imaginar a razão.

Notando que a estou encarando, ela se dá ao trabalho de me enfrentar, como sempre fez desde que a conheci, anos atrás.

— O que foi, Sebastian?

Fulmino-a, em seguida ao seu marido sorrateiro, e de volta a ela. Mando um recado aos dois: *parem a merda que estão pensando. Não há qualquer coisa acontecendo entre Penélope e mim! E nem acontecerá.*

— O Elli vai me levar para conhecer a cidade amanhã — a espanhola explica, alheia.

E agora essa...

Volto-me para ela, esperando que entenda o quanto o que estou prestes a dizer é sério. Sua segurança está em risco, mais do que já esteve antes:

— Não recomendo que se exponha pelas ruas, Penélope. Nós ainda não localizamos Verhoeven — apesar de olhá-la fixamente, minha mensagem é para o sujeito ao seu lado, muito clara.

Elliot sabe tão bem quanto eu que há um prêmio pela cabeça de Penélope Molina correndo solto lá fora. Um prêmio real. Estamos monitorando todas as fontes em busca de descobrir como Verhoeven pretende agir e a quem se aliou. A possibilidade de um ataque não está descartada.

Parecendo realmente confusa por um instante, a encenqueira desafiadora inclina o rosto de lado, daquele jeito desconfiado.

— Mas você tinha dito que eu poderia passear por aí. Até ofereceu seu carro.

Não seria Penélope se não argumentasse.

— As coisas mudaram — afirmo com neutralidade.

— Mudaram como?

Três pares de olhos vão dela para mim, interessados.

— Não sabemos onde Verhoeven está. Pode ser em qualquer lugar, até mesmo aqui, nesta cidade russa.

Sem desviar meu olhar do dela, noto como segura mais forte a taça, como engole em seco e seu pescoço leitoso imaculado se move, ou mesmo como a coluna se endireita.

Porém, outra vez, ela gosta de fazer o oposto do que se espera:

— Nós já conversamos sobre isso, lembra? — e joga essa para cima de mim, destemida, menosprezando o que acabei de dizer sobre sua maldita vida estar em risco.

Um teste de paciência cheio de curvas, é isso o que essa mulher é.

— Sim, você disse algo hoje mais cedo. — Estrategicamente quebro o contato visual para me servir de mais vinho, indiferente, e então gesticulo com a taça cheia para Elliot: — Penélope não acha que Verhoeven é um problema, ao que parece. Ela quer voltar para casa amanhã.

Um raro instante de silêncio paira sobre a mesa, todos esperando uma explicação da mulher para essa sua decisão irresponsável do caralho. Sim,

não me importo de jogá-la na fogueira, se isso servir para que repense a ideia ridícula de ir embora enquanto há à solta um fodido insano ansioso por capturá-la.

O nariz empinado coberto por uma camada de sardas franze para o lado, desaprovando minha atitude de trazer esse assunto à tona em frente a todos.

— Não é bem assim... — Visivelmente desconfortável, ela muda o olhar para Priscila no que parece ser um pedido de apoio feminino. — Eu disse ao Sebastian que tenho minha vida para tocar na Espanha. Vocês sabem... — dá de ombros — contas, clientes. Meu senhorio. Acreditem, ele sonha, *so-nha* em me despejar faz muito tempo. Não duvido nada de que, a uma hora dessas, já esteja mostrando o imóvel para outro... Aquele homem é o pior chinês do mundo — faz graça e ri de si mesma daquele jeito que distrai, que cativa quem está à sua volta e faz rir também.

Uma tremenda farsa.

Então se vira para Elliot, doce como um anjo.

— Se você quiser me mostrar a cidade, podemos ter cuidado. Eu tenho algumas perucas, posso me disfarçar e... — hesita, refletindo. — Se bem que eles não me conhecem sem o disfarce também, não é? Dificilmente vão me reconhecer como sou. — E aqui está seu orgulho espanhol subestimando o perigo, orgulhosa, mandando o mundo comer merda.

Se eu tivesse úlcera, diria que é isso provocando essa dor pontiaguda no estômago.

Elliot, o imbecil, cai fácil demais nas garras manipuladoras da diaba, encantado, sorrindo feito um tolo:

— Gosto da ideia.

Quando penso em chutá-lo sob a mesa, ele continua:

— Talvez eu não consiga te mostrar tudo em um dia. Talvez nem em uma semana, honestamente... mas, se você puder ficar pelo menos duas, será um prazer andar por aí com uma mulher de mil e uma faces.

E não é que o imbecil consegue ser ainda mais manipulador do que ela?! É bem capaz de Penélope aceitar ficar todo esse tempo só porque foi ele a pedir.

— Várias mulheres em uma? — Priscila acrescenta, maliciosamente.
— Garota, isso até me dá algumas ideias. — Então morde o lábio, lançando um olhar lânguido ao marido por baixo dos cílios loiros pesados.

Os olhos do puto chegam a escurecer com a promessa.

Inferno, esta noite está tomando um caminho cada vez melhor.

— Se puderem esperar até o fim do jantar, eu agradeço. — Volto a me recostar, ansiando por me mandar daqui de uma vez.

Houve um tempo em que nada disso me incomodaria. Acho que estou ficando velho.

Não ajuda o fato de as horas seguintes serem ainda mais enfadonhas. De um lado, Priscila e seu marido cheios de sussurros e risinhos estúpidos, do outro, a espanhola jogando todo seu encanto manipulador sobre Elliot, que se mostra mais do que feliz em ser enrolado nos dedos da mulher.

Não o culpo. Devo admitir que assim, leve e risonha, Penélope Molina fica mais... bonita, ou seja lá a palavra que a define, já que essa não parece fazer jus. Há algo nela, algo emanado por ela que atrai, causa um tipo de sede e entorpecimento semelhantes ao de uma boa vodca.

Devo ter bebido mais vinho do que percebi.

Finalmente chega o momento de partir. Tenho de esperar que Penélope e Priscila façam uma longa despedida, cheia de abraços e planos. Enquanto isso, Elliot se aproxima, sorrateiro:

— Você dormiu com ela, não foi?

Aperto a mandíbula.

— Desde quando eu troco figurinhas com você sobre com quem trepei?
De longe, Penélope ri alto de algo que Priscila cochicha.

— Desde que você me olhou com essa expressão assassina durante todo o jantar? — debocha, divertindo-se.

Por falar no jantar...

— Não crie ilusões na cabeça da menina. Ela é diferente. E você sabe disso — alerta sem qualquer humor.

— Você deveria dar esse aviso a si mesmo — e essa é a primeira vez, desde que nos conhecemos, que Elliot fala algo realmente sério. É a primeira

vez que sua ameaça é destinada a mim para valer.

Tiro minha atenção dela para encarar o sujeito com cuidado, desejando estar enganado sobre minhas suspeitas.

O olhar vazio e frio de quem já tirou mais vidas do que provavelmente se lembra está focado nela com o que parece ser calor, arrebatamento.

— Fique longe dela, Elliot. Para o seu bem.

E é também a primeira vez que lhe faço uma ameaça à qual estou disposto a cumprir.

Capítulo 19

PENÉLOPE

Lar. Acho que nunca compreendi corretamente o sentido dessa palavra, o amplo. Percebi cedo que viver sob o mesmo teto que dezenas de outras crianças não nos tornava propriamente uma família. A rotatividade constante sequer permitia uma conexão afetiva de verdade. Certa vez uma garotinha foi levada para o quarto onde eu dormia, no meio da noite, numa das piores tempestades lá fora. Os relâmpagos eram realmente apavorantes. Todavia, não era minha primeira tempestade. Eu já não ficava mais com medo; ela, no entanto, estava aterrorizada. Aterrorizada mesmo. Lembro que, naquele quarto, havia 12 beliches ao todo. O que eu dormia ficava no centro; a cama em que a colocaram era logo ao lado.

Aquela *niña*^[25] chorou baixinho chamando sua mãe por quase uma hora. Foi o pranto mais sentido que me lembro de escutar.

Sem pensar no que estava fazendo, vi-me afastando a cobertura e indo até sua cama. Eu me deitei junto dela e a abracei forte enquanto murmurava que tudo ficaria bem. A maior mentira que eu poderia ter contado, mas, infelizmente, talvez aquilo fosse a única coisa que lhe traria algum consolo em seu primeiro dia. Por experiência, eu sabia que imaginar algo de melhor nos esperando no mundo lá fora era a maneira de suportar estar ali dentro sem enlouquecer.

Durante quase um mês, nós nos mantivemos próximas. Eu a protegia de sofrer nas mãos das outras garotas (aliás, aquelas miniaturas de bruxas imploravam por ter um motivo para pegar no pé de qualquer um; demorei a aprender como me defender). Chorosa, a garotinha se esgueirava para minha cama, e eu permitia que dormisse junto a mim. Eu devia ter, sei lá, dez anos, e ela, acredito que uns cinco ou seis. Se me perguntar qual era o seu nome, honestamente, não me lembro. Um belo dia, ela foi chamada por uma das freiras na sala da diretora e simplesmente nunca mais voltou.

Pode parecer tolo de minha parte, mas eu havia me apegado a ela. Sofri com sua partida súbita.

Por que estou me lembrando disso agora? Porque aquilo foi o mais perto que cheguei do sentimento de ter uma irmã, ter alguém no mundo desde a morte de minha mãe... E hoje, por mais maluco que pareça, eu meio que me senti em família no jantar. Priscila fez com que eu me sentisse desse jeito...

Droga, não posso me apegar a ela ou a qualquer coisa que envolva o universo desses russos.

Atando o cinto de segurança, aceno pela janela uma última vez para Elliot em pé à porta da frente, mãos nos bolsos, assistindo-nos partir. Foi bom conhecê-lo um pouco melhor também. Percebi que ele é alguém por quem uma mulher poderia facilmente se apaixonar. Bem, talvez ela tenha seu coração partido no minuto seguinte, mas acho que ele vale a experiência, no fim.

E, por falar em pessoas inatingíveis...

Espreito o homem ao meu lado, calado, focado em manobrar o carro para fora da propriedade. Sebastian se manteve silencioso na maior parte tempo; não perdi, no entanto, seus olhares me perfurando de vez em quando, pesando como se pudessem de fato me tocar. Algumas vezes, até os sustentei, desafiando, provocando... E, nesses pequenos momentos em que nos conectávamos, a lembrança de que já estivéramos juntos vinha forte a ponto de esquentar tudo e me fazer desviar o olhar. Um joguinho idiota, eu sei. Toda essa situação é o mesmo que se sentar na linha do trem e esperar que ele chegue em alta velocidade para te esmagar.

Notando que o estou encarando, ele me olha por um instante realmente longo. Fixamente. De um jeito capaz de tragar o ar de dentro do veículo magicamente, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Você se divertiu esta noite? — indaga numa voz baixa, gostosa.

Sacudo os ombros, desviando minha atenção para o céu sem estrelas pela janela.

— Me diverti, sim, obrigada por ter me trazido... — Tamborilo as pontas dos dedos sobre os joelhos. — Seus amigos são legais.

Ele dá a seta, saindo para a rua.

— É, são.

“É, são”, imito seu tom meio seco mentalmente.

— Faz tempo que vocês se conhecem?

Após um silêncio curto, pensativo, ele responde:

— Os caras e eu crescemos juntos.

Sacudo a cabeça, compreendendo.

— Deve ser bom ter os mesmos amigos há tanto tempo... — comento distraidamente.

Sinto outra vez o peso de seu escrutínio.

— Você não fez amigos durante seu período no... — a palavra seguinte não é verbalizada. Contudo, fica no ar.

Pode parecer orgulho de minha parte, mas, de todas as pessoas no mundo, Sebastian é a última que eu gostaria que sentisse compaixão ou pena de mim, da forma que noto de repente em seu timbre. Não preciso. A piedade de quem quer que seja nunca me levou a lugar nenhum, pelo contrário, ela tende a minar a autoconfiança, a tirar a personalidade. Lutei muito para conquistar essas duas coisas.

Usando uma tática antiga, apenas sorrio ao dizer:

— Não amigos como os seus... — comento maliciosa. — Definitivamente, não mesmo.

Em resposta imediata, recebo um estreitar de olhos bastante significativo que quase, *quase* me faz encolher no lugar.

Prefiro mil vezes esse ao anterior.

Sacudo os ombros inocentemente, como quem inquire “o que foi?”.

— Qualquer um ali podia ver o quanto você achou o cara legal, Penélope.

— Ah, é?

O idiota sorri, irônico.

— É. Você não fez muita questão de esconder.

Ajeito-me no banco de lado, de um modo em que eu possa visualizá-lo melhor.

— E com isso você quer dizer que...?

Ele lambe os dentes da frente, daquele modo de quem virá com tudo.

— Que você não seria mais óbvia nem se tentasse, Loupe.

Outra vez aquela vibração gostosa, intensa, passa a fluir de todas as partes, energizando, criando uma adrenalina boa no estômago. Não senti isso nem mesmo quando consegui fotografar um marido infiel dentro de uma sauna gay... e aquilo foi um dos momentos mais perigosos e emocionantes de minha carreira até pouco tempo atrás.

Em vez de rir, deliciada, finjo uma expressão de menina inocente.

— Cuidado, quem escuta você falando assim pode pensar que está com ciúmes, Sebastian.

Toma, cabrón!

Ele não esperava por essa. Não mesmo. Sua atenção vai de mim para o trânsito e volta, como quem considera a ideia impensável.

Aproveito-me de sua repentina falta de palavras e o atento um pouco mais.

— Não tem o que me dizer, não é? — Cantarolo: — Tsc, tsc, Sebastian com ciúmes? Ora, ora.

Após me analisar durante um ligeiro segundo e perceber a gozação estampada em minha cara, ele então arqueia a sobrancelha arrogantemente, assumindo aquele semblante confiante de homem mau, destemido, de quem dá as regras do jogo e não o contrário.

Se o filho da mãe soubesse o quanto gosto disso... *madrecita!*

— Culpado, confesso. — A expressão subitamente é viva, brilhante, atenta à avenida vazia, enquanto os lábios se curvam para um lado.

É claro que noto a armadilha preparada para mim. Não crio qualquer ilusão de que esteja falando sério, sou uma menina bem crescida para tanto.

— Viu só? Eu sabia — provoco orgulhosa.

Tranquilamente, ele troca a marcha.

— Você nem pode me culpar. Conheço o cara desde criança e nunca vi Elliot mais maricas antes. Vai ver é isso. Estou com medo de você roubar meu amigo de mim e o transformar numa mulherzinha futriqueira. — Dá de

ombros. — Tá aí, deve ser ciúme mesmo — arremata sorrindo de lado, com o sotaque russo atraente *pra caramba*, achando que fez seu ponto.

Sebastian é um cara cheio de si, não é?

Cruzo as pernas, exibindo um pedaço considerável de minha coxa quando o vestido sobe.

— Não se preocupe — descarto com toda a doçura. — Não pretendo roubar seu amigo de você. Quando eu sair com ele, acredite, Elliot saberá bem a diferença entre uma mulher e um amigo. — O golpe fica por conta do suspiro sonhador que dissimulo.

É um prazer ver o sorriso do sujeito morrer um pouco. Esse cara pode não sentir nada por mim, nem agora, nem no futuro, mas uma coisa é certa: homens têm um tipo de competitividade masculina muito primitiva. Não que eu realmente tenha qualquer intenção de sair com Elliot. Tenho planos de ir embora muito antes disso.

Os minutos que se passam até sua casa ocorrem dentro de uma nuvem densa de familiar tensão. Tudo em seu corpo, na falsa tranquilidade, em como aperta o volante emite um alerta de perigo... E fico com aquela ansiedade confusa, a vontade de ver até onde posso apertar seus botões.

SEBASTIAN

Desligo o motor na garagem, mas não faço menção de descer. Tampouco a espanhola provocadora, cercando-me com seu cheiro por todos os lados no veículo fechado. O som de sua respiração ligeiramente acelerada é como uma música que preciso escutar por um pouco mais de tempo. Não me reconheço perto dela. Não reconheço essa maldita vontade de querer domar seu temperamento debochado de um jeito que ela implora meu nome em fódidos gemidos e se submeta completamente. Exatamente como na última noite.

É um inferno estar atolado em tesão por alguém em quem eu não deveria sequer pensar. Pois é isso o que estou sentindo no momento, seria inútil continuar negando. E o problema está aí. Se fosse qualquer outra, eu

não me importaria em ir em frente e tomar o que meu corpo lateja por obter. Contudo, é ela. Penélope. E tudo o que ela representa.

— Acho que é isso... — ela abre a boca, talvez apenas para preencher o vazio.

Quero que ela saia do carro e corra de mim para o mais longe possível. Ela deveria fazer isso. Ou eu deveria deixar Penélope aqui e me mandar, dirigir sem rumo até essa coisa abandonar meu corpo. No lugar, pego-me dizendo:

— Espere aqui — minha voz é rouca.

Não permaneço para dar explicações. Desço e respiro profundamente o ar gelado da noite enquanto contorno o carro para abrir sua porta.

Saindo e ficando em pé diante de mim, a maldita sopra um “obrigada” sussurrado rente ao meu rosto. Seus lábios no batom vermelho se movem num sorriso repleto de amabilidade. Para o inferno com sua ternura forjada! Penélope Molina não é assim, ela é fogo, é provocação. Esse seu queixo empinado em formato de meia lua nunca se abaixa para quem quer que seja.

— Vá em frente — não há qualquer simpatia em meu timbre quando sinalizo o caminho para a entrada da casa. Não. Apenas um alerta.

Encarando-me diretamente nos olhos por um longo segundo, ela assente... só para caminhar a passos seguros diante de mim, rebolando a bunda de um lado para o outro no tecido fino do vestido. Minhas mãos coçam, meu pau se aperta na calça. Maldição!

Cerro a mandíbula dolorosamente.

Em frente à porta trancada, Penélope apenas fica ali, sem se mover, esperando que eu a abra.

Paro a poucos centímetros de tocá-la. O cheiro da infeliz vem mais forte, trazido por uma lufada de vento. Ela estremece, não sei se pelo ar frio ou pela ciência de que estou logo atrás, tão perto. Sem poder resistir, apoio o braço contra a madeira, bem ao lado de seu rosto e me inclino sobre seu corpo sem que entremos em contato. Leva-me muita força de vontade para não mover o quadril apenas alguns milímetros e roçar sua bunda.

— Você pretende sair com ele? — de todas as coisas, é essa estupidez que murmuro com a boca colada ao seu ouvido.

Seu arfar involuntário é quase satisfatório para mim.

— Isso te incomoda?

O cheiro de baunilha do xampu que usa se infiltra por minhas narinas feito uma maldita droga. Não me lembro de estar mais duro antes; se ela apenas se inclinasse, saberia.

— Não.

— Acho que vai ser bom conhecer a cidade enquanto estou aqui. Não é como se eu fosse estar de volta tão cedo — sussurra.

— Tenha cuidado, Penélope.

— Com o quê? — e, dizendo isso, ela traz suas costas para mais perto, escorando-se levemente contra meu peito.

Tudo em mim se torna mais necessitado, mais consciente das curvas por baixo do vestido.

— Não quero que se machuque.

Pode parecer uma desculpa de merda, mas é exatamente o que penso. Não quero que a garota se machuque por minha causa.

Audaciosa, Penélope inclina o rosto de lado, afastando sua orelha de mim... e fornece a boca no lugar. Equilibrando-se nas pontas dos pés, colada ao meu corpo, ela praticamente roça seus lábios nos meus, a infeliz.

— Não sei se reparou, mas eu não era uma virgem antes de você, tampouco tenho vocação para o celibato depois, então relaxe.

E, com isso, ela consegue me fazer perder o controle de uma vez. Esmago seu corpo contra a porta, esmago mesmo, cego, enquanto devoro a boca da infeliz como quis fazer durante toda a noite enquanto ela ficava de sorrisinhos e cochichos com o idiota. Penélope é doce e ácida, a diaba tem um sabor único, como nada de que me lembro. Quando geme, maldição, eu poderia gozar apenas com isso.

— O que há em você, menina?! — acuso, colado a ela, não reconhecendo a fúria e ardor abrasando minha glote.

Tomado por uma merda de segundo de razão, tenho presença de espírito para destrancar a maldita porta e nos fazer entrar, sem nunca deixar cair o domínio de minha mão sobre seu quadril. Do lado de dentro, eu a

preendo contra a parede, agora de frente para mim, e a encaro intensamente, iluminados apenas pela luz que vem da varanda, mas de um modo que podemos enxergar um ao outro.

Quero seu consentimento; que se lembre do que pode esperar de mim antes de seguir em frente outra vez.

— Não sou de cristal, Sebastian. — Retribui meu olhar e o sustenta. — Além de que essa será nossa última vez.

Sua afirmação convicta tanto me abrandava a culpa quanto me encobria de um sentimento amargo que não sei descrever, um que não é bom, que me faz querer rebater com um “para os diabos com essa coisa de última vez!”. “*Nahuí*”, *escute essa merda que está pensando, cara!* Entretanto, é isso o que suas palavras fazem, algo que de repente me gela a alma... alma essa que já não tenho mais há muito tempo.

PENÉLOPE

Com a respiração descompassada, sob uma pressão dentro da cabeça prestes a explodir a qualquer momento, levanto a mão trêmula de desejo e outro sentimento e a espalmo em seu peito, logo acima de seu coração. É quando eu o desmascaro. Sebastian não está indiferente a mim. As batidas sob minha palma são como tambores desordeiros num ritual. Ele também me quer. Obter a confirmação desperta um tipo de adrenalina gostosa a subir e subir e subir por meu corpo, até que não há mais nada no controle.

A escuridão desse cara me atrai. Eu não quero me afastar, e sei que vou me ferrar muito feio... mas não consigo evitar.

Engulo em seco.

Seu olhar perturbado vem direto para minha garganta.

Sei que é a coisa mais ridícula que eu poderia dizer; soa até inocente, no entanto, assim como ele me deu avisos, preciso lhe dar o meu. Já vivi dias realmente ruins e sobrevivi a eles; não é um sentimento não correspondido que vai me derrubar:

— Me dê a melhor noite da minha vida, Sebastian, pois isso nunca mais vai se repetir. Eu não quero me apaixonar por você e não vou.

Acho que ouço um grunhido vindo diretamente de seu peito ao mesmo tempo em que ele sacode a cabeça, combatendo algo em sua mente.

Outra vez, tomo a iniciativa. Torço meus dedos em sua camiseta e o puxo para mim. Seus dentes rangem como os de um animal que está sendo atizado.

O que acontece a seguir não é um beijo, mas um confronto de duas pessoas que não se querem, mas não podem se afastar neste momento.

Impulsivamente, salto em seu colo, não porque sou uma dessas garotas magras dos filmes, mas porque sinto confiança nele. Sebastian é o único que já me segurou como um homem deve segurar sua mulher, independentemente do quanto ela pese.

Tomando-me para si, ele me empurra mais forte. O baque derruba um dos quadros espelhados da avó, de um conjunto de três; evito, todavia, pensar naquela senhorinha fofa. O lado mau em mim prevalece, e dane-se o que irmã Úrsula dizia sobre fornicação.

Sebastian embola meus cabelos em sua mão, dominador, e arqueia minha cabeça para trás. Seus olhos negros buscam os meus com um lembrete de que foi eu quem quis assim. Esmago seu quadril ainda mais entre minhas pernas, roçando minha virilha no volume de seu jeans em resposta.

— Será a última vez — repito tanto para tranquilizá-lo quanto para me convencer de que não tem problema nenhum nisso, não importa que minha consciência tente dizer o contrário.

Ao me ouvir, suas narinas dilatam forte, os olhos se apertam, parecendo mais perigosos do que nunca.

Procuro não criar qualquer teoria para sua reação, principalmente quando ele crava forte os dentes em meu pescoço, marcando, enraizando... punindo.

Gemo alto. E tateio o cóis de sua calça, atrás do botão.

— Vamos subir! — ele ordena em um timbre rígido, feroz.

Respiro forte, esperando ser colocada no chão. Contudo, surpreendendo-me, ele começa a caminhar comigo em seu colo até as

escadas... Droga! Uma coisa é me manter apoiada contra uma parede, dividindo um pouco o peso, outra bem diferente é subir degraus carregando 80 quilos.

— Espere! — sibilo.

Ele para e me olha profundamente. O nevoeiro ali é quase tão forte quanto a determinação.

— Eu posso ir andando... — E agradeço que a baixa iluminação esconda o rubor do meu pescoço e rosto.

Ele compreende. Sei pela forma em que a confusão vira curiosidade e, logo em seguida, seriedade.

— Sei que pode.

Dou um olhar de incentivo como quem diz “então me desça” e aguardo. Em vez disso, Sebastian aperta as mãos mais firmemente em minha bunda e cintura.

— Você não faz ideia, não é? — praticamente rosna, sacudindo a cabeça como se soubesse de algo que eu não sei.

E aqui, em meio à maior libido de todas, eu faço uma prece: *por favor, Deus, não deixe mesmo que eu me apaixone por ele, por essa coisa que ele tem de me olhar como se eu fosse a coisa mais fantástica em que ele já tocou, como se meu peso não significasse nada. Por favor, eu te peço Senhor!*

Sem pensar muito no que estou fazendo, eu o beijo impulsivamente, como um tipo tolo de agradecimento, querendo que esse *cabrón* sinta essa coisa gostosa correndo nas veias como eu mesma sinto.

Viril, ele sobe os degraus comigo sem hesitar ou demonstrar cansaço. Quando noto para qual quarto está me levando, tenho um mínimo de discernimento de pedir:

— Não para esse; vamos para o seu.

Sei que Sebastian não mora nesta casa, então, para ele, tanto faz onde vamos transar. Porém, não quero que seja na cama onde terei de dormir mais tarde, no travesseiro ao lado do meu, onde seu cheiro vai ficar impregnado feito um lembrete. Dormir na noite passada já foi ruim o suficiente, não quero lembranças adicionais.

Compreendendo ou não meu pedido, ele continua comigo até outro

quarto, no mesmo corredor, e empurra a porta com o pé.

Ao me lançar sobre a cama, tenho um vislumbre da ameaça em seu rosto, que talvez eu não tenha visto lá embaixo. Apoio-me nas mãos e o observo com mais cautela.

Sebastian esperava por isso, pois sorri de uma maneira satisfeita quando tem minha atenção.

— Aguentei muitas coisas de você esta noite, Penélope. Acho justo te avisar que pretendo cobrar do meu jeito. — Percorre o polegar sobre a maçã do meu rosto, carinhoso, sedutor. — Se quiser desistir, é melhor dizer agora.

Alarmes soam alto dentro de minha cabeça. Imagens perversas de anjos diabólicos e caminhos enfeitados para a perdição. Porém, nem isso é maior do que a vontade de ter esse homem novamente.

Movimento a cabeça lentamente, concordando.

— Eu dou conta, confie em mim.

Capítulo 20

PENÉLOPE

— Você dá conta... — ele repete o que eu disse, misterioso, talvez testando o significado das palavras, o som, ou simplesmente zombando de mim como quem diz que eu não sei absolutamente nada sobre o mundo.

Detesto ter de concordar com ele, mas talvez Sebastian tenha razão em debochar. Até ontem, eu havia me deitado apenas com babacas que mal sabiam o que fazer com o próprio pau. Ele, pelo menos, é um babaca que sabe bem.

Estudando meu rosto e, muito provavelmente, compreendendo o que estou pensando, o sujeito sorri, absurdamente arrogante, lindo.

— Gosto desse vestido em você — curva-se, sussurrando no meu ouvido enquanto me ajuda a tirar o cardigã, aproveitando a proximidade para percorrer os dentes por meu pescoço bem de levinho.

Meu corpo se arrepia inteiro. Sebastian percebe e continua atentando, numa voz macia, sussurrada:

— Ele destaca bem seu corpo, *Loupe*, mas você sabe disso, não sabe?

Deus, meu apelido soa como “Looupê” no sotaque forte, de um jeito delicioso de ouvir.

Arfo.

O lóbulo de minha orelha esquerda é preso entre seus dentes.

— O escolheu especialmente para me provocar, não foi?

— Nã-não escolho roupa pensando em homem...

A risada baixa, perigosa, vem alastrando outra onda de arrepios.

— Escolhe, sim. Você gosta de se exhibir. — Seu dedo frio toca o alto de meu colo e roça mansamente o contorno de meus seios. — Gosta de mostrar todas as curvas de seu corpo. Aprecio isso.

— Fico lisonjeada... — murmuro tentando não demonstrar estar tão ridiculamente afetada quando o dedo cai dentro do decote, buscando meu mamilo rígido.

— Gosto de como é ousada, segura de si, gosto mesmo. — Sua boca se move de um lado do meu pescoço para o outro, provocando, aspirando a pele. — Mas gosto muito mais quando você é uma boa menina comigo, Penélope — dizendo essa última parte, ele ri baixinho, ciente da reação que quer causar em mim.

O filho da mãe está curtindo com a minha cara!

— *Não* sou um animalzinho domesticável que você pode chamar de boa menina! — Tento empurrar seu peito para longe.

Ele segura meus pulsos com apenas uma das mãos.

— Não, definitivamente você não é. Nada em você é domesticável. No entanto, prefiro pensar que sou capaz de te tornar mais... — escolhe a próxima palavra com precisão — *obediente*.

Ah, sério?

Meu sangue de repente esquenta, não no bom sentido. Não mesmo.

— Coma merda com essa coisa de obediente, Sebastian! — Presa, levanto o joelho tentando acertar suas bolas.

Rindo de mim, o *boludo de mierda* se esquiva, e, quando meu dou conta, estou estendida sobre a cama, domada por seu corpo, sentindo o cheiro do couro de sua jaqueta misturado ao perfume masculino invadindo meu espaço pessoal.

— Isso, menina, isso mesmo, vamos lá, mostre o seu pior — incentiva, sacana. Posso ver o quanto ele está se divertindo através do volume em suas calças, tornando-se uma rocha me pressionando. — Desde que me viu, você só soube me jogar essa sua atitude boca suja, não é?

Separa minhas pernas e descansa sua coxa grossa entre elas sem qualquer dificuldade.

— Seja sincera, sua intenção era me provocar esta noite, não era, Penélope? Todos aqueles sorrisinhos, ficar cochichando com o idiota, tudo aquilo para provocar.

Desejo e irritação se misturam em mim, exatamente como ele esperava.

Apesar do calor excessivo e da vibração inquietante percorrendo meu corpo numa velocidade assustadora, não me deixo render, debato-me sob seu corpo, e Sebastian parece curtir ainda mais.

Lambo meus lábios subitamente ressecados antes de contra-atacar:

— Cuidado, quem te escuta pode pensar que Sebastian, “o sujeito sem sentimentos”, se importa — cuspo irritadiça, sacudindo os pulsos presos.

Em resposta, ele aumenta a fricção de sua virilha de aço contra a minha.

Sinto raiva de mim mesma por gostar tanto.

— Ah, mas eu tenho sentimentos, espanhola, tenho muitos deles — ronrona ao pé do meu ouvido – *ronrona!* –, um som gostoso de ouvir, o *cabrón!*

Então desce percorrendo o nariz por meu pescoço, colo, até o alto de meu peito. Sem soltar minhas mãos, a sua livre segura a borda do vestido junto do sutiã e os afasta para baixo, liberando meus seios nus aos seus olhos.

Arqueio-me na cama.

— Por exemplo, tenho sentimentos por essas belezas. — Olhando-me perigosamente sob os cílios escuros baixos, ele percorre a língua por um dos mamilos. — Você nem faz ideia do quanto são deliciosos.

A mordida que recebo em seguida não é dolorosa, mas causa um pico de dor/prazer que reflete diretamente no baixo-ventre.

Deslizo o pé pelo lençol, curvando a perna... e gemo. *Idiota!*

Ele se aproveita, percorre os dedos por meu estômago, quadril, por cima do vestido. E volta a subir pela coxa, dessa vez por baixo do tecido, diretamente contra minha pele. Fecho os olhos para não presenciar o sorriso convencido em seus lábios quando se torna ciente de minha umidade.

— Tão durona, não é? — Desliza um dedo por cima da renda fina da calcinha, de fora a fora. — E aqui está você, ansiosa por mim.

— Seu ego é algo admirável, russo...

Uma gargalhada gostosa invade todos os cantos do quarto.

E, quando penso que ele investirá com o dedo, Sebastian se afasta para longe, em pé no chão ao final da cama, olhando-me de um jeito muito

sinistro.

— Fique de joelhos — exige com súbita seriedade, cruzando os braços diante do peito largo.

De todas as coisas, essa é a última que eu esperava escutar. Escoro-me nos cotovelos, levantando parcialmente o corpo para olhá-lo melhor.

— O que disse?

Ele enche o peito numa respiração profunda, tranquila.

— Exatamente o que escutou. Fique de joelhos sobre a cama.

Inclino a cabeça de lado, duvidosa até a alma.

— Por quê...? — Não estou com um bom pressentimento, principalmente a partir da expressão impassível demais em seu belo rosto masculino.

— Porque estou dizendo que faça, Penélope.

Franzo os lábios.

Prepotente, ele arqueia a sobrancelha.

Droga, quem pode resistir a um cara lindo assim, ordenando como se fosse dono do mundo enquanto veste uma jaqueta de couro preta sobre um corpo grande e firme que o faz parecer o mais incrível homem mau de todos os tempos? Sebastian é muito, muito atraente, tem um magnetismo que nem posso explicar. Alguém como ele jamais perderia um minuto com alguém como eu em outra situação... Então por que não embarcar no que ele tem em mente?

— Detesto você... — resmungo.

— Não, você não detesta. — Arranca a jaqueta e a joga em cima de uma poltrona, sem pressa, sem tirar os olhos de mim enquanto fico sentada sobre os joelhos no centro da cama, sentindo-me de alguma forma ridícula e excitada.

Um brilho maligno atravessa seus olhos negros, em reconhecimento.

— Estenda as mãos para cima, sobre as coxas. Ajeite a postura.

— *Madrecita...* pare de mandar em mim! — reclamo sem elevar a voz. Meu coração parece que vai explodir de expectativa.

Não há qualquer humor ou diversão nele agora, apenas uma presença

de espírito tão predatória que me dou conta imediatamente de que tipo de pessoa esse cara é. Um dominador. Sebastian sempre deu sinais de que sua personalidade é a de quem aprecia dominar. Não sei o que pensar. Não tenho um fio de cabelo submisso em meu corpo. Detesto receber ordens... sendo honesta, detesto de verdade, foi só o que tive até os 17 anos... mas, ao mesmo tempo, estou tão, tão molhada que mal me reconheço. Pequenas ferroadas pinicam a fenda entre minhas pernas agressivamente.

— *O qué estoy haciendo? Eso es ridículo*^[26]... — chio baixinho para mim mesma... e, ainda assim, descanso as mãos nos joelhos, palmas abertas para cima, como exige.

— *Usted está siendo una buena chica, mi cariño* ^[27] — respondendo-me em espanhol, debochado, ele retira sua camiseta e a segura entre os dedos.

É um ultraje lhe obedecer. Ultraje! E sequer consigo me impedir.

— Espero que faça valer a pena, Sebastian — não me detenho de resmungar, apenas porque ainda existe um resquício de orgulho correndo dentro de mim.

De peito nu, calça jeans caída sobre o quadril, ele passa a rondar a cama feito um leão no ritual acasalamento.

— Só fale quando eu disser que pode — inclina-se para dizer rente ao meu ouvido. O peito rígido toca meu ombro, transmitindo o calor da pele contra pele. Uma fogueira não me queimaria tanto... infelizmente, a sensação é essa.

Pressiono os dentes para não rebater.

É apenas a emoção do que esperar que me impede de mandá-lo à merda.

— Muito bem — elogia minha força de vontade. *Elogia, é mole?*

Elevo o queixo.

— Levante os braços, Penélope.

Levanto os braços, sem tanta audácia – tremendo um pouco, confesso –, e tenho meu vestido sendo retirado de meu corpo com uma habilidade e calma impressionantes. Estou tão sensível que sinto o contato do tecido correndo a pele feito uma carícia.

Quando a retira totalmente, ele dobra a peça com habilidade e a descansa sobre sua jaqueta.

Não posso acreditar que estou fazendo isso de novo, entregando-me a ele, ansiosa, querendo tudo o que puder me dar.

— Você se lembra do que me pediu lá embaixo? — Encosta a boca em minha orelha enquanto acaricia despretensiosamente o meu ombro.

Eu disse tanta coisa...

— Lembra? — força, rouco.

Inspiro.

“Me dê a melhor noite da minha vida, Sebastian, pois isso nunca mais vai se repetir.” Sei que é disso o que está falando.

— Eu disse que essa será a última vez? — finjo.

Um bufo baixinho – ou um riso sem humor – sai de entre seus lábios.

— Você terá — a promessa se refere à melhor noite, com certeza.

Espiro de maneira entrecortada. Contudo, não comento, enquanto ele abre o fecho do meu sutiã.

Nua, apenas de calcinha, ajoelhada, nunca me senti tão vulnerável antes. Luto internamente para não tapar os seios ou me cobrir. Preciso reforçar para mim mesma que esse aqui, vendo-me nesta situação, é Sebastian, o cara que me ajudou mesmo quando eu não queria ser ajudada. Um protetor, sobre todas as coisas, é o que esse homem é. Esta não é a primeira vez em que ele me vê despida.

— Olhos em mim — estabelece, com o incrível senso de perceber o que estou sentindo.

Elevo o queixo de novo. Sempre encarei tudo de cabeça erguida. Meu corpo é meu e é bonito exatamente assim.

— Não tire os olhos de mim.

Assinto.

— Você me provocou durante todo o jantar. Por quê?

— Não provoquei.

Surpreendendo-me, ele se senta ao meu lado na cama, afetuoso demais,

e tira meu cabelo da frente do rosto, colocando-o atrás da orelha.

— *Senhor* — diz.

Paro de pensar num argumento para retrucar, momentaneamente confusa pelo que escutei.

— Desculpe? — indago.

Inabalável, ele aguarda até que nossos olhares estejam conectados para então responder:

— Quero que me chame de senhor aqui, esta noite.

Leva dois segundos para eu praticamente cuspir uma gargalhada.

— *O quê?*

Em vez de repetir, ele simplesmente me olha profundamente, intensamente, fazendo com que eu encontre a confirmação na escuridão sombria de seus olhos.

Por Dios, de todas as coisas que eu esperava, isso definitivamente não é uma delas.

Sacudo a cabeça.

— Olhe — aceno com a mão entre nós —, não te julgo, mas, honestamente, não espere que eu fique aqui e aceite ser tratada como uma tapada te chamando de senhor... de jeito nenhum.

Pacientemente – de um jeito que faz meu coração bater mais rápido, em alerta – ele meneia a cabeça, sustentando a seriedade.

— Não vou forçá-la a nada, Penélope. Você é livre para se vestir e sair.

Não sei se me sinto aliviada ou decepcionada.

— Mas, se optar por ficar e passar a noite comigo, quero que seja assim.

Semicerro os olhos.

— Entendi. Você quer me dar uma lição porque te *provoquei*, não é? — questiono, querendo realmente compreender antes de chutar logo o balde e dizer *não* a esse *cabrón* e a uma noite que prometia muito.

Seus lábios movem-se ligeiramente para o lado, uma menção de sorriso.

— Pelo menos reconhece que fez de propósito; já é um começo.

Por muito pouco não reviro os olhos.

— Pff, e por isso você quer me fazer de boba.

Suas narinas expandem-se com a passagem de uma respiração profunda.

— Não, Penélope. Não tenho a intenção de te fazer de boba. Pelo contrário.

— Então?

Vendo que espero por uma explicação, ele lambe o lábio inferior como se refletisse sobre a melhor forma de falar determinada coisa. Apesar da impassibilidade, sinto sua tensão nos traços rudes.

— Basta saber que preciso que seja assim.

— Precisa porque sou *eu* aqui? — indago em voz baixa por puro medo de falar alto e confirmar a nuvem escura dentro de seus olhos me dizendo que há muito mais por trás do que diz. Há dor, há segredos... há *alguém*... e ele não quer me dar esperanças de ocupar esse lugar.

Sentindo um incômodo agudo no peito que vai além de orgulho ferido, cato dentro de mim a praticidade que sempre usei para tudo. Não alimento qualquer expectativa sobre ele, e, quando não se espera nada, ninguém pode ser ferido.

— Bem... ok. — Dou de ombros despreocupadamente, mostrando que nada pode me abalar. — Não me importo. — Evito seus olhos por um breve instante, empurrando qualquer tentativa de sentimento para o mais distante possível. — Daqui a alguns dias, seremos apenas uma lembrança do passado um para o outro, então, se quiser que eu te chame de senhor, mestre, amo ou qualquer nome desses, simplesmente não me importo.

Sei que me feri me sujeitando a isso. Contudo, também o feri. Vejo isso em seu rosto.

Volto a descansar as mãos castamente sobre as coxas, espalmadas para o alto. Num gesto de submissão, abaixo a cabeça também... isso é o máximo que ele ou qualquer outra pessoa terá de mim.

— Faça do seu jeito, senhor. Esta noite, eu sou sua.

SEBASTIAN

Nunca foi um problema estipular uma demarcação. Talvez porque nunca tenha importado de quem era o corpo sob o meu; com Penélope Molina, no entanto, é mais do que impor um limite, é bloqueá-la do lado de fora. Não gosto de como reajo perto dela, de como uma parte adormecida de mim se manifesta, uma que não é mais minha para entregar a alguém.

Mantenho-me encarando seu rosto e enxergo, no fundo de seus olhos castanho-avermelhados, que, independentemente de quantas vezes ela tenha dito “não me importo” numa mesma sentença, sim, a garota se importa.

Eu deveria mandá-la de volta ao seu quarto. É a coisa certa a se fazer.

Odiando ser esse cara, amasso minha camiseta entre os dedos, botando uma maldita pressão na mandíbula e me preparo para levantar da cama, onde estou sentado.

Sua mão em meu braço, no entanto, impede-me.

— Dê-me a melhor noite da minha vida, Sebastian. Foi o que te pedi lá embaixo.

O pedido abrasa meu corpo, incendeia mais do que o próprio toque me segurando. Cerro os olhos, tentando me afastar do poder que essa mulher inevitavelmente exerce sobre mim. Mal posso realmente pensar perto dela, e, quando o faço, sua afirmação vem arrebatando qualquer controle: *“Daqui a alguns dias, seremos apenas uma lembrança do passado um para o outro”*.

Abro os olhos e a perfuro. Ciente de que estou em meu limite aqui, ela quebra nosso contato visual e torna a abaixar a cabeça, dando-me sua rendição ainda que superficial, dispondo-se a ser minha.

Espiro o ar para fora de meu peito.

Eu a quero. Diabos, eu quero tanto essa mulher que se eleva ao nível da dor.

Não me impedindo, aproximo-me outra vez de sua orelha e inspiro profundamente o cheiro de baunilha do seu cabelo antes de declarar:

— Farei. Te darei a melhor noite de sua vida, menina — o monstro em mim é denunciado pela rouquidão em meu timbre.

Assim será. Esta noite será inteiramente sobre prová-la devagar, sobre dar a essa mulher mais prazer do que qualquer outro puto jamais lhe tenha dado.

Antes de fazer um movimento, paro para analisar o que há diante de mim, inteiramente a minha disposição. Penélope é linda. Linda *pra caralho*. Não há nada nela que eu não aprecie. Os pés de dedinhos delicados, as panturrilhas grossas, coxas largas, um quadril delicioso, seios grandes e pesados. Contudo, é o tom leitoso de sua pele, salpicado de pintas, que me fascina. Cria uma maldita necessidade de romper, macular a pureza. E, por hoje, ela é minha.

Começo por segurar seu queixo e fazê-la me encarar.

— Olhos em mim, Penélope.

O lado rebelde que a espanhola pensa ter escondido está bem aqui, presente, pronto para irromper a qualquer deslize que eu cometa. É justamente o fogo vivo que enxergo nela a me alimentar.

— Sim, senhor.

Deixo um sorriso transparecer. Um que avisa que não aceitarei suas merdas.

— Esse batom me deixou malditamente duro durante toda a noite imaginando sua boca ao redor do meu pau.

É uma provocação.

Quero sua reação e não a apatia que ela planeja me dar. Estamos numa queda de braços aqui, ainda que ela tente negar.

— Basta pedir, senhor.

— Pretendo. Mas, no momento, há algo que desejo um pouco mais do que uma boa chupada.

Seus olhos se arregalam, talvez imaginando que tipo de perversão tenho em mente. Guardo uma boa gargalhada comigo.

E então, sem pressa, por alguma razão registrando o momento em minha mente, aproximo minha boca da sua e a beijo. Não com a fome de

alguns minutos antes, lá embaixo, mas explorando, provando os diversos sabores que a compõem, semelhante a um vinho que carrega consigo segredos por trás da uva evidente.

Minha língua na sua vai desarmando-a, fazendo seu corpo relaxar, confiar em mim.

Sorrio secretamente por obter essa parte dela.

Penélope provavelmente não sabe o poder que também possui sobre mim; não sabe sobre minha luta neste instante para administrar o ritmo de porradas a embalar meu peito; sobre como qualquer outro pensamento ou lembrança simplesmente se esvai, inclusive a dor, e tudo passa a ser apenas *ela*. Talvez essa espanhola seja uma breve benção para a vida de merda que tenho vivido, uma lufada passageira de ar fresco apenas para me dar novo fôlego... se eu ainda acreditasse numa força maior regendo esse Universo fodido e olhando por mim.

O fato é que, desde o minuto em que botei meus olhos nela, tive uma certeza irrefutável: sou capaz de qualquer coisa para garantir que essa mulher fique protegida. Qualquer coisa mesmo. Quero que Penélope tenha uma vida longa e boa, no lugar onde escolher estar, com alguém que a mereça e seja capaz de amá-la sem nada no caminho, e me assegurarei disso.

Hoje, no entanto, não haverá outro. Ela é apenas minha.

Não rompendo o beijo, uso minha camiseta para amarrar seus pulsos juntos, em frente ao corpo. Ela se assusta, reclama, porém, sorvo o protesto de sua boca. Quando termino de dar um nó, afasto-me para contemplar a obra e para que ela veja também que está submetida a mim, para o que eu quiser fazer, tal qual avisei que faria.

Nua, ajoelhada, amarrada, batom borrado. Nada me pareceu mais *belo* antes.

— Eu cuido do que é meu — pronuncio em russo.

— O que você disse? — Ela sobe os olhos para os meus.

Arqueio a sobrancelha.

A diaba bufa baixinho, contrariada.

— O que você disse, *senhor*?

Espalmo cada uma de suas coxas e me inclino para bem perto.

— Não gosto do seu tom rebelde, mas pretendo corrigi-lo, não se preocupe.

Assistir-lhe engolir em seco é um deleite.

— Deite-se sobre os travesseiros. — Aponto para logo atrás de suas costas. — E abra as pernas para mim.

Dúvida ricocheteia brevemente por sua expressão, contudo, obediente, dando uma olhadela por sobre o ombro e conferindo se há realmente onde se recostar, ela finalmente se inclina para trás.

Começo pelo joelho e vou arrastando meus dedos por seu corpo lentamente, deixando um rastro de arrepios. Em reação, Penélope aperta as coxas. Sorrio, continuo percorrendo a barriga macia, o estômago, os seios, detendo-me um pouco mais de tempo contornando os mamilos. Maldição, minha boca de repente seca de vontade de tomá-la.

Subo, então, seus punhos amarrados para o alto da cabeça.

— Mantenha-os aí — aviso.

Seu corpo estremece.

— Sim, senhor.

Respiro com toda a capacidade do peito.

— Você aprende rápido.

Retorno aos pés da cama somente para ter um dos melhores vislumbres de que me lembro. A mulher está estendida, imobilizada, olhos brilhantes cheios de expectativa. Apoio as mãos na cama e me inclino a princípio para seus dedos dos pés. Roço meus lábios por cada um deles, salpico pequenos beijos, enquanto a ouço inspirar profundamente. Os seios pesados sobem e descem.

No meu tempo, vou deslizando pela canela, panturrilhas, joelhos, atrás deles, coxas e a parte interna delas. O bumbo surdo em meu peito me assusta *pra caralho*. Pareço um maldito adolescente ansiando pelo prêmio. Contudo, são os desejos dela que pretendo realizar esta noite. Não os meus.

Enrosco os dedos nas laterais de sua calcinha preta e a vou trazendo para baix. A cada centímetro, ela se remexe mais.

— Sebastian... — clama baixinho.

— Shi...

Volto à tortura, desta vez usando a língua.

— S-senhor!

Ante sua carne rosadinha, úmida, aberta para mim, rio de seu apelo; meu riso, no entanto, é uma fachada. Estou tão ansioso quanto ela, como se fosse a maldita primeira vez.

Suas mãos atadas descem para se cravar no meu couro cabeludo. Aviso para mantê-las onde ordenei.

E, quando a abocanho, deixo de raciocinar. A diversão e o prazer dela passam a ser meus. Não paro quando ela arfa e seu corpo forma um arco perfeito sob minhas mãos. Tampouco quando grita meu nome num gemido distante e espasmos a fazem tremer. Quero que Penélope saia desta cama mais satisfeita do que jamais estive. Seu prazer é minha realização pessoal. O momento em que a espanhola de sangue quente e boca suja se desfaz para mim.

Transpirando, ela lambe os lábios enquanto limpa a testa com as mãos atadas.

— Desamarre... eu pre-preciso te tocar...

Subo e a cubro com meu corpo.

— Desculpe, não ouvi direito.

— Ah, *carajo* ^[28]! — rapidamente se corrige: — Senhor, senhor!

— Você tem um gosto muito bom, *Loupe* — provoco cochichando em seu ouvido, tal qual ela fez com o puto durante o maldito jantar inteiro. — Gosto de atrevimento. Delicioso.

Ardilosa, ela passa os pulsos amarrados por minha cabeça, apoiando-os na minha nuca, prendendo-me a si.

Rindo, não nego a oferta de um beijo e faço com que prove o salgado de sua pele em minha boca.

Meu pau reclama, mais duro do que nunca. Com razão. Receptiva, macia, quente... *nahuí*, eu poderia passar horas nela e não seria o suficiente. A maldita não é alguém com quem você se satisfaça com alguns poucos minutos, ela é tudo sobre descobertas, sobre uma química fodida que me atrai

feito formigas a um pote de doce.

Desato o nó da camiseta e me afasto dela. Fico em pé diante da cama, esperando que Penélope Molina se recupere e me veja, que enfrente a situação em que estou. Quando tenho sua atenção, puxo a carteira do bolso de trás do jeans, abro-a, pego um preservativo e o rasgo entre os dentes.

O olhar faminto percorre minha extensão, parecendo esquecer que foi saciada até implorar minutos antes.

Quando me afundo em todo o calor e maciez, aperto os olhos e travo a mandíbula, evitando pensar em como eu poderia permanecer por uma vida inteira perdido dentro dela sem que nada mais ficasse em minha mente.

É a adrenalina que me move, o esquecimento que a espanhola me traz e algo que busquei incansavelmente por anos e, ironicamente, foi justamente nela que encontrei.

Mergulho fundo, voraz, e, a cada momento de fraqueza, impeço-me de ceder. Quero que dure, que essa sensação nunca acabe. É meu corpo que ela está tendo, mas, malditamente, sinto que é minha alma que a mulher é capaz de tocar. Suas mãos se espalmam em mim, arranham, fincam-se e se movem, sem saber ao certo o que fazer. Meu nome outra vez se mistura a xingamentos em espanhol. Tomo sua boca e absorvo cada um deles enquanto aperto seus seios pesados, possessivo, tornando-os meus. E foda-se se isso faz de mim egocêntrico. Quero marcá-la, quero que Penélope pense em mim incansavelmente, pois é assim que a diaba tem feito comigo.

Quando me enterro golpeando forte e seu corpo se convulsiona num espasmo violento, é o fim. Finco os dentes em seu pescoço, porque a explosão que vem em seguida é tão intensa que a pressão parece prestes a explodir meu cérebro junto do gozo. Não reconheço o rugido barulhento que eclode de meu peito, tampouco a sensação de todo o resto se desintegrando.

Fica apenas a batida barulhenta de seu coração, ou do meu, ou a mistura dos dois, em nossos peitos unidos, colados pelo suor.

— Obrigada... *senhor* — não há indolência ou deboche... somente uma gratidão até inocente demais.

Rolo de cima dela, dando-lhe espaço para respirar. Jogo o braço por cima dos meus olhos e evito que veja o tormento em mim. Não sei o que

diabos acaba de acontecer, só sei desse sentimento de culpa pronto para me comer vivo... e uma maldita necessidade de ter mais dela, mais disso... mais de Penélope Molina, como se nada fosse o bastante.

Sinto o movimento na cama, seu corpo se distanciando do meu, então abro os olhos e me viro para ela.

— O que está fazendo?

— Indo para o meu quarto — diz simplesmente.

Abro a boca pronto para exigir que retorne, contudo, não o faço por algo que leio em sua postura. *Ela não quer ficar.*

Tranquila, colocando o vestido sem a lingerie, Penélope se dirige para a porta, cabeça erguida, como quem se satisfaz e isso foi tudo. Não há envolvimento ou nada que a mantenha aqui.

Antes de sair, no entanto, ela se vira e me olha.

— Obrigada por cumprir sua promessa, Sebastian.

Fervo por dentro enquanto exijo de mim mesmo frieza para não me levantar e trazê-la de volta.

É irônico que Penélope Molina seja a única aqui com bom senso para saber que é melhor ficarmos longe.

Capítulo 21

SEBASTIAN

Não tiro os olhos do lago, encoberto pelo nevoeiro, enquanto ouço os passos se aproximando sobre as folhas secas. Estávamos esperando por ele; sua mensagem veio antes mesmo de o dia amanhecer, convocando a reunião.

— Verhoeven se aliou aos Tambovskaias — Ed afirma logo que se aproxima, soprando as mãos unidas para afugentar o frio cortante vindo de todos os lados.

A informação não surpreende. Os passos do traficante assim que desembarcou na Rússia só o levavam a uma direção: aos fodidos tão sujos quanto ele, ou piores.

Os Tambovskaias são membros de uma das mais antigas famílias da máfia russa. Crueldade e nenhum código de honra são suas marcas registradas, assim como o poder que possuíam sobre a cidade. Possuíam, no passado. A nova geração de herdeiros andou cometendo erros fatais aos negócios, incomodaram pessoas ainda piores do que eles e sofreram algumas baixas significativas.

Inspiro profundamente, evitando levar a mão à base dos olhos para afugentar o latejar constante. Falta pouco para as 6h da manhã, não tenho uma boa quantidade de sono há dias, e o corpo está começando a cobrar a conta.

— Bem, não é novidade. Já esperávamos que Verhoeven fizesse um movimento — digo sem emoção.

— Não com os bastardos dos Tambovskaias — Elliot cospe, enfatizando seu desprezo pelos vermes.

Para o cara, o lance com os Tambovskaias é um negócio pessoal, embora já tenhamos acertado essa dívida há anos, quando finalizamos alguns dos membros da gangue, em revide a uma emboscada armada contra Elliot.

Foi num de nossos retornos das missões, quando ainda pertencíamos às Forças Armadas. Elliot descobriu que os Tambovskaias estavam aliciando seu irmão mais novo, um moleque metido a esperto, para se juntar a eles. Na verdade, os fodidos queriam todo e qualquer jovem que pudesse levar suas merdas pela cidade e que, caso fossem pegos pela polícia, seriam prontamente substituídos. Elliot exigiu que se afastassem do garoto. Os caras não aceitaram bem o ultimato e armaram uma cilada, atraindo Elliot a um galpão onde o irmão estava supostamente ferido. Elliot chegou lá e foi recebido por atiradores de merda, idiotas que mal sabiam com quem estavam se metendo.

Para o azar deles, dois dos melhores *snipers* do país estavam ali, prontos para fazer uma limpeza. Para cada vinte disparos deles, dávamos apenas um, certo. Derrubamos uma boa quantidade de Tambovskaias naquele dia. Talvez agora eles estejam apenas querendo retribuir depois de tanto tempo.

— Escória atraí escória. — Dou de ombros.

— Aqueles imbecis estão falidos. Venderiam a própria mãe por grana — Bola lembra o que todos já sabem. — Vamos passar isso para os idiotas da Interpol e deixar que resolvam...

Sob sua sugestão, instintivamente, olho para trás, em direção à casa, apenas para confirmar que nenhuma luz foi acesa. A espanhola ainda dorme tranquilamente no andar de cima, alheia ao fato de estarmos reunidos no quintal dos fundos planejando uma maneira de protegê-la antes sequer de o dia amanhecer. Incapaz de dormir – e como um imbecil que tenho me tornado –, sentei-me na poltrona em seu quarto e assisti ao seu sono até que Ed enviou um texto dizendo ter a informação que esperávamos.

Honestamente, a menor ideia de alguém fazendo mal a ela me embrulha a porra do estômago impiedosamente.

— Não posso deixar a segurança da menina nas mãos deles — afirmo de um modo que mostre o quão sério estou sobre isso.

Sinto o olhar de todos eles em mim, então os encaro de volta.

— Penélope não está segura até que Verhoeven seja encontrado. E nós vamos encontrá-lo.

Por suas expressões, ninguém é contra a ideia, embora todos enxerguem o tamanho do problema que temos pela frente.

— E sobre a outra garota? A que a espanhola estava procurando? — Bola, inteligentemente, traz o outro problema.

— Voarei hoje mesmo para Amsterdã. Se a garota estiver naquela casa, vou encontrá-la e mandá-la para a família.

Percebo Elliot me olhando de lado, desconfiado, antes de cruzar os braços e me interrogar:

— Você não está pensando em fazer essa merda sozinho, está?

— Sim, estou. Preciso de vocês aqui.

— Eu vou em seu lugar, e você fica — o puto prontamente rebate.

Sei que só está preocupado comigo e prezo isso. Entretanto, há fatores demais nessa equação para os desconsiderarmos.

— Eles te conhecem, você trabalhou na boate. Não quero correr esse tipo de risco se não pudermos estar todos lá para cobrir suas costas.

O que digo torna seu semblante sombrio.

— Você está dizendo que eu não sei resolver essas merdas sozinho ou que você não precisa de ninguém cobrindo as suas costas?

Maldição. Quando foi que o cara se tornou tão sentimental?

— Estou dizendo que você precisa ficar aqui e cuidar da segurança de Penélope. Ela confia em você... — hesito, relutante, mas acrescento: — E eu também confio. Sei que ela ficará protegida.

Elliot não se comove, porém, sabe que, no fundo, tenho razão.

— E quanto a nós? — Ed se mete.

— Você descubra onde o desgraçado está enfiado de uma vez. Até mesmo a velha Zhená se mostrou mais eficiente em ouvir fofocas por aí. — Encaro, então, Bola. — E você reveze com Elliot para ficar de olho na espanhola... Algo me diz que um só não é capaz de lidar com o gênio da infeliz.

O que não digo a eles é que não posso suportar a ideia de algo acontecendo com ela. Prefiro ir sozinho invadir a mansão de um traficante fodido e me dar mal a deixá-la desprotegida.

— Quando você pretende ir? — Elliot é quem questiona, ainda sem aceitar bem.

— Agora mesmo. Vou ligar para o hangar.

Ed enfia as mãos nos bolsos.

— Pois eu vou voltar para casa e dormir por pelo menos cinco horas. Virei a noite enfiado no covil dos desgraçados, preciso me livrar desse cheiro de fumo barato impregnado por todo lado.

— O que merda você fez para ter o cheiro dos caras em você? — Bola tira sarro.

— Limpei meu pau neles depois que trepei com a sua irmã a noite inteira.

Um sai empurrando o outro no caminho de volta para os carros. Os putos nem se dão conta de que já estão velhos demais para agirem como moleques.

Permaneço sozinho com Elliot. O silêncio sepulcral entre nós é revelador. Porém, sou eu a ceder.

— Cuide dela, cara.

— Você não precisa me pedir, sabe disso — a voz do sujeito parece diferente. O imbecil se importa com Penélope, essa é a verdade.

Balanço a cabeça, concordando. E dou alguns passos para entrar de volta na casa. Contudo, paro e o olho por cima do ombro.

— Eu dormi com ela.

Pelo olhar em seu rosto, ele já sabe.

— O caminho não está mais livre — sinto a necessidade de acrescentar.

Ele volta a cruzar os braços e passa a me observar de maneira que jamais o fez, enxergando-me claramente, parecendo poder ver através de mim, até que finalmente diz:

— Irmão, se você me disser que quer a garota, eu não serei um problema. Mas você precisa tomar uma decisão.

Não respondo; não me sinto capaz. Apenas volto a andar, entro pela porta da cozinha e, como por instinto, vou me guiando pela escuridão diretamente ao quarto onde ela repousa. Penélope ainda dorme

tranquilamente. Apesar do frio lá fora, o quarto está aquecido, fiz questão de garantir isso. A coberta está apenas na metade de suas coxas para baixo, deixando livre a parte de cima de seu corpo. Os seios grandes sobem e descem conforme respira, num movimento tranquilizador, gostoso de observar.

Não parei ainda para analisar o que sinto em sua presença. Porém, foda, há muitos anos essa sensação de liberdade não corria livremente por minhas veias como tem acontecido. Há muitos anos eu não me via sem a dormência que tem me acompanhado por tanto tempo.

É isso que me perturba. Sinto que, ao sentir essas coisas, estou traindo a memória de alguém que foi tudo para mim. Somente Lara possuía esse poder, esse dom de me trazer à vida. Não posso suportar a ideia de que estou deixando outra pessoa tomar seu lugar, tomar uma parte que prometi que seria apenas sua. Nunca voltei atrás em minha palavra. Nunca prometi algo que eu não pudesse cumprir.

Parecendo sentir a minha presença, seu corpo se move mais lentamente, virando-se de lado. Sob a pouca luz do alvorecer entrando pela janela, observo a maneira como bate os cílios preguiçosamente, adaptando-se. Penso em sair do quarto, porém, não me movo, sequer respiro, esperando que volte ao sono.

Estou tão perto. Tão perto.

— Sebastian? — ela sussurra, confusa, sonolenta.

— Shi, volte a dormir — embalo em voz baixa, rouca, até. Sem poder evitar, inclino-me para sua boca e colo levemente nossos lábios. — Volte a dormir, espanhola.

PENÉLOPE

Você pode ser pobre, mas jamais suja. Sua casa pode ser a mais humilde da vizinhança, porém, ela deve ser limpa. Enquanto deslizo o aspirador no chão debaixo da cama, lembro-me do que a irmã Ana Maria repetia quando nos fazia faxinar o convento. De todas as freiras, aquela era a

única com um toque de humanidade em si, eu pensava, talvez por isso tenha permanecido pouco tempo. Todas as outras pareciam apenas robôs da fé, repetindo as ordens e punições das passagens bíblicas. Por Deus, houve uma época da minha vida em que eu odiava a bíblia, odiava mesmo, e sei o quanto é horrível dizer isso.

Contudo, havia um motivo para ser assim. Todos os castigos e broncas que eu levava eram sempre embasados no livro sagrado. Para mim, naquela época, aquele era o livro do castigo. Há uma passagem em particular que, droga, arrepiava-me quando lembro. Um dia, em meus, sei lá, 11 anos de idade, a madre superiora (que estava substituindo temporariamente a irmã Úrsula em sua viagem para ver a família) me pegou em meio a uma briga com as valentonas do orfanato. Eu estava farta de elas me importunarem, como sempre faziam, farta mesmo, então, naquele dia, resolvi arregaçar as mangas e partir para a briga física. O problema é que elas foram espertas o suficiente para notar a madre superiora se aproximando, e eu não.

Quando a freira estava perto, tudo o que ela viu foi a Penélope Rebelde atrelada ao cabelo de uma das garotinhas inocentes que clamava por piedade, a dissimulada. Pois bem, fui levada ao quartinho da punição, onde eu detestava estar e onde sempre sentia muito medo. Tive de subir meu vestido velho até a cintura, debruçar-me contra o banco, dando-lhe total acesso à minha bunda. Recebi trinta golpes de um instrumento de madeira parecido com uma palmatória. Por fim, ouvi a citação de Hebreus, 12:11: *É verdade que toda correção parece, de momento, antes motivo de pesar que de alegria. Mais tarde, porém, granjeia aos que por ela se exercitarem o melhor fruto de justiça e de paz*”.

O que aquela mulher quis dizer era basicamente: você está apanhando para que aprenda uma lição com isso no futuro. Justiça e Paz. E eu aprendi. Passei a jogar como aquelas garotas. Se me batiam, eu batia de volta, sempre verificando se havia alguma irmã por perto, ou seja, justiça. E, com isso, revidando, obtive paz.

Ao mesmo tempo em que me arrepio, acabo rindo de mim mesma e continuo a aspirar o tapete do quarto da vó Zhená.

Acordei e não vi Sebastian por perto. Eu estava disposta a ir embora, cheguei até a arrumar as malas, porém, adiei a decisão quando percebi o

bilhete que ele deixou colado à geladeira. Era sobre Dulce. Ele disse que estava indo atrás de uma pista sobre ela e que provavelmente passaria os próximos dias fora.

Cogitei a hipótese de ser apenas uma desculpa para se afastar de mim depois de ontem. Contudo, refleti e me dei conta de que estava falando de Sebastian. Ele nunca suaviza nada, não mente, manda logo a verdade contra seu colo sem se importar se ela fere ou não.

Quando saí de seu quarto durante a noite, eu estava decidida a ir embora pela manhã e procurar a menina sozinha. Agi sozinha a vida toda, e, no final, sempre deu certo. Foi um erro eu aceitar a ajuda dele, de todos eles. Eu soube assim que entrei naquele avião; agora, no entanto, tenho de esperar que ele me ajude, querendo ou não, e rezar para que realmente obtenha sucesso nessa busca.

Entretanto, não importa o que aconteça, depois que ele disser o que descobriu, irei embora. Não posso permanecer sob o mesmo teto que ele. Não posso mesmo, e a razão não me orgulha... A verdade é que estou apaixonada pelo *cabron*. Contra tudo o que é lógico, eu permiti que esse sentimento chegasse ao meu coração e nem tenho a quem culpar por ser uma fraca, tão somente a mim mesma.

Eu o deixei entrar. Deixei que sua sombra se apropriasse de mim.

E, tanto quanto é bom gostar de alguém, é horrível sentir isso por alguém que nunca corresponderá ao seu sentimento. Horrível mesmo.

Desligo o aspirador e vou para o próximo quarto, aquele em que ele tem passado as noites. A primeira coisa que faço é abrir as janelas e permitir que a luz do final de tarde entre... Então observo tudo a minha volta e me dou conta de algo que não havia notado durante a noite. Este é realmente o quarto dele. Há objetos pessoais na cômoda, nas paredes, troféus de futebol numa prateleira... Sebastian vivia aqui. Memórias de um garoto jovem, frequentando a escola, pelo jeito. Taciturna, vou me esgueirando e explorando. Há poucas fotos dele em uma parede, algumas junto de um senhor e da avó. Provavelmente o avô, penso. Uma em particular é de um time, não sei exatamente de que esporte, em que dez garotos estão em uniformes vermelho e branco, fazendo pose para a câmera. Um time de futebol, talvez. Reconheço a versão mais nova de Sebastian, mais magra,

embora alta, traços mais suaves e risonhos, coisa que não confere com a atualidade. Pergunto-me o que faz uma pessoa mudar desse brilho bonito nos olhos para o completo sombrio de hoje. Correndo os olhos pela foto, identifico também Gael e Elliot, em versões semelhantes. Bem, é verdade o que disse, eles se conhecem há muito tempo.

Fico olhando para a foto por um tempo realmente longo, absorvendo o momento, a forma como ele parecia feliz ali.

Então algo me chama a atenção, mais ao lado, preso por apenas uma ponta, quase caindo atrás da cômoda. Um pedaço de papel antigo. Nele há uma frase escrita. Aproximo o rosto, sem tocar, lendo: “Para Bast, com amor, sua L”.

Imediatamente dou um passo atrás, como se um choque me afastasse. Uma frase, apenas isso... e sinto como se eu tivesse invadido o espaço pessoal de alguém, como se eu tivesse violado um segredo ou algo do tipo. Não reconheço o nó que se forma em minha garganta, tampouco o ardor nos olhos. É apenas um papel, escrito Deus sabe quando... Porém, guardado na parede, feito algo a ser lembrado.

Eu não tenho o direito de xeretar. Não tenho sequer o direito de vislumbrar um “talvez” com Sebastian. Ele nunca me prometeu nada.

Já tenho problemas demais na minha vida para adotar mais um. E, com este pensamento, desisto de limpar o quarto dele. Enrolo o fio do aspirador de volta no lugar, guardo-o e vou para o “meu” quarto, onde deixei o novo celular carregando pelas horas que o fabricante recomendou no manual antes de começar a usar.

Retiro o aparelho do conector de energia e me deito com ele. No entanto, não o ligo imediatamente... no lugar, deixo um olhar vago se fixar em um ponto qualquer da parede, relembrando a sensação viva de estar naquela cama com o *cabrón*. Não foi o sexo, mas a maneira como me senti desejada, como me senti única em seus braços. Sebastian me olha como ninguém jamais olhou, não é coisa da minha cabeça, é real. Quando estou perto dele, fico ciente de cada parte de mim, de um jeito confuso. Por exemplo, minha respiração: fico controlando o modo que respiro em sua presença, lutando para não acelerar o ritmo e denunciar que meu coração, o idiota, está agitado também.

Gemo de frustração e bato com o celular duas vezes contra minha testa.

— *Una niña tonta, es lo que soy...* [\[29\]](#)

Tola e apaixonada. Em minha defesa, nunca me apaixonei por ninguém de verdade, então tenho algum crédito. Os poucos homens que eu tive na vida foram apenas imbecis aproveitadores que queriam tudo e não estavam dispostos a dar nada, pelo contrário, tratavam-me como um segredo sujo, ótima para o quarto e péssima para caminhar lado a lado em público.

E, por essa razão, eu os enxotei e exorcizei da minha vida, como faço com tudo o que não me faz bem. Afinal, segundo uma cliente (que me pagou lendo meu mapa astral), sou do signo de escorpião com ascendente em sagitário, estou sempre movimentando águas paradas para impedir que apodreçam, mandando embora o que me faz mal e me reinventando na vida. Gosto de pensar assim.

Afastando o monólogo sobre minha paixãoite descabida do momento, ligo o aparelho. A primeira coisa que faço é checar meus e-mails. Há um bocado deles. Leio todos. Quatro são de pessoas procurando meus serviços, dizendo que tentaram o celular, mas estava fora de área. Rio sem humor... *Fora de área e fora de vida, meu bem, arrebitado contra o chão pelo cara que tem se tornado um problema desde que cruzou meu caminho.* Respondo que estou em viagem, mas que, na semana que vem, voltarei a atender novamente.

Há um e-mail da filha do meu senhorio. É claro, pois ele mesmo não mexe com “essas tecnologias”. Ela é uma moça gentil, não mora junto ao velho chinês muquirana, estuda fora, porém, sempre ajuda o pai com a contabilidade. Na mensagem, ela diz que ele precisa falar comigo com urgência. Não imagino o que pode ser de tão urgente, visto que o novo aluguel ainda não venceu. Contudo, vindo dele, é provavelmente isso: cobrança. Anoto mentalmente para ligar para ele quando eu estiver voltando para casa.

Os outros e-mails são todos da mãe de Dulce, um mais exaltado e ansioso do que o anterior. Em vez de digitar uma mensagem, eu ligo para ela. Demora alguns toques até a mulher atender.

— Olá... — ela finalmente diz do outro lado. A voz denota cansaço.

— Olá, aqui é a Penélope Velasco...

— Penélope! — ela repete meu nome num misto de alívio e afobação.
— Onde está minha filha? Por que você sumiu desse jeito e não me deu qualquer ligação? Eu estou aqui, aflita, esperando uma notícia. Você já recebeu metade do pagamento e não fez qualq...

— Senhora — eu a interrompo. — Por favor, me escute, sim?

— Me diga que está com ela... — pede perdida.

Fecho os olhos.

— Não. Ainda não...

— *Madre de Dios*, estão todos brincando comigo! Brincando comigo!

Paro de elaborar mentalmente uma frase reconfortante para dizer e me atento ao que ela acabou de falar.

— Desculpe, o que a senhora quer dizer com “todos”?

A mulher se cala, respira fundo e permanece calada.

— Há algo que a senhora não me disse? Algo que eu precise saber?

Silêncio.

— Senhora? — forço-a.

Ela suspira.

— Eu te procurei em vez de ir à polícia porque ela disse que eu não podia. Ela disse que...

— Ela quem?

Silêncio.

— Ela quem, diga!

— Dulce...

Levanto-me de onde estou sentada na beira da cama imediatamente.

— A senhora falou com ela? Falou?

— Sim.

— Quando?

— Uma semana antes de eu te procurar.

— *Ah, mi Padre...* O que vocês falaram? O que ela te disse?

O choramingo da mulher não me anima.

— Que ela não voltaria.

Certo...

— Ela disse que não voltaria porque alguém a estava mantendo lá ou...?

— Por vontade própria.

Sinto a raiva subindo e subindo, vindo por meu pescoço, esquentando tudo, até chegar ao meu rosto.

— Você está me dizendo que me mandou para outro país atrás de sua filha, dizendo que ela estava desaparecida, quando, na verdade, ela simplesmente não queria voltar para casa? — cada palavra sai entre os dentes apertados. Estou cerrando o punho, muito perto de começar a gritar com ela.

Covardemente, ela não emite um ruído.

— É isso? Sua filha fugiu de casa, e você me mandou procurá-la? — insisto.

Relutante, ou desanimada, a mulher explica:

— Dulce está envolvida em más companhias, Penélope. Desde que ela viajou para aquele país, ela mudou. Se recusou a me ouvir, a me dizer onde estava vivendo ou com quem. Tudo o que eu sei é que ela conheceu um *hombre* lá e se recusa a voltar.

Sento-me outra vez, amolecida.

— Você sabe me dizer quem é esse homem? — Meu instinto não sinaliza algo bom.

— Não. Tudo o que sei é que ele é muito rico, o pai é dono de algumas boates e...

Deixo de escutar. Deixo mesmo de respirar. Não pode ser coincidência. O último registro da garota nas redes sociais foi naquela boate.

Sebastian.

Ele está indo atrás de uma pista. É a única coisa que me vem à cabeça.

Capítulo 22

PENÉLOPE

Ando de um lado para o outro no quarto, batendo o celular contra a palma da mão. Dulce não foi sequestrada ou pega contra a vontade. Ela está lá porque escolheu. Eu deveria ter desconfiado de algo assim, fiz todas as perguntas erradas para a mulher quando ela apareceu em minha sala. Droga, eu estava tão desesperada para pagar minhas contas, para ter um fôlego financeiro que não fiz a única coisa capaz de me manter fora dessa confusão. Investigar, investigar de verdade, todos os fatos.

E agora, e agora?

Que pista é essa que Sebastian está verificando?

Eu preciso fazer alguma coisa.

É quando me dou conta de outro erro. Não tenho absolutamente ideia de como contatá-lo. Que ironia, agora possuo um celular novinho, e ninguém para ligar.

Sem saber ao certo o que estou procurando, saio desordenada pela casa atrás de algo, qualquer coisa que me ajude a fazer contato com Sebastian. Não gosto dessa sensação apertando a boca do estômago, tampouco do modo como meu coração de repente parece se chocar contra o peito. Corro os degraus para baixo. Vó Zhenia deve ter uma agenda, um caderno de telefones, todo mundo tem! Quanto mais procuro, mais agoniada vou ficando. Eu sequer sei como me comunicar neste país! Esperançosamente me lembro de Priscila e... quero me esbofetear. Ela pediu meu número; eu não tinha nenhum para dar. Eu disse que pegaria o dela com Sebastian, mas – droga! – não peguei, pois nunca tive realmente a intenção de manter qualquer contato com ela no futuro.

É uma punição. Isso só pode ser uma punição por enganá-la.

Vizinhos.

Algun vizinho provavelmente tem o número da avó de Sebastian, e ela com certeza sabe como contatar o neto. É isso. Não importa se não falo uma palavra em russo, eles provavelmente compreendem inglês... é a língua universal.

Abro a porta da frente, na dúvida entre correr para a direita ou a esquerda. A casa mais próxima pode ser vista daqui, embora seja longe.

Somente quando decido qual direção tomar é que vejo a porta de um SUV preto sendo aberta. O alívio que sinto ao reconhecer o sujeito imenso descendo até me assusta... *Madrecita*, obrigada! É o tal Bola, apresentado por Sebastian no jato vindo para cá.

Apresso-me em sua direção ao passo em que ele também vem na minha. A curiosidade em seu rosto vai se transformando em preocupação.

— Ei, moça... — cumprimenta. Seu forte sotaque é ainda mais evidente do que os de Sebastian e Elliot.

— Você é o Bola, não é?! Eu preciso falar com o Sebastian. A Dulce, aquela garota, ela não sumiu, ela está lá porque quer e... — vou comendo as palavras e, pela confusão em seu semblante, percebo que estou misturando espanhol ao inglês.

— Calma aí, espanhola, se acalme, não estou entendendo uma merda do que está falando. Respire e comece de novo.

Argh!

— Eu preciso que você ligue para o Sebastian e avise a ele que a garota que eu procurei está na Holanda porque quer — falo mais pausadamente. — Apenas diga isso a ele agora mesmo, Bola. — Aponto para seu bolso da frente, onde possivelmente se encontra seu celular. — Por favor, ele precisa saber.

— Como você sabe? — indaga parecendo duvidar ou me testar.

— Falei com aquela *hija de la p...* droga, falei com a mãe dela, a que me contratou. Ela confessou.

Pela maneira como estreita os olhos e presta mais atenção, o sujeito compreendeu o problema.

Ao apanhar o celular, dá-me as costas e passa a falar com alguém apenas em russo.

SEBASTIAN

Um dia bem quente na pequena ilha de Aitutaki, ao extremo pacífico sul, com minha garota. Essa foi minha escolha quando Elliot me perguntou onde eu gostaria de estar naquele momento, há quase 15 anos, quando nossas bundas estavam plantadas nas congelantes montanhas de Cheekah Dar – região de fronteira entre o Iraque e o Irã –, em campanha para abater uma frota inimiga carregando armamentos. Porra, estávamos os dois entediados até a morte... tal qual ficar sentado numa porcaria de carro esperando que esses merdas voltem para a boate e a segurança em torno da mansão afrouxe. Pelas informações que Elliot colheu, os putos mantêm uma rotina, um ponto falho na segurança. É com isso que estou contando para entrar.

Cansado de ficar sentado, aperto a aba do boné, coloco de volta os óculos escuros, ajeito a Glock na parte de trás da calça e desço. Deixei o carro longe de vista, atrás de uma barreira de árvores, duas casas acima.

É uma rua calma, arborizada, de mansões bem-conservadas. Talvez a vizinhança pacata de Rotterdã não faça ideia de que há um fodido traficante de pessoas entre eles, capaz das maiores atrocidades, foragido da Interpol e que mantém dentro da casa ao lado uma menina espanhola contra a sua vontade, e sabe-se lá quantas outras.

Fico me perguntando se algum dia essa merda realmente acabará. A resposta vem em seguida: não. Há muito dinheiro e interesses compondo a grande engrenagem pelo mundo todo.

Estou farto disso tudo. Esta é a última missão. Não importa o quê, meus dias de caçar esses fodidos estão contados. Não sou a porra de um herói ou justiceiro. Fui arrastado para esse esgoto quando se meteram com minha mulher. Já acertei as contas, fiz com que pagassem e, por consequência, prestei um favor à humanidade limpando boa parte desse monte de lixo. Não há nada que me faça continuar... O pensamento é interrompido pela lembrança de Penélope adormecida naquela cama essa madrugada, em como parecia frágil, vulnerável, doce.

Inferno!

Ela. Ela me faria afundar outra vez nessa merda toda. Se eu for honesto, é por Penélope Molina que estou aqui.

O zumbido do celular me traz de volta ao momento. Verifico uma última vez o movimento na mansão de Verhoeven, onde ele não está (de acordo com nossas fontes) e atendo.

— Fale — resmungo ao identificar Bola no visor.

— Aborto.

— Por quê?

— Sua espanhola está dizendo que a garota não foi sequestrada. Ela está aí com os fodidos porque quer.

Ignoro a parte do *sua*.

— Como ela sabe?

— Disse que falou com a mãe da garota. A tal que a contratou. Saia daí cara, está perdendo seu tempo.

— Penélope está com você?

— Sim.

— Me deixa falar com ela... — Então hesito quando um pensamento me ocorre. — Esqueça. Não. Não a coloque ao telefone.

— Por que não? — posso captar a diversão na voz do idiota.

Delibero momentaneamente sobre compartilhar minha razão. Contudo, confio no cara.

— Se a espanhola souber que desisti de encontrar a garota, ela não terá mais motivo para continuar aí. — Viro-me, deparando-me com meu reflexo nas janelas do carro. Não gosto da expressão que enxergo em meu semblante. — Ela é teimosa demais para aceitar nossa proteção, vai se mandar antes de eu voltar. E Verhoeven a pegará assim que isso acontecer.

— Certo.

— Diga que não me encontrou.

— Ela vai saber que estou falando com você. — Testa minha paciência. Sei que deve estar rindo.

— Penélope não fala russo. E você é um filho da puta. Vou resolver uma coisa aqui antes de ir. Peça a Elliot para avisar ao piloto.

— Gael não vai ficar contente com a conta no final do mês.

— Aquele puto tem grana o bastante para pagar algumas viagens.

PENÉLOPE

Comer me acalma, alegre, faz com que eu me sinta bem, principalmente se o alimento for doce e cremoso. Ah, esses são os melhores! Não importa o tamanho do manequim que visto ou a quantidade de dinheiro em minha carteira, há sempre espaço para um docinho, e nada no mundo me parece melhor; hoje, no entanto, todos os ingredientes que estou colocando na batedeira são apenas uma sucessão de tentativas de me distrair, medindo, pesando. Gostaria muito que a vó Zhená estivesse aqui. Acho que nunca senti mais falta de uma companhia antes.

Bola não conseguiu falar com Sebastian. Avisou a Elliot e disse que ficaria tentando, em seu carro, estacionado lá fora. Pedi o número do telefone de Sebastian e tentei também algumas vezes, mas só cai na caixa postal.

Passa das 23h, já faz mais de seis horas que estou esperando um sinal de vida do *cabrón*.

Não gosto de recorrer a Deus nas horas de aperto, prefiro acumular pontos para quando eu realmente precisar. Hoje, porém, é um dia que tive de usar meus créditos divinos. Fiz uma promessa. Uma bem difícil de realizar, vai demandar de muita força de vontade, mas era o certo.

Sebastian está atrás de pistas por minha causa.

Nada disso teria acontecido se aquela *mujer* manipuladora não tivesse omitido a verdade. Eu não teria embarcado para a Holanda... Bem, não teria conhecido Sebastian, ou sua avó, ou Priscila, nem estaria nesta casa. Droga, estou emotivamente ridícula. Tenho que confiar no *cabrón* e sua capacidade de cuidar de si mesmo. Afinal, Sebastian não é todo metido a fodão?

Despejo a massa na assadeira e a enfio no forno. Esse é meu terceiro

bolo do dia. Regulo a temperatura... quando uma batida chama na porta da frente. Limpo as mãos num pano de prato antes de ir atender.

É Elliot.

Por sua expressão tranquila, as notícias não são ruins.

— E então, falou com ele?

O homem sorri, levantando as mãos para cima em sinal de rendição. Há algo nele quando faz isso que o torna mais jovem, de alguma forma. Dá leveza ao rústico.

— Boa noite para você também, Loupe.

Inspiro profundamente enquanto lhe dou espaço para entrar.

— Desculpe, tô preocupada com ele...

Elliot entra, fechando a porta atrás de si.

— Ainda não falei, o celular do cara está desligado — diz um tanto evasivo.

Meço-o com o olhar.

Quando penso em questionar sua excessiva calma, um erguer zombeteiro de suas sobrancelhas e a pergunta que vem a seguir me distraem:

— Que cheiro é esse?

— Bolo...

— Você cozinhou? — o interesse é genuíno.

— Sim. Há dois prontos. Outro no forno.

Dou as costas e sigo para a cozinha.

— Espere, por que tantos? Você dará uma festa ou coisa assim?

O humor dele infelizmente me faz rir.

— Não. Estou ansiosa. E quando me sinto ansiosa, gosto de cozinhar.

Atravesso a cozinha, indo lavar a louça que sujei no preparo.

— Você está ansiosa pelo cara... — ele repete, parecendo refletir. — Bem, isso é bom. É sinal de que você se importa.

Viro-me rapidamente para ele.

— Não do jeito que você está pensando — apresso-me em esclarecer.

Ele dá de ombros; não perco, no entanto, o franzido no cantinho de seus olhos, irreverente. Acrescento:

— Ele está indo atrás de uma pista para descobrir onde a menina está por um favor a mim. Sebastian sequer a conhece, entende?

— Entendo... — O olhar passeia pela cozinha limpa, e ele assovia baixo. — Você andou dando um bom lustre em tudo por aqui.

— Gosto de limpar também... você sabe... quando estou ansiosa. — Abro a torneira e finjo me concentrar na lavagem apenas para evitar seu escrutínio.

— Como soube que a garota não foi sequestrada?

— Ah, Elliot! — Suspiro, feliz por poder desabafar com alguém. Esta situação está entalada na garganta. — Você nem vai acreditar. Aquela... aquela mulher me enrolou bonito. Ela...

Ele levanta uma mão, pausando-me.

— Tenho uma ideia. O que acha de me contar tudo na varanda enquanto prova a vodca feita aqui na região?

Não. Não posso sentar relaxadamente e beber enquanto eu não souber notícias daquele homem.

Reconhecendo a recusa, ele se antecipa:

— Esta situação está me deixando ansioso também, Loupe. Uma boa bebida ajuda a acalmar — argumenta, persuasivo. — Vamos lá, me acompanhe.

Estudo-o com cuidado. O sujeito se mantém impassível, à espera.

Não gosto de me sentir manipulada, e parece ser especialidade desses russos.

Expiro longamente. Mal não deve fazer, afinal.

— Tudo bem. Vamos lá.

Elliot não me dá chance de desistir. Abre a porta dos fundos, acende a luz da varanda com vista para o lago escuro e pede que eu o espere lá enquanto ele vai procurar “onde a velha Zhena esconde”.

Bem, ao que parece, vamos roubar a *babushka*...



Uma nova dose é despejada em meu copo vazio. A bebida forte, que no começo lacrimejava os olhos como o inferno ao descer pela garganta, está mais suportável a cada copo. Até a temperatura aqui fora de repente se torna mais amena.

Ajeito-me na poltrona macia que a vó Zhena mantém em sua varanda. Muito macia mesmo, artesanal, eu acho. Ela gosta de coisas assim. Sinto falta de a ter aqui.

— Você vê isso? A neblina está em cima do lago de um jeito que nem dá pra saber que ele está ali.

— Sim, eu vejo — afirma, parecendo achar graça.

— Um dia eu tive de entrar numa sauna gay para investigar um homem. — Aponto com o copo para frente. — Lá dentro estava quase desse jeito, sabe, nublado, mas de vapor. É vapor que fala, não é? Aquela nuvem de fumaça lá dentro?

— É, sim...

— Eu nunca tive certeza de se era assim que chamava, dá medo de falar errado.

— E você conseguiu?

— O quê? — pergunto distraída, pensamentos tão nublados quanto a noite.

— Dar um flagra nele.

— Ah, sim. Consegui, sim. Quase apanhei dos dois baita homens, mas no final saí de lá com boas fotos para comprovar a traição — conto orgulhosa, sem conter uma risada movida pela lembrança. — Veja, eu me vesti toda de branco naquele dia, supondo que era como os funcionários da sauna se vestiam, por causa daqueles filmes americanos, sabe? Quando cheguei lá para me infiltrar, estavam todos de uniforme cor-de-rosa, desde as meninas da recepção até o rapaz que repõe as tolhas. Meu plano de passar despercebida estava fadado ao fracasso ali mesmo.

— E o que aconteceu?

— Bem, foi um infortúnio essa questão do uniforme, é claro... — reflito por um instante. — Pensando bem, a pista de que se tratava de uma sauna gay estava na minha cara, não é? Note: uma sauna somente para homens e onde todos os funcionários se vestiam de rosa?!

Sim, eu deveria ter desconfiado.

— Você não investigou o lugar antes? — a diversão em sua voz me faz rir um pouco mais.

Nego com a cabeça.

— Descobri no momento do flagrante. E acredite, aquilo foi uma visão da qual nunca vou me esquecer. Os dois estavam mandando ver, mandando ver de verdade.

Pelo canto do olho, percebo Elliot se esforçando para não gargalhar antes do tempo.

— Como você conseguiu entrar?

Emito um suspiro dramático, parcialmente constrangida... *parcialmente*.

— Essa parte não me orgulha. Tive de pegar o caminho mais duro — falo e sacudo a cabeça, enfatizando o martírio pelo qual tive de passar: — Dei a volta e escalei uma janelinha nos fundos. *Hombre*, não vou mentir: estive bem perto de ficar entalada lá. Por sorte, alguém na rua, ao me ver naquele estado, se compadeceu e me deu uma mãozinha... — limpo a garganta antes de revelar de que forma, num tom de voz mais baixo — empurrando minha bunda até eu atravessar. — Faço uma pausa longa e teatral. — Até hoje não faço ideia de quem foi. Prefiro pensar que obtive uma ajudinha divina.

Sua risada explode, alta, gostosa, rouca.

— As pessoas acham que investigador profissional é um trabalho fácil. Não é mesmo — afirmo veemente e sorvo outra dose do líquido forte. No final, faço um som de “ah” apenas para manter o hábito, já que quase não arde mais.

Elliot se abastece de um copo também. Tenho a sensação de que seu corpo é imune, já que não demonstra qualquer sinal de estar minimamente grogue, ao contrário de mim, que me sinto tomada por uma leveza atordoante.

— Como foi que você começou com isso, de investigar?

— Hum, essa é uma boa pergunta, garoto. Boa pergunta. — Aponto com o dedo para ele, orgulhosa e satisfeita.

Movendo a cabeça como quem diz “sou um cara de boas perguntas, fazer o quê?”, ele gesticula para que eu responda.

— Legado.

A confusão em seu rosto me faz explicar:

— Sim, costumo pensar que foi um legado. Quando eu tinha 22, peguei um bico para limpar o escritório de um detetive. Embora eu não goste desse termo: detetive. Prefiro investigadora. Acho que as pessoas levam mais a sério.

Sob seu incentivo, continuo:

— Ele era um homem já de certa idade. — Aponto outra vez com o dedo. — Note: quando digo isso, quero dizer na verdade que ele era velho. Bem velho. Tão velho que deve ter participado da primeira edição do Novo Testamento. Eu tinha muito cuidado até ao apertar a mão dele, para não fazer forte demais e o pobre *hombre* virar pó.

Enquanto ele ri da piada, apanho a garrafa e me sirvo. São copinhos pequenos esses nossos, uma golada, e já eram.

— Fiquei limpando a sala comercial dele por mais de sete meses e, durante o trabalho, a gente conversava muito. Ele estava no ramo havia quase 50 anos, tinha uma porção de histórias, aventuras, coisas assim. Aquilo me envolveu, sabe?

— Então ele te passou o negócio?

Ao mesmo tempo em que afirmo que sim com a cabeça, nego:

— Não. Ele morreu. A família me contratou para limpar as coisas dele, encaixotá-las e deixar a sala vazia. E eu até estava fazendo isso... mas então uma mulher entrou naquele momento e perguntou se eu era a detetive que atendia ali. — Aproximo-me um pouco e explico o detalhe importante: — A placa do lado de fora trazia o sobrenome dele, não o nome, entende? — Volto ao lugar e sigo adiante: — Eu ia negar, quando de repente ela se sentou diante da mesa e caiu no pranto. Elliot, você está entendendo o que aconteceu?

— Estou, sim, Loupe — responde com seriedade, ocultando o humor.

— Pois é. Ela estava muito nervosa. Nervosa mesmo. Então disse: “Quero que você os siga e me diga se eles estão saindo pelas minhas costas” — imito a voz determinada que ela usou comigo. — Sabe a quem ela se referia? À própria irmã e ao marido. Nossa. Achei aquilo um absurdo. Não é um absurdo?

— É. É, sim.

— Sim, com certeza é. Aí ela abriu a bolsa, tirou dinheiro e o colocou na mesa. Aquele valor pagaria metade do meu aluguel. Eu olhei para o dinheiro, e ela olhou para mim. Então disse: “Se for mais do que isso, eu posso pagar, só me ajude a descobrir a verdade”.

Fecho os olhos, lembrando.

— Eu parei, olhei em volta e pensei: por que não? — Passo a apontar as razões, listando-as com os dedos: — O detetive de verdade estava morto; ela precisava de respostas; eu precisava de dinheiro.

Dou de ombros.

— E foi assim. Compreendi que a profissão era um legado do velho homem pra mim. Durante nossos meses de convivência, com todas aquelas histórias que contava, ele estava na verdade me ensinando o ofício. Além disso, eu já havia passado tanto perrengue na vida, o que perderia tentando?

Desta vez beberico a bebida em vez de a engolir numa golada.

— Com que idade você deixou o orfanato?

Olho-o por cima do copo.

— Vocês me investigaram... — é uma observação, não uma pergunta.

Elliot não demonstra qualquer constrangimento ao comentar desapaixonadamente:

— Também fazemos nossas investigações quando necessário. É sempre bom saber com quem se está lidando.

— Isso é verdade.

— E então? — insiste em obter uma resposta.

— 14. Eu tinha 14 anos quando deixei o orfanato. Se bem que está mais para “quando fui jogada para fora do convento diretamente à casa dos

horrores”.

Ele franze o cenho.

Explico:

— A diretora do orfanato mal via a hora de se livrar de mim e nem se importou em investigar a família que estava me adotando...

— Se ela tivesse investigado, o que descobriria? — pergunta parecendo não ter qualquer propósito nisso.

Respiro fundo, ou tento, diante da pouca coordenação para estufar o peito e absorver bastante ar, leve como estou.

— Minha adoção é um assunto ruim para mim. Nunca falei sobre isso com ninguém. Bem, nunca tive ninguém para conversar. Com 26 anos, mal posso dizer que já tive uma amiga na vida.

— Não teve? — ele indaga.

— Não tive o quê? — questiono de volta, confusa.

— Amiga. Você nunca teve uma amiga?

Eu disse em voz alta. Achei que apenas tinha pensado. Faço um gesto lento com a mão no ar, não dando importância ao fato.

— Até os 14, havia todas aquelas crianças entrando e saindo o tempo todo, a gente nem tinha tempo de se apegar a ninguém de verdade. E as que ficavam, eram garotas más. Más mesmo. — Finjo um arrepio ante a lembrança. — Então fui levada para a casa dos horrores. Fiquei presa lá até os 18. E, depois disso, eu estava mais focada em sobreviver, pagar o próximo aluguel, colocar comida sobre a mesa, coisas assim. Acabei não tendo disponibilidade para conhecer ninguém. Uma amiga, no caso, porque eu já tive um ou dois namorados. Bem, nem eram namorados, eram uns idiotas que nunca me assumiriam.

Elliot afasta a garrafa de nós.

— Por que você chama o lugar para onde foi enviada de casa dos horrores?

— Ah, nem quero falar...

— Fale — abrande a voz, mostrando-se um bom amigo. — Às vezes desabafar faz bem.

Paro e penso, ou tento. Meus pensamentos estão nublados demais.

— Veja se eu não tenho razão: o pai da família era um perverso; a mãe, uma lunática agressiva; os três garotos, pessoas realmente horríveis; o mais velho deles, que também era mais velho do que eu uns dois anos, era igualzinho ao pai. Cara, eu nem sei como sobrevivi por quatro anos.

— Por que você diz que o pai e o garoto mais velho eram iguais?

— Porque ele agia igual ao pai, ora — explico com obviedade.

— Em que sentido?

Tenho discernimento o suficiente para fugir de seu olhar e encarar o chão, de repente envergonhada.

— Eles se revezavam em forçar a entrada no meu quarto. Foi assim desde a primeira noite... E aquilo me assustou pra burro. Eu era muito ingênua em relação a algumas coisas da vida, sabe? As freiras do convento não conversavam sobre certos assuntos com a gente, se é que você me entende...

— E algum dia conseguiram? Algum deles conseguiu?

Essa parte faz meu estômago revirar.

— O pai, algumas vezes; o filho tornou isso um hábito.

Penso ouvir o som do copo se quebrando na mão dele. No entanto, evito conferir.

— E a mãe?

Dou um riso sem vontade.

— Ela me punia com surras realmente ruins. Aquela mulher tinha uma criatividade surpreendente em encontrar objetos para me bater. Já apanhei até com panelas, se quer saber. Tudo era motivo de uma surra: vestígio de gordura na louça recém-lavada; pó em algum armário; se o uniforme do filho mais novo estava manchado. — Libero o ar do peito em etapas. — Ela queria uma escrava doméstica para manter a casa limpa, a comida feita, as coisas dos filhos organizadas e, principalmente, alguém em quem descompartilhar a frustração por ser casada com o homem mais nojento que já existiu. O segundo mais nojento era o garoto que ela pôs no mundo.

De repente ter de me lembrar de tudo isso provoca um cansaço

profundo, daqueles que vêm adormecendo o corpo, dando vontade de bocejar.

— Você ficou lá até que idade? — sinto um toque de perigo em sua fala.

Ignoro. Estou sentindo tanta coisa agora, provavelmente estou bêbada. Deve ser isso.

— Quase 18. — Bocejo alto.

— E não tentou fugir?

— Todos os dias...

SEBASTIAN

Saio da escuridão quando o silêncio vindo dela se torna realmente longo. Penélope adormeceu na cadeira depois de abrir sua vida complemente. *In vino veritas*, a expressão em latim para “a verdade está no vinho” pode ser estendida à vodca russa hoje mais do que nunca.

— Eu disse para distraí-la, não a embebedar — acuso.

O imbecil apenas sacode os ombros.

— Que outra forma de distração que não uma boa bebida?

Meus punhos estão cerrados por trás dos braços cruzados ante ao peito. Não há uma mísera parte em mim livre da tensão, num misto de fúria e frustração por confirmar a vida fodida que Penélope teve.

— Vou acabar com todos eles.

— Considere feito — ele retribui, e toda aquela encenação de bom ouvinte perto da menina some de seu rosto. Elliot agora se mostra como realmente é: um atirador frio que não se importa com quem está sob sua mira. Somos semelhantes. — Eles já foram exterminados, apenas não sabem. Ainda.

— Ainda — enfatizo, porque, se existe um Deus, Ele é testemunha de que nunca falei tão sério antes. Os Molina pagarão.

Sem dizer qualquer outra coisa, eu a levanto nos braços, adormecida, e a levo pelas escadas. No caminho, pego-me aspirando profundamente seu cheiro suave, como um vício que não pode ser evitado. Não é a baunilha do xampu ou o açúcar sempre presente. É algo intrínseco a ela. Próprio. Como sua personalidade.

Eu gostaria de poder mudar as coisas em seu passado – *inferno!* –, ter estado lá para protegê-la.

No quarto, coloco-a com cuidado em cima da cama e a cubro. Ando até a parede para ajustar a temperatura do aquecedor e é quando vejo, próximo à porta, sua mala arrumada, pronta para ser levada. Esquadrinhando o quarto apenas a título de confirmação, noto que não há mais qualquer item pessoal dela à vista.

Penélope está pronta para partir.

A consciência me incomoda. Incomoda *pra caralho*.

Incapaz de outra ação, em vez de sair e ir para meu quarto, dirijo-me à poltrona de canto onde passei a noite anterior e me sento nela, tanto para vigiar seu sono quanto sua fuga.

Não quero que ela vá embora. Não ainda. Não em muito tempo.

Capítulo 23

PENÉLOPE

Ah, *madrecita*! Eu estou doente. Peguei uma gripe bem forte, ou pior, provavelmente um desses vírus perigosos a que a gente assiste no noticiário da tevê, que o governo só revela quando parte da população está contaminada e é tarde demais. Minhas pálpebras pesam e doem tanto, tanto! As junções dos braços e pernas parecem gelatina, doloridas, sem coordenação. Meu cérebro gira, dando voltas... e nem mesmo abri os olhos ainda.

— *Dios, me estoy muriendo* ^[30] — gemo, cobrindo o rosto com o antebraço.

A contar por esse enjoo horrível, devo ter poucas horas de vida.

— Não acho que esteja morrendo, *Loupe*.

Oh.

Droga.

Essa voz.

Ele voltou. Sebastian retornou de onde quer que tenha estado atrás de provas para encontrar a garota rebelde.

— Aqui chamamos isso de *ressaca* — acrescenta, didático, desnecessariamente.

É claro que sim. *Vamos lá, Loupe, me acompanhe, será apenas uma dose, você nem vai sentir nada.* Elliot, o *cabrón*, embromou-me com aquele papinho mole.

— Eu odeio vocês, russos... — esclareço simplesmente como um fato.

Ele ri de um jeito gostoso. O som rico e grave ondula pelo quarto, mais do que bem-vindo. Pensei que o homem estivesse morto, boiando em algum rio, e aqui está ele, divertindo-se à minha custa.

— Odeia todos nós ou aqueles que você já conheceu? — pergunta,

fazendo-se de confuso.

— Somente os homens. Eu gosto da *babushka*... e da Priscila também.

— Infelizmente, nenhuma delas nasceu aqui. Sinto informá-la.

Afasto o braço para o lado e tento abrir os olhos. Dói demais. Então me esforço para espiá-lo com apenas um deles, por baixo dos cílios.

Priscila, eu sei, ela me disse, mas...

— A vó Zhena não?

— Tsc, tsc.

A pergunta de onde sua avó é vem à ponta da língua... e escapa na mesma velocidade, quando minha visão se ajusta e o focaliza de verdade, sob a zonzeira.

— Caramba. Você *também* bebeu?

Sebastian está uma merda. No pior sentido da palavra (se é que há algum sentindo bom). A pele do rosto parece amassada, os olhos escuros, pesados e profundos, rodeados por olheiras de quem não dorme há uma década. O cabelo, sempre arrumado, encontra-se levemente bagunçado, como se tivesse passado as mãos livremente por ele diversas vezes. Não deixa de parecer atraente, de um modo selvagem. Contudo, seu cansaço é visível aos olhos.

— Não bebi, mas gostaria — resmunga, mudando a direção de seu olhar para a cortina trazendo os primeiros raios do dia.

— Você está bem? — meu tom diminui, tornando-se um sussurro a que os ouvidos agradecem.

— Sim.

— Eles te contaram que eu falei com a mãe da Dulce?

Recebo de volta sua atenção suave, contendo uma seriedade que me obriga a encará-lo.

— Contaram.

Tento me levantar e sentar contra a cabeceira, porém, a tontura torna tudo muito difícil.

— Fique deitada — a voz grossa vem como uma ordem, porém, não rude; firme.

Sem questionar, retorno ao lugar e me viro de lado na cama para ficar de frente a ele. Instintivamente passo o braço por baixo do travesseiro e o abraço contra o rosto.

— Eu sinto muito te colocar nessa, Sebastian. Sinto muito mesmo. Principalmente por ter atrapalhado seu trabalho lá da forma como atrapalhei. Por ter me metido naquela boate e estragado sua operação.

— Você não tinha como saber.

Ambos sabemos que isso é mentira. Eu tinha, sim, bastava investigar um pouco mais.

E, de repente, sinto um tipo de gratidão profunda e sincera por Sebastian e tudo o que fez como não lembro de já ter sentido por alguém. Ele me trouxe para a casa de sua família, dispôs-se a me ajudar, foi atrás de encontrar a garota, quando tudo o que eu fiz em troca foi desafiá-lo.

A verdade é que nunca conheci ninguém tão... tão *assim*, como ele é. Um tipo de herói sombrio, ou um vilão bom, não sei bem. Fato é que desde que nossos caminhos se cruzaram, ele só fez me proteger.

— Obrigada... — fecho os olhos ao dizer, empenhando-me em respirar fundo. — Obrigada por ter me ajudado, protegido, trazido para cá... Enfim, eu acho que nunca te agradeci de verdade.

Quando volto a observá-lo, espero um sorriso de triunfo, convencido. Entretanto, só com o que me deparo é a mesma seriedade distante, pensativa. Tenho a sensação de ver sua atenção ir para a minha mala, à porta, antes de voltar a mim, refletindo ou cogitando alguma coisa em sua mente.

— Agradeça me ajudando no que preciso.

De todas as coisas, essa era a última que eu esperava ouvir.

Semicerro os olhos, atenta.

Acompanho quando Sebastian se levanta e passa a se aproximar devagar, mãos nos bolsos, parecendo controlado demais... perigoso.

— Em quê? — não sei se ele pode me ouvir, a partir do ruído fraco que sai de meus lábios.

Seu olhar não suaviza, ao passo que um sorriso maroto brinca no canto dos lábios.

Seja lá o que esteja em sua cabeça, não me parece bom.

E meu receio parece alimentá-lo de alguma forma. Fazendo deliberado mistério, a resposta não vem por uma eternidade. Estou prestes a repetir a pergunta, quando ele se senta na beirada da cama, ao meu lado.

— Preciso de seu trabalho como investigadora para encontrar a família de uma pessoa. Essa será sua maneira de me pagar.

Lambo os lábios partidos, ressecados, ganhando tempo de processar o que escutei. Até mesmo minha língua pesa.

— Faça isso, e estaremos acertados. Nenhum de nós sairá devendo nada ao outro.

— Mas... — *Eu estou indo embora!*, era o que eu gostaria de dizer.

O levantar de sua sobrancelha me desafia a proferir em voz alta, a lhe negar ajuda e ser ingrata.

— Quem é ela? — pego-me questionando.

Ele se levanta.

— Alguém que Verhoeven sequestrou. *De verdade*, dessa vez.

A indireta é recebida com sucesso, assim como o choque de ser encarregada de algo tão sério.

— Você acha que... — *eu dou conta?*, de novo, é o que quero perguntar.

Ele não permite.

— Mais tarde. Falaremos disso mais tarde.

— Mas eu...

— Preciso de uma cama e algumas horas de sono. Como você pode ver, estou cansado como o inferno. Depois vou te passar todas as informações que tenho — diz e vai saindo, dando-me as costas e encerrando a conversa. Quando para perto da porta, seu olhar vai outra vez para a minha mala no chão.

— Você será paga por isso, Penélope. E ajudará alguém que está em risco.

Noto os músculos de suas costas tensos sob a jaqueta de couro.

— Sebastian... — chamo antes que ele saia.

— Sim? — Sequer se vira.

— Obrigada... Eu vou te ajudar e, depois disso, voltarei pra casa.

Seus ombros se movem, relaxando minimamente.

— Estou contando com isso, *Loupe*. Agora tente dormir um pouco mais. O efeito de nossa vodca costuma durar horas.

Jogando essa situação sobre meu colo, ele some do quarto. Observo a poltrona em que esteve sentado e a vejo afundada com o formato de seu corpo, indicando que permaneceu ali por algum tempo.

Meu objetivo era ir embora assim que ele retornasse. Contudo, o que Sebastian quis dizer é que tenho uma dívida a ser paga com ele. Nesses termos. Sem meias palavras. E ele está certo. Não posso sair deixando isso em aberto. Nunca fiquei devendo a ninguém, nem mesmo ao meu senhorio. Posso atrasar, porém, *dever*, jamais.

Viro-me na cama de barriga para cima e encaro o teto do quarto.

Ele disse que ajudarei alguém em risco. Isso deveria ser o suficiente para me convencer... e não essa sensação na boca do estômago de que poderei estender um pouco mais meu tempo junto a esse cara.

Estou apaixonada por Sebastian. O que senti ontem, a aflição, o medo de que algo tivesse acontecido com ele, o alívio de acordar e tê-lo aqui... Deus, só pode ser paixão.

E, se gostar de alguém significa conviver permanentemente com esse enjoo miserável, a sensação de coração acelerando, tristeza e alegria ao mesmo tempo, oh, *mi Madre*, eu estou ferrada.

SEBASTIAN

Arrasto os pés descalços pela escada, disposto a tomar um café forte que ajude a tirar essa maldita sonolência. Dormi por cinco horas seguidas, mas, se dependesse de meu corpo, teria estendido o sono por um dia inteiro. Não posso me permitir esse tipo de distração. Há coisas importantes

acontecendo no momento.

Entro na cozinha vazia. Percebendo que a espanhola não está em qualquer lugar à vista, abasteco a xícara e abro a porta dos fundos. Ela gosta do lago, já a vi ali algumas vezes desde que chegou a esta casa.

Estranhamente, não há qualquer sinal da infeliz na área dos fundos também.

Não gosto da ausência de barulho.

Empurro a porta de acesso ao porão; lá embaixo está completamente escuro e silencioso.

Deixo a xícara sobre o balcão e saio a investigar a casa; nada dela na sala ou no escritório. Subo os degraus de dois em dois, checo seu quarto, o da velha Zhená e, por desencargo de consciência, também o meu. Nada. Penélope não está nesta casa. Volto ao dela, sentindo um fodido mau pressentimento.

A mala está no mesmo lugar. O celular, descansando ao lado da cama.

Ela teria ido embora sem levar nada?

Ah, nahuí!

Esfrego meu cabelo, respirando em lufadas. A maldita espanhola fugiu sem dizer adeus e/ou levar qualquer item consigo?

Não. Nem mesmo ela seria tão irresponsável assim.

Puxo o celular e disco para Elliot.

— Você está com ela? — pergunto assim que o puto atende.

— Ela quem? — a voz sonolenta, arrastada, denuncia que o cara também estava dormindo.

— Você sabe quem — enquanto falo, vou calçando as botas. — Maldição. Penélope não está em lugar nenhum.

Silêncio do outro lado. Até que...

— Você acha que entraram aí e a levaram?

Colocando a camiseta, caminho de novo para seu quarto. Tudo está intocável, a cama, arrumada, cortinas abertas, tapete no lugar.

— Não. *Acho* que não. Está tudo em ordem — reluto em dizer o que se

passa em minha mente.

— Acha que ela...

Inferno!

Desço os degraus. A porta da frente não tem qualquer sinal de arrombamento, tampouco.

— Não. As coisas da menina estão lá em cima.

Mais silêncio.

— Ela pode ter saído para dar uma volta, sei lá. Estou indo pra aí.

— Avise aos caras.

— Certo.

Antes de desligar, no entanto, tenho um último pressentimento:

— Consulte o maldito aeroporto. Veja se ela esteve em qualquer voo. Mande Bola checar o lugar.

Desligo. Preciso saber onde a espanhola se meteu. Se ela ao menos estivesse com o maldito aparelho que lhe dei, eu saberia como localizá-la. Enquanto apanho a chave do carro, repasso nossa última conversa. Até onde sei, ela estava convencida a ficar. Ou teria sido encenação?

Não. Definitivamente, não. Ninguém de ressaca teria capacidade de dissimular tão bem. Minha cartada foi bem recebida, disso tenho certeza. Penélope pode se fazer de durona, mas há bondade na menina. A ideia de ajudar alguém em perigo a motiva, sei que sim. Vi o brilho em seus olhos.

Conforme vou dirigindo pelo bairro tranquilo, não tenho qualquer sinal dela. Entro, então, na avenida principal, onde há todo tipo de comércio e passo a guiar mais devagar. A área foi revitalizada há cerca de três anos, recebeu novas fachadas, pintura, porém, ainda mantém o aspecto colonial de um século de construção. Quando eu era moleque, vinha muito aqui com meu avô, que gostava de participar das apostas de tabuleiro dos jogadores de rua, tradicional nesta parte da cidade. Algumas coisas nunca mudam, na verdade. Esse tipo de modalidade ainda é muito comum.

Passo em frente à floricultura; ao bar boêmio; à loja de armarinhos; e, quando estou prestes a acelerar para a quadra seguinte, enxergo um grupo de pessoas gesticulando num alvoroço de vozes elevadas, formando uma roda

em torno de alguém.

Yeb vas... Somente uma pessoa é capaz de gerar tamanha comoção.

Freio e deixo o carro de qualquer jeito no meio da rua, então desço apenas para confirmar.

No caminho, livro-me de um ou outro, até poder avistá-la com perfeição. *Penélope*, claro, no centro, aponta o dedo para o vendedor ambulante, falando sem parar, misturando os idiomas. É possível perceber que a menina nem bem toma fôlego, parecendo realmente irritada. Em sua outra mão, há uma *matrioska*, boneca tradicional local, feita de variados materiais. Baixo os olhos para onde o vendedor aponta e encontro outra quebrada ao chão.

Na dúvida entre me meter o observar para compreender o que realmente está acontecendo, guardo as mãos nos bolsos e me mantenho anônimo, ouvinte.

— Vocês estrangeiros são todos uns porcos! Acham que podem vir aqui e jogar seu maldito dinheiro capitalista em nós! Vocês são a desgraça do mundo! — o velho vendedor esbraveja em russo toda a ladainha que se perpetua no país desde a Segunda Guerra.

Fico satisfeito pela menina não compreender o idioma. Porém, ainda mais intrigado sobre o que pode ter iniciado essa confusão.

— Você nem está tentando se comunicar comigo! E, quer saber? Coma merda! — O dedo rígido apontado para o homem continua. — Coma um quilo de merda, seu *gilipollas*^[31]! Vá gritar com sua *madrecita*, *tu me entiendes? Vaya a gritar con su madre!* ^[32]Aquela... aquela...

É hora de parar essa bagunça do caralho.

— O que está acontecendo aqui?

Ambos se calam, assim como a plateia empolgada a debater sobre a “turista maluca de ancas largas a gritar feito louca”.

Talvez, pela maneira como me fiz presente, ou por temerem que eu seja mais um dos mafiosos que dominam a região, nem o vento se atreve a soprar mais alto enquanto me olham.

— Sebastian... — A espanhola suspira, cansada e aliviada por me ver, além de ainda muito irritada. A ponta do nariz empinado, bem como as

bochechas, contêm um tom vermelho revelador.

Verifico-a por inteiro e então me dirijo ao vendedor, em russo:

— O que está havendo aqui? Por que está tratando a mulher desse jeito? — não há qualquer simpatia em meu tom.

Dono de um gênio ruim como o cão, tal qual a maioria dos vendedores mais antigos e insatisfeitos com a política, o velhote destina sua irritação para mim:

— Essa senhora chegou aqui somente para me fazer perder tempo! Não quer comprar porcaria nenhuma! — Aponta para o chão. — E ainda quebrou uma *matrioska*! Malditos capitalistas!

Ao acompanhar a direção do dedo dele, Penélope se manifesta. É claro que ela o faria, mal pôde se conter enquanto o velho contava sua versão:

— Sebastian, se esse homem estiver dizendo que quebrei essa boneca, é mentira! Ele a tomou da minha mão com tanta força que ela chegou a cair. E esse *pendejo* mal sabe se comunicar! Ficou aí gritando, chamando a atenção de todo mundo! Ele é um boçal!

Respiro fundo. Eu deveria estar dormindo. Sair daquela cama foi um erro. Um maldito erro.

Antes de abrir novamente a boca e acabar com o circo armado, massagueio as têmporas atrás de um alívio momentâneo para a pressão na cabeça.

— Quanto é essa maldita porcaria, velho? — rosno para ele, exibindo minha completa ausência de humor. — Сколько это стоит^[33]?

— 20.

Então puxo a carteira do bolso, abro-a e retiro 50 rublos. Estendo-lhe a nota.

Quando ele a segura, eu não a solto.

— Se eu te vir gritando com mulheres desse jeito outra vez, cuspiendo esse monte de idiotices, enfiarei todas essas bonecas diretamente em seu rabo. Fui claro?

Inteligente, o imbecil não se atreve a rebater. Apenas emite um “да,^[34]”, concordando.

Não espero a espanhola de sangue quente protestar, dou dois passos para ela, apanho sua mão e a trago comigo para o carro. Impressiono-me quando ela não protesta, talvez cansada da bagunça que causou.

Ao abrir sua porta, ela passa por mim soprando pelas ventas, senta-se no banco e encaixa o cinto de segurança. Sinalizo um sinal para os carros parados numa fila atrás do meu, agradecendo a paciência. Então assumo o volante.

— Não venha me lançar esse seu olhar — ela resmunga, o rosto virado para o lado oposto, onde o grupo ainda se concentra.

— *Que* olhar? — pergunto apenas por curiosidade.

Respirando fundo, Penélope gira para me encarar.

— Esse seu olhar cínico, de quem me salvou, ou sei lá. — Gesticula. — Está aí me reprovando. Não tive culpa.

Arqueio a sobrancelha, mostrando que não acredito nisso.

Ela fecha os punhos de um jeito bonitinho de ver. No entanto, guardo essa percepção somente para mim.

— Ouça, eu me abaixei para ver a boneca mais de perto. Elas são famosas no mundo todo, e eu só queria *ver*. Não disse em momento nenhum que eu iria comprar. Aquele ogro mal preparado começou a me fazer um monte de perguntas nesse idioma ruim de vocês. — Ela para de falar e gira brevemente o rosto para o vendedor lá fora, ainda se lamentando aos demais. — Pensando bem agora, acho que ele devia estar me pressionando para comprar ou sair de lá. Eu, idiota, não entendi na hora. Peguei uma boneca com cuidado, achando que ele estava me incentivando a abri-la e a ver por dentro. Quando a abri, ele a tomou de mim de forma tão bruta que a que estava no interior caiu e se espatifou no chão.

Continuo olhando calmamente para seu rosto irritado.

— Pare, ok. Não preciso de você me reprovando.

Franzo o lábio, eximindo-me.

— Não estou.

— Sim, você está, sim.

— Só estou me perguntando por que você não pagou pela boneca para

evitar a confusão. — E há um ponto aonde quero chegar.

Ela bufa.

— Por que não era justo. Não fui em quem quebrou... — Ante meu olhar fixo, seus ombros cedem. — E porque eu não tenho qualquer dinheiro aqui comigo.

Eis o problema.

— Você saiu sem celular, sem dinheiro. Tampouco avisou para onde estava indo. Foi irresponsável, principalmente com a situação que estamos enfrentando, Penélope.

A luta e a rebeldia estão ali, incitando o tremor em seus lábios. Sei que ela está pronta para o ataque, e o espero.

— Olhe aqui, Sebast...

— Abaixе esse dedo — aviso apenas uma vez. Não sou o velho idiota lá fora, aceitando suas merdas.

Quando suas narinas se dilatam, furiosa, aplaco:

— Eu só estou preocupado com a sua segurança, e, se você começar a usar a cabeça, vai perceber que tenho razão.

Relutante, chacoalhando a cabeça, ela me evita.

— Ligue essa porcaria de carro, as buzinas lá fora são para você — resmungo.

Não me movo. Quero que ela enfrente a situação. Foda-se os veículos se acumulando atrás de mim.

Ciente, ela se escora contra o banco e cruza os braços diante do peito.

— Ok, você tem razão — reconhece de má vontade. — Eu não pensei nisso... Só queria, sei lá, dar uma volta. Precisava espairer a cabeça.

— E por que não me avisou?

— Você estava dormindo — responde com obviedade, feito uma criança marota.

— Deveria ter me acordado, eu teria vindo com você — digo simplesmente, quebrando um pouco o clima de luta.

Ela suspira.

— Nem pensei nisso. Eu costumo encontrar outros jeitos de me entreter quando estou assim, cozinhar, limpar, comer um doce, esse tipo de coisa.

Lembro-me da cozinha brilhando e de todos os cômodos bem lustrados da casa. Ela andou tendo trabalho por esses dias. Minha avó vai ficar satisfeita quando vir o que a espanhola fez.

— Por que não cozinhou? — e é apenas uma curiosidade.

— Fiz três bolos ontem, e estão intactos. Nem tenho mais o que fazer. Seria desperdício.

Então uma nova dúvida surge:

— Intactos — repito a palavra. — Por que não comeu um pedaço, já que você disse que doces te acalmam?

Noto seu olhar ir para fora e não voltar. Penélope parece constrangida, o que é bastante raro.

Curioso, opto por colher a resposta disso. Solto a mão da chave, na ignição, e também me escoro relaxadamente ao banco, dando sinais de que não pretendo sair daqui sem que ela se explique.

— Pare de se comportar como idiota — pede, sem me olhar.

— Então conte o que há de errado — barganho, começando a me sentir bem-humorado por alguma razão.

— Não há nada para contar...

— Há, sim, *Loupe* — ronrono. — Por que não comeu o bolo?

Estou listando as dezenas de razões para a menina não ter tocado na sobremesa que ela mesma fez.

— Não estou comendo doces — diz e penso ver a pontinha de sua orelha avermelhar.

Definitivamente, ela está constrangida.

— Desde quando?

Demora para responder, penso até que não o fará.

— Desde ontem.

Ué?

Então a hipótese mais evidente clareia minha mente:

— Ah, qual é?! Por favor, não me diga que está fazendo uma porcaria de regime.

— Não! — ela se vira abruptamente, refutando veemente.

Minha vontade de rir se torna quase insuportável.

— Então qual é o lance?

Os olhos baixam, desviando-se dos meus.

— Fiz uma promessa...

Não preciso de mais explicações, tampouco que confirme para que foi a tal promessa. Penélope estava preocupada comigo e foi capaz de abrir mão de algo que gosta tanto para se certificar de que eu ficasse bem. Nem sei o que pensar quanto a isso.

— Não se ache tanto, ok? Eu teria feito para qualquer um que estivesse me ajudando — dito isso, ela se ajeita no banco, rígida, pronta para ir.

Sem comentar, dou a partida e um único aviso:

— Da próxima vez em que sair desse jeito, sem deixar um maldito bilhete, eu te amarro na cama.

Capítulo 24

SEBASTIAN

— Há duas coisas que você deve temer na vida, garoto. A primeira delas é uma mulher quando está furiosa. — Fez uma pausa, pensativo. — Uma mulher assim pode ser tão ruim quanto o próprio cão.

— E a segunda? — perguntei.

— Uma mulher silenciosa. Isso é muito pior.

Um dos ensinamentos de meu avô em tom solene de quem possui grande experiência, num entardecer em nossa varanda de trás, quando eu não passava de um moleque.

Na época, não dei importância; hoje, entretanto, vendo Penélope caminhar para dentro de casa completamente silenciosa, as palavras do velho retornam. Ela não disse uma palavra durante o trajeto. Evitei interromper o que quer que estivesse pensando. As coisas estão estranhas entre nós. Não importa se ela decidiu ficar, nossa última noite juntos ainda está pesando com memórias vivas para ambos.

Quando se vira para mim, muito séria, já sei o que virá antes mesmo de que abra a boca. Penélope é transparente, seus sentimentos estão todos expressos em seu rosto, a frustração, o incômodo por se ver presa a mim.

— Você pode me falar sobre o trabalho que quer que eu faça?

Olho-a por um longo momento antes de assentir.

— Venha comigo.

Não espero para saber se ela me acompanha e ando para o escritório. Eu contava com isso. Posso enxergar em cada respiração que emite a impaciência da mulher em ir embora. Parte de mim se sente responsável por provocar esse tipo de sentimento na garota. Outra parte compreende que, quanto menos tempo juntos, melhor para ambos... O problema é que essa parte ainda não está pronta para deixar Penélope ir.

Entro e espero que ela passe pela porta antes de me sentar atrás da mesa.

— Sente-se — ofereço, apontando para a cadeira em frente.

Ela o faz, olhando em volta, desconfortável.

— Este é o cômodo mais masculino da casa — comenta baixo, sem qualquer propósito que não o de quebrar um pouco a tensão.

Mantendo meu olhar apenas nela, aceito sua iniciativa de começar uma conversa aleatória:

— Era de meu avô. Ele usava este escritório para *conversas de homem*, como costumava dizer. A contabilidade dos negócios era feita aqui.

— Negócios?

— Ele e a velha Zhená tinham um pequeno negócio de molhos de tomate. — Dou de ombros, notando cada sarda em sua pele.

Gosto de olhá-la. De saber o que está pensando. Gosto da verdade em seus olhos, da força.

— A *babushka* devia gostar de trabalhar com isso. Ela cozinha bem...

Movo os ombros.

— Talvez sim, durante certo tempo. Mas o negócio começou a crescer e se tornar estressante demais. O coração do velho não aguentou a pressão.

Não conto que isso foi logo após ele sair do exército, onde teve de lidar com todos os conflitos que o governo criava para si.

— Sinto muito... — resmunga, pensativa.

Depois de um instante de silêncio, as mãos unidas sobre seu colo se apertam. Começo a contar mentalmente os três segundos até que ela comece:

— E então? — Arruma a postura. — O que é esse trabalho para o qual precisa de mim?

Objetiva.

Abro a gaveta, acompanhado por seu escrutínio, e retiro algumas imagens que fiz no último dia, na rápida passagem pela Holanda. Verhoeven e seu filho possuem um pequeno oásis particular, pelo que pude notar.

Coloco o material ao alcance de suas mãos.

— Essa garota — começo quando ela apanha a foto e confere a imagem de uma jovem de cabelos negros, longos, em uma das salas da mansão. — Verhoeven a mantém lá. Quero saber quem ela é.

Seu olhar confuso sai da foto, diretamente para o meu.

— Como você sabe que ela está lá contra a vontade?

Guardo a vontade de rir. Isso aí, menina, está começando a raciocinar do jeito certo, verificando a situação como um todo, e não parte dela.

Escoro-me para trás no encosto da cadeira.

— Na boate, naquela noite em que você estava lá, ela era uma das dançarinas. Vi quando a levaram para os fundos. — Verifico minhas unhas tranquilamente. — Ela não parecia ter escolha.

Seus lábios se separam, liberando uma expiração.

— Bem... e... e por que você não fez nada no dia?

Lanço-lhe um olhar profundo, significativo, que a faz se encolher um pouco e tirar a conclusão por si mesma.

— Estraguei tudo quando chamei a polícia, não é? — afirma num tom ligeiramente envergonhado, culpado, até.

Não nego ou concordo. Se ela acredita que tem qualquer responsabilidade pelo que aconteceu, isso pode afetar positivamente sua decisão de me ajudar, contribuir a meu favor. Se isso faz de mim um filho da puta? Que seja. Não tenho problema em jogar sujo quando necessário.

Acompanho com muita atenção quando ela baixa os olhos para a imagem e passa a observar a menina. Capto cada nuance de sua expressão, assistindo em primeira-mão à empatia, à sensibilização, ao pequeno fôlego corajoso que toma, talvez dizendo a si mesma que pode fazer algo pela estranha retratada em suas mãos.

E pego também a dúvida que faz seus lábios apertarem-se numa linha. É o que me obriga a pressionar:

— Ela precisa de ajuda — digo e recebo de volta as íris castanha-avermelhadas, honestas e interrogativas.

— Você quer que eu me disfarce e tente me infiltrar, é isso?

Porra, é claro que não!

— Não — estoicamente, consigo dizer tranquilo.

— Então...? — Franze as sobrancelhas, confusa.

Vou para a frente na cadeira e entrelaço os dedos.

— Penélope, compreenda, aqui não agimos assim. Nós não nos disfarçamos e saímos à caça, não nos jogamos sem uma rede de proteção — articulo com muita paciência.

Paciência que ela provavelmente interpreta errado, pois é sua vez de ir para trás e cruzar os braços defensivamente.

— E, com isso, você quer dizer que...?

Ignoro o tom ácido.

— Quero dizer que não dou um passo sem ter certeza do que estou fazendo e onde estou me metendo. Há recursos mais eficientes para recorrer antes de sair e botar sua pele em jogo.

Estou tomando essa situação como uma maneira de lhe ensinar, de lhe mostrar uma forma de fazer seu trabalho sem se arriscar em malditas saunas gays, boates de traficantes e merdas assim.

Consciente de seu olhar afiado, abro o notebook sem pressa, acesso uma série de redes às quais temos acesso *extraoficialmente*, por assim dizer, e giro a tela para ela.

— Esse é um dos bancos de dados onde é possível acessar informações de quem quer que seja e possua um registro.

Tenho sucesso em obter sua atenção. Talvez até mais, a contar pelo brilho de curiosidade que se instaura no belo rosto salpicado de sardas.

— A partir daqui, é possível navegar para vários outros bancos. Bandidos fichados; redes de criminosos; pessoas desaparecidas; informações financeiras; e esse tipo de coisa.

— Certo. — Assente num movimento, ainda sem muita confiança em aonde quero levá-la, mas observando detidamente as páginas que se abrem.

Gosto de quando ela baixa um pouco a guarda comigo, gosto de verdade. Talvez isso seja um problema.

— O princípio básico de uma investigação é saber tudo o que puder sobre seu alvo. Antecipar-se a ele para não cometer erros. É estupidez agir de

outra forma.

A partir do elevar de seu queixo, sei que tomou para o lado pessoal outra vez.

— Você está me criticando, Sebastian, criticando minha forma de trabalhar, mas esse tipo de programa não está disponível no Google, está?

— Não. E eu não disse que estava — recorro a uma dose extra de impassibilidade.

Há um ponto aonde quero chegar, então deixo que ela esgote o seu.

— Logicamente, se não sou uma *hacker* expert em invadir sistemas e tampouco tenho acesso a coisas assim pelos meios legais, acho que não posso ser culpada por investigar do modo tradicional, não é?

Não respondo. Em vez disso, dou-lhe tempo para acalmar seu sangue quente espanhol e entender o que estou tentando fazer aqui. Apesar de gostar de sua versão irritadinha, não é esse o caminho que quero tomar.

Quando tenho certeza de que me deixará continuar, esclareço:

— Meu objetivo não é o de começarmos uma discussão, Penélope. Quero mostrar que há métodos mais eficientes de investigação e pretendo te ensinar a como ter acesso a eles. Isso melhorará seu trabalho. — Aponto com o queixo para a fotografia apertada entre seus dedos, trazendo a conversa outra vez sob minha perspectiva. — E aprenderá enquanto me ajuda com a garota. Me ajude a descobrir quem é; de onde; quem é sua família; se estão procurando por essa menina. Muitas vezes, essas garotas são raptadas novas demais. Acabam não sabendo muito sobre suas origens. Desconfio que essa aí sequer seja maior de idade. — Faço uma pausa, esperando que absorva. — Antes de tomarmos qualquer decisão sobre o que fazer, precisamos ter as informações certas.

O som pesado de sua respiração resignada me toca um pouco. É minha culpa se ela reage na defensiva comigo, sei disso, mas, maldição, quero que a mulher confie em mim, que aceite minha ajuda e o que posso fazer por ela. Desde que conheci Penélope, há sempre essa coisa de progredirmos um pouco em nosso entendimento para logo em seguida regredir, além da fodida tensão sexual presente de um modo que chega a ser irracional. Se pudermos contornar essa merda, acho que ambos teremos a ganhar.

— Tudo bem. Basta me dizer o que fazer. Não deve ser difícil.

Relaxo no lugar, sorrindo secretamente, enxergando um entendimento, afinal de contas. Até que...

— Quem sabe em algumas horas eu descubra tudo o que você precisa. Aí posso voltar para casa e, talvez, usar seu sistema nos meus próximos casos.

Algumas horas. Vai sonhando, espanhola. No que depender de mim, não conte com isso.

Com este pensamento, começo a missão de lhe ensinar, mostrar-lhe o caminho para ter acesso ao sistema clandestino – um tipo de sanguessuga de dados das principais agências – e como usá-lo.

Conforme vamos nos aproximando ao manusear o computador, testemunho a maneira como Penélope se empertiga; ouço o batuque suave de seus pés contra o chão; as respirações mais densas e profundas. Gosto de saber que provooco esse tipo de reação nela. Embora, nas profundezas da pouca consciência que ainda tenho, sei que é um erro me concentrar nisso.

Quando o cheiro de baunilha de seu cabelo atinge minhas narinas, o efeito é imediato. Meu pau ganha vida, duro que dói, e passa a hora seguinte exatamente assim. Em determinado momento, tenho de fechar os olhos, administrando essa merda em minha mente. A maldita nem imagina o que faz comigo, principalmente quando me desafia constantemente. Se soubesse, não seria tão impertinente, tão arisca e respondona.

E só volto ao meu estado normal – agradecido por isso – quando finalmente saio do escritório, deixando-a trabalhar concentrada, comparando imagens de centenas de milhares de mulheres desaparecidas pelo mundo com as características físicas da moça na foto. Tenho a sensação de que sua missão vai demorar um pouco mais do que a espanhola espera.

Quero que ela tenha com o que gastar seu tempo e, de quebra, aprenda com isso, que não caia mais em ciladas por estar despreparada. Penélope ainda me agradecerá pelas lições que pretendo lhe dar em seu período comigo.

Por hora, não conto que haja meios mais rápidos e eficientes de manusear o sistema.

Capítulo 25

SEBASTIAN

O primeiro disparo mortal que acertei me fez vomitar. Aquilo mexeu comigo, realmente mexeu. Saber que fui responsável por tirar a vida de alguém, ainda que inimigo, fez-me mal. Cheguei a cogitar abandonar aquela merda e voltar para casa. Meu comandante provavelmente viu isso e me chamou em sua sala, montada no acampamento. Sem qualquer explicação, ele abriu a carteira, mostrou a imagem de sua família e disse:

— Este aqui é o motivo de eu acordar todas as manhãs a quilômetros de distância de casa, vestir este uniforme, calibrar meu fuzil e ir à luta. Estou neste inferno por eles. Todas as vezes em que embarco para uma dessas missões, o faço porque sei que estou tornando o mundo um lugar melhor para aqueles que amo. — Então fechou a carteira e me lançou um olhar duro. — Se você não é capaz de defender aqueles que ama, seu lugar não é aqui. Faça suas malas e volte para casa.

Eu não esperava ouvir aquilo.

Merda, sendo honesto, eu nem sei o que esperava. Havia acabado de terminar o colegial, entrara nas Forças Armadas em vez de ir a uma universidade – como Gael estava fazendo – porque sabia que meu avô ficaria orgulhoso de mim. Essa era a razão de eu estar ali.

Todavia, quando o comandante me jogou essa, foi o mesmo que abrir meus olhos. Pensei na minha família, nos amigos, na minha namorada e percebi que eu estava exatamente onde deveria estar. Queria e faria o que pudesse para afastar das pessoas que amo qualquer coisa que ameaçasse sua paz e liberdade.

Ali, compreendi minha missão. Pendurei meu fuzil sobre o ombro, fiquei em posição de sentido, de repente mais forte.

— Se já terminou, senhor, peço licença para me retirar. Há inimigos

para combater lá fora. — Batendo uma continência em sinal de respeito, saí da tenda.

Encontrei Elliot do lado de fora. Lembro que ele bateu em meu ombro e disse algo como “boa escolha”. O puto estava ouvindo tudo sem qualquer problema.

Sob meu olhar de advertência, ele riu e assumiu:

— Eu vomitei hoje também. Talvez seja o ritual da primeira vez, e depois fique melhor. Vamos lá, vamos matar mais desses filhos da puta e testar essa teoria.

Olhando para Penélope, concentrada na tela do notebook verificando imagens dessas jovens desaparecidas, lembro que o mundo ainda tem pessoas por quem vale a pena lutar. Ela. A empatia em seus olhos, o jeito como prende a respiração conforme vai lendo as informações, como se pudesse sentir a dor do outro. Ela é alguém por quem eu lutaria.

Bato no batente, anunciando minha presença. E tenho sua atenção. Olhando por cima da tela, ela suspira profundamente e derruba os ombros.

— Meu Deus... Todas essas garotas, Sebastian... Nem sei o que dizer.

Aproximo-me devagar.

— Acho que é melhor deixar esse computador de lado por hoje.

Ciente da negação pronta para mover seus lábios grossos, explico:

— Você já viu o bastante por um dia, Penélope. Sua mente está cansada.

Ela relaxa um pouco.

— Obrigada por se preocupar, é sério, mas faz somente uma hora que estou aqui, Sebastian. Aguento muito mais, acredite em mim, prefiro terminar essa busca de uma vez, sabe?

Sento-me na beirada da mesa, do lado oposto.

— Não podemos ficar conectados por muito tempo ao sistema, nossos acessos podem ser descobertos e interceptados — digo com seriedade.

Por um momento, ela procura a mentira em mim. Os cantinhos dos olhos chegam a enrugar de desconfiança. Treinado, mantenho um olhar profundo e desapaixonado. Posso ser um mentiroso, ou não; ela nunca saberá.

— Tudo isso é vontade de ir embora logo? — decido quebrar um pouco seu ar de desafio. — Está com pressa para se livrar de mim, Loupe?

Primeiro seus lábios se separam, surpresa; por essa, ela não esperava. Em seguida, sorri angelicalmente, daquele jeito que me mandará comer merda ou algo muito parecido.

— Pois você não?

Previsível. E encantadora.

— Não. — Levanto-me e vou saindo pela porta, escondendo meu sorriso ao fazer a oferta de paz: — Tanto não que preparei algo para você na cozinha.

— Preparou? — Outra vez está surpresa.

— Você precisa vir comigo e descobrir com seus próprios olhos.

Não fico para saber se virá, mas a ouço afastar a cadeira. Passo pela cozinha e espero do outro lado para que veja a mesa pronta para dois, com sanduíches e chá gelado. Garimpei os itens na geladeira e fiz o melhor que pude.

— Hum... — resmungo tentando parecer desdenhosa, mas sei que a impressionei.

— Venha, vamos comer. Você me olhando desse jeito desconfiado me faz pensar que está com mais fome do eu.

Após uma boa análise em mim, de cima a baixo, atrás de algo, ela finalmente se encaminha para um lugar à mesa. Se a mulher soubesse o quanto mexe comigo quando age assim, pensaria melhor.

Feito o bom bastardo que sou, passo a contemplar a maneira como ela não se acanha diante da comida. Enche seu prato, morde com gosto. Há algo de muito belo em como se alimenta sem culpa, em como parece gostar de cada coisa que põe na boca.

O patê de presunto, uma receita rápida e fácil, agrada-lhe, pois arranca um gemidinho delicioso de aprovação que, merda, reflete no lugar mais inapropriado no momento.

— O que foi? — de repente ela para de mastigar, perguntando de boca cheia. — Por que você está me olhando assim?

Pego no ato, é como me sinto. Ajeito-me desconfortavelmente na cadeira antes de responder, honesto:

— Gosto de ver você se alimentando.

A partir do franzido na testa e em como engole subitamente a porção de comida, que aparenta descer seca pela garganta, sei que interpretou errado.

— Por quê? Vai me chamar de morsa também, falar que sou parecida?

O que diz me irrita. Mais do que isso, incomoda-me profundamente.

— Por que eu a acharia parecida com uma morsa, Penélope? — não há qualquer humor na questão.

Arrependimento cintila em seu rosto quando abaixa a cabeça.

— Por nada...

— Quem a chamou disso antes?

Inspira e bufa, tirando a importância do assunto.

— Ninguém, ora.

Mentira.

— As crianças no orfanato diziam isso a você? — pressiono-a.

Tenho de esperar que beba um gole do chá lentamente, numa tentativa de me desestimular. O problema é que não sou de deixar nada para lá. Gosto de respostas e sou paciente.

— E então?

— Não me diziam isso no orfanato, e nem sempre fui gorda, Sebastian, se é o que está pensando — explica tranquilamente, mas evita meu olhar. — Para sua informação, no meu tempo lá, eu era um palito.

— E depois de ser adotada?

Empertigando-se, ela me verifica de esguelha, talvez tentando descobrir o que sei. Permaneço impassível. Quero ouvir dela. Quero tudo o que eu puder saber, pois essa conta será cobrada.

— Pode ter sido quando engordei, não sei — diz simplesmente, encerrando o assunto.

Ou pensa que o fez.

— Por quê?

Suspira profundamente, contrariada.

— Não sabia que eu estava num interrogatório, mas tudo bem. Por que o quê? Por que engordei? Bem, a resposta é meio simples, não há nada de mais: engordei porque comia muito...

Percebendo que me mantenho paciente, esperando por toda a verdade, a mulher cede um pouco, até mesmo no tom:

— Talvez você não entenda, mas a comida era uma fuga naquela época. Não me pergunte o porquê, ok? Eu pensava que, ganhando peso, ficaria protegida. Um tipo de escudo, sei lá... — Brinca com os farelos, pensativa. E de repente estufa um pouco o peito. — Mas não pense que hoje em dia é assim, pois não é. Gosto do meu corpo, gosto mesmo. Tenho orgulho dele. E não preciso de qualquer escudo. Se me incomodam, mando logo à merda.

É um discurso caloroso. Não dá para negar. Sei que Penélope guarda um monte de merda consigo. Posso pressioná-la e correr o risco de que se levante no instante seguinte, impaciente para ir embora. Ou posso ganhar sua confiança de verdade e ajudá-la a nunca mais se tornar um maldito alvo de alguém.

— Também gosto — digo baixo, mudando a densidade a meu favor.

Ela pisca, confusa.

— Gosta de quê?

Sorrio meio de lado.

— Do seu corpo.

O revirar de seus olhos é do tipo “você é inacreditável”. Contudo, obtenho sucesso em relaxá-la um pouco.

— Pare de me olhar assim, é sério. Você parece assustador.

Sei que está brincando.

— Tenho uma proposta — desafio-a.

— Outra? — Arqueia a sobrancelha.

— Quero te ensinar defesa pessoal.

A encenqueira teimosa ri alto, como se acabasse de escutar uma piada. E espera que eu diga que realmente é uma. O problema é que estou falando

muito sério. Quero dar a ela conhecimento para que ninguém nunca mais a toque sem seu consentimento, que ela saiba arrebentar as bolas de alguém que sequer ouse atravessar seu caminho.

— Sei tudo o que preciso sobre defesa pessoal, Sebastian, acredite. Carrego um spray de pimenta muito potente dentro da bolsa — soa cheia de si.

Lambo meus lábios preguiçosamente.

— O spray não me impediu de te agarrar naquele porão da boate, impediu?

Sua banca elevada quebra um pouquinho. Sabe que fiz um ponto. Porém, recupera-se rapidamente.

— Só o uso quando quero, já parou para pensar nisso? Naquele dia, acho que eu estava curiosa para saber qual era a sua. — Olha-me de cima a baixo do outro lado da mesa, numa tentativa de parecer maliciosa. — Você não é de todo ruim, sabe?! Então... deixei que me beijasse. — Arremata com um beicinho de “e foi assim, fazer o quê?”.

Espertinha.

Gosto disso.

— Vamos ver isso de outra forma, então, Penélope.

— Qual? — Curiosidade perpassa em sua expressão.

— Você me deixa te dar algumas aulas, e eu te recompenso.

— Não sou um animalzinho para ser recompensado...

— Certo. — Meneio a cabeça, pensativo. — Minha avó ficará infeliz quando souber.

Rapidamente ela inclina a cabeça.

— O que sua avó tem a ver com isso?

— A recompensa.

— Pare. — Ela levanta a mão. — Sua avó será a minha recompensa?

Afirmo com um menear de cabeça, arrogantemente.

— Como?

— Eu a levo para ver a velha se me deixar te dar algumas aulas.

— Algumas? — e, por sua pergunta, sei que está começando a cogitar a ideia.

— Sim. Pelo menos dez.

— Cinco.

— Fechado.

Silêncio, como se estivesse debatendo mentalmente por que aceitei seu número tão fácil. E então se empertiga.

— Espere! Serão quantas aulas por dia?

— Uma — a obviedade em meu tom carrega sutil provocação.

— Nada feito. — Sacode a cabeça, enfatizando. — Vou embora assim que eu encontrar a menina. No máximo amanhã, pelas minhas contas. Então, não dá... Sinto muito. Teremos de fechar em duas aulas.

Quero lhe contar que sou criativo e muito persuasivo também, porém, tenho a sensação de que ela não ficará feliz ao descobrir que seu plano de partir amanhã não será concretizado.

— Tudo bem. Acho que posso te ensinar algumas coisas, apesar do tempo curto.

— Quando me levará para ver a *babushka*?

— Amanhã. Agora suba e coloque uma roupa confortável.

Posso ver em cada pedacinho do seu rosto o arrependimento por ter concordado. Infelizmente, para o azar de Penélope, sou um bastardo difícil de comover. Além de que acho que fazer uma visita à velha Zhena fará bem à espanhola. Penélope precisa sair um pouco. O confinamento está deixando a mulher estressada.

Com isso, aproveitarei também para conferir com meus olhos o real estado de doente terminal da prima de minha inocente avó.

— Se você fosse legal mesmo, não ficaria impondo condições para me levar, sabia?

— Não sou legal. Pensei que já soubesse. Suba.

Penso escutar um “detesto você”. Tomo o chá sem pressa. Talvez eu só esteja imaginando.

PENÉLOPE

Eu não deveria ter aceitado. Oh, droga, droga, droga! Eu realmente não deveria. O jeito como Sebastian está me encarando do outro lado de um tipo de tatame alastra um arrepio de mau presságio na minha espinha. Ele não me dará moleza. Sei somente ao lhe olhar.

Odeio esse sorrisinho que tenta escapar do canto de seus lábios, apesar do olhar intenso. E odeio como ele é bonito, atraente sem qualquer esforço, num jeans escuro ligeiramente desgastado e camiseta cinza. Seus pés descalços o tornam selvagem de um jeito contido, perigoso.

— Você vem sempre aqui...? — Na falta de outro comentário, circulo o dedo num gesto, referindo-me ao porão, clareado por apenas uma luminária suspensa no teto.

Apesar da iluminação precária, é possível ver uma academia instalada, saco de areia, esteira, pesos. Lembro-me de quando Priscila veio nos visitar e Sebastian surgiu na cozinha sem camiseta, de peito suado. Agora faz todo o sentido.

— Sempre que posso. — Dá um passo à frente, saindo do canto escuro. Sua voz rouca, baixinha, chega causando ondas de calor na minha pele. Sem contar que ele parece muito ameaçador. — O que você está usando por baixo, Penélope?

— Co-como é?

Outro passo para mim.

— Não vou ficar repetindo. Fale.

— Top — a palavra sai tipo “toop”. Pareço um cordeirinho ridículo.

— Ótimo. Tire a camiseta.

Tomo um choque e olho para minha roupa. Estou com um camisetão largo e grande e uma calça legging de algodão, de ginástica, daquelas que contornam todas as imperfeições da pele. Então o olho de volta.

— Não. Não vou tirar.

Mais um passo enquanto inclina a cabeça de lado, como se dissesse

“está me desafiando?”

— Ela é muito grande. Te atrapalhará para o que preciso.

— Sei... — Dou um bufo debochado.

Continua vindo, mas desta vez eu também me movo; vou para trás.

— Você está debochando de mim, Penélope?

Estamos numa dança, ele se aproximando, e eu, me esquivando.

— Pare, Sebastian... — minha voz agora é um sussurro.

— Com o quê? — usa um tom arrastado, provocante.

— Me pressionar — digo quando encontro a parede às minhas costas.

Não há mais para onde ir. Saímos da luz e estamos no canto.

Sob Sebastian, é como me sinto. E ele de repente é um gigante, enorme, preenchendo todo o espaço à minha volta. Prendo a respiração quando sua mão descansa na parede ao lado do meu rosto e o corpo fica a centímetros de me tocar.

— Está presa aqui, não é? — indaga roçando meu ouvido, provocando cócegas e calor. Tudo o que me cerca é ele. Seu peito está pertinho do meu rosto. — Responda.

— Sim, estou — sussurro.

Tenho a sensação de que Sebastian inspira profunda e vagarosamente o cheiro do meu cabelo antes de dizer:

— É isso o que o agressor fará com você. A deixará encurralada, sem saída — diz e subitamente se afasta todo rígido, como se fizesse um esforço para ficar longe. — Volte para o centro. Te ensinarei como evitar isso. E tire a camiseta.

Por confiar nele, eu a tiro, ficando somente de top e calça. E não me envergonho das gordurinhas salientes. O homem já me viu nua, afinal de contas.

Conforme sua palavra, ele o faz. Para cada possibilidade de ataque, Sebastian me ensina um bloqueio. Em alguns momentos, tenho simplesmente uma vontade insana de não me proteger, deixar que meu “agressor” obtenha sucesso na investida apenas porque esse atrito entre nossos corpos, o roçar constante está se tornando insuportável. E me sinto mortificada por admitir

que gosto disso.

Quando o homem me lança no chão e monta, em vez de bater com o punho fechado em seu nariz de baixo para cima, como ele ensinou, quero é puxá-lo pelo pescoço e o trazer para mim, beijar essa boca mandona. *Madrecita de Dios!* O que está acontecendo comigo?

Desesperada por distração, conto mentalmente até dez.

— Vamos, Penélope. Faça o que eu disse.

Suas coxas largas me apertam de um jeito tão bom.

Tento me lembrar das noites de medo na casa dos Molina, da ansiedade enorme que eu sentia em expectativa se eu teria uma noite de paz ou não. O problema é que não consigo me lembrar de nada quando o cheiro de Sebastian está por todo o lado, quando seu corpo grande está dominando o meu contra o chão.

— Po-podemos terminar por hoje? — peço clemência. E finjo um ofegar exausto, como se o problema fosse meu mau preparo físico e não o desejo penoso que queima por todo o lado.

Olhando-me penetrantemente por um tempo, ele não move um único músculo no intento de sair. Acho que o bendito sabe o que sinto. De alguma forma, ele sabe.

— Por favor? Se continuarmos, não sobrá nada de mim pra ver sua avó — brinco, reforçando que meu motivo é outro.

Após um longo momento de observação, ele me deixa devagar e se senta ao meu lado no tatame.

Obrigada, Madrecita!, agradeço silenciosamente.

Ainda deitada, fecho os olhos e fico assim por um tempo, dominando as emoções. De todo modo, eu nem estou mentindo tanto. Realmente esse treino foi meio pesado; sei que, mais tarde, quando o corpo esfriar, tudo doerá.

— Espero que meu agressor não tenha tanta resistência física — gracejo.

Ao abrir os olhos, pego seu olhar sobre mim, fixo, escurecido, exibindo uma presença de espírito muito sombria, perigosa.

— O que foi? — cochicho covardemente. Percebo que ele pensa um pouco antes de falar, porém, não se detém:

— Você é muito bonita, Penélope.

Meu coração, o pobre, serpenteia de forma ainda mais vigorosa. Contudo, vou pelo caminho mais fácil para mim:

— Ah, corta essa. Não fale coisas só pra me agradar por ter me tirado 10 anos de vida neste tatame.

Mudo a direção de meus olhos para o teto, quando o ouço:

— Eu pareço alguém que diz coisas para agradar quem quer que seja?

Engulo em seco, de repente com muita sede.

— Não. Mas talvez ficar trancado aqui comigo nesta casa esteja prejudicando seu senso lógico de beleza — outra vez cuido para me manter na descontração.

— Meu senso lógico de beleza já viu mulheres o suficiente para saber o que estou dizendo.

Oh, droga.

— Bem, então você precisa de um oftalmologista urgente. — Dou uma risada que corrobore minhas palavras.

Porém, dou-me conta do que eu disse contra mim mesma. Não estou sendo justa comigo, com meu templo, pois isso é o que meu corpo significa. Então me apresso em corrigir ao me levantar sobre os cotovelos:

— Claro, gosto de mim, do jeito que sou, como eu já disse. Meu peso não me incomoda, foi esse corpo que me trouxe até aqui, e eu o amo — tudo sai com um pouco mais de paixão e autoconsciência do que deveria.

— Somos dois.

Derrubo a cabeça de lado, semideitada.

— Dois o quê?

Ele não precisa responder para eu entender que acabei de soar estupidamente ingênua. É claro que entendi no segundo seguinte em que abri a boca.

Entretanto, ele explica mesmo assim:

— Como eu já disse, também gosto do seu corpo. Gosto muito, Loupe.

Com algumas poucas palavras numa voz rouca deliciosa, Sebastian simplesmente explode aquele tesão dentro do meu corpo, aquele que tentei administrar pela última hora e que agora corre livremente, fazendo doer, até.

Derrotada, caio deitada no tatame.

— Não me chame de Loupe... — praticamente gemo, cobrindo o rosto com as mãos.

Sinto o afundar do tatame, indicando que Sebastian se moveu. Não preciso olhar para saber que ele se posicionou mais perto, pairando em cima de mim. Eu o sinto.

— Por que não? — desafia, ligeiramente sem voz.

— Você não é meu amigo — lembro o que eu lhe disse uma vez, enganosamente, sobre somente os amigos poderem usar meu apelido.

— É — reflete. — Não sou. E não tenho interesse nenhum em ser seu amigo.

— Então o que está fazendo?

— Pensando seriamente em te mostrar como posso ser melhor do que um amigo.

Dios!

— Co-como?

— Você sabe como. — E aqui está ele, praticamente deitado sobre mim, apoiando seu peso no joelho entre minhas pernas separadas e nos braços musculosos em minhas laterais. — Diga que posso.

— Não...

Sebastian outra vez aspira o cheiro de meu cabelo.

— ...a menos que seja pela última vez — acrescento, queimando em brasa.

— Você já disse isso antes — lembra-me.

— En-então não devo quebrar minha palavra.

Seus lábios encontram minha orelha.

— O que não deve é inventar um monte de desculpas para o que deseje.

Basta estender a mão e pegar.

Inspiro de modo ofegante.

— Vamos, diga a palavra — pressiona, testando minha resistência.

Só hoje, só hoje, digo a mim mesma.

— Sim? — sibilo quase sem voz.

Ele ri gostoso, descendo contra minha garganta.

— Isso foi uma pergunta ou um aceite, Penélope? — Odeio quando me provoca assim e como isso parece maravilhoso.

— Foi um sim... senhor.

O que digo o agrada profundamente. Movendo um pouco o quadril contra o meu, ele me mostra o tamanho da ereção monstruosa sob o jeans.

— Fico satisfeito que não tenho de lhe lembrar. — Mordisca a curva do meu pescoço. — Você me chamará de senhor sempre que estiver na minha cama.

Sempre que estiver na minha cama...

Deus... por que é tão, tão bom pensar que isso poderia ser uma promessa?

Capítulo 26

PENÉLOPE

Cerro os olhos bem fechados quando Sebastian se afasta do meu pescoço para me observar, provavelmente após sentir meu corpo se contrair com a ideia do “sempre”.

Não quero olhá-lo de frente por medo de que o homem possa enxergar esta coisa parecendo prestes a explodir dentro de mim, este sentimento insuportável que me faz querer rir e chorar ao mesmo tempo, tão confuso que nem mesmo sei explicar. Esta é a primeira vez em que sinto algo parecido por alguém... E eu queria poder dizer em voz alta. Dizer a ele que estou apaixonada. Dizer-lhe que há dias venho sentindo um aperto no peito só ao pensar que não nos veremos mais.

— O que foi? — Sebastian questiona num tom honestamente interessado.

Policio minha expressão. Todavia, não impeço um suspiro mortificado. Abro os olhos tão só para encontrá-lo atento a mim fixamente, daquele modo intenso, penetrante, parecendo poder enxergar através de minhas camadas. Mordo o lábio antes de dizer a primeira coisa que me vem à cabeça:

— Você sempre treina de jeans?

Seu sorriso engraçado quando arqueia a sobrancelha, de quem não esperava essas palavras, é uma das visões mais lindas. Ficaré na minha memória para sempre.

— O que esperava que eu usasse? — noto o tom sugestivo, é claro, quando se aconchega um pouco mais, roçando sua ereção sob a calça em mim.

— Sei lá... moletom? — Dou de ombros, reprimindo a vontade tola de rir apenas porque ele sorriu.

Gentilmente Sebastian afasta uma mecha de cabelo grudada em meu

pescoço.

— *Eu* não estava treinando, Penélope. *Você* estava. Agressores não escolhem a roupa mais confortável para atacar, escolhem o momento.

Sacudo de leve o queixo, confirmando seu ponto de vista.

— É... talvez você tenha razão.

— Normalmente — brinca baixinho. — Mas, respondendo a sua pergunta, quando treino, uso roupas mais leves.

— Legal... — resmungo, na falta do que dizer.

E, no instante seguinte, nossos sorrisos vão morrendo aos pouquinhos... até estarmos detidos no olhar um do outro outra vez, naquela densidade que comprime o peito, que causa dor e êxtase.

Acho que é algo nele. Ao mesmo tempo em que há tanta vida e força e garra... há essa sombra fria, profunda... marcante. E talvez seja justamente isso o que me atrai. Talvez sejamos iguais, e a minha sombra também seja visível, apesar de todo o esforço que faço para enterrá-la.

Movida por coragem e um querer muito forte, seguro seu rosto na palma de minha mão, roçando o dedo vagarosamente pela barba baixa, espessa ao longo do maxilar tão perfeitamente talhado pela natureza.

O grande homem fecha os olhos, absorvendo o toque, quem sabe lutando uma batalha dentro de si.

Então simplesmente faço o pedido mais verdadeiro que eu poderia, sem mais disfarces:

— Só por hoje, me faça esquecer que isso nunca dará certo, Sebastian — e digo querendo dizer, empurrando qualquer orgulho para longe. Não importa se estou baixando a guarda e mostrando a ele um lado tão meu. É o que meu coração quer.

Minhas palavras fazem suas narinas abrirem-se numa expiração longa, significativa. Acho que as minhas também se abrem, cansada de lutar que estou.

Silencioso demais, talvez com raiva — ou não —, em movimentos precisos e com um olhar perigoso, o homem se afasta somente o espaço para retirar a camiseta, arrancando-a de seu tronco. Sua caixa torácica se abre impressionantemente com o movimento, revelando aquele peito largo, livre

de pelos, preenchido por músculos e nada de gordura, que já vi antes, mas talvez nunca me acostume. O *cabrón* é como o melhor sonho erótico que uma mulher pode ter, e aqui estou eu, deitada num tatame no porão escuro de uma casa a milhas de distância de onde minha vida realmente está, queimando de desejo... Justamente eu, a menina criada por freiras sob a doutrina de que tudo era pecado e abusada por uma família horrível.

E nada disso importa agora.

Quando ele se abaixa para um beijo duro, severo, eu absorvo tudo, cada parte, envolvo-o com minhas pernas e braços... e arranho suas costas largas, toda a extensão, arrancando um grunhido forte e primitivo dele. Delicioso.

Meu corpo de repente queima vivo. Contrações no estômago e um latejar no baixo-ventre se tornam quase insuportáveis. Mexo-me sob ele, buscando o atrito.

Em reconhecimento, Sebastian corre lentamente a mão para a borda de minha calça.

— Estou suada... — aviso no último segundo.

Olhos enegrecidos seguram os meus ao tempo em que um grunhido é exprimido por entre seus dentes, como se não desse a mínima para essa besteira... E, droga, sinto-me tão feminina, tão poderosa por ser eu a causa da selvageria que ele tenta controlar no aperto de sua mandíbula, na pulsação agitada naquela veia em seu pescoço largo...

Arqueio-me no chão e finco as unhas no tatame quando as pontas de seus dedos atravessam o tecido delicado da calcinha.

Com a mão livre, meu top é enrolado para cima, liberando meus seios pálidos e pesados ao seu prazer... A partir da expressão em seu rosto ao contemplá-los, tenho a sensação de que meu coração de repente para de bater por uma fração de segundos antes de acelerar feito louco. Olhando-me desse jeito, cheio de admiração e fome, Sebastian faz por mim muito mais do que sequer pode supor. Sempre tive vergonha do tamanho deles. Meus seios e bunda grandes são memórias vivas da dor e tudo de negativo relativo à sexualidade. Eu os escondia com faixas, acreditando que eram responsáveis por atrair coisas ruins. Hoje, esse homem, com seu desejo cru e honesto, acaba de criar em mim uma nova memória, santificando-os quando se inclina para acariciar o mamilo sensualmente com sua boca.

Gemo baixinho um agradecimento, ciente de que é essa a memória que vou manter daqui em diante.

Em resposta ao som, ele fecha os lábios em torno de uma boa quantidade do seio, e a língua dentro de sua boca passa a acariciar o mamilo, a provocar.

Agarro seu cabelo entre os dedos.

Levando-me à borda, as contrações e o calor passam a se espalhar por todos os lados. Os dedos dos pés e as panturrilhas recebem uma onda de choque que vai subindo e subindo até atingir diretamente meu cérebro... mas é o ventre que sinto explodir.

Sua boca vem para a minha, consumindo meus gemidos, afogando-me no mar de sensações simultâneas.

— Afaste sua bunda do chão — ele pede rouco, voz grossa, afetada.

Instintivamente o faço... só para ter minha calça e calcinha sendo arrastadas para baixo.

Determinado a cumprir sua palavra de me mostrar como pode ser melhor do que um amigo, Sebastian desce. Mãos largas e quentes separam minhas pernas, expondo-me para si.

Primeiro sinto uma respiração quente soprada suavemente no interior da coxa, num aviso que me arrepia inteirinha. Então a língua chicoteia uma vez, precisa, bem sobre o ponto mais sensível.

Desprendo-me do chão, mas sou contida no lugar, para logo em seguida receber uma lambida por toda a fenda, lenta, parecendo degustar... ou me torturar.

— Não sei o que gosto mais, espanhola. Sua boca ou boceta.

— *Madre de Dios...* n-não diz isso... — digo baixinho, sufocada.

O safado ri, orgulhoso, determinado.

A partir daí, não estou mais no domínio de qualquer senso de recato. Gemo, grito, movo-me, guiada apenas por uma paixão arrebatadora, daquelas ante a qual o mundo lá fora simplesmente não existe mais. E é assim quando engatinho para Sebastian, meio cegamente, Tateando o botão de seus jeans. Sentados no tatame mesmo, passo as pernas por cima das dele, seguro a base de seu pau e posiciono em minha entrada o cume largo vermelho e brilhando

com um líquido transparente.

Conforme vou descendo devagar, Sebastian comprime o maxilar lindamente, numa demonstração de luta por controle. Lindo, lindo, lindo! Isso me empodera. Então passo a subir e descer sobre o membro, ouvindo o praguejar baixo numa sucessão de palavras em russo cujo significado não faço a menor ideia, mas são altamente eróticas aos meus ouvidos. Amo sua voz, a maneira rouca e grossa como soa. Amo suas mãos grandes fincadas em minha bunda, parecendo nunca querer me deixar.

E, quando ele explode num rugido poderoso que ondula pelo porão, eu me sinto maravilhosa, feminina, com cada parte imperfeita de mim.



Que cada um de vós saiba possuir o seu corpo santa e honestamente, sem se deixar levar pelas paixões desregradas. Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 4:4-5. Nas doutrinações do orfanato, muito se dizia sobre os temíveis pecados da carne, de forma condenatória. Quando criança, eu nunca compreendi bem esse conceito de “paixões desregradas”. Eu ficava tentando imaginar como seria aquele sentimento tão pecaminoso ao qual as irmãs se referiam. O que podia ser tão forte que cegava e fazia alguém deixar de agir racionalmente?

Hoje eu sei. Talvez, pela primeira vez, compreendo o significado literal dessas palavras. Enquanto Sebastian brinca comigo debaixo do chuveiro, de repente parecendo mais leve, mais familiar, eu simplesmente compreendo. Paixão é quando você quer tanto o outro que até dói. Quer nunca mais se afastar, quer estar perto, saber o que o outro pensa.

E é horrível sentir isso por alguém, realmente horrível. Principalmente se não está destinado a durar. Como eu sei? Só sei. Aquela sombra em seus olhos suavizou, mas não foi embora. Nas últimas horas em que nos envolvemos até chegar a esse banho juntos, peguei algumas nuances muito, muito imperceptíveis, relances de um conflito consigo mesmo, dúvida, medo, culpa... e, logo após esses pequenos sinais, vinham então picos de mais paixão, de mais fome e desejo. Era como se uma luta estivesse sendo travada

dentro dele.

Eu deveria conversar com Sebastian sobre isso. Entretanto, nesse caso, eu o estaria pressionando, quando, na verdade, ele nunca me prometeu nada.

Quando saio do boxe, o homem me enrola gentilmente na toalha, tratando-me como um bem preciso, antes mesmo de cobrir a si mesmo. Jamais alguém fez qualquer coisa assim por mim.

— Esse é o tom natural de seu cabelo? — questiona enquanto apanha outra toalha para secar meus fios.

— Aham...

— Gosto deles assim. — Aproxima um pouco mais os lábios do cantinho de minha orelha. — Aliás, você fica muito atraente com todas aquelas perucas também, Penélope.

— Isso pareceu meio pervertido, *cabrón*... — consigo brincar, apesar dessa confusão doendo na minha cabeça.

Sua risada gostosa cria ecos pelo banheiro.

Encosto-me à parede para assistir a ele se secar. Sebastian é grande, tem pés grandes, pernas compridas cobertas por pelos, coxas largas, a barriga lisa traz um pequeno caminho de pelo debaixo do umbigo que vai até a virilha, mas é possível perceber que ele apara a região... não deixa uma selva alta.

— O que foi? — Para no meio do movimento de esfregar a toalha contra sua cabeça, sorrindo, parecendo 10 anos mais jovem.

— Você apara os... — Aponto para a região onde logo abaixo sua masculinidade se revela potente, apesar de estar em descanso.

Encolhe os ombros.

— Não gosto alto, enrosca no zíper.

Penso um instante e me empertigo.

— Você não usa cueca?

— Na maioria das vezes, não — revela tão naturalmente, orgulhoso de si mesmo, que me detenho de perguntar as razões, embora cenas de mulheres se jogando aos montes a seus pés dominem minha cabeça. Eu me pergunto, então, se a facilidade de baixar o zíper da calça quando necessário em

ocasiões assim seja o motivo. Assinto com a cabeça, como quem compreende.

— Também evito usar calcinha na maioria das vezes... — a mentira sai naturalmente, com uma pitadinha discreta de malícia.

Seu grunhido de insatisfação e aviso quase me faz rir. No instante seguinte, estou cercada entre seus braços, presa à parede, seu corpo arqueado sobre o meu, palmas apoiadas na superfície úmida atrás de mim.

— Uma provocadora. Uma verdadeira provocadora, não é, espanhola?

Inspiro de modo entrecortado, amando cada pedacinho dessa proximidade.

— Não sei por que diz isso, mas garanto que está enganado.

Dentes brancos, alinhados, estão exibidos num sorriso bonito.

— Eu poderia listar todas as suas provocações desde que a conheci. Acredite, você me deu mais merda do que numa vida inteira.

Levanto o queixo.

— Em minha defesa, você também não foi uma pessoa fácil comigo. Gosto de agir com reciprocidade.

Por um instante, ainda rindo, ele simplesmente me encara de verdade, com toda aquela aura densa de reconhecimento.

E, no tempo de um piscar de olhos, o sorriso vai desaparecendo aos pouquinhos. Ar dilata a passagem de sua expiração ruidosa.

— *Você* eu vou proteger — a voz é baixa, rouca, carregada.

Fico imediatamente ciente de que ele jamais teve a intenção de dizer essa frase em voz alta. Suas pupilas dilatando, a mandíbula ficando mais tensa são os sinais que o denunciavam. Porém, ele disse. E, por esse *você*, é como se, em algum momento, ele tivesse falhado com alguém, e eu seja um caso de remissão.

Engulo em seco, o silêncio ficando mais e mais barulhento, por mais paradoxal que pareça, enquanto nos encaramos.

— Sei cuidar de mim mesma — digo baixinho, porque sinto necessidade, por ser o certo. Não quero ser, não serei um peso para ninguém.

Sebastian não diz nada. Talvez sua cabeça nem mesmo esteja mais

aqui. Os olhos enegrecidos estão vazios. Há apenas aquela coisa sombria e distante.

Um barulho, longe, faz-me piscar de repente e emergir do mar escuro que são suas íris.

— Estão batendo à porta — sussurro.

Movendo a cabeça lentamente, ele indica que escutou.

— É o Elliot — avisa, ainda preso naquela tensão sinistra.

Surpreendendo-me, antes de sair do banheiro ele cola os lábios contra minha testa por um pouco mais de tempo do que seria considerado casual.

— Vou me vestir e te espero lá embaixo — mal ouço sua voz quando diz.

Algo aconteceu aqui. Ou melhor, algo aconteceu em seu passado, e é a razão de tudo aquilo que enxergo nele. Agora tenho certeza.



Quando desço para encontrá-los na sala, deparo-me com Sebastian vestido de jeans e camiseta, nos pés, botas robustas, cabelo penteado de qualquer jeito, talvez com os dedos... e um comportamento outra vez leve, relaxado, usando aquela máscara que ele mantém para o mundo. Todavia, eu o vi como ele é. Vi seu tormento, e isso ninguém pode mudar.

Elliot, por sua vez, parece mais do que à vontade, divertido quando me cumprimenta.

— Hoje é dia de banho nesta casa, pelo jeito — zomba, sacana, sotaque forte.

Aproximo-me dele, sentindo o olhar do outro homem me acompanhando.

— Pelo jeito, não só nesta casa — brinco de volta, batendo meu ombro no seu. — Você também está muito cheiroso, Elli.

É claro que entendi sua insinuação, mas joguei a bola para o seu campo.

Ao escutar minha intimidade com o amigo, Sebastian rosna um som do tipo “isso que fazem é ridículo”.

Ignoramos.

— *Sou* um cara cheiroso, Loupe. Pensei que já tivesse notado — Elliot galanteia.

— Na verdade, eu notei, sim — cochicho para ele no mesmo clincha bobo. — Notei muita coisa, se quer saber, *cabrón* — arremato com uma piscadinha sedutora.

Elliot é um cara grande, forte, cabelo raspado baixo, pinta de mau, há todo um charme nisso.

— Se quiserem ficar à vontade, posso providenciar um quarto — Sebastian zomba de nós, fazendo-se de prestativo, e eu poderia jurar que uma centelha de ciúmes ondula junto à acidez.

A ideia de que ele sinta ciúmes é irresistível... e estúpida.

— Não precisa, mas obrigada por oferecer. Nem tudo se faz dentro de um quarto, concorda, Elli?

A gargalhada alta que Elliot dá me faz rir também.

— Você é terrível, Loupe. Terrível.

— Agora entendi o porquê da pizza — grunhe Sebastian. — Ela está te enrolando na ponta dos dedos.

— Pizza? — indago a Elliot, como se fosse ele a revelar.

— Aham — o careca confirma, satisfeito.

— Ah, tá vendo o que eu disse? Você é demais, Elli. De-mais!

Caminho para a cozinha, atraída pelo cheiro, e dou a eles alguma privacidade para continuarem a conversar sobre o que quer que os tenha deixado tensos minutos antes de eu descer. Há algo acontecendo, percebi pela troca de olhares entre os sujeitos.

Capítulo 27

SEBASTIAN

— Ed tem certeza de que foram eles — Elliot afirma.

Enfio os pratos sujos na máquina de lavar, como eu disse a Penélope que faria, antes de verificar o som de seus passos no andar de cima indo para o quarto.

— Vamos lá para fora. Não quero que a menina ouça.

Penélope não precisa saber que o veículo de Ed foi emboscado e que provavelmente Verhoeven e os Tambovskaias estejam por trás disso.

Do lado de fora, ignoro o frio cortante atravessando meus braços.

— Se atacaram o cara, é porque sabem que estamos na cola deles.

Luto contra a raiva para manter a cabeça no lugar e pensar. Normalmente, somos nós que agimos e pegamos os desgraçados de surpresa, nunca o contrário. Se o carro de Ed não fosse blindado, estaríamos organizando seu enterro agora.

— Já esperamos tempo demais... — Encaro o chão fixamente, processando essa merda toda. — É hora de agirmos.

— O que quer dizer com isso?

— Prepare tudo. Amanhã à noite vamos invadir o território dos Tambovskaias. Se Verhoeven estiver lá, nós o pegaremos.

Elliot inspira, parecendo aliviado.

— Eu estava contando com isso. Contando com isso.

Ninguém ataca um de nós e sai ileso. Essa é a verdade. Esses caras são como irmãos para mim. Fodidos irmãos.

— E Penélope?

A pergunta me traz um estranho aperto às entranhas. Se pegarmos Verhoeven, então essa situação acaba e... ela não terá mais uma razão para

ficar.

Surpreende-me o próximo pensamento que tenho, aquele que chega a cogitar a ideia de não agir ainda.

Inferno, devo estar ficando maluco. Eu seria um egoísta de merda mantendo um bandido daqueles à solta por mais tempo só para mantê-la aqui.

Um egoísta.

— Vou pedir que Priscila deixe Penélope passar a noite lá... Prometi que a levaria para ver a velha Zhená amanhã à tarde. Na volta, a deixarei na casa com eles... Essa situação já durou tempo demais.

Imaginando qualquer porcaria, Elliot de repente segura meu ombro num tipo de gesto de apoio.

— O que importa em toda essa merda é a segurança dela, cara.

Evito encarar seu rosto e lhe dar a confirmação de que a ideia de deixá-la ir me incomoda. Incomoda *pra caralho*.

Depois que Elliot se afasta para ir, ainda fico por mais um tempo do lado de fora, respirando o ar frio da noite, permitindo que ele entre por meus pulmões e acalme essa coisa se agitando aqui dentro.

Sento-me nos degraus da varanda e observo o lago.

Meu avô costumava ficar muito aqui. Ainda há na madeira algumas marcas de sua presença, pequenos desenhos entalhados com a ponta de seu canivete, o mesmo que ele usava no corte do fumo.

Eu gostava daquele velho. Gostava mesmo. Tinha-o como um pai. Ele e Zhená me criaram desde muito jovem, quando minha mãe, filha deles, morreu de uma meningite aguda. Não chego a ter qualquer memória sobre ela, eu era muito pequeno quando aconteceu. Meu pai, segurança, foi-se antes disso, pelo que dizem, ele foi conter um ladrãozinho no mercado, e o pivete enfiou uma faca em suas tripas. Minha mãe estava grávida na época.

Pai, mãe, avô, Lara. Perdi gente demais nessa vida. A verdade é essa.

Não estou pronto para perder mais ninguém.

PENÉLOPE

De olhos fechados, ouço quando a poltrona do canto range conforme Sebastian se afunda nela. Escutei o som de suas botas contra o piso, no corredor, e imaginei que iria ao seu quarto, mas, em vez disso, ele veio ao meu.

Esforço-me para manter a respiração equilibrada enquanto reflito sobre avisar a ele que estou acordada. Penso em mentir. Na dúvida, faço apenas silêncio por uns cinco ou dez minutos, talvez tempo de ele se levantar e sair, mas nada acontece.

Não sei por que veio. Espiei pela janela quando o carro de Elliot partiu e sei que Sebastian ainda permaneceu lá embaixo por mais tempo. Algo aconteceu que o incomodou. Apesar do que quiseram deixar transparecer, percebi que Elliot e ele estavam tensos enquanto comíamos.

Eu gostaria que pudessem conversar na minha frente, gostaria de não ser apenas uma estranha para eles, principalmente para Sebastian. Contudo, o fato é que compartilhar sexo com alguém não significa tornar-se íntimo dele, não lhe dá qualquer direito, na verdade.

— Uma vez eu tive de ficar sentada por mais de oito horas em frente a uma casa, espreitando... — não aguento mais o silêncio e revelo numa voz baixinha, avisando-lhe que estou acordada. E me giro na cama, deitada, para ficar com o rosto de frente para ele. Enxergo apenas sua silhueta na escuridão.

— Eu não quis te acordar — ele informa depois de um momento quieto. Por sua voz rouca, sei de seu estado de espírito. Algo não vai bem.

Acendo a luz do abajur ao lado apenas porque quero vê-lo.

— Não acordou. Na verdade, fiquei me perguntando quanto tempo você ficaria aí sentando. Aí me lembrei desse dia...

O canto de seus lábios remexe um pouquinho, talvez um sorriso, ou não. Sebastian está preocupado com alguma coisa.

— E conseguiu o que queria?

Faço um som negativo com a língua antes de responder:

— Não... o homem não estava traindo a esposa. Estava trabalhando, fazendo um bico como operador de prensa num jornal clandestino que

funcionava ali.

Sebastian franze o cenho, curioso.

— E por que ele não disse à esposa?

— Bem perguntado — elogio seu raciocínio. — O jornal era contra o Rei Filipe e a monarquia. O sujeito não era infiel a ela, mas um desses malucos fanáticos adoradores do antigo regime militar daquele porco Francisco Franco... que deve estar no inferno depois de tudo o que fez.

— Ainda não entendo por que ele esconderia isso dela.

Deitada, passo o braço por baixo do travesseiro e assinto.

— A esposa é membro do Partido Socialista, do governo. O infeliz saía durante a noite achando que ela estava dormindo para ir contribuir com um jornal que falava mal do Rei e do partido dela.

A expressão, antes séria, começa a ficar mais aquecida com um sorriso.

— Você contou a verdade?

Prendo a vontade de rir. Afinal, isso foi algo sério.

— Eu disse que o marido não estava tendo um caso com outra mulher. Aí ela perguntou, horrorizada: “então ele está me traindo *com um homem*?”

— imito a voz que a mulher fez no dia. E faço uma pausa, reflexiva, antes de continuar: — Você percebe a situação em que eu estava, Sebastian? A mulher achava que o marido a traía afetivamente, mas não era o caso. Então a notícia deveria ser boa para ela...

— É, deveria.

— Aí eu disse: *su marido no te está traicionando, mujer... sólo está trabajando en un periódico contra el gobierno*^[35].

Rindo mais abertamente, exibindo aqueles dentes certinhos, retos e brancos – acho que Sebastian nem se dá conta de como fica bonito quando ri –, ele indaga:

— Como ela reagiu?

Inspiro profundamente, num certo suspense.

— Chamou-o de traidor sujo, fascista e outras coisas realmente ruins... Disse que antes ele tivesse tendo um caso. — Encolho os ombros. — Vai entender como funciona a mente de nós, mulheres, não é?

Uma gargalhada baixa muito, muito gostosa ressoa pelo quarto.

Meu peito se aperta e acelera, tudo ao mesmo tempo.

E então ele passa a me observar mais impassível, de um modo profundo, estudando-me.

— O que foi? — sussurro.

— É a primeira vez que você me conta uma de suas histórias...

— Ah, é?

— É — afirma sem desviar o olhar.

— Bem, meus casos são confidenciais, não posso ficar contando por aí — é claro que estou brincando, apesar do profissionalismo exagerado em meu tom.

Eu disse isso com a intenção de causar mais algum riso. No entanto, apenas o silêncio volta a tomar conta do cômodo, trazendo certa densidade familiar.

Ainda me impressiono com ele, com como consegue parecer zombeteiro e não dar a mínima para o mundo enquanto seus olhos dizem que ali dentro há uma força extraordinária da natureza sempre em estado de alerta; com como consegue passar do riso à completa seriedade e me fazer perder o fôlego... ou como tem esse dom de me olhar de um modo capaz de dizer mais do que palavras o fariam.

— Por que está aqui? — inquiri sem pensar direito.

O peito largo sobe e desce devagar.

— Gosto de ver você dormir — há algo de bruto na forma honesta de revelar.

E mexe comigo. Mexe mesmo.

Tentando agir naturalmente, meneio a cabeça.

— Eu não estou com sono agora, Sebastian... Acho melhor você ir para o seu quarto e descansar um pouco, tô vendo que está cansado — mal me ouço.

— Quero ficar, Penélope.

Ciente de sua determinação e da exaustão em seu semblante – por mais que ele banque o durão e tente negar –, meio que por impulso, faço uma

idiotice: afasto-me mais para o lado no colchão, abrindo espaço, levanto parcialmente o cobertor e lhe ofereço o lugar numa voz rouca, hesitante:

— Então deite comigo. Deve ser mais confortável do que a poltrona, e poderá me ver dormir mais de perto... — Encolho-me um pouco, não querendo soar condescendente: — Depois de tudo o que fizemos nessa tarde, o que é dormir juntos, não acha?

O sujeito grande, bonito que dói, esfrega o rosto com a mão, mas não reluta. Chuta as botas para fora dos pés. Penso escutar um praguejar em sua língua. Certamente um praguejar. Em pé, na beirada da cama, ele tira a camiseta e a joga sobre a poltrona. Lança-me um último olhar daqueles perigosos, um aviso, talvez, antes de apagar a luz do abajur.

Ouçõ o farfalhar do zíper e jeans, então seu corpo seminu se junta ao meu.

— Você tirou a calça... — comento baixinho, apenas para preencher o vazio.

— Não durmo de roupa, Penélope. Agradeça por eu ainda manter a cueca.

Arfo e mordo o lábio bem forte, protegida pela escuridão.

— Se quiser tirá-la, eu não me importo.

Outro breve instante de silêncio, até que...

— Maldição, mulher!

Parece reclamar, mas a retira. E, quando o faz, meu corpo se torna consciente de sua completa nudez. Consciente demais. O camisetão pinica contra minha pele, a renda da calcinha incomoda, o cobertor fica pesado... Deve ser uma punição por eu ter essa boca grande e falar sem pensar. As irmãs do orfanato diziam que esse era um grande defeito.

Respiro de modo entrecortado. O problema é que ele pode me ouvir, pode perceber meu caos. E respira mais profundamente também.

— Aquilo que me disse hoje, lá no porão... — começo, inquieta demais.

Ele fica calado, ouvindo-me.

— *Tomar lo que quiero.* — Engulo outra vez a saliva. — Pegar o que

quero, eu disse — traduzo.

— Eu sei o que disse. Entendo seu espanhol.

— Eu gostaria de poder fazer isso.

Tenho a sensação de que ele grunhe.

— Seja explícita, Penélope. Diga exatamente o que quer.

Inspiro.

— Você.

Ele também inspira, forte, numa exalação longa, o corpo completamente tenso.

— Eu estou aqui, não estou? — desejo engrossa e queima em sua voz de maneira feral, profunda, mas não é tudo. Sinto aquela coisa invisível que está sempre entre nós. É como se lutasse em proteger uma parte sua, talvez a que eu mais queira.

Não posso seguir em frente quando há isso que me afasta. Simplesmente não posso. Então, mesmo na escuridão, tenho de fechar os olhos ao perguntar:

— Vo-você quer, Sebastian? Quer mesmo? — Detesto parecer insegura em qualquer circunstância, mas simplesmente tenho de saber.

Sebastian fica calado por segundos que parecem eternos. Então o colchão se move, e, no instante seguinte, calor inunda todo o meu corpo quando ele paira em cima de mim.

— Você está me perguntando se eu *quero*, menina? — Roça a virilha contra a minha, mostrando-se rígido, soando irritado, gutural. — Maldição, só o que tenho feito nos últimos dias é querer me afundar em você tão duro que chega a doer! — Mergulha o rosto contra meu pescoço. — Tão duro que dói, Penélope, sabe o que é isso? Sabe o que é desejar tanto alguém que essa merda queima o corpo? — não há qualquer satisfação em confessar.

A mão fria, ligeiramente áspera de calos, sobe por baixo de minha camiseta, pela curva da barriga, estômago, até encontrar o seio nu, pesado.

— Quero você a cada maldito minuto do dia.

Arfo baixinho, estufando o peito para que o toque mais. Meu mamilo é beliscado entre seus dedos.

— Não posso dar mais do que isso, mas a ideia de que vá emb... — interrompe-se e grunhe de forma quase inaudível — está me matando. Essa porcaria está me matando!

Parecendo lutar contra o pensamento, o homem se afasta algumas polegadas apenas para que sua outra mão venha por baixo, afastando a calcinha.

Um gemido arranha o fundo de minha garganta. Afundo a cabeça contra o travesseiro e me arqueio ao encontro de mais.

— Compreende, Penélope? Consegue compreender o que é estar assim? — Pressiona o centro sensível de terminações.

Quando o dedo penetra e se torna ciente da umidade, Sebastian rosna alto, xingando em russo.

Gemo.

Ele sobe os dentes e lábios de meu pescoço para o ponto quente logo atrás da orelha.

— Você não faz ideia — acusa, mergulhando os dedos mais profundamente, e saindo, e mergulhando de novo. — Não faz ideia.

De repente, tudo se resume a essa sensação quente, ao furor por todos os lados, poderoso, descendo sobre meu corpo retesado. Grito seu nome, retorcendo os dedos dos pés enroscados no lençol.

Sebastian engole meus gemidos em sua boca avidamente, com raiva, devorando-os.

Abro-me e circundo sua cintura com as pernas ao sentir o topo duro empurrando minha entrada, exigindo passagem. Até tento relaxar para recebê-lo no instante em que dor e prazer se misturam, mas o problema é que gosto da maneira como ele me estica e rasga, gosto feito combustível alimentando uma fogueira.

— *Como combustible en la hoguera* ^[36] — replico, irracional.

Ouçó o trincar de sua mandíbula, feroz.

— *Si, cariño, tú eres mi maldita hoguera* ^[37] ...

Ah, Dios, que delícia o ouvir em espanhol, nesse sotaque russo carregado e terrivelmente quente.

Aperto-me mais em torno dele.

Sebastian arremete com gravidade, duro, constante, parecendo querer me comer viva, e eu me incinero, amando com todas as forças. Esse é seu lado que o mundo não conhece, a raiva e paixão que habita em sua pele e explode. E por quem estou miseravelmente apaixonada.

Ao final da noite, exausta, viro-me para o lado, aceitando o encaixe de minhas costas em seu peito. E abraço o travesseiro.

Não posso te dar mais do que isso. Apesar do relaxamento e da sensibilidade do corpo, é o pesar no coração que me impede de realmente mergulhar no sono.



— Você não está concentrada — Sebastian repreende ao empurrar meu ombro, simulando outro ataque.

Estamos na aula de defesa pessoal, logo após o café da manhã, como ele exigiu. E Sebastian tem razão. Não consigo me concentrar, por mais que eu tente.

— Desculpe — resmungo.

Parecendo querer arrancar uma reação de mim, ele volta a empurrar meu ombro.

— Não quero a merda de um pedido de desculpas, quero que me bloqueie. — Outro empurrão. — Que imagine um agressor aqui e o afaste de você.

— Pare — peço, odiando essa porcaria de aula, odiando estar aqui com ele como se nada tivesse acontecido, como se não tivéssemos dormido juntos por uma noite inteira.

— Me faça parar — desafia, talvez tão irritado quanto eu – apesar de controlado –, ao continuar avançando.

Seu empurrão mais forte me incomoda profundamente. Não quero estar aqui. Não quero ficar olhando para seu peito nu, sentir esse seu cheiro em todo o lugar e fingir que está tudo bem.

— *Deja de empujarme, pendejo!* [\[38\]](#)

— Xingar não vai me afastar, espanhola. Levante seus punhos e faça o que mostrei!

Sem pensar direito no que estou fazendo, fecho o punho e acerto seu peito, não para me defender de qualquer coisa, mas para atacar, para lhe tirar essa maldita expressão de dono do mundo, de invencível.

— Você só o irritará mais socando desse jeito, feito uma mulherzinha mimada. Não quero que provoque a fúria do cara, quero que o bloqueie, maldição! — Outra vez me lança um passo atrás com um tranco no ombro.

— Pare de falar, Sebastian! — Vou para a frente e bato em seu estômago. — Pare de me dar ordens! — Outro golpe. — Pare de ficar entrando na minha cabeça e bagunçando! Pare, *cabrón!* *Vaya y come mierda!*

Num piscar de olhos, o traiçoeiro me passa uma rasteira e, quando me dou conta, estou caindo no chão, estatelada, tendo o tatame a amortecer a queda.

Sebastian não se satisfaz em me derrubar e abrir o estupidamente sorriso arrogante. Ele circula meu corpo, andando a minha volta, olhando-me de cima.

— Isso mesmo, espanhola boca suja. Deixe seu temperamento ruim substituir sua capacidade de raciocinar.

Argh!

Tão rápido quanto um felino, ele está em cima de mim, despejando parte do seu peso para me prender ao chão.

— Sabe o que um maldito estuprador faria agora? Rasgaria sua roupa e se enfiaria em você.

— Pare...

— Você quer ser uma vítima?

— Saia de cima, Sebastian, por favor. — A raiva começa a amornar, ou se mistura à lembrança daquela família, a ponto de meu estômago de repente revirar em nós. Só quero que ele pare, que saia de cima de mim. Não gosto dessa sensação de vulnerabilidade.

— Abra os olhos — ele exige, e só então me dou conta de que estou tapando o rosto com as mãos.

— Saia — desta vez é pedido que faço. Um sério e honesto.

— Abra, Penélope — o tom que usa também muda. É um brando, um de quem se importa.

— Por favor, Sebastian, só saia. Não quero mais continuar — e, quando digo isso, estou me referindo a tudo, não somente a essas drogas de aulas.

— Olhe para mim, Loupe, quero que olhe para mim e veja que pode confiar. Que quero o seu bem — é a primeira vez que o apelido dado por minha mãe sai de seus lábios sem deboche ou provocação.

Retiro as mãos dos olhos lentamente. Meus pulmões queimam, fazendo algo tão simples como respirar se tornar uma missão difícil.

— Quero que saiba o que fazer. Não posso suportar a ideia de alguém te fazendo mal. Então, por favor, faça o que estou pedindo.

Uma lágrima ridícula arranha a beiradinha de meu olho direito. Evitando que ele a veja, viro o rosto para baixo enquanto assinto.

— Tudo bem, mostre o que eu devo fazer...

Sinto que ele respira profundamente.

Tento fazer o mesmo.

— Muito bem. Cair ao chão e ser montada é a pior configuração possível. Significa que você falhou em bloqueá-lo e ganhar tempo para fugir. Lembre-se, Penélope, o objetivo não é entrar numa briga com ele; fisicamente você é mais fraca numa situação assim, entende?

Aceno que sim.

— Ok. O que ele fará quando você estiver no chão é imobilizá-la. Ele a montará e manterá sua parte inferior detida. — Ele coloca peso sobre meu quadril, não todo, apenas o suficiente.

Não consigo me mexer da cintura para baixo.

— E então ele eliminará sua próxima chance de defesa para impedi-la de tentar uma reação. Veja como acontece: primeiro, ele vai usar as duas mãos dele para apanhar seus dois pulsos e levá-los acima de sua cabeça. Portanto, numa situação assim, separe os braços e o force a usar ambas as

mãos. É nesse momento em que você deve aproveitar a oportunidade.

Sebastian está inclinando sobre mim, apanhando meus pulsos. Sinto o ar que sai diretamente de suas narinas para as minhas.

— Preste atenção ao que digo, Penélope: se o desgraçado conseguir unir seus dois pulsos, ele poderá dominá-los usando apenas uma das mãos. A outra ficará livre, e você sabe o que acontece.

— Tá. Ele vai abrir o zíper e se enfiar em mim — finjo brincar, mas não há qualquer humor. Já vivi isso repetidas vezes.

O humor também não faz parte de Sebastian no momento.

— Perceba que, enquanto ele traz seus dois pulsos para cima, ele também se abaixa.

— Sim.

— Que armas você tem agora? — inquire bem perto do meu rosto.

Olho para mim mesma, os dois braços sendo imobilizados, o tronco preso.

— Nenhuma.

— Pense bem — incentiva.

— Minha cabeça? — brinco.

Sebastian arqueia a sobrancelha.

— Sério? — pergunto.

— Sim. Ele não estará esperando. Faça com que não espere. Finja que está desistindo. E, no instante seguinte, levante a cabeça o mais depressa que puder para ganhar velocidade e arrebente o nariz do desgraçado.

Detenho-me analisando graficamente a cena que ele narrou, tentando encontrar coerência.

— Eu dou uma cabeçada no nariz dele... — repito, assimilando.

— Sim. Mas *não* espere até que os dois pulsos estejam juntos para agir. Pode ser tarde.

Mordo o cantinho do lábio.

— E então ele vai me soltar? Porque lhe meti uma cabeçada no nariz?

Meu instrutor move o lábio meio de lado num tipo de sorriso.

— Não. Não vai. Aí virá o próximo golpe.

— Próximo?

— Se alguém te acerta uma fodida cabeçada no nariz, qual é a sua reação?

Penso. Lembro quando levei uma bolada na aula de educação física na infância. Aquilo doeu *pra burro*.

— Bem, ele vai levar as mãos ao nariz? — palpito.

Satisfeito com meu raciocínio, ele concorda com a cabeça.

— Exatamente. Ele terá de soltá-la momentaneamente enquanto absorve a dor.

— Certo... eu faço o quê?

— Você o golpeará diretamente na traqueia. Enrijeça sua mão dominante — Sebastian pega minha mão direita, estica e une os dedos —, vire-a de lado, como num movimento de karatê e bata com a lateral nessa região. — Ele leva minha mão ao seu pescoço, simulando o golpe. — Isso atingirá a faringe e conseqüentemente interromperá a respiração do desgraçado. Te dará tempo de empurrá-lo para fora do seu corpo e correr o mais depressa que puder.

Faz sentido.

E aqui, debaixo dele, recebendo instruções sobre como me proteger, passo a admirar esse sujeito um pouco mais... a gostar mais de alguém que se preocupa com que eu saiba como me defender.

Gostaria de ter conhecido Sebastian há 12 anos. Gostaria de saber o que sei hoje quando eu era só uma garotinha arrumando as poucas roupas e as enfiando numa sacola para ser enviada a uma vida completamente o oposto de tudo que imaginou em seus sonhos infantis de adoção.

— Obrigada — digo com sincera gratidão.

Sebastian simplesmente me olha daquele jeito profundo e intenso, mas não diz nada.

— Da próxima vez, você pode me dar também uma arma e aulas de tiro ao alvo... — Encolho os ombros. — Você sabe... só pra eu não ter que correr o risco de amarelar na hora H.

A brincadeira quase consegue extrair um sorriso dele, mas, em vez disso, ele move ligeiramente seu lábio.

Depois de mais alguns minutos em cima de mim, ele começa a se afastar.

— Acho que podemos ir para sua próxima aula. — Levanta-se do chão.

— Próxima? Combinamos somente duas se não me engano.

Recebo um olhar muito misterioso.

— Sua próxima aula, na verdade, será sobre como lidar com velhinhas trapaceiras. Vá se arrumar, vamos visitar aquela mulher e descobrir que história é essa de prima doente.

Salto do chão imediatamente, assustando a mim mesma pela energia renovada e a ansiedade de rever a *babushka*.

Deus, eu sinto saudades dela e mal a conheço.

Capítulo 28

PENÉLOPE

O caminho para a casa da prima da *babushka* leva cerca de uma hora. Eu e Sebastian conversamos amenidades no carro, ouvimos algumas músicas, mas em momento nenhum falamos sobre nós e o fato de dormirmos juntos ou sobre o futuro.

A casa onde a avó de Sebastian está hospedada fica numa zona de construções brancas do tipo coloniais, não geminadas, muito fofinhas.

Apesar de parecerem todas iguais, o homem sabe exatamente em que garagem estacionar. Ele desliga o motor e retira os óculos de sol modelo aviador. Na primeira vez em que o vi, na Holanda, Sebastian os usava também. Lembro que achei o cara muito arrogante com aquela coisa de “essa vaga é minha. Tire seu carro daí”. Bem, e não é que eu tinha razão?

Seguro uma risadinha.

De perfil, noto-o avaliar os quintais das casas ao lado e o da casa da prima, então semicerrar os olhos.

— Você percebe como a grama dela está mais aparada do que a dos vizinhos?

Presto atenção nisso, e sim, é verdade, parece mesmo... mas o que eu devo dizer?

— É... talvez sim. — Sinto que estou colocando a avó em algum tipo de enrascada aqui, então me apresso em corrigir: — Talvez alguém esteja cuidando disso para a prima, já que ela não está bem...

Ele emite um bufo cético do tipo “sei”.

— Vamos lá ver isso de perto. — Recoloca os óculos e sorri maliciosamente.

Quando descemos para o dia incrivelmente ensolarado, talvez o primeiro assim desde que cheguei, ele faz um sinal para mim, colocando o

dedo indicador em frente aos lábios, pedindo que eu fique em silêncio. Concordo. E, mais uma vez, sinto que estou colocando a avó em algum tipo de apuro. Uma emboscada.

Talvez, se eu tossir um pouco alto, ela saberá de nossa chegada. Limpo a garganta para fazer isso.

Sebastian se aproxima no mesmo momento e cola a boca contra minha orelha.

— Nem pense nisso.

Engulo em seco.

Droga.

E, em vez de caminharmos em direção à porta da varanda, na frente, ele apanha minha mão, silencioso, e nos leva pelo jardim para contornar a casa até estarmos na porta de trás.

O ar de graça brincando em seu rosto me faz morder o lábio, notando como Sebastian assim fica ainda mais lindo.

— Você irá assustá-las se chegar de surpresa — alerta.

— Não. Não vou.

— Elas são velhinhas, Sebastian. Não é certo.

Apesar dos óculos, sinto que recebo um olhar bastante significativo.

— Elas têm mais saúde do que nós dois juntos, Penélope. Espere pra ver.

Balanço a cabeça, reprovando-o... mas, em meu interior, estou mais curiosa do que nunca. E ele percebe.

— Seu lado detetive está coçando aí dentro, não é? — provoca baixinho contra meu ouvido em frente à porta traseira.

— Investigadora — corrijo cochichando.

— Oh, desculpe, senhora investigadora.

Ao mesmo tempo em que sinto vontade de derrubar o infeliz no chão e enfiar socos em seu rosto convencido, quero rir.

— Se sua avó quiser te dar uma surra por assustá-la, saiba que vou ajudar.

— Tenho certeza de que sim. Agora vamos lá.

Sem qualquer pudor ou hesitação, Sebastian gira a maçaneta da porta e a abre cuidadosamente, levando-me consigo pela mão.

Não vejo muita coisa com suas costas me impedindo, mas a cozinha é bem-cuidada e limpa, cheia de enfeites, como a da *babushka*.

Não demora, ouço vozes femininas vindas de algum lugar dentro da casa. Vozes alegres, uma falando por cima da outra. E a da *babushka* se destaca.

Ouvindo também, Sebastian me olha por cima do ombro, faz questão de retirar os óculos e os colocar na gola da camiseta para que eu veja seu ar de triunfo.

A avó dele exclama algo em russo em algum lugar da sala conforme vamos avançando.

E então Sebastian para e me puxa para o seu lado... para vermos uma mesa redonda com seis senhoras na mesma faixa etária, todas de bochechas coradas, animadíssimas, segurando cartas de baralho nas mãos.

A vó Zhená bate palminhas ao apontar para uma fileira de cartas dispostas na mesa em frente a ela, falando de uma forma, embora eu não entenda as palavras, que dá para nota que ela ganhou a partida.

O sujeito ao meu lado não resiste a limpar a garganta alto e claro. Posso sentir o humor nele mais vivo do que nunca.

— Vovó, Tia Merian, senhoras — abaixa levemente a cabeça, respeitosamente, cumprimentando as mulheres em inglês, provavelmente em deferência a mim.

Um dissimulado!

Fico aqui, parada, olhando dele para elas, cada uma delas, e me encolho um pouco, envergonhada, sem saber o que dizer.

A surpresa no rosto da avó dele não é a de quem foi pega em flagrante, é a de alguém que não esperava me ver... e está feliz. Então põe os óculos de grau, acho que para confirmar.

— Santa Mãe de Deus! Olha quem está aqui, Merian! A Loupe! Eu não disse a você que ela era linda, não disse? — praticamente regozija e se levanta revigorada, também falando no idioma universa.

As senhoras, suas companheiras, olham-se surpresas e muito sorridentes. A mais corada de todas, com cabelos tingidos de vermelho, também se levanta para vir até mim, falando num sotaque fortíssimo:

— Uma beleza de ancas largas, Zhena!

Ancas largas?

Sebastian, *el boludo de mierda*, só faz rir de mim, do tipo que está adorando ter razão.

A avó dele me abraça extasiada, tão forte que esmaga meus seios. E eu? Retribuo, apertando-a do mesmo jeito, com uma vontade estúpida de chorar feito uma bebezinha.

— Eu senti saudades — quase choramingo contra seus cabelos grisalhos. — Não pensava que ia sentir tanto, *babushka*.

— Ah, minha *vnúchka*^[39], eu também senti!

— Neta — Sebastian me faz ler em seus lábios debochados a tradução.

Não importa. Sinto que ela é realmente uma avó e de quem senti falta.

Ao afastar-me na distância de um braço, a senhora não me solta.

— Deixe-me te apresentar a essa velha rabugenta aqui. Essa é minha prima Merian, Loupe.

— Oi, é-é um prazer — cumprimento tímida, fungando.

— Ah, venha cá, eu preciso abraçar a minha sobrinha-neta! — Aquela chamada Merian me pega em um aperto muito forte também.

Enquanto sou esmagada novamente, o *cabrón* lambe os dentes da frente, mal se contendo.

É quando a avó finalmente se lembra de que ele também está aqui.

— Pensei que viria antes, rapazinho. Por que demorou tanto?

O sujeito a olha como se a desmascarasse sem se preocupar.

— Pensei que seria bom para a tia Merian ter um pouco de privacidade para se curar — enfatiza a palavra “tia”, fazendo sua avó se lembrar da conversa que tiveram sobre a mulher não ser realmente tia dele, como também a parte da cura.

Ambas as senhoras se olham despreocupadamente.

— Eu estou melhorando, você sabe, a presença dessa velha aqui tem me ajudado muito — não há qualquer constrangimento ou pista de que estejam mentindo. Chego a pensar que ele esteja enganado.

— Oh, mas isso é realmente uma boa notícia, não é, vovó? Da maneira como falou, cheguei a pensar que minha tia corria algum risco.

— Ah, mas eu ainda corro — a tia-avó — que na verdade é prima em terceiro grau dele — balança a cabeça veementemente. — Tenho medo de não viver o suficiente até o final do ano, por isso acho importante que apressem as coisas.

Apressarmos que coisas?

O sorriso ardiloso de Sebastian se desfaz um pouco.

— Não me olhe assim, rapazinho — a tia repreende. — Como se não soubesse do que estou falando. — Ela olha para a prima. — Eu disse a você, Zhená, essa juventude gosta de procrastinar as coisas, principalmente Sebastian. Enrolou a primeira noiva e vai querer nos enrolar com essa aqui também.

A avó, que nunca tem limites, parece recuperar algum instantaneamente.

— Ele não a enrolou, Merian. Ela morreu. Mas com a Loupe é diferente. — Ela afaga meu braço. — Está bem aqui, viva, e é um sopro de ar fresco nesta sala cheia de gente velha.

Não presto mais atenção ao que falam, não mais. Tudo o que ouço são as palavras “noiva” e “morta”.

— Olhem essas ancas largas, meninas, isso é maravilhoso! Loupe nos dará bisnetos muito em breve. Eu não vejo a hora! — a prima continua dizendo e dizendo e me apresentando às outras.

Uma sucessão de “Oi, eu sou a fulana, amiga de sua avó há sei lá quantos anos” em inglês cheio de sotaque passa a me atropelar. Ajo como um fantoche simpático e feliz.

Noiva morta. Noiva morta. Noiva morta.

A essa altura, evito olhar para Sebastian. Evito que possa perceber a bola se formando em minha garganta, como se peças de um complicado quebra-cabeça comesçassem a se unir e fazer algum sentido. Até que uma

delas, ao cumprimentá-lo como se o conhecesse há muitos anos, diz algo esclarecedor:

— Estou feliz que tenha encontrado ela, menino. Zhená nos contou como sofreu. Infelizmente, a vida é assim. Mas agora você está sendo recompensado com essa linda jovem!

Noiva morta.

Aceito o chá que vem a seguir, os biscoitos, e tudo desce rasgando a minha garganta embargada. Contudo, o sorriso nunca deixa meu rosto. Ninguém aqui tem culpa se me iludi com um homem que nunca será meu.

Não sei se sabendo o que estou sentindo ou não, depois de um tempo, a avó me enlaça e me convida para ir ver as roseiras que plantou ao pé de uma namoradeira no quintal.

Sebastian interfere.

— Nós temos que ir, vó. Penélope e eu temos um compromisso — a voz de Sebastian é baixa, cautelosa. Aliás, ele se manteve silencioso por todo o tempo em que o chá durou.

E não o olhei nem uma única vez enquanto isso.

— Tsc, tsc — a avó lhe nega. — Não vamos demorar, será rápido.

Continuo sorrindo ao aceitar. Acho que me tornei boa nisso.

Do lado de fora, no entanto, sinto-me partir um pedacinho por vez. E, quando subo meu olhar para enfrentar o da senhora, tenho a certeza de que ela pode enxergar essa coisa me cortando por dentro, que nem mesmo sei o que é.

— Meu neto gosta de você — ela começa. E aqui tenho certeza de que é a primeira vez em que a mulher se mostra como realmente é. Alguém lúcido, experiente sobre as coisas da vida.

Inspiro de maneira entrecortada.

— Também gosto dele. Sebastian foi bom pra mim, *babushka* — afirmo com honestidade.

Ela apanha minhas mãos e sacode a cabeça, negando.

— Você sabe do que estou falando, Loupe. E sei que também tem sentimentos por ele.

Meus olhos, traidores, subitamente se enchem de lágrimas, que não derramo. Nunca derramo. Em vez disso, levanto o queixo.

— Tenho — confesso, porque não quero mentir para alguém como ela, que me foi boa todo o tempo. — Mas isso não significa nada. Nunca acontecerá nada entre nós, e eu prefiro assim.

Aproveito, então, que tenho esta oportunidade e abro meu coração sobre algo.

— E isso não é ruim, *babushka*. Gostaria que não se preocupasse comigo, de verdade. O que eu gostaria mesmo é de aproveitar que estamos aqui para lhe dizer uma coisa... — Os músculos abaixo da língua de repente pesam na boca. — A senhora foi a primeira pessoa que me fez sentir algo que nunca pensei que teria: a sensação de acolhimento.

— Penélope... — murmura, aqueles olhos sábios a me fitarem.

— Por favor, só me deixe terminar, vó. Quando botei os pés em sua casa e vi o modo como agia com seu neto, eu senti inveja. Uma bem forte, que me apertou o peito. E inveja é um sentimento muito ruim, me desculpe. Sinceramente, me desculpe.

— Você não tem de se desculpar jamais...

— Mas quero dizer também que esse sentimento logo foi embora, e passei a sentir uma gratidão profunda pela senhora me permitir viver aquilo, me receber com tanto carinho, ceder sua casa a mim. Nunca ninguém fez nada nem parecido...

— Ah, menina, você quer me fazer chorar.

Sorrindo e fungando, eu discordo.

— Não, não. Quero apenas que saiba que, onde eu estiver, a levarei no coração; que há poucas pessoas por quem rezo no mundo, e a senhora é uma delas. Nunca me esquecerei do que fez... — Olho para cima, para o céu azul, piscando e afugentando as lágrimas. — Só... obrigada.

O abraço entre nós é uma despedida e um encontro de duas almas, de pessoas que jamais teriam suas vidas cruzadas, mas aconteceu... talvez porque simplesmente tivesse de acontecer.

Quando volto para dentro a fim de me despedir das demais, volto mais forte, ciente de que as coisas são como são e que me despedir não é um

motivo de tristeza, mas de alegria por ter tido essa oportunidade de estar aqui, numa casinha charmosa em algum lugar da Rússia, compartilhando um chá da tarde com senhoras amantes de jogos de azar.

Eu, a menina que olhava pelas grades da janela do orfanato e pensava em conhecer o mundo, conheci uma parte dele.

SEBASTIAN

Enquanto as velhas rodeiam Penélope, dirijo-me a minha avó, disposto a me despedir rapidamente e evitar o que quer que esteja pronta para dizer, a partir do olhar reprovador em seu rosto; não o primeiro que destina a mim em todos esses anos. *Nahuí*, sinto-me como um moleque de 10 anos de idade.

— Quando pensa em acabar com suas férias e voltar para casa? — opto por levar tudo na leveza. Se eu fosse qualquer outro, teria medo dela no momento.

— Você saberá quando eu mudar de ideia.

Lá vamos nós...

— Pare, vó. Já tenho um monte de merda acontecendo, não preciso da senhora me jogando mais uma.

— Atente-se à boca — avisa, sem nenhum vestígio daquela velhinha bondosa que se passa para a espanhola. — E não, não te direi qualquer palavra sobre suas ações. Você já é um homem, Sebastian. Se prefere chafurdar em sua miséria, faça como quiser.

Inferno!

— Certo. — Aproximo-me para beijar o topo de sua cabeça. — Fique bem. Estou feliz que esteja se divertindo aqui — sou franco. Realmente gostei de encontrá-la bem, apesar de já suspeitar.

Um pouquinho de sua atitude fria se desfaz quando me aperta num abraço.

— Eu me preocupo com você, Seb. Sempre me preocupei. Não quero morrer sabendo que escolheu ser infeliz.

Não é o tipo de conversa que quero ter com ela ou com qualquer pessoa.

— Eu estou bem. Basta saber disso, ok? E pare com esse papo sobre morte. — Separo-me do abraço. — Agora preciso mesmo ir. Ligo pra senhora amanhã. — Como o faço todos os dias. Afasto-me um passo.

— Tudo bem... só mais uma coisa.

Exalo uma expiração mais longa.

— Diga, dona Zhena. Eu não sairei daqui sem isso, sairei?

— Ela está indo embora. Isso... — Gesticula entre ela e Penélope, que não pode ouvi-la de onde está, envolvida na despedida com as velhas. — Isso foi uma despedida. A mulher desistiu de você, Sebastian, e está indo embora. E é para sempre. Sinto muito que tenha demorado tanto e acabou perdendo alguém como ela. — Faz uma expressão compreensiva. — Mas vou rezar para que um dia você tenha mais sorte.

Cada palavra é verbalizada com objetivo de me chamar de imbecil, apesar do que sua falsa compaixão possa expressar.

— Eu posso lidar com isso. — Obrigo-me a lhe dar um sorriso insolente. — Agora cuide para esconder melhor as cartas sob seu traseiro quando estiver trapaceando. Nem todas essas velhas são cegas, uma hora ou outra vão perceber o velho truque da saliva.

Sim, dona Zhena, vi de longe sua manobra em esconder um coringa.

Consigo arrancar dela um tipo de sorriso ou careta – nunca sei a diferença quando a velha está irritada.

Aproximo-me de Penélope.

— Precisamos ir — digo baixo, próximo ao seu ouvido.

Noto seu corpo tencionar ante a proximidade antes de se afastar de mim, como se meu toque a queimasse. Não surpreende. Ela passou a última hora, desde que chegamos, evitando-me.

— Adeus, *babushka*. — A habitual confiança da espanhola de repente parece oscilar quando envolve a velha em outro abraço, o terceiro desde que comecei a contar.

— Ah, Loupe... — Minha avó a aperta com força, força exagerada, eu

diria.

“Isso foi uma despedida. A mulher desistiu de você, Sebastian, e está indo embora”, as palavras voltam com força à minha mente.

Estreito os olhos e observo a espanhola com mais atenção. É quando capto as lágrimas nos olhos da infeliz. A velha Zhená tem razão, Penélope está se despedindo.

Inferno!

O maldito chá que as velhas me obrigaram a beber de repente arruína meu estômago. Eu deveria ter rejeitado a porcaria.

Piora quando a prima chata também insiste em dar seu adeus de novo. Afinal, quantos abraços são necessários para finalmente deixarem a garota ir?

— Vamos lá, Penélope. Temos de ir — sou obrigado a interferir.

E falo sério. Dentro de algumas horas, invadiremos o covil dos Tambovskaias. Deixar a ameaça de Verhoeven nos rondando por mais tempo é um risco alto demais. O traficante acredita que Penélope pode ser sua moeda de troca para recuperar o filho das mãos da Interpol. Enquanto ele for uma ameaça para ela, será para todos nós.

Entre a segurança dela e mantê-la presa a mim, fiz uma escolha. Não importam as consequências e o quanto a ideia de deixá-la ir me incomode... incomode *pra caralho*.

Apoio a mão na base de sua coluna para conduzi-la até a porta da frente, e não aquela pela qual entramos. De novo, percebo como rejeita meu toque, e ela espera somente estarmos do lado de fora para, enfim, se afastar.

— O que foi? — indago calmo, estudando-a com cautela, esperando que ponha para fora a merda que está em sua cabeça desde que soube sobre Lara.

— Nada — responde como quem fala do clima quente.

Inalo uma respiração profunda e a intercepto na calçada da frente.

— Olhe pra mim, Penélope.

Relutante, apesar do que quer deixar transparecer, ela se vira para mim. Com o movimento, fios soltos de seu cabelo longo voam em frente ao rosto. Ela os afasta para detrás da orelha.

Não deixo de notar o efeito do sol de final de tarde batendo diretamente em suas íris castanho-avermelhadas, dando-lhe uma tonalidade mais clara, semelhante ao mel. As sardas salpicadas no nariz e bochechas também ficam mais evidentes. Porém, o que chama a atenção mesmo são os lábios carnudos presos numa linha, como se ela forçasse a si mesma a permanecer com a maldita expressão serena.

— Vamos, diga o que há de errado — pressiono, cruzando os braços diante do peito.

— Não há nada... — tenta exprimir um tipo de sorriso que mal move a linha rígida da boca.

Arqueio a sobancelha, fazendo-a saber que essa de “não há nada” não cola comigo. Quero ouvir de sua boca.

Ela exala um bufo cansado e profundo.

— Sério, não há nada. Eu só... — Olha para o céu em busca de alguma mentira que a ajude. Então olha para a casa. — Eu só estava com saudade dela, ok? Não sei quando a verei de novo e... — Inspira. — E é isso. *Sólo* [eso](#)^[40].

— Não, não é.

Finalmente ganho seu primeiro olhar desde o que ouviu lá dentro.

— Você teve uma noiva — afirma, e a frase simples carrega grande peso.

Mando a verdade, sem simpatia:

— Sim. Eu tive.

Os olhos caem em minha camiseta, evitando os meus.

— E ela morreu.

Sorvo algum oxigênio.

— Morreu.

Merda, esse não é um assunto que eu goste ou queira falar.

E talvez, só talvez, Penélope compreende minha vontade, pois, no minuto seguinte, volta a andar em direção ao carro.

— Sinto muito por vocês. Sei como é ruim perder quem a gente ama — não há exibição de chateação ou qualquer ironia, apenas uma maldita

condescendência.

Condescendência que me irrita um pouco. O que ela pensa que sabe sobre ter alguém levado de você de uma maneira fodida, rasgando seu peito?

— Não. Você não sabe — digo para suas costas, seguindo-a. — E espero que nunca saiba.

Não sei se ela pôde ouvir o som baixo e áspero de minha voz, mas, pela maneira como os punhos se apertam, sim. Nunca prometi qualquer merda a ela ou a quem quer que fosse. Bloqueei isso da minha vida por uma razão. E não me sinto culpado em ser honesto.

Penélope para do lado de fora do carro, esperando que eu destrave a porta. Em vez disso, mantenho a chave no bolso e me aproximo. Não posso evitar.

Seu queixo se sustenta corajosamente levantado, embora cruze os braços na defensiva.

— Há coisas sobre mim que você não sabe — começo, porque, maldição, importa-me o que ela pensa. Penélope é boa, gentil, inocente, até. Não faz ideia de como minha alma é negra, morta, que não há mais nada de bom em mim que possa ser dado a ela ou a qualquer pessoa. — Coisas sobre as quais não costumo falar; não quero falar.

— Todos temos — ela refuta, e sei que está falando de seu tempo com aquela fodida família de estupradores com quem foi obrigada a viver. Penélope não sabe que a ouvi naquele dia, sobre seu passado.

Meneio a cabeça devagar, concordando, e não me detenho de tocar seu queixo gentilmente, pedindo que olhe nos meus olhos. E, quando o faz, a sensação é de que algo dentro de mim se esmaga um pouco.

— Gosto de você, Penélope. Fui sincero nisso. Não menti quando disse que quero você a cada minuto do dia, tanto que mal consigo me manter longe.

A garganta bonita, leitosa, move-se, engolindo a saliva.

Continuo:

— Mas isso não muda as coisas. Elas são como são.

— Eu sei — afirma, transparente, olhando-me nos olhos.

Inferno, devo estar ficando maluco, pois ouvir Penélope aceitando fácil assim me fode. Não sei que merda eu gostaria que dissesse. Sequer sei por que tenho essa vontade egoísta de sacudi-la e exigir que tenha outra reação.

Surpreendendo-me, ela levanta a mão e a descansa sobre meu peito.

— Eu sempre soube o que estávamos fazendo, Sebastian, desde o momento em que nos tocamos. Você nunca me prometeu nada. — Enche o peito de um modo corajoso, orgulhoso. — E eu estou bem com isso. Temos vidas muito diferentes... Não espero nada de você. Nada mesmo.

— Não quero que vá — sem pensar, deixo essa merda sair. — Sei que é o que está pretendendo, mas não quero.

A menina exala uma expiração profunda. Sua mão em meu peito cede.

— Por quê? — é uma pergunta simples. Válida. Ela quer uma razão.

Incapaz de evitar, dou outro passo, cortando a distância. Nossos peitos se roçam, e o sentido do vento traz o cheiro dela diretamente às minhas narinas. Fecho os olhos brevemente. Quando os abro, procuro ser franco:

— Porque me preocupo com você. Porque a quero segura. — Hesito como um maldito maricas... e, *nahuí!* — Porque, quando estou perto de você, lembro que estou vivo, Penélope.

Ela suspira de forma entrecortado.

— *Cierto...* [\[41\]](#)

Certo?

E aqui está outra vez a aceitação e distanciamento abrindo um abismo entre nós, apesar da proximidade física. Sua mente está feita, é fácil saber.

Movido por um desejo insuportável de domá-la, fazer sua cabeça teimosa ver o quanto é bom para ela estarmos juntos, o quanto é bom para a gente, apanho seu rosto entre as mãos e desço minha boca sobre a sua. Pressiono a língua, exigindo que abra, e, quando não o faz, lambo seus lábios, ainda contendo o gosto de açúcar dos biscoitos. Percorro a língua pela extensão até encontrar uma brecha, então mergulho fundo.

— Fique... — peço colado à sua boca, lutando contra a resistência em ceder.

E enlaço sua cintura, trazendo o corpo cheio de curvas para mais junto

do meu a fim de sentir o maldito calor que me queima por dentro quando estamos juntos... até que a tenho equilibrada nas pontas dos pés, buscando o contato também.

O gemido abafado me incinera. Vou ao limite. E, quando percebo que estou muito perto de empurrá-la contra a porta do carro, um instante de lucidez me faz lembrar de onde estamos. Então acalmo meus sentidos. Ou tento. E vou me afastando aos poucos, lamentando a perda do contato com cada célula do meu corpo.

— Fique, Penélope — repito num murmúrio rouco, mordiscando seus lábios inchados, provocando-os, antes de deixar sua boca totalmente, dando-lhe o tempo de sorver o ar de modo que acalme a si mesma também.

Devagar, retiro minhas mãos de sua cintura a tempo de pegar um vislumbre da cortina da sala se movendo rapidamente. *É claro que as bisbilhoteiras estariam assistindo*, penso com ironia.

Penélope fecha os olhos e, ao abri-los, olha-me de um jeito que não consigo ler; não consigo interpretar; tampouco gosto.

— Por quanto tempo, Sebastian? Por quanto tempo você quer que eu fique?

Não sei o que responder. É uma resposta que sou incapaz de lhe dar. Sei que só estou ferrando tudo e que, muito provavelmente, vou machucá-la, mas de verdade não sei o que dizer. Deslizo os dedos por meu cabelo, frustrado *pra caralho* comigo mesmo. Essa mulher merece que eu seja franco.

— Honestamente, eu não sei, Penélope.

A espanhola passa as mãos pela própria camiseta, alisando-a, recompondo-se também, ocultando a mágoa que enxergo claramente.

— Sabe, Sebastian, na minha terra, temos um ditado que diz: *agua que no has de beber déjala correr*.

— Água que não vai beber, deixe-a correr — traduzo, compreendendo aonde quer chegar.

— Sim — confirma, querendo dizer o que disse.

Um pedido justo.

O problema é que não sou um cara justo. Sou um puto egoísta. E eu a

quero. Do meu jeito, mas quero.

Passamos a nos contemplar por um tempo que parece longo, perfurando um ao outro, ciente de cada respiração sorvida, e, conforme os segundos vão passando, sinto-me a um assustador milímetro de puxá-la de volta, de devorar sua boca e fazê-la engolir de volta essa coisa de deixar ir.

Lutando contra isso, ponho minha cabeça de volta no lugar.

— Temos de ir. Há algo que preciso te dizer sobre essa noite, mas não quero fazer isso aqui. — Sem quebrar o contato, aponto com o queixo em direção à casa.

— Tudo bem...

PENÉLOPE

Silencioso demais, outra vez usando os óculos escuros, num clima totalmente diferente de quando viemos, Sebastian dirige alguns quarteirões para longe da casa da prima. Ele tem algo de importante a dizer, e quero ouvi-lo, mas sei que, independentemente do que seja, não posso mais permanecer ao seu lado. Para mim, não dá mais.

Conforme as casas vão correndo através da janela, reflito sobre minha vida. Quando algo me põe para baixo – uma centelha que seja –, é como se engatilhasse uma série de outras coisas a me puxarem mais e mais fundo, e isso faz com que, às vezes, eu me ressinta um pouco com o Universo. Se minha mãe, a grande atriz de teatro Paz Velasco, não tivesse morrido tão cedo, ela teria tido tempo de me ensinar coisas sobre a vida, coisas que um orfanato católico não ensina, como por exemplo: que você não pode confiar nas pessoas; que o mundo está cheio de gente má... e, principalmente, que um dia você vai amar verdadeiramente alguém, e esse amor vai te machucar mais do que toda a maldade.

É isso. Gosto de Sebastian, e gostar dói *pra burro*, principalmente agora, sabendo o que sei.

Quando ele estaciona no acostamento, estranho a escolha. E, somente então, noto que não é o mesmo caminho pelo qual viemos.

Sebastian desliga o motor, mandíbula tensa, mãos segurando o volante firmemente. Sei que as notícias não são boas.

— Os caras e eu vamos atrás do Verhoeven essa noite — o som de sua voz é levemente rouco.

Bem, por falar em más notícias...

— Esse homem está mesmo aqui? Na Rússia? — questiono baixo, com cuidado, tolamente, como se alguém pudesse nos escutar.

— Sim. Ele se aliou a uma família de criminosos daqui, e já sabem que estamos com você.

— Como? — Tento não demonstrar qualquer medo, apesar do súbito tremor nas pernas.

— Ainda não sei como, mas sabem. Bola foi emboscado. — Arfo, e Sebastian finalmente gira o rosto para mim. — O cara está bem, Penélope. Nossos veículos são blindados.

Nem sei o que dizer.

— Só posso pedir desculpas por colocar todos vocês nessa, Sebastian.

Olhando-me fixamente, ele meneia cabeça.

— Já passamos dessa fase. Estou te contando por uma razão e gostaria que me ouvisse.

Engulo em seco.

— É sobre aquilo de ele querer me trocar pelo filho preso, não é? Então era mesmo verdade...

— Sim. E é por isso que não posso te deixar sozinha em casa essa noite. Alguém pode estar à espreita, você entende?

Se eu entendo? Não. Definitivamente, não. Não entendo como a vida segura que por anos venho tentando construir para mim, depois de tudo, de repente se transformou nessa bagunça, arruinada porque uma mulher mentirosa bateu à minha porta e não fui inteligente o suficiente para avaliar a situação com calma. Aliás, a bagunça já vinha antes disso, quando me afundei em dívidas e corria o risco de ser despejada. Pensando bem, acho que nunca tive realmente qualquer segurança ou paz... Foi uma ilusão que criei, feito um conto de fadas. E agora tenho menos ainda.

— O que quer que eu faça? — indago, sobrecarregada pelo peso de toneladas de problemas que criei para mim mesma.

— Priscila está te esperando na casa dela. Você dormirá lá essa noite — não estou recebendo uma opção. Não. Sebastian está me comunicando que tudo já está acertado. Porque com ele é assim. As coisas já estão definidas. Não há mudanças, chances, possibilidades, apenas a maneira como ele decidiu conduzir a vida e o que o cerca. Como decidiu morrer junto com a noiva.

Há apenas uma exceção: ele não sabe quanto tempo me quer por perto.

E é por isso que essa situação é nociva, como um grande tanque de areia movediça que vai me levando para baixo e para baixo até eu me afundar completamente. Não posso continuar nessa. Simplesmente não posso.

Então tomo uma decisão aqui, às pressas. Um plano.

— Tudo bem. — Consigo extrair serenidade de algum lugar inabitado em meu corpo. — Eu só preciso pegar minhas coisas em sua casa.

Não “em casa”, como ele se referiu à casa da avó. Aquela casa não é minha. A minha está a muitos quilômetros de distância.

Quando ele me encara arqueando a sobrancelha, desconfiado, contemplo meu reflexo decidido em suas lentes. Essa é a pessoa que sou. Não fico sentada me lamentando pela vida. Eu luto. Eu lutei todo santo dia desde que me entendo por gente. E farei isso agora.

— Que coisas?

— Escova de dentes, roupa de dormir.

— Priscila tem tudo isso pra você na casa dela.

Sorrio, algo que não me sinto com vontade de fazer, mas faço.

— Calcinhas, Sebastian. Uso um tamanho três vezes maior do que qualquer uma que ela tenha pra mim.

Argumente agora, “cabrón”!

Capítulo 29

PENÉLOPE

Fui ensinada desde cedo a compartilhar; a abdicar de tudo e todas as coisas em nome de ter uma alma pura, livre do apego. O apego é uma fraqueza, diziam repetidamente as freiras *pendejas*. E, por muito tempo, eu não tive nada a que me apegar. O problema é que hoje, depois de adulta, quero ter, quero, sim, sentir que alguma coisa neste mundo é realmente minha. Não sou mais a menina escondida no quarto rezando para ser esquecida por ao menos uma noite. Sou a mulher que luta, que quer construir algo para si. Não importa o que meu coração esteja dizendo sobre ir embora na surdina e deixar Sebastian para trás, ter metade de alguém simplesmente não é o suficiente... ainda que isso me aperte o peito e sufoque.

Ele é incapaz de retribuir meu sentimento. Sebastian decidiu não querer tudo, e eu, então, tomei a decisão de não aceitar parte.

Enquanto esperamos que o portão da casa de Priscila seja aberto, aperto as alças da bolsa entre os dedos nervosamente. Não tive coragem de olhar para ele nem mesmo uma vez, mesmo sentindo o peso de sua atenção em mim desde que deixamos a casa de sua avó, onde a maioria de minhas coisas ainda estão... e provavelmente permanecerão, a menos que ele faça uma boa ação de me enviar pelo serviço de transporte.

É como se Sebastian soubesse o que estou prestes a fazer. O modo como aperta o volante entre os dedos, apesar da expressão impassível, revela isso.

Entretanto, afinal, o que ele espera? Que eu fique por mais quanto tempo até o homem perceber que se cansou de mim?

Levanto meu rosto e encaro o jardim através da grade. Eu me recuso a sentir culpa. Recuso-me a ser a garota de coração partido. Já enfrentei muitas coisas na vida; um amor não correspondido certamente não vai me derrubar.

Conforme o portão vai se abrindo e o carro avançando para dentro, sei que são nossos últimos minutos juntos. E, talvez por isso, não me impeço de abrir a boca.

— Obrigada... — digo em voz baixa.

— Pelo quê? — seu timbre vem grave, carregado de uma discreta acusação... ou é apenas minha consciência imaginando coisas. Afinal, ele fez muito por mim, mais do que ninguém jamais fez.

Corajosamente, mudo a direção do meu rosto para ele.

— Por cuidar de mim, por me esconder na casa de sua avó esse tempo todo... obrigada. De verdade.

Discretamente, o peito dele sobe pouco a pouco, sorvendo uma respiração profunda, e então desce. O olhar insondável por um segundo vacila e cai na bolsa estufada em meu colo, onde meu passaporte e as coisas mais cruciais estão.

— Você já agradeceu o suficiente, Penélope — diz simplesmente, parecendo distante.

Meneio a cabeça, concordando.

O motor é desligado.

Apenas o silêncio fica no ar, carregado.

Minha garganta, de repente, queima por dizer que quero ficar, que quero acordar ao lado dele outra vez e o quanto aquilo foi bom; o quanto é bom quando ele baixa um pouco a guarda comigo e apenas sorri, sorri de verdade, longe daquela sombra que está constantemente presente em seu semblante. Todavia, a razão me faz lembrar de que o homem com a sombra é quem Sebastian de fato é; que, em algum momento, a pessoa que ele amava foi tirada de sua vida, talvez por uma doença, e ele decidiu morrer junto.

— Vamos lá — fala baixo e desce.

Ainda fico sentada no banco, meio que paralisada ou tão somente absorvendo seu perfume gostoso presente dentro do carro uma última vez, memorizando-o.

Minha porta é aberta.

Subo o olhar para ele e o encontro fixado em mim. Raiva e

preocupação pairam ansiosamente em suas íris.

Lindo, lindo, lindo...

Sua mão é estendida numa oferta. Meio trêmula, aceito-a. Desço com sua ajuda.

— Obrigada... — sibilo quase sem voz.

— Você diz bastante isso — ele replica. Penso ver seus lábios se moverem um pouquinho, talvez a menção de um sorriso torto.

E ficamos assim, nos encarando sob o céu surpreendentemente estrelado se comparado aos outros dias, a centímetros de distância um do outro.

Deus, eu gostaria de poder abrir meu coração e falar para ele tudo o que sinto. Gostaria de pôr para fora essa coisa ardendo em minha garganta de um jeito horrível. Porém, sei que não é certo comigo e que, quanto mais tempo isso durar, pior será.

Então, ciente de que corro o risco de continuar aqui e fazer a única coisa que jamais fiz na frente de um homem, escolho respirar fundo e acabar com isso de uma vez.

— Vamos entrar? — minha voz, no entanto, é apenas um sopro fraco.

Noto a mandíbula, talhada de forma perfeita e masculina, se apertar.

— Quero te dizer algo antes, Penélope.

Prendo a respiração diante da rouquidão espantosa e apenas balanço a cabeça, assentindo.

— Você foi o mais perto que alguém chegou em muitos anos. Só... mantenha isso em mente.

Noto o quanto pareceu difícil para ele dizer isso e... *Madre*, as palavras entram como um punhal afiado. Sinto como se essa seja a primeira vez em que eu o vejo de verdade, a dor se sobressaindo à sombra.

Meio tolamente, o queixo tremendo um pouco, eu sorrio.

— Também quero te dizer algo, Sebastian. Loupe não é como meus amigos me chamam. Eu... — lambo o lábio — eu praticamente não tenho amigos. Loupe é como minha mãe me chamava... E, bem, lembro pouca coisa sobre ela, mas uma memória muito forte que tenho é dela escovando meu

cabelo enquanto conversava comigo, sabe?! E me chamava assim...

Sem poder me esquivar, tendo a impressão de assistir a um filme numa posição privilegiada, fico ali, parada, enquanto acompanho seu sorriso surgir, não um que exiba os dentes brancos e retos, é mais contemplativo, notando-me com cada célula de si. E então aquele olhar intenso percorre o meu, tão forte e poderoso que me faz separar os lábios e arfar baixinho. É quando ele segura meu rosto entre suas mãos de um jeito suave, feito quem pega um bem precioso.

Estática, observo seu próprio rosto se aproximar mais e mais e... e então ele me beija. Um beijo vagaroso, sentindo a textura dos meus lábios, pode ser que memorizando-a também, invadindo pouco a pouco. O mais maravilhoso de que me lembro.

Suspiro. E, instável sobre as pernas, apoio a mão em seu peito, sobre as batidas duras, tão intensas quanto ele, completamente diferentes do ritmo casto com que ele explora minha boca, enquanto incendeia minhas veias para valer.

Se eu pudesse fazer um pedido ao Universo, seria que eternizasse esse momento; que fizesse com que durasse para sempre.

Contudo, me lembro:

— *Fique...*

— *Por quanto tempo, Sebastian?*

— *Honestamente, eu não sei.*

Sebastian jamais pode me dar seu para sempre.

Isso é o bastante para me trazer à realidade; à nossa realidade; àquela em que não ficaremos juntos de qualquer forma. Não sou a sua mocinha.

Separo-me de sua boca.

— Acho melhor entrarmos...

Relutante, com mais raiva e preocupação em cada traço de seu semblante, ele aceita a distância.

— Tudo bem, espanhola. Só me espere.

Engulo em seco e não digo nada.

Conforme nos aproximamos da varanda, aquela sensação de “nunca

mais” vai crescendo e crescendo. Só é ofuscada pela luz sendo acesa e, em seguida, pela porta da frente se abrindo. E então Gael, o marido de Priscila, surge à porta, alto, em um terno escuro que o torna atraente, mas perigoso, tal qual Sebastian. Seu sorriso contido é uma máscara que posso ver claramente.

— Penélope — ele me cumprimenta fazendo uma breve reverência com a cabeça, o sotaque russo forte e presente.

— Oi... — digo, de repente tensa.

Apesar da boa aparência, algo em Gael assusta um pouco.

Ele volta sua atenção para Sebastian e passa a falar em russo. Noto que algo no diálogo não vai bem. São vozes calmas, porém, muito incisivas, principalmente a de Gael. Pode ser que ele esteja repreendendo Sebastian por essa história de ir pegar o tal Verhoeven, e confesso que me sinto da mesma maneira sobre isso.

Eu deveria pedir que ele não vá. Embora Sebastian já tenha dado provas de que está habituado a situações assim, eu deveria...

— Relaxe, ele só está dizendo o quanto está feliz por te receber aqui — parecendo compreender meus pensamentos, Sebastian zombeteiramente sussurra próximo à minha orelha.

O outro cara também força um sorriso.

— Priscila está lá dentro, te esperando, Penélope — Gael informa num tom mais acolhedor do que aquele que usou com o amigo.

Limpo a garganta.

É agora.

O fim.

Antes de entrar, no entanto, viro-me para Sebastian.

— Há algo que quero te dar... para esta noite. — Meio constrangida, tato o bolso da frente do jeans e retiro a pequena cruz de madeira, presa a um cordão com contas também de madeira: o rosário que me acompanha desde criança, a única lembrança que tenho de minha mãe. Pego a mão dele, coloco o pequeno terço na sua palma e a fecho. — Pra te proteger... — *e para que se lembre de mim*, mas essa parte eu não digo.

O olhar que recebo, fixo, sério, enquanto ele guarda o rosário no

próprio bolso da frente, quase me faz desistir; recolho, contudo, o turbilhão de sentimentos, aperto mais a bolsa entre os dedos e desvio o olhar para longe. Isso tem de ser feito.

— Adeus, Sebastian... — murmuro.

Um toque, quase um roçar de seus dedos nos meus é nossa despedida.

— Loupe... — a voz baixinha, grave, murmura atrás de mim.

Envolvo os braços ao meu redor e entro. Do lado de dentro, encontro a esposa de Gael, Priscila, esperando-me próximo a um aparador de madeira robusta na entrada, de jeans e suéter branco, cabelos loiros ondulados caindo soltos nas costas. Um sorriso otimista me recebe, apesar da aparente preocupação que consigo enxergar em seus olhos enormes e verdes.

— Oi, Priscila... Hum... obrigada por me deixar ficar.

— Ah, Loupe — diz e se move para mim.

Antes que eu possa piscar, estou presa a um abraço, um que eu precisava e nem sabia. Envolver-a também, bem apertado. Fecho os olhos e acabo deixando um soluço baixinho escapar.

— Venha comigo.

Arelada a sua mão, ando através da casa ampla, cheia de móveis de design simples e alguns sinais de que crianças também vivem aqui — brinquedos espalhados ordenadamente, fotografias pelas paredes. Ao fundo ouço as vozes dos meninos e risadinhas, que vêm crescendo e se tornando mais altas.

— Eu vou te mostrar o quarto, e você pode deixar sua bolsa lá. Só cuidado para não tropeçar numa dessas armadilhas. — Abre um sorriso que afunda covinhas em suas bochechas. — Você sabe, casa com crianças é um terror.

De repente, dois pequenos furacões surgem no topo da escada.

— É o tio Sebastian?! — um deles grita.

Subo o olhar e encontro duas réplicas de Gael: cabelos negros, olhos no exato tom do pai. Um deles tem uma faixa amarrada na cabeça, imitando um lutador.

— Não desçam correndo! — Priscila alerta numa voz maternal que

surpreende.

— Tudo bem, mamãe... — O outro encolhe os ombros, como se ouvisse isso muitas vezes. — Mas é ele?

Parecendo ansiosos, os garotos não esperam a confirmação, vão descendo meio apressados, tentando obedecer à ordem.

— É. Mas Sebastian já está de saída e... oh, o que eu falei sobre não correr? — diz quando os dois disparam escada abaixo, passando por nós duas feito foguetes. A loira bufa, frustrada.

— Aqueles são Ian e Alek, Loupe. As pestinhas mais desobedientes que você já viu. — Ambas olhamos por cima do ombro para a porta da frente sendo escancarada por eles.

Gael se afasta um passo, permitindo que os filhos saltem sobre Sebastian como o fariam em uma árvore. Daqui, do meio das escadas, não escuto o que o homem diz, mas faz os dois darem risadinhas profundas que enriquecem o ar.

— Vem, vamos deixar sua bolsa lá em cima. — Repentinamente o olhar dela confere a bolsa no meu ombro. — Parece pesada...

E, ao dizer isso, sinto que ela sabe o que vou fazer. De algum modo, ela sabe.

Capítulo 30

PENÉLOPE

O barulho que as crianças faziam do lado de fora durante a atividade física entrava através das ventarolas na janela do dormitório. Era um som alto, vivo, em que eu nunca havia reparado antes.

E, de olhos arregalados e orelhas em pé, naquela hora eu estava realmente atenta a tudo, a todos os sons, ligada, tentando prever o momento em que alguém viria me buscar, enquanto permanecia sentada no beliche, ansiosa de um jeito que nunca havia me sentido. Minhas poucas coisas acumuladas nos últimos dez anos já se encontravam dentro do saco de tecido pousado no colchão ao meu lado, conforme a Madre Superiora havia orientado algumas horas antes, quando me chamou em sua sala.

Meu coração fazia um “bum, bum, bum” assustador enquanto eu repetia em minha mente as palavras que ela usara comigo lá, em pé do outro lado da mesa em sua sala.

— Esteja pronta, de banho tomado, e guarde suas roupas aqui dentro, Penélope — ela disse no costumeiro tom de autoridade, estendendo o saco de tecido cor de areia com um emblema da prefeitura serigrafado em tinta preta.

Surpresa, rapidamente olhei daquela bolsa de estopa para ela. Era a primeira vez que eu recebia aquilo, e todos no orfanato sabiam o que significava quando uma criança recebia um saco assim. Todavia, não podia ser verdade, eu não podia estar sendo adotada. Nenhuma família viera me ver, e, o principal, eu já não estava mais na idade de ser escolhida. 14 anos era uma idade velha demais para adoção, era o que todos diziam. Então só podia haver uma explicação:

— A senhora está... está me mandando embora? — o medo estava explícito em minha voz.

Tudo bem, aquele não era o melhor lugar do mundo para uma criança

crescer. Era por vezes até sufocante, com todas aquelas regras rígidas e doutrinas, mas o convento era meu lar, o único que eu conhecia. Para onde eu iria? O que... o que eu faria no mundo lá fora?

Empurrando os óculos da ponta do nariz para mais rente aos olhos, sua expressão severa não se alterou quando esclareceu:

— Não. Você foi adotada.

Adotada? Estou sendo adotada?

Baixei a cabeça e repeti a palavra em voz baixa, testando o som dela:

— Adotada...

Na hora, não me ocorreu fazer perguntas. A notícia era atordoante demais. Eu esperara por ela durante muitos anos, então, quando a Madre Superiora me dispensou com um aceno de mão, saí daquela sala meio que flutuando, perdida. Agora estava ali, no dormitório, esperando para conhecer minha nova família. *Família.*

Meu estômago chegava a doer de ansiedade e expectativa.

E se não gostarem de mim? E se for um engano?

Olhei para baixo, para minhas mãos unidas sobre o colo. Eu já havia estalado as juntas de todos os dedos várias vezes na última hora e agora apertava firmemente o rosário com a imagem de Jesus de um lado e, do outro, Nossa Senhora de Guadalupe, a única lembrança deixada por minha mãe, Paz Velasco. O terço era meu pedacinho dela.

Ao escutar passos se aproximando pelo corredor, pressionei o rosário na palma de uma das mãos, levantei-me e fiquei ali, ereta, esperando para finalmente conhecer as pessoas boas e generosas que se tornariam parte da minha vida.

Primeiro, entrou a assistente social, uma mulher baixinha, de aspecto frio, que tratava a todos com certa apatia. Talvez sua profissão exigisse isso, quem sabe? Depois dela, irmã Úrsula, uma figura velha e cansada. E, com ela, um casal.

A mulher alta, regamente magra, pálida, de cabelos alaranjados e impecavelmente lisos vestia saia longa em tons escuros com pequenos pássaros estampados e um casaquinho de lã creme. Busquei ansiosamente seus olhos, querendo encontrar ali a mesma curiosidade e expectativa que eu

sentia. No entanto, ela ainda não havia feito contato visual; estava me avaliando, percebi.

Então mudei minha atenção para o homem. Ele era grande, vestia-se com cores marrom e mostarda, em trajes sociais. Os cabelos eram bem escuros, levemente ondulados, penteados para trás metodicamente. Não havia qualquer fio fora do lugar. A pele também possuía um tom igualmente pálido, de quem não ficava muito tempo exposto ao sol. *Talvez eles não gostem de sol*, pensei com certo desapontamento... E foi quando nossos olhares se encontraram. Um sabor azedo amargou minha língua instantaneamente diante do que havia nele.

Aquela foi a primeira vez em que me tornei consciente do meu corpo, das curvas que tinha ganhado no último ano, apesar da magreza, dos seios despontando sob a camiseta. E detestei aquele sentimento. Minhas pernas ficaram moles. Apertei mais firmemente o rosário na palma da mão e me obriguei a não sentir medo ou fraquejar. Minha mãe estava comigo.

E, hoje... ela está com Sebastian.

Pisco algumas vezes, afugentando o ardor nos olhos. Somente então me dou conta da atenção de Priscila em mim, em seu quarto de hóspedes, recostada contra a cômoda branca.

— Você está bem? — sua pergunta, sinto, não é feita levianamente. Ela parece interessada em saber.

O problema é que tenho de mentir para lhe dar uma resposta certa.

Não vou mais ver Sebastian, voltarei para casa esta noite, deixando esses dias na Rússia para trás, tal qual uma memória distante. E, droga, isso dói. É provável que ele ainda esteja lá embaixo, despedindo-se dos dois meninos, e eu já sinto saudade. Além de todos os sentimentos, conviver com ele me fez bem, a verdade é essa.

Ciente de que preciso dizer algo, forço-me a parecer natural.

— Estou, sim. — Sorrio amenamente. — Obrigada por me deixar passar a noite, Priscila... Ah, não sei se eu disse no outro dia, mas sua casa é linda.

Pela expressão em seu rosto, é óbvio que ela não engoliu uma palavra do que eu disse. Priscila é esperta, isso ficou evidente para mim. No entanto,

seu olhar tranquilo percorre o quarto como se conferisse o que eu disse sobre a casa.

— Gosto daqui... — reflete sem qualquer pretensão. — Me adaptar à Rússia não foi fácil, mas hoje aqui é o meu lar. Posso? — aponta para a cama, pedindo autorização para se sentar.

Empertigo-me, como quem diz “claro, claro”, afinal, a casa é dela. E me sento também, deixando minha bolsa perto de meus pés, no chão.

Não dizemos nada por alguns segundos, mas sinto que, outra vez, devo preencher o silêncio:

— Você tem uma família bonita.

Um sorriso crava covinhas em suas bochechas.

— Eu absolutamente não posso fingir modéstia sobre isso, garota. Você viu aqueles pestinhas? — Gesticula com a mão no sentido do andar de baixo. — São a cara do pai. Cópias legítimas. — Bate o ombro de leve no meu. — E que bom pra eles, não é?

— É... bem, seu marido é... é um homem bem-apegoado.

A *mujer* ri abertamente, como se eu tivesse contado uma piada.

— Ah, corta essa, Loupe! “Bem-apegoado”? O cara é um bastardo bonito de doer os olhos! Deus, se você soubesse o martírio que foi tentar resistir...

Rindo também, sem poder explicar o porquê, percebo o quanto é fácil gostar dela, sentar-me e bater um papo como se ela fosse uma amiga, quando mal nos conhecemos.

— Acho que deve ser coisa de russo — comento, suspirando involuntariamente.

— Com certeza é! Eles têm essa coisa temperamental e detestável de “mim Tarzan; você Jane” que é justamente o que cativa. — Revira os olhos, fingindo exasperação. — Até hoje eu me pergunto como foi que caí nessa.

— Provavelmente você não tinha muita escolha... Dizem que é assim que o destino age. — Encolho os ombros, do tipo “bem, as coisas são como são”.

Noto como o sorriso de graça vai dando lugar a uma expressão mais

enternecida, parecendo mergulhar em alguma lembrança que suaviza suas feições, provoca uma espiração entrecortada através das narinas.

— Gael foi uma das melhores coisas que me aconteceu na vida, Penélope.

Não sei se é o significado do que diz ou a profunda reverência, mas, de repente, um sentimento desagradável vem plantando gavinhas em meu coração sorrateiramente: um querer algo assim também, invejar o que Priscila descreveu; alguém que possa ser a melhor coisa que já me aconteceu.

— Eu gostaria de ter algo assim — pego-me revelando em voz alta.
— *Envidio usted y me siento pésima por eso*^[42].

Ela me observa. Permaneço com olhar fixo no chão.

— Eu disse que te invejo e me sinto péssima por isso — sinto obrigação de traduzir, apesar da vergonha. Minha glote parece querer se fechar, porém, não me detenho de continuar falando: — Vou te contar uma coisa e... — Olho para o teto, piscando mais forte. — Vai parecer meio ridículo, até, Priscila... mas eu nunca tive nada meu, realmente meu, sabe?! E não me refiro a qualquer bem material. — Penso um pouco, não podendo evitar a piada: — Se bem que bens materiais também podem ser incluídos aí. E às vezes eu queria isso... essa, essa sensação de não estar completamente sozinha na vida. Droga, que besteira, nem sei por que resolvi dizer isso agora.

Inesperadamente, Priscila pega minha mão.

— Sei exatamente o que você está dizendo. Sei mesmo — não há julgamento, apenas uma compreensão muito franca. Apoando a perna sobre o colchão, ela se vira de frente para mim. — Fui criada por uma mãe relapsa, para dizer o mínimo. Quando a gente é criança, acaba não entendendo certas coisas, e isso acontecia comigo. Eu via como os pais de minhas amigas agiam, e sofria por não ter nada daquilo em casa. Demorou pra eu compreender, para aprender a não permitir que me magoasse mais... E, se não fosse por aquelas garotas das fotos que te mostrei, eu nem sei o que teria sido de mim.

Inalo uma respiração profunda, alisando a manta branca que decora o centro da cama. A sensação é de que guardei muita coisa, e, de repente, meu organismo quer simplesmente botar para fora. Nunca realmente conversei com alguém, desabafei, nem sei como se faz esse tipo de coisa. Embora

minha língua continue a se mover e mover:

— Não dá pra entender por que as coisas acontecem como acontecem, não é? Elas só... acontecem, e a gente vai superando e superando. — Sacudo a cabeça. — É tão cansativo. *Madre de Dios*, às vezes é assim que me sinto, simplesmente cansada.

Seus dedos afagam os meus e...

Eu não deveria estar aqui e despejando nada sobre ela ou sobre qualquer pessoa.

— Desculpe. Eu não quero parecer uma reclamona chorona. Na verdade, eu não choro — revelo, orgulhosa de mim mesma. — Aprendi a dominar isso. — Aponto para meu rosto, na região dos olhos. — Sou quase o Senhor Miyagi [\[43\]](#) na arte de dominar as emoções — brinco, porque quero sair dessa situação. Quero afastar o clima melancólico. E, fazendo mais papel de tola, continuando abrindo a boca feito uma matraca, na tentativa de dissipar o deslize sentimental: — E agora também aprendi um pouco da arte da defesa pessoal. Você sabe, Sebastian me ensinou, então... — explico meio confusamente — estou pronta para o que vier.

Apesar do sorriso, Priscila continua me olhando de um modo profundo, intenso, desnudando o que guardo.

— Você gosta dele — ela afirma. Não é uma pergunta ou palpite, mas uma constatação.

E não me sinto confortável em mentir, não sobre isso.

— Gosto. Quero dizer, acho que estou gostando... mas não muda nada. Ele não está exatamente disponível, de qualquer forma.

Priscila lambe o lábio inferior e o prende, deliberando algo em sua mente.

— Por que você acha que ele não está disponível?

— Não sei, é o que sinto, sei lá. — Não quero revelar sobre o que as senhoras disseram ou sobre a sombra que sempre esteve presente em Sebastian.

Por sua expressão, ela percebe a reticência.

— Olhe, não posso falar por ele, Loupe, mas posso falar sobre o que vi e o que tenho notado. Ele parece se importar com você. Sebastian nunca

trouxe ninguém pra cá, ou agiu da maneira como age quando está por perto. — Aperta gentilmente meus dedos. — Isso tem que significar algo, não?

Na falta do que comentar, encolho um pouco os ombros. Priscila provavelmente não sabe que Sebastian foi sincero comigo sobre não criar ilusões. E é o que estou fazendo ao ir embora.

Eu deveria contar a ela meus planos. Sinto-me culpada por omitir, realmente culpada. O problema é que não estou segura quanto a poder confiar nela nesse aspecto. Priscila e Sebastian são amigos acima de tudo.

Percebo que ela me examina por um instante antes de soltar gradativamente meus dedos e sorrir de um jeito apaziguador.

— Sabe, quando conheci o Gael, eu não tinha qualquer intenção de me relacionar com alguém — conta. — Algo... Algo aconteceu comigo, no passado, que me fez não querer. Mas sabe aquela coisa de “quando é pra ser, não tem jeito”? Foi mais ou menos isso. Fugi tanto quanto pude, lutei contra aquele sentimento. Só que chegou uma hora que não dava mais. Gostar tanto de alguém daquele jeito e me manter longe estava me matando. Então decidi parar de lutar — afirma movendo a cabeça com alguma lembrança. — Foi a decisão mais inteligente que já tomei.

Ela sabe.

— Por que está me contando isso?

— Para que lembre que nem todos reagem da mesma maneira, Loupe. Alguns fogem, outros se fecham... Cada pessoa tem um jeito de lidar.

Engulo em seco.

Priscila se levanta da cama.

— Por falar em reações, acho que nosso jantar está pronto, deixei o forno no modo timing. Desconfio que vai gostar do que fiz. — Dá uma piscadinha, enterrando o assunto anterior.

Não rejeito, apesar da falta de apetite e da cabeça latejando sem parar. E fico feliz por ter descido. Passo algumas horas com ela, seu marido de olhar perigoso e vigilante e os gêmeos, dois malandrinhos, porém, inteligentes o suficiente para não contestar o pedido do pai para que comam tudo o que está sobre o prato. Um deles é um pouco mais sério, o outro, mais extrovertido, apesar de tão pequenos.

Priscila, Gael e seus filhos são a concepção que eu tinha de uma família, do jeito que pensei serem os Molina.

De volta ao quarto, carrego o celular na fonte de energia e conecto o wi-fi da casa. Priscila anotou a senha num papel e o deixou sobre a cômoda sem que eu precisasse pedir, por sorte. Enquanto baixo o aplicativo do banco no aparelho, faço todas as rezas conhecidas para que eu consiga uma passagem por menos de € 1.000,00; mais do que esse valor, é provável que eu não tenha saldo suficiente para pagar, e aí voltar para casa estará fora de cogitação.

Aproveito e baixo também o aplicativo do serviço de transporte. Com a ajuda do Google Tradutor, é possível que eu consiga me comunicar o necessário.

Abro o sistema do banco, preencho o número de minha conta e senha, dedos cruzados e... Deus do Céu, que valor é esse?! Levanto-me da cama de súbito. Puxo o dedo de cima para baixo na tela para atualizar, e nada muda. Tenho exatos € 52.752,18. Caio sentada outra vez.

— Como pode?

Abro o extrato para verificar de onde surgiu o dinheiro. Há a data, mas nenhuma informação do depositante. Verifico, então, os dados do banco emissor da transação. Copio e colo o nome do aplicativo para uma página da internet. É um banco russo. Russo!

Essa data...

“Você será paga por isso, Penélope. E ajudará alguém que está em risco.”

Sebastian... Sebastian depositou todo esse dinheiro.

No que esse homem estava pensando?!

Solto o celular no colchão e cubro o rosto, gemendo exasperada. É claro que o arrogante faria algo assim sem avisar.

Fico em pé.

Nem sei o que dizer.

É o mesmo que ganhar na loteria e, em seguida, descobrir que foi um engano. Não posso ficar com o dinheiro.

Quero rir de mim mesma. Somente eu, de todas as pessoas no mundo, encontro uma bolada dessas na minha conta e penso que simplesmente não pode ser meu.

— Não se apaixone por mim, Penélope. Ah, tome aqui, fique rica com meu dinheiro. Não crie expectativas. Veja, fiz um lanche pra você e vou te ensinar a se defender... *hijo de madre p...* — Andando de um lado para o outro, policio-me para não xingar em voz alta aquele... aquele *boludo de mierda* arrogante!

Pego de volta o celular. Vou devolver todo esse dinheiro sem tocar em um único centavo. Assim que eu chegar à Espanha, irei ao meu banco e pedirei ao gerente que o devolva. Evitei aquele sujeitinho nos últimos meses, e, depois que ele mandou confiscar meu carro por falta de pagamento, nossa situação piorou. O imbecil vai se assustar com meu saldo. Vou me inclinar sobre ele e dizer:

— Devolva esses 50 mil.

Será engraçado.

E mais engraçado ainda quando Sebastian ver que devolvi tudo.

Não desisti de trabalhar para ele e ajudar a encontrar a família daquela menina, porém, farei isso de casa. Eu pago minhas dívidas – às vezes atrasado, mas pago.

Abro uma página que pesquisa passagens aéreas e consulto o itinerário saindo da Rússia para Madri.

Meu orgulho se perde um pouco quando verifico o valor do bilhete. Uma pequena bagatela de € 2.388,00.

Limpo a garganta, um pouco mais calma de repente.

Tudo bem, mudança de planos. Vou ao banco e pedir que devolvam 47 mil; os outros três, precisarei de um pouco mais de tempo. Certo, isso parece um bom jeito de agir.

Confirmo a compra, agradecida pelo milagre de última hora, por assim dizer, e peço, então, o motorista do aplicativo, permitindo que ele encontre minha localização sem que eu precise informar – eu não saberia dizer, de qualquer forma.

Pego minha bolsa, abro a porta cuidadosamente. Por sorte, ela não

range. Outro ponto favorável é o tapete no corredor do lado de fora, que absorve o atrito dos tênis contra o piso de madeira. A casa está escura, apenas algumas poucas luzes acesas iluminam o caminho. Esperei até as 2h da manhã para sair. Meu voo sai às 7h.

Passo pela porta do quarto das crianças, semiaberta, e escuto roncoss baixinhos, provavelmente exaustos. Dou uma olhadela para trás, à porta da suíte fechada. Ótimo, ótimo. Tudo está bem. Deixei um bilhete para Priscila sobre o travesseiro, e outro para Sebastian. Amanhã ela vai ler e entender tudo. Eu não podia me despedir. Sei que é uma atitude horrível, porém, não podia arriscar.

O andar debaixo também está livre, silencioso. Desço as escadas com cautela, evitando tropeçar e ser desmascarada. No último degrau, suspiro de alívio. Alguns passos até a porta, e estará tudo resolvido.

Abraço a bolsa embaixo do braço, respiro fundo e sigo adiante.

No entanto, no meio da sala, de repente, um clique.

Amoleço.

Engulo em seco.

Então olho na direção do barulho... Gael, sentado numa poltrona de canto ao lado de um abajur que agora ilumina seu rosto e parte do corpo, na mesma roupa, jeans e suéter, de antes. Arqueando a sobrancelha como um lobo assustador, seu lábio se move de lado num sorriso presunçoso e cruel.

— Olá, Penélope. Indo a algum lugar?

Capítulo 31

PENÉLOPE

Seguro meu peito, empurrando a mão contra as batidas disparadas. É uma sorte que não sofro de qualquer mal cardíaco, do contrário, levar um susto desses seria realmente um problema. Fui pega. Depois de estar muito perto de sair sem ser vista, fui simplesmente pega em flagrante.

Gael, diferente de mim, não esboça qualquer surpresa ao me ver saindo sorrateiramente. Posso apostar que ele estava esperando por isso. Apoiando o cotovelo no braço da poltrona, o sujeito assustadoramente tranquilo tamborila o dedo indicador contra o lábio, parecendo muito, muito arrogante.

— Oh, puxa, oi, Gael — comento da forma mais recomposta que consigo, fingindo que o bendito não me assustou até a morte. Limpo a garganta. — Você me assustou um pouco, sabe?!

Seu olhar calmamente sobe para alguém atrás de mim.

— Eu não disse a você? — a voz grossa é sóbria, ligeiramente debochada.

Por cima do ombro, procuro com quem ele está falando e encontro Priscila, em pé sob o portal entre as salas de estar e jantar, próximo ao pé das escadas. Mãos escondidas dentro das mangas do suéter branco, seus lábios formam uma linha grossa, não sei bem se segurando o riso ou mortificada (ou uma mistura dos dois).

— É, ele disse, garota. — Meio que rindo, meio que se lamentando, ela encolhe os ombros. — Desculpe.

— Vocês... — Inclino a cabeça de lado, observando-os melhor. — Vocês sabiam que eu estava partindo e ficaram aqui, me esperando?

Culpada até a alma, apesar de aparentar certo humor, a expressão dela, do tipo “infelizmente sim”, responde.

— Bem — suspiro —, me pegaram...

— Você ia sair sem se despedir, Loupe? — ela indaga jogando um pouco da culpa para mim.

— Não. Bem, quero dizer, eu deixei um bilhete pra você. Lá no quarto. Sei que não é o ideal, mas eu...

— ...Preferiu sair escondida — é o marido dela, muito prestativo, que encontra as palavras por mim, naquele sotaque acentuado.

Ele e Sebastian não poderiam ser mais iguais nem se tentassem.

Sacudo a cabeça, recusando-me a cair nessa armadilha.

— Olhem, eu lamento sair desse jeito, de verdade. Não sou muito boa com despedidas. — Fito a loira, em busca de compreensão feminina. — Desculpe, Priscila. Estou me sentindo realmente envergonhada por não te dizer nada, mas achei que seria melhor assim e expliquei tudo no bilhete.

Noto o olhar estranho que ela lança ao marido, hesitante, e a maneira como Gael lhe nega com um olhar próprio, penetrante.

Aperto a alça da bolsa debaixo do braço, pressentindo que eu estava certa antes, quando escolhi não avisar sobre ir embora. Limpo a garganta.

— Chamei um carro, e ele já deve estar chegando lá na frente. Esses motoristas costumam buzinar alto... — “É melhor eu ir para não acordar as crianças” era o que eu pretendia dizer. No entanto, o casal continua fazendo essa coisa de se comunicar silenciosamente, e não estou gostando nada desse clima.

Droga, não preciso ser um gênio para compreender a situação. Basta somar dois e dois.

— Ele falou pra vocês, não foi?

Que pergunta... É claro que sim. A expressão determinada do marido russo diz tudo.

Meus ombros caem.

Yo debería haber desconfiado. [\[44\]](#)

Priscila se aproxima.

— Se te faz se sentir melhor, garota, saiba que apostei que você não iria — ela brinca, querendo quebrar um pouco a tensão.

Inalo uma respiração bem profunda e acabo sorrindo sem jeito.

— Lamento por fazer você perder a aposta. Espero que não tenha valido dinheiro — um tanto constrangida, brinco também, porque é fácil agir assim ao lado dela.

E, apesar do que possa parecer, estou feliz por essa oportunidade de me despedir. Acho que eu ficaria mal depois, por ter saído com apenas um bilhete de agradecimento. Priscila sempre foi legal comigo.

Ela emite um estalinho negativo com a língua.

— Ah, está tudo bem. — Descarta com um aceno. — Gosto de fazer apostas com ele. — Aproxima o rosto e cochicha: — Meu marido sabe ser um bom cobrador.

Seu humor inteligente, com uma pitada de malícia, tenta-me a abraçá-la. Sinto que Priscila poderia ser uma boa amiga e estou de certa forma perdendo isso.

Inalo uma respiração curta e digo exatamente o que meu coração exige:

— Apesar de constrangida, estou feliz pela oportunidade de me despedir do jeito certo, Priscila. Você foi uma boa amiga me deixando ficar aqui, me recebendo em seu lar. Eu... — afasto o súbito ardor da garganta pigarreando — sempre me lembrarei de você.

Ela sorri, um daqueles sorrisos sinceros e bonitos, prestes a dizer algo. No entanto, é interrompida pelo marido:

— Não acho que seja possível você ir embora esta noite, Penélope — avisa tranquilo demais.

Um balde de água gelada não esfriaria o clima tão rápido.

Viro-me para ele, ligeira.

— Desculpe?

— Gael... — Priscila diz ao mesmo tempo, num tom estranho, um pedido, talvez.

De repente tensa, estudo-o com cuidado, esperando que esclareça.

Contudo, em vez de ele me dar uma explicação imediata, tenho de assistir ao russo intimidante caminhar fluidamente até o bar de canto, absolutamente despreocupado. Sem pressa, Gael despeja um pouco de uísque dentro de um copo transparente, gira-o, contemplando satisfeito o

redemoinho do líquido âmbar, para então sorver um bom gole. Acho que age assim para provocar, ciente de que aguardo uma justificativa. É como se não desse a mínima para os meus planos.

— Por que não posso ir? — insisto, falando com suas costas.

O homem reabastece seu copo e despeja uísque num segundo copo também antes de finalmente abrir a boca:

— Sebastian foi claro em seu pedido de que você o esperasse.

É óbvio, por que não previ?

Aperto mais a bolsa junto ao corpo.

— Olhe, sinto muito, mas não posso esperar, tenho um voo para daqui algumas horas — sou taxativa.

Ele se vira segurando ambos os copos.

— Sua segurança foi confiada a mim, Penélope — o tom é sereno e eficiente, daquele que simplesmente comunica, não pede. — Você permanecerá aqui enquanto ele termina o que precisa ser feito.

Bufo baixinho, irônica. Como explicar algo sem correr o risco de ofendê-lo? Bem, *allá voy*:^[45]

— Ficarei segura embarcando para casa, Gael. Sebastian não pode fazer essa escolha por mim, não pode me obrigar a ficar. Sou uma cidadã espanhola, livre. Mas obrigada por você se preocupar. Não sei nem como expressar o quanto sua intenção significa pra mim e... — as últimas palavras perdem um pouquinho da força quando ele vem em minha direção feito um felino de olhar frio.

Engulo em seco. O sujeito é intimidante sem muito esforço, devo admitir.

— Sebastian não está te obrigando, Penélope — “esclarece” sem perder o distinto controle. A parte do “eu estou” fica implícita.

Surpreendendo-me, ele me estende o outro copo, oferecendo a bebida. Fico um pouco sem reação ante o gesto, na verdade. Olho dele para o uísque, tentando compreender sua jogada.

— Aquele *cabrón* pediu que me embriagasse? — a ideia é ultrajante, porém, nada absurda.

Ele ri, um lampejo rápido – e meio cáustico. No entanto, é o suficiente para quebrar um pouco da austeridade em seu semblante.

— Não. Ele não pediu. Essa é por minha conta. Beba.

Apesar de sua presunção, a oferta não é ruim.

De queixo erguido, aceito o copo, mantendo meu orgulho ao esclarecer:

— Um pouco de álcool antes de uma viagem de avião não é de todo mau. Detesto voar. Obrigada.

— É. Eu me lembro bem dessa parte — ele comenta misterioso, como se soubesse de algo que não sei.

E beberica sua bebida também.

Priscila assiste a tudo cautelosa, provavelmente conhecendo bem o marido que tem e o quanto ele pode ser intimidante. Porém, ela não tem com o que se preocupar. Sei resolver situações difíceis assim. Pretendo tomar o uísque e sair sem drama.

Vejo quando ele tateia o bolso da frente e retira um celular, olha para a tela acesa e digita alguma coisa.

— É ele? — deduzo, acreditando que Sebastian pode estar se comunicando.

Sinto certo alívio ao saber que aquele homem está bem o bastante para usar o celular; é sinal de que tudo está dando certo.

— Não — Gael responde sem levantar o olhar da tela. — Seu carro chegou. Pedi ao segurança lá fora que o mande embora.

Engasgo com a bebida.

— Como é?! Você...?!

Sob os cílios grossos e negros, recebo uma encarada significativa que diz: “sim, eu o fiz”.

Cabrón arrogante de mierda!

— Ora, você não tem esse direito! Isso foi... isso foi... — enquanto procuro palavras ofensivas o bastante, o olhar gelado detém o meu, ansioso por ouvir, desafiando-me.

Priscila pigarreia.

— Marido, você se lembra do que conversamos? — decide interferir num tom que não parece contente também.

— *Krasavitsa*. — Ele muda a atenção para ela de um modo intenso, profundo, contendo mais do que uma advertência, possivelmente uma ameaça com teor íntimo.

— Não. Nada de *Krasavitsa*. E não me olhe assim. Combinamos de resolver tudo conversando como adultos, sem essa coisa de macho predominante.

— Isso mesmo, Priscila. Ele não pode cancelar meu carro assim, não é certo — busco seu apoio. — Tenho de estar no aeroporto às 7h.

Gael arqueia a sobrancelha negra e me fulmina, sério, como se dissesse “esse é seu plano, jogar minha mulher contra mim?”.

A esposa respira fundo, audivelmente, do tipo “lá vamos nós”. Em sua sala, há um russo que mais parece um daqueles gângsteres dos filmes e uma mulher determinada – no caso, eu.

— Certo, vamos todos nos sentar, por favor, e conversar sobre essa situação — ela racionaliza.

— Pini... — recorro ao apelido.

— Por favor, Loupe, vamos só tentar resolver isso. Estou do seu lado, eu prometo.

É a promessa e o apoio que enxergo em seu rosto que me impele a ceder. Sinto-me como num tribunal. Sou a ré, sentada no enorme sofá, tendo ela ao meu lado, feito uma advogada, enquanto Gael se estabelece de volta àquela poltrona de imperador dono do mundo e nos observa indolente, provavelmente irredutível sobre me deixar ir.

A mulher loira une as mãos, do tipo “muito bem, vamos começar”.

— Por que você quer sair assim, com toda essa urgência, Penélope? — é uma pergunta honesta, realmente interessada.

Lambo os lábios, escolhendo o que dizer.

— Não posso ficar, Priscila. Eu escrevi a razão no bilhete.

— Você se importa em me dizer? — pede gentilmente.

Olho dela para o marido, sentindo a vergonha aquecer meu rosto aos

poucos.

— É complicado...

A atenção afiada, semelhante a uma águia de olhos turquesa, do russo está em mim, agora mais interessado.

Balanço a cabeça, exigindo de mim mesma coragem.

— Eu te contei antes do jantar sobre... sobre o que eu sinto. Lembra?
— minha voz vai se tornando mais baixa a cada segundo. — Não posso mais ficar aqui e... e não me faz bem essa situação.

— Que situação? — é Gael quem pergunta.

Droga, ele vai mesmo me obrigar a falar?

Levanto o queixo, mantendo o mínimo de dignidade.

— Gostar de alguém que não pode me corresponder. — Então, em seguida, involuntariamente murcho um pouco. — Hoje eu descobri uma coisa, e foi bom, porque me abriu os olhos.

— Que coisa?

— Isso não importa agora. Eu só não posso mais ficar aqui.

— Que coisa, Penélope? — Gael torna a indagar, numa voz profunda e grave de quem exige uma resposta.

Dane-se!

— Sebastian teve alguém no passado... — Observo detalhes de minha calça jeans levemente desbotada pelo tempo, escondendo a vergonha por estar fazendo fofocas e suposições sobre a vida dele. — Acho que ainda gosta dela.

— Sebastian te disse isso? — Priscila questiona cuidadosamente.

Nego com um aceno.

— Não, a prima da vó Zhená falou sobre uma noiva que morreu, e as coisas fizeram sentido. Ele sempre me avisou pra não cultivar qualquer ilusão a respeito do que esperar, então nem posso culpá-lo. Acho que Sebastian ainda ama essa moça...

Pego-me descansando a bolsa no chão, disposta a compartilhar uma parte do que estou sentindo. Não tenho nada a perder, e, se for do que precisam para me deixar ir, então que assim seja.

— Estou gostando dele e, permanecendo naquela casa, corro o risco de esse sentimento crescer e me machucar no final. Vocês podem pensar que estou sendo boba por agir assim, mas sei onde meu calo aperta. Sei dos sonhos que tenho. Quero um dia construir uma família com alguém, ter um lar, filhos... E nada disso é possível se eu continuar aqui, perdendo meu tempo com quem não me quer, sendo um caso de caridade pra ele, enquanto aquele homem cria raízes no meu coração.

Subo o olhar para o teto, piscando mais forte.

Silêncio.

E mais silêncio.

Torno a abrir a boca, não podendo evitar:

— Quero alguém que possa me amar. — *Sim, é isso o que quero*, reafirmo para mim mesma, num lembrete. — Sou grata pelo que Sebastian fez por mim, porém, não me faz bem continuar aqui. E é por isso que vou embora.

Nenhum deles diz nada.

Então acrescento, determinada a encerrar minha defesa:

— Sei que são amigos dele e estão dispostos a fazer o que Sebastian pediu, mas saibam que não importa o que me digam, eu vou pegar aquele avião e voltar pra minha casa... — inspiro suavemente, satisfeita por soar forte. — Além de que uma passagem de última hora num voo internacional custa um absurdo, para ser perdida.

— Lara era minha irmã — a voz grave e densa de Gael de repente quebra meu discurso e me faz subir o olhar para observá-lo melhor.

— O que disse?

— A noiva dele. O nome dela é Lara. Minha irmã.

Petrifico diante da informação. Abro os lábios; nada sai. Fecho-os de novo.

— Ela foi assassinada junto aos meus filhos.

Oh...

— Eu... eu sinto muito — sussurro, obviamente compreendendo a dor que isso causa a ele pela maneira como seu corpo parece tenso, os olhos

claros, enegrecidos e desfocados.

Passo dele para Priscila. Eu jamais poderia imaginar que o casal passou por algo assim, que perdeu seus filhos.

— Sinto muito, Priscila.

Sua expressão é de profundo pesar. Sem tirar os olhos do marido, como se quisesse remover dele a lembrança que lhe causa dor, ela me explica:

— Eu não conheci os filhos do meu marido que foram mortos, Loupe, e nem a irmã dele. Gael e eu nos conhecemos cerca de dois anos depois.

— Ah...

Mordo o cantinho da boca, sem saber o que dizer.

A casa enorme repentinamente se torna silenciosa demais; é possível até ouvir o tique-taque do relógio na parede.

Então a voz masculina num timbre mais baixo preenche o vazio, profunda, distante:

— Lenin e Irina eram gêmeos, tinham seis anos quando aconteceu. Minha irmã estava passando alguns dias em minha casa, visitando-nos. Os três foram assassinados e jogados numa vala.

Apesar da frieza, é a dor parcialmente oculta em sua voz e a rigidez no maxilar que exhibe o quanto é difícil para ele ter de relatar a história, talvez revivê-la outra vez.

E inevitavelmente penso em Sebastian, que deve compartilhar os mesmos sentimentos. Quase posso visualizar em minha mente o sofrimento similar escurecendo todo o seu semblante... a sombra, que, na verdade, sempre esteve lá. E eu só não sabia o motivo.

Quero perguntar como aconteceu, quero dizer, por que alguém mataria duas crianças e uma jovem? Acho que a pergunta fica explícita no meu rosto.

— Lara estava investigando o desaparecimento de uma amiga secretamente. Minha irmã não contou a ninguém, nem mesmo a Sebastian. E foi essa investigação que atraiu os assassinos até ela, até minha família. Os malditos faziam parte de uma rede mundial de traficantes de mulheres, sabiam que ela podia denunciá-los a qualquer momento, e a mataram.

Traficantes de mulheres. A noiva de Sebastian estava investigando

traficantes de mulheres.

Fecho os olhos e me lembro daquela manhã, no hotel da Holanda, quando ele voltou depois de me deixar a noite inteira sozinha esperando. Sebastian me pediu que viesse com ele para a Rússia. Lembro-me de suas palavras, como me lembro de tudo o que já conversamos: “Venha comigo, e te ajudarei a encontrar a menina que está procurando”, ele ofereceu; e, quando perguntei por que ele estava me ajudando, sua resposta foi “Falhei no passado. Não posso aceitar isso acontecendo outra vez.”

Minhas bochechas se tornam mais quentes, como se recebessem pequenas agulhadas. Os ouvidos são preenchidos com aquela sensação de estar debaixo d'água.

— Sebastian... — *acha que falhou com ela*, é o que eu gostaria de dizer, mas a frase morre comigo.

Gael interpreta como sendo uma pergunta sobre o homem.

— Sebastian e Lara se conheciam desde crianças; começaram a namorar muito jovens e estavam prestes a se casar quando as coisas aconteceram. A morte de minha irmã foi um baque muito forte pro cara. Pra todos nós, toda a família. Eu e ele, no entanto, não tivemos tempo para viver a dor.

Levanto a cabeça.

— Por que não tiveram?

Minha pergunta o faz cravar seu olhar em mim de um modo penetrante, perigoso, até. Em busca de algo.

Elevo o queixo, segura.

Ele assente.

— Acho que você é alguém confiável para saber que nós vingamos a morte de minha família, Penélope — a declaração é cruel, livre de qualquer remorso, crua e fria. — Passamos dois anos fazendo uma caçada aos responsáveis e só paramos quando o último deles estava morto. A vingança não nos permitiu ceder à dor, e nós precisávamos dela.

— Eu... eu entendo — sussurro, pois, ouvindo isso, realmente entendo.

Penso em Annie, a garota que me ajudou a conseguir um emprego na boate, e em como ela foi morta apenas por me ajudar. Bandidos como aqueles

merecem punição, principalmente quando as vítimas não passam de duas crianças inocentes e uma mulher em busca de respostas. Minha formação cristã não aceita a vingança como justiça; minha experiência de vida, porém, a apoia, principalmente em casos como o de Annie, das crianças, de Lara, da garota da foto que Sebastian me pediu para encontrar e de outras espalhadas pelo mundo.

— Eu entendo — repito.

Gael escora as costas contra a poltrona, a aura sombria de segundos antes cedendo um pouco.

— Como eu disse, Sebastian e eu não tivemos tempo para viver a dor naquela época, contudo, quando a missão terminou, o luto inevitavelmente veio. E cada um de nós teve de lidar de um jeito.

Lambo os lábios.

— Como você lidou?

O olhar dele encontra a esposa, queimando-a tamanha a intensidade.

— Eu a conheci. Priscila. Ela foi a minha redenção.

Arfo baixinho.

— E Sebastian não deixou ninguém entrar... — concluo por conta própria.

Ele inclina a cabeça, parecendo parcialmente em acordo.

— Até recentemente, não.

— Até recentemente...? — Semicerro os olhos, buscando nas entrelinhas de sua expressão séria o que quer dizer.

— Você entrou na vida dele. Sebastian a levou para a casa daquela velha maluca, a única família que o cara conhece, o lugar onde ele mais preza no mundo.

Meio que bufo, meio que rio de escárnio.

— Não é desse jeito que você está dizendo... Na verdade, cometi uma sucessão de erros que não deram opção a ele. Era ele me afastar da situação, ou eu meter os pés pelas mãos e ferrar com tudo. Acredite, as coisas aconteceram exatamente assim.

Firme, ele descarta com um meneio suave de cabeça.

— Você não o conhece. Nada com o cara é “por falta de opção”. Sebastian é preciso; ele não deixa bagunça residual; não dá um passo em falso. O cara foi o melhor atirador das FAR. As Forças Armadas Russas o tinham como elemento surpresa, conscientes do seu nível de acerto. Se você está onde está, é porque ele quis assim.

Baixo os cílios para observar meus dedos entrelaçados, um pouco envergonhada – o orgulho um tanto ferido – em ter de revelar algo que derruba por terra essa teoria.

Entretanto, estamos todos sendo honestos aqui.

Então, em voz baixa, eu lhes conto:

— Eu gostaria de acreditar que sou alguém importante pra ele, sabe? Mas não acho que seja assim. E vou contar a vocês a razão que me fez tomar essa decisão de partir hoje. — Vou contar porque sei que, ao me ouvirem, vão chegar à mesma conclusão que eu. — Essa tarde, Sebastian me pediu pra ficar. Ele disse “fique” com todas as letras. E, quando perguntei por quanto tempo, sua resposta me machucou mais do que eu esperava.

— O que ele respondeu? — é Priscila quem indaga, meio protetoramente, e meu coração aquece um pouquinho com sua reação.

— Ele disse que não sabia. — Viro-me para ela. — Ele não sabe por quanto tempo me quer por perto, Priscila, você entende o que isso significa?

A expressão em seu rosto muda.

— Sim, Loupe. Eu entendo.

E então ela se vira para o marido, parecendo mais forte, mais determinada.

— Ela deve ir, Gael.

— *Krasavitsa...*

A mulher nega o aviso do marido.

— Por favor, ouça. Se Sebastian a quer, deve primeiro admitir a si mesmo. Você nunca hesitou em me fazer saber que me queria, Gael. Lutou por mim desde o primeiro dia, e foi justamente isso que me fez parar de resistir contra o que eu também sentia. Seu amor me transmitiu segurança — noto sua voz oscilar, parecendo emocionada, embargada. — É isso o que a Loupe merece. Alguém que lute por ela. Se Sebastian pode fazer isso, então

faça, mas se não pode, que a deixe livre.

Percebendo a batalha sendo travada dentro do marido sobre trair um pedido do amigo, ela se levanta do sofá.

— Será para o bem dele. Sebastian precisa deixar o luto ir embora definitivamente.

Era o que faltava para o peito largo do homem se estufar numa grande e profunda respiração. Resoluta. A consideração dele por Sebastian é muito transparente, mas sei que, apesar de contrariado, sua decisão mudou.

— Tudo bem, vamos lá. Eu vou te levar ao aeroporto, Penélope.

O sorriso que a mulher oferece ao marido aquece tudo em volta, tamanho o orgulho.

— Eu sabia que você tomaria a melhor decisão, marido.

— Você me deve uma, esposa. E cobrarei ainda esta noite.

Literalmente no meio da química densa que o casal compartilha, pego de volta minha bolsa do chão. No fundo, foi bom ser pega em flagrante. Esclarecedor. Pensei que eu era um caso de caridade para aquele homem, mas, na verdade, sou uma distorcida tentativa de remissão pelo que ele acha que não fez pela noiva morta.

Meu coração se aperta por ele. Apesar da perda, Sebastian é alguém forte, de coração bom, protetor... São coisas que não dá para esquecer assim tão fácil. Vou sentir muita falta dele. Tanta que já dói. Espero que não guarde mágoa pela forma que escolhi pôr um fim a essa situação entre nós.

Capítulo 32

PENÉLOPE

Si usted no espera algo, no tiene cómo decepcionarse^[46], provavelmente essa é uma regra universal... ou deveria ser.

Nunca pensei que Sebastian e eu teríamos alguma chance de verdade. Não sei bem quando comecei a me apaixonar por ele, mas sei que jamais criei qualquer ilusão sobre um futuro entre nós. Eu sempre soube que, cedo ou tarde, as coisas teriam um fim. Embora doa um pouco, talvez seja justamente esse conhecimento que irá me salvar no final de tudo, quando eu estiver sozinha em casa e processando a loucura que foi minha vida nas últimas semanas; quando eu me der conta de que nunca mais o verei.

Sebastian não me prometeu nada, e eu nunca me iludi a esse respeito. Conheço o outro lado da moeda, aquele em que fantasiei uma vida florida e fui arrastada ao fundo dos horrores.

Analisando bem minha atual situação, no carro indo com Priscila e Gael para o aeroporto, percebo o quanto é curiosa a maneira como as coisas acontecem. Foi justamente dentro de um veículo, anos atrás, que senti minha vida mudando. Ali, eu cultivava a esperança de estar sendo levada para um lar, com uma família boa, que me amaria e protegeria. Conforme a paisagem passava pela janela, eu sonhava com como as coisas seriam melhores, um Natal em família, meus novos irmãos, um quarto só meu... sonhava, apesar do que o silêncio sinistro do casal Molina dizia.

Naquela tarde, minha recepção de boas-vindas foi um tour pela casa. A mãe, em tom austero, foi abrindo portas e dizendo “aqui é o quarto do fulano”; “a cozinha”; “a lavanderia”; “vassoura e produtos de limpeza ficam neste armário”; “e aqui é onde você ficará” – uma cama num quatinho atrás da cozinha, entre as ferramentas do pai, bicicletas dos garotos, caixas de papelão contendo itens sem utilidade.

Mal sabia eu que o sonho de um quarto cor-de-rosa só meu nem era a

pior coisa que eu perderia naquele dia.

Então, se é para falar sobre ilusão, minha adoção, sim, foi uma. Não Sebastian; ele foi honesto, verdadeiro sobre o que esperar. E eu o admiro acima de qualquer coisa.

— Você está bem? — Priscila indaga conforme vamos entrando na área de embarque do aeroporto.

— Uhum — respondo o que consigo e deixo o resto por conta de um sorriso forçado.

Não estou bem, mas também não me sinto mal... só muito triste, eu acho. E, bem, era o esperado.

Enquanto Gael estaciona o sedan de vidros escurecidos na vaga vazia, em função do horário, noto um carro semelhante parar logo atrás. As portas dele se abrem em sincronia com as nossas, e basta observar como reagem para saber que trabalham para o russo. Seguranças, provavelmente.

— Essa bolsa parece pesada — Priscila observa enquanto eu e ela damos alguns passos rumo às portas automáticas e deixamos seu marido para trás, junto aos homens.

— Coloquei tudo o que pude dentro dela, achei que ele desconfiaria se eu pegasse minha mala de viagem... Ela é meio chamativa, sabe? — encolho um pouco os ombros, numa tentativa de piada.

— Sinto dizer, garota, mas parece que seu plano não deu muito certo — brinca, batendo seu ombro no meu.

— Eu adorava aquela mala...

Passamos pelas portas automáticas.

Priscila confere os homens lá fora por cima do ombro. A partir do seu olhar, faço o mesmo. Gael parece dar instruções a um deles, o ruivo.

Ela apressa um pouco o passo para fugir da sua linha de visão. Então para abruptamente e se vira para mim.

— Penélope, há algo que eu quero te dar. — Puxa um papel dobrado do bolso da calça. — Aqui. — Coloca-o na minha mão. — Guarde. Se um dia você precisar, esteja onde estiver, quero que mantenha isso. Meu telefone e os das minhas amigas, aquelas que te mostrei nas fotos. Essas meninas são irmãs pra mim, estão no Brasil, mas não mediriam esforços para te ajudar.

Olho para o papel e para ela.

A expressão em seu rosto é a mais sincera.

— Estou te dando isso para que saiba que você não está mais sozinha, independentemente de onde estiver. Há pessoas a quem pode recorrer não importa o que precisar. Eu já falei com elas. — Ela apanha minha mão e a fecha, então a segura. — Eu vejo muito de mim em você, Loupe. Muito mesmo. Um dia vou te contar minha história, e compreenderá.

Sinto o papel entre os dedos.

Por alguma razão, faz diferença saber que ela se importa comigo. E esse sentimento salpica um ardor nos olhos, na glote quase irritantes. Não vou chorar, não aqui.

— Vou sentir sua falta, Pini...

Impulsivamente a envolvo num abraço dolorido para mim, um de despedida, que me entristece. Gostaria de poder acreditar que ainda seremos amigas, mas não sei como isso poderia funcionar. Somos de lugares muito diferentes.

Logo Gael se junta a nós.

Percebo que um dos seguranças, aquele ruivo, entra no saguão do aeroporto também, porém, vai para o lado oposto, em direção aos balcões das companhias, talvez para checar meu voo e transmitir a informação ao chefe.

É a hora.

Aqui, preciso me despedir deles e deixar essa parte de minha vida para trás... Se eu for honesta, a melhor parte. Nada foi mais emocionante antes, ninguém me recebeu tão bem como a vó Zhená ou Priscila. E nenhum homem fez meu coração bater descompassado, o estômago revirar de uma forma gostosa ou me olhou daquele jeito profundo e expressivo como Sebastian. Espero que ele seja feliz, verdadeiramente feliz. Torço por ele.

— É isso... eu... — lambo os lábios secos — eu preciso ir.

— Você tem certeza de sua decisão? — Gael, numa voz baixa, séria, indaga.

Olho-o diretamente nas turquesas frias, como se não houvesse nada além de gelo em seu interior. Porém, fui testemunha de que não é real. Há calor e vida dentro dele, talvez destinados somente a poucas pessoas no

mundo, porém, há.

Levanto o queixo.

— Sim, eu tenho — a dignidade com que consigo afirmar me causa certo orgulho.

Ele meneia a cabeça lentamente, estudando-me com olhos estreitados, afiados.

— Ele não ficará feliz — afirma em tom de aviso.

Um sorriso sem vida move meus lábios.

— Sebastian é forte, ele vai superar.

Minha brincadeira sequer altera os traços severos de seu rosto. A contrariedade em me deixar partir é visível. Gael não acredita ser certo que eu vá, mas o faz porque a mulher pediu. E sou grata a ela.

Não me detenho de abraçar Priscila outra vez, um longo e apertado abraço. Meu nome é exprimido entre seus lábios de uma forma estremecida, assim como meu “adeus”.

Por último, dou a ele um abraço rápido também. É claro, pego-o desprevenido. Porém, não importa, Gael foi bom para mim; contra tudo o que ele exhibe, há um coração bom ali dentro, um que também se preocupa com o amigo.

— Cuide dele pra mim, Gael — peço, sem poder evitar.

Segurando lágrimas estúpidas, abraço minha bolsa, de cabeça baixa, e caminho para a área de check-in. É meu segundo voo internacional por companhia aérea. O primeiro deles, indo para a Holanda, e agora, saindo da Rússia. Contudo, hoje, sinto que não sou mais a mesma mulher que chegou a este país. Saio daqui mudada, com novas perspectivas, experiências, conhecimentos e uma maneira diferente de olhar o mundo.

Pode ser momentâneo, porém, não sei mais como me encaixar na minha antiga vida. A sensação é de que ela não me cabe mais. Eu mudei e não sei o que isso significa.

Depois do check-in feito, entro na área de embarque e busco por uma poltrona confortável onde eu possa me sentar, quem sabe me encolher um pouco também e tentar ignorar o vazio que vem crescendo e crescendo e tomando formato no meu peito de um jeito esquisito, opressor.

O dia ainda não amanheceu. Três passageiros estão espalhados pelo lugar, cochilando. Eu deveria fazer o mesmo. Contudo, sei que dormir é a última coisa que eu conseguiria fazer agora.

Penso na avó, aquela senhora de personalidade única, com aparência pequena e frágil, porém, detentora de uma força interior impressionante. Lembrar-me dela me faz querer rir. Quem sabe se eu tivesse usado o livro de “simpatias para laçar os homens”, o desfecho de minha história com seu neto poderia ser diferente.

Pelo menos, valeria a tentativa.

Besteira, provavelmente nem um machado cravado diretamente na cabeça de Sebastian o faria me colocar lá dentro.

Sem testemunhas, fungo um pouco, afastando o marejar dos olhos.

“Você eu vou proteger”, Sebastian disse naquele banheiro, depois de me olhar intensamente, parecendo desafiar o destino. Agora sei por que. Aquele homem acha que poderia ter evitado a morte da noiva, alguém que conheceu a vida inteira, que amou e com quem planejou um futuro. Em sua mente, ele falhou com ela. E é justamente por isso que as coisas entre nós nunca dariam certo. Não quero ser o caso de caridade de alguém. Não sou uma vítima. Mesmo nos piores momentos de minha vida, eu lutei, lutei até que meu suor ensopasse o corpo e, se perdi, perdi lutando.

A vida me ensinou que há duas maneiras de lidar com o que ela manda: se encolhendo e chorando; ou levantando a cabeça e mostrando que ela não pode te atingir. Viver num orfanato junto a pessoas que usavam regras rígidas e a religião como pretexto para me punir e com crianças que sabiam ser igualmente más me deixou com um tipo de couro mais grosso para lidar com o pior que viria depois. Apesar de não estar preparada para o que eu encontraria na casa dos Molina, eu já era boa em enfrentar as dificuldades de cabeça erguida.

Naquela madrugada, em meu primeiro dia na casa, quando a maçaneta da porta girou e aquele vulto silencioso entrou passo a passo no quarto, eu sabia que não podia esperar coisa boa. Apesar do medo absurdo, eu lutei quando uma mão pressionou minha boca e afundou minha cabeça agressivamente contra o travesseiro. Esperneeii quando um corpo grande e rude me prendeu ao colchão, despejando um peso horrível em cima de meu

esqueleto magro. Quando tateou a camisola gasta, lágrimas de raiva e impossibilidade borraram meus olhos.

A dor que senti ao ser invadida daquele jeito se transformou em mais luta. E eu lutei e lutei dia após dia. Quando o filho passou a fazer a mesma coisa, eu lutei. Quando a mãe piorou seus ataques sobre mim, lutei. E me tornei um cão preso, trancafiado, morto por fora, porém, de mente pronta para continuar tentando fugir e lutar.

Dói voltar para a Espanha e deixar Sebastian para trás, dói *pra burro*, porém, sobreviverei a isso também.

Limpo os olhos borrados.

Que droga, vou sentir falta daquele “cabrón”.

Pisco uma vez, duas e dou uma olhadela em volta. É quando focalizo a pessoa sentada a algumas poltronas de distância.

Ah, por tudo o que tem de sagrado!

— Ei...! — chamo num cochicho nada discreto, sem acreditar.

Ele deixa a tela do celular de lado e me olha, impassível.

— O que você...? — Gesticulo ao sujeito russo que vi lá fora há uma hora, dono de cabelos alaranjados, rosto coberto por sardas e um corpo tão grande que torna a poltrona visualmente menor do que é.

A expressão profissional em seu rosto não se altera.

— Ficarei aqui para sua segurança até que embarque, senhorita.

Ao escutar, um passageiro sonolento abre os olhos e nos confere, curioso. Cerca de cinco segundos depois, não encontrando nada de interessante, ele volta a cochilar.

Levanto-me da minha poltrona e vou até o segurança me sentar ao seu lado e conversar mais de perto, ainda sem acreditar.

— Foi o Gael que pediu?

— Sim.

Mordisco o lábio.

— Mas você não embarcará comigo, certo?

A expressão indiferente vacila um pouco antes de responder:

— Não.

Olho-o desconfiada.

— Bem, se Gael acha necessário, não serei eu a causar problema. — E continuo estudando-o, tentando ter certeza de que está falando a verdade.

Silêncio.

Ele volta a mexer no celular.

Então um pensamento me ocorre.

— Como te deixaram entrar aqui?

— Comprei uma passagem — responde sem emoção, olhos na tela.

Balanço a cabeça, concordando.

— Uma passagem apenas para se sentar na área de embarque? Vocês, russos, gostam de gastar dinheiro desnecessariamente... — joga a isca.

Nem sinal de que dirá qualquer coisa. Apenas silêncio indiferente.

Tamborilo os dedos sobre a bolsa em meu colo. Seja como for, estou voltando para casa; isso é o que importa.

— Você conhece o Sebastian? — a questão ansiosa escapa sem pensar.

O sujeito me lança um olhar de lado, esquisito.

— Sim.

Hum...

Mordisco o lábio.

— Sabe se ele está bem? Quero dizer, você falou com ele agora?

Noto outra vez a hesitação.

— Não. Não falei — responde de má vontade, de modo meio seco.

Exalo uma expiração longa, assentindo.

— Tomara que sim... — o comentário é somente para mim.

Sou incapaz de explicar o aperto me cercando por todos os lados, e não tem somente a ver com o fato de que nunca mais o verei, mas com o que ele pode estar fazendo agora. Culpa pesa sobre meus ombros. Talvez eu devesse ter esperado; me certificado de que aquele homem ficaria bem, antes de partir.

Sebastian é preciso; ele não deixa bagunça residual; não dá um passo em falso. O cara foi o melhor atirador das FAR. As Forças Armadas Russas o tinham como elemento surpresa, conscientes do seu nível de acerto, lembro-me das palavras de Gael.

Sim, aquele *cabrón* é esperto.

— Sebastian é muito esperto — reforço.

Sem qualquer iniciativa de uma conversa da parte do ruivo, decido ignorá-lo também.

Numa tentativa de distrair o pensamento para longe de Sebastian, pego o celular da bolsa – o iPhone novinho, outro inevitável lembrete dele em minha vida – e confiro meus e-mails. Impressiona que eu não tenha feito isso antes. Normalmente, eu checaria minha caixa de mensagens diversas vezes ao dia, esperando que algum novo cliente de repente solicitasse meus serviços. Uma vez anunciei no jornal impresso local e, naquela semana, recebi uma enxurrada de mensagens – em sua maioria apenas especulações sobre o preço, ou perguntando como eu trabalhava. Outras eram do tipo “meu marido chega tarde todas as noites, você acha que estou sendo traída?”. O investimento não trouxe qualquer cliente efetivo, e aprendi com isso a não gastar mais com anúncios.

Há mais dois e-mails da filha de meu senhorio, senhor Zhang Yimou. O primeiro me pede de novo para ligar para ele – *puxa, eu me esqueci completamente, era para ter feito isso no dia em que falei com a mãe mentirosa da Dulce.* Aquele chinês deve estar saltando de raiva.

Abro o segundo, e ela fala algo sobre uma taxa que tenho de pagar. *Taxa de quê, “Madre de Dios”?* Ele quer me pôr para fora com essas desculpas de taxas, isso, sim.

Paro um pouco para absorver a ideia. Antes eu me tornaria apavorada com a hipótese de ser despejada; hoje, já nem sei... Algo mudou em mim.

Fecho os olhos e descanso a cabeça para trás no encosto por minutos que não sei mensurar, pensamentos em turbilhões, até que...

— Eu pedi que me esperasse.

Minha alma simplesmente foge do corpo ao ouvir essa voz.

Capítulo 33

PENÉLOPE

Dizem que às vezes o cérebro cria ilusões para nos enganar, coisas que ouvimos, vemos, sentimos, mas não são reais, são simplesmente peças criadas por nossas mentes. Acho até que há um nome para isso. É claro que não me lembrarei qual, afinal, quem guarda todas as informações que lê por aí? Porém, o fato é que às vezes, quando a gente quer muito, muito alguma coisa, pode fantasiar com ela e acreditar que é real.

A voz baixa, profunda de Sebastian aqui é provavelmente uma dessas peças, embora pareça real e faça meu coração acelerar a um ritmo mortal.

Segurando o peito por uma questão de acalmar as batidas frenéticas, abro os olhos bem devagar. Primeiro vejo o teto do aeroporto repleto de pequenas lâmpadas frias distribuídas simetricamente. Inspiro um fôlego grande e movo um pouco os olhos.

Então eu o vejo.

Sebastian está mesmo aqui.

E vê-lo, inevitavelmente, faz meus olhos marejarem.

Por segundos que parecem congelar o tempo, como se essa fosse uma última oportunidade me dada pelo destino, em silêncio eu simplesmente desço meus olhos por ele e registro cada pequeno pedaço do homem que criou raízes profundas dentro de mim – e eu nem mesmo sabia o quão profundas eram até este momento, até sentir a vida indo e vindo de meu corpo apenas por poder olhá-lo outra vez.

Seus cabelos de fios grossos e escuros encontram-se ligeiramente despenteados, nada de mais, isso só serve para corroborar que Sebastian tem de ser atraente mesmo não ligando a mínima para a própria aparência.

Seus lábios estão fechados, mas não apertados ou exibindo qualquer irritação; tampouco o maxilar, costumeiramente rígido quando algo lhe

desagrada, está assim agora... É quase como se ele não se afetasse por essa situação... Porém, são os olhos, escuros, penetrantes, selvagens que me arrancam um soluço único, baixinho, meio de surpresa, meio de alívio. Há tanto na maneira como ele olha para mim, tanta intensidade.

Suas narinas se dilatam.

— Você não me esperou — ele repete a acusação, baixo, rouco.

Agradeço por estar sentada, do contrário, meus joelhos teriam fraquejado. A sensação é de algo esmagando meu peito.

— Eu... — lambo os lábios subitamente secos — eu estou indo embora.

Ouvir isso de mim o atinge. Sei disso.

Mortalmente calmo, sua atenção muda para o homem ao meu lado.

— Saia.

Não me atrevo a verificar a reação do segurança à ordem seca. Porém, assisto à conversa silenciosa que se passa entre eles a partir da expressão fria no rosto de Sebastian.

Levantando-se, o segurança exprime uma frase curta, em russo, que denota insatisfação, igualmente rude.

Seguro a bolsa em meu colo como se ela fosse minha tábua de salvação enquanto Sebastian espera a saída do sujeito. Ele, então, se senta ao meu outro lado, o oposto de onde o homem esteve.

Nenhum de nós diz nada.

Seu perfume, somado ao cheiro do couro da jaqueta, fica mais presente, cercando-me, agitando meu interior. Nunca senti esse caos tão inominável dentro de mim como neste momento.

— Eu já sei sobre a Lara... — pego-me revelando baixo, porque talvez isso seja tudo o que precise ser dito. Corajosamente viro meu rosto para encará-lo. — Sei como você a perdeu e sinto muito por isso.

Sebastian parece uma muralha, tenso, rígido. Contudo, não há maneira que ele possa ocultar o flash de dor que assisto relampejar em seu semblante. Apesar de muito rápido, é de uma magnitude que palavras não expressariam.

E dói em mim, pois é uma confirmação pura e simples de que nunca teríamos qualquer chance.

— Sinto muito mesmo — acrescento, sincera, ainda que sentindo minha boca tomada por arame farpado.

Atenta a ele, acompanho quando seus lábios se contraem sem qualquer sinal de humor ao mesmo tempo em que ele assente rigidamente calmo.

— Eles te contaram, e você decidiu fugir — é outra acusação.

Incomoda-me que o que tenha a dizer seja isso, e não algo como “obrigado, aquilo foi difícil”, ou “sim, Lara era muito importante para mim, tanto que não há mais espaço para ninguém além da memória dela”, e prefira agir como se, de alguma forma, eu estivesse sendo acusada de algo aqui.

Entretanto, basta olhá-lo melhor para compreender. É um assunto que não diz respeito a ninguém além dele, pessoal, e Sebastian não tem qualquer obrigação de se abrir com quem quer que seja. Entendo o que é ter algo na vida que doa apenas por revelar em voz alta... entendo bem.

Observando as pessoas que começam a chegar e se agrupar próximo ao portão de embarque, lambo os lábios, escolhendo minhas próximas palavras antes de respirar fundo.

— Não, não foi assim. Eu já havia me decidido antes... — exponho com admirável serenidade, contrariando a agitação louca em meu organismo. — Só não tive coragem de dizer. Eu deveria ter imaginando que seus amigos te avisariam...

— Não avisaram — a voz densa soa ligeiramente mais seca.

— Não?

Seu olhar encontra o meu de maneira afiada.

— Não. Supus que os convenceria, afinal, você é boa nisso, não é?

Hum. Não me parece um elogio.

— Então como...? — pergunto, cautelosa.

Noto seu peito se expandir sob a jaqueta de couro, e, quando o faz, o cenho automaticamente franze um pouco, como se o ato de respirar profundamente lhe causasse desconforto ou dor.

Inclino o rosto meio de lado, atenta.

— Você... você está bem?

A partir do ar frustrado, penso que me revelará algo. Contudo, é

interrompido pelo anúncio nos autofalantes comunicando o início de embarque de um voo com destino a Madri. É o meu.

A informação o faz apertar um pouco os punhos; e, em mim, provoca uma compressão maior no peito, sufocando, tragando parte do oxigênio, ciente de que essa é provavelmente a última vez que nos veremos.

Após um instante de silêncio, sua voz retorna, mais baixa:

— Seu celular.

— O que tem meu celular?

Ele se inclina para frente, descansando os antebraços nas coxas. Noto que seu semblante parece calmo demais, contradizendo a maneira inquieta como une as mãos e as observa sombriamente.

— Há um rastreador nele.

Pela segunda vez em poucos minutos, ele me surpreende. De todas as coisas, era a última que eu esperava.

Pisco algumas vezes, assimilando.

— Um rastreador — repito baixinho, testando o som em meus lábios, digerindo-o.

— Sim, Penélope, um rastreador para sua segurança — explica, recusando-se a soar culpado. — Não te contei porque não quis te preocupar como essa besteira.

— Entendo...

Ele bufa, sabendo que quero dizer exatamente o oposto. Não entendo ou concordo em ser enganada dessa forma. Um iPhone novinho, pff... É óbvio que havia algo de errado aí.

— Acabou tendo alguma serventia, já que você nunca faz o que eu peço. — Arrogantemente, arqueia a sobrancelha. — Faz?

Acato a ironia. Posso lidar com ela. Talvez eu até a mereça por agir pelas suas costas.

Ajeito-me, então, na cadeira, disposta a encarar a situação. Acho que esse é o momento quando já não cabe nada além de sermos diretos, talvez pela primeira vez, sermos verdadeiramente francos um com o outro.

— Sei que você está chateado e não tiro sua razão — começo, apesar

da ardência súbita na garganta. — Mas acho que a maneira que escolhi encerrar as coisas já não importa agora, importa?

Volta o olhar para suas mãos apertadas.

— Não.

Balanço a cabeça devagar, concordando.

— Então seja honesto, Sebastian, por que você veio?

Sob a exaustão que tão somente agora noto presente em seu rosto, algo mais forte vem sendo forjado: dureza.

— Porque não quero que vá, espanhola. Pensei que já tivesse deixado isso claro — e, ao dizer, soa como se fosse óbvio. Uma decisão tomada.

Todavia, não, não é, e... *Deus, como é difícil ouvir isso!* Porque um lado meu só quer continuar acreditando que viver com parte de algo é melhor do que não ter nada; mas um outro lado, novo para mim — porém, muito forte —, já não se satisfaz mais com migalhas. Quer tudo, ou nada. E é esse lado que me obriga a não fraquejar:

— Não, não deixou, e eu preciso saber, Sebastian: por que eu deveria ficar? Me diga, por quê?

Suas narinas se expandem numa espição profunda. Ele lambe o lábio, encarando fixamente o chão, talvez buscando ali a resposta certa antes de direcionar suas pupilas negras para mim... antes de me comer viva com elas.

— É tão ruim assim permanecer ao meu lado? Continuar deixando as coisas acontecerem? É tão ruim que eu não possa te prometer nada dessas porcarias, Penélope? — a indagação é absolutamente desarmada.

E a resposta que preciso.

Esse homem é incapaz de mentir e, por consequência, dizer algo somente para me agradar.

Decido, então, pôr um fim definitivo a isso, desta vez sem fugas, apenas honestidade, pois ambos sabemos que não há uma razão real para que eu fique; não uma boa o suficiente que não me quebre no final.

— Sabe, Sebastian, a minha vida toda foi somente esperar para ver o que o destino me mandava e rezar que não fosse tão ruim. Foi assim quando me enviaram para aquele orfanato, para a adoção e nos anos seguintes. Tudo

acontecía sem que eu tivesse qualquer poder de escolha...

— Penélope, eu não sou uma maldita freira doente ou a porra da família monstro que te adotou — interrompe-me, acreditando compreender meu raciocínio e refutá-lo.

Evito indagar o que ele sabe sobre minha adoção, apesar do choque por ouvir isso de sua boca.

— Sei que não é, Sebastian, só me deixe falar, por favor. Há um ponto aonde quero chegar com isso.

Ciente de que tenho sua atenção, mesmo que contrariada, tomo um fôlego e prossigo:

— Acho que eu nunca te contei, ou talvez até tenha dito, não lembro, mas sou filha de uma atriz. — Encho-me de um oportuno orgulho e permito que meu lado tagarela se sobressaia agora: — Uma grande atriz, na verdade. Paz Velasco. Minha mãe era do teatro, me teve com 37 anos e infelizmente morreu quando eu tinha apenas quatro. Não conheci meu pai, mas soube que ele também era ator, de uma companhia brasileira. — Seguro minhas mãos no colo, evitando exibir o tremor. — A lembrança que tenho dela é das vezes em que penteava meu cabelo, nos bastidores do teatro, e as palavras carinhosas que dizia enquanto fazia isso. Parece besteira o que vou dizer, mas essa é minha única memória do que é ser amada.

Estamos frente a frente, Sebastian muito sério, mandíbula trincada; e eu, um pouco emocionada, porém, sentindo-me mais forte do que jamais estive numa decisão.

— Então, quando você me pergunta se é ruim continuar aqui, essa é minha resposta: não é, mas eu mereço mais. Pela primeira vez na vida, percebo que eu mereço muito mais.

Sustentando aquela intensidade quase esmagadora, Sebastian segura meu queixo gentilmente, embora obrigando-me a enfrentá-lo.

— Sua vida foi uma merda, e, acredite em mim, se eu pudesse, faria com que tudo tivesse sido diferente, espanhola. — Para quebrar meu coração, os nós de seus dedos passam a vagarosamente roçar meu rosto. — Só estou pedindo que não fuja, que fique aqui... comigo. — Pega meu rosto entre suas mãos. — Volte pra casa.

Madre...

— Você não entende... — sibilo, a voz embargada.

Um grunhido baixo e frustrado sai dos seus lábios, trazendo o hálito diretamente às minhas narinas.

— Eu entendo. Você quer promessas, quer que eu faça porras de promessas e não está querendo enxergar o que está bem diante de você...

Talvez pelo ardor, talvez pelo aperto no peito, fecho os olhos, fugindo do feitiço que parece tentar minar minha resolução e criar uma ilusão de que as coisas são diferentes.

— Não. O que quero, Sebastian, é alguém que me queira. Alguém que seja capaz de amar... alguém livre. Pela primeira vez na vida, eu posso ter uma escolha... — Afasto-me de seu toque, pois ele me enfraquece. — E eu *me* escolho.

Uma nova chamada para o voo é anunciada.

— *Nahuí!*

Sentindo meu corpo completamente pesado e dolorido, ainda assim me levanto.

— Se você não pode me amar, eu posso. E eu me amo o suficiente para não aceitar ser menos do que amada.

Ele também se levanta, uma montanha de músculos e tensão, tomando um formato gigante diante de mim.

— Você está sendo covarde por fugir — acusa, inclinando a cabeça para baixo, para mais rente ao meu rosto.

— Não, Sebastian. O que estou fazendo é justamente não me acovardar, e é a coisa mais difícil de que me lembro. Estou deixando para trás os únicos dias da minha vida em que fui minimamente feliz; deixando você, quando tudo em mim me pede pra ficar.

— Então fique, porra! — sussurra cheio de raiva e indignação. É a primeira vez que eu o vejo assim, exibindo algo além do poder e autocontrole.

É tocante, porém, droga, não posso recuar agora. Eu mereço ser amada de verdade, e é simples assim.

— Lamento por sua noiva, por tudo o que você passou. Saiba que te desejo somente o melhor...

— Penélope, não — não sei se é um pedido, uma ordem ou uma súplica grave, densa.

Lágrimas insistem em salpicar minha face, fortes. Não menti quando disse que essa é a coisa mais difícil que já fiz.

— Vou devolver o seu dinheiro tão logo eu puder.

— Foda-se a porcaria do dinheiro! Não quero que você vá — rosna.

Apesar do ardor me sufocando, eu continuo:

— Deixei um bilhete pra você na casa de Priscila e Gael dizendo também que pagarei minha dívida e te ajudarei a encontrar a família daquela menina.

— Loupe... — ele apela.

Por Deus, por que dói tanto assim?

— Obrigada por tudo o que fez por mim. De todo o coração. Nunca, nunca vou me esquecer — meu tom é embargado, mas completamente honesto e grato, a despeito da dor.

Ambos ouvimos meu nome nos autofalantes, avisando sobre a última chamada.

Seguindo um impulso, estendo a mão e a descanso em seu peito, sobre a jaqueta de couro, do lado esquerdo.

— *Adiós, Sebastian, sea feliz.*^[47]

Ele descansa a mão por cima da minha em seu peito, prendendo-a.

— *Yo te puedo impedir*^[48].

Sorrio, os olhos marejados, emocionada que ele diga isso em minha língua natal nesse sotaque lindo e carregado, embora pareça uma ameaça.

— Sim, você pode me impedir, mas não vai, *cabrón*. E não vai porque você é o mocinho dessa história, não o vilão. É o meu herói, lembra?

Terminando de partir meu coração, ele simplesmente joga mais sujo, segura meu rosto entre suas mãos e dessa vez traz também sua boca a roçar contra a minha.

— Fique, espanhola. Estou te pedindo que fique — murmura, quase sem voz, parecendo igualmente quebrado.

Contudo, não diz a única coisa capaz de me fazer ficar de verdade. Sebastian é incapaz de me amar, e o admiro por não tentar mentir sobre isso. O admiro pela hombridade.

Junto força interna para dar um passo atrás e me afastar.

Enxergo em seu semblante a luta, talvez a vontade de me erguer sobre os ombros e fazer tudo ao seu jeito. Ergo o queixo, demonstrando que não há mais nada que ele possa fazer.

— *Adiós, cabrón...*

Apertando minha bolsa junto ao peito, afasto-me sem me permitir vacilar. Dou as costas ao homem que fica com uma parte minha, talvez a mais importante, e nem sabe. Vou embora deixando meu coração com ele.

Em frente à comissária na porta de embarque, abro a bolsa para pegar a passagem e o passaporte, e somente então me dou conta da umidade em minha mão.

Os olhos dela se arregalam também quando enxergam o mesmo.

Uma mancha de sangue sobre a palma.

Dele.

Rapidamente olho para trás. Sebastian permanece imóvel no mesmo lugar. A jaqueta de couro negra, que confere a ele um visual sombrio de mafioso, tal qual a primeira vez em que o vi, é também uma capa a talvez esconder um ferimento, que não parece afetá-lo. E isso me permite saber que ele ficará bem.

É o olhar vazio em seu rosto, no entanto, que me tira a esperança quanto ao resto. Sebastian não quer deixar o luto ir, essa é a verdade. Ele está tão submerso no que perdeu que não é capaz de olhar para o que pode ter.

Não posso lutar contra seus sentimentos por alguém que já morreu, mas posso lutar por mim e é o que farei.

Capítulo 34

SEBASTIAN

Moscou.

Anos antes.

— Vamos lá, Bast! Feche os olhos! — Lara repetiu, mal escondendo a própria excitação.

Suas mãos estavam pousadas em meus ombros, equilibrada nas pontas dos pés daquele jeito que ficava para tentar me alcançar, já que eu era cerca de uma cabeça e meia mais alto.

Arqueei a sobrancelha com humor, apesar da vontade de empurrá-la contra a parede e me perder na mulher. Havia sido 45 dias longe de casa, e, porra, eu estava morto de saudade. Havia acabado de retornar de uma missão. Minha bolsa de viagem ainda descansava no chão aos meus pés.

— Não me diga que trouxe para casa outro gato feio de rua — brinquei, enlaçando sua cintura, sem poder evitar.

— Não! — entoou quase ultrajada, para no instante seguinte dar uma risada, matreira, dando-me um bom indicativo de que outro daqueles sarnentos provavelmente estava à espreita em algum lugar do apartamento. — Quero dizer, pode ser que tenha acontecido algo assim também, mas depois a gente fala sobre assunto. Agora feche!

Por “depois a gente fala”, eu sabia que seria uma conversa em que ela me venderia a triste vida de algum animal feio de doer, mas que “precisava urgentemente de um abrigo”. E eu estava disposto a ceder, porque qualquer coisa que a fizesse feliz também me faria. Se Lara soubesse o quanto eu me sentia regozijado por poder botar meus olhos nela novamente, o quanto sentira sua falta.

Sacudi a cabeça, reprimindo-me por ser um maricas em suas mãos, e fiz o que pediu.

— Muito bem. Primeiro... isso. — Ela estalou seus lábios nos meus numa provocação que me fez apertar mais forte sua cintura. — Senti sua falta, Bast.

— Princesa... — avisei, sinalizando meu estado de espírito.

— Desculpe, não pude evitar. Mas não abra ainda!

Inalei uma respiração profunda.

— Isso mesmo. Agora eu vou te girar um pouquinho. — Forçou levemente meus ombros para a direita. — Mais um pouquinho... — Fui cedendo ao caminho que ela queria. — Pronto, pode abrir!

Quando abri minhas pálpebras, peguei-me momentaneamente sem saber o que dizer. Lambi os lábios.

“Nahuí”...

— Tô vendo que você andou ocupada... — disse num tom admirado, baixo, atordoado, tentando não sorrir como um estúpido diante de meu rosto pintado numa tela.

Lara pegara uma foto minha, de um dos passeios que fizéramos pelo litoral e a reproduzira numa tela grande, posicionada no centro da parede em nossa sala. Eu não me reconhecia ali, o brilho em meus olhos, o sorriso fácil... mas estava certo de que, com ela, eu era capaz de ser aquele cara.

Foi a última vez que retornei de uma missão e a encontrei me esperando em nosso apartamento.

Caminho sobre a neve até não sentir mais meus pés e continuo andando, afundando as botas pesadas na superfície branca a cada passo. Acho que a dor rasgando meu peito me matará e espero por isso, porque o cara lá de cima me deve essa benevolência; deve, depois do que permitiu acontecer. Pessoas boas como Lara não merecem estar dentro de uma maldita caixa de madeira sob pregos cravados. Pessoas como ela exalam e merecem vida. E Ele lhe tirou isso.

Quando não há mais para onde eu seguir, à margem do penhasco ladeando o rio gelado, olho para baixo e cogito. Cogito muito forte.

Lara não voltará para casa. Eu não ouvirei mais o som doce de sua voz, ou faremos planos para o futuro.

Minha mulher acaba de ser enterrada.

A ideia de viver em um mundo onde ela não existe é inconcebível, porque eu conheço o lado feio dele, convivo diariamente, e Lara era o meu refúgio. Sem sua presença, não haverá mais nada.

Eu poderia acabar com tudo agora mesmo.

No entanto, uma promessa me impede, impossibilita-me de ceder. Somente uma promessa, que fiz sobre seu túmulo.

Então me ajoelho na neve e urro. Urro de dor e ira até meus lábios ressecarem; até meus pulmões queimarem e minha voz falhar; até a maldita dor ser dissecada e forjada em algo que me permita suportar seguir em frente tão somente para fazer o que é preciso, para ir atrás de quem fez isso a ela.

E, de alguma forma, aqui, neste momento, a dor se transforma em algo novo: em vazio, completo e sombrio vazio; porque, quando a mataram, eles também me mataram.

Aeroporto de Moscou, Rússia.

Hoje.

Como posso dar a alguém uma parte minha que não existe mais? Uma que a vida arrancou e enterrou junto com aquele caixão?

Penélope me deixou, e eu não a culpo. Não a culpo por sair correndo na primeira oportunidade sem olhar para trás. Não a culpo por desistir. Ela fez uma escolha. Decidiu por nós dois. Decidiu que o que resta de mim não é o bastante.

Se eu pudesse, escolheria ser diferente. Escolheria ser o cara que ela merece, o que a ama, e não o bastardo egoísta lutando para não entrar naquele avião e obrigá-la a me aceitar como sou.

Penélope Molina preferiu partir. Talvez ela tenha feito o certo. Talvez seja melhor mesmo que me prive de seu comportamento mordaz; da boca suja, afiada; do insuportável cheiro de baunilha espalhado por toda a parte,

mesmo em lugares onde a infeliz sequer esteve; dos olhos amendoados inocentes e, ao mesmo tempo, carregados com toda a carga que foi sua vida até aqui, ferida por aqueles bastardos do inferno; que me prive do olhar em seu rosto quando disse que merecia ser amada.

Adiós, Sebastian, sea feliz.

Seja feliz.

Que piada ruim.

É isso o que a espanhola é: uma piada ruim do destino jogando na minha cara o que nunca poderei ter.

De repente percebo o quanto estou cansado, esmagadoramente cansado. Não de nada ou de alguém, mas de mim mesmo; dessa escuridão e da forma como me sufoca, impossibilita-me de respirar.

É isso. Não consigo respirar.

Simplesmente não consigo.

Estou afundando rapidamente naquele lugar vazio, incapaz de reagir. E agora essa merda também é física. Sinto-me preso ao chão, rígido, sem poder mover um músculo ou evitar a nuvem densa que vem me encobrindo e esmagando.

Minha visão escurece; os ouvidos zunem.

Talvez seja meu fim chegando. Afinal, foi o que eu desejei esses anos todos, não foi?

E, se realmente for o fim, nunca terei a oportunidade de dizer à espanhola que eu me importo com ela. Do meu jeito, mas me importo. E ela foi uma covarde por não ficar.

Uma mão toca meu ombro.

— Cara, você precisa sair. Querem chamar a polícia — a voz é de Elliot. No entanto, ela vem de um lugar muito distante.

Quero responder, quero abrir a boca, mas nada acontece.

— Precisamos sair — insiste, cauteloso, num tom que nunca usou comigo. — Eles não estão felizes com o que você fez ao segurança do aeroporto para entrar aqui. Você precisa sair. Agora.

A névoa negra me impede de visualizá-lo.

— Vamos lá, Sebastian.

Ela se foi. A infeliz não foi capaz de perceber que eu a queria aqui, que eu... eu...

— Respire, cara. Apenas respire.

Atordado com o comando, punhos cerrados e corpo rígido, subo os olhos para ele.

— A espanhola... — *se foi*; minha voz, no entanto, falha.

Todavia, não preciso dizer; o bastardo me olha como se soubesse. Olha-me exatamente como no dia em que ficou sabendo sobre Lara.

— Vamos sair daqui. Precisamos tirar essa bala do seu ombro.

Uma bala. Levei uma maldita bala porque não consegui me concentrar o bastante para fazer o meu trabalho, pensando nela. Se não fosse por eles, meus companheiros, Verhoeven teria escapado mais uma vez. Talvez nenhum de nós teria saído vivo daquele galpão esta noite. E, no fim, ela se foi.

Forço meus pulmões a reagirem. Essa merda não pode me vencer. Lembro a mim mesmo que sou o dono de minha mente, de meu corpo. A última coisa de que preciso agora é me permitir ser arrastado para o inferno.

Reaja, reaja, porra!

Sacudo a cabeça.

— Solte — rosno, livrando-me de seu toque meio cegamente.

É isso o que Penélope Molina quer, que eu enlouqueça. Foi assim desde o minuto em que ela estacionou aquele carro ridículo na vaga, roubando-a de mim. A mulher se infiltrou na minha vida sem pedir permissão, mudou a ordem natural das coisas, fez-me... fez-me desejar coisas... trair promessas, para, no final, ela ser incapaz de enxergar o que estava bem diante de seu nariz.

— Pare de me olhar desse jeito — ordeno ao cara e não espero para assistir ao que quer que esteja passando por sua mente.

Obrigo-me a me mover. Eu posso fazer isso.

— *Nahuí*, você acabará nos enfiando numa cela suja para passar o dia — o bastardo diz às minhas costas.

Percebo que é seu modo de tentar aliviar o clima. Incomoda-me que o puto tenha-me visto fraquejar.

Rigidamente, ando para a saída do embarque. O segurança que atingi para entrar é o primeiro que avisto, rodeado pelos demais, apontando furiosamente para mim. Eu deveria me desculpar, seria honrado, afinal, o imbecil estava fazendo seu trabalho. O problema é que não tenho qualquer honra; ou humor; ou nada agora.

— Viu, aí está ele — Bola zomba dos caras. — Eu disse que ele não estava lá para entrar em qualquer um daqueles aviões.

Posso apostar que seu tamanho foi a única coisa que os deteve de vir atrás de mim e, silenciosamente, agradeço-lhe por isso.

Contudo, deixo de racionalizar quando enxergo o cara ao seu lado, o puto frio.

— Você! — grunho em tom acusatório e, sem pensar no que estou fazendo, aproximo-me e desfiro uma porrada, acertando-o diretamente na mandíbula.

Gael cambaleia um passo para trás, não esperando o ataque.

— *Yeb vas*, que merda v...?! — ele rosna, segurando o local onde o atingi, fulminando-me daquele modo ameaçador, como se tivesse algum direito.

— Uou! — Bola silva, surpreso, afastando-se para o lado, seguido pelos seguranças do lugar, que de repente não estão mais tão interessados em vingar o colega.

— Eu confiei em você — acuso, tão frio quanto ele. Mudo meu olhar para sua esposa, a alguns passos de distância de nós. — Confiei em vocês.

— Tenha cuidado com o que vai dizer — o puto traiçoeiro se dá ao trabalho de me ameaçar, cara a cara comigo, num aviso baixo por eu incluir sua mulher em minha acusação.

Estamos a dois palmos de distância um do outro.

Sorrio friamente, quando, na verdade, o que quero é enfiar outro soco em sua cara traidora.

— Quando você me pediu para cuidar dela, eu cuidei, está lembrado? Cuidei como se fosse minha, porque isso é o que homens fazem. E o que

você fez por mim?

Gael sacode a cabeça, ultrajado com a comparação, como se eu o tivesse golpeado novamente.

— Você cuidou porque sabia o que ela significava. Sabia que Priscila era minha, que eu a reivindiquei no minuto em que botei meus olhos nela — cada palavra é proferida em tom baixo, letal. — Se você quisesse aquela mulher como eu quis a minha, ela estaria aqui ao seu lado agora. Então, se quer culpar alguém, culpe a si mesmo.

Não deveria; nada vindo dele ou de qualquer um aqui deveria me atingir mais do que o que a espanhola acabou de fazer, porém, atinge.

E, de repente, não escolho as palavras, elas simplesmente saem, porque, merda, quero feri-lo também.

— Pensei que você, melhor do que ninguém, compreendesse, mas acho que sua nova vida perfeita já não permite mais, não é? Pelo jeito, você esqueceu o que é estar neste lugar — digo, esperando que sinta, nem que seja por um segundo, essa sensação esmagando o peito.

E tenho sucesso.

Apesar da ameaça, enxergo toda a escuridão que habita nele.

— Você é um bastardo... — rosna mais baixo, sombrio.

Dou um passo à frente, encarando o fundo dos olhos do cara — aquele tom turquesa que já me golpeou por ser uma réplica das íris de sua irmã, mas hoje, surpreendentemente, não causa a dor esperada —, porque talvez uma luta seja tudo de que preciso para aplacar essa perturbação corroendo minha pele feito ácido.

Elliot cautelosamente se move, pronto para interferir.

— Maldição, Sebastian, tenho de lhe lembrar que há uma bala enterrada no seu ombro? Quer mesmo continuar aqui sangrando até a morte feito um porco velho abatido?

— Ele levou um...? — Não percebo a aproximação de Priscila até ela estar ao meu lado, parecendo chocada com o que Elliot disse. Seu olhar vem dele para mim. — Você levou um tiro?

— Não finja que se preocupa, *comadre* — cuspo, sem lhe dar um minuto de minha atenção.

E é quando a ameaça nas feições de seu marido se torna real, protetor com o que eu possa fazer à sua esposa.

Sacudo a cabeça com indignação. O que esse puto acha que sou?

— Eu nunca a machucaria — lembro-lhe num rosnado, porque, *nahuí*, a mulher é como uma irmã para mim.

— Meu marido sabe disso, Sebastian. — Priscila se coloca completamente entre nós, obrigando-nos a afastar um passo. — E eu entendo que esteja irritado, mas, por favor, olhe pra mim.

Não consigo. Não consigo escutar o que ela tem a dizer, porque, no fundo, já sei.

— Eu confiei em você, Priscila — grunho sem tirar os olhos do marido dela por cima de sua cabeça, pronto para revidar o soco que lhe dei. — Pedi que cuidassem dela.

— Por favor, Sebastian. Olhe pra mim.

Tenso, lutando para manter o caos em meu peito em ordem, mudo meu olhar em sua direção... e enxergo nela a miserável preocupação que eu não gostaria de enxergar.

— Eu amo você como irmão, e você sabe disso, não sabe? — sua voz está ligeiramente embargada. — Você me salvou um dia, e essa dívida é para sempre.

— Pare — exijo, de repente querendo simplesmente não estar mais aqui, querendo ir para o mais distante deles e de tudo.

— Você pode não gostar do que vou te contar, mas fui eu que pedi para que Gael a deixasse ir. Ele não queria, mas insisti, e por uma razão.

— Não se dê ao trabalho de explicar — ordeno.

— Penélope merece mais do que alguém que não sabe por quanto tempo a quer por perto.

Cerro os punhos. Sei que foi aquilo que fez a espanhola orgulhosa tomar a decisão. Vi a decepção em seu rosto.

— Ela se foi, e isso é tudo — quero acabar logo com essa situação de merda.

O sorriso pequeno, compadecido que a loira abre, de alguma forma, me

ferra mais.

— Não, não é tudo, mas não cabe a mim te fazer enxergar. — Sem desviar seus olhos dos meus, ela coloca a mão no bolso da calça e tira um papel.

É desnecessário questionar do que se trata. Eu já sei.

— Aqui. Ela deixou pra você.

Olho dela para o papel.

Uma parte minha não o quer pegar, não quer ser confrontada com mais nada que me lembre de Penélope; a outra... porra, a outra precisa ter um pedaço dela ao que se apegar, porque, eu goste ou não, aquela espanhola se entranhou em meu sistema, e não consigo tolerar a ideia de que nunca mais a verei.

— Se você considera importante o que ela tem a dizer, pegue. — Priscila sustenta o papel dobrado. — Mas, se ela não significa nada pra você, então a deixe ir definitivamente, Sebastian, porque aquela mulher merece ser feliz. Com ou sem você, ela merece ser feliz.

A pressão no peito só aumenta.

— Você acha que eu não sei disso?

Noto a maneira como os olhos verdes enormes da mulher de repente marejam.

— Sei que sabe. — Sem perceber que está testando a linha tênue entre seu marido e mim, Priscila gentilmente levanta a mão para tocar meu rosto. — Assim como sei que você também merece ser feliz, meu amigo...

— Pare...

— Você está sempre salvando todo mundo; será que já não é hora de salvar a si mesmo? De se dar uma chance?

Lambo o lábio inferior, sacudindo a cabeça. Merda, não preciso ouvir nada disso agora.

O silêncio a nossa volta se torna mais intenso, mais ensurdecedor. De olhos estreitados, encaro um por um dos bastardos assistindo descaradamente à cena. Lanço a todos uma ameaça velada e, sem mais disposição, pego o pedaço de papel de uma vez e o enfio no bolso rudemente.

— Espero que tenham gostado do show.

Incapaz de permanecer mais um minuto aqui, saio andando para o mais longe possível dela, dele e de todos. Preciso de ar, tentar respirar outra vez... e álcool suficiente para aplacar essa maldita queimação no peito, que nada tem a ver com a bala alojada em minha carne.

Conforme vou para onde deixei o carro, sou golpeado por outro pensamento que me obriga a trincar os dentes, irritado, frustrado... culpado até a alma: a espanhola tem medo de avião.

Nahuí!

Capítulo 35

SEBASTIAN

Rússia

A batida persistente na porta é um aviso de que quem está do outro lado não desistirá, intensificando o miserável latejo constante em minhas têmporas. Com a cabeça apoiada sobre o encosto do sofá, deixo de encarar o teto e fecho os olhos, começando a me arrepender da decisão de ter vindo para cá. É óbvio que não entenderam o recado quando puxei minha arma e ameacei disparar contra qualquer um dos bastardos que resolvesse me seguir.

Qual é a dificuldade de compreender que quero ficar sozinho por um maldito dia? Um. Maldito. Dia.

Pressiono o copo de uísque com gelo contra a testa e o mantenho ali, ciente de que, se o puto continuar batendo desse jeito, será capaz de derrubar a porta.

— Vou contar até cinco e, se não abrir, Sebastian, o farei eu mesmo! Vou meter o pé e botar essa porta abaixo! Está ouvindo, cara?

Contraio os lábios.

Se o imbecil está preocupado em ser ouvido, que não se dê ao trabalho. Aposto que o recado pôde ser perfeitamente compreendido por todo o prédio.

Exalo uma respiração profunda, que queima como o inferno.

De má vontade me levanto, e fazê-lo exige mais força de meu corpo do que o esperado. Contudo, se deixar o imbecil entrar for o que preciso para que esse barulho do caralho cesse, que seja. Vou até a porta e a abro.

Elliot, com a mochila pendurada sobre o ombro, está apoiado à parede do corredor, braços cruzados e olhar reprovador.

— Vá embora — rosno.

O imbecil sorri, sarcástico.

— Olhe para si mesmo, agindo como uma mulherzinha de TPM. Tsc, tsc...

Quero socá-lo.

E, mais ainda, que ele suma de minha frente.

Porém, sei que o imbecil não pretende ir a lugar algum. Somos iguais. Nenhum de nós desiste. É por isso que lhe dou as costas e volto para a sala. O som de seus passos me segue. Aposto que ele está olhando em volta. Ninguém vem aqui, exceto pelo serviço de limpeza. Este é o meu lugar. Intocável, como há alguns anos. Tudo exatamente no mesmo lugar.

Desabo de volta no sofá. Sei o estado em que minha camiseta se encontra, mas não me incomodei em tirá-la.

Elliot descansa a mochila sobre a mesa de centro.

Volto a escorar a cabeça e fechar os olhos, porém, ouço seus movimentos.

Mais silêncio.

O puto deve estar lendo o bilhete da espanhola. O papel está ali, aberto, sob o rosário que ela deixou para minha proteção. Comprimo os lábios outra vez. Penélope Molina foi capaz de deixar seu objeto especial comigo, mas não de ficar.

Li tantas vezes o que ela escreveu que memorizei cada palavra. Posso recitar a carta, como uma música que entra e se fixa na mente.

Oi, Sebastian...

Sei que você não deve estar muito feliz comigo agora... Bem, ou quem sabe até esteja, vai saber o que se passa em sua cabeça. Ai, me desculpe, isso foi rude, e não há mais papel por perto para que eu recomece de um jeito melhor. Não sou acostumada a escrever cartas, de modo que também não sou boa com as palavras, e estou nervosa agora, então releve... E, pensando bem, é claro que você não deve estar feliz com minha partida, afinal, sou uma excelente hóspede, compreendo perfeitamente.

Continuando, pois preciso ser objetiva neste bilhete, apesar da vontade

de colocar aqui tudo o que eu gostaria de ter dito e não disse: estou voltando para casa, porque sei que é melhor assim... pelo menos, é o que meu coração me fala para fazer. Por favor, não interprete minha fuga como ingratidão, longe disso. Sou extremamente grata por tudo o que fez, inclusive por me permitir conhecer a vó Zhená e a Priscila. Saiba que ninguém jamais fez nada parecido. E é aí que a coisa complica: você foi tão incrível comigo que... que eu me apaixonei.

Sim, eu sei que você me avisou para não cair de amores. O problema é que nunca fui exatamente boa em seguir avisos ou regras. Sou uma rebelde, Sebastian. Sempre serei, e é por isso que não posso mais ficar.

Vi que depositou dinheiro na minha conta... Aliás, QUAL É O SEU PROBLEMA? Por que nunca me disse que era um desses cabrões cheios da grana? Enfim, meu objetivo aqui é dizer que te devolverei cada centavo (tive que pegar um pequeno valor emprestado, por isso não posso devolver imediatamente, MAS DEVOLVEREI, faço questão!).

E, sobre encontrar a família daquela moça, também farei isso, de casa. Anotei os códigos de acesso e estou levando comigo (desculpe se fiz errado, mas, como você disse, aquele seu sistema também me ajudará no trabalho. Prometo que serei cuidadosa).

Isto posto, preciso me despedir.

Há muito mais que eu gostaria de falar, só que nenhuma palavra poderá mudar as coisas como elas são, então, eu me despeço dizendo que desejo, de todo o meu coração, que você seja feliz.

Obrigada por tudo.

Com carinho,

Loupe.

Até numa maldita carta a mulher consegue ser fofa e, ao mesmo tempo, impertinente. “Eu me apaixonei”. Simples, honesta, mais corajosa do que fui capaz de ser.

— Beba — Elliot exige.

Abro os olhos, disposto a mandá-lo à merda.

Então vejo a garrafa pequena de vidro transparente, com a marca d'água conhecida.

O puto sorri de lado.

— Demorei porque passei na taberna do Samsonov antes de vir.

Arqueio a sobancelha, irônico.

— Essa é sua ideia de anestesia?

— Você não vai me deixar te apagar com uma injeção, vai?

É claro que não.

Meu bufo é sua resposta.

— Então tome. É destilado puro. Ele usa como base para as vodcas.

Pego a garrafa de vidro.

— Este é um dia de merda e tanto — resmungo desgostoso. — Minhas entranhas precisam ser derretidas para que o puto tire a porcaria de uma bala.

Rindo, o cara abre a bolsa e começa a retirar o material, satisfeito consigo mesmo.

— É isso ou um hospital, o que prefere? Além do mais, temos um assunto importante para resolver. Não podemos perder tempo explicando essa bala para a polícia.

Ele sabe que é minha escolha. Elliot foi treinado para isso. Foi ele, também, anos atrás, que salvou a vida de Gael depois de um tiro na barriga.

Enquanto abro a tampa da garrafa, o cara vai até a janela e abre as cortinas, permitindo que o sol da manhã entre, clareando a sala.

O álcool puro desce rasgando a garganta feito fogo derretendo plástico.

— Argh!

Divertindo-se à minha custa, ele veste o par de luvas. Pega uma tesoura de sua mochila e começa a cortar minha camiseta impregnada em parte com sangue seco e em parte com fresco.

— Você derrubou alguns caras na noite passada — comenta enquanto vai descolando o tecido da pele.

— E levei uma bala.

Seu olhar treinando nunca deixa o trabalho enquanto diz

tranquilamente:

— Havia muita merda em jogo. Sua cabeça tinha de tomar muitas decisões.

Bebo mais da coisa ácida.

— Minha distração poderia ter derrubado a todos nós — lembro, áspero.

Os olhos frios dele encontram os meus.

— Você é o melhor que vi em todos esses anos e sabe disso, irmão. Nunca comprometeria sua equipe. Não se culpe por ter problemas demais com que lidar. É para isso que estamos todos nessa.

Não tenho um comentário descente para isso.

A camiseta é completamente aberta. Meticulosamente, ele limpa o local e o esteriliza. Gazes sujas vão sendo colocadas num pequeno saco de lixo aberto sobre a mesa de centro.

— Beba mais, porque essa merda vai doer — avisa.

Exprimo um som de escárnio.

— Como se eu não soubesse...

Com uma pinça em formato de tesoura, o bastardo vai direto sobre a ferida, abrindo-a, buscando a bala. Sinto cada movimento do metal cavando espaço entre os músculos. Trinco os dentes e firmemente não reclamo uma única vez, até que ele a encontra e arrasta para fora.

O som do projétil sendo despejado no prato de metal ressoa agudo. Elliot o avalia.

— De uma automática. Putos do caralho, estão usando munições chinesas.

— Os Tambovskaias estavam falidos, o que esperava?

O semblante do sujeito retesa enquanto ele prepara linha e agulha.

— Então resolvemos o problema deles. Aniquilamos a família, e agora já não precisam mais se preocupar com grana.

Não foi uma piada, tampouco há motivos para comemorar, ambos sabemos. Os Tambovskaias não nos ofereciam risco até se associarem a Verhoeven. Eles escolheram seus destinos quando aceitaram grana para vir

atrás de nós, atrás da menina. Permitir que saíssem ilesos era o mesmo que sentar e esperar por um ataque iminente.

Quando deflagramos a operação naquele galpão na noite passada, encontramos alguns deles em torno de uma imagem de Penélope tirada da câmera de segurança da boate. Estava desfocada, mas era ela. E a alegria dos bastardos dava uma ideia do que pretendiam fazer se a pegassem.

Não havia momento melhor para agir. Os Tambovskaias e Verhoeven estavam reunidos.

Elliot escalou sobre as pilhas de sucata armazenadas até o ponto mais alto, onde pudesse ter uma boa visão. Em seu ombro, um rifle T-5000, preciso e letal. Bola fez seu movimento pelos fundos, onde os merdas guardavam toda a droga descuidadamente. Ed e eu nos posicionamos para invadir pela entrada principal.

A missão era capturar o holandês com vida... e derrubar todos que tentassem interferir.

Nossos disparos foram orquestrados para eliminar os que faziam a segurança do local; pegamos a maioria deles desprevenida. Meu próximo passo era chegar a Verhoeven... E foi justamente quando o rastreador que coloquei no celular de Penélope alertou, em meu telefone, sobre seu deslocamento... Merda, aquilo me desestabilizou. Baixei a guarda. Como resultado, recebi um tiro que poderia ter sido fatal; os caras tiveram que sair de suas posições para me dar cobertura, derrubando por terra nossa operação limpa, arriscando a vida de todos nós.

— Aquilo aconteceu como tinha de acontecer — a voz calma de Elliot contém dureza, e só então percebo que estou outra vez de olhos fechados.

Chafurdar em autocomiseração é um inferno.

Tomado pela necessidade de apagar Penélope e toda essa bagunça de minha mente por alguns minutos que sejam, faço a estupidez de entornar a garrafa de destilado puro até a última gota. No final, acho que engoli malditas labaredas.

Chio, incapaz de evitar.

E limpo a boca.

— Se seu objetivo era me entorpecer com essa porcaria, vá em frente,

deixe a psicologia barata de lado e pode costurar — incentivo-o, ansioso para acabar com isso de uma vez.

Não sinto a agulha cravando buracos em minha pele, ou a linha escorregando por eles, unindo os pedaços abertos. O álcool está cumprindo seu papel, e eu me sinto uma merda de cansado, o que ajuda.

O último nó é dado, e a linha, cortada, antes de o curativo ser grudado na pele.

— Sua espanhola tem uma personalidade e tanto — o infeliz comenta após executar todo o trabalho em silêncio, concentrado.

— Ela não é minha — lembro-lhe, num humor tão ruim quanto a bebida.

Ele se levanta.

— É, não é. Mas, se serve de consolo, eu também vou sentir falta da menina.

Nem toda a embriaguez do mundo é capaz de amortizar a sensação de uma faca sendo cravada no peito.

Cerro os olhos bem fechados.

Nenhum de nós diz nada, há apenas o som de Elliot limpando os materiais.

Até que me pego revelando:

— Eu não disse o que ela queria ouvir.

O zíper de sua mochila é fechado.

— Nunca é tarde — diz num tom mais baixo.

Arrogantemente, abro os olhos e o encaro com a sobrancelha erguida.

— Pra mim ou pra você? — Sei que estou sendo um imbecil, mas não posso evitar.

O idiota ri.

— Se a espanhola me quisesse, acredite, ela não teria ido tão longe. Sei como agarrar uma boa oportunidade.

A ideia de eles juntos termina de afundar a faca invisível.

— Vá embora, Elliot.

Culpo apenas o destilado ruim pelo ciúme que ouço em minha voz. E é claro que diverte o sujeito.

Jogando a mochila sobre o ombro sem perder o sorriso, ele se prepara para sair.

— Eu vou. Descanse sua cabeça. Temos negócios para resolver essa noite e precisamos de você.

— Não preciso que me lembre.

— Não, não precisa. Mas te vi tendo uma porra de ataque de pânico bem na minha frente hoje. Sei que sua cabeça não anda legal e quero que tudo isso acabe de uma vez para que dê um tempo a si mesmo, irmão.

Aperto a mandíbula, tenso, sem nada para dizer.

Ele vai até a porta e a abre. Derrubo a cabeça no encosto do sofá e encaro o teto.

— Elliot...

— Sim.

Esvazio o pulmão.

— Obrigado.

Ao som da porta se fechando atrás dele, não me movo do lugar.

Não sei o que é descansar. Ou ter paz de espírito para fechar os olhos e não ser esmagado por pensamentos.

“Quando você me pergunta se é ruim continuar aqui, minha resposta é: não é ruim, mas eu mereço mais. Pela primeira vez na vida, percebo que eu mereço muito mais.”

— Sim, você merece, espanhola...

Capítulo 36

PENÉLOPE

Espanha.

Estou de volta. Conforme o táxi se desloca sob o dia ensolarado na cidade, percebo que tudo parece do mesmo jeito. E, ainda assim, a sensação é de que nada é igual. Ou familiar. Se eu tivesse de classificar os dias ruins que já tive numa ordem, eu diria que este está bem perto do topo. O voo foi péssimo. Terrivelmente péssimo... mas não pior do que pensar em tudo o que deixei para trás. Pensar *nele* e saber que nunca mais nos veremos.

O que me impediu de chorar em frente a todos aqueles estranhos foi lembrar que embarcar para casa, em primeiro lugar, foi uma decisão minha. Uma que tomei depois de pensar muito.

Aperto a bolsa em meu colo protetoramente.

Supõe-se que a dor de amor é como o luto. No começo, você a sente em cada centímetro de seu coração, sofre muito, ciente de que alguém importante não retornará para sua vida. E então, com o tempo, você se acostuma àquela ausência, ela passa a ser uma memória, um pensamento que, de vez em quando, te deixa mais triste. Talvez seja isso, a chave de tudo esteja no tempo. A pergunta que fica, então, é: *quanto* tempo? Quanto tempo é necessário para que doa menos; para que o aperto no peito ceda; para que eu consiga pensar naquela pessoa sem ter a sensação de estar me afogando em águas escuras?

Parece exagero agora, mas a consciência de que nunca mais verei Sebastian é como me afogar: os olhos ardem; a garganta abrasa; o peito aperta. Sinto-me pequena e vulnerável.

Contudo, respiro bem fundo e digo a mim mesma:

— Vai passar. Isto também vai passar.

É um tipo de regra universal: nada dura para sempre; sejam momentos

alegres ou tristes, eles um dia acabam.

— *Es allí* ^[49] — aponto quando o táxi passa a circular mais devagar na rua que lhe informei, procurando o número.

Observo a fachada do velho prédio, e o sentimento é que fiquei uma década longe, e não apenas semanas.

De alguma forma, meu estômago aperta, fico enjoada, ansiosa para pedir que me leve para longe. Só que não existe outro lugar para onde eu ir. Aqui é meu lar.

Enquanto o motorista arranja um local onde parar, pela janela avisto três vizinhos amontoados a um portão, conversando do outro lado da rua, numa cena corriqueira. *Nada mudou, Penélope... nada mudou.*

Ao descer, sei que preciso levantar a cabeça e não parecer fraca ou infeliz. Eu não sou assim. Se caio, caio em pé, não importa como me sinto por dentro.

— Você é forte — murmuro antes de erguer o queixo e fechar a porta do veículo atrás de mim.

Você é forte.

Forçando um sorriso que não quer vir, dou um aceno de mão para os vizinhos. Então atravesso a rua e paro um instante para observar o prédio onde moro, tentando me reencontrar, reconectar-me com a mulher que vive aqui. É uma construção charmosa de oito andares, levantada na década de 60, atualmente pertencente ao senhor Zhang Yimou. Ele a comprou há cerca de 30 anos, pelo que sei, porém, nunca fez qualquer reforma – exceto pela pintura laranja da fachada. Por ser um bairro em sua maior parte residencial, muitas das construções da rua se parecem com essa. Mudei-me para cá quando assumi o negócio de investigadora particular. O escritório fica no terceiro andar, e meu apartamento, no sexto. Moro num conjugado pequeno de quarto e sala, que antes era um apartamento comum, até o chinês dividi-lo em dois e alugar como sendo duas casas. Para mim, que sou sozinha, é o suficiente. E o preço também é bom. Se eu for justa, essa é a melhor casa onde já morei desde... desde minha liberdade.

— Dona Penélope!

Tona Penélopí... É claro que ele me viu. Ele vê tudo.

Esforço-me para sugar uma inspiração pequena, suficiente para expressar uma boa reação quando me viro para ele.

O chinesinho de 1,5m de altura veste a habitual calça de brim azul-marinho. Os cabelos escorridos e grisalhos caem meio de lado, despenteados pelo vento. Óculos pequenos escoram-se na ponta do nariz. E sua marca registrada, a caneta dourada, segue pendurada no bolso da frente da camisa verde.

Madre, vê-lo traz-me uma mistura de sentimentos.

— Boa tarde, senhor Zhang Yimou.

— Estou tentando falar com a senhora já faz bastante tempo, dona Penélope. Por onde andou?

Meu lábio inferior estremece um pouquinho. Contudo, levanto o rosto.

— Eu estava fora da cidade, num trabalho muito importante.

Os olhos puxados se apertam mais, desconfiados.

— E a senhora não tinha telefone nesse lugar?

Outro tremor, no queixo dessa vez.

— Na verdade, o meu celular sofreu um acidente, sabe?! Mas, se for sobre o próximo aluguel, não se preocupe, terei dinheiro para pagar. Dessa vez é sério.

Ele faz um estalinho de língua, tipo um avô que, de tão ranzinza, torna-se até engraçadinho.

— Precisamos conversar sobre o aumento, dona Penélope. Terei de cobrar a vaga de garagem.

Pisco, um tanto magoada. É sério que ele escolheu hoje para me cobrar algo que nem mais uso?

— Senhor Zhang Yimou, eu não uso mais a garagem, lembra? — Encolho os ombros. — O banco tomou o carro, e ainda não posso comprar outro, então não me parece justo que...

— Negativo. A senhora não pode pensar que, porque ele é daquele tamanho, pode ficar isenta. Eu estaria sendo injusto com meus inquilinos.

Talvez pela ausência de sono por tantas horas ou pela bagunça emocional em que me encontro, não consigo fazer com que suas palavras

façam algum sentindo em minha mente.

— Senhor, por favor, me desculpe, mas de quem estamos falando? — Olho-o confusa. — Quem é “daquele tamanho”?

A expressão em seu rosto é levemente irritada. Paciência não é uma virtude do velho homem.

— Ora, dona Penélope, estou falando daquele carro estranho e feio que a senhora mandou deixar na garagem! Eu nem posso imaginar onde estava com a cabeça quando comprou aquela... aquela *coisa*! A senhora mal cabe lá dentro!

Carro... carro estranho e feio?

O ovo medonho?

— Meu ovo medonho está aqui? — A expectativa e a excitação me fazem ficar imediatamente desperta.

O senhorio franze os lábios e me lança um olhar como se me chamasse de maluca.

— Sim! É exatamente como ele se parece. Um ovo feio azul, *feio e velho*. E não importa se ele ocupa metade de uma vaga, terei de cobrar uma vaga inteira.

Meu Deus... Ele mandou meu carro para cá. Sebastian teve o cuidado de despachar meu ovo medonho para casa!

— Ah, não posso acreditar! — Sem poder evitar, disparo para a garagem no subterrâneo como uma criança em dia de Natal. Minhas pernas parecem flashes de velocidade. Os seios saltam pesados e a bunda balança com vida própria, mas não ligo para os motivos pelos quais eu normalmente evito correr.

E, quando desço a rampa, ele está bem ali. O pequeno carro azul com lugar para duas pessoas, polido, brilhando feito novo!

Ah, Jesus! Aquele russo fez mesmo isso por mim!

— A senhora não deveria correr assim, dona Penélope! — o chinesinho grita ofegante descendo a rampa.

Por que aquele homem tem de fazer essas coisas? Por que ser bom, e generoso, e protetor? Como é que posso esquecê-lo, quando ele dificulta todo

o trabalho?

Um soluço alto escapa de meus lábios. Forço que ele seja o único, mas é tão, tão difícil lutar contra essa coisa apertando meu coração. Tudo treme, tudo em um instante parece doer. Seguro meu coração com ambas as mãos, porque sinto que ele vai se quebrar a qualquer minuto.

O chinesinho abre a boca para dizer algo, e a fecha logo em seguida, observando-me de um jeito confuso, surpreso.

— Poxa, dona Penélope, eu disse que ele era feio, mas a senhora não precisa...

Oh, Deus!

— É-é t-tão di-difícil, senhor Z-Zha-ang Y-Yimou.... — nem mesmo consigo falar sem soluçar e tremer... e dói tanto!

Não sei se é o seu olhar ou o aperto em meu peito, mas, quando percebo, estou me lançando sobre o pequeno chinês com todo o meu tamanho, em um abraço sentido, sofrido.

E, num piscar de olhos, tudo o que guardei, orgulhosa de minha suposta “força”, já não quer mais ficar contido; quer sair, quer me abrir de dentro para fora e explodir.

As lágrimas descem densas, grossas, de maneira que nem me lembro de já ter chorado, e isso é ridículo! Sou ridícula por fraquejar assim!

— N-não tenho ideia do que fazer!

A sensação é de que posso morrer se eu não esquecer Sebastian de uma vez, e o problema é que nem mesmo sei por onde começar. Por que dói tanto assim? Ninguém está me tocando contra a vontade, ou me surrando, mas por que parece que esse sentimento é pior?

— Dona Penélope, não fique assim... — Passa a dar uma sucessão de tapinhas desajeitados contra minhas costas. — Sei que sua situação nunca foi boa, mas não posso deixar de fazer a cobrança adicional. As contas aumentaram, e esse carro aqui me impede de alugar a vaga para outro. Não chore... Não chore.

Não “chole”... ele não quer eu “chole”. Ah, *Madre de Dios!* Eu não consigo!

Fungando feito uma criancinha, eu me separo dele, limpando os olhos,

o nariz escorrendo. Dou um último olhar emotivo para o carro e subo para o meu apartamento. As correspondências estão todas próximas à porta; desvio delas ao passar. Não abro as cortinas, apesar do que a casa necessita; meu objetivo é a cama. Sento-me na beirada, entorpecida, empurro os tênis para fora dos pés, depois a calça. Afasto a colcha quentinha e me afundo debaixo dela.

— Não ficar lá foi uma escolha minha — lembro baixinho, num tipo de reza, mentalizando as razões que me levaram a tomar a decisão.

Pode doer agora, mas seria pior se aquela situação se estendesse por mais tempo. Quanto mais eu ficasse perto daquele *cabrón*, mais as gavinhas russas se aprofundariam.

Não importa o que eu faça, não consigo dormir, sequer um cochilo. No meio da noite, saio da cama para me encontrar ajoelhada no azulejo frio do banheiro, abraçada ao vaso sanitário. Sinto-me mal. Quando despejo o conteúdo aquoso do estômago, ainda assim não alivia.

Concentro-me na respiração: inspire; expire... e quase posso ouvir sua voz gostosa soprada no meu ouvido, algo como “respire, espanhola”.

— Saia, Sebastian. Fique longe da minha cabeça... Não importa o quão bom você é, você não é bom para mim.

Em vez de voltar para a cama, vou até a janela, abro-a e permito que o ar fresco da noite invada meus pulmões.

Não importa o que eu sinta, hoje é o único dia em que me permitirei sofrer. Amanhã será um recomeço, vou levantar a cabeça e seguir em frente, porque é assim que as coisas são. Eu tenho de lutar.

Por uma questão de fortalecimento, deslizo os dedos por entre meus cabelos, encontrando o relevo... a cicatriz escondida. Se suportei aquilo, um coração partido não pode me matar.

Residência dos Molina. Anos antes.

O barulho da trava sendo aberta me alertou. Sentei-me na cama rapidamente, encostando as costas contra a parede. Puxei os joelhos junto

ao peito e esperei, desperta, para saber qual deles era. Não importava quem estivesse ali, ou o quão fraco meu corpo se encontrava, eu os odiava com toda a força.

Não fazia ideia de quantas horas, talvez dias haviam se passado desde que eu tinha sido trancada. Eu só conseguia pensar que já não tinha mais nada a temer. Aquela família me tirara tudo.

Quando a porta rangeu, cerrei os punhos e esperei.

A fragrância enjoativa da colônia amadeirada barata foi a primeira coisa a denunciá-lo, bem como o cheiro da pasta que usava no cabelo. Senti seu olhar em mim, avaliando-me com impassibilidade. Meu corpo se retesou, e era sempre assim; nunca me acostumaria.

— A Rosa não está feliz com você... — sua voz era baixa, pastosa, com fingida complacência, como se se importasse comigo ou com qualquer ser humano no mundo, mas bastava olhar para ele e eu poderia descobrir o quanto o homem era vazio, perverso.

Não respondi; sequer suportava um segundo em sua presença. A raiva que borbulhava dentro de mim era tudo o que eu conseguia sentir. Meus lábios e sobrancelhas ainda continham sangue seco, feridos pela travessa de sopa quente que a mulher quebrara contra meu rosto. Ela era desequilibrada. Eles eram. E eu estava começando a ficar louca também. As surras e os abusos já não feriam tanto quanto a falta de esperança de um dia conseguir fugir dali.

— Você não tem se comportado bem, Pê.

“Pê”. Ele só me chamava desse jeito quando estávamos sozinhos.

Meus dentes trincaram.

Ele riu baixinho.

— Olhe só pra você, parece um animalzinho sujo, arisco — comentou, escorando-se ao batente. — Depois de tanto tempo, ainda não é capaz de demonstrar gratidão por tudo o que fizemos. Isso me entristece muito, sabe?

Eu tremia, não sei se de fome ou somente raiva, mas tremia inteira.

Incomodado por não obter uma reação, ele fez silêncio, fingindo desinteresse. Eu sabia que era somente uma estratégia. Sentia seu estado de espírito, feito um animal porco que não se saciava nunca. Bastava eu subir

os olhos, e o volume em sua calça o denunciava.

Então, de repente, ele se afastou do batente, tranquilo demais, e guardou as mãos nos bolsos. Em vez de entrar, como era esperado, ele não o fez. Aquilo soou um alarme em minha mente.

— A Rosa levou os meninos para um passeio. Aproveite que ela está fora para tomar um banho. Já faz quatro dias que está trancada aí e... — fungou o ar, enrugando o nariz — você não cheira muito bem. Posso sentir daqui.

A mulher sair e levar os filhos era uma novidade. Eles nunca iam a lugar algum além da escola, e, desde que eu havia chegado à casa, nenhuma alma viva os visitara. Vivíamos trancafiados. Durante os quase quatro anos, os únicos rostos que eu via eram os dos Molina. Isso somado às inúmeras tentativas inúteis de fuga estavam definitivamente mexendo com a minha cabeça.

Eu estava no limite, não sabia dizer exatamente o que significava, porém, compreendia que não podia suportar mais nada.

Percebi, então, que, se a razão de o sujeito não adentrar o quartinho sem janela e me tomar à força era o meu cheiro, eu preferia nunca mais tomar banho. Era isso o que eu faria. Eu não me lavaria nem naquele dia, nem nunca.

Sendo muito mais velho e talvez mais perspicaz, ele foi capaz de ler aquele pensamento, pois o que disse a seguir ressoou um segundo alerta em mim:

— Vamos receber visitas essa noite. Queremos que você esteja apresentável, Pê. Faça o que eu digo.

O pai dos Molina não esperou para assistir à dúvida brotar em mim, ele fez pior, afastou-se calmamente e, fazendo isso, deu a ela vida e força. Agora eu já não podia saber se era mentira ou não. Aquele homem nunca hesitara em saciar sua necessidade nojenta comigo, então havia uma chance de ser verdade.

E, se fosse, se visitas estivessem para chegar, alguém tomaria conhecimento da vida que eu estava levando e poderia me ajudar.

A esperança voltou a criar asas no meu coração.

Levantei-me da cama, peguei uma troca de roupa dentro da caixa – as opções eram limitadas, e nenhuma delas poderia ser considerada “apresentável”, como ele disse. Tudo era de segunda mão, ou pequeno demais, ou grande demais, porém, não importava.

No armário do lado de fora do banheiro, apanhei uma toalha e entrei. Não havia fechadura ou qualquer tipo de tranca na porta. O único cômodo com algo assim era o meu, e só podia ser fechado pelo lado de fora.

Enfrentei a menina acima do peso diante do espelho, olhos profundos e sombreados, cabelos malcuidados, lábios e olhos inchados, rodeados por sangue seco e coloração arroxeada. Não havia brilho ou felicidade. Era irônico que alguém tão cheia de sonhos e esperanças quando criança fora levada àquela situação.

Baixei a calça de moletom larga, tirei-a, dobrei-a e a descansei sobre o vaso sanitário. Quando estava prestes a tirar a camiseta, a porta do banheiro se abriu lentamente, um prenúncio ruim.

Olhos predadores me encararam pelo espelho, enegrecidos, brilhantes e gélidos.

Encolhi-me contra a pia quando suas mãos se fixaram firmemente em minha cintura. Minha respiração subia e descia acelerada.

A boca de hálito forte encostou contra a minha orelha, sem nunca deixar de me encarar através do espelho.

— Eu sempre quis tomar banho com você, Pê. Dei a eles ingressos para aquele parque para o qual o Santiago chorou para ir, e só voltarão à noite. Temos a casa inteirinha para nós — a voz excitada era preenchida de rejúbilo, enquanto esfregava sua ereção em minha bunda.

Ele nunca tinha sido tão explícito. Suas investidas noturnas se resumiam em me prender contra a cama, esmagar minha boca com sua mão e me violentar silenciosamente, mas aqui... aqui ele parecia doente, um animal livre para expor o seu pior.

Minhas pernas enfraqueceram.

Meio que cegamente, fiz o impensado... agarrei a primeira coisa sobre a bancada da pia para me defender.

Uma tesoura grande de ponta afiada.

Cravei-a em sua coxa com toda a minha força.

O som do metal rasgando sua carne é algo de que eu nunca me esqueceria.

Então tudo aconteceu rápido demais. Seus olhos se arregalaram. Eu o empurrei para longe. Ele caiu no chão. Sangue jorrava de sua perna com toda a capacidade, empossando a calça mostarda. Vi ali minha primeira oportunidade real de fugir, e eu poderia ter corrido imediatamente, mas sabia o obstáculo que encontraria: porta para a rua trancada. Somente uma pessoa presente possuía as chaves. Foi quando fiz a coisa que considero mais corajosa de toda a minha vida: eu me abaixei para pegá-las dele.

Sabia que estavam em seu bolso, pois tanto ele quanto a esposa nunca vacilavam com as chaves. Elas eram mantidas rigorosamente longe de mim.

No chão, lutamos por ela. Sua vantagem sob mim era a força masculina desproporcional à minha, na condição de mulher que não exercitava os músculos e estava acima do peso. Já a minha arma contra ele era a monstruosa motivação de alguém que sonhara todo santo dia em fugir daquela casa; uma adolescente estuprada; subjugada; surrada, mas que nunca perdera a fé.

Enfiei minha mão em seu bolso quando a senti ali.

Ele agarrou meu cabelo com força capaz de escarpelar, afastando-me.

Não soltei.

Meu dedo indicador estava quase se enroscando na argola... Então minha cabeça foi lançada contra o vaso sanitário, num baque horrível. A tontura escureceu a vista com carga total, vi estrelas; os dentes trincaram; os ouvidos zuniram; sangue escorreu por meu rosto. Era o fim.

“Porém, se caio, caio em pé.” O molho de chaves estava agora pendurado em meu dedo. Eu o pegara!

Como o monstro que era, o Molina pai não estava disposto a me deixar ir. Apelei. Engatinhando, zonzas, eu apoiei o peso de meu corpo – que não era pouco – naquela tesoura e terminei de afundá-la.

Nunca vi tanto sangue antes e não fiquei para saber se ele sobreviveria. Agarreí minha calça, naquele instante no chão, disparei me segurando nas paredes para a porta e finalmente a destranquei.



Volto das sofridas lembranças. A memória do ar fresco batendo contra meu rosto é uma que nunca será apagada.

Liberdade.

Ao primeiro passo para fora da casa, eu nasci de novo.

Minha vida foi construída por renascimentos desde então; recomeços. Não importa quantas vezes sejam necessárias, eu recomeçarei.

Capítulo 37

SEBASTIAN

Rússia.

Olhares curiosos acompanham meu caminho até a mesa nos fundos do salão. A escolha do restaurante caro não me surpreende; sujeitos como eles não sujam as mãos ou se expõem. Não, eles estão acima do bem e do mal, em seus ternos caros, manipulando peões em suas batalhas.

À medida em que o *maître* mostra o caminho, capto seu olhar de esguelha em mim, talvez por minhas roupas, que não combinam com o lugar, ou os óculos escuros; ou mesmo minha expressão de poucos amigos. Não o culpo. Aquele destilado ruim como o inferno enganou, mas não me derrubou. Não tive uma única hora de sono. Como resultado, tenho um ombro costurado latejando, a cabeça explodindo e um humor dos diabos.

— Eles estão ali, senhor. — O homem mal esconde o alívio ao apontar para a mesa e me deixar seguir por conta própria.

Os agentes da Interpol se levantam para me receber.

— Sebastian — Jurgen, o francês, cumprimenta-me, enquanto os demais apenas me examinam.

— Senhores — digo friamente.

Arrasto a cadeira e me sento sem esperar por um convite. Não há simpatia ou amizade entre nós. Fui chantageando para trabalhar com eles; ameaçaram a mim, meus amigos e, principalmente, Gael e sua família. Estive nos piores buracos, arriscando nossas cabeças.

Arrumando gravatas e punhos, os três babacas fazem o mesmo.

— Fiquei satisfeito com sua chamada — Jurgen diz.

No passado, quando prometi sobre o túmulo de minha noiva que vingaria sua morte, tive de pedir um favor a Jurgen, algo que era importante

para encontrar os assassinos.

Lara foi traída por alguém que lhe ofereceu ajuda para encontrar sua melhor amiga desaparecida em um cruzeiro pela América do Sul. Minha noiva investigou por conta própria e descobriu que a amiga foi vítima de um sistema de tráfico de mulheres. Em suas investigações, xeretando onde não devia, Lara conheceu pela internet alguém que se apresentou como Sam, suposto irmão de uma mulher que também estava desaparecida. Lara confiou nele, acreditou que tinham o mesmo objetivo e compartilhou com ele suas descobertas. O sujeito, na verdade, fazia parte da quadrilha, e, quando ela lhe informou que estava em contato com a Interpol para denunciá-los, o maldito a traiu, pediu sua localização e enviou os assassinos direto até ela.

Minha noiva estava sozinha com os filhos gêmeos de Gael. Os desgraçados mataram Lara e as crianças e os jogaram numa vala.

Tudo o que tínhamos sobre esse cara estava no HD dela, em posse da Interpol. Jurgen – um velho contato dentro da agência – nos ajudou a obtê-lo de volta, *a um preço*.

Paguei. E, então, ele decidiu que não era o bastante; continuou cobrando.

Hoje estou aqui para obter minhas notas promissória de volta. Não devo mais nada à Interpol. E não pretendo ser chantageado outra vez.

— Eu imagino que sim — refuto, sarcástico, sinalizando ao garçom.

Peço um copo de uísque com gelo, sob a vigilância dos homens.

— Você está com ele? — ao lado de Jurgen, o sujeito calvo de rosto fino cujo nome não lembro – e não faz diferença – não delonga a perguntar.

Aprecio sua objetividade. Porém, calmamente, deslizo um olhar tranquilo entre eles, mostrando-lhes que há uma pequena inversão de papéis desde o nosso último encontro.

Agora eu estou dando as regras.

O desgraçado do Verhoeven não sabe, mas, no minuto em que colocou seus pés na Rússia atrás de minha menina, o traficante de mulheres se tornou nosso passaporte para a liberdade.

“Minha menina.” A maneira como me referi a Penélope me surpreende e volta a causar aquele latejar desagradável no peito.

Sorvendo uma respiração profunda, exijo de mim mesmo foco no que vim fazer aqui. Quanto antes eu me livrar das amarras da Interpol, mais tempo terei para colocar a cabeça em ordem... para decidir o que fazer com minha vida daqui para frente.

— Aprecio a objetividade. — Giro o copo com gelo recém-colocado sobre a mesa, sem tirar meu olhar dele. — Como devem supor, fiz minha parte. Estou com Verhoeven.

As expressões de triunfo são comoventes.

Lambo os dentes da frente, gostando um pouco mais disso do que imaginei que gostaria.

Beberico o uísque antes de perguntar calmamente:

— Vocês trouxeram o documento de extradição?

Pela troca de olhares entre os caras, acho que estão compreendendo rapidamente a situação.

— O que quer dizer com isso? — Jorgen inclina a cabeça, encarando-me como se alertasse que esse é um caminho perigoso.

Recebo seu alerta com certa diversão.

— Deixe-me adivinhar: não há permissão do meu governo para essa operação, há?

— Sebastian, você sabe o que está em jogo...

— É, eu sei. — Meneio a cabeça vagorosamente. Inclino-me, então, para frente, olho no olho. — A questão aqui é que vocês o querem, e eu o tenho. Acredito que esse seja o momento de uma nova negociação entre nós.

O sujeito afrouxa a gravata.

— Verhoeven é um procurado internacional.

— Não no meu país. — Arqueio a sobrancelha. — Ele é?

Os dois agentes, espertos, esperam.

— Ele é *holandês*. Não um cidadão russo — Jorgen refuta.

Merda, eu gostaria de ter paciência para levar isso por mais tempo. O problema é que hoje é realmente um mau dia.

Decido, então, encerrar a noite de uma vez.

Retiro os óculos escuros e deixo que lembre com o que exatamente ele está se metendo.

— Verhoeven não tem qualquer valor para mim, Jurgem, mas tem para sua agência. No passado, você nos deu o que precisávamos, e cobrou seu preço. — Encaro-o diretamente. — Nós pagamos. E você continuou cobrando. Você colocou cordas sobre os pescoços de pessoas que são importantes para mim, e vou te contar um segredo: não gosto de ser pressionado. Se quer aquele cara, você o terá. E nossa merda acaba aqui.

— O que quer que eu faça? — as palavras são grunhidas entre os dentes, insatisfeito por se encontrar na posição que, antes, eu ocupava.

Melhor assim.

— Destrua tudo o que tiver sobre nós e o que fizemos para pegar aqueles merdas. Você sabe que nenhum daqueles irmãos valia qualquer coisa. Tampouco todo o lixo humano que eliminamos.

Jurgem ajeita a gravata, enchendo o peito.

— Temos um acordo. Coloque-o no avião do seu amigo e me entregue Verhoeven em Amsterdã.

Bufo ironicamente.

— Certo. Eu o deporto; você cumpre sua palavra, e ambos seremos felizes. — *Dá para acreditar nesse cara?* — Sabe o que minha avó diria sobre sua oferta, Jurgem? Pois vou te dizer: a velha acharia que você quer que ela cozinhe sua comida e a mastigue por você, para que só tenha o trabalho de engolir.

— Sebastian...

Merda, meu nível de tolerância para conversa fiada se encerrou.

— Abra a porra dos seus ouvidos e ouça bem: aja como um homem e terá o que quer; continue tentando subestimar minha inteligência, e eu esqueço essa merda toda, caço sua bunda e o entrego ao primeiro desses filhos da puta espalhados pelo mundo que você fodeu.

Suor escorre pela testa do babaca, dono de mãos lisas como uma princesa.

— Não me ameace.

Assinto.

— Eu não ameaço, você deveria saber. Esta é uma promessa, e eu cumpro o que prometo.

Ele me fulmina, furioso. Retribuo na mesma intensidade.

— Fale de uma vez, Sebastian, de que forma você quer que façamos?
— grunhe.

— Ótimo. Agora você fez uma pergunta descente. — Relaxo para trás na cadeira, apesar do latejo nas têmporas. — Venha você mesmo, com o seu avião, seus homens uniformizados e leve Verhoeven.

O francês bufa.

— Você sabe que não posso. Não temos jurisdição para entrar aqui sem...

Corto-o:

— É, vocês não têm. Mas burlar as regras nunca foi um problema para qualquer um aqui, foi?

O idiota ao seu lado ri, insultado.

— Ele quer que entreguemos a ele provas contra nós mesmos, Jorgen.

Cruzo os braços diante do peito, impressionado.

— Bem, você tem um cérebro aí, eu posso ver. E é exatamente isso — debocho.

Sem pressa, sob seus olhares raivosos, pego os óculos sobre a mesa e os coloco novamente. Então me levanto, isento de humor ou disposição para permanecer aqui.

— As condições são essas, Jorgen. Você tem meu telefone. Basta ligar quando se decidir. O holandês estará em suas mãos, e você resolverá isso no país onde desejar. — Apoio as mãos na mesa e me inclino para ficar ao nível de seu rosto. — Do contrário, solto aquele cara e entrego seu endereço na *Rue Beaubourg*, 44 pra ele. Verhoeven vai gostar de saber quem é a raposa farejando sua bunda. E, se ele não resolver isso, farei eu.

— Você ainda pode ser arrependido disso, Sebastian...

Entediado com a ameaça, deixo uma nota sobre a mesa.

— Tolerei essa merda porque eu tinha uma dívida com você. Ela agora

está paga. Você decide como será daqui em diante.

Saio do restaurante sob os mesmos olhares. Meu carro está à porta, impedindo o caminho, para a exasperação do *valet*.

— Não disse que seria rápido?

Dou a ele um sorriso de merda e uma nota de 50 euros por ter de tolerar idiotas arrogantes como eu.

Diante do volante, não sei que caminho tomar; de um lado, meu apartamento, contendo marcas de uma vida até aqui; na direção oposta, a casa vazia onde passei os últimos dias... onde ela esteve e suas coisas permanecem.

A escolha que faço de certo modo me assusta.

Capítulo 38

PENÉLOPE

Espanha

— A senhora está segura desse pedido? — o funcionário indaga um tanto mecanicamente, repassando todos os campos e verificando se preenchi corretamente os formulários que ele me entregou em uma prancheta.

Devolvo a caneta, gentilmente colocando-a sobre o balcão que nos separa.

— Sim. — Ao sentir o tremor em meu queixo, eu o levanto. — Eu deveria ter feito isso há muito tempo, sabe?

Talvez pela emoção em minha voz, ele sobe a atenção dos papéis e me lança um olhar cuidadoso.

— Certo — assente, meneando a cabeça. — Pode levar alguns meses até o processo ser levado à mesa da juíza; então a senhora será chamada para conversar com ela aqui mesmo, neste edifício.

— Tudo bem, eu... eu posso esperar. — *Já esperei tanto.*

Ele carimba uma via e a desliza para mim.

— Essa via fica com a senhora. Informaremos através de um oficial quando a audiência for marcada.

— Obrigada. — Dobro a folha cuidadosamente em quatro partes, como se ela fosse um bem de muito valor, e a guardo na bolsa. Estou mais emocionada em dar esse passo do que pensei que estaria.

Conforme me comprometi comigo mesma, hoje é um recomeço.

Uma noite em claro me deu muito em que pensar. Amanheci finalmente preparada para fazer o que mais desejei nos últimos anos. Não quero ter de carregar o sobrenome Molina por nem mais um dia. Sou uma Velasco.

O temor de que pudessem me encontrar, vir atrás de mim, deteve-me de agir antes. Não sei quais foram as consequências daquela noite, se aquele homem sobreviveu ou não ao meu ataque; deixei meu passado com aquela família no momento em que fugi sem olhar para trás. Vivi nas ruas, escondendo-me. Fui construindo uma vida para mim pouco a pouco. No entanto, levou algum tempo até eu finalmente parar de sentir medo de que estivessem à espreita.

São mais de oito anos com um esqueleto escondido no armário, mas hoje me sinto fortalecida para deixar isso ir embora também, virar a última página daquele período ruim da minha vida.

Confio na providência divina, sei que um dia eles ainda pagarão pelo que me fizeram, e minha melhor vingança contra aquela família é simplesmente seguir em frente e ser feliz; porque, se eu esmorecer ou fraquejar, no final eles vencem.

Então, pensando primeiro em minha felicidade – e apesar do quanto doa, doa muito –, eu me orgulho por ter tomado a decisão que tomei sobre Sebastian. Submeter-me a amar sem ser amada é o mesmo que não amar a mim própria, e eu me amo. Amo a menina que sofreu e comeu o pão que o diabo amassou no orfanato e naquela casa; amo a mulher que luta diariamente para garantir a próxima refeição; amo a pessoa que, apesar de tudo, nunca deixou de sonhar em um dia pertencer a uma família ou, quem sabe, construir a sua própria.

— E essa dor vai passar... Você irá esquecer o *cabrón* — reforço baixinho, otimista, pisando na calçada sob a marquise do prédio da justiça.

Um olhar do outro lado da rua, todavia, lembra-me que não será assim tão fácil. Meu ovo medonho, brilhante, recém-polido, interior reformado com adoráveis bancos de couro bege é uma memória viva daquele russo... uma da qual não pretendo me desfazer. Antes mesmo de conhecer o homem, eu já gostei do carro. Se Sebastian o reformou para mim, foi um bônus.

Enquanto espero o semáforo liberar a passagem de pedestres para atravessar a rua, protejo os olhos dos raios de sol do meio-dia. Não vou dizer que senti falta do calor escaldante desta época do ano, menos ainda da sensação de ter o corpo amolecendo desse jeito.

Preciso segurar no poste e me apoiar quando uma vertigem me

atrapalha o equilíbrio. Devo estar com a pressão baixa, e, levando em consideração que minha última refeição foi o jantar na casa de Priscila, há dois dias, não é nada estranho.

— *Estás bien, señora?* [50] — alguém indaga às minhas costas, segurando meu cotovelo.

Engulo a ânsia de vômito que vem junto da pressão baixa e me esforço para olhar em sua direção. É o segurança que fica na porta do prédio.

Passo a mão por minha testa, de repente suada, e a seco na camisa de botão que vesti esta manhã.

— Só um pouquinho tonta, mas acho que é fome. — Encolho os ombros, sorrindo sem graça. — Você sabe, já está na hora do almoço, então...

Não é difícil de acreditar quando há uma gordinha provavelmente pálida à sua frente. Mesmo assim, gentilmente, o negro bonito me oferece o braço e ajuda a atravessar a rua. Não recuso. Quem recusaria passar alguns segundos enganchada no braço de um sujeito grande e forte?

— Você cheira bem... — brinco, num flerte.

Recebo em troca um sorriso de dentes alinhados e brancos.

— A senhora também, moça.

É esse “moça” que me faz lembrar um outro “*moza*”, num sotaque carregado, sussurrado em meu ouvido. Droga. Eu só queria que houvesse uma fórmula mágica de esquecimento... Talvez eu devesse ter furtado o livro da *babushka*, quem sabe algo nas simpatias pudesse me ajudar agora?

SEBASTIAN

Rússia

O Dassault Falcon 2000 está pousado no hangar, motores e luzes ligados, no meio da noite, pronto para levantar voo tão rápido quanto pousou. A alguns metros dele, Elliot e Ed descem de sua caminhonete negra arrastando Verhoeven pelo braço. O holandês não está exatamente

colaborativo com seu destino, posso ver de onde estou.

Pego meu telefone do bolso e disco.

O sujeito do outro lado da linha atende ao primeiro toque, sabendo que sou eu. Assisti à sua reação quando não me viu descer junto aos caras.

— Fale — Jurgen rosna.

— *Bonsoir*^[51], Jurgen — tranquilamente cumprimento o francês em seu idioma. Ajusto a lente, assistindo ao aperto de seus lábios finos.

— Fiz o que você pediu, Sebastian. Meus agentes estão todos aqui, uniformizados, se expondo numa operação ilegal, porque você é caprichoso demais. Espero que esteja coletando o suficiente de garantias.

— É, de fato, o presidente da Rússia não é, digamos, razoável com investidas internacionais sem autorização e não ficará feliz em receber um vídeo de sua intromissão aqui, Jurgen. Você comprometeu sua equipe e sua agência. Devo admitir que estou impressionado.

— Sabe que não precisava ter conduzido as coisas dessa forma. Somos parceiros. Estamos na mesma luta.

Bufo com escárnio.

— Se não tivesse me chantageado pelos últimos meses, eu poderia concordar com você. Agora, por favor, espere um minuto ao telefone. Tenho algo a fazer.

Mudo a direção da lente para Elliot transferindo Verhoeven para os sujeitos trajados com jaquetas da companhia. Um menear discreto do cara é nossa comunicação.

Os agentes caminham levando Verhoeven para os degraus da aeronave.

Ajusto a mira telescópica de ampliação do meu McMillan TAC-338^a em 4x. No centro de meu alvo, a cabeça calva do holandês.

Eu vou encontrar e rasgar sua puta ao meio, a ameaça de Verhoeven quando o arranquei daquele galpão na noite passada retorna fresca.

Puxo o gatilho.

No instante seguinte, seu cérebro está explodindo nas jaquetas dos agentes.

Enquanto o corpo dele é largado e os caras se colocam em estado de

alerta, sacando suas armas sem saber de onde o disparo veio, pego meu telefone de volta.

— Você... — Jorgen, irritado, grunhe sem acreditar.

Descanso meu McMillan.

Eu não delegaria a ninguém mais essa tarefa. Era pessoal.

— Ele ameaçou alguém importante pra mim. Não posso deixar a segurança dela nas mãos de quem não confio — digo como um fato, desapaixonado. Então ajusto meu tom para passar a próxima mensagem de forma clara: — Terminamos aqui, Jorgen. Voe para o mais longe de mim e meus amigos que puder. E não volte.

Desligo.

Não há mais nada aqui para fazer. Estou livre.

Capítulo 39

SEBASTIAN

Rússia

— Deduzi que poderia te encontrar aqui...

Ao som impassível de sua voz, vagorosamente descanso o copo de volta sobre o balcão de madeira da taberna escura sem mudar meu olhar desinteressado do monitor transmitindo a reprise da luta de Nurmagedov. Sua chegada sem convite não me surpreende. Senti a aproximação do sujeito antes mesmo de ouvi-lo, talvez num efeito colateral de conhecer alguém por uma vida inteira.

— Pensei que eu tivesse deixado claro que estou de férias — explico, obrigando-me a parecer indiferente.

Sem solicitação, Gael, o puto inabalável, senta-se ao meu lado ajustando as abotoaduras de seu terno caro. Não nos falamos desde o episódio do aeroporto. Não guardei ressentimento por aquilo. Eu compreendi. Compreendi de verdade. Contudo, não estou disposto a lhe confessar isso. Não é um bom dia para conversas – ou uma boa semana, ou um par delas.

O cara faz um sinal pedindo uma dose para Samsonov.

— Tenho passado em seu apartamento para checar se finalmente encontrarei seu corpo se decompondo, mas, pelo visto, você está se saindo bem em fazer isso devagar — diz tranquilamente.

— Preocupado? — Arqueio a sobrancelha de modo arrogante.

— Gosto de me antecipar às más notícias. — Faz um simples gesto de ombros.

Dou uma risada de lado, sem humor.

— Se sua preocupação é sobre para quem vou deixar minha parte em sua empresa, saiba que estou num impasse. Bola, por enquanto, está

vencendo.

— Menos mal. — Ele reflete: — Prefiro ter de lidar com Bola. Elliot e Ed têm cérebros maiores, poderiam ser um problema.

Gael fazendo piada é algo difícil de se acostumar. E, somente por isso, dou-lhe o crédito de olhar em seus olhos.

— Por que está aqui? — pergunto como quem acusa “por que se importa, cara?”

O par de turquesas sombreadas sustenta o meu. Não há qualquer benevolência, apenas confronto.

— Sou eu a te fazer essa pergunta. Por que está tentando se afundar, Sebastian?

Não tenho uma palavra certa a dizer. Estou uma merda. É difícil se manter impassível quando se está assim, rodeado apenas por uma escuridão que parece queimar cada fragmento do corpo.

Mudo minha atenção de volta à tevê, calmamente.

— Volte para sua família, Gael. Não estou procurando conselhos, ou seja lá o que espera de mim. Se eu quisesse desabafar, iria atrás de um maldito padre.

A risada chega densa, baixa.

— Um padre não poderia fazer nada por você ou por qualquer um de nós.

O que diz me força a voltar a olhar para ele, com cuidado.

— O que quer dizer com “qualquer um de nós”? Você está limpo. Não há mais nada. Zerou.

Gael não comenta nada enquanto Samsonov se aproxima com a garrafa para abastecer um copo com vodca para ele. Mantenho-me calado, perfurando a expressão em seu rosto, a qual revela que o puto não acredita em redenção.

— Nikolaevich — o velho dono da taberna cumprimenta.

— Samsonov — Gael retribui, em respeito.

— Deixe a garrafa — peço quando ele está pronto para nos dar as costas.

A contragosto, Samsonov a deixa, não sem antes me mandar um aviso:

— Vá com calma, garoto.

Sacudo a cabeça em negação.

— *Garoto*. Dá pra acreditar que ele ainda nos considera assim? — zombo, desgostoso.

O velho ri.

— Você e sua turma serão sempre garotos, Sebastian. Seu avô, aquele velho bastardo, te trouxe aqui quando você sequer tinha pelos em seu saco.

Inevitavelmente, dou-lhe uma expressão convencida de merda.

— Ah, eu tinha, Samsonov. Já estava saindo com sua neta naquela época.

— O que você tinha é um maldito ego grande, filho. E ainda tem.

Levanto um copo em saudação, não o desmentindo.

Quando ele sai rindo, o silêncio entre Gael e mim volta a reinar.

Sem pressa, o cara leva o copo à boca. Depois de um instante de reflexão, a voz baixa retorna:

— Nada zera. Você sabe disso. Não há uma noite sequer que eu não pense em tudo ou que não me sinta desonrado por ter uma mulher bonita dormindo ao meu lado e meu par de filhos em suas camas quentes a alguns metros de distância.

Bufo, desqualificando sua declaração.

— É besteira. Você teve uma nova chance. As pessoas não questionam uma benção. Elas a recebem e pronto — refuto.

Observando o copo à sua frente também, os cantos da boca do cara se movem.

— Se pensa assim, por que resiste a aceitar que também teve uma?

Inferno.

Não posso lidar com essa merda. Não hoje. Não com esse nó me comprimindo o peito.

— Não, cara. Não hoje.

Ele assente, lento, frio.

— Sei o que você está sentindo — afirma significativamente. — Eu já estive aí.

Para fugir do que há em sua mente, despejo mais do álcool transparente no copo e o bebo numa tragada única, esperando que a bebida finalmente faça seu trabalho e me dê condições de voltar para casa sem que eu seja atacado por aquela coisa escura e profunda esgueirando-se, pronta para me engolir. Ataque de pânico, peso na consciência, seja qual for o nome para isso, venho tendo dias de merda. Verdadeiros dias de merda. Acho, honestamente, que essa é a maneira que o Universo escolheu para cobrar meus pecados: tirar a única coisa que me manteve vivo até hoje – a sanidade. Estou ficando maluco.

Comprimo a mandíbula, resistindo duramente. Não posso ceder.

— Na primeira vez em que peguei Ian e Alek no colo, naquela maternidade, senti que eu estava traindo Lenin e Irina — sua declaração inesperada me tira um pouco o foco. Encaro-o, notando o distanciamento em suas feições, notando sua própria luta. — Olhei para aquelas duas crianças e fui golpeado pela culpa. Sabia que eles teriam mais chances do que meus primeiros filhos tiveram, que eu os protegeria com minha vida, porque agora conhecia o lado ruim do mundo e jamais permitiria que alguém os ferisse. — Seu olhar intenso captura o meu. — A culpa pode ser um veneno amargo, irmão; acredite, eu sei.

A pressão que involuntariamente coloco em meu maxilar passa a ranger os dentes. É inconcebível que ele se sintasse assim, o cara foi uma vítima. Foderam sua família de maneira cruel, vil.

— Alek e Ian foram mandados a você por alguma razão que não envolve nada daquela sujeirada toda.

Seu rosto gira para mim, quando arqueia a sobrancelha ironicamente.

— E quanto a Penélope? Não?

Sacudo a cabeça, resistindo à vontade de afagar o peito. Ouvir o nome da espanhola na boca de alguém é... é foda.

— São coisas diferentes. Dei minha palavra a sua irmã. Prometi algo e...

Merda, nem mesmo consigo dizer em voz alta; dizer que a culpa está

me empurrando diretamente ao buraco; que me lembro de Lara e do que tínhamos; o quanto eu a amava *pra caralho*; o quanto não tenho o direito de ser feliz sem ela.... mas nada disso aplaca a insuportável vontade de embarcar num avião e ir atrás da espanhola, de a roubar para mim e nunca mais a deixar ir. Isso está fodendo minha mente. Querer tanto aquela menina está fodendo minha mente.

Incapaz de permanecer de cabeça erguida, encaro as imperfeições do balcão robusto de madeira.

— Sinto que estou sendo desleal a Lara... — a confissão sai sem qualquer domínio, numa voz abafada que mal reconheço, como se essa porcaria precisasse explodir para fora. — Tô traindo ela, cara, porque não paro de pensar naquela espanhola. Não paro de malditamente pensar na espanhola e em tudo o que eu poderia ter com ela...

— Irmão...

Nego com a cabeça, sem mais vontade de esconder o pedaço de lixo que tenho me tornado nestas duas últimas semanas desde que Penélope se foi.

— Não, você queria ouvir, então aqui está: eu fiz uma promessa e tô falhando na minha palavra. — Enfrento seu olhar. — A verdade é essa, tô falhando com aquela a quem prometi ser leal, porque não consigo tirar a menina de minha mente, e essa situação está me deixando maluco.

Quero fechar os olhos, derrubar a cabeça no balcão e exigir que essa porcaria deixe de queimar tanto; em vez disso, aperto as mãos firmemente em volta do copo, como se ele fosse minha tábua de salvação. Eu não deveria ter derramado essa merda sobre ele ou sobre qualquer pessoa. O problema é que não está mais dando para levar. Simplesmente não está mais funcionando.

Escutando-me, de repente algo suaviza na expressão do cara. Sem pressa, ele bebe a vodka do pequeno copo e se serve de mais. Então reabastece o meu.

— Lembro quando você ligou pra Lara contando que havia sido aprovado para as FAR. Eu estava com ela.

Observo-o cuidadosamente, pego de surpresa pela memória. É claro que sei de que dia ele está falando. Quando recebi a convocação, antes de contar a qualquer um, imediatamente liguei para Lara.

— Minha irmã pareceu feliz com a notícia, feliz de verdade. Lara disse que sabia que entrar nas FAR era importante pra você. *Mesmo se ele conhecer alguém por lá e nunca mais voltar?*, eu brinquei. Ela pensou um pouco antes de responder: *Sebastian é um bom juiz de caráter; se ele escolher outra mulher, é porque ela será boa o bastante para estar ao seu lado.* — O cara me fita fixamente. — Essa foi a resposta dela, irmão.

Preciso massagear o peito discretamente. Lara era exatamente assim. Isso é algo que ela diria.

Provavelmente compreendendo o pensamento, Gael assente.

— Conhecendo-a como conhecia, você acha mesmo que minha irmã gostaria que você estivesse nessa, cara? Preso a ela por uma promessa ou por culpa?

A resposta vem certa, atropelando-me como um vagão de trem.

— Não — rosno. — Sua irmã era generosa demais para isso.

Ele assente outra vez, vagorosamente.

— Você nunca me pediu qualquer conselho, mas, como seu irmão, eu vou te dar. Lara está morta, não vai voltar. Você está vivo. Se aquela espanhola é importante ao ponto de te deixar nesse estado, não espere até perder suas chances com ela.

Importante. Respiro fundo, refletindo sobre o que Penélope realmente significa. Puxei aquele gatilho dizendo que Verhoeven ameaçou alguém importante para mim. Puxaria mil vezes se necessário. Eu mataria por ela, morreria também. E não faço ideia de quando foi que ela assumiu esse papel em minha vida.

Quando foi que, de repente, tornou-se essencial.

Arrogantemente, como se pudesse ler meu pensamento, Gael levanta o copo numa saudação.

— Aos homens inteligentes, que sabem apanhar uma boa oportunidade.

Sem compartilhar de seu humor, detenho-me apenas em me servir uma última dose.

— Se já deu seu recado, sua mulher está te esperando em casa.

A expressão no rosto do sujeito de repente muda, como se ele se

lembrasse de algo.

Arqueio a sobancelha, desafiando-o, ciente do que se trata.

— No passado, eu te soquei por dormir na casa da minha mulher. Naquele aeroporto, você retribuiu por eu ter deixado que a sua fosse embora. Estamos acertados. Não me toque outra vez — ameaça em tom baixo, com a postura intimidadora que costuma assustar os desavisados.

Dou meu primeiro sorriso de verdade em semanas, satisfeito com o ultimato.

— Não me sacaneie outra vez, e temos um acordo. — Levanto-me, exausto demais de conversar, ou de beber, ou de permanecer aqui. — E, já que veio e sentou sua bunda aí sem convite, pague a conta. Você ainda me deve por aquilo.

Saio, porque há coisas demais em que preciso pensar.

Depois de dirigir algumas horas sem destino, talvez ensaiando, sento-me no chão, afasto a pétala seca caída do arranjo deixado na lápide, provavelmente trazido na última visita de Mavra Nikolaevich.

— Oi, princesa — começo em tom embargado, alisando a imagem gravada. — Eu acho que você já sabe por que eu vim...

Capítulo 40

PENÉLOPE

Espanha.

Quando eu vivia no orfanato, uma das minhas atividades preferidas era trabalhar na cozinha. Não *trabalhar* na cozinha, mas *estar* lá. Mesmo quando não fazia parte de minha obrigação do dia – revezávamos as atividades –, tanto quanto possível eu me esgueirava até o lugar, tudo para passar alguns minutos na companhia de Dolores, a cozinheira conversadeira de sorriso fácil. Dolores não era freira, apenas trabalhava no convento. Solteira, baixinha e muito experiente, a mulher sempre tinha uma boa história para contar de suas aventuras pela vida. Eu, é claro, adorava ouvir. Aquela era minha fenda para o mundo lá fora.

Suas experiências normalmente eram narradas em tom solene, como se ela quisesse me fazer enxergar uma lição com aquilo, sempre acompanhadas de provérbios dos mais diversos (em sua maioria não autoexplicativos). Um deles, muito repetido, era: “*cuando te toca, ni aunque te quites, y cuando no te toca, ni aunque te pongas*”.

Eu não entendia muito o que aquilo queria dizer e sentia vergonha de perguntar, pois ela o atrelava tão apaixonadamente à história contada que interrompê-la quebraria a emoção do momento.

Um dia tomei coragem e, apesar de constrangida, questionei o que significava. A cozinheira, então, suspendeu seu raciocínio, olhou-me intensamente, como quem tinha outro grande ensinamento a dar e disse: “*chica*, quando o destino diz que algo tem de ser seu, *será*, seja um prêmio ou um castigo. Mas, quando ele diz que não, não importa se esteja quase na sua mão, não será seu.”

Aquilo me explicou muito sobre a vida... Entendi que, no final, “o que não é para ser meu, não será”. E, quando me pego naqueles instantes de uma

melancolia levemente dolorida que tenta, sorrateira, puxar-me para baixo, eu me lembro dessa história.

São 16 dias desde que voltei para casa. Para evitar pensamentos que me põem para baixo, venho ocupando meu tempo com um... *novo projeto*, por assim dizer.

Sebastian não sabe, mas ele me deu muito mais do que abrigo e proteção quando me levou para casa e me encheu de seus conhecimentos. Ele me deu condições de encontrar algo com o qual sonhei minha vida inteira. *Alguém*. Seu programa clandestino me permitiu isso.

Olhando para a tela do computador, sinto um misto de excitação e medo surpreendente. Contudo, o que prevalece mesmo é a sensação de uma peça se encaixando, detalhes familiares ao meu próprio rosto, sobrancelhas, cor dos cabelos. É apavorante... e reconfortante, também. Pela primeira vez na vida, de alguma forma, já não me sinto mais sozinha no mundo.

Verifico o horário no canto inferior do monitor. A constatação de que tenho um cliente prestes a chegar é o que me faz fechar a página a qual tenho observado pela última hora, sorrindo e aterrorizada na mesma proporção.

Retomar o trabalho de investigadora não foi uma decisão fácil. Faz somente uma semana que voltei e unicamente porque preciso do dinheiro, agora mais do que nunca. Entretanto, será por tempo determinado. *Impus isso a mim*. Não quero mais viver de perseguir maridos e esposas infiéis por aí. Não depois de tudo que vi e vivi.

Tenho pensado muito sobre o meu papel no mundo. Pessoas desaparecem aos milhares diariamente, sem deixar qualquer pista. Mulheres são sequestradas, feridas, mortas o tempo todo, e o que eu faço a esse respeito? Ou melhor: o que eu poderia fazer? Eu devo a Annie. Ela foi assassinada cruelmente porque me ajudou, deixou uma família, filhos que dependiam dela. A certeza de que tenho de fazer algo vem martelando minha mente mais e mais forte.

Antes, no entanto, só necessito de trabalhar o suficiente para conseguir devolver o dinheiro do *cabrón* e... e realizar um sonho, que agora parece um pouco mais possível do que antes, graças a ele.

Ao som da batida na porta, levanto-me e vou até ela. Assim como o esperado, meu cliente é pontual. Um relojoeiro, ironicamente. Entrei em

contato com ele no começo da semana, respondendo ao e-mail que recebi quando ainda estava na Rússia, e aceitei o trabalho de seguir sua esposa.

As notícias, infelizmente, não são boas.

— Bom dia, senhorita Penélope. — Ele mal me olha nos olhos, constrangido.

Sorrio com profissionalismo e me afasto mais para o lado.

— Bom dia, senhor Javier. Por favor, entre.

Quando ele entra, encosto a porta e me dirijo para o meu lado na mesa. Antes de me sentar, ajusto a saia, que está levemente pendendo nos quadris. Precisei usar um cinto esta manhã – acho que emagreci um pouco.

Noto, através das respirações pesadas, o tamanho de seu desconforto. Nunca é fácil. No entanto, acho que ele só veio aqui hoje atrás de uma confirmação. A esposa não fez muita questão de esconder.

— O senhor aceita um café, água?

— Não, não. Obrigado. Eu... eu fechei a loja somente para dar um pulo aqui. Preciso reabrir daqui a pouco.

Assinto. Abro a gaveta e retiro o envelope que peguei no laboratório antes de vir para cá. Deixo-o em cima da mesa.

O olhar dele recai sobre o papel pardo.

— Segui sua mulher por dois dias, senhor Javier. Aqui está o que encontrei.

— Eu posso...? — ele aponta com o queixo, pedindo-me permissão para o pegar.

Levanto o queixo, policiando-me a não parecer apiedada; sei que só o deixaria pior.

— Sim, são... *fotos* — e, com isso, quero dizer que não são boas.

Acompanhei a esposa, uma dona de casa faceira, bem-aparentada, que frequenta salão de beleza, possui uma ajudante cuidando da limpeza do lar, anda com roupas da moda. Javier deu a ela uma vida confortável, dentro do que ele pôde, isso é visível.

O relojoeiro de quarenta e poucos anos, um homem grande, de cabelos alourados, ombros largos, bom porte físico e mãos delicadas, hesitantemente

desliza o envelope para si e o segura.

Espero que me faça a pergunta ou que abra o envelope. Nada acontece por alguns segundos. Seu semblante distante observa o conteúdo lacrado como se não soubesse que decisão tomar.

Imagino o que deve estar passando em sua mente agora. É uma vida construída a dois, sonhos – que parecem possuir valores diferentes para cada um deles.

Lentamente ele move a cabeça, como se conversasse consigo, antes de abrir a boca e sua voz rouca pela emoção retornar:

— Então é isso. Nestas fotos, ela...?

A pergunta é retórica, tenho certeza, murmurada de maneira perdida.

— Eu sinto muito.

Um suspiro longo e profundo estufa seu peito; ele parece exaurido.

— Não sei o que fazer. Realmente não sei. — Sobe o olhar para mim, olhos tristes e úmidos. — Como parar de... — meneia o rosto — parar de amar? Fazer o coração não querer mais alguém?

Madre... A indagação me bate como um chicote de tiras finas e afiadas que faz o peito apertar um pouquinho... Eu gostaria de poder dizer que há uma fórmula mágica, gostaria mesmo. Todavia, o problema é que, *se há*, eu ainda não a descobri – ou já a teria usado.

Com os dedos entrelaçados e bem unidos, digo-lhe o que repito a mim mesma todas as noites pelos últimos dias:

— Honestamente, eu não sei, Javier, mas, se ajuda, sei que nossas vidas vão continuar com ou sem eles. — De repente perdendo parte do espírito confiante, encolho um pouco os ombros. — A gente só precisa encontrar uma maneira.

Silenciosamente o relojoeiro concorda, ainda um tanto aéreo. E então, após alguns poucos segundos, o envelope, ainda fechado, é colocado debaixo do braço. Ele não o abrirá. Não aqui.

Assisto-lhe se levantar.

— Obrigado pelo serviço, senhorita Penélope. — Segura o encosto da cadeira, empurrando-a de volta ao lugar com cuidado, talvez mecanicamente.

— Eu lhe devo mais algum pagamento por...?

Sacudo a cabeça.

— No, señor^[52]. Tudo o que deveria pagar, foi pago.

Pés arrastados vão para a porta. Quando ele a abre, sei que sairá sem olhar para trás. Está submerso em pensamentos, tendo muito o que decidir. Por experiência nesta função, assistindo a sua reação ao não abrir e ver as imagens imediatamente – ao contrário do que faz a maioria dos clientes em situações semelhantes –, tenho a sensação de que Javier não tomará uma decisão sobre a esposa. Talvez ele nunca a tome. Notei a decepção em seu semblante, mas também *aceitação*. Para mantê-la ao seu lado, pode ser que ele decida fechar os olhos para o fato de ela estar tendo um caso com o inquilino do imóvel dos fundos. Esse homem não quer abrir mão da pequena parte dela que ainda é sua.

Racionalmente, é difícil de compreender alguém que se ama tão pouco... mas há uma parte de mim que não é capaz de censurá-lo. As lembranças daquele russo não têm me deixado bem, embora eu tente não pensar... tente com todas as forças. Nestes 16 dias pós-Sebastian, eu me peguei pensando em como seria se eu tivesse ficado... se eu tivesse tentado. O olhar em seu rosto naquele aeroporto é sempre uma das coisas a me torturar. *Fique, espanhola. Estou te pedindo que fique.*

Derrubo a cabeça sobre a mesa.

Deus, eu preciso tanto esquecer. Por favor, só me ajude nisso, e não farei mais nenhum pedido, eu prometo.

O rangido das dobradiças me faz sair do pensamento e levantar os olhos para a porta.

Não estou sozinha. Um homem jovem, aparentando não mais do que vinte anos, está parado debaixo da guarnição, olhando-me fixamente. Seu rosto não me é estranho, pelo contrário, é ligeiramente familiar. Cabelos lisos escorridos, num tom preto azulado, olhos negros, nariz comprido, estatura grande e regamente magra, trajando roupas que parecem de um homem muito mais velho.

Ele me lembra a...

Madre de Dios, não pode ser!

Meu estômago dá um nó severo antes de eu ouvir sua voz:

— Olá, irmãzinha.

Capítulo 41

PENÉLOPE

Espanha

Olho-o e me sinto dentro de um sonho, um daqueles que tenho às vezes e me faz acordar transpirando. Estou imóvel. *O mundo inteiro está.* E, de repente, tudo passa a girar velozmente, numa vertigem absurda que faz a figura do rapaz ir e vir em frente aos meus olhos. O gosto da bile chega à ponta de minha língua, amargando toda a boca.

Santiago, o filho do meio dos Molina, está aqui. Sua aparência não o trai. Num cálculo rápido, confirmo que ele tem vinte anos agora. Meu cérebro demorou a vincular sua imagem, pois, quando fugi daquela casa, ele não passava de um menino de 12 anos, mimado, arrogante, que me tratava como sua empregada pessoal – foi assim desde o primeiro dia. Eu era responsável por cuidar de suas roupas e alimentação, garantir que o uniforme escolar estivesse limpo e passado, ajudá-lo a se vestir, tudo isso sob ordens e birras do pestinha.

Contudo, diante de mim, hoje não é mais o menininho egoísta e de mau comportamento me testando... e sim um homem de olhos escurecidos, postura irritada escondida atrás de um sorriso de deboche.

Ele percebe e sente prazer pelo ligeiro momento de pânico que causa. É um Molina, sem qualquer dúvida.

— Qual é, irmãzinha, o gato comeu sua língua? — a voz irônica atravessa os lábios finos.

Engulo em seco.

— O q... — preciso pigarrear para que o som saia — o que você está fazendo aqui?

A pergunta que quero fazer, na verdade, é: “como me encontrou?”.

Santiago faz um beicinho pensativo.

— Visitando a família? — provoca.

Lambo os lábios impressionantemente secos.

— Não sou da sua família... — meu instinto me diz para ter cautela, porém, a negação sai antes que eu possa me deter.

— Ah, não é?! — Dá um passo para dentro, fechando a porta atrás de si e guarda as mãos nos bolsos da calça. — Pensei que era, quando minha família te tirou do lixo, deu casa e comida, cuidou de você.

Ver a porta fechada me põe instantaneamente em alerta.

— O que você quer aqui? — obrigo-me a repetir em tom mais firme; se eu demonstrar medo, será pior, sei disso.

— O que quero? — finge refletir. — Me deixe pensar... — Vem mais e mais, bem devagar, deliberadamente me acuando. — Bom, para começarmos, que tal me dizer: *Onde. Eles. Estão.*

Meu coração faz um “bum, bum, bum” barulhento a partir de como ele pronuncia as três palavras, moendo-as entre os dentes.

Onde eles estão...? Eles quem? Do que, raios, esse sujeito está falando?

Penso em abrir a boca e perguntar. Contudo, em vez disso, a sensação latente de perigo me instrui a levantar da cadeira, ficar em pé e dar um jeito de fazê-lo ir embora.

— Gostaria de poder ajudar, Santiago, mas não faço a menor ideia do que está falando — levanto o queixo, segura, forçando-me a dizer tudo calmamente. — Agora, infelizmente, vou ter que pedir que saia. Estou esperando um cliente, e ele chegará a qualquer minuto — minto.

Sou surpreendida até a alma quando, num movimento rápido, ele segura a mesa entre nós e a arrasta para o lado, raspando barulhentemente o chão. O móvel se choca contra a parede. Não há mais barreira alguma nos separando.

Madre de Dios!

— Onde. Eles. Estão? — Seus olhos apavorantes estão bem abertos, narinas expandidas, pupilas dilatadas. Nada de bom pode vir de alguém assim.

Uma nova onda de pânico alarmante se alastra por todo o meu corpo.

Dou um passo atrás.

— Santiago, se você não sair, eu vou ter que chamar a polícia...

Enxergo em seu rosto magro que isso não importa para ele. A ameaça não significa nada. Meu cérebro passa a trabalhar em extrema velocidade, dizendo-me que preciso mudar a estratégia, dar um jeito de distraí-lo até que eu possa passar por ele e correr para fora, para o mais longe possível.

— Como você me encontrou?

A boca pequena e fina se repuxa. Ele cerra os punhos contra as laterais do corpo, tal qual seu pai fazia. Santiago se transformou numa cópia legítima daquele homem.

— Essa é sua pergunta depois de todos esses anos? Você não quer saber como meu pai ficou depois que você o atacou e o deixou lá para morrer?

Não! Não quero!

— Você o aleijou, sabia?! Transformou meu pai num manco!

Engulo em seco, levemente enjoada.

— Eu só estava me defendendo... — Arrasto a cadeira de rodinhas de minhas costas para minha frente, colocando-a entre nós. — Não tive alternativa.

Ele ri, perverso.

— Ah, você teve. Teve, sim. Era só parar de ser uma ingrata o tempo todo e saber agradecer o que meus pais fizeram por você...

— Você não sabe o que eles faziam! — pego-me argumentando, porque Santiago era muito pequeno quando cheguei àquela casa. Ele tinha perto de oito anos de idade, provavelmente não sabe o que se passava comigo. — Seu pai, ele...

— Cale a boca! — exige, agarrando os braços da cadeira que seguro defensivamente e a lançando para a outra parede.

Mi Señor!

— Santiago, por favor, pare. Você está me assustando...

— Sei o que meu pai e o Salvador faziam quando iam ao seu quarto à

noite, Penélope. Não sou idiota. — Sem nada entre nós, ele vem me encurralando. — Nada mais justo, já que você tinha tudo de graça na minha casa...

Ânsia de vômito vem pela garganta e retorna quando ele está perto o bastante para me permitir sentir o odor de naftalina em suas roupas. Posso apostar que são de segunda mão, usadas por seu pai e irmão antes dele. O cheiro do produto é uma memória ruim que tenho daqueles tempos.

Sinto uma fraqueza sem precedentes.

Foco, Penélope. Foco! Mantenha ele falando!

— E-esse é um pensamento errado, sabe?! Eu trabalhava bastante lá; cuidava de você como faria a um irmão, lembra? — tagarelo.

Santiago se tornou um homem alto, bem mais alto do que eu. Tenho de olhar para cima para enfrentar seu rosto quando ele ri.

— “Como faria a um irmão” — ele repete o que eu disse, testando a frase. — Acho que gostará de saber, Penélope, que você fugiu bem quando eu estava ensaiando uma maneira de ir até aquele quartinho e brincar um pouco com você também, *irmãzinha*. Eu já estava começando a bater minhas primeiras punhetas e me perguntava “por que não?”, já que papai e o Salvador tinham isso tão fácil.

Comprimo os lábios; é isso, ou vou vomitar.

— Um dia perguntei ao Sal o que ele fazia lá, e sabe qual foi a resposta que ele deu? — Aproxima a cabeça do meu ouvido e cochicha: — Espere até seu pau ter pelos, e eu vou te mostrar.

Passo a respirar com dificuldade, respirações curtas, que fazem meu peito subir e descer sem parar.

— Agora, acho que já posso descobrir... — brinca maldosamente, aspirando o cheiro de meu cabelo.

Está presa aqui, não é, espanhola?

De repente, ouço a voz macia de Sebastian, murmurada acima do terror por estar tão perto de um Molina.

— Parece que sim, *cabrón* — sussurro num choramingo de medo e saudade.

Santiago estreita os olhos, confuso por um instante, então volta a sorrir.

— Não sei se você sabe, mas, depois que você fugiu, mamãe foi lá buscar outra menina. O nome dela é Amália. — Dedos finos e gelados afastam os fios soltos de meu cabelo para trás do ombro. Reteso-me. — Diferente de você, ela, sim, é uma *chica* obediente, sabe seu lugar. — Funga meu pescoço sem de fato me tocar. — Sabe o preço de ter um teto e uma família boa.

Por Deus, a ideia de que eles tenham adotado outra menina amolece minhas pernas vertiginosamente.

— Quando *tínhamos* um teto para dar a ela. Mas você nos tirou isso! — o tom muda radicalmente; passa de debochado para absurdamente raivoso.

— Eu... eu o quê? — Pisco várias vezes, confusa.

A mão fria, quando percebo, está circulando meu pescoço, pressionando-me contra a parede.

— Primeiro, você entra com aquele processo ridículo para remover nosso sobrenome; depois, eles invadem minha casa, incendeiam tudo e levam meu pai, meu irmão, minha mãe... e a Amália. Então não subestime minha inteligência mentindo que não tem nada a ver com o que aconteceu, irmãzinha. — Aperta os dedos em torno do pescoço com mais força. — Onde. Eles. Estão? — Mais forte. — Onde *ela* está?

Nada do que diz faz o menor sentido.

Madre, Santiago provavelmente está drogado, não há outra explicação, e ele vai acabar me estrangulando!

Instintivamente seguro seu pulso que me prende e finco as unhas com toda a força.

— Não sei do que você está falando. Me solte, Santiago! Você está me machucando! — minha voz é apenas um fio sufocado.

É isso o que o agressor fará com você. Te deixará sem saída. Outra vez a voz de Sebastian vem alta e clara, como se o *cabrón* estivesse ao meu lado.

— Para onde eles levaram a Amália, puta gorda? Vou te dar só mais uma chance. Não minta pra mim! — Sua mão parece aço esmagando-me.

E, ainda que eu esteja zonza, quase perdendo o ar, não deixo de notar a maneira possessiva como ele exige saber sobre a menina especificamente.

Tenha acontecido lá o que seja com ela, Santiago a considera sua, e essa ideia é pavorosa. Pensar que alguém passou pelo mesmo que eu é pavoroso!

Mantenha a calma... Mantenha a calma...

— Santiago, pare, por favor! — Tento exigir calma de mim mesma e concentração para fazer o que é preciso. — Eu não tenho a menor ideia do que está falando, estou te dando minha palavra. Você está me... me... — perco o ar quando a mão contrai mais forte — *machucando...*

O rosto dele vem rente ao meu, furioso.

— Eu quero ela! Não importa que queimaram aquela casa, o que vão fazer com o Sal, minha mãe, meu pai. *Eu só quero ela*, Penélope, e você vai me dizer onde encontrá-la, ou eu juro por Deus que te mato aqui mesmo.

Seguro seu pulso com as duas mãos e tento puxar os dedos irredutíveis para longe.

— E-eu te ajudo a encontrar essa moça, sou investigadora... posso te ajudar!

Olhos animalescos dançam nas órbitas, buscando os meus. Percebo o instante de hesitação conforme Santiago absorve a oferta. O aperto que me estrangula cede um pouco enquanto ele se decide... e aproveito o momento para agir. Levanto o joelho e o acerto entre as pernas. O baque o atinge quase certo. Santiago se curva com a dor.

Empurro seu peito para longe a fim de distanciá-lo de mim. Afasto-me para a direita, pronta para disparar até a porta. Contudo, seu pé me passa uma rasteira, e, quando percebo, estou caindo no meio da sala de joelhos, diretamente no piso. O som e a dor são estrondosos.

Num segundo, estou tentando me levantar; no outro, encontro-me virada com a barriga para cima, sendo montada. Luto, debato-me, esperneio... Porém, o sujeito, que outrora foi um molequinho magricelo e fraquinho, agora parece possuir a força de mil homens.

— Desgraçada! Você os levou à nossa casa! A Amália é minha! Pertence a mim e a mais ninguém, e, se eles não me devolverem ela, eu vou fatiar seu corpo gordo com minhas próprias mãos! Essa é sua chance de me dizer: onde ela está?!

— Tomara que você nunca a encontre! — grito, impelida por raiva e

dor.

Isso mesmo, espanhola boca suja. Deixe seu temperamento ruim substituir sua capacidade de raciocinar, Sebastian late irritado em meu ouvido, antecipando a resposta que recebo violentamente de Santiago.

Bam!

Um soco diretamente na boca.

Oh, merda! Que dor! Que dor! Sinto que perdi todos os dentes!

Choramingo.

— Eu sei do que você precisa para abrir a boca! — Santiago rosna, ofegante, descontrolado.

Não preciso que descreva o que está passando em sua mente. Eu sei.

Debato-me com mais força e violência. O sujeito me imobiliza o quadril com todo o seu peso.

Não vou desistir. Não vou. Não vou!

Preste atenção e faça o que precisa ser feito, espanhola!, a voz daquele russo ruge alta e poderosa. Fecho os olhos e vou em busca dela.

Cair ao chão e ser montada é a pior configuração possível. Significa que você falhou em bloqueá-lo e ganhar tempo de fugir.

“Sim, Sebastian, eu falhei, agora me ajude a fugir!”

Debato-me, perseguindo desvairadamente seus ensinamentos de defesa pessoal.

O que ele fará quando você estiver no chão é imobilizá-la. Ele a montará e manterá sua parte inferior detida.

Santiago está fazendo exatamente isso, prendendo-me ao chão com os quadris, sentado sobre mim.

— Você vai ter meu pau enterrado em seu corpo gordo se não me falar! O que seus amigos fizeram com ela? — sua voz ofegante exala excitação e crueldade.

Ele eliminará sua próxima chance de defesa para impedi-la de tentar uma reação, Sebastian narra a sequência de ações do Molina.

Quando Santiago se abaixa sobre mim, separo bem os braços para os

lados, dificultando que pegue meus pulsos, tal qual o russo me orientou.

Fico cara a cara com meu agressor, a centímetros de sua expiração raivosa. E já sei o que devo fazer. Simplesmente sei.

Ele não estará esperando. Faça com que não espere. Finja que está desistindo.

— Por favor, Santiago! Eu não faço ideia do que está falando! Se alguém fez mal a Amália ou a sua família, eu realmente não tenho nada a ver com isso... — choramingo. — Faça o que quiser comigo, mas depois vá embora daqui. Eu só quero seguir minha vida em paz. — Amoleço meu corpo sob o dele, não oferecendo resistência.

Olhando nos olhos de Santiago Molina, sei que ele tentará me estuprar, mesmo que eu diga o que quer ouvir. Seu objetivo está desenhado em cada traço do rosto perverso, o mesmo de seu pai, que me violava sempre com aquele ar de superioridade, e o de Salvador, seu irmão mais velho. É uma característica maligna da família, subjugar pessoas indefesas.

Contudo, tenho como vantagem aulas de defesa com o melhor. Sebastian me preparou para este momento. Ele me fez saber o que fazer. E lhe agradeço profundamente por isso.

Quando meu violador está perto o suficiente, surpreendo-o lançando minha cabeça com toda a força contra seu nariz. Sangue jorra imediatamente. E, conforme esperado, ele leva as mãos ao rosto. Aproveito e o atinjo na traqueia com a parte lateral da mão.

Isso atingirá a faringe e conseqüentemente a respiração do desgraçado. Te dará tempo de empurrá-lo para fora do seu corpo e correr o mais depressa que puder.

Faço isso. Jogo Santiago Molina para o lado e me levanto o mais depressa que já me movi na vida.

Meu nome é uivado atrás de mim.

Disparo para a porta e, depois, os três lances de escada em direção à porta de saída do prédio. Não faço ideia de para onde estou indo, guiada pela adrenalina fluindo pulsante por todo o meu corpo.

Eu consegui! Eu consegui! Eu consegui!

Atravesso o portão cegamente e, sem olhar para os lados, corro para

atravessar a rua.

Só percebo quem está descendo de um SUV negro quando já estou praticamente batendo contra seu peito.

— *Yeb vas!*

Capítulo 42

PENÉLOPE

A sensação é de que meu coração literalmente sairá pela boca.

No baque de meu corpo contra o dele, só o que enxergo por um instante é o cinza da camiseta cobrindo o peito largo sob a jaqueta de couro.

Não, não pode ser ele. *Não pode*, mas... mas, por favor, bom Deus, se eu pudesse te fazer um pedido agora, seria este!

Ofegante – sentindo o peito queimar violentamente, as pernas tremerem vacilantes, o estômago revirar –, ainda assim devagar, indo contra o comando natural do meu cérebro de continuar correndo e correndo para o mais longe possível, eu subo o olhar e... e...

Ah, mi Madre... Sim, é ele! O russo que não sai da minha cabeça, não importa o quanto eu me esforce para esquecê-lo! Sebastian está bem aqui, diante de mim!

O medo, a adrenalina, a saudade, ou a mistura de todos esses sentimentos fecha minha glote de um jeito que chega a doer. Arfo, e nada acontece; a sensação é de paredes invisíveis se fechando à minha volta.

— Ei, espanhola, respire. Respire — sua voz, apesar da surpresa, vem naquele tom baixo, apaziguador, dando-me a sensação de que tem tudo sob controle, como um vento silencioso antecipando uma tempestade.

Deus, que saudade! E que vontade de chorar. E de vomitar.

Tento dizer algo, qualquer coisa, porém, o som não sai.

Mãos quentes seguram as laterais de meus braços, num movimento para cima e para baixo, como se tentassem me acalmar ou me impedissem de continuar correndo. Sem poder evitar, fecho os olhos bem apertados. *Que não seja um sonho, por favor, por favor!*

— Fale comigo, Penélope.

Balanço a cabeça, negando.

Não consigo. Não consigo.

— Vamos, fale comigo, Loupe... — ele apela, ainda mais baixinho, como se dissesse “confie em mim”.

É a consciência do sujeito dentro do prédio, que pode sair a qualquer minuto, que me obriga a encontrar forças para abrir os olhos, levantar a cabeça e voltar a fitar o rosto de Sebastian.

A mandíbula apertada e o brilho perigoso no olhar revelam que o tom sereno é uma fachada. Percebo a preocupação escondida, de forma tão cuidadosa que sinto meu coração se partir ao meio.

— É você... — de todas as coisas, é isto o que sai da minha boca.

Algo semelhante a culpa contrai suas feições.

— Sim, sou eu — diz em tom mais rouco, parecendo ter dificuldade de manter a fachada controlada. — Eu estou aqui.

Meus joelhos vacilam.

— Ah, *cabrón*... — o suspiro em forma de expressão sai do local mais profundo de meu peito.

E então, mal ordenando os pensamentos, passo a fazer o que faço de melhor:

— Eu o acertei como você me ensinou. Ele veio pra cima de mim, e eu o acertei, usei aquela coisa da única arma ao meu alcance e dei uma cabeçada nele, e um golpe na traqueia, e depois fugi, e... ele, ele — atropelo as palavras, de repente envolvida novamente naquela adrenalina que me faz querer falar e falar e falar, porque, mesmo me ouvindo, a história ainda não parece real. Um Molina veio atrás de mim depois de todos esses anos.

Enquanto me ouve, noto quando o olhar sombrio de Sebastian recai sobre meu lábio superior, provavelmente ferido pela pancada que acabei de receber. Percorro a língua pela parte dolorida, confirmando ao provar o leve sabor metálico de sangue. As íris do russo ganham um novo brilho, mais intenso.

Não de surpresa. É fúria que enxergo através das pupilas negras dilatadas. Nenhuma bondade ou misericórdia, apenas fúria gélida.

Todavia, não é o que me faz prender o fôlego.

O que me impede de respirar por um tempo ao qual sou incapaz de mensurar, é assistir a suas mãos grandes, aquecidas tocarem e segurarem meu rosto em concha, cuidadosamente, como se segurassem um bem precioso. Fico estática. O mundo fica. O planeta inteiro simplesmente deixa de se mover, inclusive as nuvens de chuva. Há somente esse homem, seu rosto de ângulos retos, mais magro se aproximando; olhos rodeados por manchas escuras; cabelo de fios grossos ligeiramente mais longo. Sebastian parece ter vindo diretamente de uma batalha extenuante, e, ainda assim, consegue ser mais lindo do que eu me lembrava. Tão bonito que me comprime o peito.

— Você está bem, espanhola? — enquanto pergunta sussurrado, surpreendendo-me, o dedo polegar percorre gentilmente meu lábio.

Só tenho forças para sacudir a cabeça confirmando, dormente pela proximidade e meio hipnotizada pelos sentimentos que enxergo em seus olhos... Por um instante, só por um instante, acho que esse homem também sentiu minha falta.

Sebastian, no entanto, quer palavras. Sei que quer ouvir isso de mim.

— Eu... eu... lá dentro, eu o acertei como você me ensinou — repito o relato, numa versão compilada, para que saiba que só consegui me livrar do pior graças a ele.

Não quebrando nosso contato, o russo assente.

— Ok. Eu vou entrar lá. Você pode ficar aqui? Pode entrar no carro e me esperar? — indaga baixinho, sem perder a seriedade, porém, cuidadoso, possivelmente temente que eu possa me quebrar a qualquer minuto.

Não. Não é assim que quero que o *cabron* me veja. Não depois de tanto tempo.

Contra a vontade de correr feito uma menininha amedrontada, levanto o queixo. É meu modo de dizer sim. Eu posso. Posso lidar com tudo o que tiver de ser. Derrubei Santiago e consegui fugir. Eu fiz isso.

Sebastian, então, sorri lentamente, de lado, um daqueles sorrisos familiarmente provocadores; ao mesmo tempo, ele parece satisfeito por me ver de cabeça erguida.

Ainda com meu rosto entre as mãos, noto quando ele inclina a cabeça

um pouquinho mais, talvez cogitando me beijar – ou talvez eu só esteja imaginando coisas – e me encara profundamente, de um modo que me obriga a engolir em seco. Quase não posso conter a emoção furtivamente umedecendo meus olhos.

— Eu tô orgulhoso de você, espanhola.

E me solta.

Madre...

Inspiro de maneira entrecortada.

Ele abre a porta do carro, no lado do motorista, esperando que eu entre.

Nego.

— Eu vou ficar aqui fora. Preciso... preciso respirar. — E é verdade. Preciso urgentemente de ar. Eu me livrei novamente de um Molina. Um que não dizia coisa com coisa, aquele que ajudei a cuidar no passado e que estava prestes a me ferir hoje lá dentro.

Tudo o que necessito é desse vento de chuva varrendo meu rosto e me lembrando que sou livre, que sou a Penélope livre deles.

Escaneando-me com o olhar, Sebastian puxa o celular do bolso detrás da calça e aperta um botão. Enquanto segura o aparelho contra a orelha, noto a maneira que franze o cenho severamente quando a atenção desliza na direção do meu peito. Acompanho-o, para encontrar respingos de sangue. Não o meu, mas o do nariz daquele idiota.

— O acertei — afirmo, assimilando isso para mim mesma também.

Sim, eu o acertei. Dei uma cabeçada certa no nariz, tal qual aprendi. Acho que tive sorte, na verdade. Apavorada como eu estava, é um milagre que tenha tido discernimento de me lembrar das lições de defesa pessoal.

O que digo, no entanto, não o tranquiliza. Uma emoção indistinta atravessa seus traços, contraindo a mandíbula a um ponto que aparenta ser capaz de trincar os dentes.

— Venha para a casa dela — grunhe friamente a quem o atende do outro lado.

Desliga e guarda o telefone antes de lançar um olhar escurecido ao prédio às minhas costas.

SEBASTIAN

Deixar Penélope na calçada é a coisa mais difícil que tenho de fazer. É a coisa mais malditamente difícil. Sinto o sangue correr agitado enquanto luto contra a vontade de voltar, segurar a espanhola entre os braços até que o tremor abandone seu corpo. O olhar aterrorizado em seu rosto quando atravessou a rua desesperadamente como se fugisse do próprio diabo é algo que nunca esquecerei. *Nahuí*, foi um milagre não ter qualquer veículo passando no momento. A menina sequer olhou para os lados.

A culpa é minha. Se eu tivesse chegado alguns minutos antes, teria antecipado o movimento do bastardo covarde. Penélope não precisa me dizer o nome para que eu saiba quem a atacou. Numa infestação de ratos, ou você elimina todos, ou eles voltam para atormentar. A regra é simples.

Prestes a entrar no prédio, o som que ouço me faz dar um último olhar para trás. A imagem de Penélope curvada na calçada, vomitando, termina de atear fúria líquida pelos meus ossos.

Eu vou matar aquele cara...

Subo os degraus de dois em dois, ansioso por alcançar o desgraçado.

Os Molina são ratos covardes. Todos eles.

Não necessito de muito tempo para encontrá-lo. Deparo-me com o bastardo na escada, prestes a descer, provavelmente indo atrás dela. O nariz arrebitado ainda jorrando sangue preenche meu peito de orgulho. A mulher é uma boa aprendiz, isso não posso negar.

— Vejam o que eu encontrei aqui... — ao som regozijado de minha voz, noto a cor abandonar parcialmente sua pele seca.

Um rato em roupas antigas, feito uma cópia de seu irmão e pai. Eu poderia rir se a fúria comendo minha pele assim permitisse. Em vez disso, continuo avançando.

— Você a levou... — o ímpeto para acusar é traído pelo passo atrás que o covarde dá, recuando um degrau.

Antes que consiga tomar uma nova inspiração, estou sobre ele, agarrando-o pelo pescoço. Não preciso de muito para descobrir a sala certa para onde devo arrastá-lo; é a única de porta escancarada das três existentes. O Molina jovem teve a audácia de vir atrás de Penélope à luz do dia.

Arremesso seu corpo magro para dentro como o faria a um saco de lixo. O baque seco de seus ossos contra o solo não ameniza minha ira latente, pronta para explodir. Parte de mim só quer arrancar-lhe a vida com minhas próprias mãos; a outra quer correr para fora, colocar a menina nos braços e se certificar de que ela está bem.

Um olhar à sala simples, com pouca mobília, e eu a enxergo aqui. O local onde a menina trabalhou nos últimos anos... e, pelo jeito, ainda trabalha. A mesa está escorada de modo torto contra uma parede, a cadeira, caída. Respingos de sangue no chão revelam o local onde ele provavelmente tentou atacá-la. Moleque desgraçado!

— Pra onde vocês levaram a Amália, seu filho da...?! — O vermezinho serpenteia, tentando se levantar. Sem piedade, calo-o com um chute violento em seu rosto, devolvendo-o ao chão urrando de dor. Estou certo de que a pancada afundou seus ossos apenas pelo som ecoando estridente.

Pego o celular novamente e disco para Elliot, que atende ao segundo toque. Preciso que Penélope esteja em segurança para fazer o que é necessário aqui.

— Onde você está?

— Estacionando atrás de seu carro. Tô vendo ela e... — cala-se repentinamente. — Merda, a menina está... está vomitando?!

Meus músculos retesam.

— Leve-a daqui.

Ouçõ a porta do carro se fechar.

— Ele está aí, não está? O Molina que não estava na casa veio atrás dela — não é uma pergunta.

Cerro os punhos.

— Sim. Ele está aqui — rosno, observando o idiota tentar se levantar novamente. Desta vez, acerto-o com um chute no estômago, que faz com que se dobre ao meio. — E perguntou por ela — acrescento por uma questão de

lealdade.

O silêncio de Elliot me deixa saber o que está pensando. A menina frágil que resgatamos antes de atear fogo na maldita casa é Amália. E, em sua pele magra e pálida, um nome estava humilhantemente gravado num tipo de tatuagem rudimentar malfeita. Não o nome do irmão mais novo ou do mais velho. Tampouco o do pai. Ela foi marcada como propriedade de um Molina, especificamente.

Vê-la daquele jeito mexeu com meu amigo, sei que sim. Vi em seu semblante.

Eu poderia desligar. Contudo, estou ciente de que ele tem algo a dizer.

— Irmão... — sua voz densa retorna após um instante em silêncio.

— Fale.

— Sei que essa merda é pessoal pra você. Sei o que a maldita família fez pra sua espanhola... mas esse cara... esse fodido... — Inspira pesadamente. — Eu o quero.

Observo o moleque cruel contorcido em dor e sangue no chão. Já vi muito da escória do mundo para reconhecer a maldade em alguém, e, mesmo sendo ele tão jovem, há apenas ela no infeliz.

Não seria difícil acabar com ele de uma vez bem aqui. Seu destino seria mais rápido e indolor do que o do restante de sua família apenas por uma questão de sorte. Santiago Molina não estava lá quando invadimos a casa.

Contudo, sinto que devo isso a meu amigo. Algo sobre encontrar Amália naquela situação – a despeito de tudo o que ele já viu no mundo – bateu forte no cara.

Não o convidei para vir comigo a Madri. Não convidei nenhum deles. Todavia, Elliot, Bola e Ed vieram assim mesmo, sob o pretexto de “curtir férias em Madri e assistir em primeira mão à espanhola de sangue quente me escorraçar da Espanha”. No fundo, todos sabiam que, além de minha situação com ela, havia contas a acertar aqui também. Contas com uma família maldita que a feriu, e isso não poderia ficar impune.

— Ele é seu — decreto por fim. — Leve Penélope para o apartamento dela aqui e avise Ed.

Guardo o celular e fito o pequeno pedaço de lixo. A tentação de

esmurrar seu crânio até a morte é grande. Rondo seu corpo sem pressa, circulando-o e então me abaixo para ficar à sua altura.

O covarde é esperto o bastante para não tentar uma luta comigo, embora desejo que tente.

— Você tocou em alguém importante para mim, Santiago.

— *Vete al carajo con la puta gorda!* Onde a Amália está?! — grita enfurecido através do sangue jorrando pela boca.

Administro bem minha raiva com sua ofensa.

— Não vai me perguntar sobre sua família? Pai, mãe, irmão? — zombo. — Pois vou te dizer assim mesmo. Sua mãe, aquela velha seca, eu deixei por último, visto que ela gosta de assistir aos pervertidos de sua família agirem e nunca faz nada para impedi-los — explico. — Seu pai, bem, sobre o seu pai, não me lembro de já ter sentido tanta satisfação em punir alguém antes.

— Cadê a Amália?! — repete a exigência feito um gravador defeituoso.

— Cortei o pau daquele velho manco e o finquei dentro da garganta dele. Claro que com ele vivo. Quis dar ao homem um gosto do que é ter um pau colocado em sua boca contra a vontade.

Não estou mentindo; isso foi exatamente o que fiz.

— Seu irmão, Salvador, teve um destino semelhante. E, depois que ambos sangraram até a morte, dei à sua mãe minha redenção. — Puxo a pistola nove milímetros MP-448 Skyph russa da cintura e lhe mostro, apontando-a para o centro de sua testa. — Um tiro de misericórdia. A esta altura, os três já fizeram sua passagem rumo ao inferno.

O contato com o cano frio o faz parar de se debater.

— Ah, sim, você me perguntou sobre a Amália, não é? É aí que entra o seu dia de sorte, Santiago. Há alguém um pouco mais irritado com você do que eu...



Troco um olhar com Elliot no corredor do lado de fora do apartamento

da espanhola. Já não preciso mais dele aqui e duvido muito que ele também deseje ficar um minuto mais, depois que o pedaço de lixo foi levado por Ed. Reconheci em sua expressão um sentimento muito familiar. Compartilho dele.

Agora é hora de enfrentar meu destino, de fazer o que vim disposto a fazer neste país. À medida em que observo sua porta fechada, meu peito, o estúpido, passa a se agitar de maneira foddidamente estranha.

Nahuí, eu mentiria se negasse o quanto, de repente, estou nervoso.

Não era assim que eu planejava reencontrar Penélope; não quando a menina acaba de passar por essa situação de merda. Entretanto, honestamente, talvez o “como” já não importe. Aceitei que o Universo tem sua própria forma de fazer as engrenagens girarem. Uma espanhola de boca afiada roubando minha vaga de estacionamento na rua é definitivamente a maneira que ele encontrou de exibir que também possui algum senso de humor. E, desde aquele dia, minha vida já não foi a mesma. Penélope invadiu meu mundo mais do que pode supor.

Reconhecer o que ela se tornou para mim não foi uma decisão fácil; despedir-me do meu passado, tampouco. No entanto, ficar longe dessa mulher, da sua tagarelice sem sentido, das tiradas espertinhas, de seu espírito valente me pareceu um destino pior. Sem saber, Penélope me obrigou a olhar para dentro de mim, enxergar o que eu relutava em admitir.

Inspirando para ganhar coragem, bato duas vezes com o punho na madeira apenas para que saiba que estou aqui.

Encarando o chão, acompanhado pela fresta refletida no assoalho de madeira lustroso a sombra de seu corpo se aproximando da porta do lado de dentro do apartamento. Assisto a quando para diante da porta fechada e hesita.

Penélope não está certa sobre me permitir entrar.

O compasso de meu peito de repente se torna barulhento como o inferno. Resisto à vontade de fazer o que a menina provavelmente está fazendo no momento: encostar a testa contra a madeira e fechar os olhos.

Abra pra mim, espanhola. Abra essa porta e me deixe te ver.

Um clique, e simplesmente volto a respirar. Porra.

A madeira range conforme a porta se abre, e, do outro lado, aqui está: a espanhola de cabelos castanhos ligeiramente acobreados conforme a luz reflete sobre eles, mas que já usou todo o tipo de perucas naqueles dias em Amsterdã; sem qualquer maquiagem – a única cor em seu rosto é o rastro de sardas salpicando as maçãs e a ponta do nariz arrebitado; o mesmo cheiro, baunilha, que me impele a sorver uma respiração mais profunda.

Maldição, eu senti falta dela. Falta *pra caralho*.

Tenho de escorar o ombro na parede ao lado de sua porta, ainda no corredor estreito, para garantir estabilidade sobre as pernas.

Percorro seu corpo devagar, tomando tempo para registrar a menina em minha mente, agora não mais vestindo a saia e a camisa de pouco menos de uma hora atrás, mas sim um moletom surrado que talvez proporcione a ela algum tipo de sensação de conforto após a experiência com o desgraçado. Conforme toma consciência da análise, Penélope se abraça, ansiosa, desconfortável comigo... E saber que essa é sua reação esmaga meu peito.

Um detalhe, no entanto, rebaixa-me ao nível de um miserável. A pressão que boto na mandíbula só é aplacada quando abro a boca para constatar em voz alta:

— Você perdeu peso — mal reconheço a rouquidão presente em minha voz.

Penélope encolhe os ombros, abrindo um tipo de sorriso amarelo.

— Isso é bom, não é? — é sua tentativa de humor.

— Não. Não é.

Jesus Cristo, se ainda for possível, a necessidade de puxá-la para meus braços se torna mais esmagadora; proíbo-me, no entanto, de agir impulsivamente. Precisamos ter uma conversa. Devo isso a ela e a mim.

Capítulo 43

PENÉLOPE

É assustador gostar de alguém dessa forma. De repente, parece que meu peito explodirá, além do imenso e exasperante frio na barriga, feito quando desci aquela montanha-russa em alta velocidade na primeira e última vez em que estive num parque de diversões. A experiência quase pós-morte foi o suficiente para que eu nunca mais quisesse me sentir daquele jeito de novo... No entanto, aqui estou eu, sob os olhos intensos de Sebastian, tendo a mesma sensação do estômago saindo pela boca.

Ele me acusa de ter emagrecido, mas, pelo jeito, não sou a única. Noto que sua face, na região das maçãs, está ligeiramente mais acentuada, evidenciando a estrutura óssea bem-esculpida. Sua barba está um pouco maior, também.

Dói e me alegra olhar para ele, principalmente a partir do jeito como seus olhos buscam os meus, o jeito que contrai os lábios como se não soubesse o que dizer ou fazer comigo.

De repente, um sorriso meio provocador corta o cantinho de seus lábios, trazendo um pouco de calor ao semblante rígido.

— *Me vas a invitar para tu casa?* — pergunta.

Dios! Seu espanhol no acentuado sotaque russo vem como faca aquecida deslizando pela manteiga que parece ser meu coração.

Aperto a porta entre os dedos, tomada por aquela emoção maluca que a palavra “saúde” não parece definir bem.

— *Eres bienvenido*^[53], *cabrón*— inevitavelmente não me contenho de corresponder com uma pitada de provocação também, porque, apesar da atmosfera densa, ainda é Sebastian aqui. Ainda é o mesmo cara que me hospedou na casa de sua avó, que cuidou de mim.

Afasto-me para o lado.

Devagar, mãos nos bolsos, parecendo controlado demais, Sebastian passa por mim. Enquanto ouço o rangido de suas botas conforme caminha sobre o piso antigo de tacos, aproveito para sorrateiramente sorver um pouquinho de seu cheiro masculino, uma mistura de couro e menta agradável, gostosa de sentir, característica dele. Droga, fazer isso só me enche de recordações.

De costas para mim, observo-o percorrer o olhar através do conjugado quarto-sala, talvez captando o tipo de lugar onde vivo.

Minhas paredes são coloridas, cada uma de uma cor: verde natureza, amarelo e salmão. Pode parecer brega aos olhos de alguém com um gosto mais requintado, porém, cores dão vida, alegram-me; afastam-me de lembranças ruins. O cinza-cimento do orfanato continha deliberada impessoalidade para não se assemelhar a um lar e sim a um abrigo temporário. Já o quartinho daquela casa mal continha uma mísera janela, só havia o bege descascado, sem graça.

Noto, observando seu perfil, quando sua atenção encontra minha cama, coberta pela colcha branca (por sorte, arrumada; aliás, tudo está em ordem e limpo, muito diferente da primeira semana pós-Sebastian – envergonha-me admitir) e se detém ali por um instante.

Fecho a porta e me encosto a ela.

— Então você e Elliot estão em Madri... — comento o óbvio apenas para quebrar o silêncio, já que Elliot acabou de sair daqui.

Elliot me ajudou lá embaixo, quando chegou e me pegou colocando vergonhosamente as vísceras para fora. Ele brincou, algo como *Uau, espanhola, que bela recepção você está me dando*, mas, no fim, recolheu meu cabelo para longe do rosto e, em dado momento, até afagou minhas costas, talvez num tipo de gesto de apoio.

Sebastian não diz nada, porém, vira-se para mim. E, quando o faz, obrigo-me a engolir em seco.

No pequeno cômodo, o russo aparenta ser maior e mais intimidante do que me lembrava. Mais atraente, também. Minhas mãos de repente coçam por tocá-lo, por deslizar os dedos em seu peito, cabelos. Droga. Escondendo-as por dentro das mangas do moletom.

Eu deveria ter vestido uma roupa mais bonita, porém, só consegui pensar em arrancar aquela com o sangue de Santiago Molina de mim, pôr o que tinha de mais confortável e me arrastar para debaixo das cobertas. Por sorte, a presença de Elliot aqui me impossibilitou, e, depois que saiu, fiquei andando de um lado para o outro, nervosa demais para me afundar em comiseração.

Sem saber como agir sob seu olhar profundo detido em mim, busco em minha mente algo para dizer.

— Obrigada por enviar meu ovo medonho — admito de bom grado o apelido ruim que o pobre veículo recebeu, que, de tão ruim, acabei não conseguindo mudar, adotei-o e o tenho o chamado assim.

— Aquele carro era seu, tinha de estar com você — diz com essa voz poderosamente áspera, deliciosa de ouvir e que desenfreada meu coração.

Assinto, concordando, sem jeito em sua presença.

— Você o reformou. Eu gostaria de poder dizer que vou te pagar por isso, mas, você sabe, já estou te devendo uma grana, então, infelizmente, lamento que n... — calo-me antes de terminar o raciocínio quando Sebastian volta a se mover, dessa vez vindo em minha direção.

Prendo o fôlego e involuntariamente me encosto mais contra a porta.

Sem poder explicar o porquê, também fecho os olhos. Talvez, se eu não o olhar, não vislumbrar seu rosto bonito de doer, essa... *essa coisa* fervendo em mim vai passar.

Sinto-o muito perto do meu corpo, a centímetros de me tocar.

— Por que está fechando os olhos, Penélope? — indaga baixinho, próximo o bastante para arrepiar os pelos de minha nuca e braços.

— E-eu não sei...

— Abra-os, por favor, e olhe pra mim.

— Acho melhor não... — Não confio em mim para estar tão perto, para enfrentar o reboliço que está instaurando uma rebelião em meu interior.

— Do que tem medo?

Lambo o lábio ferido. E, antes que eu me detenha, estou liberando a bendita sinceridade suicida:

— Disto não ser real. Você. Aqui. Não... não tava preparada.

Os nós de seus dedos deslizam por minha bochecha antes de correrem delicada e vagarosamente por meu queixo, ombro, braço até encontrar minha mão. Ele a pega, afaga o dorso com seu polegar e, então, gentilmente a sobe.

Engulo em seco. E, em vez de abrir as pálpebras, aperto-as de modo mais cerrado.

Trazendo minha mão para cima, ele a coloca sobre seu peito, acima da camiseta de algodão, para eu sentir o bumbo ritmado de seu coração, semelhante às batidas de tambores potentes.

— Isto é real o bastante para você, espanhola?

Ah, mi señor...

Que sentimento é este? Por que quero rir e chorar ao mesmo tempo?

Sua cabeça vem rente à minha, encobrendo-me com seu tamanho e energia. O nariz roça meu cabelo e aspira profundamente. Aspira, como se também precisasse do meu cheiro!

— Seus olhos são muito expressivos, Penélope — diminui ainda mais o tom de voz, tocando os lábios em meu ouvido. — Sabe o que eles me diziam naquele aeroporto?

Um arfar escapa por entre meus lábios.

— Eles me pediam pra não te deixar ir — ele continua.

— Mas você deixou — o ressentimento e acusação não se escondem.

Noto seu corpo enrijecer rente ao meu.

— Sim, eu deixei — admite com a voz ligeiramente embargada. Antes que eu rebata, ele prossegue: — E bastou um passo seu em direção àquela porta pra eu perceber o quanto estava fodido. Você me obrigou a enfrentar coisas que evitei por muito tempo, espanhola. — Sua mão ainda segura a minha contra seu peito; a outra, livre, entrelaça-se à minha outra também, unindo nossos dedos. — *Precisei* enfrentar. Por você.

A respiração pesada acaricia meu pescoço, e eu me encolho um pouco, sem forças para esconder o quanto me afeta. Estamos tão perto... talvez no momento mais íntimo que já dividimos. O coração dele continua nesse ritmo poderoso, e é um milagre que ele também não possa sentir o meu,

absurdamente desenfreado como está.

— Precisei porque senti sua falta. Senti sua falta antes mesmo de você estar fora da minha vida — revela numa rouquidão realmente significativa. E escora sua testa sobre a minha.

É quando finalmente tomo coragem de abrir meus olhos, pois Deus é testemunha do quanto sua admissão me pareceu a coisa mais honesta que já escutei.

Fito seu rosto assim, tão perto do meu.

Olhos cerrados, mandíbula e lábios contraídos. O homem poderoso, forte, altruísta está hoje me permitindo descobrir uma parte secreta de si. Uma pequena fenda vulnerável na fortaleza de aço, bela e impressionante.

Então decido exhibir para ele a minha própria vulnerabilidade.

— Eu também senti saudade de você, sabe?! Tanta que achei seriamente que estava ficando doente. Na verdade, ainda me sinto assim... — Engulo a saliva com dificuldade, lembrando-me de como têm sido os últimos dias. — E, sendo honesta, Sebastian, eu me sinto tão cansada destes sentimentos; tão, tão cansada de acordar me perguntando quando é que você finalmente sairá da minha mente.

Seus olhos profundos se abrem e encontram os meus.

— É o que você quer? Que eu saia dela?

Penso por um instante.

— Eu quero mesmo é que pare de doer.

Fico ciente de que minhas palavras o atingem feito um tapa que lhe causa certa dor.

— Nunca foi minha intenção te machucar.

Assinto calmamente, administrando meu caminhar de emoções e consigo prosseguir:

— Tem razão. Você não teve intenção. Nunca me enganou quanto ao que esperar. Mas tampouco fez algo para me impedir de te amar, Sebastian. A realidade é essa — antes que ele me interfira, vou botando para fora o que desejei dizer a ele e não tive coragem antes. — E sei que não foi por mal. Sabe qual é o problema? Você é alguém por quem é muito fácil se apaixonar.

Fácil demais. Um cara bom, bonito, atraente, que tem toda essa coisa de “se afaste, mas fique perto” — admito, franca. — Então esse jogo nunca foi exatamente justo, foi? Eu sempre estive em desvantagem.

O homem poderoso sacode a cabeça, refutando, parecendo não concordar que, mesmo que suas palavras me alertassem, suas ações falavam o completo oposto. Enquanto a boca me mandava ficar longe, seu toque me convidava a deixá-lo entrar em meu coração e fincar suas raízes.

— Você pode pensar que é a única aqui em desvantagem, Penélope — a rouquidão o torna mais humano e alcançável do que jamais senti. — Mas eu te digo que está enganada. Você sempre teve *uma* vantagem sobre mim. Eu estava submerso em minhas próprias merdas para notar o caminho que você estava construindo. Eu não te vi chegar. E, quando notei, já era tarde demais. — Pressiona mais minha palma contra seu peito. — Você já estava aqui.

Em seu coração.

— Naquela noite, quando te deixei na casa de Gael, eu te disse que você foi o mais perto que alguém chegou em muitos anos. Não estava mentindo na época e não estou agora quando digo que é mais do que perto. É dentro. Você está aqui dentro, espanhola.

Ah, droga! Já não posso evitar. Torno-me uma poça de olhos borrados, tentando inutilmente combater as lágrimas que insistem em cair.

— Não chore — ele grunhe com reverência quando as percebe.

— N-não estou — mas um soluço estúpido me denuncia

Sebastian solta minhas mãos, segura meu rosto gentilmente e passa a percorrer minhas lágrimas com seus lábios macios, liberando respirações quentes conforme continua falando:

— Sei que não está. — Salpica pequenos beijos, delicadamente sugando as lágrimas uma a uma. — Você é forte, destemida. É a mulher mais corajosa que conheço.

Madre, tenho vontade de pedir que ele pare. A verdade é que eu senti tanta, tanta saudade de me sentir assim, viva novamente, de um jeito que assusta, até.

— É espirituosa. Amorosa. Tem um senso de humor terrivelmente impertinente.

— Não me bajule, *cabrón*... — busco presença de espírito para não exhibir que ele está me matando.

Sinto que ri.

Quando já não há mais o que limpar, Sebastian afasta seu rosto algumas polegadas, a uma distância à qual pode me contemplar melhor. E então seu peito sobe, inflando com toda a capacidade, parecendo tomar sua primeira respiração profunda em dias. Seus olhos enegrecidos ganham um suave brilho, uma mistura de alívio e... e talvez *esperança*, coisa que jamais vi nele.

— Senti mesmo a sua falta, menina.

Baixo o olhar.

— Eu também senti a sua — admito. — É bom te ver de novo...

— Será que podemos nos sentar e ter uma conversa?

Lembro-me no mesmo instante da razão de estarmos em meu apartamento; das *circunstâncias*; do que aconteceu há pouco mais de uma hora.

Levanto o olhar para ele.

— Vocês fizeram algo aos Molina, não é?

Seu rosto se torna ligeiramente mais tenso, o que é confirmado pelo músculo em sua têmpora.

— Por quê? — minha voz praticamente some ao perguntar. Tenho receio de saber a resposta, porém, preciso dela.

— Eles mereciam — praticamente rosna.

Sinto novamente o sabor amargo da bile de volta à língua, antecipando uma sensação ruim.

— Por quê?

A escuridão de suas pupilas encontra a minha.

— Pelo que fizeram a você — as palavras saem duras, ferais.

Minhas pernas amolecem violentamente. Preciso discretamente espalmar as mãos nas portas às minhas costas em busca de equilíbrio.

Nunca contei a ninguém absolutamente nada sobre os Molina. Lidei com eles como um sonho ruim que durou tempo demais. Eu os venci. E

guardei essa história comigo... Sim, talvez, ao fazer isso, eu tenha errado. Se eu os tivesse denunciado, teria poupado outra menina de passar pelo mesmo.

— Como soube? — murmuro.

— Na noite em que voltei de Amsterdã, quando fui atrás da garota que você estava procurando, te ouvi na varanda contando sua história a Elliot.

— Eu não cont...

Ele arqueia a sobrancelha.

— Sim, você contou. Movida pela vodca, possivelmente, mas contou.

Meu rosto formiga tão logo absorvo a informação. Constrangimento. Vergonha. Humilhação. São esses os sentimentos que me fazem desvencilhar da porta, desviar-me de seu corpo e lhe dar as costas. Não quero que ele veja isso em mim, que sinta pena, ou qualquer coisa do tipo. Nunca quis estar no papel de vítima. É complicado de explicar, mas, enquanto a história era somente minha, eu podia lidar com ela; podia esconder um lado de mim que já sofreu, foi degradado e, em muitos momentos, fraquejou, prestes a desistir. Não sei como enxergar essa Penélope através dos olhos piedosos de alguém. Eu me reconstruí uma mulher forte, capaz de superar tudo. É assim que gostaria que me vissem. Acontece que Sebastian sabe; sabe há dias. E Elliot também.

Então me ocorre uma ideia que ainda não me havia passado pela cabeça.

— É por isso que você veio à Espanha, não é? Para fazer justiça. — Abraço defensivamente meu corpo conforme as peças se encaixam.

É claro que sim.

Ser protetor está em seu sangue.

O silêncio se torna glacial, baixando a temperatura de toda a casa, até mesmo do vento entrando pela janela, antes fresco.

Olho-o por cima do ombro para confirmar minhas suspeitas, e o que encontro... o que encontro me surpreende. Ele me fita de olhos estreitados, como se em algum momento eu o tivesse ofendido.

— Eu acho que você faz uma ideia errada a meu respeito, Penélope — o tom é calculadamente impassível. — Não sou a porcaria de um herói ou qualquer coisa desse tipo. Pensei que, depois de passar um tempo comigo,

você já soubesse.

— Se não veio para fazer justiça, por que foi direto a eles em primeiro lugar?

Sem qualquer humor, ele sorri. Um sorriso de canto, desafiador... e ofendido.

— Vim a Madri porque você está aqui e eu teria ido a qualquer lugar do mundo para te encontrar. Achei que eu tivesse deixado isso claro.

Sacudo a cabeça assentindo, sem de fato assentir.

— Entendo... — não soou convincente o bastante.

Ele arqueia a sobrancelha do tipo “entende uma ova”.

— Eu aceito sua dúvida, Penélope. É por isso que estou aqui, para te fazer ciente de que eu estava ficando maluco sem você. — Condescendente, passa a se mover em minha direção feito um felino, sorrateiro, com um objetivo em mente. — Mas, se quer que eu esclareça sobre aqueles ratos, ok. Sim, fui atrás deles. Teria ido até o inferno para caçá-los. Não por qualquer ato de heroísmo em que você enganosamente acredite. Eles feriram alguém muito importante pra mim; não poderiam ficar impunes.

Já bem perto, toca meu queixo e me pede silenciosamente para enfrentá-lo.

— Você acha que pode me ouvir de mente aberta e dar uma chance ao que tenho a dizer, Loupe?

Capítulo 44

SEBASTIAN

Há muito a ser dito. Coisas que nunca esperei ter de dizer a ninguém. Todavia, se me abrir é a única maneira de fazer com que ela me compreenda e possa me aceitar, é o que farei. Sentado no pequeno sofá de dois lugares, corpo inclinado para frente, braços descansados sobre as pernas, mãos unidas, encaro seu chão, refletindo sobre por onde começar. Opto por fazê-lo desde o início.

— Você já sabe sobre minha noiva — começo, a voz arenosa, audível o suficiente para que ela me ouça de onde está.

A espanhola não quis se acomodar ao meu lado, preferiu sentar-se em uma das quatro cadeiras da mesa antiga de fórmica azul e me ouvir à distância. *É compreensível*, concluo sem humor, *essa é sua tentativa de proteger-se de mim*.

Não suavizo quando revelo:

— Lara e eu nos conhecíamos desde garotos. Começamos a namorar muito jovens. Por muito tempo ela foi a mulher da minha vida.

Não preciso olhá-la para saber que Penélope me escuta atentamente e que se encolhe um pouco.

— Eu estava em campo, servindo às Forças Armadas, quando recebi a notícia. Seu corpo havia sido encontrado numa vala, junto aos filhos de Gael. Aquilo... porra, aquilo doeu como o inferno. *Me arrebentou*, na verdade. Lara e eu estávamos prestes a nos casar; tínhamos planos, sonhos juntos, e, de repente, tudo nos foi roubado.

Ao fim da última palavra, espero que a dor lancinante da lembrança venha me rasgar. E percebo, numa reafirmação que hoje a lembrança dói, sim, mas é a primeira vez em que não sinto a sensação de ser dilacerado por dentro. É a primeira vez em que consigo enxergar como sendo uma

lembrança triste. Penélope é a responsável.

— Eu sinto muito... — ela diz num timbre baixo, sincero.

Aceno, aceitando sua condolência. E continuo, pois há um ponto aonde quero chegar. Preciso que essa mulher me conheça por inteiro, saiba que já fui ao inferno e voltei. Voltei por ela.

— Dali em diante, passei a viver em função de *punir* os culpados. — Diabos, odeio essa palavra e a ideia errada que ela cria na cabeça da espanhola. Trato de corrigi-la. — *Vingança*. Foi isso que me tornei, um cara atrás apenas de vingança. — Subo os olhos para ela. — E eu a obtive. Todos os envolvidos em sua morte pagaram.

A menina engole em seco, compreendendo o que quero dizer com “pagaram”.

— O problema é que, depois de tudo feito, ainda assim eu não consegui encontrar paz ou vontade de recomeçar. Quando a mataram, mataram também uma parte de mim... Durante muito tempo, era no que eu acreditava.

— Eu... — Ela lambe os lábios, um deles ferido pelo pedaço de merda chamado Santiago Molina. — Eu te entendo.

Não. Talvez ela não entenda. É preciso perder alguém daquele jeito para realmente compreender o que é estar morto em vida.

Encaro minhas mãos.

— Logo veio essa bagunça com a Interpol. Os caras da agência sabiam o que fizemos para caçar os culpados e usaram isso para me chantagear a trabalhar com eles. Foram anos entrando nos mais fodidos países atrás da escória de traficantes e compradores daquelas garotas.

— Foi por isso que vocês estavam em Amsterdã... — ela lembra, quem sabe apenas para não se manter calada, para que eu não note a palidez presente em seu rosto.

Confirmo.

— Quando te reencontrei, no bar da boate, usando aquela peruca loira e me servindo sabão junto à bebida...

Penélope se contrai, parecendo mortificada.

— Me desculpe por aquilo...

Guardo a vontade de sorrir, pois basta um olhar mais atento para saber que a espertinha não se arrepende um único minuto do seu ato de rebeldia. Sua ousadia realmente me impressionou. Era uma amostra do que estava por vir, certamente.

— Talvez eu tenha merecido — aceito e prossigo: — Mas ali, te vendo, percebi que você não pertencia àquele lugar. Havia algo de errado. Foi necessário apenas te vigiar por alguns minutos para compreender. — Arqueio a sobancelha. — Acho que você não é tão boa em disfarces quanto pensa, espanhola.

Impertinente, ela eleva o nariz empinado, escondendo que feriu seu pequeno ego.

Minha provocação, na verdade, é uma tentativa de aliviar parte da tensão presente no ar. Sei que o que pretendo dizer a seguir possui grandes chances de machucá-la. Contudo, tem de ser feito.

— No começo, vendo você, aquilo que eu sabia que estava fazendo lá, notei uma semelhança... — dou-lhe um olhar significativo — uma semelhança com o que Lara estava fazendo quando foi pega. Gael deve ter te contado que a irmã estava investigando, sem nenhum preparo, o desaparecimento de uma amiga. A amiga, ela descobriu, foi vítima do tráfico de pessoas.

Os olhos amendoados da menina se abrem exibindo surpresa com a conexão feita, assimilando.

— Você também estava investigando, procurando alguém, Penélope. E me pareceu muito inexperiente, inocente demais para aquele mundo. Tive a confirmação na segunda noite, quando você encontrou as garotas no porão. Sua reação me fez saber que não estava preparada para nada daquilo.

— Então você a viu em mim... — ela complementa, unindo um mais um.

Não nego.

— Sim. E, conscientemente ou não, você era uma chance de eu me redimir por não estar lá quando minha noiva precisou. Você eu poderia salvar, coisa que não pude com ela.

Assistindo à maneira como se encolhe no lugar, provavelmente sem

saber o que pensar, controlo-me para não me levantar e ir até ela. Penélope é transparente em seus pensamentos, o suficiente para que eu leia suas conclusões com clareza.

Aperto meus dedos unidos, proibindo-me de me mover. E evito voltar a fitá-la até que eu tenha dito o que preciso.

— Te levei pra casa de minha avó porque necessitava saber que estava protegida; que eles não te fariam mal.

— Eu era sua remissão — comenta quase sem voz.

— Talvez sim; na minha cabeça, sim.

— Uma vez... — sua primeira tentativa falha; ela tem de limpar a garganta e se esforçar: — Uma vez, ainda na casa da vó Zhena, eu te disse que não queria ser um caso de caridade.

É uma acusação.

— Você teria ficado se eu dissesse o contrário? — indago, fazendo-a ver meu ponto.

Seu silêncio dura por dois ou três segundos, até que admite:

— Não.

— Exatamente.

O som de um suspiro profundo vem dela. Sinto uma pontada de culpa, não pela decisão do passado, mas por ter de lhe confessar essas coisas e saber que estou batendo onde mais lhe dói. Penélope é orgulhosa. Porém, porra, que outra escolha eu tinha?

Levanto os olhos, pois isso precisa ser dito encarando-a.

— Minha intenção sempre foi te proteger, Penélope. Independentemente dos motivos, meu único objetivo era te manter segura. Disso você não pode duvidar.

Movimenta a cabeça.

— Não duvido.

Meneio a minha também.

— Eu faria tudo por você. Antes e agora.

Seu lábio inferior vacila, exibindo um pequeno tremor.

Ciente de que, não importa a luta sendo travada em sua mente, ela me escutará, passo a contar tudo: a sensação incômoda que essa mulher me causou ainda naquele quarto de hotel na Holanda; o quanto sua boca afiada mexia comigo; a ebulição que seu cheiro provocava em meu corpo; o fogo me abrasando quando a encontrei naquela cozinha escura, guiado apenas pelo instinto de que ela estava ali; como me senti ao tocá-la pela primeira vez, provar o gosto de seu beijo úmido e adocicado, tal qual sua boceta; e então a necessidade latente em cada maldito minuto do dia de estar com ela; e o quanto a necessidade se chocava com a culpa.

— Eu sentia que estava traindo a memória dela por te querer tanto, por desejar você daquela maneira a cada segundo que passávamos juntos.

Diabos, aquilo estava me matando. Cheguei a acreditar que eu enlouqueceria.

Encaro-a.

— Deixar você partir doeu, doeu pra caralho. E me sentir daquele jeito era ainda mais fodido, porque eu sabia, *sabia* que você tinha ocupado um lugar no meu coração que eu pensava não estar mais disponível pra ninguém. Durante muito tempo eu pensei que estivesse morto, mas você chegou e empurrou a porta desse lugar, Penélope, e o invadiu. Você me trouxe a vida de volta.

Enquanto falo, a menina se levanta e passa a vir até mim, devagar. Posso notar a umidade em seus olhos.

— Consegue entender o que quero dizer? — Fito-a quando se abaixa e fica à minha frente, de joelhos no chão. — Entender que não posso mais conceber a ideia de ficar longe de alguém que tem meu peito em suas mãos?

As lágrimas que outrora ela me negou agora escapam livremente, correndo por seu rosto bonito, criando efeitos de lupa sobre as sardas ligeiramente avermelhadas. Penélope é tão linda que chega a não ser real. Cada pequena parte de seu corpo é esculpida para ser única, ser dela.

— Você quer dizer com isso, Sebastian, que está livre e veio porque quer ficar comigo? É o que quer dizer?

— Porra, menina... — Meu coração, o fodido, parte-se ao meio por eu algum dia ter sido o cara a deixá-la duvidar do que foi capaz de despertar em

mim.

— Fale, *cabrón*, fale que é exatamente isso, porque, se for pra vir aqui e encher minha cabeça pra depois...

Sem poder me conter por mais tempo, puxo seu rosto para o meu e colo nossas bocas.

— O que quero dizer, espanhola — grunho contra sua boca úmida pelas lágrimas —, é que, se você me quiser em sua vida, é onde eu preciso estar. *Preciso*, você está entendendo?

Quando já não posso mais suportar a necessidade de tomá-la para mim, deslizo a língua por toda a extensão de seus lábios, provando aquele gosto doce que me fez sofrer de saudade.

Um gemidinho tremido escapa de seus lábios.

Aproveito a oportunidade para invadir e explorar sua boca.

Jesus Cristo!

A sensação é de que meu estúpido peito explodirá.

Aqui, com ela, é o meu lugar. Penélope é minha remissão, salvação. Minha chance de ser feliz outra vez. As sombras, que durante muito tempo me acompanharam impiedosas, simplesmente vão se dissipando, perdendo cor e força, permitindo que o colorido da espanhola assuma todos os espaços. As cores de suas paredes, a tonalidade de seu cabelo castanho-avermelhado natural, das sardas, dos lábios. Penélope, contra tudo o que passou, é cor, vida em abundância. Nada nela é pouco, pequeno ou modesto.

Obcecado por essa mulher, eu a suspeno e trago seu corpo para se sentar no meu colo. Suas coxas, contra as laterais das minhas, apertam-me, instáveis. *Nahuí*, se ela soubesse o quanto me mata quando se mostra assim, de guarda baixa, vulnerável para mim...

— Senti saudade de cada parte de você, espanhola... — rosno contra sua boca num instante em que lhe permito tomar um fôlego.

— Você é um bajulador, Sebastian. E muito traiçoeiro, também — protesta ofegante, entre o riso e a emoção.

Afundo o nariz contra seu pescoço e me deleito ali, rindo regozijado.

— Sou o que você disser que sou, desde que esteja assim, em cima de

mim, e não fuja nunca mais.

De repente ela se afasta do meu controle para me examinar. Sua mão percorre delicadamente o caminho para baixo de minha jaqueta, do lado esquerdo.

— O que foi aquilo afinal? — a preocupação em sua voz me lembra do que é que está falando.

— Fui baleado naquela noite, mas não foi nada demais.

Morde o lábio, hesitante.

— Eu teria ficado se visse que era grave, mas você parecia bem.

Mal libero uma boa expiração.

— Se eu soubesse, teria pedido para atingirem um lugar mais letal — brinco.

A brincadeira, no entanto, não muda seu semblante ligeiramente culpado.

— Você o pegou? — sei que está questionando sobre Verhoeven.

— Sim. Verhoeven já não é mais um problema.

Meneia a cabeça, sem perguntar o que significa. Agradeço-lhe silenciosamente. Não quero ter de explicar que deixá-lo vivo seria um risco à vida dela que eu não estava disposto a correr.

Passo um olhar minucioso por seu rosto, aproveitando o momento de paz por finalmente tê-la comigo.

— Agora me conte: o que andou fazendo nessas duas últimas semanas que a fez perder peso? — indago com interesse franco. Tudo sobre ela me interessa, afinal.

— Não andei muito bem, mas já estou melhor. Você sabe, dizem que o amor pode ser uma excelente fonte de emagrecimento — faz graça, embora sinto que há mais coisas aí.

— Desculpe por ser um ferrado e demorar tempo demais pra te dizer o quanto você significa pra mim, espanhola.

Mantendo-se no meu ombro, seu olhar foge do meu.

— Tudo bem, afinal, você está aqui agora. E talvez esse tempo tenha sido bom pra... pra a gente pensar.

Levanto a sobrancelha, curioso.

— No que você pensou?

Ela encolhe os ombros.

— Sei lá, sobre a vida. Sobre o que quero fazer com ela. — Volta a me fitar. — Eu soube sobre a Amália.

Não tenho um bom pressentimento; mesmo assim, decido indagar:

— O que pretende fazer com sua vida?

— Ainda não sei — diz, concisa. — Mas tenho pensado muito em garotas como eu, a Amália, Annie.

— Annie? — pego-me com a mente em branco por um momento.

— A garota que me ajudou a entrar na boate. Aquela que eles... você sabe.

Porra, não... que ela não esteja com ideia de se fantasiar com aqueles disfarces ineficientes e sair por aí metendo o nariz em merdas daquele tipo.

Controlo minha reação; não quero criar um motivo de conflito quando acabamos de nos acertar.

— Há muitas coisas que você pode fazer por essas meninas, Penélope. A gente só precisa sentar e pensar com calma. — Sim, acabo de me incluir nisso. Não lhe darei chance de arranjar problemas para si mesma, nem fodendo.

Talvez lendo meu pensamento, inteligentemente a menina decide mudar a conversa.

— Como a vó Zhena está?

Sim, um território seguro para ambos.

— Além de eu não atender mais suas ligações desaforadas? — Finjo desgosto. — Bem, com mais saúde do que eu e você juntos.

Penélope ri baixinho, satisfeita com a resposta.

— E a Priscila?

Bem, aí é um problema.

— Não tenho conversado com ela. Na última vez, ela me disse o quanto eu era um idiota por te deixar entrar naquele avião.

A satisfação e o orgulho estão estampados em sua face.

— Sinto saudade delas... — admite com certo brilho melancólico no olhar.

Deixo esse assunto também para mais tarde. No momento, só o que me importa é o aqui e agora.

— E eu, saudade de você; de sentir seu cheiro de baunilha por toda a parte, em lugares que você sequer esteve. Isso estava me deixando maluco.

Calor invade suas bochechas, tirando um pouco do semblante doente de quando a vi lá embaixo mais cedo.

— Eu também andei tendo alguns problemas para te esquecer por aqui. E hoje, quando eu estava no escritório com aquele cara, ouvi sua voz na minha mente... você me dizendo o que eu deveria fazer. Acho que só saí dessa porque você me ensinou como me defender.

A raiva por pensar que o desgraçado se atreveu a tocar nela, que provavelmente a deixou apavorada me faz querer pegar o telefone e dizer a Elliot que voltei atrás em minha palavra. Eu sou aquele a querer lidar com Santiago Molina.

— Você nunca mais passará por nada semelhante. Isso eu te prometo — rosno.

Ela sorri, um sorriso simples, agradecido enquanto percorre delicadamente a ponta dos dedos pelo contorno do meu maxilar, sentindo-me como se me redescobrisse.

— Não vou mesmo, porque estou preparada. *Você* me preparou. Saberei me defender sozinha sempre que for necessário.

Não sei se me orgulho ainda mais ou se me ressinto, pois, mesmo me aceitando em sua vida de novo, noto que Penélope está protegendo uma parte sua de mim. Está inconscientemente me dizendo que ainda não me deixou entrar totalmente.

Eu posso lidar com isso. Desde que ela esteja ao meu lado, posso trabalhar em reconquistar a mulher de comportamento mordaz e um interior sensível a ponto de se apegar a um carro feio.

Capítulo 45

PENÉLOPE

Montada no colo de Sebastian no minúsculo sofá de meu minúsculo apartamento – que nunca recebeu qualquer visita –, eu me sinto estranhamente *bem*. Não importa que Sebastian seja aquele a confessar que me ajudou porque falhou com a noiva e fui seu caso de redenção. Fato é que ele sempre foi um *homem*, no melhor sentido da palavra, comigo. Isso eu jamais poderia negar. Somente alguém decente o bastante se importaria com uma estranha, levá-la-ia para casa e a protegeria.

A maneira como ele me observa, registrando-me para si, é de longe o jeito mais impressionante que alguém já o fez.

Lá fora, o céu de repente escurece, ganhando ares de fim de tarde, quando, na verdade, passa pouco das 13h, eu imagino.

Um trovão ilumina tudo, seguido de um estrondo tão poderoso que faz o chão tremer violentamente e me leva a sobressaltar-me em seu colo.

O familiar sorriso torto, levemente zombeteiro ganha os lábios do homem.

— Você tem medo de trovão?

— Não... — outro estrondo vem em seguida, mais forte, mais barulhento, não me permitindo mentir.

— Sempre tive — confesso. — No orfanato, o quarto onde dormíamos era muito grande e havia pouca mobília. Apenas nossos beliches. Os trovões criavam um eco horrendo, parecia que aquilo ia desabar em nossas cabeças.

Um beijo é depositado na curva do meu pescoço.

— Se eu pudesse, estaria lá para te abraçar e dizer bem baixinho — sobe a boca em direção ao meu ouvido —, *mi cariño*, que trovões não podem entrar em seu quarto. Eles são descargas de energia lá fora, na atmosfera.

Meu corpo inconscientemente se desmancha.

— Mas há um jeito melhor que conheço de não sentir mais medo — sussurra numa voz deliciosamente tentadora.

— Co-como?

O sorriso sacana aumenta.

Mãos entram por baixo de minha blusa de moletom. Há apenas o tecido e minha pele, sem camiseta ou qualquer outra coisa além do sutiã.

— Permitindo que eu te distraia.

Por baixo de cílios negros, percebo o fogo intenso que crepita em suas íris, *abrasador*. Seu toque alisa meu estômago, sobre as dobrinhas de pele — um pouco menores do que na última vez, porém, ainda existentes. Sem pressa, ele alcança a renda do meu sutiã e a mão se fecha sobre o seio, como se testasse o peso. De fato, sinto que estão ligeiramente mais pesados, doloridos e sei que isso se deve a meu período bem perto de acontecer.

Sebastian arfa por entre os lábios.

— Você é tão perfeita, menina.

Engulo a pouca saliva, sentindo o elogio eriçar a pele conforme uma de suas mãos caminha para as costas, envolvendo-me, enquanto a outra passa a provocar o mamilo por cima do tecido.

— Obrigada...

— Não há nada em você que não seja.

O fecho da peça íntima se abre. Distraindo-me, o sujeito terrivelmente habilidoso abriu meu sutiã. Seios livres saltam agradecidos por baixo da blusa.

A glória em seu rosto é o que me faz morder o lábio. O peito do homem se estufa, sorvendo uma grande respiração, em seguida um praguejar é rosnado em russo. Lindo demais! Sua reação a mim é genuína, eu posso sentir. Sebastian parece realmente apreciar o momento. A reverência em seu rosto é algo que me enche de um tipo de orgulho feminino muito forte; de repente faz com que eu me sinta simplesmente especial.

— Ainda não acredito que está aqui — pego-me dizendo. — No meu mundo, homens como você não ficam com garotas como eu...

O que era para ser um elogio, ele encara com certo descontentamento,

uma pitadinha de irritação, até.

— No *meu* mundo, Penélope, homens como eu não deixam mulheres como você escapar por entre os dedos. Mas talvez palavras não sejam suficientes para explicar isso. Talvez eu tenha de te mostrar de outra forma.

Subitamente, Sebastian nos levanta do sofá comigo em seu colo – ainda acho difícil me acostumar ao fato de que esse homem não sente qualquer dificuldade nisso – e faz o caminho até minha cama.

Sou derramada sobre a colcha macia. Espero que ele desabe sobre mim, porém, não acontece. Apoio-me nos cotovelos para olhá-lo. Encontro Sebastian em pé, observando de cima.

— Em meu mundo, homens como eu sabem quando receberam uma bênção. E eles a aproveitam mesmo que não mereçam.

Sob minha atenção, ele se abaixa, um joelho no chão, como um grande rei que se submete apenas para receber sua coroa.

Meu pé descalço está em suas mãos. O primeiro beijo é na ponta do dedinho.

O som ruidoso de meu coração só aumenta.

Seus beijos são atenciosamente dados em cada um dos dedos.

Então a boca sobe, arrastando-se sobre minha calça fina de moletom. O elástico é engatado entre seus dedos. Arqueio um pouco os quadris, permitindo-lhe que a abaixe, assistindo à aprovação em seu sorriso.

A calça é arrastada para baixo devagar, tornando o momento uma pequena carícia torturante.

Fico de calcinha e blusa.

Meu primeiro pensamento é que assim, de perto, sob a luz da janela, Sebastian pode ver as estrias em minhas coxas. No entanto, isso importa? Importa, quando elas fazem parte de mim? Não. E não me envergonha.

A boca quente retorna à carícia de onde ela foi interrompida. Escala minhas pernas – felizmente depiladas ao chuveiro essa manhã –, arrastando-se. Vai para o centro das coxas e para quando encontra o tecido da calcinha fina. Alivia-me que ela seja bonita e pequena. Ele poderia ter me visto com uma das maiores, aquelas das primeiras semanas de baixo-astrol em que estive quando voltei.

O primeiro toque vem de seu nariz, um roçar leve, aspirando, os lábios emitindo um som de contentamento excitante demais. Primitivo.

Respiro com dificuldade.

Por cima da renda, recebo leve pressão, um beijo, para então se tornar um pouco mais molhado. Observo a língua percorrer a partir da região do clitóris até lá embaixo, lenta, provocando com toda a certeza.

Despenco de vez na cama, tapando o rosto com as mãos.

A língua sobe e empurra o tecido para o lado, salpicando de leve sobre o centro de terminações sensíveis.

Um gemido falho é exprimido por entre meus dedos.

E outro vem diretamente do peito de Sebastian.

— Tão deliciosa quanto eu me lembrava — grunhe.

Ele não afasta a calcinha ainda; continua ali, criando espaço para a língua pela borda da peça, deleitando-se em me retorcer em pequenos picos de um furor que atinge em cheio a boca do estômago.

— Não me provoque assim — peço quando a brincadeira se torna demais. Minha garganta queima de tão seca.

O *cabron* manipulador ri sem tirar a boca dali.

— O que você quer, espanhola?

— Você sabe... — Desprendo os quadris e me ofereço um pouco mais para sua boca.

— Sim, *mi señora*, eu sei — provoca malicioso, lambendo não mais o ponto onde preciso dele, mas a lateral de minha virilha, como se dissesse “eu dou as regras aqui, não você”.

E passa a trabalhar mais, decidido a me fazer enlouquecer. Deus, nunca fui uma mulher sexual antes dele, muito pelo contrário, eu pensava que poderia passar uma vida sem isto e viveria bem, mas ele, *esse homem*, criou uma necessidade de algo tão, tão urgente que faz meu sangue todo correr para onde sua boca está concentrada.

Quero gemer, quero chorar e pedir pelo que nem sei bem. E, quando mais me contorço sob ele, mais a pressão em meu ventre vai crescendo. Nesse ritmo também vou separando minhas pernas, dando-lhe o caminho

completo.

— Ah, espanhola — rejubila em contentamento.

Finalmente a calcinha é empurrada até o meio das coxas. Termino seu trabalho me livrando completamente dela. Dedos lambuzam-se na umidade, o som de sua língua sugando vem mais enérgico. Não é mais uma brincadeira marota. É para valer. Arqueio o corpo em um S torturado.

Picadas de formigamento iniciam um caminho pelas pontas dos dedos, panturrilhas, até se tornar insuportável. Agarro as barras da cabeceira da cama. Minhas unhas encontram-se com as palmas.

Um dedo comprido mergulha lá dentro, e outro entra em seguida. Meu clitóris é sugado com mais pressão... E, de repente, outro trovão tempestuoso rasga o céu, assustador, dividindo-o em dois.

A casa vibra. Meu prazer chega ao limite. E simplesmente explodo junto, agarrando a cama e uivando o nome desse homem.

Sebastian não para aí, não se satisfaz em me desmontar. Repete, forte, duro, criando uma fricção embalada pelo ritmo de seus dedos entrando e saindo. E sou novamente levada para fora da atmosfera.

A pressão em minha cabeça é tanta que chego muito perto de um colapso. Não me importo que ele me veja tão suscetível. Não me importo que lágrimas escorram pelas laterais do meu rosto.

Sinto o contato de sua calça jeans contra minha pele, mas não a pressão do corpo. Abro os olhos para encontrá-lo deitado sobre mim, sem seu peso, sustentado pelo joelho entre minhas pernas e braços ao lado dos meus.

— Senti mesmo sua falta, espanhola. — A boca desce na minha, trazendo o sabor salgado.

O beijo é urgente, duro. Possessivo. Como se dissesse: *Prove o prazer que eu te dei, espanhola, e não se esqueça dele jamais.*

Enlaço-o com braços e pernas, trazendo sua virilha contra a minha. Quero-o completamente. Desesperadamente. Não me importo que o mundo começou a desabar lá fora; que a chuva seja um desague assustador do céu, lavando a angústia que senti todos esses dias longe dele, sem ter esperança de reencontrá-lo novamente; que trovões demonstrem verdadeira energia para quebrar o mundo. Estou onde deveria estar e jamais mudaria isso.

Com urgência, vou tateando o cós de sua calça, querendo me livrar do obstáculo entre nós.

Sebastian, no entanto, tem outro objetivo. *Me amar.*

Minha blusa de moletom é levantada para cima da cabeça, porém, não retirada. Fico parcialmente presa pelos braços nela.

Meus seios caem grandes para os lados, duros, sensíveis.

Olhos brilham de satisfação sob os cílios formando uma cortina negra.

E então ele abocanha um mamilo, circulando-o com os lábios fechados, exibindo a mesma perícia em mostrar o quanto pode ser controlado e degustar do momento sem tamanha pressa, apesar do que diz a rigidez volumosa estourando o zíper da sua calça.

Nem posso mais tentar colocar a mão ali. Estou presa na armadilha que ele criou com a blusa.

— Sebastian, por favor, deixe isso para mais tarde... Eu realmente preciso de você... dentro. Por favor! — não reconheço minha voz rouca implorando – e nem ligo.

Em resposta, dentes cercam o pico sensível, castigando-me.

— Desejei isto durante todos os minutos desde que fugiu de mim, Penélope. *Todos os malditos minutos.* Hoje será do meu jeito.

Então a ficha cai e passo a compreender. Estou recebendo aqui não somente o prazer, mas a punição por ter partido. Sebastian está me punindo. É absolutamente incoerente... e excitante até a morte.

Mi Madre...

— Por favor, *Senhor...* — apelo, chamando-o do modo que exigiu em nossas noites juntos.

No mesmo instante seu corpo todo, cada músculo, retesa.

Pergunto-me o que fiz de errado. Abro os olhos e presto atenção em seu rosto a tempo de enxergar a transformação.

O olhar de pupilas dilatadas cai sobre o meu.

— Não me chame mais assim. Não mais — diz estranhamente rouco. Sua voz parece embargada, fora de lugar.

Encontro a explicação, no entanto, diretamente nas esferas castanhas.

Senhor era o tratamento que ele exigia de todas as mulheres que passaram por sua cama desde Lara, seu modo de mantê-las fora de sua vida, de seu coração; um tratamento que dava o exato distanciamento que necessitava. Durante algum tempo eu fui uma dessas mulheres, obrigada a o chamar assim; uma que não significava nada além de sexo.

O pico de ressentimento atingindo meu peito em cheio é provavelmente exibido em meu rosto.

Prendendo-me pelo olhar, os lábios dele se contraem. O maxilar enrijece. E Sebastian se afasta o suficiente para liberar seu pau de dentro da calça.

Minha primeira reação é querer fechar as pernas e impedir que me invada. De repente, eu me sinto pequena, inferior e sequer posso explicar o sentimento.

— Eu disse a você que eu estava morto. Que não havia mais um coração para receber quem quer que fosse. *Você* o resgatou. O trouxe à vida. E ele é seu. — A ponta de seu membro, grossa e impressionantemente rígida se esfrega lentamente em minha entrada, quente, pulsante. — Eu sou seu — diz, firme, incontestável.

Sebastian é meu.

De seu jeito, com as partes que um dia foram quebradas e agora se juntaram exibindo as rachaduras, ele é meu.

E eu o aceito. Abro-me para recebê-lo.

O som que retumba pelo quarto – um rosnado animalesco – quando ele me invade é algo para jamais ser esquecido.

De todas as pessoas que passaram por sua vida, sou eu a provocar esse tipo de reação no homem poderoso, que não exhibe medo ou fraquezas além daquelas que existem dentro de seu coração.

Nó nos amamos. Pela primeira vez, nos amamos. Não há mais o sentimento de me preservar e proteger uma parte minha para não ser magoada. Não há mais a culpa entre nós, apenas a necessidade de afirmação, de marcar um ao outro.

Alcançamos liberações poderosas juntos, um clamando o nome do outro em fôlegos inexistentes.

Não tenho mais medo de trovões. Eles agora são a lembrança viva do dia em que pudemos nos libertar. Sebastian e eu.



Não sei bem quando pegamos no sono. As cortinas foram fechadas em algum momento entre o final da tarde e o início da noite. Acordo envolvida pelo corpo grande, musculoso e magro. Presa. Viro o rosto para tentar observar Sebastian. A iluminação é muito fraca. No entanto, consigo enxergar parte de seus traços. Sebastian tem o rosto simétrico; o nariz do tamanho correto para o rosto, nem grande nem pequeno; sobrancelhas e cílios grossos. O maxilar forma uma linha certinha, invejável. A barba não tem falhas, exibe pelos grossos e fartos. Um homem verdadeiramente belo. O mais belo com quem já estive. Antes dele, tive dois fracassados que não duraram tempo suficiente para criar boas memórias. Não consigo imaginar o que esse homem viu em mim, porém, estou decidida a não me fazer esse tipo de questionamento.

Suspiro controladamente, evitando fazer qualquer barulho que o acorde. Essa manhã, quando o vi lá fora, tive a impressão de que tinha envelhecido 10 anos em alguns dias. Parecia exausto, exausto mesmo. Posso arriscar dizer que não dormia bem – se é que dormia, a contar pelas marcas escuras e fundas ao redor dos olhos. Toca-me que ele também não tenha estado bem sem mim, mas não me deixa feliz. Se eu for honesta, gosto tanto desse *cabrón* que só quero que esteja bem. Comigo ou não. É um alívio perceber que aquela sombra sempre presente em sua aura tenha ido embora, que ele tenha se libertado.

Ninguém pode ser feliz preso ao passado. Foi o que eu disse a mim mesma quando ainda estava vivendo nas ruas. Lá eu decidi esquecer os Molina e viver o presente. Simplesmente viver, de verdade.

Por falar neles... espero que queimem no inferno e peço antecipadamente perdão a Deus por isso. Os malditos adotaram outra menina, outra criança cheia de esperanças, e a quebraram.

Penso no que Elliot disse quando mencionei a Amália. Estávamos

subindo os degraus até aqui.

— Eles adotaram outra menina, Elli... — eu disse, alcançando minha porta. A ideia de alguém passando por tudo aquilo que suportei acaba comigo.

— Eu sei — ele resmungou às minhas costas.

Parei e me virei para encará-lo por causa do tom perigoso em sua voz. Algo mortal, que arrepiou os pelos de minha nuca.

Para onde eles levaram a Amália?, lembrei o que Santiago disse e compreendi.

— Como ela está? — indaguei, ciente de que Elliot seria honesto.

— Segura — foi sua resposta, e eu sei que sim.

Onde quer que Amália esteja, será mil vezes melhor do que com aquela gente.

Sebastian, Elliot, Gael e seus amigos são como heróis trabalhando silenciosamente no submundo, caçando malfeitores e protegendo pessoas indefesas. Isso mesmo, Sebastian é um protetor, goste ele ou não.

Dou uma última olhadela em seu perfil, obrigada, pela pressão em minha bexiga, a descer da cama passo a passo, sem fazer barulho e me dirigir ao banheiro.

Entro, encostando a porta com cuidado.

Sento-me no vaso sanitário, sentindo uma ligeira cólica na região do baixo-ventre. É provável que minha menstruação esteja para descer a qualquer momento. Com os dedos, calculo quantos dias faltam a partir da última vez.

Bem, na verdade, era para ter descido há dois... três... não, quatro dias e...

Ah, Madre de Dios, no! Nem pensar.

Seco-me rapidamente e fico em pé para me observar no espelho.

— Não, com certeza não... — Respiro mais aliviada, analisando logicamente a situação.

Gestantes *não* emagrecem. Elas engordam. E enjoam... e costumam colocar o café da manhã para fora.

Ah. Por. Favor. Eu não posso ter essa sorte, posso? Justamente agora que estamos começando a nos entender? Que o homem finalmente decidiu dar um passo para fora de seu mundo de luto por uma noiva com quem planejou uma vida? *Lara e eu estávamos prestes a nos casar; tínhamos planos, sonhos juntos.*

Tapo o rosto com as mãos, martirizada.

Deve ser engano. *Tem de ser.*

Capítulo 46

PENÉLOPE

Não voltei a pregar o olho um segundo sequer, esperando ansiosamente que o dia amanhecesse de uma vez. Quando os primeiros indícios de claridade invadiram o quarto, voltei a me levantar silenciosamente. No caminho para o banheiro, peguei a primeira roupa que encontrei no armário, um vestido fluído na altura dos joelhos, e uma lingerie.

Saio, então, já vestida do banheiro e passo a procurar pelo cômodo por meu par de tênis brancos e baixos.

— Onde ele está? Onde está? — murmuro abaixando-me para checar debaixo da cama.

— Suponho que não é de mim que você está falando — a voz, ligeiramente mais grossa pela noite de sono, pega-me de surpresa.

Subo rapidamente a cabeça – o coração disparado – e a acerto na barra da cama.

— Ai! — Droga.

— Ei — repreende baixinho. — Tenha cuidado, moça.

“*Moza*”; lá vem ele com essa coisa de “*moza*”. Se bem me lembro, foi assim que tudo começou, em primeiro lugar.

Quando me levanto do chão rapidamente, dou a ele a visão de meu corpo vestido.

Os olhos inchados estreitam-se. Fico feliz em notar que sua aparência parece melhor. Descansada.

— Você vai a algum lugar?

— Hum... Sim.

Droga, droga, droga.

— Aonde? — pergunta casualmente.

— Bem, não estamos nessa coisa de dar satisfação ainda, *cabrón* — a brincadeira sai defensiva demais.

Trato logo de corrigir. Não preciso de Sebastian desconfiado.

— Dentista — minto, evitando seu olhar. — Acho que estou com cáries.

Não quero que ele saiba de minha suspeita. Não agora.

— Tão cedo?

Encontro, com o olhar, os tênis encostados juntos à parede, debaixo da mesa.

— Sim. Aqui as consultas são todas cedo. Gostamos de otimizar o tempo — mais mentiras.

Não preciso olhá-lo para garantir que está me estudando cautelosamente.

Sento na cadeira somente durante o tempo de calçar meus tênis. Se eu tiver sorte, consigo pegar uma das primeiras senhas. Levanto-me, pego minha bolsa, assistida por ele, vou à gaveta onde guardo minha tarjeta sanitária – o cartão de acesso ao sistema público de saúde – e a guardo na bolsa. Pronto. Estou preparada.

— Vou indo — digo já no caminho para a porta.

— Espere — ele pede, tranquilo demais.

Olho por cima do ombro, quando ele se levanta da cama gloriosamente nu, membro na posição de combate, abdômen liso, marcado por gominhos suavemente desenhados e um rastro de pelos que cria um caminho estreito para baixo, cabelos um pouquinho bagunçados. *Que visão, Deus, que visão!*

— É assim que vocês também saem por aqui? Sem se despedir?

Sacudo a cabeça, abobalhada. Sou um caso perdido mesmo.

— É claro que não. — Volto feito uma boa menina. — Eu só não tô acostumada a ter visita em casa.

A sobancelha grossa sobe, questionadora.

— Sou sua visita?

Se não me fizesse parecer uma criancinha mimada, eu bateria a mão contra minha testa.

— Não. Visitas a gente normalmente convida — brinco, perto o bastante para sentir o calor de seu belo corpo. — Você é mais como uma presença furtiva muito agradável de se ver logo pela manhã.

Dando-me um de seus sorrisos tortos, Sebastian me enlaça pela cintura e puxa para si.

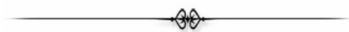
Não importa o que, recebo um bom beijo, do tipo que me faz hesitar em sair. Se o assunto não fosse tão sério, eu ficaria com toda a certeza.

— Fique, espanhola — pede, rouco, gostoso, contra meus lábios.

— Eu preciso mesmo ir. É urgente — digo, mole, mole.

— Uma cárie é urgente? — Outra vez sua serenidade ao questionar é quase preocupante.

— Está mais para um tratamento de canal — jogo outra mentira fácil demais. E me desvencilho. Sebastian é astuto demais. Não gosto muito disso. Somos dois manipuladores; juntos, isso não é nada bom.



Ligo o ovo medonho. O motor tinindo de novo pega ao primeiro toque.

— Dona Penélope!

Ah, Madre, no. Tona Penélopí agora não...

Baixo o vidro manualmente através da manivela.

— Bom dia, senhor Zhang Yimou. Como tem passado?

Um chumaço de seu cabelo liso, na região da testa, esvoaça com o vento, formando um topete tipo aqueles dos periquitos.

— Bem, obrigado.

Obrigado, tão engraçadinho.

Tamborilo os dedos no volante, paciente, esperando para saber o que tem a dizer.

— A senhora conhece o dono daquele carro grande e preto parado do outro lado da rua desde ontem de manhã?

Calo glande e pleto palado... A SUV de Sebastian.

— Sim. Ele é meu... — penso na palavra que devo dizer. O que Sebastian é para mim agora? O que somos? — Amigo. Um amigo que veio me visitar.

— E ainda não foi embora?

O velho chinês é um bom bisbilhoteiro, isso sim.

— Não. Ele mora meio longe, mas acho que vai embora hoje. — Principalmente se a notícia que eu tiver for a que estou temendo. Sebastian provavelmente vai correr para as montanhas.

Talvez eu nem conte.

— Eu preciso mesmo ir agora, senhor Zhang Yimou. Tenho dentista.

Ele assente balançando a cabeça e acena um “vá, vá” com a mão.

São 07h30. Se eu me apressar, chegarei antes das 8h.

E é o que faço.

No consultório, relato à médica ginecologista minhas suspeitas. Ela faz algumas perguntas e preenche a guia solicitando o exame de sangue, feito aqui, no mesmo andar. Com a guia em mãos, vou à sala de coleta de sangue. *O resultado ficará pronto entre 40 minutos e uma hora e meia*, o enfermeiro responde quando pergunto. Ele me diz que posso retirá-lo amanhã, se eu preferir. Falo que não, vou esperar aqui. Preciso saber o resultado o quanto antes.

— Tudo bem. — Fecha a terceira seringa com a amostra. — Aqui terminamos. A senhora pode esperar nas cadeiras ali fora. Assim que o resultado sair, a doutora Perez será informada e a chamará.

— Obrigada. — Seguro o algodão que ele me oferece, pressionando o local de onde o sangue foi extraído.

Sento-me do lado de fora da salinha, entre uma porta e outra do local quase vazio.

Minha vida de repente passa como um filme em minha cabeça. Não posso estar grávida agora. Seria complicado demais. Não tenho qualquer estabilidade para cuidar de uma criança, ou condições financeiras, ou mesmo um pai que a queira. É cedo demais para Sebastian. Sequer sei se algum dia será o tempo certo. Uma coisa é decidir ter algo com alguém; outra bem diferente é formar uma família e transferir todos os seus planos com a pessoa

que ele disse ser “a mulher da sua vida” para mim. Não quero que ele se frustre comigo; que se sinta de alguma forma preso a mim.

Sebastian se permitiu sair do luto. É provável que agora queira ter muitas outras experiências por aí. Por mais que doa pensar assim, a ideia não é totalmente absurda.

Então está decidido. Se o resultado for mesmo positivo, eu não lhe contarei imediatamente. Terei tempo para pensar no que fazer com calma.

Perdida em tantos pensamentos, sequer noto a aproximação até alguém já estar se sentando ao meu lado nas cadeiras. Não me preocupo em checar quem é... mas logo meu cérebro assimila o cheiro do couro e o perfume familiar.

Droga, como se as coisas já não estivessem ruins o suficiente.

— Você me seguiu — acuso forçadamente calma quando giro meu rosto para enfrentá-lo.

Sebastian está aqui, sustentando um olhar significativo, bem como um leve repuxar de lábios muito parecido com um sorriso, porém, sério. Mais do que o comum.

— Você parecia estranha. Decidi checar por mim mesmo.

Abro a boca para perguntar *como* fez. A resposta está dentro de minha bolsa. O bendito iPhone com rastreador. Eu deveria ter me livrado dessa coisa, mas quem é que se livra de um aparelho desses?

— Como encontrou o andar certo?

— Perguntei por seu nome na recepção.

Enrugo o lábio para o lado. Se ele fosse um assassino, teria me encontrado com facilidade. Ninguém pensou nisso?

Claro que não.

Com essa aparência, as funcionárias certamente responderiam a qualquer coisa para ele.

— Uma ginecologista — a voz inexpressiva comenta, então o olhar cai sobre o algodão, que ainda mantenho no braço. — E um exame de sangue. — Volta a me encarar. — Vai me dizer por que precisou vir com tanta urgência?

Engulo em seco.

— Eu tinha uma consulta. Te disse.

— *Dentista*, foi o que disse.

— Estes “ista” me confundem um pouco — rebato.

O olhar afiado que recebo me faz encolher alguns milímetros.

Inalo uma inspiração o mais longa que consigo e então a esvazio do peito.

— Tive uma desconfiança... — exprimo em voz baixa, mudando covardemente minha atenção para a parede em frente, contendo informativos sobre saúde da mulher.

Noto, é claro, a maneira como seu corpo fica mais rígido.

A ideia de que ele pode estar encarando essa situação de uma maneira ruim ferra comigo.

Viro-me para dizer-lhe que não quero que se preocupe, pois não espero absolutamente nada dele. Se eu estiver mesmo grávida, essa criança será apenas minha. Não serei seu impedimento para nada.

— Olhe, Sebastian...

— Quanto tempo até o resultado ficar pronto? — ele me interrompe, calmo demais.

Seu rosto é uma máscara de neutralidade que não dá a menor ideia do que se passa em sua mente.

— No máximo em uma hora e meia... — respondo hesitante quando ele se levanta da cadeira.

— Venha comigo. — Estende a mão de um jeito que não é exatamente um pedido.

— Pr-pra onde? — De repente, já não estou mais confiando nesse homem tanto assim.

— Voltaremos quando estiver pronto — diz somente.

Fico olhando para a mão estendida, em dúvida. Então encaro seu rosto.

Sebastian nunca me faria mal. Ele é um protetor.

Aceito, alcançando o toque, e me levanto. Seguimos silenciosos pelo elevador, saguão, até onde seu carro está estacionado. O russo, muito calmo,

abre a porta para mim e espera enquanto coloco o cinto de segurança antes de fechar e dar a volta pela parte da frente.

Ele entra no SUV.

Contudo, não o liga.

Ficamos em silêncio.

Seguro minhas mãos, muito, muito tentada a estalar as junções dos dedos.

— Por que não me disse que estava desconfiada? — a voz grossa exprime uma nota sutil de acusação.

— Porque isso só me passou pela cabeça essa madrugada.

Assente lentamente, absorvendo a informação.

— Você não precisava ter saído correndo daquele jeito. Eu teria vindo com você.

Estou sentada tão tensa que os músculos dos ombros passam a doer.

— Achei que seria melhor fazer isso sozinha — é só o que consigo responder.

— Sozinha — ele repete a palavra, testando-a em sua língua.

Penso notar um toque de ironia aí.

Volto a fitá-lo.

Calmo.

Esse homem parece calmo *demais*.

— Olhe, eu sei o que estou fazendo. Não quero que você se preocupe se o resultado for positivo, Sebastian. Já tenho tudo sob controle.

A maneira como ele estreita os olhos e inclina a cabeça para me estudar não parece muito promissora. Parece surpreso, desconfiado, perigoso, mas nada bom.

— Ah, tem? — Faz um beicinho de lado. — Só por curiosidade, o que *exatamente* isso significa?

Engulo em seco.

Droga, eu poderia jurar que estou indo direto para uma armadilha aqui.

— Que, se for positivo, vou saber cuidar do meu filho — declaro

elevando o queixo, porque orgulho é tudo o que preciso ter agora.

Continua me fitando. Melhor, *fulminando*.

Então, contrariando o que eu espero, ele assente – sem qualquer humor, é claro –, liga o carro e passa a dirigir. Não me atrevo a perguntar para onde quando toma a avenida. Cerca de três minutos depois, estamos entrando no estacionamento de uma cafeteria grande, de esquina.

— E-eu não quero comer nada, desculpe — aviso antes que ele desligue o motor.

— Você *precisa* se alimentar. Independentemente de haver uma criança minha aí, seu corpo precisa de alimento, espanhola. — Desafivela o cinto de segurança. — Mas fique no carro; estamos indo a outro lugar.

É sua única explicação ao colocar os óculos de sol ao estilo aviador, que o tornam insuportavelmente intimidante e atraente ao mesmo tempo.

Do carro, assisto-lhe caminhar para dentro da loja de vitrines transparentes. Seu aspecto “garoto malvado” chama a atenção assim que passa pela porta. As funcionárias se unem ao balcão para atendê-lo. Clientes homens exibem certo respeito, desviando-se do caminho. E pensar que dentro de mim pode estar crescendo uma criança com o DNA desse bendito *cabrón*...

— *Madre de Dios...*

Não demora, Sebastian retorna trazendo consigo dois pacotes de papel. Ele os deixa cuidadosamente no banco de trás.

— Pelo visto, aí há comida para mais de duas pessoas...

— É, há, sim — comenta misteriosamente.

Põe a chave no contato.

— Vamos lá, vamos te alimentar.

Dois quarteirões inteiros depois, ele vira à direita, e então estamos passando em frente ao parque arborizado. Sebastian dá a seta, indicando que entrará ali. Seguro a vontade de rir. Pelo menos, é um local conhecido.

Algumas poucas pessoas estão praticando caminhada ao entorno do lugar tranquilo. Sebastian me pede para aguardar, desce e vai até o portamalas. Acompanho quando retira o que parece ser uma pequena lona com a

logomarca da locadora do veículo, dobrada em várias partes. Então ele pega os sacos de papel do banco de trás e vem abrir minha porta.

— Um piquenique? — brinco sem jeito quando ponho os pés no chão.

— Não necessariamente, mas um local onde podemos conversar.

Perco o espírito de graça imediatamente.

Segurando os sacos da cafeteria com apenas uma das mãos e com a lona debaixo do braço, ele segura a minha mão gentilmente e me guia para o banco debaixo de uma árvore. A grama ainda está parcialmente úmida pela chuva do dia anterior, embora o banco pareça mais seco, recebendo raios de sol através dos galhos.

Gosto da ideia de que ele tenha se importado em procurar alguma proteção e que a esteja estendendo no banco para nos sentarmos. Mostra que se importa. E eu precisava mesmo de um pouco de ar fresco.

— Há café com leite e suco de laranja — informa, retirando dois copos fechados de um dos sacos e os colocando entre nós. — Peguei também um sanduíche natural, além desses croissants doces.

Nego a ideia de comer alguma coisa. Realmente o nervosismo não me deixaria.

— Não consigo, desculpe.

A sobancelha espessa sobe, determinada.

— Comece ao menos pelo suco. Está gelado, fará bem.

Outro cuidado. Essas pequenas coisas realmente são difíceis de ignorar.

— Você parece calmo demais para uma situação como essas.

Sebastian me encara muito sério por um bom momento, obrigando-me a enfrentar todas as emoções percorrendo uma dança dentro de seus olhos.

— Beba — ordena como se fosse uma condição para começarmos a falar.

Pego o copo com o suco.

Então ele relaxa contra o encosto do banco, protegido pela lona, sem tirar a atenção de mim.

— Não me passou pela cabeça, quando você saiu daquele jeito essa manhã, que estava com essa suspeita em sua mente, Penélope. Você poderia

ter me dito.

— Eu achei melhor ter certeza sozinha. — Baixo meu olhar para o copo.

— Por que sozinha? — soa realmente curioso.

— Porque não sabia o que pensar. Ainda não sei, na verdade.

Ele assente como se dissesse “muito bem”.

— Te passou pela cabeça *não* me contar? — parece mais uma constatação do que pergunta.

Um pequeno meneio de meu queixo para baixo é minha resposta.

— Mesmo tendo a confirmação? — pelo timbre grave, proferido com cuidado, sei que estou pisando num terreno delicado.

— Sim. Pelo menos, até que eu decidisse o que fazer.

— Certo. — Ajeita-se no banco, um pouquinho mais virado para mim.

— E, quando disse “até que decidisse o que fazer”, quais eram as opções?

Eram. No passado, noto.

É como se ele me desse cordas para meu próprio enforcamento.

Porém, não me abstenho de ser franca.

— Criar sozinha. A única coisa em que pensei. — Subo o olhar para enfrentá-lo. — Não quero te atrelar a essa criança, se o resultado for mesmo positivo. Você acaba de se tornar livre para encontrar alguém novamente. Não quero ser a pessoa a te prender aqui comigo por causa de um filho. Estou sendo bem sincera, Sebastian.

— Do *meu* filho, você quer dizer.

Espere... Essa calma, apropriando-se tão naturalmente da ideia...

Passo a fitá-lo com desconfiança.

— Você... por acaso você já é pai?

Inesperadamente, uma risada baixa, gostosa eclode de seu peito, alcançando até mesmo os olhos. Um bom-humor realmente suspeito.

— Já? — insisto.

Encarando-me como se soubesse algo que não sei, ele passa a demonstrar em seu rosto um tipo de condescendência.

— Penélope, olhe bem pra mim.

Faço-o. Atentamente.

— Em todos esses anos, eu nunca vacilei sobre proteger meu pau. Foi somente com você. Isso você pode ter certeza.

Certo.

— Então foi uma “vacilada” comigo, no caso?

A seriedade vem retornando gradativamente às suas feições.

— O que quero dizer, espanhola, é que não faço nada por impulso, sem medir as consequências.

Ah, Deus...

— Então você planejou? É o que quer me dizer?

Arrogantemente, ele adota aquela expressão de obviedade que às vezes irrita um pouquinho, traz uma vontade de jogar o homem no chão, montar nele e encher sua cara bonita de socos.

— Não é uma decisão que se toma sozinho, é?

— Não — respondo de má vontade.

— Bem, então estamos esclarecidos.

Meu estômago volta a embrulhar. Enquanto inicio um exercício de respirações rasas intercaladas com profundas, sob sua vigilância, passo a pensar em todos os prós e contras de uma gravidez, principalmente agora que ele já sabe e parece estar lidando estranhamente bem com a ideia.

Bem até demais.

— E se... e se eu estiver mesmo grávida?

— Será a melhor mãe do mundo — responde como um fato.

— Mas e você? Agora que... Ah, *Madre*, não quero que pense que minha intenção é de te prender com algo assim. Nunca nem me passou pela cabeça.

Acompanhando a consternação, meu estômago repentinamente se retorce numa azia dolorosa. Ponho a mão sobre ele inutilmente, como se tocá-lo fosse acalmar a sensação.

— Beba o suco, espanhola. — Sebastian percebeu. O que, afinal, ele

não percebe?

Beberico-o devagar, permitindo que o frescor ácido da laranja preencha a língua.

— Já te passou pela cabeça que posso ser *eu* a querer te prender com um filho? — ele simplesmente me joga essa.

— Por que faria isso?

Sebastian, então, chega mais junto de mim, segura meus ombros meio que massageando, meio que me preparando para algo.

— Eu te tirei daquele centro de saúde e trouxe aqui porque há algo que quero fazer antes de descobrirmos o resultado para que você não pense que minha decisão foi pautada nele.

Sem saber o motivo, meu coração dá uma grande acelerada.

— O quê? — sussurro, bebericando o líquido apenas para não exibir o repentino tremor de meus lábios.

— Case-se comigo.

Para não cuspir suco para todo lado, principalmente sobre ele, engulo-o rapidamente. Rapidamente demais. Por muito, muito pouco a bebida não sai vergonhosamente toda pelo nariz. Ao contrário disso, na pressa, o líquido toma o caminho errado, entra pelas vias respiratórias, obrigando-me a tossir feito uma miserável sem ar. Acho que vou morrer afogada!

Que diabos ele disse?!

— Respire, espanhola. Respire fundo. — Calmamente, com um olhar compreensivo, Sebastian passa a dar batidinhas em minhas costas, mostrando-se muito prestativo. — Melhor? — indaga quando a tosse diminui, parecendo finalmente acabar.

Filho da mãe... O *cabrón* deve estar se divertindo à minha custa!

— O que... o que foi que disse?

— Case-se comigo — repete como se me pedisse para informar a hora, naturalmente.

— Você só pode estar brincando.

— Não. Não estou.

Então espera até que eu o olhe, olhe realmente para exibir sua

verdadeira face: sóbria, séria, determinada.

— Sei que essa não é a maneira que uma mulher sonha com o pedido. Gostaria de poder ter elaborado algo melhor, algo do jeito que *você* merece, espanhola, mas aqui está o meu pedido. Case-se comigo.

Eu nem sei o que dizer... Isso não está certo. Seu rosto decidido diz que é uma decisão consciente, mas ambos sabemos *o que* a motivou. Não é certo, e só consigo pensar dessa forma. Não é certo tomar uma decisão dessas assim, no impulso, como ele está fazendo.

— Sebastian, me desculpe, mas você não sabe o que está dizendo. Esse seu pedido... — Suspiro, mortificada até a alma. — Ah, *cabrón*, esse seu pedido é um gesto de hombridade bonito, e eu não esperaria nada menos de você. Porém, é impulsivo. Você *acha* que quer isso, acha que essa é a coisa certa a se fazer, mas não é.

Não percebi em que momento segurei seu rosto; fato é que o tenho entre minhas mãos, dizendo a esse homem perfeito que tenho que declinar de seu pedido porque, de todas as maneiras no mundo em que eu pensei em ter Sebastian para mim desde que saí da Rússia, uma gravidez nunca foi um deles.

— *Loupe*, minha espanhola obstinada, coloque uma coisa nessa sua cabecinha linda — o homem sorrateiro ronrona meu apelido, tentando me desestabilizar, enquanto apoia suas mãos sobre as minhas e me traz para bem pertinho de sua boca. — Não há hombridade em querer te amarrar comigo da forma como eu puder fazer isso. Não há honradez em querer garantir que você nunca mais fuja de mim — as palavras são murmuradas contra meus lábios, brincando, seduzindo-me. — Não tenho hombridade. Sou um puto egoísta e só quero garantir que você não possa mais me deixar. Consegue entender o que estou dizendo?

Arfo, tentada a apenas dizer sim, sim, sim!

— Não, Sebastian. Não vou me casar com você.

Pupilas negras perseguem as minhas, buscando meus pontos fracos, uma maneira de me dissuadir, eu sei disso. Conheço como funciona sua mente. Sebastian não desiste do que quer. Ele é um caçador nato.

E, se continuar me olhando assim, vou ceder. Eu *me* conheço.

— Só me responda uma coisa, Penélope. E pense na pergunta. O que você acha que aconteceria entre nós depois de tudo o que dissemos um ao outro na noite passada? Que eu me despediria de você e voltaria para casa sozinho, satisfeito por termos nos acertado? É tudo?

— Eu não sei... — Mordo o lábio, vacilante. — Eu não pensei em nada, na verdade. Você me pegou meio de surpresa com sua chegada.

Posso enxergar o tamanho de sua frustração crescente.

— Você não espera que eu aceite que vivamos vidas separadas tendo um filho meu crescendo na sua barriga, espera?

— E se eu não estiver grávida?

— Então teremos os próximos anos para termos quantos filhos quisermos — simplifica numa lógica ardilosa.

Fecho os olhos de forma bem apertada.

— *Mi Dios, hombre, usted no está pensando derecho*^[54].

— *Estoy pensando sí, chica. No podría estar más seguro sobre lo que quiero.*^[55]

Nego com um meneio. E, ao mesmo tempo, derreto-me um pouco. Quando esse russo fala em espanhol com esse seu sotaque, ele é uma verdadeira tentação.

— Por favor, só me deixe primeiro lidar com esse resultado, ok?

Sua expiração pesada sopra contra meu rosto.

— Maldição, espanhola, às vezes você é uma coisinha irritantemente teimosa — há afeto na exasperação, de forma que me aquece o peito em pequenas rajadas de ar.

— E você quer se casar comigo... não é irônico? — brinco, porque o clima *precisa* ser aliviado.

— Não. Não é.

Aproveito-me da guarda baixa para tentar me levantar, porém, o russo manipulador não parece disposto a me deixar ir tão já. Minha boca é tomada de assalto. O beijo vem explorando mansamente para então ganhar intensidade conforme a língua persegue a minha e a suga, provoca, brinca com ela. Há fome... paixão, talvez numa tentativa de me fazer enxergar o que

vou ganhar aceitando ser sua esposa.

— Aceite, espanhola, me aceite na sua vida — grunhe entre os dentes quando já não tenho mais ar.

Derrubo a cabeça contra seu peito.

— Que droga, você tem mesmo que dizer coisas assim, *cabrón*...?

Sorrindo abertamente, ele obtém meu rosto de volta sob seu domínio e passa a salpicar beijos suaves em meu queixo, nariz, olhos, sobrancelhas, até me abraçar forte, cobrindo-me com seu calor e sensação de segurança.

— Você sabe que essa coisa de “*cabrón*” é um tanto ofensiva em sua língua, não sabe?

Seguro uma risada.

— E você também sabe, pelo jeito — constato, subindo os olhos para os seus.

O semblante arrogante retorna, com um arquear de sobrancelhas do tipo “o que é que eu não sei?”.

— No começo, eu tinha mesmo a intenção de ser ofensivo. Você roubou meu carro...

— O transferi de lugar — ele me interrompe, corrigindo-me.

— ...me jogava esses seus sorrisos arrogantes a cada oportunidade. Realmente merecia o insulto.

— *Merecia*, no passado?

Penso um pouco.

— Às vezes ainda merece, por isso decidi mantê-lo como um apelido permanente.

Um beicinho de reflexão repuxa lindamente os lábios bonitos do sujeito.

— Posso aceitar isso por um tempo. Só não quero meu filho pronunciando esse tipo de coisa — diz zombeteiro, mostrando-me uma ideia de futuro juntos.

— *Nahuí*, ele não ficará praguejando como os pais — devolvo a brincadeira, pronunciando sua expressão característica.

Mordiscando o lóbulo da minha orelha, ele sussurra:

— Já que esse problema está resolvido, vamos ao próximo assunto: aceite se casar comigo, espanhola.

Suspiro profundamente.

— Vamos por partes, *cabrón*. Por favor. Me deixe lidar com esse exame primeiro.



De volta ao prédio, dou um passo para fora do elevador no andar da ginecologista, quando Sebastian me detém, antes que eu me dirija ao funcionário do laboratório.

— Penélope — a urgência controlada em sua voz grave me comove muito.

Viro meu corpo totalmente para ele para ouvir o que tem a dizer.

— Lá atrás, inconscientemente eu já sabia que a queria permanentemente em minha vida. Não tive coragem de admitir, mas eu sabia. Então, independentemente de se há um filho meu crescendo aqui — apoia a mão sobre minha barriga — ou não, por favor, me prometa que pensará com calma em meu pedido. *Independentemente do resultado*.

É tão estranho enxergar o que parece ser medo dele de me perder, quando sou eu que estou simplesmente tentando poupá-lo de uma decisão precipitada.

A verdade é que eu o amo demais para prendê-lo a mim.

— Eu prometo — pois somente assim consigo fazer com que seu corpo relaxe e nos permita seguir para descobrir se nossas vidas serão mudadas por uma criança ou não.

Capítulo 47

PENÉLOPE

Seguro o envelope, já aberto pela médica, uma mulher por volta dos 40 anos, elegante, corpo esguio, que está dando ao russo um especial tratamento de sorrisos e simpatia desde que entramos. Não a culpo. O infeliz é realmente um colírio. Sebastian está ao meu lado na sala dela, alheio à sua atenção. Posso estar meio maluca, mas acho que ouço o bumbo de seu peito tão agitado quanto o meu. Apreensiva, viro-me apenas para ele, ambos em pé, e confesso:

— Eu estou com medo.

— Não tenha. — Sem se importar com a presença da médica, ele enfia a mão por baixo do meu cabelo e segura minha nuca. O polegar passa a fazer um carinho ali, num momento nosso, íntimo. — Estamos juntos nessa, espanhola.

Tremendo demais para segurar a folha, eu a ofereço a ele. O músculo da face do homem se sobressai, pulsante.

— Por favor, abra você — peço.

Assisto ao seu pomo de adão subir e descer. Acho que é a primeira vez que o vejo assim, ligeiramente pálido, parecendo temer um simples pedaço de papel. Não sei se Sebastian está pensando na noiva falecida ou não, mas só consigo pensar que, se houver mesmo um filho dentro de mim, menino ou menina, não há outro homem no mundo inteiro que eu escolheria para pai. A verdade é essa.

O papel é desdobrado.

Esferas castanho-escuras correm a folha calmamente.

Narinas se abrem.

Um sorriso, o mais lindo e bobo de todos que já vi, vem se abrindo e abrindo, até que dentes branquinhos e alinhados estão à vista. E então,

quando me olha, *Santa Mãe de Deus!*, eu poderia simplesmente morrer com esse olhar. E morreria feliz.

— Teremos um filho, amor.

Amor.

Parecendo uma estúpida emotiva, não me detenho, tapo o rosto com as mãos e me ponho a chorar, tanto que até soluço. Acho que toda a tensão que guardei até aqui desde o minuto em que suspeitei, durante a madrugada, desagua de uma única vez, torrencialmente.

Eu serei mãe!

Mãe...

Braços grandes e protetores me cercam, enlaçando-me contra um coração barulhento, tratando-me como se eu fosse seu mundo.

— Seremos pais, espanhola — repete, grudando seus lábios no topo de minha cabeça. — Você e eu teremos um filho.

Você e eu.

Ele está me dizendo que estará comigo nessa.

Demora para que meu interior se acalme. Não convivi tempo suficiente com a minha mãe para saber *como é* ser uma. Eu não brincava com bonecas, ou de casinha, como crianças comuns. Minha única experiência era cuidar das órfãs mais novas que chegavam. Eu as protegia das valentonas, e aquilo era o mais perto de cuidar de alguém em minha vida. E agora ficou confirmado que, dentro de alguns meses, haverá uma vida que dependerá de mim, que terei de alimentar, vestir, a quem precisarei ensinar valores. A ideia é absurdamente assustadora... Como as pessoas conseguem?

Eu nem mesmo tenho uma casa grande o bastante para comportar uma criança. Ou um emprego seguro. Dependo da saúde pública para o parto, porque não posso pagar um plano. Serei uma péssima mãe.

Madrecita...

Estou apavorada.

Mal me concentro no que a médica diz sobre pré-natal e todas as dúvidas de Sebastian, que ela alegremente tira – e ele tem muitas. O aperto da mão dele na minha é a única coisa a garantir que tudo isso é realmente real.

Do lado de fora, caminho mecanicamente para o carro, aérea.

Perto da porta, em vez de abri-la, Sebastian me puxa entre seus braços outra vez.

— Venha aqui, Penélope.

O cheiro do couro invade minhas narinas feito um calmante. É impressionante que esse homem tenha um efeito assim sobre mim.

— E se eu não for uma boa mãe? — sussurro ao encostar a testa em seu peito quente.

— Você será, Penélope. É sensível, inteligente, destemida.

— Sequer tenho uma vida estável o bastante.

— Tem, sim. Construiu uma para si sozinha, sem ninguém para te ajudar. Tenho orgulho de você. — Desliza o nariz por meu cabelo em pequenas carícias. — Muito orgulho.

Respiro bem fundo.

E, sem que eu me dê conta, estou tocando minha barriga, fazendo um carinho tímido.

Eu posso fazer isso.

Não importa quão difícil seja, eu serei a melhor mãe pra você, chico.

Meu queixo é tocado e erguido para Sebastian, para que nos olhemos.

Há tanto nesse homem. Sua intensidade, que dilata as narinas, o sorriso meio de lado, que brinca nos cantinhos, próximo à barba. Porém, principalmente, uma paz profunda dentro das íris castanhas, que jamais estive ali antes, desde que eu o vi pela primeira vez, que revela que todos os fantasmas de sua vida realmente foram embora.

— Seremos uma família. Você e essa espanholinha são meu universo agora.

Prendo o lábio entre os dentes para conter o tremor.

— C-como sabe que é uma espanholinha?

O sorriso aumenta, tornando seu rosto muito mais jovem. Lindo.

— Eu apenas sei. Deus não me daria tanta moleza assim — brinca.

Sebastian está tão adaptado à ideia de ser pai que consegue fazer piada

disso.

Ah, por Deus!

— Homem, você colocou uma criança aqui e está bem satisfeito, não é?

Ele pega minha mão.

— Agora só preciso pôr algo aqui — beija meu dedo anelar —, e aí, sim, serei o puto mais sortudo do mundo, moça.

A vontade de dizer sim é quase insuportável. E ele sabe.

— Vamos lá, vamos abastecer nossa menina de muita energia, espanhola. Você andou perdendo peso demais — escolhe não pressionar, talvez entendendo que preciso de um momento de assimilação.

Tudo de repente mudou muito rápido.

SEBASTIAN

Pai. Eu serei pai.

À medida em que observo o perfil da menina, assustada como o inferno, sinto-me culpado por estar tão feliz com a notícia. Se eu esperava? Porra, não. Todavia, quando me afundei nela sem proteção, eu estava consciente do risco. Assumi-o. E, se eu for honesto, não poderia ter vindo em situação melhor.

Não estou ficando mais novo a cada dia.

Penélope se tornou importante demais para mim.

Um filho veio para selar nossa união.

Ela será uma boa mãe. Disso eu não tenho dúvidas. Basta observar sua mão protetoramente sobre a barriga enquanto observa a vista pela janela do carro. A vida foi uma merda com ela. Não deu à menina qualquer garantia de afeto familiar. Estou determinado a fazer dela muito mais feliz do que foi até hoje.

É essa a promessa que faço a mim mesmo, em nome de meu filho em sua barriga. E esse não será o único. Quero encher essa mulher de tantos

filhos que ela jamais cogitará fugir de mim outra vez.

Há tanto que quero fazer.

Despedir-me de Lara não foi fácil. Porém, aposto que, onde estiver, a mulher estará feliz por mim, por saber que consegui encontrar alguém por quem eu daria minha vida, alguém que se tornou o eixo central de meu universo.

Ciente do destino para onde a estou levando, seu olhar sai da janela.

— Sério, Sebastian. Eu não quero comer nada agora. Realmente não estou com fome — diz ao me ver passando pelo *drive thru*.

— Pedirei pelo menos uma vitamina, Penélope. Você precisa estar forte para o que temos de fazer — falo e guardo um sorriso.

Essa não era a minha intenção, não tão já. No entanto, sinto que a menina vai querer fazer isso. Fará bem a ela.

— Do que você está falando? — indaga com desconfiança. O importante é que a curiosidade já está trazendo nova cor ao rosto da investigadora que existe dentro dela.

— Temos que avisar a nossa família que ela ficará maior.

Duas piscadas pesadas, tentando compreender, e, quando se dá conta de quem estou falando, o sorriso mal cabe no rosto da menina. É assim que gosto dela, viva, impertinente.

— Está com medo de dizer a ela sozinho, não é?

Encolho um pouco os ombros.

— Não pode culpar um homem por temer sua avó. Não quando ela é a dona Zhená.

Recebo um balançar de cabeça que se assemelha a reprovação. Contudo, o sorriso ainda está ali. Ela disse que sentiu falta da velha.

— Além do que, ela agora é sua avó também. — Sim, estou jogando sujo. Não nego.

— Vamos ligar pra ela agora?

— Bem, a decisão é sua... desde que aceite se alimentar.

Penélope revira os olhos.

— *Madre de Dios*, por favor, não permita que o *cabrón* seja esse tipo de homem. Amém.

Gargalho alto.

Espertinha como somente ela sabe ser.

Espero que escolha o que deseja beber entre a variedade de itens que a rede de alimentos naturais oferece e faço o pedido à cabine sem desligar o motor do carro. Pesquisei o local no GPS do carro alugado.



De volta ao seu prédio, não perco a especulação do chinês dono da propriedade. Pesquisei sobre ele. O velho é dono de quase todos os prédios da rua, mas, muquirana como suas despesas financeiras demonstram, deixará tudo para a filha contadora.

Dou-lhe um olhar duro.

— Espero que o Ed traga mesmo meu carro para cá, Sebastian.

— Ele trará — afirmo, entrando em seu pequeno apartamento e deixando minha jaqueta sobre o encosto da cadeira.

Deixarei Ed fazendo a guarda do local quando ele chegar para que eu vá até o hotel e apenhe algumas roupas. Este é outro assunto que pretendo tratar com essa mulher, porém, sinto que é o momento de lhe dar algum espaço para assimilar tudo.

— E então, vamos ligar para a *babushka*?

— Que Deus me ajude! — Afundo-me no sofá de dois lugares.

Acostumando-se a mim e a essa nova configuração de nós dois *juntos*, Penélope surpreende quando se senta ao meu lado, escorando a cabeça em meu peito. Passo o braço por cima de seu ombro e, sem que ela veja, fecho os olhos num agradecimento por isso. E pela criança que o cara lá de cima resolveu enviar.

Tínhamos rompido nosso laço, porém, percebi que, enviando Penélope à minha vida para me resgatar daquele lugar onde me afundei, era Seu modo de dizer que ainda estou em seu círculo de amigos. Ainda sou alguém a quem

Ele quer bem.

— Obrigada — ela diz baixinho.

— Pelo quê?

Um suspiro move seu peito.

— Por voltar.

Sei que sua intenção é boa, porém, não coíbe a sensação de meu coração sendo esmagado pela culpa.

— Era isso ou enlouquecer — afirmo com completa franqueza.

Ficamos assim por alguns minutos, contemplando a presença um do outro num silêncio reconfortante, sentindo as coisas se encaixando.

Passo um olhar em volta do seu apartamento e percebo algo que talvez ela não tenha se dado conta. Apesar das paredes coloridas, como se esse fosse seu modo rebelde de dizer ao Universo “aqui é o lugar que *eu* escolhi, do *meu* jeito”, não há muitos móveis ou objetos. De um lado, próxima à janela, está sua cama de ferro preta, com os lençóis, travesseiros e colcha branca, desarrumada pela noite que passamos. No canto direito, uma mesinha de madeira simples, trazendo uma pequena estátua de uma santa. Reconheço como sendo a mesma do rosário que meu deu em nosso último dia juntos na Rússia. Guadalupe, pesquisei. E um armário de roupas. A cozinha, no lado oposto do apartamento, também é muito simples. Além da pia, há uma cristaleira e um balcão pequenos, ambos em tons de verde, mas é evidente que não formam um jogo, foram pintados por ela. No centro da casa, de um lado, o sofá de dois lugares, e do outro, a mesa antiga de fórmica azul com quatro cadeiras que não pertencem ao mesmo estilo. É evidente que tudo aqui é de segunda mão. Limpo, organizado, mas de segunda mão, e somente o necessário.

É como se Penélope inconscientemente tratasse este lugar como mais um lar temporário; um que adaptou para ficar do seu gosto, porém, temporário.

Novamente me pego com aquela dor incômoda no peito. Quero tanto essa menina que chega a ser doloroso.

Dar-lhe-ei o mundo. Comprarei uma casa que seja exatamente o que ela sonhou, que contenha móveis e objetos do seu gosto. Acumulei dinheiro o

suficiente numa vida para isso. Nossos filhos crescerão em um lugar que reflita a personalidade incrível de sua mãe.

Com este pensamento, planto um beijo em sua cabeça.

Se há diferentes formas de amar durante uma vida, estou certo de que o que sinto por essa mulher é a forma mais poderosa disso.

— Acha que já se sente corajoso o suficiente para enfrentarmos sua avó? — ela brinca. — Se quiser, te empresto um pouco de meus colhões.

Rindo, trago seu pulso até minha boca e finco uma mordida de leve ali.

— Não crie problemas para si mesma, espanhola. Tenho anotado e colecionado todas essas frases espertinhas. Estou ansioso pelo dia em que acertaremos nossas contas.

— Hummm... uma ameaça, *cabrón*?

— Uma promessa, *chica*.

— Estou ansiosa por esse dia. Agora, se já terminou de falar, falar, falar, será que podemos ligar para ela? Preciso lhe contar que o neto andou aprontando comigo.

Impossível não gargalhar.

— Aprontamos juntos, meu bem. Se quiser, contamos a ela os detalhes daquela noite. Aposto que a velha vai adorar ouvir.

Ela se afasta para me observar, olhos estreitados.

— Você se lembra de *todos* os detalhes?

Dou-lhe um olhar sério, significativo.

— De todas as vezes.

A infeliz arfa lindamente.

— Também andei lembrando... Você me pegou de jeito. No mau sentido.

Bato com o dedo em seu nariz pequeno e arrebitado.

— Acho que posso dizer o mesmo. Senti falta até mesmo desse seu narizinho petulante. Por causa de você, baunilha se tornou meu cheiro favorito.

— Eu uso xampu de baunilha algumas vezes.

— Mas não é só isso. Você tem um cheiro único, que é somente seu. Senti ele por todo o lugar, mesmo em locais onde você nunca esteve.

Ela capta algo em minha afirmação e se afasta para me observar.

— Onde por exemplo? — indaga curiosa.

Reflito sobre ser franco. Opto por isso. Não haverá segredos entre nós.

— Até alguns dias atrás, eu mantinha um apartamento na Rússia. Um onde vivi com a Lara. Depois que você veio para Madri, eu voltei a morar nele. Lá era minha casa, como eu te disse uma vez. Eu não morava com a velha Zhená.

Penélope segue acompanhando.

— Seu cheiro estava lá, se misturando à minha vida do passado, me mostrando o que eu estava perdendo.

— O que você fez com o apartamento? — pergunta sem julgamentos.

— Pedi a Priscila que o desocupasse e vendesse para mim. Ela saberia o que deveria ser conservado e o que poderia ser descartado. Não fiquei com nada.

Penélope comprime os lábios.

Sei que cogita não falar o que está passando em sua mente. Porém, ela é honesta até dizer chega. É exatamente uma de suas características mais bonitas.

— Lá estava uma parte de sua história, Sebastian. Ao se desfazer disso, você acaba apagando uma parte de quem você é. Não acho que seja justo com o que já viveu...

Nego com a cabeça.

— Aquilo para mim era mais do que uma lembrança, era um santuário. Eu estava preso ao passado de uma maneira que não me permitia viver. Tenho um profundo carinho por quem Lara foi em minha vida — busco seus olhos —, mas eu estou vivo. Encontrei alguém, e aquele apartamento perdeu o significado.

Mordisca o lábio inferior.

— Eu entendo...

Volta a se escorar em meu peito.

— Você falou em santuário, e eu me lembrei de uma vez, quando comecei essa coisa de investigação. Tive que entrar numa casa em que o dono era um acumulador. Não, não. A palavra “acumulador” não chega nem perto do que aquele *hombre* era. Um vizinho me contratou para entrar lá e descobrir a razão do mau cheiro.

— Ei, pensei que você só lidasse com infidelidade — zombo, gostando de tê-la falando sobre suas experiências comigo. Eu a via contando para os caras, principalmente Elliot, e realmente sentia uma merda de inveja. Penélope sempre manteve uma postura arredia comigo. Em contrapartida, agia como açúcar com o desgraçado.

Ela ri.

— No início, se me contratassem até para investigar assombração em cemitério, eu iria. Precisava de dinheiro... — cala-se, refletindo sobre algum pensamento que teve. — Bem, na verdade, até hoje ainda estou na mesma, então, se houver algo que deva ser investigado, aqui estou eu! Uma investigação. — Faz um sinal com os dedos. — Você sabe, do tipo “faz-tudo” da investigação.

Minha risada é uma fachada. A ideia de essa mulher se submetendo a trabalhos ruins assim amarga minha boca.

— Continue. Qual era a fonte do mau cheiro na casa do acumulador?

— Ah, sim. Você não vai adivinhar *nun-ca!*

— Animais mortos? — dou um chute.

— Quase isso! — aumenta a expectativa empolgada da narrativa. — Ele colecionava *corações* dos animais mortos, Sebastian! Em vidros de conserva! Você pode imaginar como me senti quando entrei lá escondida? Eu quase me borrei de medo!

— Mulher, você invadiu a casa de um *serial killer* de animais? Onde, merda, estava com a cabeça, e por que diabos os vizinhos não chamaram a saúde pública em vez de uma detetive?

— *Investigadora* — corrige, voltando a me fitar de cenho franzido.

— Sim, uma investigadora, desculpe, *mi cariño*. Mas por que eles chamaram justamente você?

— Ora, porque o acumulador era uma pessoa boa. Os vizinhos tinham

medo de chamar o pessoal do governo e ele ser interditado. Então um deles teve a ideia de me mandar lá para saber primeiro o que estava havendo.

Contorno as alças finas de seu vestido, desenhando sobre a pele exposta dos ombros.

— E o que fizeram quando souberam o que havia lá? — A infeliz conseguiu me deixar curioso.

O semblante murcha teatralmente.

— Chamaram a saúde pública. O homem recebeu um ultimato para limpar a casa, ou seria removido de lá. Fiquei triste por ele. Depois que eu vi os corações, fui atrás por conta própria para saber como ele os conseguia. Você sabe, eu não poderia compactuar com alguém matando animais por aí, não é? Sua fonte de corações eram clínicas veterinárias. Os animais morriam por causas comuns, muitos donos não levavam os bichinhos mortos para casa, deixavam aos cuidados das clínicas, e elas lhe pagavam para dar um destino aos animais. Em troca dos serviços de coveiro, ele ficava com o órgão.

— E você sabe a troco de que ele queria manter os corações?

Assente.

— Pesquisei isso também. Aqui somos um povo de muitas crenças, sabe? Dos mais variados tipos. Ele, no caso, acreditava em uma que surgiu lá nas tribos antigas, sobre a fonte da vida eterna estar toda concentrada no coração. Acho que ele acreditava que poderia viver por mais tempo. É sinistro, eu sei, mas como julgar, não é?

— Seu povo é maluco, espanhola.

Ela ri, orgulhosa.

— Diz o homem cuja avó tem um livro de simpatias para *laçar* homens.

— Ah, não, essa não! — Viro-a em meus braços de um jeito em que a pego em meu colo. — Não me diga que você fez alguns daqueles rituais de araque, espanhola!

Gargalhando conforme meus dedos vão em suas costelas fazendo cócegas, ela tenta explicar:

— *No! Dios mio, no!* Eu jamais fiz algo assim... — Comprime os lábios

numa linha engraçada. — Mas devo admitir que pensei, pensei seriamente!

Impossível ficar imune a essa mulher, à sua risada, à delicadeza, à maneira afiada como seu cérebro trabalha, à paixão que queima em seus olhos mesmo quando ela não quer que vejam.

Case comigo, espanhola, sinto uma fodida vontade de repetir. Não o faço por saber que ela precisa primeiro aceitar a ideia em sua mente. Hoje foi um dia e tanto, ela descobriu que há uma criança que nos unirá para sempre crescendo dentro dela. Nosso elo já está firmado.

— Vamos ligar? — lembra quando o riso se acalma.

— Sim. Vamos dar à velha um motivo para viver mais 50 anos.

Pego o telefone em meu bolso e faço a chamada de vídeo. O sinal ruim demora a conectar. Enquanto isso, Penélope aperta sua mão em volta de meu joelho, ansiosa.

— Ela te ama, fique tranquila — dou a garantia.

— Eu sei. Eu também a amo.

Menos de um minuto depois, minha velha avó aparece na tela do celular.

— Merian, é o Sebastian, aquele neto do qual te falei! — a velha grita segurando seu aparelho sobre a mesa da cozinha da casa da prima. Reconheço o ambiente ao fundo.

— Muito engraçado, dona Zhená. — Aponto a tela somente para mim para que ela ainda não veja quem tenho ao meu lado.

— Espere aí, Seb, deixa eu pôr meus óculos pra te enxergar melhor. Já faz tanto tempo que não te vejo que já nem me lembro mais do seu rosto.

Quero revirar os olhos; em vez disso, pego-me sorrindo.

— É ele, Zhená? — A tia Merian aparece bem lá ao fundo, curiosa.

— Sim, sim. Às vezes ele me liga para saber se ainda não morri — ela resmunga à prima, enfiando os óculos fundo de garrafa em seu rosto.

— Quando terminar de bancar a avó abandonada, tenho alguém aqui que quer vê-la — mantenho um tom tranquilo.

A velha imediatamente muda a postura. Deixa de parecer uma pobre senil para se empertigar e aproximar da tela.

— Ah, Sebastian, por favor, me diga que você finalmente tomou vergonha e fez o que era certo! — a esperança em sua fala de certa forma me comove um pouco.

— Depende do que a senhora está falando. — Dou de ombros arrogantemente, deixando-a na expectativa.

— Você sabe do que estou falando, garoto! Ela está aí com você, não está?!

Lanço uma olhadela para a espanhola, que está com os olhos úmidos de satisfação, mordendo o cantinho da unha.

— Você está pronta? — questiono-lhe baixo, falando apenas com ela.

— Loupe, tome o celular desse menino ingrato e apareça de uma vez!

Meio que timidamente, emocionada, Penélope segura o celular, surgindo na tela para a velha.

— Oi, *babushka*....

— Minha *vnúchka*! É você! — a velha grita numa explosão de alegria do outro lado.

— Neta — traduzo a palavra aos ouvidos da espanhola.

— Sim, *babushka*! Sou eu!

— Merian, venha ver, é a Loupe! Ele foi buscá-la!

Logo a outra velha se junta à tela emitindo palminhas alegres, gabando-se sobre ela já saber que “o menino tolo faria isso”.

Duas senhoras tão adoráveis, penso com desgosto.

— Oi, tia Merian... — Penélope, rindo, espera que elas se acalmem e cumprimenta, cativando e capturando de vez o coração da prima.

Assisto, nos minutos seguintes, a dona Zhená, tia Merian e Penélope tagarelarem sem parar, como se se conhecessem há anos e não se vissem na mesma proporção. A pobre espanhola é bombardeada de perguntas sobre seu retorno à Espanha, o clima na cidade, quando foi que nos reencontramos. As mexeriqueiras do outro lado querem saber de tudo.

— Diga a ela — provoco baixinho quando noto que Penélope está começando a desistir do motivo da ligação.

Em resposta, recebo uma disfarçada cotovelada na costela que me faz

realmente rir. É inacreditável. A menina está tão nervosa quanto quando pegou o resultado do exame de gravidez.

Muito satisfeito – guardando o sorriso –, limpo a garganta cerimoniosamente, avisando-lhe que não há escapatória.

— Vó, tia, acho que Penélope quer contar algo a vocês.

O silêncio imediato do outro lado se torna revelador. As duas senhoras em seus óculos grossos fecham a boca e passam a olhar fixamente para a tela, atentas, comportadas.

— Vamos lá, espanhola, tenha colhões — cochicho contra seu ouvido, simulando um carinho aos olhos das expectadoras e jogando a provocação que ela mesmo usou contra mim minutos antes.

Uma respiração forte é tragada para dentro de seu peito, movendo os seios gostosos sob a roupa para cima e para baixo.

— Vó, eu... — falha na primeira tentativa, pigarreia e tenta de novo: — Vó, eu estou...

— Grávida?! — a velha ansiosa termina por ela.

Penélope morde o lábio e passa a sacudir a cabeça sucessivamente, confirmando.

Coisa de dois segundos, e então um grito uníssono explode do outro lado, ao tempo em que dona Zhená salta da cadeira, disposta feito uma garotinha de 12 anos.

Suas mãos vão ao peito, juntas, como se tentasse impedir o velho coração de saltar para fora.

— Que notícia... que notícia mais... — parece não saber o que dizer, perdida.

Presenciar a velha sem palavras é algo raro.

Estudo-a atrás de saber se não fui longe demais ao lhe contar algo assim por telefone. Porém, calo-me quando os óculos são afastados para cima a fim de que os olhos sejam limpos e um sorriso vem iluminando o rosto carregado pelas marcas do tempo. Todavia, é o olhar rejubilado em seu rosto, um que não me lembro de já ter visto, o que realmente impressiona.

— Ah, minha Loupe! Que notícia maravilhosa! Ma-ra-vi-lho-

sa! — Vira-se para a prima. — Você ouviu isso, Merian? Ouviu?

A prima, que estava calada acompanhando a reação da outra mulher com a mesma apreensão, então se sente livre para finalmente se expressar, a princípio fazendo um gesto de “eu já sabia” com as mãos.

— O que eu disse a você sobe as ancas largas, Zhena? Ela é uma parideira. Eu reconheço isso de longe.

— Ah, Merian, sua velha metida! Eu vou ser bisavó! — Puxa a prima para um tipo de abraço que mais faz as duas se assemelharem a dois cangurus saltitantes. — Bisavó!

Trago a espanhola para junto do meu peito, acompanhando juntos a euforia das duas crianças loucas na cozinha, abraçando-se e dizendo coisas desconexas.

Ter um bisneto, pelo jeito, era um desejo da mulher, um que eu mesmo desconhecia. Talvez a velha que me criou feito uma boa mãe tenha guardado isso para si em respeito ao que passei, mas hoje posso ver o quanto a notícia a faz feliz feito alguém que esperou por muito tempo.

Penélope, mesmo sem querer, proporcionou isso à dona Zhena. No fim, ela não salvou somente a mim.

— Cuidado para não quebrarem os ossos pulando desse jeito — alerta, rindo, apesar do sério risco.

— Deixe-as, *cabrón* — a espanhola repreende, fungando desajeitadamente, denunciando seu próprio estado. Linda, emotiva, desarmada.

Sem poder evitar, enfio o nariz no topo de sua cabeça e aspiro o cheiro delicioso que somente ela tem. Minha. Essa mulher é minha.

— Alguém tem de ter juízo por elas, moça.

— Tudo bem, Loupe, tá tudo bem. — Quase sem fôlego, minha avó volta a se sentar na cadeira. — Hoje ele pode bancar o espertinho. — O sorriso largo morre um pouco quando ela aproxima o rosto de onde o celular está apoiado, sobre a mesa, como quem de repente se lembra de algo. — Aliás, quando vocês vêm me ver?

A prima também puxa uma cadeira e se senta, curiosa pela resposta.

Penélope me olha, e eu a olho. Esse é um assunto que precisamos

decidir. Quero que ela volte comigo para a Rússia. Contudo, é uma decisão dela, exclusivamente. Onde essa menina quiser, será onde viveremos.

— Em breve, vó — informa timidamente.

Pego o telefone de volta. Acho que tivemos muito por hoje.

— Agora, se nos dão licença, eu e minha espanhola precisamos comemorar a notícia adequadamente.

— Não! — protestam juntas, mas é a prima que explica: — Há muitas coisas que precisamos conversar! Penélope precisa começar a tomar chá de...

Corto-a:

— Vocês terão tempo pra isso, tia. Até mais tarde.

— Seb, cuide bem dela! Estou vendo que Penélope perdeu peso!

— Sim, senhora. — Bato continência. — Falo com você mais tarde, vó. Adeus, tia Merian.

Desligo; do contrário, elas não o farão.

— Pode apostar que as duas estão prestes a abrir uma garrafa de rum e comemorar. Tia Merian não dispensaria uma boa oportunidade. — Deixo o telefone de lado e a envolvo num abraço, trazendo-a para mim mais confortavelmente. — E então, moça, como foi?

A menina bufa, divertida.

— Como foi? Você mal nos deixou conversar, *cabron*, praticamente desligou na cara delas!

Rio, afundando meu nariz mais em seus cabelos.

— Acredite, estou te fazendo um favor.

— Hum.

Penélope relaxa a cabeça sobre meu peito, quieta, pensativa. E talvez nem se dê conta de que enfiou a mão por baixo de minha camiseta e está fazendo uma carícia distraída sobre meu abdômen, tranquila, criando intimidade com meu corpo, sem ter ideia do quanto aprecio que se sinta à vontade comigo.

O silêncio confortável me faz ciente de que ela está pensando sobre a descoberta do dia, possivelmente sobre o que minha avó disse e onde construiremos nossa família. Por hora, opto por deixar que reflita sozinha,

sem minha interferência.

E permanecemos assim por algum tempo, até que sua voz calma retorna:

— Sebastian...?

— Sim, espanhola?

— Será que podemos ligar para mais uma pessoa?

Sei imediatamente de quem está falando. Ainda assim, faço a pergunta:

— Para quem?

— Pini...

A esposa de Gael provavelmente também está esperando essa ligação. Todos sabem que vim a Madri atrás da espanhola.

— Certo. — E seja o que Deus quiser.

Ligo, e, desta vez, deixo Penélope lidar sozinha com a situação. Relaxo no sofá e espero para assistir à união de duas mulheres igualmente terríveis. No fundo, fico feliz que tenham se dado bem. Priscila e Gael são minha família, afinal de contas. Seus moleques são como meus próprios filhos.

A voz da loira não demora a surgir através do aparelho.

— Loupe!

— Oi, Pini...

— Ah, garota, que bom falar com você! E, a contar do número que está me ligando, acho que as coisas estão indo bem, não é?

Penélope suspira de um jeito engraçado, mortificada.

— Melhor do que a encomenda, se quer mesmo saber — mas não soa nada como uma pessoa animada, muito pelo contrário, o que provoca o riso da outra.

Engraçadinha, não?

— Ah, eu te entendo. Esses homens são uma completa fonte de alegria, amiga — minha comadre diz igualmente entediada, como se falasse sobre extrair um dente.

E não percebe que a maneira como se referiu à Penélope a faz corar um pouco. A espanhola me disse que nunca teve amigos. Espero, honestamente,

que esteja preparada para aceitar Priscila nessa posição em sua vida. Descobrirá que a mulher pode ser a melhor no que diz respeito a amizade.

— Como você e as crianças estão?

— Alek está bem. Ian teve uma febre na semana passada, mas também está completamente novo em folha. São dois garotos terríveis demais para adoecerem. E você, como estão indo as coisas?

— Bem, andei tendo uns momentos meio estranhos logo que voltei, mas estou realmente bem agora. — Dá uma olhadela de esguelha em minha direção. — Hoje descobri algo que... — hesita e cogita não dizer. Todavia, alguma coisa a faz se abrir com a loira. — Algo que está me deixando um pouco apavorada, sabe? Acho que preciso conversar com outra mulher que talvez possa me entender.

— O que houve, Penélope? — o lado leoa de Priscila se manifesta, e, somente por essa sua reação, sei que Penélope já entrou para seu círculo de pessoas a quem ela defenderia com unhas e dentes.

Fico honestamente grato por isso.

— Ah, Pini... eu tô... eu tô grávida...

Um gritinho animado é a reação de Priscila.

— Garota! Tô feliz por você e... espere, você está feliz com a notícia, não está? — a esposa de Gael tem a sensibilidade de checar antes de comemorar de fato.

Observo Penélope, ansioso pela resposta. Priscila me fez enxergar que não fiz à espanhola a única pergunta certa.

Penélope fiska o lábio inferior entre os dentes. Prende a respiração. E então simplesmente dá à sua expectadora um de seus sorrisos tímidos, porém, exuberantes.

— Eu tô morrendo de medo de não ser uma boa mãe, mas... mas nunca me senti tão feliz, sabe?!

Lágrimas transbordam de seus olhos conforme piscam mais forte. Penélope os abana num intento de pará-las.

— Nem acredito ainda. Acho que a ficha não caiu, mas de repente eu já me sinto diferente. Você consegue me entender?

Priscila, do outro lado, administra a própria emoção.

— Consigo, sim, garota. Consigo completamente. Quando nos vemos de novo, eu vou te contar como foi que descobri que eu estava grávida. Essas crianças literalmente salvaram a minha vida. Você vai ver, acontecerá o mesmo com você. A sensação é inexplicável. — Sua voz ganha um pouco mais de afirmação: — E Sebastian será um pai e tanto também. Ele te ama, e esse amor lhes permitirá criar um bom ambiente pra essa criança.

Ela sabe que estou por perto. E provavelmente sabe que Penélope ainda está reticente sobre nós.

— Somos uma família — afirma, enviando-me um recado.

— Eu sei que ele será. Eu... eu o amo, Pini. Tanto que às vezes quero socar a cara dele.

Devo estar sorrindo como um estúpido.

— Sei bem como é isso. Sinto o mesmo diariamente aqui em casa. Loupe, eu estive pensando em te fazer um convite e gostaria muito que você pensasse a respeito...

— Pode falar — Penélope incentiva.

— No sábado, estou indo para o Brasil para comemorar o aniversário dos gêmeos com minhas irmãs, aquelas de quem eu falei pra você, lembra?

— Sim, lembro, sim — Penélope diz, de repente um pouco mais atenta.

— Na verdade, o aniversário foi há pouco tempo atrás, mas costumo comemorar lá com elas também. Gostaria de saber se você pode viajar comigo pra lá... Quero muito que as conheça e tenho certeza de que elas vão amar você, assim como eu amo.

Não sei dizer ao certo o que está acontecendo. Contudo, um brilho novo, diferente, manifesta-se no perfil da espanhola ao ouvir o nome do país. Noto pela maneira como se empertiga, como inclina a cabeça de lado, processando o convite. Busco rapidamente em minha mente uma razão para um possível interesse. Não se trata apenas de conhecer as amigas malucas de Priscila, há algo mais aí.

E, contrariando a resposta que imaginei que ela daria numa situação assim, o que diz aumenta um pouco minha desconfiança:

— Eu vou gostar de conhecê-las, Pini. E de conhecer o Brasil.

“Não conheci meu pai, mas soube que ele também era ator, de uma companhia brasileira”, a conversa que tivemos naquele aeroporto vem à tona. Uma conexão dela com o país. Espreito-a atrás de saber o que ela pretende. Seja lá o que for, é melhor eu ir comprando passagens. Retornarei ao país onde fui obrigado a viver por algum tempo. Por ela, por Penélope, eu voltarei lá.

Espero até que terminem a conversa, combinando de tratar os detalhes da viagem por mensagem, para saber se ela me dirá o que tem em mente.

Noto que cogita falar a partir da maneira como enche o peito, mas desiste no último segundo. A razão para não compartilhar suas intenções no Brasil comigo me leva a creditar que está de fato pensando em algo.

— Então você irá para o Brasil...

— Pois é. — Desvia os olhos. — Acho que será bom conhecer as amigas dela e viajar também, enquanto, você sabe, a barriga ainda me permite.

Ela se levanta e vai para a pequena cozinha.

— O marido de Pini também vai provavelmente, não é? — pergunta, distraída.

— Sim, ele vai. — O puto jamais deixaria sua mulher longe da vista.

Cautelosamente me levanto e me escoro contra a coluna de concreto.

— Você... — Esconde o rosto ao abrir a porta da geladeira. — Você iria comigo?

Nahuí, ela tem alguma dúvida quanto a isso?

— É claro que sim.

De costas para mim, noto-a se retesar quase imperceptivelmente.

— Você sabe em que cidade elas moram?

Uma especulação.

— Sei, já morei lá por um tempo.

A atenção vem para mim.

— E como eles são? Digo, os brasileiros?

Franzo o lábio de lado, surpreso com a pergunta, ao mesmo tempo

escolhendo uma palavra que defina aquele povo.

— Festivos. São muito parecidos com os espanhóis.

— Legal. — Sacode a cabeça para si mesma, processando. — Será legal conhecer o Brasil com você...

Fico satisfeito que não tente me manter de fora. Por sua reação, há mais do que uma viagem entre amigas.

O celular em meu bolso vibra.

A mensagem é de Gael.

“Parabéns, papai”.

Apenas isso.

Na sequência, vem uma de Ed informando que o carro da espanhola já está lá embaixo. Ele o trouxe da clínica. “Se eu tiver que dirigir essa coisa apertada novamente, cortarei minhas pernas”. Dramático como o inferno.

Respondo-lhe pedindo que fique pelo tempo que necessito para ir ao hotel pegar algumas roupas e retornar.

— Está tudo bem? — Penélope pergunta, segurando a jarra de água, prestes a despejá-la num copo.

— Preciso dar uma saída. Pensei em te deixar aqui descansando. O que acha?

Ela abastece o copo, mas, em vez de tomá-lo, oferece-o a mim.

— Não posso. Eu tenho um trabalho de campo agora — revela muito naturalmente.

— Trabalho de campo? — indago arqueando a sobrancelha, esperando que não seja o que penso que é.

— Uma investigação — explica majestosamente, levantando o pequeno nariz empinado, orgulhosa de seus termos floreados para dizer que simplesmente andará atrás de algum infeliz, bisbilhotando a maldita vida alheia.

Merda, se ela soubesse o quanto a ideia me incomoda. Há todo o tipo de gente lá fora mais do que disposta a fazer mal a alguém inocente como ela.

Em vez de dizer exatamente o que penso de seu trabalho, decido simplesmente mudar a estratégia. Abro um sorriso de lado, do tipo

preguiçoso.

— Acho que vou com você. Não tenho muito para fazer, pelo menos posso te ajudar.

Seu rosto se inclina de lado, observando-me cautelosa.

— Me ajudar em quê?

— Posso segurar a câmera enquanto você faz anotações, ou posso anotar também. Tenho uma boa caligrafia.

— Tsc, tsc, não é assim que trabalho.

Sua resistência é uma coisinha teimosa e linda.

— E como você trabalha? — Estou realmente curioso.

— Tiro fotos com meu celular. Não uso máquina profissional. E não faço anotações. As fotos falam por si para meus clientes.

Meneio a cabeça, dando-lhe algum crédito.

— Infidelidade é sempre infidelidade, não importa a hora ou o local. Tem razão. Está vendo? Será bom que eu vá; há muito que você pode me ensinar.

Desconfiada, Penélope deixa a jarra de lado e cruza os braços.

— Você não estava prestes a dar uma saída?

— Nada demais. Eu estava indo ao hotel pegar alguma roupa para passar a noite.

Ela lambe os lábios, semicerrando os olhos.

— Fique à vontade para passar a noite aqui, Sebastian — diz me lembrando de que eu não recebi um convite.

Dou-lhe um sorriso maliciosamente sereno.

— Obrigado. Eu estava ansioso por isso. Na verdade, estive pensando em diversas maneiras de te fazer me convidar, espanhola. — Propositalmente vou me aproximando dela sem pressa, dando-lhe um aviso justo do que pretendo fazer.

— Pensou, não é?

Afasto seu cabelo para o lado e percorro seu pescoço com o nariz, aspirando seu cheiro e soltando pequenas lufadas de ar no caminho, que, sei,

arrepiam-lhe a pele.

— Sempre penso, *mi cariño*. Sempre. — Sopro a pele eriçada.

— Você é um manipulador, *cabrón*... — Arfa baixinho.

Aliso seus braços, oferecendo-lhes algum calor.

— Eu vou encarar como um elogio, minha Loupe. Agora... — roço meus lábios pela curva de seu pescoço, mandíbula, até chegar ao lóbulo da orelha — será que posso te acompanhar?

O rosto está de lado, dando-me completo acesso.

— Tudo bem, você pode vir comigo, droga...

Fico satisfeito com que ela não possa ver meu sorriso triunfante de um lobo.

O inferno congelará antes de eu deixar minha mulher e filho correndo perigo por aí.

Capítulo 48

SEBASTIAN

— Eu deveria ter mandando jogar este carro no mar.

— Shh. Faça silêncio, *cabrón*. Além de quê, foi você que se convidou para vir junto — diz concentrada em seguir o carro do pobre idiota prestes a ter sua casa caindo na cabeça.

Por lealdade masculina, eu deveria avisá-lo da armadilha. O problema é que, se o imbecil é idiota o suficiente para *ser pego*, então merece ser pego.

— Jesus, mulher! Eu não entendo o que você vê num ovo apertado como este que sequer tem ar-condicionado.

— Ele é discreto, Sebastian. — Dirige a coisa medonha para a guia quando o carro do suspeito entra numa casa de fachada branca e muros altos.

O semblante da mulher está tão absorto em sua missão que, *nahuí*, eu poderia jurar que se trata de um caso da segurança nacional. A Interpol não sabe o que está perdendo desconhecendo a existência dessa espanhola.

Ela desliga o motor.

— E agora? — pergunto, temendo a resposta.

Sorrindo arrogantemente, ela se vira para mim.

— Agora começa a parte divertida — não espera para me explicar o que diabos isso significa.

Penélope abre a porta do carro e desce. Sorrateiramente vai se esgueirando pelo muro, procurando por algo.

— O que você está fazendo? — indago logo atrás, porque é claro que estou em sua cola.

— Procurando um ponto de penetração — revela baixinho.

A investigadora nela corre os olhos por toda a extensão do muro.

Inferno!

Mal praguejo mentalmente e, no segundo seguinte, estou passando por um maldito momento do mais puro terror, tão feroz que gela minha alma.

A infeliz fincou as unhas nos galhos da planta trepadeira, encaixou o pé em um desnível do tijolo e está realmente cogitando a possibilidade de escalar o muro.

— Nem fodendo! — Pego-a pela cintura, impedindo o absurdo, sem qualquer humor. — Pode ir colocando seus pezinhos de volta no chão, espanhola. Você não subirá nesse muro.

— Maldição, *pendejo*! Me solte e me deixe fazer o meu trabalho! — cochicha irritada com a interferência.

Viro-a pelo quadril macio para que me encare e se dê conta de que isso está fora de cogitação.

— Não.

— Sebastian... — rosna meu nome, num aviso de “não se intrometa”.

— Eu disse *não*. Olhe para a porra desse muro. Ele tem o dobro de sua altura.

— Já escalei maiores — gaba-se, acreditando que isso me convencerá.

Não quero seguir por esse caminho, porém, é inevitável.

— E será que pode me responder uma coisa, senhora Honnold...

Interrompe-me rapidamente:

— Quem é Honnold?

— Um alpinista. Agora que temos isso esclarecido, diga-me, em suas escaladas você por acaso estava grávida?

As narinas arrebitadas se abrem, os lábios se separam prontos para dar uma resposta *daquelas* e se fecham parecendo um peixe quando ela se dá conta do que estou dizendo. Um peixe lindo, de quadris largos, coxas grossas, bons seios, mas teimoso como o diabo.

— Não — a má vontade em reconhecer chega a ser engraçadinha.

— Exatamente. Agora vamos embora. Deixe o pobre infeliz foder à vontade. Se a esposa desconfia dele, é porque o conhece bem. Ela que o largue de uma vez.

A infeliz se finca ao chão, negando-se.

— Não. Não é assim que funciona. — Balança a cabeça teimosamente. Posso enxergar as engrenagens de seu cérebro trabalhando no plano B. — Eu já recebi metade do valor.

— Devolva o dinheiro.

— Você não entende, Sebastian. Eu tenho uma reputação a zelar. Não vou fazer isso. Além de que, essa mulher precisa da verdade. Ninguém merece sentir dúvidas sobre o sentimento de outra pessoa.

Bem, aí está, inconscientemente ela me fazendo sentir culpa por um dia ter sido esse cara em sua vida.

Corro os dedos pelo meu cabelo, frustrado *pra caralho*.

— Merda, espanhola. Fique aqui, e eu vou lá.

Seus olhos castanho-avermelhados se arregalam nas órbitas. Posso garantir que esta era a última coisa que a menina esperava de mim. No fundo, fico feliz em impressioná-la, e irritado por estar perdendo meu tempo seguindo um traidor qualquer, quando poderíamos estar numa cama, comemorando a boa nova.

— A esposa disse que ele vem aqui todas as tardes. Ela acha que ele está tendo um caso com a dona da casa... — a mulher revela a título de informação, abastecendo-me para entrar lá preparado.

— Fique dentro do carro. Eu não devo demorar.

PENÉLOPE

Tamborilo os dedos contra o volante, impaciente. Não acredito que Sebastian realmente escalou o muro e entrou lá. *Por mim*. Se algum dia me dissessem que o russo perigoso estaria me ajudando com uma investigação a um marido infiel, eu realmente, *realmente* não acreditaria.

Dios, ele deve estar muito bravo.

Bem, no final, tenho uma dívida a ser paga com esse homem. E contas batendo à minha porta. Por enquanto, investigar é tudo o que posso fazer para me manter. É claro que preciso começar a pensar em outro meio de ganhar a

vida... pelo menos até esta criança nascer.

Suspiro profundamente.

— *Chico*, sua mãe é um desastre — converso com a barriga, esperando que o serzinho lá dentro possa me ouvir. E rapidamente me dou conta de que tenho de exibir otimismo para ele, confiança, então acrescento: — Mas eu prometo que nada nunca te faltará. Já fiz muita coisa nesta vida, posso me virar bem.

Posso, sim.

— E, se for da vontade de Deus, dentro de alguns dias, nós dois, eu e você, conheceremos alguém importante. Há muitos anos eu sonho com isso, sabe? Não sei como será, se vou mesmo encontrá-lo, mas hoje, mais do que nunca, tenho razões para procurá-lo. *Você, chico*. Você merece conhecer seu avô.

Eu pretendia ir para o Brasil em breve. A oportunidade veio antes que eu pudesse esperar e não vou deixá-la escapar.

— Dizem que ele é muito famoso lá... — conto. — Espero que queira me conhecer também.

Uma batida no vidro me faz saltar no lugar e segurar o volante.

É Sebastian, esperando que eu destrave as portas.

Incomodado com o pouco espaço no interior, ele se senta no banco do passageiro, não sem emitir um praguejar sobre ovos medonhos e donas teimosas.

— E então? — questiono curiosa, relevando a ofensa.

— Com quem você estava falando? — é o que indaga, estudando-me com atenção.

Hã?

Oh, claro.

— Com o bebê. Dizem que é bom, sabe? E então? Conseguiu alguma coisa?

Pelo que parece, Sebastian ainda está ligeiramente mal-humorado por se obrigar a fazer o serviço por mim.

Não é certo de minha parte, mas por muito pouco não acabo rindo. Só

não o faço porque sou inteligente para saber quando devo cutucar uma onça e com qual tamanho de vara.

O olhar afiado em seu rosto não é muito promissor.

— Penélope, me responda uma coisa.

— Sim, Sebastian.

— Por que, exatamente, a esposa desconfiou que estivesse sendo traída?

A pergunta me pega de surpresa.

— Bem, eu não me lembro direito das palavras que ela usou... Me deixa pensar... — Busco em minha mente. — Ela disse que ele tem desaparecido durante algumas tardes na semana. Sai mais cedo do trabalho e não diz onde esteve e tem parecido diferente, mais relaxado, algo assim. Por quê?

De cara fechada, ele retira o celular do bolso da calça.

— Aqui está seu marido infiel.

É uma gravação de dois minutos. Aperto o play e passo a assistir... assistir ao sujeito vestido com uma roupa diferente da com que saiu do escritório, uma mais confortável. E está *praticando yoga* junto a um senhor de idade de origem oriental. Os dois coordenadamente se movem na mesma coreografia, como se praticassem há muito tempo. Nas imagens, o marido está absolutamente concentrado nos exercícios, calmo e relaxado.

Ah, droga... Não faça isso, Penélope. Não faça...

Infelizmente, não me contenho. Deixo que uma gargalhada alta exploda de meu peito. Jogo a cabeça para trás no encosto e rio sem nem saber por que, possivelmente de nervosismo. Sebastian pacientemente gravou por dois longos minutos inteiros homens praticando yoga. Ele deve estar fudo da vida comigo!

— Me desculpe por isso, Sebastian. — Limpo uma lágrima. — Sei que está meio chateado, mas foi você que quis vir em primeiro lugar, entende?

— Para seguir um marido traidor — ele lembra, rabugento.

— Ossos do ofício. — Encolho os ombros. — Nem todos os que sigo são realmente infiéis. Apenas 99%.

O homem sacode a cabeça como se dissesse que sou um caso perdido. Contudo, ali, no semblante sério, posso ver o brilho zombeteiro em seus olhos.

— Precisamos conversar sobre esse seu trabalho, Penélope — ele diz depois de me encarar por alguns instantes profundamente.

— Sei que tenho de dar um tempo. — Ligo o carro. — Pelo menos, até o bebê nascer...

Pelo canto do olho, capto seu peito descendo numa expiração aparentemente aliviada.

— ...Tenho muitos outros dotes profissionais. Algum deles vai servir por um tempo.

A palavra em russo que sai rosnada de seus lábios provavelmente não é uma coisa muito boa, a contar pela maneira como ele contrai a mandíbula.

Capítulo 49

SEBASTIAN

Posso sentir as batidas calmas do coração da espanhola enquanto o corpo nu da mulher está sobre o meu, relaxado, espremendo seus seios contra mim. Os dedos delicados circulam um desenho preguiçoso em meu ombro em um vai e vem.

Penélope está silenciosa demais, o pensamento parecendo distante.

— Quando você fica calada desse jeito, confesso que me dá um pouco de medo, espanhola — provoco tranquilo, mantendo a cadência de minha carícia pela extensão de suas costas, sentindo a umidade presente nas pontas de seus cabelos, fruto do banho de uma hora antes.

Minha intenção ao brincar com isso não é somente porque quero ouvir o que há em sua mente. É também porque curto quando ela está falando, como quando voltamos da investigação ao pobre coitado hoje mais cedo.

— Eu não gostava de sexo antes... — o timbre suave de voz denuncia seu estado de relaxamento. — Tava pensando sobre isso...

Aperto a mandíbula, ciente da razão, porém, não digo nada.

— Odiava, na verdade. E, depois que passei a ter escolha, também nunca foi bom.

Procuro controlar minha reação às suas palavras para que Penélope não perceba que, se os malditos Molina estivessem vivos, eu os mataria outra vez.

— Mas então, quando você me tocou daquele jeito lá na cozinha de sua avó, aquilo foi muito... impressionante.

— Eu sou impressionante, *cariño* — provoco apenas para suavizar.

— Lembro que subi para o quarto e não consegui dormir direito.

— Eu também não.

— Não? — Ela levanta a cabeça para me sondar.

— Não. Seu cheiro me tirou o sono, espanhola. — E é a mais pura verdade.

A menina segura um sorriso, fisingando o lábio inferior entre os dentes.

— Você tem uma coisa com cheiro, não tem?

Observo-a, contemplando os detalhes de seu rosto. *Essa mulher linda pra caralho é minha*, um lado egoísta aqui dentro ruge.

— Somente com o seu cheiro. De cada pedacinho de você. — Roço o dedo pela parte delicada entre suas pernas, separando os lábios mansamente e brincando com o ponto sensível ali.

O rubor que toma conta de sua face mostra quem realmente ela é. A mulher por baixo do corpo farto, do comportamento arisco e defensivo é uma menina tímida, um pouco insegura, mas de muita garra, e que tem paixão correndo pelas veias, uma que a faz separar as pernas, permitindo e incentivando a invasão de meu dedo.

Determinado a afastar qualquer pensamento, limpar qualquer memória ruim que ela ainda tenha, rolo nossos corpos na cama até que estou sobre ela, investindo devagar no espaço apertado e macio. Sem pressa, construindo sua necessidade. Brincando com o desejo da menina.

Ansiosa demais para aguentar a provocação, suas pernas envolvem-me pela cintura, os calcanhares se fincam em minha bunda, trazendo-me para si.

— Nada nunca é suficiente quando o assunto é você, Penélope — faço questão de dizer, de grunhir, na verdade, enfiando o nariz em seu pescoço quente enquanto balanço o quadril, afundando-me até o limite e saindo lentamente. — Você sente isso? Sente como me deixa?

Arremeto mais e mais.

Unhas me arranham as costas e, porra, sinto-me como um adolescente de merda que cerra os dentes para não se desmanchar numa explosão antecipada.

O pensamento de querer marcá-la para que nunca mais tenha qualquer outra lembrança ruim é o que me impede.

Quando seu corpo vira um arco sob o meu, os pés deslizam pelo lençol, embolando-se nele, eu sei que ela está por um fio. Saio por inteiro e me afundo numa estocada dura, forte, que a faz urrar meu nome.

— Case comigo, espanhola — grunho as palavras entre os dentes ao me unir a ela, cravando fundo, tremendo violentamente.

Repetir o pedido não foi intencional. O problema, e Deus é testemunha, é que não há nada que eu já quis tanto na vida. Mesmo quando ela me põe frustrado até a morte com seu comportamento teimoso, eu ainda quero essa mulher com tudo em mim e não estou sabendo lidar com essa situação em suspenso, correndo o risco de tudo isto escapar por entre meus dedos a qualquer momento.

— Você tem um time muito bom, *hombre* — ela brinca, sorrindo, ainda de olhos cerrados, ao afastar os cabelos grudados no rosto para o lado, no travesseiro.

Uno nossas testas, esperando que a mulher abra as pálpebras e me encare, que veja que não é brincadeira para mim. Quando o faz, foca-me permitindo que eu enxergue o poder do que há ali. O quanto seu sentimento também é forte.

Noto como suga uma respiração curta.

— Se eu tivesse de escolher um pai pra esse filho, seria você. Será sempre você. Você foi a melhor pessoa que já entrou em minha vida, Sebastian...

Então diga sim, porra!

— ...*Sólo necesito un tiempo*^[56], e isto é tudo o que estou te pedindo.

Inalo o oxigênio do quarto, sufocado até a morte com a incerteza, mal suportando a ferroadada no peito pelo tipo de sentimento que essa menina é capaz de causar em mim e pelo temor de que ainda pode me afastar.

— Será que algum dia eu vou entender o modo como sua mente funciona, espanhola?

Nossas respirações profundas se misturam.

Inteligente, ela opta pelo silêncio.

Eu o aceito, deixando que meu coração, o fodido, pare de se comprimir e se acalme.

— Sebastian...

Relaxo um pouco a mandíbula e abro os olhos, que não me dei conta de

estarem fechados.

— Diga, Penélope.

— Eu tô querendo muito fazer algo — revela como se pedisse minha opinião.

— O quê? — sussurro, mantendo a testa na sua, observando os raios avermelhados em torno de suas pupilas bem de perto.

— É sobre a Amália.

Pensei que sim. Acreditei que diria algo sobre isso no instante em que ficou sabendo da garota.

— Eu quero muito vê-la. Saber como está... Acho que eu, melhor do que ninguém, sou capaz de compreender o que deve estar passando por sua cabeça.

Forço impassibilidade em meu rosto.

Penélope acha que entende como a menina está. Entretanto, pelo pouco que pude ver de Amália, aquela garota não é tão forte quanto a espanhola. Eles a quebraram e moeram os pedaços restantes. Tenho dúvidas de se algum dia a menina conseguirá superar.

Elliot sabe disso também. Talvez esse seja o motivo de sua reação a ela. Todavia, não importa que sentimentos Amália despertou no coração do cara, duvido que algum dia poderão ser retribuídos. Já estive no fundo do poço para reconhecer alguém habitando aquele lugar. A diferença é que a vida me deu motivação para não me afundar na areia movediça presente lá. Certa ou errada, essa motivação me fez levantar e lutar. Amália não parece ter nenhuma.

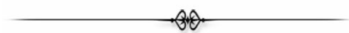
— Posso ajudá-la, Sebastian — Penélope reforça, quem sabe lendo um pouco do que se passa em minha mente.

— Vou tentar promover isso — aviso mantendo a descrença cuidadosamente afastada de meu tom. Contudo, não posso deixá-la totalmente no escuro quanto ao que pode esperar. — Talvez ela não queira te encontrar, Penélope.

— Por que você diz isso? — cochicha com uma pitada de temor.

— Eles a quebraram. É possível que ela não queira ver você ou qualquer pessoa onde está.

— Onde... — a primeira tentativa anula sua voz. — Onde ela está?



Com a tolha enrolada em minha cintura, ligo para Elliot depois que deixo Penélope mais um tempo no chuveiro.

— Fale — é a primeira vez que o vejo exibindo exaustão, uma que não pode ser escondida.

— Onde você está?

Silêncio.

Então uma inalação ruidosa.

— Você sabe onde.

Inferno. Eu queria poder dizer a ele algo que o fizesse colocar a cabeça no lugar. É claro que me preocupo com o cara. Somos como irmãos.

— Penélope quer vê-la.

Espero pacientemente enquanto ele assimila o que isso pode significar.

— Acha que será bom pra ela? — seu timbre contém uma nova emoção, muito distinta. Uma que conheço bem até demais.

Opto por ser honesto.

— Nada será capaz de mudar as coisas como são, não depois de como a vi. Essa menina não pode mais ser resgatada do lugar em que os desgraçados a colocaram.

Sei o quanto minhas palavras soam duras. Só quero que ele fique consciente do solo onde está pisando.

É o pensamento em Penélope, na explosão de vida e força que há nela, que me faz recuar um pouco.

— Talvez haja uma chance. Penélope é determinada. Se ela quer ajudar, fará tudo o que for necessário para isso. Elas têm algo em comum.

— Quando?

— Ela está no banho. Acho que pretende fazer isso ainda hoje. Partiremos para o Brasil em dois dias.

— *Nahuí* — ele pragueja do outro lado, deixando claro sua reação à nova informação.

— Não quero que viaje comigo, cara. Falarei com Ed e Bola para que fiquem também.

Outro silêncio desconfortável. Numa situação diferente, iríamos todos. Temos sido uma equipe por um longo tempo.

— Vejo vocês daqui a pouco.

— Elliot? — chamo antes que desligue.

— Fale.

— Odeio ser aquele a te dizer isto, mas... tenha cuidado.

— Não pedi um conselho, Sebastian. — Desliga.

Capítulo 50

PENÉLOPE

Acho que nunca me senti tão nervosa assim. As palmas de minhas mãos transpiram parecendo uma fonte de água conforme dou os passos para dentro do quarto. Não sei o que esperar. Nem mesmo sei se minha presença aqui realmente pode ajudar, como eu acreditava, até descobrir *onde* e *em que situação* Amália se encontrava.

Tenho de ser forte, é só isto o que repito sem parar em minha mente. Se eu fraquejar e cair no choro, não estarei ajudando.

Vi nos olhos de Elliot um pedido velado para que eu fizesse algo, qualquer coisa que eu pudesse por ela. Não precisei que me dissesse para saber que Amália se tornou importante para ele.

Quando a avisto, percebo que eu não estava pronta.

Maldita família, queime no fogo do inferno para sempre por transformar alguém nisso!

Do outro lado do quarto pacífico, branco do chão ao teto, sobre a cama de metal prateado, está uma *menina*. Sua idade, eu sei, é 18 anos. A aparência é de alguém muito mais jovem. Cabelos negros escorridos quase beiram a cintura, espigados nas pontas, parecendo jamais terem recebido um corte em um longo tempo – e sei, por experiência, que ela *não* recebeu; o corpo magro sob o conjunto azul da clínica exhibe ossos magros, pulsos e pescoço finos demais; o contorno de seu rosto é ressaltado pela excessiva magreza evidente. A garota está seriamente desnutrida. Olheiras escuras e profundas, em tons de vermelho e lilás, mostram-se tão cravadas em seu rosto que a impressão é de que nem que a garota durma mil anos elas desaparecerão.

Uma menina jovem e judiada pela vida, transformada num saco frágil de pele e ossos.

Porém, apesar da notável aparência de quem recebeu o pior lado do ser

humano durante muito tempo, há algo nela que é simplesmente impossível de não ser admirado: um grande par de olhos no tom mais claro de cinza mesclado com raios brancos, oferecendo-lhe um aspecto quase sobrenatural, semelhante a um piso de gelo iluminado pela luz da lua dentro de um poço escuro e sombrio.

Madre, Amália tem os olhos mais incríveis que eu já vi. Grandes. Vazios... e ainda assim simplesmente impressionantes.

— Oi — murmuro quase sem voz quando estou inteiramente dentro do quarto.

Ela sequer dar um piscar de olhos. Há apenas o nada, como se não houvesse vida ali, tão somente um corpo maltratado.

Cuidadosamente, encosto a porta.

— E-eu me chamo Penélope...

Ao escutar meu nome no quarto sem mobília, Amália muda a direção de seu olhar. Não o traz para mim, mas encara fixamente o chão como se tentasse reconhecer algo.

Lágrimas se empossam em meus olhos.

Luto por não as derramar.

— Você sabe quem eu sou, Amália?

Nada, nenhum som.

Como dizer a alguém que eu entendo sua dor, que já vivi a mesma coisa, quando parece que a dela é ainda pior do que a minha?

Seguindo meu instinto, faço uma prece curta, pedindo orientação e sabedoria para saber o que eu poderia fazer, então dou mais alguns passos, cautelosamente, mostrando a ela que estou me aproximando e que não lhe ofereço qualquer risco. Conforme chego mais perto, vou notando coisas que enfraquecem minhas pernas brutalmente.

O gosto amargo de um refluxo vem à ponta da língua e volta.

Há marcas profundas em seu pescoço. *Profundas*. Marcas que o circulam numa faixa de pele mais avermelhada... parecendo a pelagem de um animal que viveu muito tempo numa... coleira.

Eles a prenderam numa coleira!

Eu não posso acreditar.

Não bastava trancafiá-la naquele quartinho do pavor. Eles também precisavam degradá-la com algo, prendendo-a feito um bicho. E ver isso me traz um sentimento de culpa absurdo. Eu *fugi*. E, fugindo, os Molina aprenderam a lição e perceberam que apenas trancas não eram o suficiente.

Conforme meu olhar desce para seu pulso... *Madre de Dios*, recebo uma vertigem ainda mais forte do que as habituais.

Santiago. O nome dele foi escrito em sua pele, parte em tinta azul desbotada, parte em relevo de cicatrizes que a ponta do que quer que ele tenha usado causou.

Aquele... aquele monstro a marcou.

— Você se importa se eu me sentar? Não estou me sentindo muito bem — digo sem alterar a voz ou demonstrar que estou muito perto de cair ao chão, tamanha a dor.

Sem esperar por uma resposta que sei que não virá, eu me sento na única cadeira presente no local.

— Estou esperando um filho, sabe? — Olho pela janela, para o gramado lá fora.

Elliot e Sebastian a trouxeram para uma das melhores clínicas da Espanha. Saber disso me arrebatava de orgulho e mais amor. Sem sequer conhecê-la, eles sabiam que ela precisava de cuidados e fizeram tudo o que podiam para que isso acontecesse.

— Na verdade, descobri ontem, e vou te dizer, é tão, tão estranho saber que há uma vida aqui dentro... Eu mal me lembro de tirar o ferro de passar roupa da tomada, como será com um filho? Deus, eu estou com taaanto medo.

Uno minhas mãos, tremendo de um jeito visível.

— Mas, mesmo com o medo, essa foi a melhor coisa que poderia me acontecer. Eu me sentia muito sozinha antes.

Remexo-me no lugar.

— Puxa, esta cadeira é um pouco desconfortável. Será que se importa se eu me sentar aí, ao seu lado?

Nenhuma palavra.

Porém, num sinal de que está me ouvindo, apesar de nunca me dar sequer um olhar, Amália se move cerca de dois centímetros. Sim, apenas dois centímetros para o lado. É seu modo de dizer sim.

Solto a expiração de alívio mais discreta que consigo e me sento ao seu lado na cama.

Timidamente, porém, forçando-me a ter coragem, vou levando minha mão bem devagar por cima da colcha branca, até que nossos dedos estão próximos. A ponta do meu toca na ponta do dela.

Amália não se afasta ou se retrai ao toque.

— Oi... — recomeço baixinho, a garganta embargada.

Subo minha mão para encobrir a dela, magra e fria como gelo.

— Eu vejo muito de mim em você, sabe? — minha voz é uma coisa pastosa, nem grave, nem fina, apenas embargada.

Não vou conseguir. Simplesmente não vou.

Todavia, então eu a olho e sei que algo precisa ser dito. Algo que dê a ela esperança de que tudo o que tinha de terrível para viver já foi vivido; que aquilo tudo nunca se repetirá.

— Nós duas somos sobreviventes...

Encaro o chão também.

— *Sobreviventes*. Nós os vencemos. Eles... eles podem ter nos tirado muito, mas não tiraram tudo — afirmo também com a cabeça, um lembrete para mim mesma, e continuo dizendo o que meu coração manda: — Não é fácil seguir em frente, Deus é testemunha, mas eu gosto de pensar que, quando me esforço para esquecê-los e ser feliz, eles perdem. Às vezes... às vezes eu nem me sinto tão feliz ou com vontade de continuar, mas eu vou lá e me obrigo. *Olhe para a frente, Penélope, e se esforce*, repito sempre a mim mesma, sabe?

Continuo segurando sua mão, transmitindo calor e toda a energia que meu corpo puder transferir ao dela.

— Se eu fraquejar, eles vencem.

Pelo canto do olho, noto com profundo pesar o que Amália faz com sua

outra mão. A menina finca as unhas tão forte contra a palma que a pele frágil ganha um tom vivo de vermelho.

A visão finca uma faca em meu peito.

— Não faça isso, *Am*, por favor... — Seguro a outra mão também e a trago para o meu colo.

Não sei de onde esse “Am” saiu, só sei que de repente tenho o sentimento de estar com uma irmã mais nova precisando dos meus cuidados, uma que corta meu coração pelo sofrimento.

Sem pensar, trago a mão dela, unida à minha, até meus lábios e planto um beijo no dorso.

— Eles nunca mais vão tocar em você. Nunca mais. Acredite em mim. Pode demorar um pouquinho, mas um dia, *chica*, aquelas pessoas não vão significar mais nada em sua vida. Existem pessoas boas no mundo, pessoas muito boas. Lá fora, no corredor, por exemplo, há duas delas. Sebastian e Elliot me ajudaram muito quando precisei. Acho que posso dizer que são meus anjos da guarda. — Seguro um sorriso. — Bem, Sebastian não se parece nada com um anjo, mas, enfim...

Encaro seu perfil.

— E eles se preocupam com você. Elliot tem vindo aqui todos os dias para saber como está, desde que te trouxeram.

— Ele me soltou — são suas primeiras palavras, distantes, roucas, mirando o nada.

A voz, apesar de arenosa, oscilante, é muito bonita, contém um tipo de melodia, não doce, mas como uma daquelas músicas tristes que nos fazem chorar sem mesmo compreender a letra.

— Sim. Ele é bom. — Acabo por deixar que um fungado denuncie minha emoção. — Elliot não vai permitir que nada de mal te aconteça enquanto você estiver aqui, tomando seu tempo para se fortalecer.

Aperto nossas mãos unidas.

— Você agora tem pessoas que se preocupam. Eu sou uma delas. Vou estar sempre aqui, não importa o que aconteça.

Olhos de gelo, vazios voltam ao aspecto distante, como se minhas palavras não tivessem valor. Imagino o que ela está pensando. O conceito de

“*estar sempre aqui*” dos Molina é tudo o que ela teve por muito tempo.

Meu coração me diz que não devo pressioná-la. A Penélope que fugiu daquela casa, anos atrás, também saiu arrebatada, tanto que nunca falou sobre aquela experiência com ninguém – ao menos, não quando sóbria. É preciso tempo. E paz.

— Eu vou para casa agora. Sabe, estou muito perto de conhecer o meu pai. Ele mora em outro país, e nunca o vi. — Levanto-me com movimentos calmos. — Estou com um pouco de medo do que vou encontrar — confesso.

Nenhuma reação.

— Mas eu volto, *Am*. Sempre voltarei.



Sebastian me observa silenciosamente no percurso para casa, talvez esperando que eu diga algo sobre a Amália. Ainda estou baqueada demais para conseguir processar tudo isso. Algo está pesando em meu coração, *pesando toneladas*.

— Se eu tivesse denunciado aquela família, ela teria sido poupada — expresso quando já não consigo mais guardar. E não tenho coragem de girar o rosto em sua direção para enfrentar a verdade.

— Não faça isso com você — a voz grave contém uma nota de aviso com muita seriedade, apesar da tentativa de parecer neutra.

Arranho uma sujeirinha no vidro da janela, quase não suportando a queimação em meus olhos, a vontade de chorar.

— Eles não teriam a chance de repetir tudo aquilo se eu tivesse feito alguma coisa. Amália não teria sido adotada...

O carro é levado ao acostamento.

Pisco mais forte, muito, muito perto de romper. Não costumo chorar em frente a ninguém, mas hoje eu realmente me sinto incapaz de ser forte.

— Olhe para mim, Penélope — ele pede, desligando o motor.

Nego com a cabeça.

A mão vem para minha nuca, embrenhando-se em meu cabelo, carinhosa, gentil.

— Olhe para mim, *cariño*.

Um soluço tenta irromper de minha garganta, tamanha a queimação. Estou sufocando, a sensação é essa. Não gostaria que ele me visse assim, porém, é a serenidade e força desse homem que me faz confiar, abrir essa ferida que começa a me rasgar a pele.

— Ah, *hombre*, eu poderia ter evitado tudo isso!

Meu rosto é tomado em suas mãos grandes, mornas.

— O que você acha que poderia ter feito? Denunciado? Acha que a justiça desse seu país se importaria com sua palavra? Ou com a da menina que foi adotada antes de você?

— A-a-antes?

Enfrentando-me nos olhos, ele assente, duro, não escondendo a repulsa pela família suja e cruel.

— Houve uma antes de você, Penélope. E haveria outra depois de Amália. Eles nunca parariam.

— *Dios mio...* Co-como você sabe?

— Investiguei os pais. Dolores, a criança que foi adotada um ano antes de você, foi abandonada num hospital quando a surra que tomou foi grave demais para ser tratada em casa. Ela também nunca disse nada a ninguém. E, se quer minha opinião, quem acreditaria nela? Ou em você? Ou quem ligaria para isso, quando, ao adotá-las, os desgraçados estavam “tirando um encargo oneroso” do governo?

Tapo meu rosto e sacudo a cabeça, de repente sentindo tanta, tanta, tanta raiva e frustração que nem pensei que seria possível. Deus, como essa sensação de *impossibilidade* dói. De não poder fazer nada além de ser uma vítima; de ouvir histórias assim e saber que nunca vão acabar!

Não, não dá.

— Não, não dá mais...

Quantas Dolores, Amálias, Penélopes estão por aí?! Quantas vítimas de monstros?!

— O que não dá mais? — a desconfiança é cuidadosamente maquiada pelo tom sereno.

Encaro-o.

— Eu não posso ficar de braços cruzados quanto a esse tipo de coisa, Sebastian, não posso mais. Algo precisa ser feito, e eu sei, eu sei que não posso fazer muito sozinha, mas o pouco que eu puder, eu tenho de fazer, você me entende?

Assinto repetidamente, tudo isso muito claro em minha mente.

— Quantas crianças como nós estão por aí, tendo de lidar com monstros e sem ninguém para olhar por elas? — Sacudo a cabeça, atingida por um turbilhão de ideias, emoções e pensamentos crescendo e crescendo, prestes a explodir. — Algo *precisa* ser feito! *Eu* preciso fazer algo!

Estou chorando, sim. E estou de repente tão determinada que acho que nunca me senti assim antes. Eu vou lutar por quem eu puder, por quantas eu puder, mas vou lutar. Não vivi tudo aquilo em vão. Não presenciei o que fizeram à Amália sem nenhuma razão de ser.

— Eu vou fazer o que eu puder — e, desta vez, é uma promessa determinada que faço a mim.

— Jesus Cristo, espanhola... — Sebastian assovia num misto de assombro e frustração. — Você pode pelo menos ordenar o que tem aqui — toca o dedo longo gentilmente em minha fronte —, nesta cabecinha, e então me dizer exatamente em que está pensando?

— Eu... — Abro a boca, disposta a disparar uma metralhadora de palavras à medida em que elas vêm surgindo.

No entanto, surpreendendo-me, ele me cala aproximando e encostando seus lábios suavemente nos meus.

— Shh, não. Não agora. Pensaremos nisso juntos, ok? — a voz contém certa candura que impressiona um pouco. Porém, não mais do que o que diz: *juntos*.

Sacudo a cabeça, ainda com nossas bocas roçando uma na outra, avisando que estou ouvindo, pois, se há alguém que pode me ajudar, é, sem qualquer dúvida, esse homem.

— Vamos primeiro passar por essa gestação, dar um lar e estabilidade

ao nosso filho, e eu vou te ajudar no que você tiver em mente. Você pode fazer isso? Pode aguardar o tempo necessário para que essa criança venha ao mundo sem que eu tenha de me preocupar com a mãe dela?

Sim. Eu rio e choro mais forte, derrubando lágrimas vergonhosas entre nossos rostos, além da bagunça no nariz.

— Obrigada, obrigada, obrigada! Eu sabia que podia contar com você, Sebastian!

— Não me agradeça *ainda* — adverte. — Talvez você não vá gostar do que tenho em mente...

Afasto-me alguns centímetros imediatamente.

— *O que* você tem em mente? — E, de repente, parece que estou prestes a me comprometer com algo grande e possivelmente irreversível.

Assistindo à minha desconfiança, o sujeito me foca com gravidade.

— Quero fazer um acordo com você.

Espreito seus olhos, atenta.

— Que acordo? — a cautela esconde a repentina acelerada que meu coração dá.

Como se pensasse na melhor maneira de dizer algo, o sujeito lambe os dentes da frente feito um lobo satisfeito pela oportunidade de colocar a presa onde gostaria, porém escondendo bem isto.

— Chega de trabalhos como investigadora, Penélope. Definitivamente.

Abro a boca para refutar, porém, ele me detém com um de seus olhares afiados de aviso, de quem ainda não terminou de falar.

— Você já não é mais sozinha no mundo para ficar correndo riscos desnecessários por aí, espanhola. Temos um filho a caminho, e agora é preciso pensar na segurança dele também. Se algum desses seus investigados resolver se irritar com sua “xeretação”, não quero meu filho na mira.

— *Nosso* filho. — rebato meio que na defensiva por ser taxada de alguém irresponsável com relação à proteção dessa criança.

— Exatamente. *Nosso*. Então a decisão de ter a mãe dele escalando muros, seguindo uns imbecis traidores por aí, não é somente dela.

— Estamos falando da minha profissão, Sebastian...

— Arranje outra — simplifica arrogantemente. — Além de que, se você quer mesmo se dedicar a essas meninas...

— *Vou* me dedicar — corto-o afirmando sem dúvidas. Estou decidida.

— ...se *vai*, precisará dedicar tempo para isso e para os nossos filhos. Não haverá espaço para investigações de infidelidade.

Ele soa tão, tão...

— Não investigo somente casos de infidelidade, eu te disse.

— Disse, mas chega disso tudo também. — Encara-me significativamente. — Essas garotas precisam de seu tempo integral, assim como nossa família.

Sinto-me aturdida.

Permaneço olhando-o atrás de um vacilo que me garanta sua satisfação em me pôr nesta situação. Nada. Fica ali, sério, determinado e ao mesmo tempo me desafiando a raciocinar.

— Tenho boletos para pagar — argumento, agarrando-me a um fio de orgulho.

— Tenho dinheiro suficiente para nós dois, nossos filhos e netos.

Interrompo o pingue-pongue quando uma curiosidade surge.

— Como?

O *cabron* dá de ombros, modesto.

— Andei fazendo alguns investimentos por aí.

Suspiro profundamente, absorvendo e assentindo.

— Certo, certo... — Aliso minha barriga. — *Mira, niño*^[57], seu pai é cheio da grana. Acho que nos demos bem, afinal...

A brincadeira – apesar do assunto “minha liberdade financeira” em questão – arranca uma risada gostosa do sujeito. Gosto de ouvir, gosto muito mesmo. É como se Sebastian proporcionasse isso a poucas pessoas, esse seu lado, e eu seja uma das privilegiadas. É assim que me sinto.

Volto a fitá-lo, com acuidade.

— Desculpe, Sebastian, mas não vou viver com seu dinheiro. Ter minha independência é importante pra mim.

A sobrancelha espessa sobe.

— Eu não disse que viveria. Quando você decidir o que quer fazer a respeito das garotas, providenciarei patrocinadores para o seu projeto.

Outra vez o homem consegue me surpreender.

— *Patrocinadores?* Quem?

O ar convencido nem tenta enganar.

— Há agências governamentais por aí que buscam parcerias assim. Posso fazer um contato ou outro e solicitar uma aliança.

Por *solicitar*, algo me diz que é *cobrar* alguns favores de seu tempo atrás dos traficantes de pessoas. Sebastian não me parece o tipo de homem que bate nas portas solicitando ajuda. É do tipo que exige.

— E então, temos um acordo? — pressiona, sem benevolência.

O que está na mesa é: trabalhar no que realmente importa, recebendo para isso, ou continuar minha vida até aqui, tendo de interferir em casamentos alheios e me metendo nas situações mais desconcertantes.

Nada mais é como antes, se eu for honesta em reconhecer. Minha vida mudou no minuto em que embarquei para Amsterdã. E agora há um fator novo e mais importante, um filho. Então, o que eu realmente quero fazer? O que me fará feliz?

— Sim, temos, mas ainda preciso pensar em regras para que funcione.

Sem esperar, estou com a boca de volta na sua. Ele, absolutamente satisfeito consigo mesmo.

— É claro que precisa. Não seria você se não fosse assim, espanhola...

Capítulo 51

SEBASTIAN

Brasil

O piloto anuncia em três idiomas que já estamos sobrevoando o aeroporto. A temperatura, até razoável para os padrões, beira 23 graus. O horário, 15:32h. Este não é meu país favorito no mundo, nem de longe. Aqui passamos por muita coisa, tivemos nossa vingança nesta terra.

O destino, no entanto, tratou de me trazer de volta agora por um motivo diferente. Penélope tem negócios a resolver no Brasil, ainda que não tenha me dito. E, por ela, ah, por essa menina, eu iria a qualquer lugar do mundo.

Confiro a espanhola na poltrona ao meu lado, cabeça pendendo sobre meu peito. Seus lábios levemente separados liberam o ruído de um ronco baixinho junto a uma pequena linha de baba na lateral. Penélope adormecida é uma visão e tanto. Entorpecida por um calmante liberado para gestantes, então, é a coisinha mais graciosa que já existiu.

A mulher não tem medo de voar.

Ela tem verdadeiro pavor.

Durante o tempo em que o remédio – que eu mesmo solicitei à sua médica – levou para fazer efeito, tive um bom trabalho em distraí-la enquanto ela praticamente arrancava os braços da poltrona e suava frio, proferindo algumas rezas baixas misturadas a praguejos.

— Se esta coisa cair, *cabrón*, saiba que eu... eu gosto muito de você — ela disse quando o sono já estava conseguindo sossegá-la.

Abracei a mulher tão forte que temi machucá-la.

— Se esta coisa cair, espanhola, saiba que você me trouxe à vida novamente, e, onde quer que esteja, eu vou atrás — murmurei contra o topo de sua cabeça, ciente de que meu destino muito provavelmente é o inferno

quando tudo isto acabar, mas nem mesmo o diabo me impediria de estar ao lado dela.

O aviso sonoro no teto alerta para a necessidade do cinto de segurança. Confiro o dela, bem atado, antes de suavemente murmurar palavras rente à sua cabeça para que saiba que chegamos.

— Chegamos, espanhola.

Um resmungo incompreensível é ronronado contra meu peito.

— Espero que goste de neve — brinco e espero.

Coisa de dois ou três segundos para que processe, e a mulher desperta confusa, cabelo bagunçado, rosto ligeiramente inchado.

— Neve? Mas aqui não é...

— Um calor dos diabos? Sim, com toda certeza é.

Recebo um olhar de lado, de quem não gostou da brincadeira, num ar cansado, parecendo ligeiramente doente.

Por sua aparência, o sono não ajudou muito. Observo quando esfrega os olhos ao tempo de um bocejo e então se vira para a janela para conferir o dia lá fora.

O corpo estremece, constatando a altura; torna-se tenso.

Outro sinal sonoro mais alto preenche a aeronave, seguido de um aviso nos autofalantes: *Senhores passageiros, preparem-se para a aterrissagem.*

— *Madre de Dios...* — ela choraminga de um modo assobrado, agarrando-se aos braços da poltrona como se sua vida dependesse disso.

— Relaxe, espanhola. Estamos a poucos metros do chão, nada vai acontecer — digo suavemente contra seu ouvido num roçar sobre os cabelos bagunçados.

— Por que eu aceitei vir, *cabrón?! — mal a ouço.*

Não me detenho de rir.

— Porque você é corajosa como o inferno.

— *Ah, concha de la lora!*

Apesar do aparente humor, estou retraído até os ossos por vê-la nesse estado. E somente esse fato em si prova a mim mesmo que essa mulher

tomou uma parte fundamental do meu coração. Eu faria tudo por ela.

PENÉLOPE

Enrolada no roupão de banho, enquanto o barulho de chuveiro no banheiro avisa que Sebastian ainda está lá, sento-me à beirada da cama confortável do flat alugado por ele. Sebastian disse que estamos bem perto do apartamento que Priscila e Gael mantêm na cidade... E pesquisei para saber que também estou a poucos quilômetros da cidade onde meu pai vive.

Chegamos há algumas horas. Não sei se pela gestação ou a experiência terrível que é viajar naquela coisa – e acho que nunca me acostumarei a aviões –, eu cochilei na cama macia e só acordei agora há pouco. Não vi se o *cabron* fez o mesmo, mas, quando acordei, ali estava ele, intenso, olhando-me dormir como se isso fosse um acontecimento. Está aí outra coisa que nunca me acostumarei: esse homem é meu. O pai do meu filho. O sujeito que se dispôs a me ajudar com a questão das mulheres que passam por coisas que passei.

Eu deveria conversar com ele sobre meu motivo para aceitar o convite de Pini e vir ao Brasil, mas fato é que estou começando a mudar de ideia sobre fazer contato com meu pai. E se ele não quiser me ver? E se já souber da minha existência e não se aproximar foi uma escolha? Por mais que eu tente, não consigo me lembrar do que minha mãe dizia sobre ele. Eu era muito pequena. Sequer sei se ela realmente dizia alguma coisa.

Bato com o celular na palma da mão.

Talvez ainda não seja a hora de nos conhecermos.

O chuveiro é desligado.

Covardemente, deixo o celular de lado. Ficarei aqui uma semana. Terei tempo para me decidir, espero.

Quando a porta se abre... que droga, Sebastian sai tão lindo lá de dentro. Toalha enrolada na cintura, água escorrendo pelo corpo, o cabelo pingando, bagunçado... e esse olhar de que sabe o quão atraente é e o efeito que causa nas pessoas.

— Deveria ser crime pessoas como você circularem por aí — comento com falso desgosto.

O sorriso de lado é cheio de malícia.

— Que bom, então, que eu não circulo por aí, não é? — Vem se aproximando vagarosamente, carregado daquela atmosfera como se não tivesse acabado de me levar para fora de órbita naquele banheiro. — Já tenho crimes demais na minha ficha.

Sem perceber, estou sendo levada de costas para trás, deitando na cama. Meu roupão é afastado para expor o ombro, onde recebo um beijo suave, provocador.

— Agora, o que podemos dizer sobre a tentação que é você, Loupe? Com essa pele macia? — A boca vem traçando um caminho para meu colo, seios. — Esse cheiro bom do caralho que você tem? — Lábios delicados roçam meu mamilo, soprando o hálito ali, tornando-o duro. — Seus seios são os mais lindos que já existiram.

— Um ba-bajulador — gaguejo e arfo baixinho.

Ele prende o pico sensível entre os dentes, nada que machuque, apenas gera um choquezinho gostoso que vai descendo pela barriga até o ventre.

— Um *apreciador*, minha querida. Amo essa parte de você. — Segura o seio pesado, lascivamente chicoteando a língua.

— Pensei que você gostasse da minha bunda — lembro-o, arqueando mais meu corpo para o toque.

Sebastian ri, aprovando o comentário.

— Sua bunda é meu oásis particular, espanhola. Tudo em você é muito mais do que sou merecedor, mas, quando se recebe uma bênção, não é inteligente questionar.

Ah, santa Mãe! Escute essas coisas que esse homem diz!

— Sou uma bênção, então? — brinco, deliciada.

Sorrindo feito um lobo perverso, ele se afasta o suficiente para deter meu olhar. Há tanto em seu rosto, tanta intensidade, possessividade, admiração, mais do que eu achei que um homem poderia sentir por uma mulher.

— Cada pedaço de você é minha benção particular, Penélope. Cada pequeno pedaço.

Você também é a minha, homem. O presente que Deus enviou depois de uma vida complicada. Pensei que eu nunca receberia, mas estava lá, na Rússia, guardado para mim.

Capítulo 52

SEBASTIAN

Eu estaria mentindo se dissesse que este momento não me dá prazer. Ah, ele dá. Dá, sim. Esperei por isso durante algum tempo e por muito, muito pouco não deixo transparecer um sorriso de satisfação.

Primeiro escuto o sócio, do outro lado da porta, a voz afobada, de um modo que informa que estão entrando e que ele está lhe avisando da minha presença. Mauro é o nome dele, um sujeito careca, que não esconde de ninguém sua preferência sexual. Foi assim quando me lançou um olhar lânguido logo que cheguei, mais cedo.

— Ele *quem*, Mau? — essa é a voz dela. A bela loira. Tão destemida que não espera a resposta dele e vai logo abrindo a porta de sua sala.

É quando me vê, sentado relaxadamente em sua poltrona de chefe do negócio de moda que criou para si.

— Bom dia, Gabrielle, que prazer vê-la novamente — sou cordial semelhante a um velho amigo.

— Sebastian... — não sei se ela cospe meu nome ou o sibila, surpresa.

O fato de engolir em seco diz muito sobre sua consciência de que temos um assunto pendente.

O que eu não esperava, era o pequeno pedaço de gente entre os dois adultos. A menininha filha daquele lixo de mulher que eu pessoalmente botei para correr da cidade.

Ana Carolina, se não me engano, é o nome dela.

E, se eu não soubesse, diria que Gabrielle é mesmo sua mãe de sangue, pela forma corajosa como a criança franze o cenho a partir do que notou no ar e passa a me checar desconfiada, tão semelhante à mulher. Não preciso correr o olhar para baixo para notar parte da prótese colorida sob o uniforme escolar e o tênis branco. Sei sobre como perdeu a perna nas mãos daquela

irresponsável. A garotinha é uma pequena valente.

— Olá, senhorita. — Faço uma reverência com a cabeça. — Você cresceu desde a última vez em que a vi — meu timbre de voz perde um pouco da arrogância ao me dirigir a ela.

Apenas um pouco.

Ainda preciso mostrar à loira que minha visita tem um objetivo.

— Você é amigo da minha mãe? — Sua mão pequena corre protetoramente pela coxa da mulher, como se a defendesse de mim.

Gabrielle desvia o olhar de aviso do meu e se dirige à filha.

— Ele é tio do Alex e do Ian, Ana. A Pini veio visitar, lembra que eu te contei ontem?

A garotinha, ao contrário da mãe, não me perde de vista.

— Ele também veio nos visitar? — Aponta para mim com o queixo.

Seguro o desejo de rir, interessado na resposta.

— Veio, sim. Sebastian é um... — Gabrielle pigarreia — um *amigo* — referir-se a mim desse modo produz o mesmo som que ela faria ao engolir arame farpado.

Apesar de ainda em dúvida sobre mim, a criança relaxa um pouco.

— Oi, Sebastian — cumprimenta de um modo mais gentil, doce, como sua essência, que se sobressai através dos enormes olhos cinza no rostinho delicado.

— Oi, Ana — chamo-a da forma como Gabrielle fez.

Ana Carolina me sorri.

Leva coisa de três ou quatro segundos, no entanto, para que volte a franzir o cenho com algum pensamento dentro de sua cabecinha.

— Você é amigo do meu pai também?

Quero rir, gargalhar alto, a contar pelo tom capciosamente ciumento em defesa do pai. Não vou negar que espero o mesmo de um filho meu, que proteja minha espanhola dos olhos e conversa fiada de todos os marmanjos que praticamente babam pela mulher descaradamente, sem se importar que eu esteja perto.

— Pode-se dizer que sim — respondo cauteloso.

— Ana, você tem os deveres para fazer, lembra? Vá com o Mau até a sala dele enquanto eu converso com o Sebastian. Depois eu vou lá te pegar.

— Mas, mãe, você disse que eu podia te ajudar com o vestido da tia Katarina.

A mulher sorri, mal escondendo o orgulho.

— Eu sei o que disse, mocinha. Primeiro o dever; depois você me ajuda a escolher os tecidos.

— Não vai dar tempo...

— Vai, sim, sua aula é somente depois do almoço. — Ajeita o rabo de cavalo na cabeça da menina. — Agora vá lá. Daqui a pouco eu te chamo para ir comigo ao depósito.

A loira lança um pedido silencioso ao tal Mau, que o devolve, assentindo, não sem antes percorrer uma avaliação completa por mim. O sujeito é um descarado.

— Tudo bem... Tchau, Sebastian... — Ana Carolina murmura, ligeiramente dramática.

— Adeus, Ana.

Gabrielle assiste à menina e ao sócio deixando a sala e encosta a porta atrás deles.

— Se eu não soubesse, diria que ela é sua filha.

— Ela é — afirma, perdendo o olhar terno que deu à menina ao me dirigir um descontente. — Você precisava mesmo assustar meu sócio e sentar sua bunda aí em meu lugar?

Levanto as mãos em rendição.

— Ora, pensei que amigos pudessem se sentir à vontade, não?

Gabrielle cruza os braços em frente ao peito.

— Não somos amigos, Sebastian.

Assinto devagar, contente.

— Tem razão. Sou o cara a quem você deve um favor e vim cobrar.

A cor e ousadia abandonam seu rosto na mesma velocidade.

— Ah, por favor, não me diga que... — Sacode a cabeça. — Esqueça, Sebastian, eu não posso fazer nada ilegal. Tenho duas filhas e... — limpa a garganta — e mais uma a caminho.

Arqueio a sobancelha, surpreso com a informação. Então corro o olhar por seu corpo esguio, sem qualquer indício de uma gravidez.

— Não me olhe assim. — Levanta o nariz, desafiadora, para logo encolher os ombros. — Eu só descobri ontem. Ainda estou encontrando um jeito de dizer ao meu marido.

— Por que você precisa *encontrar* um jeito? Por que não diz de uma vez? — Sim, é também uma crítica.

O que essas mulheres têm na cabeça, afinal?

Ela suspira profundamente.

E, surpreendendo-me, não exige que eu saia de sua cadeira. Pelo contrário, senta-se em frente à mesa, do outro lado.

— É uma menina — explica como se fizesse algum sentido.

— E o que tem isso?

— Max já tem três mulheres na vida dele. Acho que meu marido vai enlouquecer — é claro que está brincando, apesar da convincente comiseração.

Volto a olhar sua barriga nula.

— E como você sabe que é uma menina? Mal sua barriga está visível.

Outra expiração longa.

— Eu sonhei. — Apoia-se no encosto. — Mas, enfim, isto não é da sua conta. Agora, por favor, diga o que quer, Sebastian. Dependendo do que for, eu não posso te ajudar, infelizmente.

— Sorte sua, então, que é algo que está a seu alcance, não? — provoco preguiçosamente.

A mulher me espreita, mais desconfiada do que nunca.

Sorrindo, espero que todo o tipo de pensamento atravessasse seu cérebro esperto. Até que pego a sacola do chão, uma que ela não tinha visto ainda, e a coloco sobre a mesa.

— Aqui está o que quero de você, Gabrielle.

PENÉLOPE

Ensaio descer algumas vezes. “É só um almoço”, “é só um almoço”, repito a mim mesma, olhando, através do vidro do carro, para o restaurante lá fora. Mesas ao ar livre se estendem por um deque bonito de madeira, dando ares de um local descontraído. De longe, avisto Priscila em meio a quatro mulheres. Não sei por que razão, de repente me sinto uma intrometida em estar aqui, invadindo um momento de amigas.

— Você não está com medo de ir até lá, está? — a voz dele está zombeteira, quebrando a tensão quando parece compreender meus pensamentos antes mesmo que eu os expresse.

— Medo não... Só não quero me sentir, sei lá, intrusa. — Continuo olhando para a cena lá fora.

Uma carícia vem por trás do meu pescoço.

— Você não é. Se Priscila te convidou, é porque te quer aqui, espanhola.

Sorrio um tanto nervosamente quando me viro para ele.

— Sim. Você tem razão. E, no final, acho que será bom praticar essa coisa de fazer amizade, não é?

O olhar em seu rosto está cheio de orgulho.

— É isso aí, *cariño*. Além de que, você me parece muito boa em fazer as pessoas gostarem de você.

Mordo o lábio inferior para não me desmanchar feita uma tola com o elogio.

— Droga, que bajulador bonito eu tenho aqui.

O convencido assume aquela expressão de “fazer o que?”.

Seguro a maçaneta da porta.

— Bem, vamos lá — digo a mim mesma. Fazer amigas não deve ser difícil.

No entanto, antes que eu coloque o pé para fora, sou impedida por mãos que me seguram pela cintura rente ao lugar.

— Não está se esquecendo de nada?

Reviro os olhos.

— Acho que nunca vou me acostumar com esse seu lado pedante — provoco, interiormente amando a ideia de que agora podemos nos beijar livremente, sempre que eu desejar. Quis muito isso, imaginei, mas não pensei que chegaríamos a esse ponto, tampouco que eu estaria vivendo uma fase assim com esse homem.

É um tipo de sonho estranhamente real.

Unindo meus lábios num beicinho, vou me aproximando de sua boca; meu intento de beijar, no entanto, é interrompido pelo *cabrón* sorrindo feito um moleque, como se visse algo de muito engraçado.

— O que foi?

— Eu estava falando disto, espanhola. — Retira do compartimento próximo ao câmbio um cartão de cor preta com detalhes dourados. — Mas fico feliz que tenha se lembrado de se despedir corretamente.

Meu olhar cai para o cartão.

— O que é isso?

— Até a última vez que chequei, era um cartão.

A obviedade em seu rosto é ligeiramente irritante.

— Sim, eu sei, mas...?

— Para que pague suas despesas.

Nego firmemente.

— Sebastian, é sério, eu não vou aceitar seu dinheiro. De jeito nenhum.

Bem, na verdade, *mais* do seu dinheiro. Há 45 mil euros dele em minha conta atualmente.

A careta que faz é uma que pede por paciência aos Céus.

— Penélope, minha espanhola — floreia, condescendente —, coloque uma coisa nessa sua cabecinha linda. Agora somos uma família. Nada mais justo que compartilhemos nossas finanças.

— Não é neces...

— Além de que — ele me corta —, é meu filho aí dentro. Um pai não pode ser privado de cuidar de seu filho, pode?

Ele vai mesmo usar isso?

— Eu não acho certo, Sebastian.

Meu queixo é apanhado com gentileza para encontrar sua expressão um pouco mais séria.

— Nem tudo o que eu fizer, você achará certo, *cariño*. Mas precisa entender que algumas coisas são importantes para mim que sejam do meu jeito. — O polegar desliza uma carícia pelo contorno de minha bochecha, sem nunca quebrar nosso contato, transmitindo o quanto isso significa para ele. — Assim como você também pedirá que eu ceda em coisas que considera importantes, e eu terei de aceitar, mesmo contrariando a minha vontade. Relacionamentos são feitos de concessões, Penélope.

Difícil ignorar a verdade disso. Ignorar que ele sabe que também terá de respeitar minhas vontades. É essa cumplicidade exatamente o que eu espero do homem com quem escolhi estar.

— Eu entendo o que diz... Só não quero que pense que vou começar a me aproveitar de você por causa dessa gravidez.

— Não penso. Quero somente poder bancar as despesas de minha mulher e filho, como um bom pai faria. É muito simples. Não tire isso de mim.

Minha mulher.

Que remédio há?

— Vou me lembrar desta conversa no futuro, *cabrón* — brinco, buscando no humor uma fuga para um lado muito emotivo que vem ganhando cada dia mais espaço dentro de mim ultimamente. — E só para que conste: *eres el hombre más manipulador que he conocido!*^[58]

A densidade evapora um pouco. No lugar, fica um brilho intenso nas esferas castanhas, que fala muito sobre o que ele sente.

— *Sí, y soy también lo que más te quer* ^[59] — arremata num espanhol carregado e aquele sorriso torto que afunda suas raízes em meu coração.

Sabendo que nunca terei chances de ganhar uma disputa com esse homem, aceito o cartão chique. A senha, ele admite fingindo consternação, é o ano de nascimento da avó. Um sujeito com ares de mau, do tipo que faria encolher o mais corajoso dos homens apenas com um de seus olhares fulminantes, fez uma senha assim.

— Um fofo, sabia? — brinco antes de grudar um beijo selinho em sua boca, incapaz de resistir.

Sua gargalhada gostosa preenche todo o carro.

— Só não conte sobre esse meu lado a ninguém, sim? Preciso manter minha reputação.

Cruzo os dedos e os beijo em sinal de promessa.

— Seu segredo está seguro!

— Vá lá, espanhola. Encante essas mulheres como faz com todos.

Sua intenção é me encorajar, e fico realmente grata.

Desço mais confiante e vou até elas.

Priscila é a primeira a me ver, parecendo que estava esperando que eu descesse.

— Aí está a garota de quem falei! Finalmente! — Levanta-se sorrindo abertamente. — Demorou a encontrar o endereço, Loupe? — junto das amigas, Priscila fala um português meio espanholizado que consigo compreender muito bem.

Minhas bochechas coram. Ela me viu demorar no carro.

— Só estava me despedindo, você sabe. Aquele russo é um tanto sentimental demais em despedidas — brinco, arrancando um sorriso ainda maior dela, daqueles que diz “você é das minhas!”.

— Deixe-me apresentar minhas irmãs — começa, orgulhosa. — Essas aqui são Júlia, Alice, Katarina e Gabrielle. Meninas, essa é a Penélope, *Loupe*.

Conforme são apresentadas, vou cumprimentando com um *olá, que tal?* cada mulher, até que, quando percebo, estou recebendo beijos no rosto e abraços, numa intimidade de amigas que se conhecem há muito tempo. Calorosas iguais aos espanhóis. Estranhamente, eu me sinto em casa.

— Garota, conte pra gente seu segredo. Como é que capturou aquele bom pedaço de homem? — Katarina é a que pergunta de uma vez, em tom cúmplice, divertida.

Uma pontada de ciúmes toma meu peito; elas provavelmente o conhecem, talvez bem até demais.

Lambo os lábios, afastando a imagem de minha mente.

— Eu engravidei — digo exatamente isso.

Quatro ou cinco segundos de silêncio, olhos correm furtivamente entre uma e outra... até que as risadas explodem, de todas, sem exceção.

— Eu não falei? — Pini se gaba. — A garota é das nossas.

Bem, não era uma piada. Talvez ainda não seja.

— Como foi sua viagem, Loupe? — Alice pergunta puxando assunto, parecendo realmente interessada, de um jeito delicado.

Para lhe responder, reflito entre dizer um *Ah, você sabe, foi boa, obrigada por perguntar* ou ser sincera.

— Eu nem vi muito, na verdade. Tenho pânico de avião, pânico mesmo, então dormi o caminho todo. — Contraio levemente os ombros ante a lembrança da decolagem e do pouso, as únicas que tenho.

— Ah, pois já temos algo em comum. Eu também detesto voos — Júlia diz.

— Detesta tanto que embarca em um semanalmente, entre a fazenda e aqui — Katarina zomba da amiga, porém, o modo terno como o faz demonstra o nível de amor e respeito nessa amizade.

— Bem, é isso ou fazer todo o caminho de carro. — Júlia lança a ela um olhar fingidamente oblíquo. — E eu só conheço uma pessoa capaz disso.

Katarina acena com um gesto de mão, feito quem não sente culpa nenhuma de alguma coisa.

— Eu tinha um bom motivo, garota, afinal, que desculpa eu teria para viajar todo o caminho de volta ao lado de seu irmão? Voos costumam ser rápidos demais, e nós precisávamos de *tempo* — frisa a palavra “tempo”, como se fosse o ponto crucial da narrativa. — Muito, *muito* tempo.

Fico realmente sem entender.

Percebendo, Pini explica:

— A Katy e o irmão da Ju, o Dani, hoje são praticamente casados...

— *Praticamente*. A garota decidiu finalmente dizer o sim — Gabrielle faz um adendo.

Desvio o olhar para ela por alguns instantes, notando como me observa com cuidado desde que cheguei. Uma mulher loira bonita, alta como eu, ou talvez um pouco mais, porém, ao contrário de mim, dona de uma cintura fina, seios de bom tamanho, corpo semelhante a uma boneca Barbie reproduzida cuidadosamente pela natureza. Acho que a invejo um pouquinho. Em troca, ela me sorri, um sorriso absolutamente honesto... Além da boa aparência, ainda me parece uma pessoa legal.

— Sim — Priscila continua, atraindo de volta minha atenção —, vão se casar, *finalmente*. Mas o ponto é que eles namoraram no passado e depois ficaram um tempo longe...

— Uma década — Katy observa. — Uma década *inteira*.

Caramba!

— E se reencontraram no noivado da Ju, na fazenda do Frederico, a uns 500km daqui — Pini segue.

— Frederico era o noivo, no caso — Júlia é a que interrompe agora, gracejando —, hoje, marido. — Mostra a aliança.

Fico um pouco zozza, mas acabo rindo da dinâmica como contam a história.

— E minha garota aqui, espertamente, em vez de pegar o avião até lá, como todas nós fizemos, decidiu ir dirigindo — Pini vai contando, apesar das interrupções.

— Você sabe, Loupe, eu queria evitar passar muito tempo ao lado dele. — Katarina dá de ombros. — Precisava me valorizar depois de uma década inteira.

Eu entendo. Sim, sim, entendo.

— Acontece que, no final, meu irmão foi um pouco mais esperto. Percebeu que a intenção dela, indo de carro, era fugir dele e...

— E ele pediu uma carona! — Pini, Júlia e Katarina contam juntas,

arrancando uma boa risada da mesa.

Katarina, então, expira uma lufada barulhenta, fingindo desgosto.

— Dá para acreditar? Eu lá, querendo sair de fininho para não ter de passar mais um dia presa a ele numa fazenda, tomei um baita susto quando o filho da mãe apareceu ao lado do meu carro, furtivamente, bem no momento em que eu estava pronta para voltar pra casa. Detalhe: antes do dia clarear.

Mordo o lábio para não rir. Homens são manipuladores em qualquer lugar do mundo, pelo jeito.

Gabrielle faz um aceno com a mão para o garçom, que só estava esperando isso para se aproximar.

Olhando para elas, penso que terei de pedir uma salada dessas miseráveis que as mulheres comem, para não destoar do grupo, porém, surpreendo-me quando os pedidos giram em torno de files, batatas fritas e alguns bolinhos fritos que – dizem elas – são especialidade da casa.

Não vou negar o alívio de saber que elas gostam de comida. Algumas mulheres parecem ter vergonha disso.

— Pensei que você traria a Ana com você, Gabi — Alice comenta, bebericando o suco gelado.

— Ela bem que tentou quando eu disse que encontraria vocês, Ali, mas hoje é dia do ensaio para a apresentação de dança. Ela adora aquela aula.

— Este ano passou muito rápido, parece que foi por esses dias que fomos à apresentação de Natal dela, e o Natal já está quase aí outra vez — Katarina comenta.

Gabrielle assente, concordando.

— Nem me fale, em dois anos ela estará indo para uma escola maior. Pensar nisto me deixa um pouco apreensiva ainda. Não gosto da ideia de ela ter que passar por toda aquela adaptação outra vez.

A loira bonita se vira para mim, explicando. Acho bacana de sua parte.

— Minha filha sofreu um acidente quando era mais nova, Loupe. Ela perdeu uma perninha. Hoje usa uma prótese no lugar. Algumas crianças são um pouco maldosas em relação a isso, então essa coisa de “escola nova” é um tipo de temor, sabe?!

Disto eu entendo.

— Sei, sim. Se adultos são assim, imagine crianças educadas por adultos, não é?

— Este é ponto.

As refeições chegam, e, quando percebo, estou envolvida numa conversa boa com as mulheres, adaptando-nos à mistura de idiomas, elas explicando palavras que não compreendo, ou sou eu a explicar-lhes algumas expressões espanholas. Fato é que hoje consigo compreender o espírito de irmandade que as une. É tão claro que se torna quase visível aos olhos.

Em dado momento, Gabrielle, sentada ao meu lado direito, passa a contar um pouco mais sobre suas filhas, Ana Carolina e Raphaele – a expressão da mulher até muda com a menção. É algo bonito de ver, *inspirador*. Fico seriamente tentada a fazer perguntas sobre maternidade, porém, me controlo, e logo o assunto muda para o setor profissional, de todo modo. Ela conta que trabalha com moda, logo após elogiar minha escolha de saia plissada de cós-alto. Revelo que, apesar de meu peso, gosto de saias e roupas com cintura alta. Tornam-me mais feminina, é a sensação que tenho.

— Você tem bom gosto, Loupe, talvez possa me ajudar. — Estuda-me com atenção. — Entre renda e bordado, o que você acha mais bonito num vestido de festa? Estou trabalhando numa encomenda, e a cliente não se decidiu. Ela disse que quer os dois, mas, você sabe, sempre temos uma preferência, não é? Preciso entregar o desenho ainda hoje e não faço ideia do que colocar.

Mastigo um bom pedaço de filé, refletindo.

— Eu nunca pensei a esse respeito — comento após engolir. — Mas renda é bem delicado e feminino, não?! Acho que tenho uma queda maior por renda. — Medito um pouco mais: — Se bem que uns bordadinhos também são bonitos... — Sei que não estou ajudando, então, desculpo-me pela opinião vaga, explicando: — Eu não entendo muito deste assunto, sendo sincera. O mais perto que cheguei de uma estilista foi na vez em que fiz uma investigação para uma costureira. Ela pagou costurando roupas para mim, duas saias, um vestido e uma blusinha. O único problema é que o tecido era um só, uma peça grande, então fiquei com algumas roupas de modelos diferentes, mas com a mesma estampa.

Gabrielle sorri, achando graça.

— Você é investigadora?

Ah, Deus, enfim alguém que respeita a minha profissão! Nada de “você é detetive?”.

— Sou, sim — respondo com orgulho. — Faço diversos tipos de investigação. — Abocanho mais carne e mastigo. Logo sinto a necessidade de esclarecer: — Na maioria dos casos, infidelidade. Eu sigo cônjuges infiéis.

E não me envergonho.

— Tá brincando?! — Katy se intromete na conversa, animadíssima, como se eu tivesse acabado de dizer que transplanto corações.

— Tsc, tsc — nego que eu esteja brincando. — Faço exatamente isso. E não é um trabalho fácil. Um dia desses, tive de entrar num cemitério e me esconder atrás dos túmulos para pegar um casal em flagrante.

— Deixe-me adivinhar! Ele era coveiro? — ela palpita.

Faço certo mistério.

— Não. Ambos trabalhavam do outro lado da rua, mas gostavam de se encontrar ali por causa da privacidade, por assim dizer. Eu estava muito perto de me aproximar um pouco mais para obter um ângulo melhor, quando tropecei numa cova aberta. Por muito pouco não caio direto no buraco. Eu podia até ver os ossos lá dentro quando meu pé ficou preso.

— E você os pegou? — Júlia indaga em expectativa. Aliás, todas parecem estar.

— Não. Eles ouviram o meu grito e vieram ver o motivo. Foi um tanto desconcertante. A mulher foi tão legal comigo, me ajudando, que eu me senti péssima em fotografá-los.

Pini franze o cenho.

— Mas e quanto à pessoa que te contratou?

Deixo uns segundos de mistério no ar antes de revelar:

— Eu fui contratada pelo marido dela. Só que, ao conhecê-la, refleti um pouco. A verdade é que o marido era tão desleal que parecia meio ridículo ser *ele* a querer dar um flagrante na esposa. Sei porque fui procurá-lo no trabalho para dizer que eu ia desistir da tarefa e o vi sair detrás do balcão da loja de

materiais de construção do qual era proprietário agarrado à única funcionária do lugar. Em seu escritório, ele me contou da cláusula de fidelidade do contrato nupcial deles. Quem traísse, perderia parte na divisão dos bens. Ele queria apenas ser aquele a deixá-la sem nada.

Silêncio.

— Eu não dormiria bem à noite se tivesse contribuído com isso... — acrescento.

— Lealdade feminina. — Katarina levanta o copo em aprovação. — Muito bem, Loupe. Há caras que são uns sacanas.

— Sim, definitivamente. Não era um contrato muito justo — Júlia comenta. — Sempre que alguém me procura para redigir um documento assim, eu lhes alerto quanto ao risco ser bilateral. Afinal, lealdade tem de servir aos dois lados.

— No caso dele, acho que merecia perder a parte dos bens; ao menos aprenderia uma lição — Gabrielle contribui com meu pensamento.

— Sim, uma boa lição: nunca traia alguém mais esperto que você, que se esconde num cemitério para não ser pego! — Katarina arremata, rindo e fazendo todas rirem também.

No fim, acho que eu adoraria poder ser mesmo amiga delas.

— Já que estamos todas aqui, o que acham de irmos ao Centro Comunitário essa noite? — Alice sugere, no clima de risos.

Uma enxurrada de “sim, vamos”, “seria legal” vai saindo delas.

Priscila diz:

— Eu senti falta daquele lugar. Ia dizer isso também. Acho que você vai gostar de lá, Loupe.

— O que é o Centro Comunitário? — indago com interesse.

Alice explica:

— Lá, Loupe, é um espaço onde voluntários trabalham todas as noites para fazer refeições aos moradores mais carentes do bairro e àqueles que vivem nas ruas também. O centro é administrado por um amigo nosso, o Dominic.

— Já faz alguns anos que somos voluntárias meio que regularmente —

Júlia conta também.

— Poxa, me parece um trabalho muito bacana.

— E é, garota — Pini afirma. — É o tipo de coisa em que quem ganha, no final, é a gente mesmo. A sensação de poder estar lá, fazendo algo, é mesmo muito boa.

— E Luna que nos perdoe, mas poder passar algumas horas observando o Dominic também não é nada ruim — Katarina maliciosamente adiciona, arrancando sorrisinhos cúmplices das mulheres.

Gabrielle, mordendo o lábio, sacode a cabeça.

— Acho que o Max tem um pouquinho de ciúmes do Dom...

Katarina meio que bufa.

— Acrescente um pouco mais de ciúmes aí, e você está falando do Dani. Ele me viu abraçar o Dominic um dia e praticamente surtou. Foi meio confuso ter de explicar que aquele homem é honrado demais para cair nas minhas garras e que ele tinha acabado de me salvar de um tiro.

Oh...

Júlia bate com o próprio ombro no da amiga, sorrindo feito uma menina.

— Pois o Fred teve a mesma reação. Ficou lá todo “homem das cavernas” em torno do cara.

Alice brinca com o canudo do copo.

— O Ben também — revela mais timidamente. — Na noite em que ele foi lá, me viu abraçando o Dominic. Era uma despedida, mas, como não estávamos juntos, ele entendeu errado.

Todas olham para Priscila, inclusive eu, a fim de saber se ela teve alguma experiência assim.

— Bem, garotas. Não acho que meu marido tenha me visto abraçando ou conversando com o Dominic. Mas sempre que me escuta dizer que estou indo lá, noto como fica todo possessivo. Inclusive se oferece para me levar e buscar. — Sacode a cabeça. — Deve ser coisa de homem... E aquele russo, em particular, é realmente um bom Neandertal quando o assunto é marcar território.

Observo-as e inevitavelmente penso: *Homens...*

Capítulo 53

SEBASTIAN

— Elliot quer ficar lá pelo tempo que isso durar — revelo escorado contra o carro preto, do lado de fora, sob a noite fresca.

Gael, com as mãos nos bolsos da calça, mantém seu olhar impassível sobre a porta do lugar.

— Localizaram o irmão mais novo?

Contenho-me de explicar que foi por esse motivo que pedi a Ed e Bola que ficassem na Espanha com Elliot. Não havia indícios de que o Molina mais novo estava envolvido na sujeirada da família, tampouco o contrário.

— Eles estão monitorando a situação — o que significa que estão caçando pistas do moleque para garantir que ele não será um problema no futuro.

— Deixe que eles resolvam essa merda e cuide de sua família. Os caras podem lidar com isso.

Dou-lhe um sorriso frio.

— Você poderia ouvir seus próprios conselhos.

O puto eleva a sobrancelha grossa e negra.

— Por falar nisto, eu teria dado carona à espanhola até seu flat enquanto você resolvia seus assuntos — capto o humor em seu timbre afiado feito uma lâmina brilhante, tal qual seu cabelo escuro refletindo a luz da lua.

Sei que sua intenção é me provocar e não o poupo do golpe.

— Na última vez em que a deixei sob seus cuidados, tive de viajar 4 mil quilômetros para pegá-la de volta. Acho que essa, eu passo. — Descanso a sola de minha bota arrogantemente contra o para-choque do SUV negro.

— Não me agradeça — ele rosna sem perder a aura arrogante.

Somos iguais, é um fato.

Confiro o relógio pela terceira vez nos últimos minutos. Faz ao menos meia hora desde que o último frequentador foi embora, e nada de as mulheres deixarem o local.

— Qual é a razão da impaciência, Sebastian? — ele pergunta sustentando um maldito sorriso torto quando gira a cabeça para me observar. — Algum problema com sua menina frequentando o espaço do cara?

Retribuo a impassibilidade enquanto relaxo contra a lataria.

— Não. Penélope não é o tipo que faz amizade rápido — é claro que é uma mentira deslavada, porém, blefo. — Sua esposa, no entanto, me parece muito amiga de todos aí. A contar pelo horário, devem estar se atualizando lá dentro sobre os feitos do tal, como é mesmo o nome dele? Ah, sim, *Dom*. Priscila me disse outro dia.

Dom. O apelido o desestabiliza, sei disso. Noto a rigidez em sua mandíbula.

Não há outro cara mais ciumento do que o imbecil no mundo.

Meu sorriso morre, no entanto, quando paro para refletir sobre a espanhola toda cativante com seus sorrisinhos e histórias engraçadas, sobre como ela consegue atrair a atenção de todos à sua volta.

Inferno!

Afasto-me do carro.

— Eu vou lá ver por que diabos estão demorando tanto — rosno.

Gael não comenta, mas sei que me segue. Acho até que estava ansioso por isso.

Alguns passos até a entrada, e tenho uma visão geral do barracão, agora praticamente vazio, visto que os frequentadores já foram todos embora. O lugar iluminado destaca bem os grupos de conversa lá dentro.

De um lado, estão Gabrielle, Katarina, a ruiva esposa de Dominic — Luna — e aquela que é sua cunhada... busco em minha memória seu nome. Jasmine, se não me engano. Próximo a elas, Priscila conversa animadamente com a velha ajudante de Dominic no centro — Simone —, Júlia e Alice.

Diabos!

E, lá ao fundo, Dominic, o bom e velho samaritano, escuta atentamente

uma entusiasmada espanhola que fala pelos cotovelos. Basta alguns segundos para observar a maneira como ela de repente se torna toda meiga e derretida na presença do sujeito, como para de falar quando ele ri e o contempla feito quem vê uma miragem. O que, inferno, esse cara tem afinal?!

Uma mão pesada dá tapinhas condescendentes em meu ombro.

— Pelo visto, a conversa lá está boa — posso escutar o deboche alto e claro.

Ranjo os dentes e cerro os punhos para não socar Gael.

A vida é mesmo uma cadela pronta para jogar seus pecados contra você, não é?!

Sem pensar no papel de tolo que estou fazendo, simplesmente me pego entrando no galpão limpo e bem cuidado. Devagar, passo a passo vou me encaminhando até o casal. Priscila, um pouco mais distante, me enxerga. Percebo como a infeliz segura o riso. Dou a ela um olhar que promete retribuição.

Conforme estou mais perto de Dominic e Penélope, consigo escutar parte da conversa. A espanhola é toda elogios:

— ...e é realmente tão legal esse trabalho de vocês aqui, Dominic! Só quem já viveu nas ruas sabe o quanto...

Limpo a garganta quando já estou no campo de visão de ambos. E não me detenho nisso, aproximo-me até estar frente a frente.

— Sebastian — ele cumprimenta, ciente de que um dia, no passado, fui eu a ajudar a resgatar sua mulher quando ela foi sequestrada.

— Dominic — devolvo num rosnado, praticamente dizendo: *pague-me ficando longe da minha mulher, porra!*

— Oi, Sebastian. — A espertinha mal me olha. — Eu estava dizendo ao Dominic o quanto é incrível o que ele faz aqui.

Não, espanhola, você não disse nada sobre incrível. Você disse “legal”. E pare de babar!

— É, ele é um cara e tanto. — Continuo fulminando o sujeito galã, que, maldição, parece nem se dar conta da forma ridícula como essas tolas ficam ao seu redor. — Como vai sua *esposa*?

— Luna está bem. — Penso enxergar uma menção de um sorriso calmo por baixo da barba do imbecil. — Agradeço que tenha perguntado.

Dou de ombros com ar magnânimo que me torna um imbecil ainda maior.

— Não por isso. É bom mantermos as informações atualizadas.

Eu o encaro, e o sujeito me encara de volta, enfrentando a ameaça. E então se dirige à minha mulher:

— Espero que volte enquanto ainda estiver por aqui, Penélope — ele diz cordial, honesto.

Ela voltará quando o inferno virar uma praia quente, idiota!

— Ah, Dominic, é claro que sim! *Madre de Dios*, quero voltar todos os dias se você permitir.

Dominic lhe sorri, provavelmente gostando do modo expansivo da espanhola.

— Considere-se convidada. — E, com isso, com a maior pinta de um maldito deus da benevolência, ele sai, não sem antes me lançar um olhar que me chama de imbecil por estar com ciúmes.

A infeliz simplesmente suspira, sonhadora.

— Deveria haver mais Dominics no mundo.

— Não, está mais do que bom a quantidade que já existe.

A partir de meu tom de voz, seu olhar de cenho franzido sobe para topar com o meu. Acho que ela não gosta muito do que encontra em mim. Ótimo, também não gostei de seu sorriso bobo diante do cara.

— Ciúmes, *cabrón*?

Quero rir. Porém, não encontro qualquer disposição para isso.

— Depende. Eu devo ter?

A última coisa que quero no mundo é essa espanhola fazendo comparações entre o sujeito e mim para, no final, concluir que não sou tão bom e com o caminho ladrilhado diretamente para o céu, feito o imbecil.

Ela sorve uma respiração longa, reflexiva.

— Não. Acho que não. — Faz um beicinho. *Infeliz!* — Gosto mais dos

morenos. Além de que, a esposa dele é uma pessoa tão legal quanto ele. Acho que eu não teria a menor chance.

— Penélope... — rosno um aviso sério.

O rosto salpicado de sardas se ilumina num sorrisinho trapaceiro.

— Relaxe, Sebastian. Acho que já tirei a sorte grande com o pai de meu filho.

— *Filha* — corrijo. — Será uma menina. E puxará o bom gênio da mãe.

Não. Não foi um elogio.

PENÉLOPE

Outra vez me pego na beirada da cama observando o celular.

Uma mensagem, uma simples mensagem, que escrevo e apago dezenas de vezes. Ela me impede de fazer contato. Honestamente, o que eu deveria dizer? *Oi, senhor Antônio Carlos Duarte, eu me chamo Penélope, sou filha de Paz Veslasco, a grande atriz espanhola de teatro dos anos oitenta. Tudo bem? A propósito, sou sua filha também e estou no Brasil para te conhecer.*

Ah, mas que droga! Por que é tão difícil?

— Pelo modo como bate esse aparelho contra sua mão, estou bem perto de acreditar que fará um buraco — Sebastian ronrona, chegando sorrateiramente por trás e se aconchegando às minhas costas.

Deixo o celular de lado e o olho por cima do ombro.

— Um dia você me matará de susto, sabe?!

Ele estava na varanda, numa ligação, e entrou tão silenciosamente que não ouvi.

Um beijo é plantando na curva de meu pescoço.

— Espero que não, espanhola. Quero você bem viva. — Passeia os lábios tranquilamente pela curva de meu pescoço e para sobre a carótida. — Com esse sangue quente correndo por suas veias. — Fecha uma mordidinha

ali que me faz estremecer e apoiar a cabeça para trás.

— Como foi seu dia? — pergunto apenas porque preciso manter uma conversa e não me derreter.

— Não fiz nada demais. E seu almoço com as mulheres? — também inquire com a intenção de me distrair.

— Foi bom. Gostei dela. De todas elas...

O nariz vem sorvendo o caminho para detrás de minha orelha.

— Vi o modo derretido como você ficou esta noite perto daquele cagalhão, Penélope — há uma promessa no ar em sua observação.

Mordendo o lábio, embarco em sua onda.

— Não o chame assim, Sebastian... — Meu lóbulo é preso entre os dentes retos, porém, afiados feito lâminas.

— Acho que devo te lembrar que não sou um homem disposto a dividir a atenção, Penélope. — Lambe o local, cujo sangue se tornou pulsante pela mordida sensual. — Sou territorialista. Gosto de manter o que é meu somente para mim.

Reteso-me sob o gesto.

— Uma das coisas que aprendemos no orfanato é que nada é nosso, *cabron*. Não devemos nos prender a materialismos — provoco-o, amando o clima denso que vem causando um frisson gostoso por todos os pontos de meu corpo.

Meu roupão de banho é desamarrado. Mãos firmem percorrem-me a cintura por trás, subindo vagarosamente.

— Tudo o que está sob minhas mãos é meu, moça. Não se engane.

Provocativamente, pega meus seios pesados juntos, engatando os mamilos por entre os dedos enquanto os massageia.

— Seu corpo é meu.

Lábios quentes percorrem meu pescoço, nuca, o início das costas, arrepiando tudo pela frente.

— Sua boca atrevida é minha.

Inclino a cabeça mais para o lado quando sei que virá para um beijo. A língua brinca com o cantinho de meus lábios, apenas isso.

— Seus sorrisos, eles são somente meus.

Madre...

— Homem... — Suspiro de modo entrecortado. — Isso é bem coisa de um neto mimado, sabia?

Sebastian emite uma risada rouca, afetada, que reverbera em minha pele.

E, de repente, me solta.

— Fique em pé, espanhola — ordena, calmo, com um toque de satisfação.

Um calafrio percorre minha coluna inteira em antecipação quando busco seu olhar. Há um aviso ali, um que alerta sobre eu estar mexendo com uma fera, descuidadamente, e pagarei um preço por isso.

— Desculpe — apresso-me em dizer em tom de brincadeira, mas com um fundo de verdade.

— Pelo que está se desculpando? — pergunta parecendo genuinamente curioso enquanto habilmente termina de tirar o meu roupão, deixando-me nua, em pé, em frente à cama.

Encolho os ombros, tentada a cruzar os braços diante dos seios e escondê-los. O ligeiro espreitar de olhos me desafia a fazer isso. Desisto e deixo os braços tensamente retos aos lados do corpo.

— Por provocá-lo?

Outra risada rouca.

— *Nahuí*, você nem ao menos está arrependida de flertar com o cara, está?

Troco o peso de meu corpo de um pé para o outro. Não posso evitar o gracejo pinicando na ponta de minha língua:

— Sou uma “flertadora” nata; coisas assim são impossíveis de ser evitadas. — E, demonstrando alguma humildade, encolho um pouco os ombros, resiliente.

Descalço, pés no chão, calça jeans de tom claro intencionalmente desfiada em algumas partes, caída sobre os quadris estreitos, Sebastian tira a camiseta pela gola e a joga sobre a poltrona de canto, ficando de peito nu.

Engulo em seco.

Ele aspira o cheiro de meu cabelo uma única e profunda vez e passa a circular meu corpo lentamente, esbarrando o seu no meu, um roçar leve, apenas para me excitar.

— Uma “flertadora” nata — repete testando o som em sua língua.

— N-nem tanto... Acho que eu aumentei um pouquinho.

— Não se preocupe em desculpar-se agora, espanhola — murmura rente ao meu ouvido, encobrendo-me com seu tamanho. — Acho que é um pouco tarde para o que eu tenho em mente.

— Irmã Úrsula diria que nunca é tarde para mudar de ideia.

Dedos compridos enroscam-se na pequena linha de pelos pubianos que mantenho ali e brincam enquanto a boca permanece murmurando numa voz deliciosa:

— Irmã Úrsula sequer sonha com as coisas que quero fazer com você. Ela ficaria horrorizada demais.

— Meu Deus, *cabron*, não diga esse tipo d... — choramingo, separando intencionalmente minhas pernas um pouquinho quando o dedo separa meus lábios, fácil demais, entregando o teor de minha umidade.

— Você adora isso, não é? Olhe só para como está, toda molhada, ansiosa por mim.

Nada espirituoso o suficiente me ajuda a negar. Eu estaria mentindo.

Circulando outro vez meu corpo, quando percebo, Sebastian está no chão, ajoelhado, o sorriso de dentes retos posto de lado, torto, inflamado pelas chamas brilhando nas esferas escurecidas a fitarem diretamente as minhas.

Quero tapar o rosto, mortificada por o querer tanto.

— Peça.

Ele vai me fazer pedir, é claro que sim.

Cogito levantar o queixo e negar, cruzar as pernas e dar um súbito alívio ao centro latejante... porém, não há orgulho no mundo que me detenha de receber todas as promessas presentes nos olhos desse homem. Eu o quero. Eu o quis pela primeira vez naquela boate em Amsterdã, e hoje ele é meu.

Meu. *Meu.*

— Toque-me, Sebastian.

As narinas dele se separam numa lufada tensa de ar.

— Seu pedido é uma ordem, *mi señora*.

O choque de receber sua língua quente contra minha abertura é emocionante. Um frio gostoso vem junto bagunçar a boca de meu estômago. E eu me dou para ele. Abro mais as pernas, apoio as mãos em seus ombros em busca de equilíbrio e me deleito com a capacidade certa que esse homem tem de fazer com que eu me pegue contraindo as pontas dos pés, prestes a me quebrar com a descarga elétrica que ameaça romper e me rasgar a qualquer minuto. Sem timidez, arranho sua pele quando as sensações se tornam demais.

Entretanto, no instante seguinte, travo. Meu corpo inteiro simplesmente paralisa.

Engulo a pouca saliva, abrindo os olhos... *arregalando-os*, melhor dizendo.

— O que... — lambo os lábios ressecados pelo tesão — o que você está fazendo? — murmuro.

O peito do sujeito infla absurdamente, num orgulho e possessividade assombrosos.

— Você me fez ver que há uma parte de você que ainda não é minha, Penélope. — O dedo continua brincando com a entrada apertada em minha bunda, lambuzada por minha própria umidade, que ele deslizou para lá sem que eu me desse conta.

Contraio os músculos sensíveis do feixe de nervos, bloqueando o acesso.

— Eu não... Eu não faço anal, Sebastian — digo como se isso explicasse muita coisa, como se eu o persuadissem a desistir da ideia. O que não revelo é que já fiz, fui obrigada, e odiei ser invadida daquela forma.

Acho que ele lê a verdade em mim. A ferocidade em seus traços sombrios se destaca, porém, é cuidadosamente maquiada pelo tom de voz melodioso, feito uma serpente disposta a dar o bote:

— Eu farei com que seja bom para você. Vou te marcar aqui — alisa a

região numa carícia atrevida — de um modo que só se lembrará de mim e nada mais antes disso.

Outra vez as possibilidades são limitadas: ou criar uma memória nova e melhor, ou continuar deixando que isto seja um tabu em minha vida, algo que me remete a um passado que nunca mais quero lembrar.

Confiança. É tudo sobre confiar no outro.

— Cumpra sua palavra — determino.

Orgulho e mais paixão é somente o que enxergo nele.

— Você implorará por meu pau aqui, menina. — Não se detém apenas em alisar, vira-me e corre a língua pelo espaço.

E, quando me dá prazer por todos os lados, o faz até que suor escorre por suas costas. Entrega-se à tarefa de me marcar realmente como sua, como a mulher desejada e bonita com todas as curvas e imperfeições.

Ao cair na cama, mole, tremendo dos pés ao couro cabeludo, um único pensamento me vem à mente: eu gostaria que ele repetisse o pedido de casamento.

Gostaria de poder dizer um milhão de vezes sim!

Capítulo 54

PENÉLOPE

O dia amanheceu quente. Passa pouco das 8h30 da manhã, e o sol já brilha forte pela janela. Sebastian não me deu moleza, praticamente me empurrou para o chuveiro. Disse que eu precisava fazer um bom desjejum para repor a energia gasta durante a noite, e que me levaria a um passeio. *Precisamos aproveitar seu tempo aqui para conhecer a cidade, espanhola*, ele disse.

— Se você não sair, moça, serei obrigado a entrar aí outra vez. — O *cabrón* aparece à porta e me pega desprevenida, escorada contra a parede, deixando a água do chuveiro cair quentinha sobre meu corpo enquanto tiro um cochilo em pé.

— Droga, homem. Por que temos de ir passear tão cedo?

Não preciso olhar para saber que ele ri.

— Porque há muito o que temos de fazer hoje — solta essa e some.

Grávidas deveriam ter algum privilégio quanto a dormir até mais tarde, não?

A roupa que escolho é uma camisa azul clarinha e a calça jeans mostarda de barra justa. Nos pés, sapatilhas confortáveis. Arrumo meu cabelo de um jeito em que ele fica semipreso e decido passar também um batonzinho para dar uma cor ao rosto. Sebastian me inspira a ficar bonita, essa é a verdade.

Pego seu olhar em mim através do espelho, contente, admirado e orgulhoso. O jeito que eu sempre quis ser enxergada através dos olhos de alguém. E, com isso, eu meio que tomo uma decisão. Se, até o fim desta viagem, ele não mencionar o pedido de casamento outra vez, acho que serei eu a pessoa que o fará. Não duvido do amor desse homem, não mais. Quando ele apareceu em minha porta, achei que poderia estar confuso, querer mais do

mundo do que se prender a alguém tão cedo, porém, a cada minuto a mais ao seu lado, venho tendo certeza de que é a mim que ele quer. Sebastian está sinalizando que teremos um futuro juntos. E eu quero esse futuro mais do que tudo.

— Esse seu olhar está me assustando — o *hombr*e brinca, leve, escorado à porta do quarto, de jeans, camiseta e óculos escuros na gola, pronto para exibir o homem lindo e mau para o mundo lá fora.

— Tô pensando no tamanho de minha sorte — digo exatamente o que penso.

Ele ri, afasta-se de onde está e vem devagar até mim.

— Sim, você é uma baita sortuda, moça. — Enlaça minha cintura e descansa o queixo em meu ombro. — Conseguiu me fazer ter disposição para andar por aí feito um desses turistas tolos que os brasileiros adoram engambelar.

Sorrio.

— Em defesa deles, digo que nós, os espanhóis, também adoramos um turista com a carteira cheia — revelo majestosamente —, ao contrário de alguns vendedores russos que mal se esforçam para compreender um idioma universal. — Pisco com um olho, lembrando-lhe do episódio com o vendedor de *matrioskas* desagradável no bairro onde fica a casa da vó Zhená.

— Somos um povo que gosta de ser conquistado — ele devolve também cerimoniosamente.

Aliso minha barriga.

— Que você puxe à simpatia dos espanhóis, *chico* — brinco.

— E o charme e beleza deles também — ele diz, encarando-me pelo reflexo, a mão pousada sobre a minha.

Suspiro sonhadoramente, conectada a ele. Eu vejo, sim, uma vida inteira com Sebastian. Não consigo pensar em ser feliz de outra forma.

Quero me abrir com ele sobre meu pai, contar-lhe que vim aqui também para tentar conhecê-lo. Acho que não disse antes porque tenho medo de ser rejeitada e não gostaria que Sebastian testemunhasse isso, mas agora somos uma família, como ele mesmo disse. Não há razão para segredos entre nós. Pedirei sua opinião essa noite.



— Para onde vamos? — pergunto, observando as ruas e avenidas ficando para trás.

— Primeiro, a uma fazenda de flores na saída da cidade. — Bataca tranquilamente os dedos contra o volante ao som de *Girls Like You* de Maroon 5 numa rádio local. — Pesquisei, e dizem que é um lugar legal para conhecer.

A letra da música diz: *eu passei a noite passada no último voo para te ver. Levei um dia todo tentando chegar até você, uuh. Nós passamos o nascer do Sol tentando melhorar as coisas entre nós. Mas agora está tudo bem, amor. Enrole esse baseado, amor. E fique comigo por perto.*

O sol brilhando lá fora numa paisagem bonita que corre através da janela aberta, o vento entrando e levando meu cabelo com ele, Sebastian, relaxado por trás dos óculos de sol escuros... acho que nunca vivi um momento tão simples e tão feliz antes... e simplesmente sinto vontade de cantar junto ao refrão da música. Cantar e botar para fora essa felicidade que cresce e cresce e cresce sem sentido.

— *Yeah, yeah, yeah. Yeah, yeah, yeah, I need a girl like you, yeah yeah. Yeah, yeah, yeah. Yeah, yeah, yeah, I need a girl like you* — começo timidamente e, quando percebo, estou cantando mais alto, movendo-me no banco como se eu faria se estivesse sozinha. — *Til sun down, when I come through I need a girl like you, yeah yeah.*

Sim, sim, sim, eu preciso de uma garota como você, sim, sim, eu preciso de uma garota como você. Até o Sol se pôr, quando eu chegar. Eu preciso de uma garota como você, sim, sim.

O sorriso bobo em seu rosto é algo que me faz sorrir e cantar mais. E interpretar a música fazendo gestos, apontando para ele.

Nunca fui tão feliz antes.

Nunca me senti mais viva e querendo simplesmente viver tudo o que o futuro tiver reservado para mim, porque a vida é boa, afinal.

— Se eu soubesse que um passeio te deixaria desse jeito, teria providenciado um a cada dia antes.

— *I need a boy like you, yeah, yeah, yeah* — adapto a letra para “menino” e aponto para ele, fazendo graça.

— Você já tem, espanhola. Já tem.

A entrada do lugar é uma visão e tanto. Um arco de flores compõe um tipo de passagem em meio a plantas trepadeiras. É um túnel alto, como aqueles que vemos nos filmes de fantasia. Ao passar por ele, então estamos dentro de um jardim simplesmente de tirar o fôlego. O campo de gramado verdinho se estende longo até uma construção enorme, aparentemente toda de ferro trançado, de dois andares. Aos lados, tudo o que se vê são flores coloridas agrupadas por espécies, desabrochadas.

— Uau... — Assovio baixinho, de boca aberta, então me viro para olhar para Sebastian por cima de um ombro. Estou rindo feito uma tola por sua sensibilidade de me trazer a um lugar como esse. — É mágico...

Mal termino de dizer e sou surpreendida pelo click da câmera de seu celular.

— O que voc...?

— Senti vontade de registrar o momento. — Lindamente, o homem bonito sacode os ombros, como se dissesse “não resisti”.

Abaixo o olhar e sacudo a cabeça, mordendo o lábio, apaixonada por esse bendito *cabrón*.

Droga, apaixonada é pouco. Estou caidinha por ele.

Ciente disso, Sebastian coloca seu braço em torno de meu ombro e planta um beijo no topo de minha cabeça.

— Você é meu universo agora, espanhola.

Aspiro o cheiro de roupa limpa de sua camiseta, grata por ter isso.

— Vamos lá, há um café lá dentro. Quero te alimentar antes de explorarmos o lugar.

Circundo o braço em sua cintura, e andamos juntos pelo passeio de paralelepípedos até a construção.

Vou tagarelando, apontando para algumas plantas pelo caminho, até

que estamos na rampa de acesso ao pequeno prédio. Uma ponte de arames sobre um lago artificial com peixes de verdade nadando livremente sob nossos pés.

O lugar guarda um café charmoso. Mesas pequenas e redondas de dois e quatro lugares estão colocadas uma muito perto da outra, adaptando-se ao cenário; noto, no entanto, que não estamos sozinhos.

Há um homem charmoso, grisalho, de óculos escuros, camisa estilo polo azul-marinho destacando braços ligeiramente bronzeados que exibem um homem em forma, de cabeça baixa, encarando fixamente a tela do celular. À sua frente, uma xícara de café não tocada.

A sensação é de que eu o conheço de algum lugar.

Sim... Eu... Eu acho que o conheço.

Meus pés travam no chão.

A garganta embarga.

Os olhos umedecem.

É ele.

O ator de novelas do Brasil, Antônio Carlos Duarte.

Meu pai.

Subo o olhar para Sebastian, que assiste atentamente à minha reação. Há encorajamento nas esferas castanhas, incentivo e força.

— Você sabia... — minha voz é um som impressionantemente baixo, emocionado.

— Ele está te esperando.

O soluço que escapa alto, antes que eu tenha tempo de tapar os lábios, chama a atenção do homem sentado à mesa.

Ele sobe a cabeça para nós. Ao retirar seus óculos de sol, vejo exatamente os meus próprios olhos e sobrancelhas refletidos nele.

— Penélope — leio meu nome nos seus lábios.

Um beijo é plantado no topo de meu cabelo.

— Vá, amor. Vocês têm muito o que conversar.

Muda, lágrimas escapam furtivamente enquanto balanço a cabeça nem

negando, nem confirmando. Acho que não consigo me mexer, a verdade é essa. Eu não estava preparada. Pensei que estivesse, mas não estava.

— Eu estarei logo ali — outra vez, o sujeito forte, pai do filho que carrego na barriga, mostra que já não estou mais sozinha.

Sim.

Corajosamente engulo o choro, a saliva, o medo. Levanto o queixo e passo a colocar um pé em frente ao outro, indo em direção ao meu pai. O homem que já esteve com minha mãe.

Ele se levanta da cadeira.

— Oi — sibilo, sem som, e não me preocupo em tentar repetir. Acho que ele ouviu.

Desço um olhar para a tela de seu celular, colocado sobre a mesa, e minha foto, a que Sebastian acabou de tirar a pouquíssimos minutos, está bem ali.

Estendo a mão.

— Eu sou Penélope Velasco. — Sim, sempre fui e sempre serei.

Ele sorri, um sorriso terno, estranho... como se também estivesse tão bagunçado por dentro como estou.

— Eu sei, você é exatamente como ela.

Minha mãe.

— Você... — Lambo os lábios ressecados. — Você se *lembra* dela?

Um tipo de emoção nova vem preenchendo seus olhos. *Pesar*. É o que parece.

— Eu amei sua mãe, Penélope.

Por alguns segundos inteiros, ficamos apenas assim, um olhando para o outro. Ele, mergulhado em algo em sua mente; e eu, processando que há alguém no mundo que compartilha do meu sangue. Um parente, o primeiro que conheço em uma vida inteira.

Ele me oferece a cadeira para que eu me sente, não sem antes lançar um olhar seguro para alguém atrás de mim. Checo e encontro Sebastian se virando para sair. O russo ficou pelo tempo de garantir que eu esteja bem e provavelmente deu algum aviso a meu pai.

Meu pai.

A moça que atende no café se aproxima trazendo a caderneta de pedidos. Enquanto ela encara bobamente o homem grisalho, feito uma fã que observa seu ídolo, digo que não quero nada. Não consigo engolir sequer água agora. Minha garganta está tão fechada.

— Eu garanti a seu noivo que a faria comer alguma coisa. Essa foi a condição que ele determinou para nos deixar sozinhos.

Noivo. Sebastian se apresentou assim. Sinto um pequeno alívio por saber que, para ele, a ideia do casamento ainda está de pé.

Antônio Carlos Duarte sorri de lado.

— *Uma das.* Acho que ele também mencionou algo como: *se a magoar, será a última coisa que fará.*

Sorrio também. O *cabrón* nunca decepçiona.

— Russos são um pouquinho temperamentais — brinco.

— Vocês estão juntos há muito tempo? — questiona com interesse.

Seu tom meio paternal, sem ainda me conhecer, é algo que mexe um pouco comigo.

Penso na resposta. É difícil simplificar o que Sebastian e eu vivemos. Tanta coisa aconteceu desde o episódio da vaga de estacionamento em Amsterdã.

— Não muito — escolho guardar essa parte apenas para mim.

Ele compreende, provavelmente. E assente.

O ator me observa por algum tempo.

— A semelhança entre vocês é um pouco impressionante — comenta, atraindo uma chama em mim de querer saber mais sobre minha mãe.

— Você conviveu com ela? Co-como ela era? — quero tanto saber por alguém que a tenha conhecido, saber como minha mãe era além das vagas lembranças de nós duas.

Noto seu peito inflar aos pouquinhos. Noto também a dor criar um flash distante dentro de suas íris.

— *Cheia de vida.* Paz era cheia de vida. A conheci quando embarquei para uma turnê na Espanha. Paz foi contratada para integrar o elenco

brasileiro da adaptação de *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare. Você já viu essa peça?

Nego com a cabeça. Nunca fui a um teatro, ironicamente, mas isso eu não digo.

— Paz era Hérnia, e eu fazia Lisandro, um casal de amantes que teve de fugir para uma floresta encantada para poder viver esse amor. Sua mãe fez a melhor interpretação da personagem que eu já vi até hoje, nestes trinta anos de carreira.

— Então vocês tiveram um relacionamento rápido... — concluo, ilustrando a história em minha mente.

Um casal jovem fazendo uma peça juntos, ele vindo de outro país apenas para uma temporada. Algo com data para acabar.

O ator nega tristemente.

— É muito mais do que palavras poderiam expressar, Penélope. Paz foi a mulher da minha vida.

Se eu não estivesse presenciando a dor em suas palavras, poderia ter duvidado. Porém, eu a vejo.

— Antes de viajar, eu deixei *alguém* no Brasil. Alguém com que eu iria me casar. A data e preparativos estavam certos.

Talvez, a partir de algo que enxerga em meu rosto, um julgamento que eu não quis fazer, ele se sente impelido a explicar:

— Não planejei trair minha noiva. Eu jamais poderia imaginar que, naquela viagem, conheceria sua mãe, que me apaixonaria daquele modo. O que tivemos, Penélope, sua mãe e eu, foi... — escolhe a palavra, exalando uma respiração, perdido em memórias — foi *avassalador*.

— Mas vocês não ficaram juntos...

— Quando Paz e eu começamos a nos envolver, eu disse a ela que tinha alguém e que estava disposto a terminar para ficarmos juntos. Minha intenção era romper o noivado quando a turnê acabasse. Porém, tive de voltar ao Brasil antes da hora. Marina, minha noiva aqui, descobriu um câncer em estado avançado e contava com minha presença. Tive de fazer uma escolha, voltar e estar ao lado de alguém que esteve comigo por três anos, num momento difícil, ou ficar e viver uma paixão com a mulher que estava havia

pouco tempo em minha vida, mas, de repente, se tornou uma obsessão. — Os olhos castanho-acobreados capturam os meus, honestos. — Não havia outra decisão que eu poderia ter tomado.

Ele optou pela lealdade, ainda que sem fidelidade, resumo.

Meu pai compreende o raciocínio.

— Foi a escolha mais difícil que já fiz. Sua mãe não a aceitou.

Durante todos esses anos, fiquei criando hipóteses para meu pai e mãe não terem ficado juntos. Pensei, sim, num relacionamento passageiro, uma aventura, pensei em tudo; ouvir dele, no entanto, é real. Torna a história mais humana.

Ainda assim, há algo que criou uma lacuna em minha vida.

— O que você fez quando soube da gravidez? — Estou acomodada na cadeira, observando-o fixamente, o corpo completamente concentrado nele. É a história da minha vida, afinal, narrada por um dos personagens principais.

— Eis a coisa engraçada disso tudo: sua mãe nunca me disse. Ela tinha uma razão para me manter ao seu lado, e não o fez. Os meses seguintes ao meu retorno foram duros. Marina não reagiu bem ao tratamento, os recursos daquela época não eram tão evoluídos quanto os de hoje. Tentei telefonar, enviar cartas à Paz, contar o que estava acontecendo. Minhas correspondências retornaram lacradas. Todas elas. Nenhuma ligação foi atendida. Demorei algum tempo a aceitar que eu a havia perdido.

O café frio à sua frente é substituído por um novo pela garçonete, à espreita do ídolo.

Permanecemos em silêncio enquanto ela trabalha.

Minha mãe não disse sobre a gravidez. Ela o privou, orgulhosa. Exatamente o que eu teria feito se Sebastian não tivesse voltado, se não tivesse descoberto aquele resultado junto comigo. O mesmo erro quase se repetiu. Paz Velasco também era sozinha no mundo, e, quando morreu, a filha ficou desamparada.

Involuntariamente levo a mão à minha barriga, ao bebezinho crescendo aqui, grata por como o destino decidiu resolver as coisas por nós.

Um copo de suco de frutas vermelhas é servido.

Recuso-o.

— Por favor, se alimente, Penélope. Estou em meio a uma novela; tenho a impressão de que seu noivo não me permitirá concluí-la, do contrário.

A garçonete arregala os olhos ao escutar, para então rir quando compreende a brincadeira.

Embora eu tenha dúvidas sobre ser realmente uma piada. Sebastian um dia se gabou de não fazer ameaças vãs.

Aceito e beberico um pouco, notando que minha boca estava seca mesmo, precisando disto.

— Eu me casei com a Marina — ele diz de uma vez, antes que eu pergunte. — Dois anos de tratamento sem sinais de melhora, então, quando a doença deu uma aliviada, senti que eu devia isso a ela. Devia um momento de felicidade. Nos casamos num dia de primavera como o de hoje. Um ano depois, o câncer se alastrou para outros órgãos, e Marina não aguentou mais a batalha.

— Eu sinto muito...

— Ela estava sofrendo.

Silêncio; a pergunta seguinte martelando em minha cabeça, até saltar da língua:

— Você procurou a minha mãe depois disso?

Ele nega.

— Não. Vi uma matéria sobre ela certa vez num jornal daqui. Paz parecia bem... parecia feliz. Pensei que estava vivendo um novo amor. Hoje sei que *você* era o motivo daquele aspecto diferente em seus olhos. Logo depois, recebi a notícia de sua morte.

Inalo uma profunda respiração, permitindo que ela entre por todos os meus poros.

Eu nunca guardei rancor ou pensei mal da pessoa que seria o meu pai, nem nos piores momentos na casa dos MolinaMolina. Hoje, adulta, consigo compreender histórias de amor que nem sempre dão certo. Consigo compreender também que minha mãe foi orgulhosa ao me ocultar dele.

— Se eu soubesse de sua existência, teria ido até o fim do mundo para te encontrar. Eu quero que saiba disso — não percebi que eu estava de cabeça baixa, mas a afirmação em sua voz me faz subir os olhos para ele, com a

certeza de que cada palavra é verdadeira.

— Eu tô feliz em te conhecer agora... — Não tento esconder o quanto esse momento me abala, o quanto me sinto emocionada por finalmente poder viver este dia.

O ator faz perguntas sobre mim, sobre o que aconteceu comigo depois da morte de minha mãe. Resumo uma jornada difícil em poucas palavras:

— Fui levada a um orfanato católico e adotada aos 14 anos por uma família.

Percebo como sua cabeça se inclina meio de lado, estudando-me com cautela. O problema é que ainda não me sinto confortável para narrar a minha parte da história. Talvez nunca esteja. Não quero, de alguma forma, colocar uma culpa em seu coração que não é dele.

E decido ir além, decido querer saber tudo sobre ele que eu puder.

— Por que não teve filhos?

Sim, eu pesquisei sobre ele.

Seus lábios se curvam, achando graça da objetividade.

— Depois de Paz, nunca encontrei uma mulher com quem eu quisesse ter algum. Além de que, acabei trabalhando demais e não vi o tempo passar. Um belo dia acordei assim, cheio de cabelos brancos. — A pele bem cuidada exhibe algumas ruguinhas ao redor dos olhos em um sorriso que se parece muito com o meu. — Embora a imprensa goste de dizer que sou exigente demais em minhas escolhas.

Sim, ele é um ator famoso no país, contratado por uma emissora de televisão para novelas desde os anos 90.

— Eu estou grávida — digo de repente, num impulso de querer dividir algo especial com esse homem.

É bonito de ver como sua boca abre, surpresa, e se fecha, e o ar de riso começa a tomar conta dela.

— Quer dizer que eu serei avô... — Finge meditar. — Um dia depois de descobrir que sou pai, fico sabendo que também serei avô. — Faz um beicinho pensativo. — É uma notícia e tanto. — Arrasta a própria cadeira para trás, levantando-se e contorna a mesa. — Será que eu posso...? — Abre os braços, insinuando um abraço.

Eu... eu...

Bem.

Levanto-me também e um tanto desajeitadamente, aliás, completamente desajeitada, meio que me encaixo no peito largo do homem alto, mas ainda menor do que Sebastian. Abraço o homem ao qual acabei de conhecer, mas que tem um significado tão importante na minha vida.

— Não vi você crescer, Penélope. Fui privado disso, mas quero estar presente na vida dessa criança. — Braços me envolvem de forma mais apertada. Penso até escutar seu coração bater festivamente. — Serei um bom avô, filha.

Filha.

Filha.

Filha.

A palavra martela, causando um tornado diferente na boca do estômago, refletindo um marejar em meus olhos. Fungo, evitando chorar.

— É, eu tô mesmo feliz por te encontrar, pai — e é tão, tão estranho dizer isto.

Quando me afasto do abraço, que dura uma vida, num silêncio reconfortante, eu olho dentro de seus olhos e vejo as lágrimas que ele também segurou. Depois de 26 anos, finalmente fomos apresentados um ao outro. Gostaria muito de que minha mãe estivesse aqui, que soubesse o quanto esse homem a amou. No entanto, algo dentro de mim sente que ela sabe. Sente que ela está presente neste momento.

Um pigarreio seguro de si é ouvido próximo.

Desfazemos o abraço, dando atenção à origem do som.

Meu russo, meu homem, está aqui. Apesar da expressão impassível, noto como seu olhar afiado me esquadrinha, atrás de saber se estou bem. Meu protetor.

— Obrigada — sibilo.

E então ele abre aquele semblante lindo, suavizado, que é direcionando somente a mim, no mundo inteiro.

— Acho que devo aproveitar o momento para fazer o que é certo, não?

— Arqueia a sobrancelha matreiramente.

Espreito-o desconfiada.

— Senhor Duarte, gostaria de pedir-lhe permissão para me casar com sua filha — não é um pedido nem aqui nem na China. É um comunicado. Algo que faz meu pai achar graça. Porém, ainda assim, o homem grisalho me olha atrás de saber minha opinião.

Sem pensar no papel de boba que possivelmente estou fazendo, eu me afasto dele e, em dois passos largos, jogo-me no colo do russo.

— Ah, *cabrón!* Pelo amor de Deus, eu pensei que você não repetiria o pedido nunca!

O homem ri alto enquanto me pega de modo apertado em seus braços.

— Isso é um sim?

— Ora, isso é um *claro que sim!*

Meu rosto, então, é preso em suas mãos, quando ele inclina a cabeça para alinhá-la à minha altura e olhar bem dentro de meus olhos.

— Estou satisfeito que tenha aceitado, espanhola. Afinal, há um dia de noiva preparado para você só te esperando.

A arrogância descarada junto à diversão ainda consegue me surpreender.

— Como é?

— O que ouviu, moça. Você não achou que eu obteria seu sim e permitiria que me enrolasse por sabe-se lá quanto tempo, achou? — Arqueia a sobrancelha.

Sacudo a cabeça.

— Droga, homem! Por que mesmo eu gosto tanto de você, hein?!

— Você não gosta, Penélope. Você ama — a seriedade não deixa dúvidas. — Assim como eu *amo* você. Agora vamos lá, não quero ficar te esperando tempo demais naquele altar.

Apoio minhas mãos por cima das suas.

— Fala que tá brincando...

Os lábios macios roçam os meus.

— Eu não brinco, espanhola. Pensei que soubesse.

— Você vai mesmo me fazer casar sem nada preparado?

— Tudo o que precisa ser já foi. — Mordisca minha boca, sem se preocupar com o expectador. — Não vou te dar chances de perceber o quanto você é demais para mim e fugir outra vez.

A afirmação toca meu coração, toca forte, ciente de que isso é realmente sério para ele.

E quer saber? Não importa como, se de calça e camisa e sapatilhas, eu embarcarei no que ele tem planejado, porque basta que estejamos unidos. Não importa como ou onde.

Meu pai, noto, nos assiste com certo alívio, possivelmente por testemunhar que estou em boas mãos.

Capítulo 55

PENÉLOPE

Quando esse homem disse que já tinha arranjado tudo, honestamente, eu não pensei que falasse sério. Uma casa foi alugada, uma *casa enorme*, onde ele me deixou no portão e saiu. Para meu espanto, Pini, Gabrielle, Alice, Júlia e Katarina estavam aqui para me receber, já me aguardavam.

— Quero que conheça seu vestido, Loupe — Gabrielle diz, levando-me à suíte.

Sobre a cama, cuidadosamente estendido, há um vestido absolutamente lindo, num branco perolizado muito elegante, mangas longas de renda vasada, cintura marcada, porém, abrindo-se fluidamente conforme desce pelo quadril e pernas, uma calda curta e discreta, do jeito que eu mesma teria escolhido para mim. Pequenos ramalhetes bordados marcam os dois lados da cintura, delicados. Se eu fosse escolher um vestido, seria exatamente esse.

Você prefere renda ou bordado?, ela perguntou despretensiosamente no almoço de ontem. Eu disse que estava na dúvida, e aqui, nesse vestido, há um pouco dos dois, harmoniosamente.

Olho da loira para as outras quatro mulheres à porta – exibindo uma alegre expectativa –, sem acreditar na única explicação que me ocorre.

— Você... você *fez* esse vestido? — a questão sai aguda, não escondendo minha surpresa.

A mulher sorri largamente, um tanto convencida, mas de um jeito engraçado.

— Sim. E, se quer saber, esse foi o meu recorde.

Não posso acreditar.

— Mas como sabia...? — aponto para o vestido, querendo dizer como sabia que eu me casaria e como sabia minhas medidas e meu gosto!

— Sebastian me procurou ontem de manhã. Ele levou um vestido seu,

um preto justo, com alças, e disse: *tire as medidas por aqui e faça um vestido de noiva para minha mulher* — ela o imita engrossando a voz arrogantemente, como ele faria.

— O vestido que usei para ir pela primeira vez à casa de Priscila, no jantar — lembro em voz alta.

— Bem, garota, ele fez uma boa escolha, você estava uma gata naquele dia — Pini comenta, assistindo-nos, escorada na penteadeira.

— Você sabia que ele faria isto? — gesticulo para o quarto, a casa, a situação toda, indagando-lhe.

A expressão cúmplice em seu rosto diz tudo.

— Ele pediu ajuda. E é claro, Sebastian sabe que minha irmã aqui entende tudo sobre casamentos — gabando a amiga, Priscila enrosca Alice num abraço pela cintura.

— De casamentos *surpresa*, principalmente — Katarina comenta divertida, provavelmente fazendo referência a alguma piada interna entre elas.

— Alice é organizadora de casamentos, além de ter uma floricultura, Loupe — Júlia explica. — Ela organizou o de todas nós.

Alice, a mulher de expressão doce, olha-me com um sorriso receptivo, que confirma que está aqui de bom coração.

— Eu... eu nem sei o que dizer, gente.

— Não diga nada. Se você está feliz, todas nós estamos. Queremos que curta o seu dia, Penélope — Gabrielle afaga minhas costas, verdadeira. — Sebastian é um bom homem, ele me ajudou em algo muito importante no passado, algo que trouxe paz à minha família. Eu estou feliz que ele tenha encontrado alguém como você.

Os hormônios, culpo-os por eu querer chorar copiosamente junto dessas estranhas, numa casa linda, em um país tão longe do meu, num dia em que conheci meu pai e no qual estou me unindo a um homem que desejei nos meus sonhos mais íntimos.

Emociona-me que ele tenha pensado em tudo. A casa conta com uma área de SPA, com banheira de hidromassagem e uma profissional pronta para me massagear. O conselho que recebo das meninas é: *relaxe e curta os*

últimos momentos de solteira.

Nua, com espuma me cobrindo os seios, tiro uma foto e a envio para Sebastian, junto a um texto:

Obrigada. Eu não poderia ter desejado um dia melhor.

A resposta não demora a chegar. Vem bem à altura dele:

Tudo por você, espanhola. Estarei te esperando. Não fuja!

Sozinha na hidro, seguro um sorriso ao responder:

Nunca.

Gracias Dios por darme todo lo que tengo, y por estar donde estoy. Gracias, gracias por tantísimo! ^[60] Honestamente. De todas as maneiras que eu sonhei com dias melhores, quando estava trancada naquele quartinho sufocante, jamais cheguei perto de imaginar uma vida assim. O Senhor me preparou mais do que eu sequer pensei que fosse possível.

Depois de algumas horas sendo cuidada, maquiada, penteada, o coração passa a bater mais forte. Com a ajuda das garotas, tiro o roupão de seda, visto a lingerie cuidadosamente escolhida e entro no vestido de noiva.

Suave, macio, delicado... e me serve como se fosse costurado em meu corpo. Em todas as curvas.

Acho que nunca estive mais bonita.

— Puxa, você parece uma princesa, tia Loupe... — a frase admirada vem da menina falante filha de Gabrielle, que esteve comigo em todos os momentos, maquiou-se e se vestiu como se fosse parte da cerimônia.

— *Gracias* ^[61], Ana Carolina... Eu acho que pareço com uma, sim.

A Cinderela, talvez, a contar pelo sapato de salto fino tamanho 39, combinando com o tom do vestido, cravado de pequenos cristais refletindo a

luz por todos os lados. É o dia de princesa que tive, cuidadosamente planejado para ser mágico pelo meu próprio príncipe russo.

Capítulo 56

SEBASTIAN

Priscila, a mulher a quem considero uma irmã, que me escolheu para apadrinhar seus filhos, faz um sinal ao entrar pela porta e caminhar pelo corredor até o marido no altar, avisando sobre a chegada *dela*. Minha espanhola finalmente está aqui.

— Pode respirar, compadre. Ela veio — a infeliz zomba, talvez ciente de que uma parte minha, merda, havia uma parte que temia como o inferno que a menina desistisse.

Corro um olhar rápido pela capela de tamanho razoável, para nossa plateia exponencialmente maior do que eu havia planejado.

Era para ser apenas Penélope e mim. Nosso dia. Nosso momento.

Contudo, havia pessoas que não me perdoariam se fossem deixadas de fora. Pessoas que fazem parte de minha vida. Da vida dela.

É claro que arrisquei minha sorte já contando com um *sim* ao convocar o jato particular de Gael para fazer uma força tarefa e trazê-los para cá. Ed, Bola e Elliot vestidos a caráter estão na segunda fileira, do lado esquerdo, prontos para assistir ao espetáculo. Os dois primeiros, em especial, parecem com um humor melhor do que me lembro de já ter visto. *Putos*. Espero ansiosamente pelo dia em que serão eles aqui, prontos para se amarrar a alguém e descobrir que, quando essa merda acontece, você não pode fugir. Você não *quer* fugir.

Elliot, no entanto, apesar da impassibilidade, sei que sua cabeça está longe. *Numa clínica psiquiatra da Espanha*, especificamente. Preocupa-me a sombra em seu semblante, a seriedade vincando marcas de cansaço, um que não é apenas físico. O fodido está indo fundo demais em algo que, honestamente, desconfio de que não há o que ser feito. Talvez essa seja a primeira vez em que meu amigo entra em uma batalha que nunca poderá

vencer. Uma em que não podemos ajudar. E é isso o que me incomoda, incomoda *pra caralho*.

Contrariando a aura pesada que ele tenta esconder, no banco da frente estão *elas*, as duas mais novas melhores amigas da Rússia, que Deus nos proteja. Zhena e Merian, senhoras em roupas distintas, chapeuzinhos combinando com os vestidos – aliás, desconfio que os trajes permaneceram em seus armários durante décadas, somente esperando para uma ocasião para serem usados –, esboçando uma alegria assustadora. Preocupei-me com as horas que ficariam dentro de um avião, alertei-as de que seria uma viagem cansativa, e nem isso as dissuadiu de virem... de virem e demonstrarem aparência mais nova e refrescada do que nunca.

Minha avó não se contém em apenas sorrir feito uma maluca, ela tem também de piscar um olho e fazer sinal de positivo com o dedo.

Jesus Cristo!

Do lado direito da igreja, estão as amigas de Priscila. Júlia e Katarina, com Ian e Alek. E a loira, Gabrielle. Essa encontra meu olhar e me lança um de seus próprios, um que diz *estamos quites, e agora pare de me ameaçar de uma vez por todas! Nosso assunto acaba aqui!*.

Quando Alice, a dona da floricultura, aparece à porta do templo, meu peito, o estúpido, estranhamente sofre uma descarga de adrenalina. Passa a bater acelerado, maluco. Ajeito a porcaria da gravata preta prendendo meu pescoço, tentando a afrouxá-la.

— Você está suando como uma garotinha — Gael, o idiota, debocha baixo, sustentando aquela expressão perigosamente fria que não denuncia o humor distorcido habitando em seu interior.

Ignoro, porque a verdade é que não consigo pensar em outra coisa que não nela. Estou ansioso para pôr meus olhos na espanhola e conferir seu estado. Saber que ela está bem com tudo isto, que eu não a atrolei e antecipei as coisas... que não fui longe demais.

A amiga de Priscila vem rapidamente assumir um lugar ao lado de Gabrielle, e basta isso para que a música instrumental inicie.

Mantenho meu olhar fixo na porta.

A primeira a aparecer, devo dizer, acaba involuntariamente por me

fazer rir. Isso não estava nos planos. Ana Carolina, a criança de Gabrielle, vestida a caráter, num vestido volumoso e enfeitado, segurando um tipo de almofada de veludo, desfila graciosamente até o altar, não aparentando qualquer timidez. O sorrisinho satisfeito em seu rosto derrete o coração de cada desavisado presente. E ela sabe disso, sabe o efeito encantado que tem sobre as pessoas.

Contudo, minha distração dura pouco.

Meu olhar retorna à porta.

E aqui está ela.

Minha menina, e, *nahuí*, é como estar diante de uma miragem. Uma miragem de um anjo.

Linda, tão linda que sinto dor à medida em que meu peito bate violentamente.

Penélope vestida de noiva é a visão mais fodidamente impressionante que me lembro de já ter visto. Entretanto, é o olhar em seu rosto maquiado de leve que fraqueja meus joelhos. Emocionada, encarando-me, e apenas a mim, como se ninguém mais no mundo existisse, como se eu fosse algum tipo de herói.

Porra, se ela soubesse que foi a única aqui a me salvar.

Antes que eu me impeça, estou dando o primeiro passo em sua direção.

— Você tem de esperar aqui — Gael volta a rosnar seu maldito humor nos meus ouvidos.

— Foda-se.

Passo a passo, começo a me mover em direção à porta.

O pai de Penélope, ao seu lado, olha de mim para ela e, parecendo sem saber o que fazer, vem trazendo a filha. *No maldito ritmo lento da música*. Minha espanhola contém o sorriso nos lábios ligeiramente rosados, parecendo aprovar e me recriminar ao mesmo tempo.

Quando estou diante dela, inferno, quero simplesmente envolver a menina entre meus braços e me certificar de que é real.

— *Nos encontramos en la mitad de camino* [\[62\]](#) — ela diz, num gracejo que não esconde a voz embargada.

Seguro seu rosto. Sem poder evitar, roço nossos lábios uns nos outros.

— *No, he venido a ti, española*^[63]. Eu vim até você e virei sempre.

Seu lábio inferior treme lindamente. Deslizo os meus sobre os dela, morrendo por dentro com a vontade de beijar essa mulher.

— Você escolheu a igreja de Nossa Senhora de Guadalupe — Penélope observa, sussurrando contra mim, agradecida.

— Vi a imagem em sua casa. Além de que... — afasto uma das mãos de seu rosto e tateio meu bolso — há algo que preciso te devolver.

Tiro, então, o rosário, e o coloco em sua mão.

— Para te proteger — repito as mesmas palavras que ela usou quando me deu o objeto que, sei, tem um valor especial em seu coração.

A menina engole em seco quando o sente.

— Pra me *recordar* — corrige, sussurrando. — Para me proteger, tenho você.

Inflo meu peito, sentindo-me um imbecil orgulhoso mais do que nunca.

— Sim, e sempre terá.

Sempre.

Não importa onde, como, quando. Eu amarei, cuidarei e protegerei essa mulher como o bem mais precioso que já foi encarregado a mim. Porque, no fim, é isso o que Penélope significa. Um presente concedido, uma dádiva de um Deus benevolente que me trouxe até aqui, que me permitiu viver para conhecê-la, para viver *Seus* planos quando acreditei que Ele já não existia.

Epílogo 01

PENÉLOPE

Abro os olhos preguiçosamente conforme meu corpo vai se tornando consciente. Estico as pernas ao tempo em que bocejo, realmente descansada. Através da cortina parcialmente aberta de nosso quarto, confiro que o dia está começando a ir embora. O sol não pode ser mais visto na linha do horizonte, somente alguns raios fracos, teimosos, a dar início à noite. Caramba, eu dormi um bocado. Subi apenas para um cochilo depois do almoço, e o friozinho me derrubou.

Pego do suporte na parede a capa de lã e a visto por cima da roupa antes de sair do quarto e procurar minha estranhamente silenciosa família.

A casa, com muito mais espaço do que precisamos, parece vazia. Um olhar em volta, e me lembro do dia em que a compramos, logo que retornamos à Rússia. Questionei meu marido persuasivo sobre o tamanho exagerado da construção de dois andares *e seis quartos*. Sua resposta foi taxativa:

— Precisamos de algo grande para comportar todos os filhos que teremos, espanhola.

— Ok, Sebastian, não sei de quantos filhos você está falando e, honestamente, tenho medo de perguntar, mas e quanto ao quintal? Precisamos de um tão grande? Há um lago lá fora, você viu?

Arrogantemente, acenou que sim.

— Essa é uma das razões pela qual a coloquei em nossa lista de opções. Você poderá jogar pedras na água quando precisar pensar.

Hã?

Sorri, perdendo parte de seu raciocínio.

— Na casa de minha avó, você se mostrou muito habilidosa — explicou, bajulando-me para mudar o foco do que realmente importava.

Mudei a direção de meu olhar para ele para estudá-lo com um pouco mais de atenção.

— Você gostou desta casa, não é? — desmascarei-o.

Meu marido encolheu os ombros.

— Quero te dar um lar do qual você se orgulhe, espanhola.

Isso dizia tudo.

Abracei sua cintura.

— Eu me orgulho por simplesmente estar com você, *cabrón*. Não importa se numa tapera ou num castelo.

Braços quentes e protetores me cercaram. Descansei a cabeça em seu peito.

— Que seja, então, num castelo. Onde você merece estar.

Suspiro profundamente com a lembrança. Três meses depois da compra, convidei a *babushka* para vir morar com a gente. E, naquele mesmo dia, após consultá-la e saber sua opinião, chamei também a prima Merian. Há lugar e privacidade para todos. Estamos numa casa realmente grande, não é exagero dizer.

Abro o cercadinho no topo das escadas e desço os degraus segurando no corrimão de vidro transparente.

Na sala, sob o crepitar silencioso da lareira aquecendo o ambiente, encontro a TV ligada, baixa, numa reprise de lutas. No sofá espaçoso, em frente a ela, meu coração se derrete um pouquinho, sem nunca se acostumar a esse tipo de cena.

Meu russo forte, em ótimo porte físico – aliás, isso é uma coisa que ainda me faz suspirar – está adormecido, num sono calmo, semblante suavizado. A mão circunda protetoramente nosso pedaço valioso de gente, nossa pequena Sol de Maria, praticamente desmaiada em seu peito, roncando baixinho sobre a camiseta branca do pai adorado por ela.

Nunca vi o amor num formato mais lindo do que o modo como Sol olha para Sebastian, sob cílios pesados, grossos, semelhantes aos do pai.

E acho também que não deve haver um pai mais protetor do que esse sobre a Terra. Nossa Sol não faz ideia do que a espera quando o assunto for

apresentar *namorados* ao homem.

É estranho pensar sobre esse tema, avaliando bem. Contudo, o tempo passa tão rápido que a gente nem vê. A bebê está crescendo depressa. Em dois meses fará um ano, e não vi isso acontecer.

Meu pai esteve em nossa casa há um mês e se admirou com o tamanho da *chica*. A *babushka*, nesse dia, gabou-se dizendo que o crescimento é reflexo de bons chás e bolinhos nutritivos que ela tem dado à criança. *Eu* acho que tudo se trata de boa genética, filha de quem é.

Sorrindo bobamente, apanho uma manta no outro sofá e a estendo sobre eles.

— Deite aqui um pouquinho — de olhos fechados, a voz deliciosamente rouca me surpreende.

Penso em negar, em dizer que não caibo no vão entre seu corpo e o encosto. Ganhei alguns quilos com a gravidez que estão difíceis de perder. Contudo, não digo nada disso. Há sempre um espaço para estar com eles. *Sempre*.

Saio dos chinelos e me equilíbrio para passar por cima dele sem machucá-lo ou acordar a neném.

Deito-me e então descanso a cabeça em seu ombro.

— Acho que já está na hora de começarmos a planejar um irmão para ela. Sol me pareceu pedir isso hoje — diz em voz baixa para não a acordar.

Rio baixinho.

— Eu duvido que ela tenha pedido, *ca...* — corrijo a forma de chamá-lo de *cabrón* perto dela; não quero que Sol de Maria adquira o hábito — *homem*. A menina mal começou a dizer suas primeiras palavras — cochicho.

— Vi no jeito como ela me olhou. Era um pedido, espanhola. Sei reconhecer um pedido quando vejo um.

Mordo o lábio, tentada a provocá-lo.

— Então acho que devemos começar a praticar.

Silêncio.

Até que seu olhar escurecido, um aviso, encontra-me oblíquo.

— Vou deixá-la no quarto; espere no nosso.

Sorrindo abertamente, sacudo a cabeça. Um caso sério de determinação grau 1.

— Fique aqui um pouquinho. Gosto de sentir o cheirinho dela quando está com você...

Uma de suas sobrancelhas sobe.

— Há um cheiro diferente nisso?

— Uhum.

É ele a sacudir a cabeça agora.

— Você é uma *enrolona*, espanhola.

Epílogo 02

PENÉLOPE

Limpo as mãos úmidas nas laterais da saia conforme vou caminhando passo a passo até a enorme mesa onde todos eles estão. Penso em Sol de Maria, Amália, em Annie, em Deva, a menina indiana que Sebastian fotografou naquela casa do traficante de pessoas em Amsterdã. E penso na Penélope de 14 anos, levada a uma casa de pessoas ruins e estuprada em sua primeira noite lá.

É por elas que devo estar aqui e defender o que venho fazendo.

É por todas as meninas e mulheres do mundo que neste momento estejam em situação de risco.

A Rede de Proteção surgiu como uma ideia brotando em meu coração, ganhou vida e voz quando dei o primeiro passo. Contratei uma advogada, há alguns meses, e acionei na justiça a cidade de Madri para ter acesso aos relatórios de acompanhamento de minha adoção durante o período de tutelada.

Foi um ato planejado para dar luz ao tema.

A ideia surgiu quando vi na tevê uma matéria sobre uma advogada espanhola cuja cliente pediu ordem de restrição contra o marido. A justiça demorou a conceder, e o marido a assassinou. O depoimento da doutora à porta do Tribunal foi muito acalorado. E ali, através da tela, eu soube que para ela aquele processo continha uma emoção pessoal. Sua revolta era genuína.

Aquilo acendeu um clarão em minha mente. Eu precisava começar a agir, mas não fazia ideia de por onde começar até então.

Naquele dia, fiquei as próximas horas organizando o turbilhão de ideias e pensamentos enquanto esperava Sebastian voltar para casa. Eu tinha de dizer a ele antes de mais nada, saber sua opinião, afinal, afetaria toda a nossa

família.

Enquanto eu contava, meu marido escutou tudo atentamente.

Suas palavras foram:

— Haverá consequências, repercussão, vão te expor, mas, se é o que deseja, sabe que pode contar comigo, Penélope.

No dia seguinte, enviei um e-mail para a advogada, Aida Dueñas contando toda a minha história. Pôr em palavras aqueles anos de sofrimento e degradação doeu muito. Foi como reviver o passado, mas eu o fiz. E revelei minha ideia e intenção claramente: fazer com que o Estado passasse a ter responsabilidade *de verdade* sobre os milhões de órfãos e crianças em situação de risco, chamar a atenção e enviar também uma mensagem àqueles que passavam por isso no momento: *você não está sozinho*.

Pensei que ela não me responderia, ou podia até demorar, mas recebi seu e-mail naquela mesma noite. Aida Dueñas forneceu seu número de telefone pessoal e me perguntou se poderíamos fazer uma chamada de vídeo. Conversamos por duas horas e, nos dias que se seguiram, continuamos a manter contato.

Aida aceitou meu caso. E mais, revelou-me que também foi vítima de abusos na infância.

Foi a primeira parceira na jornada que anunciava ser longa. Aliás, parece mais longa a cada dia.

O processo ainda corre na justiça, a cidade pretende estendê-lo por muitos e muitos anos, é claro. Contudo, o alvo foi atingido. A imprensa espanhola recebeu a história com um quê de sensacionalismo, um prato cheio para continuar criticando o governo. Orfanatos foram visitados por repórteres; relatórios informais obtidos; novos casos de crianças maltratadas por famílias adotivas vieram à tona. Adultos que também passaram por coisas semelhantes decidiram dar seus depoimentos em redes sociais. E, em poucos dias, a *hashtag Rede de Proteção* já era uma das mais utilizadas.

Essa expressão surgiu quando Aida Dueñas, em frente ao Tribunal, disse a todos da mídia reunidos ali: *cabe ao governo e sociedade garantir a segurança de nossas crianças e mulheres. Fornecer uma Rede de Proteção*.

Em resposta à crescente onda de manifestações, o governo veio à mídia

dar sua versão. Em tom de “erramos, mas não erramos”, anunciaram novas medidas de acompanhamento dos menores em toda a Espanha.

É um começo. Um primeiro degrau.

O próximo, estou dando hoje.

Olho uma última vez para trás, para meu marido, no canto da ampla sala, feito uma sombra, uma bem difícil de ser ignorada por todos os presentes.

— Amo você, espanhola — é sibilado em seus lábios. Um apoio necessário.

Foi ele a conseguir esta reunião, afinal, e sabe-se lá como.

Aida Dueñas está comigo. Tem-se tornado uma amiga. Passamos a conversar muito, a descobrir afinidades entre nós.

Sento-me diante de ao menos dez pessoas formalmente vestidas. Uma união de agências, incluindo a Interpol, pelo que Sebastian me disse.

— Olá, senhora Vyacheslav. Eu sou Jurgen — meu sobrenome de casada é pronunciado num sotaque francês acentuado.

Bem, devo-lhe uma medalha. Às vezes eu mesma me atrapalho com a pronúncia, apesar do tremendo orgulho que sinto. O que antes era Penélope Molina hoje é Penélope Velasco Duarte Vyacheslav. Nada mal.

— Boa tarde, senhores... — cumprimento-os.

Hoje a Rede de Proteção está recebendo uma chance de sair daqui abraçada pelas principais agências de investigação do mundo. Prometi a Sebastian que não me envolveria diretamente, *que não iria a campo*. Então, se conseguirmos que uma unidade seja criada especificamente para vítimas de abuso em todo o planeta, eu trabalharei com eles no que eu puder, ainda que à distância.

Algo me diz que a ideia está muito perto de ser aceita, a partir de um olhar de soslaio que pego entre o francês e Sebastian.

Sinto que meu marido tem uma influência maior aqui do que pensei inicialmente, o que me faz querer voltar correndo para nossa casa e passar a próxima semana com ele numa cama, louvando e agradecendo ao homem terrivelmente ardiloso com quem me casei.

Epílogo 03

SEBASTIAN

Mantenho meus pés cruzados sobre a esteira, tranquilo, guardando meu olhar da linha do horizonte por trás dos óculos de sol, enquanto Penélope termina a ligação. Minha esposa não precisa dizer em voz alta para que eu reconheça o que está se passando em sua cabeça. É a primeira vez que viajamos sozinhos em muitos anos. Deixar as *crianças* em casa a preocupa. *Nahuí*, os moleques estão quase indo para a universidade, Sol já frequenta uma.

— Sei o que está pensando. Não é com eles que estou preocupada, mas com a *babushka*. Ela já está numa idade em que não pode ficar se estressando. — Deixa o aparelho de lado, achegando-se para mais perto de mim.

O maiô amarelo contornando seu belo corpo cheio de curvas generosas projeta os seios firmes e pesados, expondo-os ao sol alegremente conforme se movimenta.

— Antônio já está com 13 anos, espanhola — refiro-me ao mais novo dos quatro filhos que temos. — Além de quê, é mais fácil que *eles* se estressem com a velha. Os garotos se preocupam com ela.

A mulher suspira profundamente.

— Eu sei, eu sei. Eles puxaram a você.

Arqueio a sobrancelha.

— Isto não me pareceu um elogio.

Zombeteiramente ela morde o lábio, evitando um sorrisinho provocador. A faixa de protetor solar que aplicou sobre o nariz arrebitado e as maçãs do rosto, num intento de não “piorar minhas sardas”, segundo ela mesma, fica evidenciada. Impressiona o fato de que, passe o tempo que passar, Penélope continua parecendo uma menina. Linda *pra caralho*. Às

vezes, a infeliz nem se dá conta do quanto.

— Não pensei em fazer. Você já é um pouco convencido *sem* elogios, *cabrón*.

Descanso a cabeça para trás da cadeira de praia e libero uma risada.

— Sem elogios? — provoco. — E todos aqueles que você vive fazendo sobre meu pau ser a melhor coisa do mundo? Sobre o quanto esta maldita faixa de cabelos brancos – que, diga-se de passagem, foi você mesma que me deu – me torna ainda mais atraente? Ah, espanhola, eu tenho uma grande coleção de elogios feitos por você. Uma *grande* coleção.

— Coisas que a gente não faz pelo ego do marido — desdenha, baixando seus óculos escuros do topo da cabeça para os olhos. — Um casamento exige certos esforços.

Encosto minha boca naquele ponto sensível próximo ao seu ouvido.

—recio muito seus esforços, Penélope.recio mesmo — sussurro com a voz controladamente grave. — Não me importaria que me mostrasse mais alguns agora mesmo e subisse comigo de volta àquele quarto.

A mulher estremece deliciosamente e sinaliza para o garçom passando no momento.

— Mais dois *mojitos*, por favor.

O olhar do infeliz cai diretamente nos seios de minha esposa. Afasto os óculos e dou a ele um dos meus próprios. Anos tendo de lidar com a atenção que os imbecis lançam à minha mulher me tornaram um perito nisso.

— Não rosne — Penélope graceja.

— Para quem estava preocupada com minha velha avó, você até que está bem relaxada, espanhola.

Sua mão corre livremente por meu abdômen.

— Em Cancún, com um homem desse, não tem como não relaxar, Sebastian. Irmã Úrsula diria que... — para e pensa um pouco. — Não, aquela mulher não sabia de nada, no final das contas.

Fim

Nota da autora

De todas as histórias, a última é sempre a mais difícil. Sofri para me despedir de Sebastian e Loupe e, como sabem, posterguei este final até o último minuto, procurando acrescentar o que acreditei ser vital e merecido por eles.

Saibam que lhes entreguei aqui uma parte de mim, uma feliz, emocionada e, principalmente, grata.

Também deixo uma informação: depois de finalizar este livro, parei e analisei muito bem um personagem que não era foco desta história. Na verdade, dois, e tomei uma decisão. Escreverei um livro para Elliot e o farei por duas razões: a primeira delas, antes de tudo, sou leitora, amo finais felizes para todos, e quero dar um a esses personagens; a segunda razão, vocês pediram, e eu as ouço. Sempre.

Não será meu próximo livro, mas um dia ele virá.

Agradecimentos

A todos os profissionais que trabalharam comigo neste projeto, em especial à minha revisora, Ana, que foi de uma generosidade ímpar, e minha administradora de redes sociais, Jhenifer Barroca, por ser uma grande amiga, além de fazer seu trabalho com completo zelo e amor.

E à Rosilene Rocha, pela escolha da imagem de capa de Sebastian, uma que o representou com maestria.

Pedido da autora

Gostou desta história? Se sim, ajude-me a levar Sebastian e Penélope para que mais pessoas os conheçam. Compartilhe com um amigo, indique a história, publique sobre ela em suas redes sociais... E, se puder, deixe sua avaliação aqui na Amazon, ela é muito importante.

Para mais informações sobre este e outros livros, aqui estão as minhas redes sociais:

Instagram: @Anne.Marck

Grupo no Facebook: Romances Anne Marck

Página no Facebook: Anne Marck

Twitter: @AnneMarck

[1] Atiradores

[2] Vingança

[3] (*Haxyŭ* – palavra original): Foda-se

[4] avó

[5] (ебать – palavra original): Foda-se (genérico)

[6] Onde está meu

[7] Imbecil

[8] Bastardo

[9] Mãe de Deus

[10] Filho da puta

[11] Idiota de merda!

[12] Em Deus

[13] Seu

[14] Meu carinho

[15] *afaste-se de mim, ou eu cortarei seus testículos fora!*

[16] menina.

[17] Pelo fogo do inferno

[18] Neto

[19]

[20] Deus me perdoe

[21] Maldição

[22] Mulher

[23] Homem

[24] Bolinhos

[25] menina

[26] O que estou fazendo? Isto é ridículo

[27] Você está sendo uma boa menina, meu carinho

[28] Dane-se

[29] Uma menina tonta, é o que sou

[30] Deus, eu estou morrendo

[31] Imbecil

[32] Você me entende? Vá gritar com sua mãe!

[33] Quanto custa?

[34] Sim, sim

[35] seu marido não está te traindo, mulher ... ele só está trabalhando em um jornal contra o governo

[36] Como combustível na fogueira

[37] Sim, querida, você é minha maldita fogueira

[38] Pare de me empurrar, idiota!

[39] Neta

[40] Só isso

[41] Certo

[42] Eu invejo você e me sinto horrível por isso

[43] Do filme Karatê kid

[44] Eu deveria ter desconfiado

[45] Lá vou

[46] Se você não espera algo, não tem como se decepcionar

[47] Adeus, Sebastian, seja feliz

[48] Eu posso te impedir

[49] É ali

[50] Você está bem, senhora?

[51] Boa noite

[52] Não, senhor

[53] Você é bem-vindo

[54] Meu Deus, homem, você não está pensando direito

[55] Estou pensando sim, menina, eu não poderia estar mais seguro do que quero

[56] Só preciso de um tempo

[57] Veja, menino

[58] É o homem mais manipulador que já conheci

[59] Sim, e também sou o que mais te quer

[60] Obrigado Deus por me dar tudo o que tenho e por estar onde estou. Obrigado, muito obrigado!

[61] Obrigada

[62] Nós nos encontramos na metade do caminho

[63] Não, eu vim até você espanhola